CATARINA DE BRAGANÇA

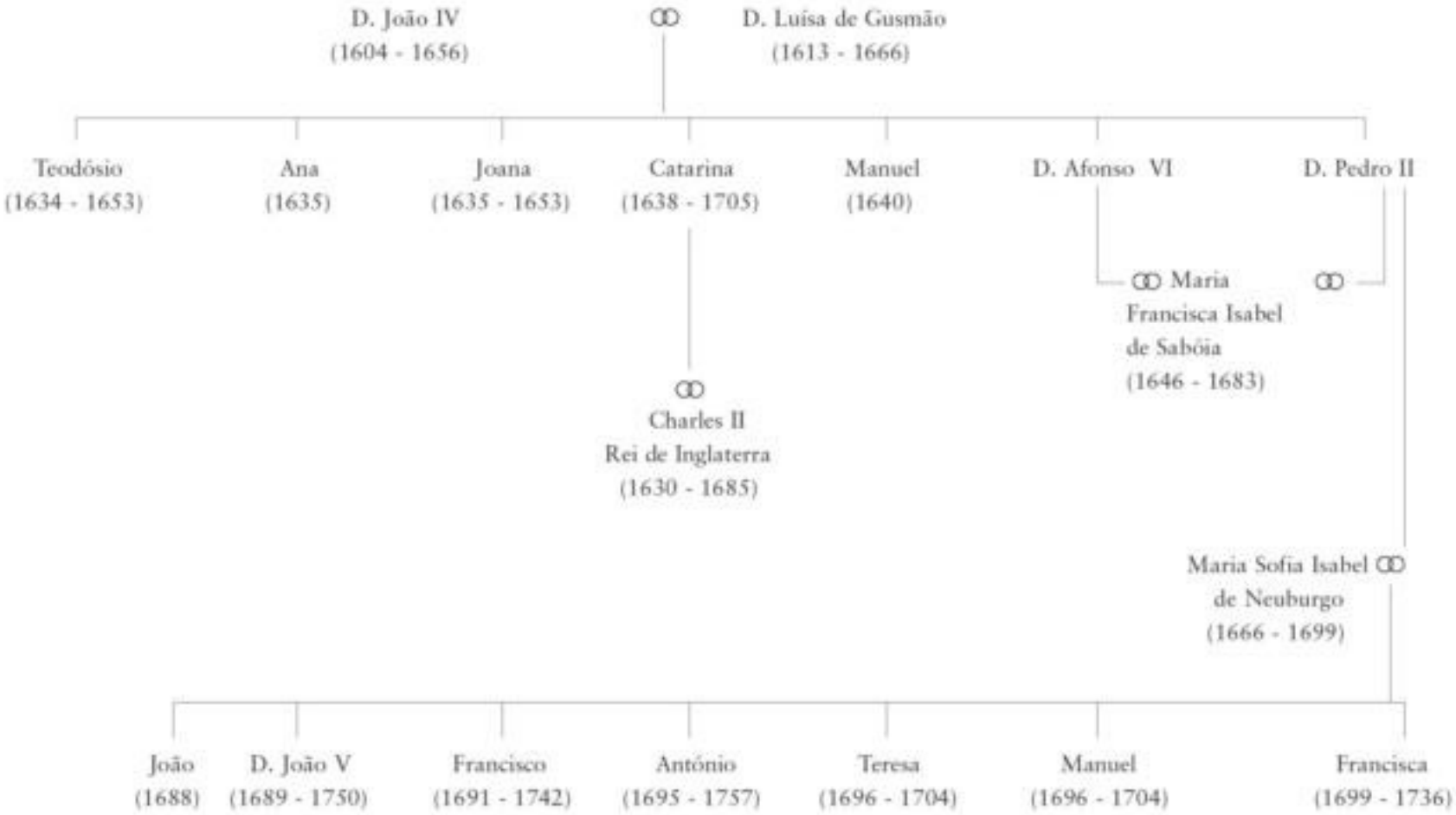
A CORAGEM DE UMA INFANTA PORTUGUESA QUE SE TORNOU RAINHA DE INGLATERRA

ISABEL STILWELL



Com 23 anos a infanta Catarina de Bragança, filha de D. Luísa de Gusmão e de D. João IV, deixou para trás tudo o que lhe era querido e próximo para navegar rumo a uma vida nova. No coração um misto de tristeza e alegria. Saudades da sua Lisboa, de Vila Viçosa, do cheiro a laranjas, dos seus irmãos que já haviam partido deste mundo e dos que ficavam em Portugal a lutar pelo poder. Mas os seus olhos escuros deixavam perceber o entusiasmo pelo casamento com o homem dos seus sonhos, Charles de Inglaterra, um príncipe encantado que Catarina amava perdidamente ainda antes de o conhecer.

Por ele sofreu num país do qual desconhecia a língua, os costumes e onde a sua religião era condenada. Assistiu às infidelidades do marido, ao nascimento dos seus filhos bastardos enquanto o seu ventre permanecia liso e seco, incapaz de gerar o tão desejado herdeiro. Catarina não conseguiu cumprir o único objectivo que como mulher e rainha lhe era exigido. Se ao menos não o amasse tanto!, pensava nas noites mais longas e tristes...


D. João IV
(1604 - 1656)
D. Luísa de Gusmão
(1613 - 1666)
Teodósio
(1634 - 1653)
Ana
(1635)
Joana
(1635 - 1653)
Catarina
(1638 - 1705)
Manuel
(1640)
D. Afonso VI
D. Pedro II
Maria
Francisca Isabel
de Sabóia
(1646 - 1683)
Charles II
Rei de Inglaterra
(1630 - 1685)
Maria Sofia Isabel
de Neuburgo
(1666 - 1699)
João
(1688)
D. João V
(1689 - 1750)
Francisco
(1691 - 1742)
António
(1695 - 1757)
Teresa
(1696 - 1704)
Manuel
(1696 - 1704)
Francisca
(1699 - 1736)

PARTE I

1638 – 1662

LUZ DOS MEUS OLHOS

1

Paço de Vila Viçosa, 25 de Novembro de 1638

O suor caía-lhe pelo rosto, apesar do frio que se fazia sentir no quarto. Fechava os olhos e assistia sempre à mesma cena, uma menina de olhos assustados a partir num barco, as ondas, violentas, a baterem contra o casco, um país longínquo, uma bandeira ao vento - que cores eram aquelas? Rejeição, ódio, intrigas, o corpo doente, o ventre liso, o sangue que escorria sem parar, uma Virgem, o coração despedaçado, corpos inocentes pendendo de uma corda, e ela escondida, a guarda pronta para a levar, uma torre, uma torre onde todos morriam... O grito da menina e o impulso de estender os braços e de a proteger faziam-na contorcer-se na cama, para ser logo tranquilizada por duas criadas que lhe diziam:« Sossegue minha senhora, sossegue, é só mais um bocadinho e já está... já aí vem.»

Quem é que vinha?, pensava, em delírio, a água dos pachos que lhe punham na testa para arrefecer a cabeça que estourava a pingar--lhe sobre o rosto, os olhos a fecharem-se, a fecharem-se para afastar a dor, e a alucinação a voltar, aterrorizando-a de novo. A menina e uma coroa, um dragão que cuspia fogo e S. Jorge que o desafiava, que o enfrentava para salvar aquela que não passava de uma criança indefesa. Uma criança, uma menina, uma mulher, a luz dos seus olhos, mas perdida e distante, tão mal-amada, não merecia as traições e o ciúme, as lágrimas amargas das convicções de que não abria mão. O ventre liso, liso e infértil, a sua menina, envolvida num círculo de ódio e de amor, de admiração e de desprezo, e ela impotente, sem a poder trazer para junto de si.

O «não» saiu alto, soou estridente, quase histérico, e as aias em seu redor assustaram-se, a infusão de laranja que lhe faziam chegar aos lábios derramada sobre a camisa de noite de brocados e rendas, já ensopada de suor, lágrimas e sangue.

O gemido de um bebé, transformado repentinamente em choro forte, encheu o quarto, atravessou as portas e as janelas, correu os corredores do paço, penetrou nas frinchas das paredes e cruzou o espaço para o terreiro onde tanta gente esperava, há tanto tempo, aquele som, as

candeias acesas, suportando o frio graças às samarras quentes e aos xailes de lã grossa. Um gemido, um choro, um sinal de vida, que pareceu trazer a mulher trémula, dorida e assustada de volta a si mesma:

- Dêem-ma, dêem-ma, dêem-ma - dizia Luísa, sempre tão firme, tão controlada, tão forte, morta e trazida de novo à vida.

A parteira obedeceu à duquesa, pousando-lhe nos braços um bebé enrolado em panos, os olhos negros despertos, fixos no rosto da mãe. Luísa soltou um soluço e apertou-a com força, como se a quisesse proteger hoje e para todo o sempre.



A noite estava ainda escura e gelada quando deram a notícia ao duque, adormecido sobre o seu cravo, onde dedilhara horas a fio, procurando controlar o nervosismo de um parto que parecia não ter fim. A mulher já dera à luz três vezes, a pequenina Ana morrera poucos minutos depois de nascer, mas só após o Santo Baptismo, que Deus guardasse a sua alma, mas nenhum dos «trabalhos» fora tão comprido e tão doloroso como este.

Acordado por frei Pedro, o frade da capela do Paço de Vila Viçosa, que lhe pousou a mão levemente sobre um ombro, João perguntou imediatamente:

- Está bem, a minha mulher, está bem? E o bebé, e o bebé?

- Mãe e filha, as duas bem - disse-lhe o frade, com o seu sotaque alentejano cerrado.

- Uma rapariga? -, perguntou o duque, entusiasmado.

- Uma menina, sim.

Pressentiu, na notícia, mais um calafrio do que uma revelação, de que, se nada tinha sido fácil até agora, nada seria fácil a partir daqui. Afastou o medo com um encolher de ombros, levantou-se e, apa rentemente a despropósito, mas o frade sabia que não o era, exclamou:

- Mas, afinal, quando é que a vida foi simples!?!

Com as pernas entorpecidas, seguiu frei Pedro, bem mais acordado do que ele, até aos aposentos de Luísa de Gusmão, senhora de Medina-Sidónia, duquesa de Bragança, com o seu sangue andaluz sempre tão à flor da pele.

Bateu gentilmente à porta e entrou, a luz das velas a banhar de uma luz suave a cama de carvalho escuro, grande e confortável, onde tinham concebido aquela criança nove meses antes.

Luísa virou a cabeça quando o ouviu chegar e chamou-o, comovida:

- João, é uma rapariga.

O duque de Bragança pegou no embrulho que a mulher lhe entregava religiosamente, e os olhos da criança hipnotizaram-no, abertos e fixos, agora no pai, que havia de amar mais do que a todos os homens. Ou a quase todos.

- Luísa, que olhos ela tem...

A mulher estremeceu e, tocando-lhe com a mão no braço, puxou--o para junto de si, sentando-o na cama ao seu lado, e murmurou:

- João, temos de a proteger. - Disse num sussurro que mais parecia a revelação de um segredo bem guardado.

Mas não falou dos seus sonhos, do dragão e do fogo, do ódio e do ventre liso. Calou-os durante tantos anos, que houve um tempo em que julgou mesmo que os conseguira esquecer, ingenuamente convencida de que a memória limpa aquilo que alguma vez a marcou tão profundamente.

Felizmente, os filhos de Deus conseguem deitar para trás das costas os seus receios mais terríveis, e continuar a vida como se nada fosse, pensou para si frei Pedro, que entendera melhor do que o duque aquele apelo da duquesa, lendo nele mais fundo e mais longe.

Quanto ao duque, sorriu-lhe, meigo:

- Proteger Catarina? Haverá muitos que darão a vida por ela, contempla-me estes olhos, esta boca determinada. Luísa, descansa, que esta menina não se vai perder...

- Catarina? - perguntou Luísa, surpresa. - Não lhe íamos chamar Conceição, como a Virgem de Vila Viçosa?

- Catarina - retorquiu seguro o pai, enquanto se levantava e cami nhava até à janela com a filha nos braços e a virava para que olhasse as laranjeiras naquela noite iluminadas por tochas, para que os cantares de embalar que a gente lá fora entoava lhe enchessem os ouvidos.

- Nasceu no dia de Santa Catarina - explicou frei Pedro, fazendo uma ligeira vénia ao dizê-lo.

- Que tonta sou, claro. Então, Catarina será - concordou a mãe, exausta. Para baixinho repetir «Catalina, a minha Catalina, a luz dos meus olhos», como se só em castelhano, na sua língua natal, o nome da filha tivesse o vigor que queria ver naquela criança que a nascer quase lhe levara a vida e o juízo.

Quando João regressou dos cânticos e do perfume de laranja, Luísa dormia como um anjo. Com a ajuda da ama, abriu um espaço entre os lençóis de linho com que a cama acabara de ser feita de lavado e pousou a sua Catarina, que adormeceu ao lado da mãe, entorpecida pelo cheiro da barrela e do ferro, da alfazema e do alecrim.

2

Paço de Vila Viçosa, 16 de Junho de 1640

Luísa olhava pela janela para o claustro de D. Jaime. Um ligeiro sorriso curvou-lhe os cantos da boca, quando reparou em Teodósio, pendurado na borda do tanque de pedra, as mãos dentro de água na tentativa de apanhar um peixinho encarnado. Joana, com o chapéu de palha de abas largas a tapar-lhe o cabelo negro, puxava-o pela jaqueta, e os seus gritos de menina de quatro anos chegavam aos ouvidos da mãe:

- Mano, quero peixe. Peixe para mim.

A ama conversava distraída com um dos moços da cavalariça, e não dava por nada. Luísa pensou que havia de a chamar à atenção, mas os olhos voltaram-se de novo para o seu primogénito. João estava sempre a dizer-lhe que o mimava, e Luísa não podia enganar-se a si própria: adorava o filho, que era simultaneamente meigo e decidido, inteligente e determinado. O que não confessava a ninguém é que suspirava de alívio por o seu filho mais velho ter muito pouco do pai!

Demorara muito tempo a adaptar o seu temperamento de mulher de Medina-Sidónia, com o ferro de uma princesa andaluza, ao feitio generoso, mas demasiado acomodado, do duque de Bragança. Teodósio nunca teria as hesitações do pai, estava certa disso, e como acontece a qualquer mãe sempre que um dos seus filhos herda um dos traços de carácter que considera do «seu lado», Luísa inchava de orgulho: Teodósio saía ao avô materno, e ninguém podia desmenti-lo.

O filho, agora já completamente ensopado - e aquela parva de olhinhos no cocheiro! -, levantava o braço triunfante e gritava para a irmã:

- Aqui tens o teu peixe, Joana!

O peixinho encarnado contorcia-se-lhe nas mãos, tentando escapar dos seus dedos fortes, mas Teodósio não o largava.

A mãe olhava ansiosa, não o queria cruel, mas depois de Teodósio ter deixado que Joana tocasse com um dedo nas escamas suaves do peixinho, os olhos semicerrados e uma cara enojada que contradiziam a vontade de o segurar nas próprias mãos, lançou-o de novo ao tanque. A birra da irmã voltou a incendiar-se. Teodósio olhava-a, divertido:

- Deixa-te de fitas, Joana. O peixe foi ter com a família dele.

Joana olhou-o com a admiração com que sempre o olharia:

- Foi... mãe? - perguntou.

- Sim, foi ter com a mãe dele - disse-lhe o irmão, passando a mão suavemente pelos seus cabelos grossos e negros. Depois saltou para o terreiro e gritou um «Não me apanhas!»

Mas antes de desatar a correr por entre as colunas, qualquer coisa o levou a olhar para cima e, quando viu os olhos de Luísa postos nele, o seu rosto iluminou-se. Luísa devolveu-lhe o olhar mas, com um dedo cúmplice colocado à frente dos lábios, mandou-o silenciar aquele momento. Teodósio guardou-o.



Perdera um filho há pouco mais de dois meses. Não era o primeiro que Deus lhe dava e voltava a tirar, mas Manuel fora diferente. Embalara-o no colo, sentira a sua mãozinha apertar com força o seu dedo indicador. Era um bebé perfeito, de pele muito branca, uma penugem clara cobria-lhe a cabecinha redonda, e o nariz era pequenino e arrebitado. Lembrava-lhe Duarte, o cunhado, por quem se tinha apaixonado nos primeiros tempos de casada, e que quase arruinara o seu casamento. O marido, habitualmente pacífico, enfurecera-se com os olhares que trocara com ele - não fizera mais do que isso, Santo Deus -, mas a rivalidade entre o duque e o irmão era já tal que não precisava de muito para subir de tom. Duarte entendeu que o seu futuro não passava por Vila Viçosa, onde só podia agudizar conflitos. Partira há cinco anos para a Alemanha, nunca chegaria a ver este menino tão parecido com ele. Seria por isso que sentira como insuportável que Manuel lhe morresse nos braços, silenciosamente, como se

adormecesse num sono suave mas sem retorno? Como Duarte, que a deixara sem um adeus, para arriscar a vida a combater pelo impe rador Fernando III. Que culpa podia ser a sua por se ter sentido atraída pelo irmão errado, quando nunca tivera a oportunidade de escolher?

Como sempre, fora o seu confessor, frei Pedro, que a soubera consolar, com aquele jeito de poucas palavras mas directas ao assunto, capaz de ler os cantos mais recônditos do coração. Tinha sido claro quando insistira que não era tempo de Luísa se entregar à melancolia pós-parto, pois a agitação do povo em torno da opressão dos Filipes crescia, e mais dia menos dia João iria precisar de toda a determinação e força da mulher para tomar a decisão certa. A «decisão certa», como misteriosamente era designada nos corredores do paço, a decisão que, a acontecer, lhe mudaria em absoluto a vida.

Era uma mulher de armas. Pelo menos, o marido acusava-a frequentemente de o ser, como se sentisse que a sua determinação servia apenas para fazer sobressair a sua fraqueza. Hoje criticava-a menos, tendo entendido que Luísa queria o melhor para ambos e para os seus filhos, mas os primeiros anos tinham sido complicados.

O nascimento de Teodósio, no entanto, pusera um interregno nas suas contendas diárias, como se ambos soubessem que a partir de agora não havia regresso possível. Dera-lhe um herdeiro, um rapaz como tanto desejava, que baptizaram com o nome do avô paterno, o ídolo de João. Depois do desgosto da pequenina Ana, viera Joana, que recebera o nome da avó materna, e, há quase dois anos, Catarina. Mais precisamente Catarina de Bragança, um bebé cheio de vigor, nascido um mês antes do Natal, como o Menino que chegava para preencher as palhinhas vazias do Presépio.

Luísa voltou a pensar em João. Aos poucos entendera que as hesitações do marido talvez não fossem sinal de cobardia ou medo, mas uma forma disciplinada de ponderar antes de agir, de não entrar em conflitos só porque sim. Aos poucos percebera melhor a história destes Bragança, orgulhosos do seu mote «Depois de Vós, Nós». Aqueles que, não sendo reis, eram os primeiros do reino, com propriedades e riquezas espalhadas por todo o país, de norte a sul, mas sem a força da coroa.

Primeiros do reino, convictos da pureza e da força do seu sangue, mas inteligentemente fechados no seu Paço de Vila Viçosa, porto seguro na estrada entre Lisboa e Madrid, tinham aprendido desde há muito a acenar com a bandeira branca da paz a todos aqueles que, temendo o seu poder, podiam ser tentados a retirá-los de cena. «Depois de Vós, Nós» obrigara a uma diplomacia imensa, provavelmente aprendida no berço. Luísa franziu o sobrolho, recordando a noite em que o marquês de Ferreira, grande amigo da família, lhe contara, enquanto se aqueciam na lareira crepitante, que o pai de João o educara para a música, a caça e as Letras, segundo os avisos dos seus conselheiros, que lhe diziam que quanto mais discreto fosse o perfil político e militar do jovem duque, mais seguros estariam todos.

Por educação não dissera nada, mas nessa noite não conseguira pregar olho: que conselheiros estes, que, em lugar de prepararem João para o lugar que um dia poderia ocupar, tentavam escondê-lo na «paisagem», de forma que passasse despercebido. Educação tão diferente da que lhe tinha sido dada a ela, para que superasse a falha de ser mulher, de não ser tão rica como desejável, de não ter os títulos suficientes para ambicionar mais alto do que um duque, que podia, ou não, vir a subir acima disso. Decididamente, ninguém dissera a Luísa que a sua missão era passar despercebida, e tinha a certeza de que nunca ensinaria os seus filhos dessa forma. Queria o melhor, e apenas o melhor, para o seu Teodósio, para Joana e Catarina, e para todos os que estivessem ainda para vir.

Olhou de novo pela janela. A desvairada da ama já fora atrás dos meninos, constatou de repente, e o silêncio caíra sobre o claustro. Luísa agradeceu a brisa que se levantara e abriu um pouco mais a janela, para que este ventinho de fim de tarde arrefecesse a casa.

Recostou-se no seu cadeirão de verga, almofadado para que não sentisse tanto as dores que lhe haviam ficado do parto, e durante uns segundos deve ter dormitado, porque quando acordou viu que o missal que segurara entre as mãos estava caído no chão. Dobrava-se apressadamente para o apanhar, pedindo desculpas a Deus pelo sacrilégio, quando ouviu a voz alarmada da ama Carminho:

- D. Luísa, D. Luísa, a menina arde em febre. Ai, que nos valha Nossa Senhora da Conceição...

3

Paço de Vila Viçosa, 17 de Junho de 1640

Desde que Carminho a chamara aos gritos, Luísa não saíra da beira do berço da pequenina Catarina. João também a visitara de meia em meia hora, tirando-a da cama com o brasão dos Bragança embutido na cabeceira, onde tantos duques e duquesas antes dela haviam dormido, embalando-a suavemente nos braços. Luísa seguia-os pelo quarto, as compressas frias aplicadas na testa a ferver.

- Arde em febre, João, e logo hoje que a noite está tão quente...

- Temos de ter fé, Luísa. Já pedi ao padre António de Brito e Sousa e ao frei Pedro da Fonseca que dessem ordens para que se rezasse por ela em todas as igrejas da vila e os sinos já repicaram para afastar o mal.

- Mas este médico é um incompetente - vociferava a mulher, ansiosa por encontrar um bode expiatório para a doença que tomava a sua filha.

Os caracóis de Catarina colavam-se à cabeça, ensopados, e os seus olhos enormes abriam-se para o pai, mas como se não o vissem. O sorriso fácil e encantador tinha desaparecido. Catarina não lhe estendia os braços, nem os apertava em redor do seu pescoço, com a força e o amor que o duque sentia que só ela, apesar de não ter mais de um ano e meio, lhe dedicava. João estava desesperado. «Senhor, não me leves a minha mourinha», rezava para dentro, as costas das mãos procurando arrefecer as bochechas ainda mais encarnadas da criança.

Na manhã seguinte, Catarina continuava quase inconsciente, num delírio de que se soltavam gemidos dolorosos.

Luísa afugentava o medo e a ansiedade dando ordens.

- Maria do Carmo, manda fazer um chá de laranja-amarga, que faz descer a febre mais depressa do que o das doces, e que o arrefeçam antes de mo trazer - dizia num português arrevesado de castelhano que não

conseguia esconder.

- Cecília, leva-me daqui os meninos, por louvor da Santa. Leva-os para o Convento das Chagas e pede às irmãs que cuidem deles, que não os quero nem perto deste quarto.

Teodósio ainda tentou passar a soleira da porta, habituado a levar a melhor da mãe, mas a firmeza com que foi empurrado para fora dali deixou-o sem pio. Joana, ao ver o irmão tratado assim, nem se atreveu a protestar e, segurando na mão de Teodósio, puxou-o:

- É melhor fazermos o que a mãe diz!

O som do cravo não deixava dúvidas de onde João se tinha refugiado. Luísa não sabia se havia de irritar-se com ele, ou de agradecer que o pobre tivesse uma forma de se distrair desta angústia imensa de assistir à doença de um filho sem poder fazer nada.

Com o pé, baloiçava suavemente o berço de Catarina, os olhos nas árvores do jardim, que via sem ver, quando sentiu uma mão pousada discretamente no seu ombro. Virou-se, assustada, mas o sorriso de frei Pedro surtiu o seu habitual efeito. Sempre aquela sotaina coçada, os livros debaixo do braço, um olhar com um cintilar cínico, que o seu humor e a sua generosidade disfarçavam.

As lágrimas tão furiosamente contidas soltaram-se. Beijou-lhe a mão e depois escondeu a cara entre as suas.

Frei Pedro aproximou-se de Catarina, fez-lhe uma pequena cruz na testa, puxou para trás o lençol e na sua voz serena perguntou:

- D. Luísa, posso abrir a janela? Está tanto calor aqui e lá fora já corre a brisa...

Luísa acenou que sim com a cabeça e endireitou-se. Frei Pedro abriu a vidraça, olhou o Sol a pôr-se no horizonte, e, de costas viradas para a duquesa, começou a falar:

- D. Luísa, posso repetir-lhe o meu sermão de hoje?

Sem esperar por uma resposta, continuou:

- Falei de Maria purificada, que quarenta dias depois de ter dado à luz o Menino, O apresentou no Templo, como era costume então, oferecendo dois carneiros e pombas em acção de graças.

Luísa sufocou um soluço. Passavam 40 dias desde que dera à luz, mas não havia menino para apresentar, que Deus lhe tinha levado o seu pequenino Manuel.

- Não percebo onde quer chegar, frei Pedro, sabe que esse assunto me magoa, logo agora que me sinto prestes a perder Catarina...

- Fé, D. Luísa, fé. Deus escreve direito por linhas tortas. Falei de Nossa Senhora das Candeias, ou da Purificação, a Virgem que dá a luz aos que não vêem...

- Mas por que me fala agora de cegueira, frei Pedro? - perguntou Luísa, aflita.

- O médico não vos disse que teme que D. Catarina, com estas febres estranhas, perca a visão, como tem acontecido a tantas outras crianças por estes dias?

Luísa tremeu. O que deveria temer mais? Que a sua filha tão perfeita, de olhos tão abertos para o mundo, passasse a viver na escuridão, ou que partisse, agora, sem sofrimento?

- Já sei onde quer chegar, frei Pedro. Acha que me devia apresentar com ela à Senhora das Candeias, Nossa Senhora do Tojal, como lhe chama o povo; que me devia juntar à peregrinação que parte para Mourão, onde está a imagem da Virgem que dizem fazer milagres?

Frei Pedro não se virou, mas inspirou fundo o cheiro a rosmaninho que já estava em flor, e continuou, como se não tivesse ouvido a duquesa:

- Vivemos tempos de escuridão. Ter fé na luz é o único caminho. A luz virá, se acreditarmos nela. Se lutarmos por ela.

Luísa voltou a suspirar. Suspeitava que o frade falava de muito mais do

que da doença de Catarina, o que se por um lado a sossegava - era como se ele soubesse já que a sua filha seria salva -, por outro a deixava assustada, com medo de que frei Pedro estivesse apenas a prepará-la para seguir por um caminho entre as trevas. Levantou-se, de um salto. Não valia a pena fazer-se de tonta, sempre fora inteligente, e, pensando com mais serenidade, sabia bem a que luz frei Pedro se referia.

Olhou de novo para a filha e o seu coração deu um salto.

- Frei Pedro, frei Pedro, Catarina já sorri.

Frei Pedro voltou-se muito devagarinho, como se nada daquilo o surpreendesse, e aproximou-se do berço. Catarina virou para ele o olhar e sorriu de novo, os dentes muito brancos numa cara redonda e rosada. Frei Pedro debruçou-se sobre ela, pegou-a e sentou-a no colo da mãe.

- Até amanhã, D. Luísa.

A duquesa não encontrou voz para lhe responder, mas, na sala lá do fundo, o cravo deixou de tocar, como se João tivesse pressentido tudo, sem ser necessário que lhe dissessem fosse o que fosse. Os passos apressados do duque soavam no soalho de madeira e escutavam--se cada vez mais próximos, confirmando a sua suspeita. Como soubera?

4

Castelo de Terena, 15 de Setembro de 1640

Chovera furiosamente nas primeiras semanas de Setembro e as ervas verdes tinham coberto o campo queimado do sol. O milho estava alto e as vinhas, onde as havia, exibiam os seus enormes cachos de uvas.

A comitiva avançava há dois dias. Partira do Paço de Vila Viçosa em peregrinação destinada a agradecer a Nossa Senhora das Candeias a saúde da pequenina Catarina. E a pedir luz. Catarina recuperara rapidamente da doença e os seus imensos olhos negros continuavam a ver, louvado fosse Deus. Brilhantes e cintilantes, incapazes de esconder uma tristeza, iluminando-se com a mais pequena alegria.

«A luz dos meus olhos», cantarolava-lhe Luísa, enquanto a fazia saltar nos joelhos.

Na primeira noite pararam na vila de Terena, com o seu magnífico castelo, engalanado para os receber, as gentes na rua gritando «vivas», dobrando a cabeça em vénias a Teodósio e às armas dos Bragança.

Depois do descanso na modesta casa da Irmandade da Misericórdia, as armas portuguesas por cima da porta, o que frei Pedro sussurrou ser um bom presságio, em quartos arranjados com esforço e o maior dos luxos para a duquesa e filhos, a comitiva dirigia-se agora para a vila de Mourão, passando antes, para um momento de oração, na Confraria de Nossa Senhora da Boa Nova. Um santuário tão antigo como o próprio tempo, pensou Luísa, ao olhar as paredes sóbrias de pedra, quase um castelo em miniatura, onde uma Santa Catarina, num altar lateral, merecia uma Ave-Maria.

As carruagens iam enfeitadas, os cobres luziam, acabados de polir. A guarda vinha a cavalo, e Teodósio montava também, mas Luísa, Joana e Catarina seguiam protegidas do pó da estrada, luxo que não era partilhado pelo povo que se fora juntando à comitiva.

A carruagem da duquesa atraía os olhares de todos. Era um presente de casamento e Luísa não se cansava do seu fausto. Nem do simbolismo - fora nela que viajara da sua terra natal, San Lucar, até Elvas, onde casara a 12 de janeiro de 1633, sete longos anos atrás, na magnífica catedral. O cunhado Duarte e o irmão, com o mesmo nome, um em cada estribo, apesar da chuva torrencial, e a partir da ponte do rio Caia, João, a seu lado. O homem que conhecera naquele minuto e a quem iria oferecer a sua vida para sempre.

O Castelo de Monsaraz impunha-se do lado esquerdo da estrada, as muralhas contornando o cume, as lascas de xisto empilhadas umas nas outras como lâminas. O sol brilhava contra os sinos de uma das torres e D. Luísa teve pena que a imagem da Senhora não estivesse na ermida daquela terra, toda em pedra escura, num pequeno monte vizinho. Sempre poupava umas léguas de estrada e de calor.

Pensava nisto quando ouviu os dedos de Teodósio a bater na vidraça da janela. O filho chegara o cavalo à carruagem, para lhe falar:

- Mãe, olhe, vê ali ao fundo, muito ao longe, a torre de Mourão? Se não fosse o barulho dos cascos dos cavalos e do ranger das rodas, ouvia a música que toca e a brisa nos traz. Mourão está à nossa espera. Não aguento ir a este passo, posso galopar até lá?

Luísa endireitou-se, zangada, que o amor ao filho nunca a fazia esquecer a disciplina:

- Teodósio, que te livres de saíres daqui. O futuro duque de Bragança não abandona a comitiva e as mulheres da família, para desarvorar pelos campos como um louco. Senta-te direito nessa sela e cumpre a tua missão, que estás aqui no lugar do teu pai.

Joana deitou-lhe a língua de fora; adorava ouvir a mãe ralhar a Teodósio. Ia ser sempre assim, uma adoração desmedida pelo seu magnífico irmão mais velho, e uma raiva contida por se ver sempre preterida, ou pelo herdeiro, ou pela mais pequena da família, que todos pareciam obcecados em proteger.

Desta vez o pai pensara como Joana. Tentara dissuadir Luísa de partir até Mourão, com o argumento de que a devoção dos Bragança sempre fora

a Nossa Senhora da Conceição. Mas mesmo enquanto falava, sabia que a batalha estava perdida. Primeiro, porque a mulher fazia sempre o que entendia, e, depois, porque desta vez era secundada por frei Pedro, e contra aquele frade João nunca diria uma palavra.

O duque hesitara. Deveria acompanhar a família ou deixar-se estar no paço? Era bom que os Bragança fossem vistos nas suas terras, e naquelas, como Mourão, que tinham dado o seu apoio aos Filipes.

Mourão já fora bastião da independência, ora nas mãos de uns, ora nas de outros, mas, agora, que sentido fazia isso, se o reino inteiro pertencia a Castela e o sangue derramado pelos seus antepassados fora derramado em vão?

Até pensar nisso lhe parecia perigoso, educado que fora para andar sempre entre os pingos da chuva, praticando a diplomacia suprema de recusar os cargos e lugares que Filipe lhe propunha - sempre ilustres, sempre distintos - sem dar a ideia de que o fazia por oposição ao seu poder. Ou, pior, com vontade de o confrontar.

Mas nesses primeiros tempos tudo era diferente, como lhe diziam os conselheiros. O Juramento de Tomar, feito por Filipe II, parecia garantir a independência do nosso reino, assegurando que os principais lugares seriam ocupados por políticos e militares portugueses, mas longe iam essas promessas. Se João não tinha vontade nenhuma de se meter em sarilhos, não tinha também coluna vertebral para suportar os atropelos que iam descaradamente sendo feitos aos direitos dos portugueses. Ainda pensou em falar com o rei de Castela, sugerir-lhe que um bocadinho mais de bom senso o poderia levar longe, mas depressa compreendeu que conversar com Filipe III de Espanha era comprometer-se com ele, e isso não queria.

Como frei Pedro lhe dizia enquanto bebiam um copo de vinho quente na sala grande, em frente à lareira, com os frescos do tecto iluminados pela luz das 50 velas do lustre, os tempos das hesitações já tinham acabado. Nunca o aconselhava directamente, da mesma forma que não o criticava, optando sempre por falar como que para os anjos no céu ou para os toros de madeira que ardiam no fogo. Assim, ia dizendo que há destinos que um homem não pode recusar.

5

Vila de Mourão, 15 de Setembro de 1640

Joana puxou-lhe pela manga do vestido de seda verde:

- Mãe, mãe, estamos a chegar. Música...

Luísa voltou ao presente. Endireitou Catarina no colo e procurou alisar os vincos do vestido branco amarrotado pela viagem.

- Ai, meu Deus, como é que vou apresentar a filha do duque de Bragança à Virgem e ao povo com o vestido todo amarfanhado - queixou-se a Teresa, que sorriu.

- Deixe-se disso, D. Luísa. Viemos em peregrinação. O que importa é agradecer a saúde de D. Catarina e deixar que a Senhora das Candeias a ilumine para todo o sempre. Que a duquesa veja sempre mais longe e guarde no seu coração a luz da fé.

Luísa olhou-a meio envergonhada. Escusava de ter ouvido tudo isto da boca da sua aia. Pensou em amuar, mas depois sacudiu os cabelos enfeitados com brilhantes e encostou a cabeça ao seu ombro:

- Teresa, foste o melhor presente que a minha mãe me deu.

Teresa soltou uma gargalhada divertida:

- Melhor ainda do que esta carruagem?

Mas a conversa ficou por ali, porque estavam parados na praça principal, frente à Igreja da Misericórdia, e nem podiam avançar mais, tal era a multidão que os rodeava.

O bispo de Évora, vindo até aqui para a ocasião, abriu a porta da carruagem e estendeu-lhe a mão a beijar, para depois lhe segurar o braço para a amparar na descida dos frágeis degraus que o pajem se apressara

a preparar:

- Bem-vinda, D. Luísa de Gusmão.

Baixinho, para que só ela ouvisse:

- Julgo que o melhor é deixar aqui a carruagem e subir a encosta até à pequena Ermida de Santa Maria do Tojal, em peregrinação.

A luz da tarde era tão intensa que Luísa teve de puxar para cima dos olhos o chapéu, e só então percebeu que as ruas estavam cobertas de flores, as janelas decoradas com mantas e colchas bordadas, e homens e mulheres aguardavam-na, em silêncio. Sentiam-se muito orgulhosos pela visita da duquesa, senhora daquela terra, mas mais orgulhosos ainda de albergarem no pequeno templo, incrustado na Torre do Relógio do magnífico castelo, fechada e protegida entre as suas paredes altaneiras, no topo do morro de tojo, que tinha dado o nome à igrejinha, a imagem milagreira de Nossa Senhora das Candeias.

D. Luísa desceu com Catarina presa nos braços; a veste branca símbolo de pureza contrastava com a sua pele morena, os imensos olhos escuros, o cabelo em caracóis até aos ombros. Joana, tão parecida com a irmã, segurava a mão da mãe, muito direita e digna como a ama lhe ensinara. Teodósio, já pelo seu pé, apressou-se a chegar-se próximo das mulheres da sua família.

Luísa foi cumprimentando as gentes que ladeavam as ruas e quando deu por isso estava à frente da procissão que a seguia, compacta, pela encosta.

Os canhões, de cada lado do grande portão, revelavam anteriores conquistas - e outras que haviam de vir, disse Luísa para consigo -, e à porta a guarda fardada a rigor fez soar salvas à duquesa. O padre de Mourão, um homem baixo e bonacheirão, recebia-a vestido no melhor dos seus paramentos e insistiu em ser ele a conduzi-la ao santuário.

Catarina olhava em redor, prestando atenção a este e àquele, sem medo, nem temores, como se tivesse nascido para atravessar multidões. Sorria às pessoas à distância, mas não se debatia para ir para o chão. Dir-se-ia que queria agradar, mas guardando a distância, pensou Teresa, que a

observava de perto. Tão diferente do seu irmão Teodósio, que apertava mãos a torto e a direito, deixando cada pastor de Mourão, cada trabalhador da terra, com a certeza de ser único.

As aias, a rir, diziam umas às outras:

- Esta gente já não lava as mãos, depois de D. Teodósio lhas ter apertado.

A verdade é que anos depois muitos avós relatavam com entusiasmo aos netos aquela tarde em que o filhinho do senhor duque viera a Mourão.

A ermida era pequena, as paredes de xisto sobreposto como fatias de um bolo de bolacha, o tecto abobadado como só os alentejanos o sabiam fazer. Pequenina e escura, como se fosse a caixa aveludada de uma jóia preciosa que o sol podia estragar, dela emanava uma serenidade impossível de encontrar num lugar sem a marca do sagrado.

Hoje, a imagem não saía no seu andor, para ser vista e adorada pelos peregrinos. Hoje, a Virgem esperava no seu posto a visita da duquesa e da pequenina Catarina. Eram elas, e só elas, que lhe faziam a genuflexão, lhe acendiam uma vela e se ajoelhavam para orar.

Frei Pedro, que se mantivera anónimo entre a comitiva, deixando que o bispo fizesse todas as honras da casa, e o prior de Mourão as restantes, avançou para junto da duquesa, segundos antes da sua entrada. Silenciosamente, dobrou um joelho e fez o sinal da cruz na testa de Catarina, empurrando-a suavemente para a porta de carvalho escuro. Luísa seguiu o seu sinal, retirou os sapatos, perante o olhar de aprovação da multidão, descalçou Catarina e colocou-a no chão. Entregando a mão de Joana a Teodósio, avançou com a filha, de passos já tão certos apesar da tenra idade, até junto da imagem.

Com um metro e vinte de altura, quase o dobro de Catarina, feita de pedra de Ançã, que permitia sempre aquela textura leve, branca e sem veios, vestida nos seus trajes brancos de festa, bordados cuidadosamente a ouro, a imagem era imponente. Os seus cabelos negros (Tão negros como os meus, pensou Catarina) caíam em tubos sobre as vestes e os brincos de prata trabalhada reflectiam a luz das velas que a rodeavam. O Menino era rechonchudo e loirinho, aconchegado à mãe, uma coroa na cabeça de um e na de outro. As pombas voavam em seu redor no retábulo ao qual se

mantinha encostada, onde brilhavam também estrelas douradas. O Menino estava virado de frente para quem chegava, como se ele e sua mãe os acolhessem. Acenderam a vela alta de cera de abelha, rezaram, e depois Luísa ordenou a Catarina que lhe beijasse os pés, em sinal de reverência e gratidão.

Mas, levantando a cabeça, Catarina pediu:

- Colo, mãe - e apontava com o dedo para o Menino e para as pombas.

Luísa ergueu-a à altura do Menino Jesus, recomendando-lhe todo o cuidado. Catarina, com o dedinho indicador esticado, percorreu as feições da criança, como se procurasse memorizar todos os seus detalhes. Catarina percebia bem que a Virgem que tinha à frente não era um boneco, nem um brinquedo.

O silêncio foi subitamente interrompido pelo choro de uma criança, e Joana apareceu de repente, as lágrimas a correrem-lhe pela cara, fugida de Teodósio, as mãos presas com força às pernas da mãe. Porque é que toda aquela festa era só para a Catarina, um bebé de colo?

Luísa, em lugar de se zangar com ela, pousou Catarina, que se sentou de pernas cruzadas, levantando em seu lugar Joana, beijando-lhe a cara molhada pelo calor e pelas lágrimas. Chegando-a mais perto, sussurrou-lhe ao ouvido:

- Joaninha, desculpa. A Virgem tem um coração que chega para todos. Queres pedir-lhe a bênção?

Joana estendeu o corpo para os pés da Virgem e beijou-os. Depois, reconfortada, ajoelhou-se de olhos fechados, benzendo-se como uma boa aluna de frei Pedro.

Catarina olhou-a, espantada, e imitou-a. Joana abraçou-a:

- Desculpa, Catarina. Estou muito contente que aquela doença não te tenha feito mal.

Luísa enxugou os olhos, e, baixando-se, pôs um braço em redor de cada uma delas, rezando alto:

- Luzes dos meus olhos, que a Senhora das Candeias vos ilumine sempre o caminho.

Anos depois, nos momentos mais difíceis da sua vida, Catarina ouviria sempre no mais fundo de si a voz da mãe, a entoação única da mãe, a pedir à Virgem que lhe iluminasse o caminho. Mourão nunca mais saiu do seu coração.

6

Paço de Vila Viçosa, 25 de Novembro de 1640

Joana estava mais excitada do que Catarina, que percebia que o dia era de festa e que todos pareciam andar à sua volta desejosos de cumprirem as mais pequenas vontades, mas não sabia bem porquê.

A ama tirara-a da cama e abraçara-a contra si com toda a força. Dera-lhe um beijo lambuzado, que Catarina se apressara a tentar enxugar com as costas da mão, e entregara-lhe uma laranja enorme. Catarina apertara o fruto entre as mãos e preparava-se para lhe dar uma dentada quando Joana interrompeu a cena:

- Ama, ama, a pateta da mana julga que a laranja se come assim.

A ama tirou-lhe apressadamente a laranja da mão, e Catarina desatou num pranto de fúria e raiva:

- Ai, D. Joana, que esta sua irmã há-de ter cá um feitiozinho. É toda sorrisos quando a vida lhe corre de feição, mas se alguém a contraria fica a terra inteira a saber que não lhe fizeram a vontade - comentou.

Luísa também ouvira os gritos da sua filha mais nova, exactamente quando atravessava o longo corredor, batendo com os saltos suaves na madeira polida. Apressou o passo, mas sem medo: conhecia bem aquele choro de Catarina, e, embora lhe repreendesse as birras com uma determinação e uma severidade até provavelmente exageradas, por dentro sorria orgulhosa pela força do carácter da sua mais pequenina.

Lembrava-se bem de como há dois anos o seu parto fora longo e doloroso, corrido pela noite fora. Catarina estava determinada a não sair do conforto da sua barriga, pensou divertida, para se benzer rapidamente, quase como se fosse uma heresia ter esquecido Ana e Manuel, que Deus os tivesse junto de Si.

Entrou no quarto de brinquedos e encontrou a filha sentada na sua

cadeirinha alta, um enorme guardanapo para proteger o vestido de seda cor-de-rosa, que a avó materna lhe mandara de presente, frente a um prato com uma laranja cortada às rodelas, que insistia em comer sozinha, apesar dos protestos da ama.

- Que gritaria era aquela, menina Catarina? - perguntou-lhe, aceitando os braços que a criança logo lhe estendeu e puxando-a para si.

- Mãe, mãe, era a Catarina que queria comer a laranja que a ama lhe deu de presente de anos, com a casca e tudo... - disse Joana.

- Menina impaciente... Então não sabe que a laranja não se come com a casca, minha pateta pequenina - ia dizendo à filha, enquanto a balouçava ao colo, como se a fosse deixar cair. Catarina ria a bandeiras despregadas, totalmente confiante nos braços que a sustentavam, sentindo que aquele, sim, aquele era o melhor dia da sua vida.

Durante o dia brincou no quarto, mas, às quatro da tarde, a ama veio trocar-lhe novamente o vestido por um de seda pesada, castanho, com rendas bordadas em redor do pescoço, que Catarina bem tentava arrancar. Joana já tinha posto o seu, exactamente igual, e dava voltas sobre si mesma para mostrar à irmã a roda que o vestido tinha. Teodósio interrompeu a cena, entrando de rompante pela porta, vestido também de gala, na mão um badalo de ovelha, preso num cordão de couro curtido.

Abanou-o com força em frente dos olhos da irmã mais nova. Joana tapou os ouvidos, mas Catarina sorriu, divertida:

- Dá, dá, dá mim? - perguntou, enquanto lhe estendia a mão. Hoje isto resulta, pensou, porque todo o dia a mão tinha voltado cheia, e ninguém lhe tinha dito o habitual «Não mexa», ou «D. Catarina, isso não é para si».

Teodósio, divertido, pendurou-lho à volta do pescoço e o cordão era suficientemente comprido para que Catarina conseguisse, sozinha, fazer tocar o sino. Depressa percebeu que bastava abanar a cabeça para que aquele som, que lhe era tão familiar, se soltasse.

Joana e Teodósio riam divertidos, mas a ama interrompeu a brincadeira:

- D. Teodósio, a fazer da sua irmã uma ovelha. Credo, menino. Se os

senhores duques aqui entram, eu sou despedida na hora, julgam que faço pouco da menina.

Frei Pedro, que dava as primeiras letras a Teodósio, estava sempre a corrigir-lhe o sotaque alentejano, e D. António Brito de Sousa, então, ficava doente quando o ouvia falar como os miúdos da terra, com quem brincava sempre que conseguia saltar os muros do jardim do paço. Mas Teodósio adorava aquele tom cantado, e respondeu-lhe na mesma:

- Carminho, mas o que são as minhas irmãs senão ovelhas do meu redil... aqui neste pasto, quem manda sou eu.

O sorriso da ama iluminava-lhe a cara, aquele menino tinha tudo para fazer o que quisesse de qualquer pessoa, pensou: era bonito, educado, esperto e meigo. Passou-lhe a mão pelo cabelo, e ele encostou--se por momentos ao seu avental, talvez saudoso dos tempos em que não se tinha de comportar como o filho mais velho do duque, mas apenas como um menino de colo, que podia saltar para o regaço da ama e deixar-se embalar pelos seus cantares.

Carminho recuperou a compostura:

- Os três direitos, que já ouvi a porta bater por mais de cem vezes, e os convidados de D. Catarina já estão, de certo, na sala à vossa espera.

D. Teresa surgiu naquele preciso momento e, pegando em Catarina, deu a mão a Joana, enquanto Teodósio, esquecido de qualquer desejo de ser menino de colo, marchava à sua frente com a postura de um pequeno duque.

Nessa tarde, o primeiro a chegar fora D. Francisco de Melo, marquês de Ferreira, assim formalmente anunciado pelo mordomo-mor que, vestido com as cores da casa de Bragança, acompanhava os recém-chegados ao topo das escadas.

Luísa estendeu-lhe a mão imediatamente, e D. Francisco ajoelhou--se para a beijar. Um dos homens mais poderosos do reino, e que demonstrara sempre uma lealdade imensa por João, ao ponto de não parar de lhe dizer que chegara o momento de enfrentar Castela. João e Luísa tinham-lhe agradecido a fidelidade, pedindo-lhe que aceitasse ser padrinho de D.

Catarina, honra que até o fizera corar, recordava--se agora Luísa, ao vê-lo estreitar o marido num abraço apertado. O baptizado fora um acontecimento discreto, na capela do próprio paço, o altar decorado com folhas de cameleira que a mulher de D. Francisco fizera questão de trazer de Sintra para a ocasião.

- A 12 de Dezembro - disse uma voz familiar, e Luísa deu um salto.

D. António de Brito e Sousa, que já naquele tempo era deão da capela dos Bragança, acabara de chegar, e, com aquela magia que sempre tivera e teria, conseguia ler os seus pensamentos, como se a cabeça de Luísa não passasse de um livro aberto.

- Não é a cabeça, mas o coração - acrescentou D. António, e Luísa quase sentiu que o seu parara de bater.

- D. António, não faça isso, que me assusta. Sei-o abençoado por Deus e pelos anjos, mas essa sua maneira de saber tudo em que estou a pensar, mesmo antes que eu tenha consciência do que é, ainda o leva à fogueira - disse Luísa, a mão estendida e os olhos verdes mais verdes ainda.

- Pensava ou não pensava no dia do baptizado de D. Catarina? - retorquiu o deão, que tinha um gozo imenso na sua capacidade de pressentir o que ia na alma dos outros. Para dizer a verdade, aprendera a arte com frei Pedro, esse, sim, um mestre, e conhecia a duquesa suficientemente bem para que certos olhares fossem inconfundíveis. Não hesitava em fazer uso do «dom», desde que o seu priorzinho não estivesse por perto, porque aí sentir-se-ia como um amador a fazer habilidades perto de um mestre.

- Pensava, sim, D. António. Na felicidade de Catarina estar hoje aqui. Parecia-me tão frágil, aquele novelinho envolto em mantinhas, tal o frio que fazia na capela, o Natal à porta, e eu cheia de medo de que apanhasse alguma coisa quando o deão lhe fizesse correr a água gelada da pia pela cabecinha abaixo.

- Falta de fé, D. Luísa - disse-lhe o padre António, divertido.

- Fé, senhor?

- Claro, acha que frei Pedro alguma vez deixaria que baptizasse D. Catarina com aquela água gelada? Aqueceu-a sem dizer nada a ninguém, com a cumplicidade da ama, suponho. Só dei por isso quando toquei na bacia, e não ia interromper a cerimónia para perguntar o que se passava.

Luísa suspirou, comovida:

- Mais uma dívida que tenho para com frei Pedro.

Em silêncio, pediu a Nossa Senhora das Candeias que abençoasse a sua filha, a quem devia a bênção de uma Catarina viva e forte, que aqui estava a celebrar dois anos.

A sala estava quente, porque os criados há dias que acendiam as lareiras, de noite e de dia vigiadas para que o seu calor não esmorecesse, mas apesar disso as senhoras mais friorentas chegavam-se ao fogo para aquecer as mãos. O chá, moda recente vinda do Oriente, foi servido em chávenas de porcelana azul que as convidadas não se cansavam de admirar.

Quando a porta se abriu e Catarina surgiu, ladeada pelos irmãos, uma salva de palmas irrompeu entusiástica. Catarina estendia as mãos, no gesto que hoje lhe parecia tão rentável. O padrinho pegou--lhe ao colo e ela olhou em redor ligeiramente aflita: não se lembrava de o ter visto antes, mas o ar confiante e seguro da mãe disse-lhe que podia deixar-se estar entre os braços daquele homem alto e que cheirava a chá de lúcia-lima, de que tanto gostava.

Francisco aproximava-se de João com ela, dizendo-lhe numa voz doce palavras que não entendia mas a sossegavam, quando um dos camareiros surgiu à porta e, atravessando, sem grandes cerimónias, os grupos de convidados, aproximou-se do duque, saudou-o e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. João empalideceu ligeiramente mas, procurando recompor-se, puxou pelo braço do padrinho da filha e empurrou-o para o seu escritório, contíguo à sala.

D. Francisco seguiu-o, tão encandeado pelo seu olhar que praticamente não reparou que trazia consigo a pequenina afilhada. Catarina, por seu lado, face ao olhar tão invulgarmente sério do pai, achou por bem reduzir-se à sua insignificância e permanecer ao colo do padrinho, tão imóvel

quanto possível. Mas os seus olhos imensos estavam tão abertos que pareciam prontos a cair-lhe da cara.

No escritório de janelas altas, abertas sobre o terreiro fronteiro do paço, já os esperava o conjurado Gaspar Coutinho. Os três homens cumprimentaram-se. Gaspar passou distraidamente a mão pelos caracóis de Catarina, enquanto dizia:

- D. João, está tudo preparado para enfrentar os espanhóis.

De seguida, contou tudo o resto: a conspiração, o ódio crescente à mandatária de Castela e ao seu amante, a decisão de um conselho secreto de nobres dispostos a avançar, com a condição de que o duque de Bragança aceitasse ocupar o trono, que de boa vontade reconquistariam para lhe dar.

Catarina virou os olhos para o pai. O pai foi preso por eles, como se sossegar a sua ansiedade naqueles lagos imensos e tranquilos fosse uma forma de encontrar a segurança que não sentia.

Gaspar percebeu que D. João não tirava os olhos da filha, e não hesitou em utilizar Catarina como uma carta sacada da manga:

- Essa criança tem direito a ser princesa. Olhe para ela, D. João, para a forma como se senta direita, a seriedade com que ouve esta conversa como se entendesse tudo. Com ela ao seu lado...

Não teve tempo de acabar a frase, porque D. Luísa acabara de entrar. Surpreendida, olhou para aquele trio de homens, suspensos no olhar de uma criança, e, pegando em Catarina ao colo, virou-lhes as costas, não sem antes dizer:

- A resposta é sim. Que conste que é este o presente de anos que D. João dá à sua filha Catarina, a Joana, e sobretudo a Teodósio. Já chega de Castela, e digo-o eu que tinha todas as razões para não o dizer. Já chega de vivermos servos de outros, João, quando os teus antepassados deram a vida para preservar a independência deste reino...

Fechou a porta suavemente atrás de si.

- Como vêem, senhores, as mulheres de minha casa respondem por mim. Primeiro Catarina, depois Luísa, que posso eu dizer?

Gaspar e Francisco fizeram-lhe uma vénia profunda. O primeiro saiu pela escada lateral por onde entrara, Francisco deu o braço ao «compadre» e voltou para a sala onde frei Pedro dizia uma oração de acção de graças por Catarina e pela sua família.

- Que a Senhora das Candeias me ilumine é a mim! -, disse João ao ouvido da mulher, enquanto se ajoelhavam para receber a bênção.

7

Paço de Vila Viçosa, 1 de Dezembro de 1640

João não conseguira dormir. Sabia que tudo se passaria na alvorada que daqui a pouco nasceria. Estava combinado que os 40 conjurados, como se tinham auto-intitulado, se reuniriam nos jardins de Almada para discutir os últimos detalhes, na noite de dia 31, ou seja, por esta hora já teriam regressado a casa, se tudo tivesse corrido bem. Sabia também que planeavam encontrar-se no terreiro frente ao Paço da Ribeira às nove da manhã e ocupá-lo, aprisionando a duquesa de Mântua e o seu secretário Miguel de Vasconcelos.

Deteve-se por uns minutos a pensar em Margarida de Sabóia, Mântua por casamento com um duque já falecido e cujo único filho varão morrera em criança, vendo-se obrigada, depois da morte do marido, a refugiar-se em Espanha. Estivera com ela muitas vezes, prima direita de Filipe III, tratava-o, também a ele, sempre por «primo», lembrando-lhe constantemente que descendia de portugueses. Era uma mulher invulgarmente bonita e muito ambiciosa, pensou deve ser a minha sina, suspirou, lembrando-se de que Luísa não lhe ficava atrás.

Quando Filipe a nomeou para governar Portugal, esquecidos e maltratados os princípios do juramento de Tomar que garantiam uma política de não ingerência, tinha ficado surpreendido. Mas não tão espantado como quando a viu gerir o reino com mão-de-ferro, sem consideração por ninguém. É claro que a má-língua dizia que não era ela, que não lhes era fácil a humilhação de Espanha, somada à humilhação do poder entregue a uma mulher. Preferiam mil vezes acusar Miguel de Vasconcelos, dizendo que, de facto, era aquele que executava as políticas do soberano castelhano e do seu ministro omnipotente, o conde de Olivares.

Virou de novo a cabeça na almofada, irrequieto e cansado. Mas os pensamentos continuavam a correr, como um fio de um novelo que nada conseguia quebrar. Fosse de quem fosse a culpa, a verdade é que havia

uma falta de bom senso gritante.

Filipe, sempre Filipe. Falava nele e a imagem surgia-lhe na mente, perfeita e definida: Filipe IV de Espanha, Filipe III de Portugal, que fora nomeado herdeiro em 1619, tinha João 15 anos. Para dizer a verdade, sentia uma grande empatia por ele: colocado nas mãos do perigoso Olivares aos 10 anos, aos 16 carregava sobre os ombros títulos sem fim - rei de Portugal, de Nápoles, da Sicília, rei titular de Jerusalém, rei da Sardenha, príncipe das Astúrias, era obra para quem tinha um carácter sedutor (era pai de mais bastardos do que de filhos legítimos!) mas uma grande dificuldade em fazer valer a sua vontade acima daqueles que o rodeavam e abafavam desde criança. Aos 16 anos tinha somado aos «cargos» o mais complicado de todos, quando o pai morreu e foi aclamado rei de Espanha, herdando um conjunto de Estados, em que Portugal se incluía, todos eles insatisfeitos com a hegemonia de Castela.

Quando, ainda há alguns meses, o convocara para ir ter com ele a Madrid, a fim de o acompanhar nas investidas contra a Catalunha, percebera a armadilha, recusara inventando uma desculpa - tinha sido a doença da filha Catarina ou a morte do bebé Manuel, já não se lembrava sequer, mas sabia perfeitamente que o rei de Espanha, agora com 35 anos, um ano mais novo do que ele - suspirou! - se tornara, desde aí, mais desconfiado do que nunca. Mesmo os maiores não conseguem estar sempre, em todos os momentos, em todo o lado, e Filipe previa, certamente, o que iria acontecer em Portugal, mas contava provavelmente com mais tempo, o tempo suficiente para pisar a Catalunha, que era rica, e voltar depois a sua força contra os vizinhos ocidentais.

João estava plenamente consciente, assim como os seus conjurados, de que a oportunidade era esta e mais nenhuma: com Filipe de costas voltadas, com todos os seus homens e canhões apontados para norte, era tempo de agir. Os espiões dos conjurados sabiam onde estava cada peão no tabuleiro do xadrez político de Castela e garantiam que era o momento certo para agir, abrindo o caminho para o rei de Portugal. Para o xeque-mate final.

A duquesa de Mântua tornara-se odiada pelo povo, o símbolo de uma mulher que se amantiza com um criado do seu senhor, e tudo isso para benefícios pessoais. Bastava ajudar o povo a lembrar aquela outra Leonor

Teles, que com o conde de Andeiro pusera em risco a independência, usando a bonomia do marido para favorecer Castela. Bastava colar as duas, e a raiva cresceria por si. João só esperava que os seus homens, ou aqueles que lutavam por ele, sem que lhes tivesse pedido nada, não dessem a Vasconcelos o mesmo fim que o mestre de Avis oferecera, pelas suas próprias mãos, ao conselheiro espanhol.

Tapou a cabeça com a almofada.



Luísa também não dormia. Cansada de dar voltas na cama, decidiu levantar-se, cobrir-se com o manto de pele de urso e ir ver se Catarina não tinha piorado da constipação que há dias a afligia. Pediu à criada que lhe levasse uma infusão de cidreira ao quarto de brinquedos e, com a vela na mão, encaminhou-se para lá, mandando deitar de novo as camareiras que, aflitas, se tinham levantado para lhe prestar serviço.

Luísa tapou Catarina melhor com a manta quente tecida pelas gentes de Monsaraz, depois de se assegurar que a sua testa estava fresca. A filha remexia-se no sono, como se nem a noite lhe trouxesse descanso. Com que sonharia?, pensou, sorrindo ligeiramente.

Soprando a vela que a filha tinha na mesa-de-cabeceira e mandando de novo para a cama a ama e a criadita que se tinham levantado para se colocarem ao seu dispor, Luísa aproximou-se da porta para sair. Mas, num último impulso, virou-se e olhou as suas duas filhas adormecidas. A partir desta noite, as suas duas princesas! Ou talvez não, pensou de repente, angustiada.

8

Paço de Vila Viçosa, 3 de Dezembro de 1640

Nunca três dias tinham demorado tanto a passar. João estava mais magro, saltava as refeições, escondia-se na sua sala de música e compunha. Tentava pensar no Natal que estava a chegar, numa música que o marcasse, que marcasse as crianças, e as folhas de pauta voavam pelo quarto, já sabia que teria de ouvir um raspanete da mulher que o acusava de ser uma criança desarrumada.

Luísa decidiu trazer-lhe, ela mesma, um tabuleiro com o almoço. Estava frio, sabia que a ansiedade o obrigava a esta vigília e que os dedos nas teclas e a cabeça a traduzir sons em notas eram a única forma de conter a angústia que o tomava. Que os tomava a todos, que Teodósio e frei Pedro estavam na mesma, ainda agora passara na sala de estudo e os vira debruçados sobre os livros, mas com o olhar no infinito. Mas não havia maneira de saber - os mensageiros estavam a postos, passariam a notícia, boa ou má, de uns para os outros, em locais pré-combinados, mas era impossível fazer aquela distância em menos de dois dias.

Luísa nem sequer bateu à porta, porque, primeiro, não era um hábito seu, e, segundo, João não a ouviria, imerso como estava na sua composição. Pousou o tabuleiro na mesinha junto do cravo e num gesto contido, mas cheio de significado - então vindo dela -, passou--lhe a mão pelo cabelo. Olhou para a letra da música escrita na caligrafia certa e segura do marido, uma composição que já parecia muito adiantada: «Adeste Fidelis, vinde triunfantes», leu.

- É para as crianças cantarem na noite de Natal - sussurrou o duque, passando a mão pela testa, subitamente consciente de que não comia há horas.

- Interessante - disse Luísa. - «Vinde, fiéis, vinde triunfantes, vinde adorá-lo» - leu alto, com a voz comovida.

João percebeu a insinuação e irritou-se:

- Não confundas os nossos problemas terrenos com os do Céu. É ao nascimento de Cristo, e ao nascimento do Menino apenas, que me refiro.

- Que o Senhor me fulminasse já, se estivesse a brincar com uma coisa tão séria. Mas pensa, João, o Menino veio trazer uma nova vida ao mundo, cortou com o poder instituído, nasceu numa manjedoura e foi rei.

- Chega, Luísa. Deixa-me comer em paz. Se vires a Joana e o Teodósio, pede-lhes que passem aqui. Frei Pedro também, por favor.

Luísa fez-lhe a vontade. Seria melhor para todos se estivessem ocupados.

Uma hora depois, o paço enchia-se com as vozes das crianças, com o pai e frei Pedro em contratenor, e quem escutasse com atenção reconheceria a voz suave de Catarina, porque até ela tinha sido incluída no programa, por benevolência do pai e dos irmãos mais velhos, que despacharam a ama Carminho com a promessa de que tomariam conta dela.

Teodósio passou a composição a limpo, com a sua letra perfeitinha e redonda. Catarina olhava fascinada enquanto ele soprava para as folhas e tentou imitar o sopro com a boca.

O pai pegou em Catarina ao colo enquanto Teodósio lhe passava a partitura para a mão, e Catarina aproveitou o facto de o pai ter o papel para soprar para cima dele, como vira Teodósio fazer.

- Pai, o que diz a música? - perguntou Joana.

Teodósio aproximou-se da pauta para mostrar como já dominava o latim. O pai deixou-o ler, tudo de seguida, corrigindo-lhe a pronúncia:

Adeste Fideles

Laeti triumphantes

Venite, venite in Bethlebem

Natum videte

Regem angelorum

Venite adoremus, Venite adoremus,

Venite adoremus, Dominum

Catarina ouvia atentamente e franzia a testa com ar de quem não estava a perceber nada.

- Pai, conta história! - pediu.

- Sim, pai, e em por-tu-guês! - indignou-se Joana.

João e frei Pedro sorriram, divertidos.

- «Cristãos, vinde todos, com alegres e triunfantes cantos, vinde, vinde, até Belém. Vinde ver o Menino, nascido o rei dos anjos, ó vinde, adoremos, Cristo Senhor.»

- Mais, pai! - insistia Catarina.

- Mais só quando vocês as duas perceberem latim e conseguirem ler sozinhas!

- Mais, pai! - repetia Catarina, enquanto puxava a manga do duque.

- Então conto-vos uma parte que ainda não está aqui sobre as ovelhinhas, como aquelas que se vê do vosso quarto, sabem?

- Memés? - perguntou Catarina.

- Sim, mana, deixa o pai contar - disse Joana, impaciente.

Catarina sorriu, meteu o dedo na boca para o chuchar e refastelou-se no seu canto do colo.

João sorriu, pensando em como podia estar ali, em sua casa, no seu paço, na sua querida sala de música, com as suas filhas ao colo e o reino a desmoronar-se à sua volta. Talvez fosse hoje o último dia em que podia ser

assim, estar em família, com a cabeça posta numa simples canção de Natal.

Nesse momento, o mordomo entrou, apressado, e com muitas vénias murmurou que D. Pedro de Mendonça e D. Jorge de Melo subiam as escadas com um recado urgente. O que lhe vinham dizer já o povo na rua gritava:

- Viva o rei! - ouviu pela primeira vez.

- Viva o rei! Viva o rei! - perdeu a conta das vezes que as gentes o repetiam.

Teodósio, Joana e Catarina precipitaram-se para o banquinho de pedra junto da janela e, sem que o mordomo tivesse tempo de os impedir, o irmão mais velho abriu a janela e todos se penduraram para olhar melhor aquela multidão reunida à porta de casa.

Luísa, que acordara da sesta com o barulho, ia tendo um ataque de coração quando viu os seus três filhos, e logo Catarina ainda tão pequenina, debruçados daquela altura. Silenciosamente, para não os assustar e precipitar alguma queda, aproximou-se por trás e prendeu Joana e Catarina com as duas mãos, gritando a Teodósio:

- Filho, que loucura é esta? E onde estão as vossas amas?

Mas Teodósio nem a deixou acabar:

- Mãe, o pai é rei de Portugal. Ganhámos aos espanhóis.

- Ganhámos, filho? Isso não é maneira de falar e lembra-te sempre que a tua mãe é andaluza - apressou-se a dizer Luísa, cheia de medo que a Restauração não estivesse segura e a família ainda tivesse de pagar por aquilo que aos olhos de Filipe seria sempre uma traição. Mais valia agarrar-se aos seus costados, como bóia de salvação.

- Mãe, a mãe é rainha - exclamou Teodósio. E virando as costas à multidão, com a elegância que só ele tinha, ajoelhou-se e beijou-lhe a mão.

Depois levantou-se e procurou com os olhos o pai. Mas João tinha saído da sala ao aviso da chegada dos conjurados, e já estava noutra a assistir a

uma cena semelhante. Mal entrara para cumprimentar as suas visitas, ambas lhe fizeram a vénia mais solene que alguém jamais lhe tinha feito, e D. Pedro, estendendo a mão para a sua, trouxe-a aos lábios e beijou-a:

- Sua Alteza!

João gostou do que ouviu. A partir de agora teria de decidir. Decidir, sabia-o bem, tinha sempre custos, e era por não conseguir distanciar-se dos sentimentos dos que ficavam a perder que lhe custava tanto optar. Mas Luísa estaria ao seu lado. Luísa, Teodósio, Joana e Catarina, no fundo eram essas as únicas pessoas que lhe importavam realmente. Teria de partir no dia seguinte para Lisboa, com a consciência clara de que ser rei de Portugal implicava começar uma guerra contra Espanha, uma guerra dura e difícil. Que Deus estivesse com ele, um homem de paz.

9

Paço de Vila Viçosa, 18 de Dezembro de 1640

Catarina era pequenina de mais para saber explicar por palavras o que sentira ao deixar Vila Viçosa, mas percebia perfeitamente que o humor daqueles que lhe eram mais próximos se alterava a cada dois segundos. Ora a deixavam mexer em tudo e a encorajavam a lançar brinquedos para dentro da grande arca onde todos os objectos do seu quarto estavam a ser armazenados, ora se zangavam, furiosos, porque decidira galgar para dentro dela para recuperar a boneca que, pensando bem, preferia levar ao colo.

Ouvia falar em partir, deixar tudo, ir embora, e isso assustava-a. As criaditas choravam pelos cantos, mas a ama parecia entusiasmada com a ideia de abalar para Lisboa, a grande cidade, onde a água já corria em torneiras e havia bailes e festas. A ama contava-lhe, enquanto se sentava com ela ao colo para lhe dar a sopa de legumes, que o Natal naquele ano iria ser numa casa ainda maior do que o seu querido Paço de Vila Viçosa, frente a um terreiro imenso, onde toros de madeira ardiam noites a fio, ainda mais noites do que os da Igreja da Misericórdia.

Joana também lhe contava muitas coisas. Dizia-lhe que o pai era rei e as duas eram princesas, ou melhor, «infantas», explicou, frisando sempre, com um sorriso de orgulho, que ela era um bocadinho mais princesa do que Catarina, porque era mais velha. Teodósio, se por acaso ouvia a conversa, endireitava-se todo e explicava que importante, importante era ele, porque era príncipe herdeiro, já que o pai já fora aclamado rei no dia 15 de Dezembro, em Lisboa. Catarina recordava-se de nesse dia ter sido vestida a rigor, num vestido adamascado e pesado, uma gola de rendas, em tudo igual ao de Joana e à jaqueta do irmão, para que todos assistissem a uma missa solene na capela do Paço de Vila Viçosa, rezada pelo deão, e a que toda a gente da casa, do mais importante ao mais humilde dos serviçais, tinha assistido. Depois da bênção final, as vozes tinham-se levantado em coro para um «Viva D. João IV de Portugal.»

Era hora de partir. Naquela sexta-feira, bem cedo de manhã, o nevoeiro ainda cobria a paisagem, enregelando os ossos por dentro e fazendo desaparecer da vista os campos verdes, os rebanhos de ovelhas, os cavalos a pastar e até as laranjeiras. Apesar do frio, o povo juntara--se no terreiro, em redor das carruagens engalanadas e prontas frente à porta principal, enquanto as carroças que levavam as arcas recheadas com tudo o que Luísa achara «essencial» ainda estavam a ser carregadas nos portões da cozinha e das entradas secundárias.

Luísa desceu as escadas, com as duas princesas pela mão e Teodósio com a sua nova armadura vestida a rigor (nem as explicações da mãe de que viajar assim por três ou mais dias seria desconfortável o tinham demovido de se vestir como um soldado pronto a lutar contra o inimigo).

A família foi acolhida com uma ovação imensa - os «seus» duques transformados em família real eram uma alegria que o povo de Vila Viçosa tinha de festejar. Os guardas, no entanto, estavam nervosos. Sabiam que a notícia da aclamação do duque já chegara há muito a Madrid e temiam que algum assassino a soldo castelhano atentasse contra a vida da rainha, ou das filhas, mas, sobretudo, contra a do herdeiro. Quando perceberam que D. Teodósio se preparava para ir montado, o nervosismo cresceu e o capitão da guarda chegou-se à janela da carruagem, pedindo a D. Luísa que fizesse o favor de ordenar que o príncipe viajasse numa das carruagens fechadas, seguindo assim mais protegido.

Luísa sentiu um súbito aperto no coração. Que ingenuidade a sua, levada pelo entusiasmo das multidões esquecera o que o militar percebera de imediato, que o príncipe herdeiro passara a ser um alvo a abater, nestes tempos que prometiam ser da maior instabilidade política. Mas convencer Teodósio a perder a emoção de cavalgar entre as pessoas, de ser aclamado pelas gentes do seu Alentejo, parecia-lhe tarefa impossível.

Sorriu para o militar, agradeceu-lhe o seu cuidado, mas foi firme quando explicou que naquele dia não tiraria esse prazer ao filho. No dia seguinte, ou talvez depois da recepção em casa dos marqueses de Ferreira, em Montemor, convencê-lo-ia a resguardar-se, explicando--lhe que era a Pátria que lhe pedia esse sacrifício. O militar baixou a cabeça em respeito, prometeu-lhe que escoltaria a criança pessoalmente e afastou-se, com a certeza de que, se o rei fosse contagiado com a determinação da sua

rainha, talvez os Filipes não voltassem, de facto, a dominar Portugal.

Luísa olhou pela janela, julgando que ia ver Teodósio subir para o seu alazão preferido, mas para seu espanto deu com ele a medir a fachada a passos, para em seguida vir a correr até à sua janela e exclamar:

- Mãe, Joana, Catarina, fixem isto para sempre: a fachada do nosso paço mede 450 pés dos meus. Aposto que não há nenhum no mundo maior do que o nosso!

Estranhamente, Catarina lembrar-se-ia daquela cena para sempre. Talvez porque a emoção que rodeava todo aquele momento tivesse tornado a sua memória tão permeável, tudo se gravou nela a ferro e fogo. Era princesa, filha de reis, e nascera numa casa com uma frente de 450 pés de Teodósio, medida pelo seu adorado irmão. Da vida nunca esperaria menos.

10

Vendas Novas, 24 e 25 de Dezembro de 1640

Catarina tinha pouca experiência de natais, mas durante os últimos meses tinha ouvido incessantemente Joana, e até Teodósio, falar sobre os presentes, o Presépio, e percebia, pelo ar amuado de Joana, que este ano tudo isso não ia acontecer.

Sentia-se moída, cansada e farta de estar há dias e dias enfiada numa carruagem, sem que a deixassem correr à vontade. Mesmo a mãe, a quem toda a gente se dirigia agora por Sua Alteza, e Teodósio a tratavam com uma rispidez pouco habitual: «Pára-me com esses pés, Catarina, não vês que os teus sapatos magoam as pernas de quem vai à tua frente.» Bolas, nem os pés podia mexer.

- Presentes, mãe? - perguntou Catarina, com uma voz sedutora, porque, para dizer a verdade, se o Presépio ainda não lhe dizia grande coisa, presentes sabia perfeitamente o que era, e começava a sentir a falta de pelo menos um...

Luísa sorriu, um sorriso triste. Que difícil era trocar o conhecido pelo desconhecido. Nunca se imaginara a passar a noite da Consoada numa casa que não a sua, separada do marido, de quem só tinha recebido uma breve carta, onde a chamava com urgência a Lisboa, incumbindo-a de trazer o que pudesse, porque o Paço da Ribeira estava tristemente mobilado. De facto, apetecia-lhe perguntar o mesmo a João. Onde estavam os presentes? Luísa ficara assustada: que palácio de reis era aquele, que tinha menor riqueza do que um paço perdido no Alentejo? Depois, lembrou-se de que há 60 anos que a Ribeira não era habitada por reis portugueses e que, apesar de algumas obras feitas pelos monarcas espanhóis, pelo menos nos últimos anos tudo tinha sido deixado à gestão da duquesa de Mântua, com os cordões da bolsa fortemente apertados pelo poder castelhano. Agora, Luísa levava as carroças carregadas com o tesouro dos Bragança, e depressa trataria de torná-lo um paço à altura de todos os outros paços europeus!

Consolava-a, no entanto, a notícia da glória com que João fora aclamado solenemente. Tinham-lhe contado como haviam construído uma imensa varanda contígua ao palácio só para a ocasião e como os nobres portugueses em peso se apresentaram, para lhe prestarem a devida vassalagem. Pela primeira vez içaram a nova bandeira, a bandeira da Restauração, que substituía a dos Filipes, queimada em enormes fogueiras em todos os adros das igrejas.

Estavam lá todos os membros do recém-criado Conselho de Guerra, um dos primeiros conselhos nomeados por João, com dez experientes militares, que tinham a árdua tarefa de preparar a defesa, um juiz e um secretário, responsáveis por gerir a defesa do reino contra Castela e as divergências entre os nobres que se tinham aliado ao novo rei e aqueles que continuavam ligados a Filipe, e de quem se poderia esperar uma traição.

Estava, afinal, tudo por fazer, num reino que há 60 anos não tinha um exército próprio, ou que pelo menos o deixara chegar a um estado miserável, sem ordem nem comando.

Havia muito que fazer, e os nobres acorriam ao paço ansiosos por preencher os lugares vagos, desejosos de deixar bem claro o «lado» em que se colocavam. Luísa era obrigada a reconhecer que o marido não era um homem que se comprasse com lisonja ou que necessitasse de adulação: quem não quisesse estar com ele teria de ter a coragem de lho dizer na cara e sofrer as consequências. João via mais longe e o que o preocupava era a reacção violenta do primo Filipe, que já começara a atacar todas as fronteiras, felizmente apenas com as escassas tropas que não lutavam em Barcelona, e de que forma iria ele, agora rei de Portugal, angariar fundos para sustentar a defesa do território. Os cofres do Estado estavam vazios - a estrutura financeira tinha sido pensada para reverter para Espanha e era preciso vencer esses obstáculos e outros tantos. Acima de tudo, Luísa sabia que o que lhe tiraria o sono era a imensa responsabilidade que sentia por tudo e por todos. O horror de ter assumido um posto para o qual não estivesse preparado. Não podia desiludir os que tinham apostado nele. Era esse o seu pesadelo, suspirou a mulher, e no suspiro sentia-se o seu próprio medo de que João não fosse, de facto, capaz de segurar o poder com o pulso-de-ferro que a situação exigia.

Por enquanto, e apesar das dissidências, contava com o apoio da Igreja e de grande parte da nobreza. Sabia também que João iria precisar dos seus constantes conselhos, do seu apoio e da sua força - e mesmo que não precisasse, sorriu num instante de autocrítica, dar--lhos-ia na mesma.

Naquela manhã de 25 de Dezembro, que nascera gelada mas transparente, iluminada por um sol radioso e um azul como nunca vira, Luísa chamou os filhos ao quarto para lhes desejar um feliz Natal e lhes pendurar ao pescoço um fio com uma medalha de Nossa Senhora da Conceição. Até Catarina pressentiu a solenidade do acto. Luísa, olhando cada um deles nos olhos, e ajoelhando-se para ver os negros faróis da sua filha mais pequenina, disse-lhes a todos, com a sua voz mais determinada:

- Vão ser tratados como príncipes, rodeados de gente que vos quererá fazer todas as vontades, mas não se esqueçam de que os príncipes e os reis só servem a Deus.

Partiram, logo cedo, para a Aldeia Galega.

- O pai, Catarina, o pai vai estar à nossa espera - sussurrou-lhe Joana ao ouvido, enquanto se tentava soltar da mão férrea da sua ama Carminho.

- Presentes, o pai dá presentes? Agora? - perguntou Catarina, sorridente, virando-se para a irmã, cheia de esperança. - Presentes para mim e para o bebé? - insistiu, mostrando a Joana a boneca de porcelana que não deixara nem por um segundo desde que partira de casa.

Joana sorriu:

- Hoje não sei, Catarina, é o Natal mais estranho que alguma vez tivemos.

Esperava que Carminho encorajasse a ideia de que, no final daqueles dias de viagem, um enorme embrulho as esperaria nas mãos do pai, mas a ama nem teve tempo de responder. O som de trombetas irrompeu pelas janelas da carruagem e Teodósio deu um salto até à janela que dava para o rio Tejo:

- É o bergantim real. É o pai, é o pai!

A carruagem estacou e, antes que a mãe o pudesse conter, Teodósio

precipitou-se pela porta fora, seguido de Joana. Luísa pegou em Catarina ao colo, penteou-lhe os caracóis e virou-a para a janela:

- Vês, Catarina, vamos naquele barco, com o pai, para Lisboa.

Catarina nunca vira tanta água junta, e o reflexo das árvores e dos juncos encandeavam-na. Um rio, disse-lhe a ama. Um rio chamado Tejo...

Catarina juraria, anos e anos mais tarde, que aquela imagem se fixara para sempre na sua cabeça. Um rio, chamado Tejo. Um pai que era rei. Uma mãe que seria para ela a maior rainha de todas. Um irmão príncipe herdeiro, uma irmã e princesa, um bocadinho mais do que ela, e ela, Catarina, que só queria era ser a princesinha de todos, e não crescer nunca. Ah! Era preciso não esquecer, uma princesa nascida num paço com 450 pés de comprimento, como não havia outro igual em todo o mundo, de certezinha absoluta.

Ao colo da ama, a boneca presa com força contra o peito, entrou no barco para depois desembarcar no cais da Casa da Índia, em Lisboa, entre aplausos e gritos de gente, tanta gente como nunca vira, que dava «vivas» ao pai e à mãe, de senhoras gordas, que a beijavam nas bochechas tão reconchudas quanto as delas, furando todos os cordões de segurança que os guardas do rei tentavam criar em redor da nova família real. Após 60 anos de Filipes, o povo de Lisboa não podia perder este dia memorável por nada deste mundo. O primeiro rei da dinastia de Bragança ocupava o trono de Portugal. Se Filipe assim o quisesse, suspirava João, enquanto tentava impedir a multidão de atropelar a rainha, que descia a custo da carruagem.

Durante segundos, Luísa desejou com todas as forças que a sua mãezinha a estivesse a ver lá do Céu.

11

Cortes em Lisboa, 28 de janeiro de 1641

Quando tudo fora desempacotado das arcas e colocado nos sítios, Catarina dera um suspiro de contentamento. Agora sim, esta casa estranha parecia de novo a sua.

Mas o Paço da Ribeira só era semelhante ao de Vila Viçosa para uma criança pequenina, que continuava a viver dentro dos seus aposentos, como depressa foi descobrindo à medida que os irmãos a arrastavam para conhecer salas desconhecidas ou a desafiavam a escorregar de pantufas pelos longos corredores de quadrados de mármore pretos e brancos.

Teodósio fora aquele que sofrera uma mudança mais radical no seu dia-a-dia, obrigado a responder perante uma mão-cheia de tutores que o pai já lhe tinha destinado. Mas Teodósio adorava mudanças e aventuras, não tinha nem um grãozinho dos temores do rei, seu pai, e sonhava com o dia em que o deixariam partir para uma qualquer fronteira, de espada em punho, para defender o reino contra aqueles que não conhecia e a quem nem tinha dificuldade nenhuma em chamar de inimigos.

A pressão das atenções e das expectativas que todos pareciam depositar nele só o deixava ligeiramente nervoso, porque lhe transmitiam a impressão de que o pai poderia desaparecer de um momento para o outro, como acontecera com o seu tio Duarte, que quisera voltar para estar perto do irmão aclamado rei, mas que Filipe de Espanha mandara cruelmente prender como retaliação contra o «usurpador» João.

Para dizer a verdade, o que mais lhe custara fora habituar-se ao mau cheiro que penetrava até pelas frinchas da janela e ao barulho constante que de dia e de noite parecia encher as ruas. Mas tinha compensações: as aulas eram lá em cima, na torre mandada construir por Filipe II, sobre o rio, e abrindo as janelas de par em par, mesmo nos dias frios de Inverno, o vento norte trazia um cheiro de maresia, de um mar que diziam tão próximo mas que ainda não tivera oportunidade de ver. Um mar que sabia

ter sido a porta de partida para descobertas de outros mundos, a porta que agora era preciso vigiar com todos os olhos, porque o inimigo tentaria franqueá-la, ou pelo menos impedir que os barcos que chegavam do Brasil e da índia desembarcassem em Lisboa com as suas mercadorias preciosas, que constituíam a única esperança de financiar a «guerra da Restauração», como ouvira os conjurados chamar-lhe.

Além do mais, percebera que a escolha do Paço da Ribeira, pelo menos deste lado do paço, não era pacífica entre o pai e a mãe. D. Luísa ficara desiludida com o palácio vazio e sem qualquer esplendor, mas o marido fizera questão de que fosse aquele, porque o Paço da Ribeira era o paço dos reis, e era fundamental que a família Bragança assumisse, de cabeça erguida, a sua continuidade, defendendo a sua legitimidade para assumir o trono. João concordava, no entanto, que o palácio precisava de obras, e Teodósio e Joana riram com o ar arrogante com que a mãe dissera «E de tudo o resto!», para logo de seguida ordenar a um secretário que a mobília, os quadros e as tapeçarias que haviam ficado para trás em Vila Viçosa fossem imediatamente empacotados e trazidos para Lisboa. Para depois rematar ao marido estupefacto:

- O rei de Portugal não pode receber ninguém neste paço decrépito até que tudo esteja pronto!

12

Paço da Ribeira, 28 de Abril de 1641

A notícia chegou à corte rapidamente - naquele próprio dia desembarcara em Peniche, vindo da Baía, o padre António Vieira, o jesuíta cujos sermões já há muito tinham ressoado no paço. Vinha em missão, acompanhado do filho do governador do Brasil, para apresentar ao novo rei o apoio da colónia.

Ao jantar, António Vieira foi tema de conversa. Como sempre, João desconfiava de tudo o que era novo, pessoas incluídas: seria mesmo tão leal como diziam, valeria a pena ouvir mais alguém, quando já havia tantos conselheiros para opinar, mas Luísa e Teodósio, fascinados há muito pelos relatos de coragem e inteligência do padre da Companhia de Jesus, insistiam. Era preciso não esquecer, recordava Luísa de Gusmão, que o senhor padre conhecia, e ao que parecia tinha aí pulso forte, o território que mais podia contribuir para encher os cofres delapidados do reino, e que já tinham obrigado a uma sangria da riqueza pessoal dos Bragança.

Teodósio, que lera alguns dos seus escritos e sabia quase de cor o sermão do Dia de Reis, em que António Vieira exprimia a sua lealdade à Restauração, sonhava mesmo que aquele que pescava homens, tal como pescava peixes, conseguisse conquistar o coração do pai, incitá-lo a uma contra-ofensiva mais forte contra os espanhóis e, quem sabe, que Deus era grande, torná-lo tutor do príncipe!

A impaciência da rainha e do príncipe bem foi posta à prova, porque João, teimoso quando queria, marcou uma audiência com a comitiva chegada do Brasil apenas para dia 3 de Maio. Foi a primeira vez que D. João IV de Portugal e o padre António Vieira se viram cara a cara, e a empatia foi imediata.

João, no final de horas de conversa, mandou chamar a rainha e o príncipe herdeiro e, apresentando, com orgulho, o seu filho mais velho, insistiu:

- Padre, o príncipe pede insistentemente para ter a honra de receber lições suas...

António Vieira gostou do que viu: o príncipe erguia a cabeça alto e encarava-o directamente, com os seus olhos cinzento-esverdeados que revelavam uma inteligência invulgar. Mais ainda, deixavam perceber uma grande generosidade e, meu Deus, que raro era encontrá--lo, sentido de humor!

Correspondeu ao pedido com uma vénia, que repetiu a D. Luísa, mas bem menos inclinada, e na sua voz baixa, mas segura, sem sombra de subserviência, respondeu:

- Se Sua Majestade concordar, começamos amanhã!

13

Paço da Ribeira, 21 de Agosto de 1643

Espanha, Espanha, Espanha, Espanha, ou Castela, como a mãe preferia dizer, orgulhosa do seu sangue andaluz. Não lhe importava que nome lhe davam, mas sentada ao lado do padre António Vieira, obrigada a contemplar o mapa e a dizer os nomes e as cidades mais importantes, Catarina não conseguia despegar a atenção daquele quadrado gigante, que da parede parecia olhá-la como se estivesse vivo.

Pequenina para os seus quase cinco anos, os cabelos a cada dia mais negros a caírem-lhe sobre os ombros, e as bochechas sempre rosadas, dando a impressão de estarem ligadas aos olhos por fios invisíveis, já que sempre que estes brilhavam de fúria ou alegria, as maçãs do rosto tornavam-se igualmente incandescentes. Catarina tinha raiva de ambos os sinais exteriores que a impediam de esconder os seus sentimentos, mesmo dos seus piores inimigos. Agora, encavalitada num banquinho, para conseguir apontar com o dedo os locais que António Vieira lhe solicitava que indicasse, sentia, de novo, que os seus sentimentos estavam expostos, prontos a serem usados e abusados por quem o quisesse fazer.

Bateu com o pé, zangada, e ia caindo do banco se a mão de Teodósio não a segurasse:

- Catarina, estás maluca? Achas que é altura de dançares em cima de um banco?

O padre António Vieira atirou a cabeça para trás e riu:

- Infanta, a fúria é com quem?

Catarina olhou-o a direito, e numa voz surpreendentemente suave, Consigo controlar a voz, pensou para consigo, satisfeita, respondeu serenamente:

- Na raiva que me mete Espanha, Castela, como a mãe quer que os filhos

digam. Não me lembro de mim sem me lembrar dessa gente, que não sossega enquanto não fecharem na mão o nosso reino. Até tentaram matar o senhor meu pai, padre, só porque querem ter o que não é deles!

Teodósio levantou-se e bateu-lhe palmas. Era uma alma gémea da irmã: rápido na generosidade e na fúria. Joana manteve-se sentada e calada, sentia-se sempre ligeiramente de fora deste par, que, apesar da diferença de idades, comungava uma sintonia que a desesperava.

António Vieira estava divertido. Tinha imenso prazer em ensinar o príncipe, um aluno brilhante e interessado, mesmo o tipo de discípulo de que precisava para esgrimir com ele as suas ideias, e não podia fingir que não se orgulhava de sentir que, mais do que a mãe ou o pai da criança, era ele que estruturava, por dentro e por fora, aquele que seria o rei de Portugal. Um rei a sério, confiava o padre, porque Teodósio era inteligente e rápido como a mãe, com a generosidade e a ponderação do pai.

Acreditava, sem modéstia (que, pensando bem, não era o seu forte), que Vieira e Teodósio de Bragança iriam ficar para a História, e talvez mudar de vez o rumo desta nação sempre tão frágil e dependente.

Mas hoje o dia era especial, e isso divertia-o: as aias das infantas, e até o autêntico dragão que era a mestra, tinham sido chamadas ao serviço da rainha D. Luísa, e ele oferecera-se para dar as aulas da manhã a Joana e a Catarina. Agora, a fúria de Catarina e a força com que se expressava francamente deliciavam-no: eram de boa cepa, estes príncipes.

- Infanta, e como é que princesa acabava com esta guerra que, estou plenamente de acordo consigo, dura para lá do razoável?

- Eu sei, eu sei - disse logo Teodósio, com o dedo no ar.

Mas António Vieira apontou para a infanta, que continuava encavalitada no banco, encostada ao mapa:

- Padre, eu pegava nas casas, nas jóias, nos coches, até nas roupas de todos os portugueses, e mandava-os de forquilhas, facas e pistolas para as nossas fronteiras, e matava todos os espanhóis que cá quisessem entrar. Só não vendia os barcos, porque precisávamos deles para defender a nossa costa...

Joana não aguentou mais fingir que não ouvia nada, e deu uma gargalhada:

- Os portugueses de ceroulas a lutarem contra os castelhanos de armadura. Catarina, ainda bem que não tens o Ministério da Defesa a teu cargo...

Catarina desceu devagarinho do banco, sentou-se numa cadeirinha baixa, e os olhos brilhavam tanto que se percebia que continha as lágrimas com esforço. Era difícil defender as suas posições perante manos tão mais velhos e mais espertos. Já com oito anos, e muito mais alta do que ela, Joana parecia a mãe, sabia tudo, e era tão, tão bonita, sem dentes espetados à coelho como os dela, e Teodósio, com dez, ainda por cima príncipe herdeiro de Portugal, o menino querido do pai e da mãe, era imbatível. Sabia que se o irmão se risse dela, como Joana fizera, sairia disparada por aquela porta, correria pelas escadas abaixo, atravessaria o corredor imenso sem parar e desceria à fonte do jardim dos Buxos, para se esconder atrás dos arbustos. Mas nem Teodósio nem o padre António Vieira se riram, ou melhor, não se riram para fora, porque acima de tudo não a queriam magoar. Em lugar disso, António Vieira passou-lhe a mão pelo cabelo e comentou:

- Se todos fossem tão generosos como a infanta, tenho a certeza de que esta guerra já estava ganha.

Teodósio, pegando no fio à meada, protestou:

- Somos tão poucos e mesmo assim os nobres dividem-se, cheios de medo de que se D. Filipe voltar a invadir Portugal, os pendure num pelourinho. Preferem jogar pelo seguro, dando uma no cravo e outra na ferradura.

Joana, já envolvida na discussão, não resistiu:

- O pai é bom de mais para eles. Para todos eles. Se o pai lhes tirasse as terras e os mandasse alistarem-se no exército de Castela, percebiam logo que tinham de escolher...

- O pai não é mau! - gritou Catarina, enfurecida.

Não se lembrava de ouvir falar senão desta guerra, era verdade, mas

parecia que todos se deleitavam em pôr em causa a capacidade de D. João IV, rei de Portugal, lhe pôr um fim. Já bastavam os comentários da mãe e das damas e das aias e, às vezes, mesmo de Teodósio.

- O padre António Vieira conhece bem o meu pai, sabe que ele não tem medo de nada, não gosta é de ser injusto - continuou Catarina, virando-se para o jesuíta à espera de apoio.

- Que disparate, infanta, o seu pai é rei de Portugal, um homem sensato, generoso, forte quando tem de o ser, mas não segue impulsos só por seguir. Sabe bem que não pode brincar com a vida das pessoas que dependem dele...

- Vês, Joana - disse Catarina em desafio.

António Vieira ficou subitamente aliviado quando as crianças se distraíram com o som dos sinos que repicavam por toda a cidade. Esquecidas de Espanha, do mapa e das desavenças, precipitaram-se para as janelas do torreão:

- Toca o sino da sé - comentou Teodósio.

- E o de Santos - corroborou Joana.

- Tocam todos ao mesmo tempo, mas não é de medo, é de alegria - constatou Catarina, maravilhada.

O calor seco de Lisboa permitia que o som vindo de todos os campanários desaguasse no Paço da Ribeira, como se fosse esse o seu destino final.

A porta abriu-se e D. Mariana de Lencastre, a aia das princesas, entrou e exclamou:

- Infantes, Deus seja louvado, nasceu o vosso irmão. É um varão, e está de saúde.

António Vieira benzeu-se, mas, estranhamente, as crianças sentaram-se e ficaram em silêncio. Olhando-lhes para as caras, era impossível entender o que sentiam.

D. Mariana dobrou os joelhos e ao nível dos mais pequeninos sossegou-os, convencida de que temiam pela mãe:

- A rainha está bem. Foi um parto fácil, o bebé é pequeno, o primeiro infante nascido no Paço da Ribeira.

- O primeiro que nasce já infante, filho de um rei e não apenas filho de um duque, num paço longínquo de Lisboa - resmungou Joana.

D. Mariana lançou um olhar de súplica a António Vieira: o que sucedera a estas crianças, sempre tão expansivas? Nem sequer perguntavam o nome do irmão; será que D. Luísa escondera tão bem a sua gravidez, nos seus puritanismos que a dama achava excessivos (mas quem era ela para a criticar, a sua rainha!), que a levavam a envergonhar-se desse símbolo exterior de uma vida amorosa íntima, de tal forma que os próprios filhos haviam ficado espantados com a notícia?

- O pai já sabe? - perguntou Teodósio, retomando a compostura.

D. Mariana suspirou de alívio, as crianças pareciam regressar à normalidade, e fez questão de responder numa voz leve e descontraída:

- Sim, D. Teodósio, Sua Majestade esteve sempre no quarto ao lado, de joelhos dobrados em oração, e já viu o infantezinho...

- Como é que se vai chamar? - perguntou Catarina, seguindo o exemplo do irmão.

- Devem ser os vossos pais a dizer-vos o nome que escolheram para o infante. O rei mandou que lavassem as mãos e descessem comigo para ver a rainha e o bebé...

Catarina deu um salto e estendeu a mão à aia, e Teodósio, subitamente solidário com Joana, estendeu-lhe a sua. Em fila indiana desceram as escadas de mármore.

Virando-se para observar o rio, com as mãos atrás das costas, António Vieira ficou de olhos no infinito. Sabia bem porque é que as crianças tinham reagido assim, e tinha pena. Semanas antes, percebera que os infantes haviam escutado uma discussão enraivecida entre o rei e a rainha.

Pensando bem, fora tão violenta e tão invulgar que não era possível que ninguém na Ribeira e arredores não a tivesse ouvido.

D. Luísa acabara de saber, por uma daquelas almas hipocritamente bondosas, que se escudam na falsa lealdade apenas para ferir o coração dos outros, que uma outra mulher em Lisboa dera à luz uma filha do rei, a que fora dado o nome de Maria. Confrontado com o facto, o rei não negara, nem por um segundo, a paternidade da criança, e, com aquela sinceridade quase ingénua que lhe era própria, recusara qualquer insinuação de que a «criatura», como lhe chamava a rainha, fosse uma vulgar mulher da rua, ansiosa por gerar o filho de um rei, para daí tirar dividendos económicos e políticos. Para espanto de quem espiava a discussão por detrás de portas, a voz serena do rei não podia deixar de provocar admiração. Não, não «descartara» a criança, nem se fingira de «usado», e era sobretudo essa sua atitude, quase apaixonada, que enlouquecia a rainha.

Grávida, a barriga empinada, batera com a porta e saíra da sala de cabeça erguida, mas as aias e as criadas comentaram, entre si, que D. Luísa chorara dias a fio, fechada no quarto, sem ver ninguém; pela primeira vez na vida desinteressada do governo do país, dos problemas da nação, ou mesmo dos filhos. Teodósio, Joana e Catarina sabiam que era assim porque, como cachorrinhos assustados, tinham permanecido junto da porta dos seus aposentos, de onde chegavam soluços de cortar o coração. Absolutamente impotentes, recordou, com um suspiro, António Vieira, enquanto coçava a barba rala. Sabiam que tinham uma nova irmã, que o pai fora infiel à mãe e que o irmão agora nascido era como que um sucedâneo da tal Maria, que D. João com tanto orgulho favorecia. Ainda por cima, pensou Vieira, o bebé era varão, e Teodósio, por muito soalheira que fosse a sua disposição, sentir-se-ia naturalmente ameaçado, pelo menos um bocadinho, até que a criança passasse a olhá-lo como o irmão mais velho e herói, altura em que, o padre tinha a certeza, o príncipe lhe daria toda a atenção e cuidado.

D. Mariana levava os infantes aos pais, mas o seu coração também ia pesado. Entendia bem o sofrimento de D. Luísa. João nunca fora como os outros, nunca tirara os olhos dela (e dos filhos e da música), nunca cedera a seduções, nem aos joguinhos das damas da corte (que além do mais temiam as represálias da rainha), e, por tudo isso, o facto de ser pai de uma criança nascida fora do casamento não podia deixar de ser um

choque terrível. De facto, Luísa vacilava entre o desgosto e o desejo de vingança: como se atreviam a desafiar a filha e a irmã do duque de Medina-Sidónia, rainha de Portugal?

Infelizmente, não fora possível poupar as crianças a estas cenas, e os segredos, muito menos os de alcova, como estava farta de saber, nunca se mantinham guardados... Por muito que a Sua Senhora desejasse resguardar as princesinhas da realidade, não conseguia, nem podia, evitar que aprendessem os caminhos do mundo.

Talvez até fosse melhor assim, dissera-lhe na altura o padre António Vieira. Porque ambos acreditavam que o futuro das infantas, se a dinastia de Bragança sobrevivesse a esta guerra da Restauração, seria casar e viajar para longe. Ambos sabiam, António Vieira melhor do que ninguém, que a corte portuguesa era modesta - e bem controlada pela rainha -, mas as de França ou de Inglaterra, para onde inevitavelmente estavam destinadas as infantas, pouco mais eram, na opinião do jesuíta, secundado pela dama, do que bordéis de luxo. Joana e Catarina, insistia o padre, não podiam ser educadas numa campânula de vidro, precisavam de aprender a defender-se da maldade, da inveja e das armadilhas velhacas, da mesma forma que os príncipes aprendiam a manejar uma espada. Mas D. Luísa opunha-se, como se as quisesse proteger de tudo e de todos.

Mas hoje nascera mais um infante da Casa de Bragança, e os sinos repicavam. O povo sabia, como o sabiam António Vieira e Mariana, que a vida de um príncipe, mesmo de um príncipe tão saudável e talentoso como D. Teodósio, se podia apagar de um dia para o outro, e era preciso mais descendentes homens, que pudessem mostrar aos Filipes que do lado de cá da fronteira havia outros herdeiros prontos a assumir o trono de Portugal. Portugueses, em nome dos portugueses.



O quarto estava escuro, as cortinas de veludo verde-garrafa corridas, para afastar o calor e a doença. Catarina fez menção de não entrar, mas D. Mariana empurrou-a devagarinho, explicando-lhe que a mãe preferia estar à luz das velas, porque ter um filho cansava muito e não dormira toda a noite.

Joana e Teodósio, de mãos ainda dadas, aproximaram-se da cama da mãe com cuidado, mas mal Luísa os viu, estendeu-lhes os braços e apertou-os contra si, comovida.

- Filhos meus, que Deus seja louvado, que bom é ver-vos todos aqui, junto de mim e de vosso pai...

As crianças viraram em simultâneo a cabeça para um canto escuro, onde João se escondia na penumbra, com um embrulho branco entre os braços.

Não sabiam o que fazer. Mas a mãe, percebendo o dilema, incentivou-as, queria que tudo voltasse à normalidade, queria pôr a infidelidade do marido para trás das costas e desejava que os seus filhos fizessem o mesmo.

- O pai tem o bebé nos braços, vão vê-lo. Não se parece muito com nenhum de vocês os três - rematou, como se lhes quisesse dizer que nenhum outro seria tão amado como eles.

Catarina quebrou o gelo, precipitando-se para o pai mal percebeu que Teodósio a autorizava a fazê-lo: o rei sentou-se num banco baixo e descobriu o bebé, mostrando-lhe como tinha umas mãos perfeitas, uns dedinhos compridos e umas unhas tão moles que se podiam cortar com os dentes, explicou-lhe rindo. Os irmãos aproximaram-se, devagar, e Teodósio aceitou-o dos braços do pai, enquanto D. João se debruçava para apanhar a sua «mourinha» ao colo e encher as bochechas de Catarina de pequenas mordidelas que a faziam rir às bandeiras despregadas.

Joana foi a primeira a perguntar:

- Já decidiram como lhe vão chamar?

- Afonso - responderam mãe e pai em coro.

António Vieira, que entrava pela porta com a cruz da igreja do paço para benzer o menino, foi a tempo de ver como o rosto de Teodósio se contorceu por milésimos de segundos.

Afonso, da dinastia de Bragança, como Afonso Henriques, fundador de Portugal. Era lógica e poderosa a escolha e, no entanto, inevitavelmente

dolorosa para o menino que nascera filho de um duque de Bragança, chamado Teodósio, como os seus antepassados de Casa, mas que agora era apenas Teodósio, pretendente ao trono de Portugal.

António Vieira abençoou o bebé, rodeado pelos irmãos, como num círculo protector, sob o olhar comovido de Luísa e João, mas, tendo pousado Afonsinho no berço, virou-se para o seu aluno e disse-lhe:

- D. Teodósio, o futuro rei de Portugal, o primeiro Teodósio que a História de Portugal há-de conhecer, não pode dar o nascimento de um irmãozinho como pretexto para fazer gazeta ao trabalho. Vamos, que se faz tarde.

A cara de Teodósio incendiou-se de um imenso sorriso, e até a pequenina Catarina percebeu tudo. O olhar de agradecimento que trocou com o padre, que havia de determinar tanta coisa no seu futuro, foi um dos muitos que perduraria no coração de ambos.

14

Paço da Ribeira, 12 de Setembro de 1643

O pai estava a atravessar um Verão difícil, pensou Catarina sentada no banco de pedra da janela que dava para o terreiro principal. Aos poucos sentia que era capaz de traduzir por palavras aquilo que via em redor, os sentimentos que não cabiam dentro de si, ou apenas as paisagens e os lugares que mais a tocavam. Com um lápis de carvão na mão, estava naquele «posto» precisamente porque decidira tentar desenhar o terreiro frente ao paço. Chegava-lhe à janela o barulho das gentes que atravessavam aquele espaço, de lá para cá, umas com sacos às costas ou canastras à cabeça, as outras vestidas a rigor, a jaqueta de seda de cores berrantes em contraste com o veludo fino das calças, cobertas por botas brilhantes ou polainas, montando cavalos lindos, escovados e de fitas coloridas atadas às patas; «como se fossem soquetes», disse alto, rindo sozinha. Mas eram os vestidos das senhoras da nobreza, pondo um pé cuidadoso de fora das suas carruagens para aceder a uma das portas do paço ou de algum dos outros palácios do terreiro, que mais a fascinavam. Já percebera, depois de sérias investigações, que variavam conforme a hora do dia, tal qual as damas da sua mãe, mas tinham um arrojo que as senhoras que serviam D. Luísa não ostentavam. Percebera que D. Mariana e as suas aias e guardiãs olhavam para as vestimentas destas damas sem conseguir esconder a inveja, fechadas até ao pescoço nos trajes modestos e recatados que os monarcas que serviam achavam adequados à religião que professavam e ao momento que viviam.

Ainda na véspera, quando entrara na salinha onde as aias bordavam, vira-as esconder, aflitas com a sua presença, uma daquelas «folhas» que já reparara que passavam clandestinamente entre si. Mais tarde, aproveitou a distracção de uma para a roubar à socapa e a olhar com cuidado quando a ama já estava convencida de que dormia. Joana percebera pela luz da vela que estava acordada e saltara para a sua cama. Com a ajuda da irmã, que lia muito melhor, tinha decifrado o que lá vinha escrito: alguém fazia troça do pai, até aí era fácil de entender. O rei e o seu governo, segundo dizia, tinham mandado publicar uma lei, com figurinos e tudo, dos trajes

que cada classe deveria usar, fazendo uma diatribe contra o dinheiro gasto em luxos, quando o Estado ameaçava a bancarrota e era preciso manter os soldados nas fronteiras e o exército alimentado e calçado.

Catarina tinha jurado naquela noite nunca mais olhar para os vestidos das senhoras que desobedeciam às ordens dos pais, mas agora ali estava, sem conseguir resistir, a contemplá-los ao longe, roída de inveja por não os poder usar. Será que o pai tinha razão, perguntara à mãe, num dos raros dias em que D. Luísa conseguira fugir a conselhos e reuniões e viera almoçar com as infantas à sala de estudo. D. Luísa garantiu-lhe que sim, e franziu o sobrolho, como que zangada por a filha se ter atrevido sequer a pôr em causa uma medida do rei, seu pai. Catarina baixou os olhos e brincou com a comida no prato, enquanto ouvia da rainha sua mãe um discurso sobre as virtudes da modéstia.

- Porventura, Catarina, a Virgem das Candeias, que te salvou a vida, estava vestida de decote indecoroso, ou mostrava os braços ao mundo, sem recato pelo corpo, filha minha?

Catarina sentiu os olhos picar de lágrimas - morria de medo com a ideia de desagradar à mãe - e acenou que não com a cabeça, sem tirar os olhos da vianda que ia espalhando sem comer.

Joana respondera directamente à mãe, e Catarina ficara como sempre dividida entre a inveja da coragem da irmã e a revolta por se atrever a desafiar a rainha:

- Pois eu acho ridículo fazer leis com figurinos e tudo a dizer às pessoas como se devem vestir. Ainda me lembro de uma página do Evangelho lida por frei Pedro em que Nosso Senhor Jesus Cristo dizia que Madalena fazia bem em lavar-lhe os pés com óleos, porque pobres haveria sempre. Além disso, as senhoras vão continuar a seguir os modelos de Paris, pouco se ralando com uma guerra que está lá longe, em fronteiras que nunca viram.

O «Basta, Joana» pronunciado com todo o sotaque castelhano fora suficiente para calar a irmã, mas a verdade, verdadinha, é que ao olhar para o Terreiro do Paço Catarina tinha de admitir que Joana tinha razão: a lei do pai parecia absolutamente ignorada por todas aquelas senhoras, que se exibiam umas às outras, mostrando o que de melhor os maridos lhes podiam oferecer.

- E os amantes! - sussurrou Joana, que chegara sorrateiramente perto dela e lhe lera os pensamentos, o que no caso de Catarina não era difícil.

Catarina tapou a boca com a mão, chocada. «Amantes», não tinha bem ideia do que a palavra realmente significava, mas já percebera que eram homens que davam presentes a mulheres pouco sérias.

- É isso, não é, Joana? A mãe não tem amantes, pois não?

Foi a vez de Joana lhe tapar a boca com as duas mãos, com tanta força que a mais pequena gritou de dor:

- Estúpida, claro que não! A mãe é rainha. E eu e tu nunca os vamos ter, porque somos princesas e vamos casar com homens muito importantes que nos tratarão tão bem, tão bem, que nunca pensaremos em mais ninguém senão neles, e nos filhos que lhes havemos de dar.

Joana estava já sentada no mesmo banco de pedra que a irmã, que escondera apressadamente o diário nos bolsos do bibe que usava durante a semana, antes de às cinco da tarde se vestirem para descer aos salões.

- Vamos casar, Joana? Mas não quero que te vás embora de perto de mim, nunca, e nunca, mas nunca mesmo quero deixar-te a ti, à mãe, ao pai, ao Teodósio, e até ao Afonso, coitadinho... - declarava Catarina, entre o desafio de um futuro de aventura e o conforto da realidade que conhecia.

- Eu quero casar depressa - declarou Joana, os braços cruzados sobre o peito em desafio perante o olhar preocupado de Catarina.

- Não és feliz aqui?

- Claro que sou, mas quero mais. Quero sair deste terreiro.

- Joana, promete-me que antes de casares, antes de te ires embora para junto do teu marido e dos teus filhos...

- Catarina, eu não vou para junto dos meus filhos quando casar... És tão tonta - disse-lhe a irmã, enquanto lhe afagava o cabelo tão farto como o seu. - Os filhos sou eu que os vou ter, como a mãe te teve a ti e ao Afonso...

Catarina ignorou o comentário, não estava agora interessada em ir por aquele caminho, e continuou como se não tivesse sido interrompida:

- O que quero, Joana, é que me prometas que antes de deixares Portugal vais comigo a Vila Viçosa, vamos as duas, e tu contas-me a história de cada objecto, de cada tapete, de cada quadro, e mostras--me a minha cama, e a tua, e todos os sítios onde brincávamos juntas. Tenho saudades daqueles tempos.

Joana olhou para o Tejo, que, com a força da nortada que se levantara, batia com força contra as muralhas que defendiam o terreiro da água, e que nos dias de Inverno eram galgadas pelas ondas daquele que lhes parecia então um verdadeiro mar em fúria.

- Não sei como é que atravessamos este rio e fazemos todo o caminho até lá, mas talvez Teodósio nos ajude a cumprir a tua promessa. Nem imaginas que saudades tenho de Vila Viçosa, da Estrela e da Arminda, que me mimavam como nunca mais ninguém me mimou - desabafou Joana, a voz embargada pela saudade.

- Prometes, então?

- Prometo, Catarina, se for possível vamos até lá... dizemos à mãe que não posso partir de Portugal sem uma romaria a Nossa Senhora da Conceição e acho que ela arranja maneira, a mãe arranja sempre.

- A mãe arranja maneira, é certo, mas o pai compreende melhor que lá tenhas de ir, é a casa dele, a casa onde ele nasceu, e se queres que te diga, Joana, não acho que ele seja muito feliz aqui.

Catarina não se enganava. João, rodeado constantemente dos seus conselheiros, sentia-se afogado em papéis, queixas, protestos, pedidos, e desesperava-o a sensação de que, por muitas horas que se empenhasse no trabalho, nunca conseguia chegar ao fim do dia com a sensação de missão cumprida. Nem o monte de papéis diminuía, nem os seus súbditos, conselheiros, e todos os outros pareciam satisfeitos. Faltava sempre alguma coisa e por muito que esticasse o tempo, e abrisse os cordões a uma bolsa vazia, havia sempre alguém a vir dar--lhe nota de mais um barco que fora ao fundo vítima da pirataria dos holandeses, um novo território ocupado, e, pior do que tudo, mais uma terra alentejana

conquistada, depois do esforço enorme para içar nas ameias da torre de menagem da terra a sua bandeira.

A sua bandeira, as primeiras palavras que dizia hoje com prazer, pensou. Não conseguia esconder o orgulho quando a via oscilar ao vento: branca, com a esfera armilar ao centro, e a barra azul que a debruava, símbolo de que o seu reino, esta terra de que era rei, estava entregue a Nossa Senhora. Era sua só por desígnio do Senhor e enquanto ele e a Virgem decidissem que merecia a confiança que nele tinham depositado.

Para o povo que a via içada, em lugar da bandeira dos Filipes, representava a liberdade após 60 anos de domínio castelhano e a necessidade de continuar aquela guerra longa e cansativa para levar os vizinhos a desistir de vez da sua pretensão de domínio. Porque era o seu primo Filipe tão casmurro e incapaz de saldar à mesa das negociações a contenda que já há três longos anos se arrastava?

Nesses três anos João tinha-se dedicado totalmente à família e ao seu reino, na consciência pesava-lhe apenas a amante, que do fundo do coração acreditava ter sido uma indiscrição que valera a pena e que tinha tido como fruto a pequena Maria. João cedeu à promessa feita ao seu confessor de esconder o fruto da sua infidelidade do resto do mundo mas nunca, nem sob as pressões de Medina-Sidónia, quebraria a promessa feita a si mesmo e à sua amante de que a filha de ambos seria tratada como filha do rei. Quanto à mãe da sua filha, guardara em segredo o seu nome, mas sabia que Luísa já descobrira que tomara ordens e se passara a chamar Maria de São João Baptista. Comovia-se, ainda hoje, que mesmo naquela escolha tivesse desejado incluir o seu nome, ou tinha, pelo menos, a veleidade de acreditar que era por isso que ela escolhera aquele santo...

15

Cortes em Lisboa, final de 1645

O seu quarto era por cima da salinha privada dos pais, as ripas do soalho servindo apenas como um biombo ilusório, porque acreditava que a luz e as vozes passavam com ainda mais clareza do que se estivessem no mesmo quarto. Quando a voz de Luísa ou de João se levantava, Catarina ficava muito quieta e concentrada, e depressa se sentia a par de todos os segredos. Fora o que acontecera na véspera.

- Precisamos de casá-las com França ou Inglaterra, porque o apoio desses reinos é fundamental - insistia o pai.

- Mas não é fácil. Enquanto o Santo Padre se recusar a reconhecer-te como rei de um Portugal independente, enquanto o teu primo Filipe e a Igreja espanhola conseguirem puxar todos os cordelinhos e mais alguns em Roma, não sei como pensas obter tal milagre - vociferava Luísa.

- Por isso mesmo, se o rei de Inglaterra e Luís de França as aceitarem como esposas, estão imediatamente a legitimar a realeza dos Bragança e serão os primeiros a pressionar o Papa para que rompa as ligações com Filipe - respondera João.

- Tendo em conta a situação que se vive em Inglaterra, deveríamos virar baterias para França, e contudo talvez fosse uma aposta com visão para Catarina. Tem apenas sete anos, há tempo para que Carlos retome o trono - comentava a sua mãe.

Catarina remexera-se na cama, num misto de excitação e medo. Um dia ia partir para longe do pai, da mãe e dos manos, para casar com um homem que não conhecia? E se fosse um velho horrível, ou sem escrúpulos, servidor do diabo... Não queria pensar nisso, preferia mil vezes imaginar que seria galante e alto, de olhos verdes e cabelos fartos, e a trataria com tanto carinho e atenção como o pai tratava a mãe. Talvez Joana e ela pudessem casar com irmãos, ou primos, e ver os seus filhos crescer juntos, mas não, provavelmente tal nunca iria acontecer, porque os

pais procurariam jogar os seus trunfos em dois tabuleiros diferentes.

Mas como é que falavam de a mandar para longe, quando até as visitas a Sintra e ao Castelo de Leiria tinham sumido no tempo, desde os dois atentados à vida do pai que haviam deixado a família Bragança e os capitães da sua guarda tão assustados? O assassínio do rei há tão pouco tempo aclamado representaria um banho de sangue certo, num país tão dividido e cujas fronteiras continuavam sob ataque.



Desde o primeiro dia em que partiram de manhã cedo para o Convento de Alcântara, que D. Luísa decidira que as duas filhas deveriam frequentar alguns dias por semana, Catarina não continha a excitação. Tudo lhe parecia absolutamente novo, os cheiros, mesmo os de sarjeta a céu aberto, o das especiarias que se espalhavam à beira-rio, a maresia trazida pelo vento, tudo, mas mesmo tudo, lhe parecia extraordinariamente bonito.

O convento era imenso e lindo. Os arcos dos seus claustros, as fontes de onde brotava sempre água, traziam-lhe de volta as memórias, melhor dito, as impressões, dos dois primeiros anos da sua vida.

Mas sentiu uma repugnância imensa pelo hábito das irmãs, sobretudo pelo cabelo cortado, que escondiam sob faixas, por baixo de um lenço apertado junto da cabeça. A sua Virgem de Mourão, de que tinha uma pequenina imagem na mesa-de-cabeceira, tinha fartos cabelos pretos que desciam abaixo dos ombros, e das suas orelhas pendiam maravilhosos brincos de prata. Se assim era, porque é que as irmãs e a abadessa escondiam os seus? Se fosse pecado, teria a sua Virgem, a da Conceição também, assim como todas as outras que as criadas vindas do Alentejo tantas vezes lhe mostravam, que parecia haver uma devoção por cabeça, revelado assim o seu cabelo? Deus gostava de coisas bonitas, porque senão teria feito os seus filhos carecas, explicava ela à madre abadessa, que a ouvia procurando esconder o seu divertimento. Cautelosa, no entanto, mandou-a fazer a pergunta a D. Luísa, quando nessa tarde regressasse a casa.

Catarina nisso saía à mãe: não era criança de se distrair de uma ideia

fixa e no primeiro momento em que encontrou Luísa, à saída de mais um Conselho de Guerra, lançou-lhe de chofre a questão:

- Mãezinha, sou mais nova do que a Joana, mas também vou casar com um príncipe, não vou? E mesmo que nenhum me queira, não preciso de ir para freira, pois não? Não é por isso que ordenou que fosse ao Convento de Alcântara ter lições, pois não?

Luísa sorriu, divertida:

- Tantas perguntas, hija minha. O que é que te assustou, para vires nesse estado?

- Não quero ficar longe da mãe e dos manos, e do pai. Mas mais, mais do que tudo - dizia Catarina -, não queria que me cortassem os cabelos e obrigassem os cabelinhos que restassem a ficar escondidos por baixo daqueles véus!

Luísa sentia-se dividida. Também ela admirava os cabelos da filha, mas a vaidade era um perigo. Por isso respondeu com uma severidade que genuinamente não sentia:

- Cortam o cabelo para deixarem de ser vaidosas. O cabelo atrai a atenção dos homens, é uma fonte de tentação, não é para estar à vista, caído sobre os ombros, como essas mulheres de vida fácil agora o usam...

Catarina queria protestar, dar o exemplo da sua Senhora das Candeias, mas percebeu que não era o momento certo para o fazer e achou por bem virar os olhos para o chão, numa tentativa de humildade que talvez sossegasse - e encurtasse - o sermão da mãe.

Mas Luísa estava entusiasmada com o discurso:

- Se me voltas a dizer que não gostavas de ser freira porque és demasiado vaidosa para esconderes o teu corpo debaixo de um hábito, talvez eu e o teu pai tomemos mesmo a decisão de te mandar para o convento...

Ao ouvir esta afirmação, Catarina perdeu subitamente a sua habitual serenidade e, batendo com o pé, furiosa, num daqueles seus raros mas

inflamados acessos de raiva, levantou o rosto para a mãe e ripostou, como nunca o fizera antes:

- Isso não é verdade, porque a minha Senhora de Mourão tem os cabelos fartos e caídos sobre os ombros, e não é nenhuma dessas mulheres de que a senhora minha mãe fala. Tenho sete anos e vou ao convento aprender com a madre tudo o que a madre tiver para me ensinar, mas quero casar-me e ter muitos filhos. Mãe, e no meu cabelo vou mandar sempre eu, e só eu, e será sempre como o da Senhora das Candeias!

Luísa sentiu a mão mover-se para esbofetear a filha, mas a entrada de Teodósio foi providencial. Alto para os seus 12 anos, com a armadura brilhante e a espada pendurada à cintura, príncipe de um Brasil que nunca vira, mas que António Vieira já lhe pintara com tanto detalhe, que era como se lá tivesse estado, herdeiro do reino de Portugal, parara estarrecido perante a fúria da rainha. Quando percebeu que era Catarina que a provocava, teve uma súbita vontade de rir: será que a ovelhinha mansa virara negra? Olhou a mãe, a cabeça de lado como se a observasse: seria possível que se preparasse para espezinhar na filha o lado Medina-Sidónia de que tanto se orgulhava?

Sabendo de antemão que a sua voz teria o condão de desfazer a ira materna, exclamou:

- Então, a nossa ovelhinha passou um único dia fora de casa, e já tresmalhou?

- Querem cortar-me o cabelo, mano - lamentou-se Catarina numa vozinha melodramática.

Antes que Luísa pudesse protestar, já o rapaz tirara a espada do cinto e, ajoelhando-se junto de Catarina, exclamava alto e a bom som, como se declamasse um juramento:

- Eu, Teodósio, príncipe de todos os reinos, juro decapitar de um só golpe quem se atrever a tocar num cabelo de minha irmã Catarina.

Passando da fúria ao riso, Catarina fez-lhe uma vénia trocista e no mesmo tom respondeu:

- Meu senhor, aceitai o meu cabelo como dádiva eterna. Case, ou jure votos, uma tesoura só cortará estes meus caracóis se D. Teodósio, meu querido irmão, assim o ordenar.

Rindo, atiraram-se num movimento simultâneo para cima do inconfortável sofá que uma prima de D. Luísa lhe enviara de Madrid, apesar de todas as hostilidades entre os dois reinos.

- Mãe, este sofá é horrível - protestou entre gargalhadas Teodósio, enquanto a mãe virava as costas aos seus dois filhos. Para que não a vissem sorrir.

Na manhã seguinte, como em tantas outras que se lhe haviam de seguir, Catarina voltou a partir num coche para o convento. Mas sabia que não tinha nascido para estar entre aquelas mulheres que escondiam o cabelo.

16

Paço de Vila Viçosa, 25 de Março de 1646

Catarina e os irmãos não continham a excitação, nem os raspanetes dos seus mestres conseguiam calá-los. Naquela carruagem que saía de Lisboa rumo a Vila Viçosa, em peregrinação ao santuário da Virgem na sua terra natal, o entusiasmo era demasiado grande para ceder a protocolos.

Há muito que o pai prometera deixá-los vir, mas fora só nas Cortes de há uns meses que concretizara o desejo de proclamar a Senhora da Conceição padroeira de Portugal, jurando que tanto ele como os seus sucessores lhe dariam o tributo anual de 50 cruzados em ouro. Anunciara também que a partir daquele dia nunca mais usaria a coroa, que deporia aos pés da imagem que venerava desde criança, a imagem em pedra de Ançã de uma senhora linda, segundo rezava a lenda trazida de Inglaterra por Nuno Álvares Pereira, que para ela construíra uma ermida em Vila Viçosa.

D. João, explicara-lhes frei Pedro, tornava oficial uma devoção antiga e que se expandira pelo país inteiro, e era por isso que a carruagem com as armas dos duques de Bragança, agora as da família real, era acolhida com entusiasmo pelas gentes que há muito tempo não tinham memória de haver acontecimento digno de celebrar.

D. João, provocara a euforia da família, permitindo, até que enfim, pensava Teodósio, que fossem mais cedo para o paço. O rei apenas assistiria à cerimónia em Vila Viçosa, a primeira com direito a verdadeira pompa e circunstância, e que decidiu assinalar mandando cunhar moedas de ouro e de prata com a Virgem em cima da lua, de um lado, e, do outro, as palavras que iriam passar a ser esculpidas nos pórticos das igrejas por Portugal inteiro, «Tutelaris Regina», que, explicou Joana a Catarina, num tom condescendente de irmã mais velha, queria dizer «Protectora do Reino».

- Mas, mana, nem o pai, nem o Teodósio, nem o filho do Teodósio podem voltar a pôr a coroa na cabeça? - perguntava, desiludida, Catarina.

- Não, nunca mais. O pai declarou que no nosso reino só a Virgem tem direito a usar coroa.

- Deu a dele? E deu a dela à Senhora? - perguntou, com dificuldade em esconder a sua desilusão, a mais nova.

- Deu a dele, que não era dele, era dos reis de Portugal, que foram reis antes do nosso pai, e seria dos que viriam depois.

- Teodósio, não te importas? Quando fores aclamado rei, com a capa de veludo encarnado do pai e a tua melhor armadura, não vais ter pena de não usar a coroa?

Teodósio, no fundo, no fundo, ficara triste com o gesto altruísta do pai, que preferia que tivesse ficado restringido ao reinado de D. João IV, mas nunca o poderia confessar. Olhando para fora da janela, e procurando o tom mais displicente possível, respondeu, irritado:

- És mesmo criança! É claro que quero aquilo que o pai quer. Em Portugal, acima de nós só Deus Nosso Senhor e sua mãe. Não achas mais do que justo que seja ela a usar a coroa, porque é dela que emana todo o poder que possuímos, o poder para usar a defender o reino e só enquanto nos quiserem manter no lugar...

- Porque a qualquer momento vos podem levar para o Céu? - disse, com a sua franqueza genuína, a princesinha.

Foi com essas e outras perguntas que Catarina se encostou ao ombro do irmão e adormeceu, mas foi com os gritos histéricos de Joana que acordou e reviu o paço que a tinha visto nascer.

Catarina não podia jurar que se lembrava do paço, pelo menos como Joana ou Teodósio se lembravam, mas na verdade conhecia-o de cor, porque era sempre o palco das aventuras dos seus manos, era o sítio onde tudo tinha começado, incluindo a sua vida. Decididamente, não queria ficar atrás do entusiasmo que até via na mãe. Respirou o ar de Vila Viçosa, que assumiu como seu, deu a mão a Teodósio e a Joana e correram como loucos, percorrendo cada centímetro da casa e dos jardins, ouvindo descrições que já conhecia de cor mas às quais Catarina podia dar agora mais definição e cor.

As camas estavam quentes, as lareiras acesas nos quartos, e tudo parecia exactamente como se ainda ontem tivesse deixado o seu paço, a sua casa de verdade, pensava Luísa, enquanto tentava em vão que alguém fosse sossegar os gritos estridentes das crianças.

Naquela noite, enquanto adormecia ao som dos pássaros que cantavam nas árvores mais próximas, o cheiro das frésias a entrarem-lhe pela janela, Catarina sentiu que embora não se lembrasse de nada, se lembrava de tudo. Escondida debaixo dos lençóis, tinha com ela a estatuazinha da Senhora de Mourão, que passara a esconder com mais cuidado, agora que a família toda parecia ainda mais devotada a Nossa Senhora da Conceição e esquecida de que fora a «outra» que lhe salvara a vida. A «outra» - Catarina zangou-se pela milionésima vez consigo mesma. Quantas vezes frei Pedro lhe havia explicado que Nossa Senhora era só uma, a mãe de Jesus, a da Ave-Maria que todas as noites rezava antes de dormir. Mas então, então, pensava Catarina apesar das recomendações, então, porque é que a tinham mandado a Mourão em peregrinação, se a de Vila Viçosa fazia o mesmo efeito, e estava ali ao lado? A ama Carminho, que estava tão contente como as crianças por voltar à sua terra natal, passou pelo quarto para ver se a infanta estava deitada e tapada, que à noite o frio ainda cortava naquelas terras do Alentejo. Tão serena a sua princesa, que o futuro a poupasse a todos os sofrimentos, pensou, passando-lhe suavemente a mão pelo cabelo. Ao lado da almofada deixou-lhe uma enorme e suculenta laranja.

Catarina não conseguia descrever tudo o que acontecera durante aquele dia, cheio de protocolos e missas intermináveis, procissões e tanto povo na rua, ansioso por tocar no pai, mas também na mãe, como se confiassem mais em Luísa de Gusmão para os livrar da pobreza do que na Santa.

Aqueles dias serviriam como um balão de oxigénio na sua vida, e sempre que estava triste, angustiada, ou sem saber o que fazer, Catarina fechava os olhos e imaginava, de novo, a fachada de Vila Viçosa, as laranjeiras, e Teodósio, sempre Teodósio, o seu rosto sorridente, a medir a fachada a passos. Na sua caixa de jóias, que havia de acompanhá-la sempre, lá estava a moeda de ouro, com o rosto do pai de um lado, e do outro a imagem da Senhora da Conceição, protectora do reino de Portugal. A sua moeda.

17

Paço da Ribeira, 24 de Outubro de 1646

Afonso adorava-a. Era ela, de longe, a mais paciente dos três irmãos, aquela que o visitava no quarto de brinquedos e o via crescer. O infante festejara três anos em Agosto e era tingido nas cores de Teodósio, os caracóis ainda mais loiros, num contraste gritante com as «suas mulheres andaluzes», como dizia o pai a brincar. A mãe desconfiava que a infanta se sentia mais feliz nos aposentos das crianças, com as criadas de Vila Viçosa e o ambiente descontraído das amas, do que nos salões, onde D. Mariana lhe corrigia as maneiras a todos os minutos, a mestra lhe dava ordens e a obrigava a sentar-se quieta e sossegada a bordar a ponto de cruz mais um pano de sacristia. Luísa fechava os olhos às fugas da filha, porque afinal só fazia oito anos no mês seguinte, e já bastava o ambiente opressivo e triste daquele palácio, onde a corte era obrigada a uma vida modesta e enfadonha por força da convicção de João, que assegurava que tinha de dar o exemplo a um país faminto e carregado de impostos. Maldita guerra, que Portugal nem ganhava, nem perdia, pensava Luísa, desesperada.

Naquele dia, Catarina construía com Afonso uma enorme torre de cubos de madeira que um dos criados trouxera de uma carpintaria próxima da Ribeira, quando de repente o irmão caiu prostrado no chão, baba branca a escorrer-lhe pela boca, os cubos espalhados sobre o seu corpo. Catarina pôs as mãos na cabeça, a princípio assustada e sem perceber o que acontecera, no minuto seguinte correndo para o pequenino Afonso, procurando sentá-lo ao colo. A ama ouviu os seus gritos e veio a correr, tão estarrecida como Catarina. Em seguida surgiram as criadas, de imediato enviadas a chamar o médico e a rainha.

- Carminho, Carminho, o que é que o Afonso tem? - perguntava, com voz trémula, Catarina, apavorada com o corpo em espasmos do irmão mais novo.

Carminho, supersticiosa, acenava com a cabeça como um boneco, dizia que não sabia, e guardava para si a certeza de que o Mal lhe entrara no

corpo, aquela espuma branca como já vira a um menino na sua aldeia, e que só o senhor padre exorcizara. Discretamente, para que a infanta não percebesse nada, mandou a criadinha que acabara de entrar ao serviço chamar frei Pedro à capela. Frei Pedro saberia melhor o que fazer do que o médico ou o cirurgião, estava certa disso.

Deitaram Afonso na sua cama de madeira clara de cerejeira, taparam-no com um cobertor quente, e Catarina deixou-lhe a mão carinhosamente pousada na testa, que se mantinha fria e sem sinais de febre.

D. Luísa estava fora, um escudeiro já partira a cavalo à sua procura, mas D. Mariana chegara ao quarto antes de qualquer outra pessoa. Catarina só largou o irmão quando frei Pedro lhe colocou serenamente as mãos nos ombros e lhe disse numa voz firme:

- Não pode aqui ficar, D. Catarina. Não sabemos o que tem Afonso e não podemos colocar em risco os infantes deste reino. A sua mãe nunca nos perdoaria.

- Mas, frei Pedro, promete que o trata como me tratou a mim? Eu era tão pequenina como ele, não era? - implorou Catarina.

- Eu e o doutor Figueiredo vamos descobrir o que o infante tem, tratá-lo e curá-lo, se essa for a vontade de Deus - respondeu, benzendo--se, frei Pedro.

A vontade de Deus? - Carminho olhou a sua menina a deixar o quarto e benzeu-se, sussurrando baixinho ao ouvido do frade que tantas vezes a ajudara a tomar conta dos seus infantezinhos doentes:

- Ou do Diabo, frei Pedro...

- Mulher, qual Diabo!? Esta é uma casa temente a Deus. O que o infante tem é doença, não é maldição, não te esqueças de o lembrar na copa, nas cozinhas, nas cavalariças e em todo o lado onde a história for contada, já sabes como as pessoas são. Deus há-de protegê-lo, porque o desgosto de perder este varão prejudicaria o reino inteiro. É preciso que a Casa de Bragança tenha descendentes saudáveis, herdeiros do trono.

- Ai, vire essa boca para lá, frade, que o menino Teodósio há-de ser rei

de Portugal, e acredite que quando aquele menino subir ao trono não haverá castelhanos que lhe resistam - animou-se Maria do Carmo, trazendo um sorriso triste aos lábios do frade:

- Os caminhos de Deus nem sempre são aqueles que traçamos por cá...

Mas Carminho estava, por agora, demasiado ocupada a ajudar o doutor Figueiredo a destapar Afonso, para que lhe observasse a pele nas virilhas e debaixo dos braços, que a peste continuava a ser um perigo a temer. Os tremores pareciam ter parado, e Afonso abria de novo os olhos azuis tão claros. A sua idade tornava impossível que percebesse o que se passava em seu redor. Choramingou, balbuciando o nome da ama e da irmã, e Carminho deu-lhe a mão, mas foi só a entrada pé ante pé de Catarina que o sossegou. Sem pedir licença a ninguém, aproximou-se da cama de Afonso e colocou-lhe na mesa-de-cabeceira a sua preciosa imagem da Senhora de Mourão.

- Frei Pedro, se a Virgem me curou a mim, porque não há-de fazer o mesmo milagre pelo Afonso? - justificou-se, tentando explicar a causa da sua desobediência manifestada neste regresso clandestino.

Recordando-se de que ainda há tão poucos meses Portugal fora consagrado a Nossa Senhora da Conceição, acrescentou, ofegante:

- Frei Pedro, frei Pedro, a Virgem de Vila Viçosa deve estar distraída, lembre-a, lembre-a de que este é o filho mais pequenino do rei que lhe deu a coroa. Acha que ela se esqueceu? - insistiu com aquele timbre na voz só dela, simultaneamente suave e determinado, como um sino de um campanário.

Vendo que Afonso estava acordado, deu-lhe um beijo rápido na testa e desapareceu antes que alguém se lembrasse de que tinha sido expressamente proibida de passar da soleira da porta.

Mas Afonso não se ia curar como Catarina.

Nessa noite, na salinha privada, e sob o olhar atento de Catarina, que lá em cima, no seu quarto, se tinha deitado no chão a olhar pelo espaço entre as tábuas, frei Pedro e o doutor Figueiredo procuraram explicar aos pais, ainda em estado de choque, o que acontecera tão repentinamente ao filho:

- Não sabemos bem o que é, mas chamamos-lhe mal hemiplégico. É uma infecção que afecta o interior da cabeça e mexe com os movimentos...

D. Luísa marchava de um lado para o outro do quarto, as mãos por vezes escondiam-lhe a cara, quando temia que os olhos denunciassem as lágrimas com que se tinham enchido:

- Não vai ficar bem, portanto?

- Não, não vai ficar bem... Vai ter dificuldades a andar, e com alguns movimentos.

João estava sentado num banco, e os dedos passavam nervosamente as páginas da Bíblia:

- E de cabeça, senhor doutor? O meu filho vai sofrer algum atraso? - soluçou.

Luísa soltou um grito estridente, e Catarina tapou os ouvidos com as mãos: não, não queria ouvir isto, não queria ficar a saber que o seu irmão seria como aqueles pobres aleijados que via nas ruas ou que iam pedir comida à porta da cozinha do convento, a língua a entaramelar as palavras, incapazes de se explicarem, os deserdados do mundo, que ninguém queria.

Mas Luísa ouviu o que o doutor Figueiredo tinha para dizer:

- É cedo de mais para saber. Temos de o vigiar, perceber se estes ataques se repetem, tentar perceber se consegue aprender a falar e se desenvolve as competências que todas as crianças desenvolvem...

O silêncio caiu pesado na sala, e Catarina voltou para a cama a tremer de frio e, aconchegando-se entre os seus cobertores, jurou à sua Virgem que se a Senhora intercedesse por Afonso junto de Deus Pai ela faria a sua parte e todos os dias iria ao quarto de brinquedos fazer torres de cubos com Afonso e ensinar-lhe tudo o que o irmãozinho fosse capaz de aprender. Porque é que o padre António Vieira partira de novo para o Brasil, porquê logo agora?

As lágrimas ensopavam-lhe a almofada, quando ouviu a porta do quarto abrir-se silenciosamente. Contra a luz que vinha de fora viu o vulto de

Teodósio - acabara de chegar a casa e de receber a notícia, mas o valido do rei não o deixara entrar na salinha dos pais.

Catarina sentou-se de um pulo na cama, a cara inchada de chorar, e chamou-o, estendendo-lhe a mão:

- Teodósio, vem cá, por favor vem cá.

O irmão mais velho sentou-se ao seu lado na cama e ouviu a sua história, com todos os detalhes que a espionagem da irmã mais pequenina tinha conseguido recolher: abraçou-a com força e procurou consolá-la. Disse-lhe que os médicos se enganam, que Deus pode mais do que o saber dos homens, que António Vieira haveria de descobrir no Brasil um remédio para o mal, um remédio, onde as ervas faziam milagres, e acabou por lhe cantar uma canção de embalar, até que Catarina adormeceu.

Saindo do quarto sem fazer barulho para não a acordar, Teodósio decidiu passar pela capela. De joelhos frente ao Santíssimo, repetiu vezes sem conta a mesma frase:

- Meu Deus, faz com que tudo o que disse a Catarina se torne verdade.

18

Paço da Ribeira, Abril de 1647

No último ano Catarina fizera de Afonso a sua prioridade. Tomara o caso a peito, e a Senhora de Mourão ainda não fora resgatada da mesa-de-cabeceira do irmão pequenino: neste momento continuava a fazer-lhe mais falta a ele do que a ela.

A família continuava assustada, porque Afonso regredira no andar e em muitas outras coisas. Era preciso ajudá-lo a comer, a subir escadas, e por muito que se esforçasse a construir torres de cubos, ou a participar em quaisquer outros jogos, os resultados eram desastrosos. Mas quando o deixavam sozinho, entretinha-se com os colares de contas da ama, vestia e despia as bonecas da irmã e parecia reagir com inteligência aos comentários que lhe faziam.

- Joana, este nosso irmão pode não conseguir aprender o que lhe queremos ensinar, mas aprende tudo o resto - dizia Catarina à irmã, quando as duas tentavam desempenhar o papel de suas professoras.

- E as birras? Cá para mim - acrescentava Joana com imensa sensatez -, está é a ficar um menino mimado, porque ninguém o contraria, nem lhe diz que não, tal é o medo de que ele desate para aí num berreiro e venha de lá a mãe zangar-se. Deviam era pô-lo já sob as ordens de um preceptor, que a Carminho só faz aquilo que ele quer...

Frei Pedro tendia a concordar. Afonso ficara, sem dúvidas nenhumas, com sequelas provocadas pela doença, mas o humor variável parecia-lhe ser efeito de um ambiente demasiado condescendente. Ninguém duvidava que Afonso era diferente, mas frei Pedro não estava assim tão certo de que a diferença fosse causada unicamente pelo mal hemiplégico - sentia no miúdo uma revolta crescente, uma agressividade e uma violência que se não fossem controladas, enquanto não media mais de um palmo e meio, seriam impossíveis de dominar mais tarde.

Quem lidava com o segundo herdeiro ao trono de Portugal rezava com particular fervor para que o Pai do Céu guardasse D. Teodósio saudável e feliz. A alternativa era assustadora...

No dia em que Afonso não só atirou abaixo o castelo construído penosamente por Catarina como ainda lhe lançou à cara um dos cubos pesados, até a infanta se enfureceu. Pondo de lado o seu habitual feitio angelical, de menina que nunca haveria de bater nenhuma outra mulher em centímetros mas tinha uma presença tão forte que fazia esquecer o seu tamanho de boneca, gritou:

- Afonso, até me pedires desculpa, não volto a este quarto. - Mas «desculpa», tal como «obrigado», pareciam palavras que Afonso tinha uma obstinada dificuldade em aprender.

Sem o pretexto e a missão do quarto de brinquedos, Catarina não teve outro remédio senão voltar à costura junto das suas aias, e aos poucos habituou-se às suas conversas: amor, dinheiro e casamento eram, invariavelmente, os pontos preferidos ao ponto de cruz ou mesmo ao arraiolos, que D. Luísa introduzira na corte.

- Ouvi a minha tia a falar com D. Mariana. Estão a tentar casar--te com D. João da Áustria, filho bastardo do rei espanhol - sussurroulhe Maria do Rosário, uma das mais recentes aias que encontraram lugar na Casa da Rainha.

Catarina ainda não tinha mais do que oito anos e meio, mas estava mais do que habituada à ideia de que um dia lhe anunciariam um casamento estabelecido entre pais, embaixadores e governantes de outros países, mas da Áustria? Sempre ouvira falar em França e Inglaterra, e até mesmo em alguns reinos de Espanha, mas quem era o príncipe austríaco a quem tinha sido mostrada a sua imagem? O retrato, que ainda há umas semanas fora pintado, para que passasse de mão em mão, como um objecto precioso à procura de quem desse mais por ele.

Lembrava-se, com orgulho, de como usara o vestido de veludo preto, a gola imensa de renda transparente, de uma renda tão fina que a criada ao vesti-la garantira-lhe ser feita pela rainha das abelhas, as mangas em balão, com os pulsos apertados por botões de pedras pre ciosas, a cintura marcada por fios de prata e um arranjo de flores. O pior fora pentear-lhe

os cabelos fartos e que se emaranhavam, apesar da camomila, do leite e do limão com que os tinham enxaguado vezes sem conta. Custara-lhe imenso aguentar a cabeça direita e quieta, para que aquele «chapéu» excêntrico que, alguma costureira inventara certamente para a torturar, não lhe caísse da cabeça, assim como a romã encarnada que à última hora o próprio pintor lhe pendurara nos caracóis, como que a contrastar com as maçãs do seu rosto, sempre tão reluzentes como um fruto colhido de uma árvore. Mas se fora duro resistir direita horas a fio, como lhe mandava o pintor, que orgulho sentira quando vira o quadro, e toda a gente a elogiar--lhe os grandes olhos, as feições perfeitas, o ar de princesa de verdade. Com que então, o tal D. João já vira o retrato?

Sabia que não valia a pena correr até à mãe a perguntar-lhe nada, mas conhecia os seus poderes junto do pai. Quando as notas do cravo ecoassem nos corredores, encontraria maneira de chegar à sala da música e ao colo do pai, passando os dedos pelas teclas de marfim preto e branco. Havia de saber quem era este senhor, que idade tinha e o que queria...

A não ser que... claro, havia outra hipótese. Nessa tarde, decidiu esperar pelo pai no jardim dos buxos. Assim, quando chegasse do almoço, que acontecia muitas vezes em casa do marquês disto ou do conde daquilo, cruzar-se-ia com ele, como que por acaso, e tinha a certeza absoluta de que ele passearia consigo pela sombra das árvores, enquanto o calor da cidade de Lisboa levava os seus conselheiros ao prazer da sesta. Passeava-se entre os canteiros, debruçando-se para apanhar uma flor aqui e ali, quando ouviu o ruído dos cascos dos cavalos a galope contra as pedras da calçada. O coração começou a bater mais depressa, era fácil perceber pelo ritmo da cavalgada que tinha acontecido alguma coisa, e a sua suspeita foi confirmada quando o portão do pátio se abriu de par em par e viu um grupo de soldados montados a rodear o cavalo alazão do pai. E o pai, dobrado sobre si mesmo, parecia estar ferido.

Catarina correu para ele, em desespero, sem saber o que fazer, e estendeu-lhe uma das suas pequeninas mãos, e sentiu que a dele se apertava, quente, em redor da sua:

- Está vivo! - exclamou, enquanto o capitão da guarda a puxava gentilmente para o lado e desmontavam o rei, ajudando-o a erguer-se.

A bala só devia tê-lo atingido de raspão, dizia um, enquanto outro desapertava a casaca na ânsia de perceber se havia mais algum ferimento grave, e um terceiro gritava por uma liteira e um médico.

Catarina voltou a estender-lhe a mão, e desta vez o pai conseguiu sossegá-la, numa voz trémula:

- Não foi nada filha, não foi nada, vai para dentro, que estes homens já levam o pai para os seus aposentos.

Mas foi de mão dada com Catarina que Luísa, chamada a correr, o encontrou.

- Uma nova tentativa? - perguntou numa voz incisiva ao soldado que o transportava.

- Sim, Sua Majestade, quando subíamos a calçada para o castelo.

Luísa entregou Catarina a D. Mariana, que com o alvoroço viera ver o que se passava, e só então Catarina irrompeu em soluços, escondendo a cara na saia plissada da sua aia.

D. João não sofrera nenhum ferimento grave e esteve presente, na primeira fila, na Missa de Acção de Graças pela sua vida, que D. Luísa mandou que se rezasse em toda a cidade, e na capela do paço por maioria de razão. Ao lado do pai e da mãe, Teodósio, Joana e Catarina, vestidos com a roupa de ver a Deus, direitos e hirtos, agradeciam a Nossa Senhora da Conceição ter salvo, mais uma vez, o pai de um atentado.

Catarina e Joana perceberam o frenesim do irmão, que contrastava com a calma do pai, que parecia encarar a morte, suspeitava Luísa com desgosto, como uma forma de se ver livre de tanto peso, de tanta responsabilidade, que o deixavam a cada dia mais esgotado.

Nessa noite, Luísa ordenou que o jantar fosse de família, sem mais ninguém presente, e apesar dos protestos de Carminho, que temia que o menino Afonso atirasse com os talheres à cara de alguém ou se recusasse a comer a sopa, insistiu que naquele dia especial até Afonso teria de estar à mesa.

Catarina tinha os olhos ainda inchados de chorar, mas era como se de repente registasse tudo o que estava à sua volta e que parecia nunca ter visto antes. Como se tudo pudesse estar perdido já amanhã e lhe coubesse guardá-lo na memória para sempre. Deixou que a criada a vestisse de igual à irmã, um veludo cor de tijolo, as rendas e os laços, aguentou sem protestos até a escova no cabelo, aparentemente sem reacção, mas por dentro sentia uma intensidade frenética, como se um pincel se tivesse solto dentro de si e a enchesse de frescos por dentro, de retratos a tinta indelével, como palavras soletradas por alguém que começava a aprender a ler.

Quando entrou na sala de jantar privada dos reis estacou, paralisada. Queria lembrar-se de tudo o que via, da cara dos seus pais ao rosto sereno, de cabelos aloirados agora já pelos ombros, do seu querido Teodósio, dos caracóis e cara bonacheirona de Afonso, que podia ser tão bonito quando sorria, e a expressão sempre sensível e angustiada da sua querida Joana, que de tão próxima às vezes não sabia quase distinguir de si. Mas queria também decorar o feitio dos talheres, o desenho das loiças, a luz dos candelabros, e cada uma das lágrimas de diamante do enorme castiçal de cristal iluminado por mil velas que se recordava de já ter visto em Vila Viçosa.

O pai sentou uma filha de cada lado e a mãe fez a mesma coisa aos rapazes, e tentaram que a conversa fluísse normalmente, sobre isto e aquilo, como se naquele dia nada tivesse acontecido e não fossem a família alvo dos ódios de gente que não conheciam, mas que os conhecia a eles.

Luísa, angustiada, ergueu o copo à saúde do marido.

- Que Deus nos mantenha sempre unidos. A prova de que Ele quer que assim seja é que espero um novo filho.

João levantou-se e atravessou a sala para a abraçar, enquanto Afonso, odiando não ser o centro das atenções, aproveitava para partir uns copos até que a ama, escondida atrás do reposteiro, o resgatou. Os três irmãos estavam parados e estarrecidos.

- A mãe não é velha de mais para ter filhos? - murmurou Joana ao ouvido de Catarina, que encolheu os ombros como se a pergunta fosse completamente idiota.

- Se Deus lho mandou não deve ser - respondeu, citando depois Isabel e Zacarias do Evangelho, perante o olhar meio embaraçado de Teodósio, que francamente gostaria de ter sido poupado a estes assuntos que pareciam não lhe dizer respeito.

Nessa noite Joana dormiu na cama de Catarina, e as criadas fingiram que não viam nada, e mesmo D. Mariana se deitou no quarto ao lado, como se nada de estranho se passasse. Depois deste susto, deixara que as pequeninas se aconchegassem uma à outra, pensou a velha senhora.

19

Paço da Ribeira, 26 de Abril de 1648

Catarina lia o livro de orações no torreão dos Filipes, na sala de aulas de Teodósio, para onde hoje tivera o privilégio de ser convocada por um padre António Vieira há pouco regressado das suas embaixadas pela Europa, onde - sussurrava-se - fora tratar do casamento de Teodósio com uma tal mademoiselle de Montepensier, filha de Gastan de Orleans.

O príncipe andara nervoso na sua ausência, mas Catarina estava sempre a lembrá-lo da sorte que tinha:

- Já viste, a TUA mulher vai ter de vir viver para Lisboa, e tu ficas exactamente no mesmo sítio, rodeado por todos nós, pelos teus conselheiros e soldados. Pensa agora em mim e na Joana, atiradas para uma corte de estranhos...

Teodósio, então, respirava fundo:

- Tens razão, mana. Vamos gozar mas é os dias que temos, livres de compromissos, de mulheres e maridos. Queria era que me deixassem ir ter com os soldados...

Vieira voltara com a notícia de que os franceses não queriam nenhuma aliança com Portugal, e o sobrolho carregado dos reis contrastava com a animação das conversas entre os infantes à mesa, como se lhes tivessem tirado a todos um peso imenso de cima.

O padre, por seu lado, também estava com saudades das manhãs pacatas passadas com o seu príncipe no torreão. Convocara agora Catarina, convencendo D. Luísa a deixá-la faltar ao convento para conhecer os novos mapas que trouxera das viagens e pendurara nas paredes da sala de estudo. A infanta olhava-os, deliciada: aquelas aulas eram tão mais interessantes do que as suas rezas e as bisbilhotices sem fim lá do convento, além do mais entre senhoras que não mostravam o cabelo, pensou. Mas desta vez calou-se.

De repente, o repicar dos sinos - e os carrilhões da Sé não passavam despercebidos! - fê-la saltar da cadeira. Teodósio e o padre também levantaram as cabeças dobradas sobre o papel, e o irmão ia-se atirando do torreão na tentativa de ver o que provocava o sinal de alarme da cidade.

Mas a única coisa que se via eram as pessoas a virar os olhos para o paço e a benzerem-se. Tinham um ar feliz e não havia correrias nem debandadas dos comerciantes.

- O que é que eles sabem que eu não sei? - gritou Teodósio.

Joana entrou pela porta a tempo de lhe dar uma resposta:

- Teodósio, estás parvo, ainda cais da janela. A mãe deu à luz um bebé, e é só por isso que os sinos repicam, já devias estar farto de saber.

- E é só por isso... - retorquiu António Vieira a rir. - Princesa, não é este um momento de glória?

O grupo dos três trocou entre si um olhar significativo: «Pouco importava os que vinham depois. Afonso era um bebé, e até que chegasse à idade do entendimento, o que qualquer um dos três já teria conquistado, eles, os filhos de Vila Viçosa...»

António Vieira riu, divertido. Estes três irmãos, unidos pelo facto de serem filhos de um duque e não de um rei, gerados num paço familiar, que tinham passado os primeiros anos a correr atrás de ovelhas e a comer laranjas das árvores, iriam sempre encarar os recém-chegados como membros mais distantes da família, menos genuínos, talvez... Mas o tempo encarregar-se-ia de os aproximar e dividir, tantas vezes quanto as marés do rio que corria lá em baixo, suspirou o padre, enquanto os empurrava suavemente pelas escadas. Era preciso ir ver o bebé e a mãe, e Catarina como sempre é que o lembrou.

Quando chegaram aos aposentos de D. Luísa e o padre os guiou por entre a multidão de gente da casa que se reunia no corredor à espera de novas, encontraram o pai, com um novelo nos braços, sorrindo satisfeito.

- É outro rapaz - dizia, encantado.

Joana e Catarina entreolharam-se, estavam habituadas a esta conversa. Teodósio franziu ligeiramente o sobrolho, como se de cada vez que o pai manifestasse alegria num novo varão estivesse a pôr a hipótese de que ele, Teodósio, talvez nunca chegasse a ser rei. Mas António Vieira, que já lia os pensamentos do aluno, disse-lhe ao ouvido, num tom ríspido:

- Vamos a tirar essas ideias da cabeça, que já não tem idade para invejas e ciúmes, que desagradam ao Altíssimo. Veja bem, príncipe, um rei precisa de irmãos fiéis, de braços-direitos, aqueles que o podem apoiar incondicionalmente, a quem pode confiar os seus negócios e enviar como emissários dos seus desejos.

Teodósio baixou os olhos, envergonhado por ter sido apanhado em flagrante, lançando-se imediatamente num abraço ao pai.

- Pai, mostre, mostre lá o meu irmão.

Para horror das parteiras e da nova ama do menino, que em vão tentava segurá-lo para o ir enfaixar, João mostrou aos seus filhos um bebé rechonchudo, enorme, cabelos muito escuros e olhos enormes.

- É muito mais feio do que Teodósio, e mesmo do que Afonso - disse Catarina, num dos seus impulsos.

Teodósio, rindo, virou-se para a irmã, e com uma vénia agradeceu:

- Obrigado, D. Catarina, mas se alguma vez achar algum homem, recém-nascido ou velho de barbas, mais bonito do que este seu irmão, será trespassada pela minha espada...

Os dois uniram-se numa gargalhada.

- E nome? - perguntou a irmã mais velha.

- Charles, Charles - disse, excitada, Catarina.

A família estacou em peso, e o pai foi o primeiro a comentar:

- Charles, filha? Porquê Charles?

As maçãs do rosto de Catarina ardiam em fogo, e dos olhos saltavam-lhe

lágrimas. Como podia ter sido tão estúpida, o que a levara a falar assim, e como, como podia retirar o que tinha dito, voltar atrás uns segundos no tempo?

Teodósio percebeu logo tudo e, fingindo um ar enjoado, explicou ao pai:

- Desde que sabe que o rei de Inglaterra tem um filho chamado Charles, e uma das aias se lembrou de contar à nossa Catarina, com a provecta idade de nove anos, que a mãe tinha pensado que o futuro rei poderia ser o marido que lhe convinha, não sonha com outra coisa. Atenção, pai, não é Carlos, mas Charles, como ela diz, ensaiando já o inglês para o dia em que o conhecer - acrescentou, trocista...

Catarina saiu da sala em soluços, e Teodósio de repente caiu em si e desatou a correr atrás dela. Que idiota fora, deixara-se inflamar pela verve, e esquecera que o coração da sua mana mais nova era de vidro.

João abanou a cabeça, contrafeito. Era pequena de mais, a sua Catarina, para se angustiar assim com o seu futuro, para ter paixões... Viver romances de amor aos 10 anos? A juventude estava perdida.

Mas como lhe explicou serenamente frei Pedro, sempre presente, sempre na sombra até ao momento indicado, as crianças têm ouvidos de tísicos, e Catarina era perspicaz e atenta, sempre escorregara entre as portas e as janelas, em pezinhos de lã. Ouvira tudo, e guardava tudo. O rei acenou a cabeça à explicação, e anotou: era preciso dizer a Luísa que controlasse as suas mulheres. De que valia a pena encher a cabeça de uma menina de amanhãs que podiam nunca chegar?

Joana, imperturbável, continuava de braços cruzados em frente do pai:

- Sua Alteza Real, D. João IV de Bragança, que nome terá o vosso filho? - insistiu como se nada se tivesse passado.

João fez-lhe uma festinha na cara e, sorrindo, respondeu:

- Pedro, senhora D. Joana, princesa da Beira, que teve a sorte de herdar o nome de uma avó materna, tão bonita e decidida como a infanta.

A princesinha de 12 anos, já muito consciente de não ser mais uma

criança, e feliz por o pai a tratar com solenidade, mesmo que ligeiramente irónica, fez-lhe o seu mais radiante sorriso.

O pai correspondeu e, entregando o recém-nascido à ama, saiu da sala de braço dado com Joana.

20

Paço da Ribeira, 10 de Setembro de 1649

A pior de todas as notícias chegou pela hora do jantar. Estavam à mesa, mas o mensageiro insistiu que D. João tinha de abrir a carta o mais rapidamente possível. Todos os presentes viraram os olhos para os pratos, os talheres subitamente estáticos, o riso e a conversa silenciados.

Catarina brincava com o garfo, nervosa.

- Catarina, por favor, pare com isso - ordenou-lhe a mãe num tom brusco e com um tratamento tão formal que a infanta sentiu as lágrimas picarem-lhe os olhos.

Quando João voltou, parecia ter envelhecido dez anos, os olhos subitamente encovados. Directo, deu a notícia:

- O Duarte, o vosso tio Duarte, morreu há uns dias.

Virando as costas, voltou a sair da sala de jantar.

- Mãe, dá-me licença que me levante - disparou a voz de Teodósio.

Catarina olhou a mãe à espera da resposta e assustou-se: nunca a vira tão branca, tão hirta, como se tivesse sido atingida por um raio. Teodósio percebeu o mesmo: o que se passava? Deveria consolar o pai ou a mãe?

Contudo, Luísa, ao perceber o impacto que causava nos filhos, recordou-se, como sempre fazia quando se sentia frágil, de quem era.

Olhando o filho, acenou que sim com a cabeça e, com uma força que Catarina já conseguia admirar, recomeçou a conversa à mesa.

O príncipe saiu a correr. Sabia perfeitamente onde encontrar o pai, de certezinha absoluta que estava na Sala da Música, olhando as lom badas encadernadas dos seus preciosos livros, remexendo nos seus queridos

papéis.

- Teodósio, tens de ser muito mais forte, muito mais corajoso, muito mais poderoso do que o teu pobre pai - disse-lhe com a voz embargada.

- Pai, não diga essas coisas, logo o pai...

- Filho, o tio Duarte foi preso há oito anos por minha culpa, e apesar disso esteve sempre interessado no governo do reino, escreveu-me a dar conselhos e sugestões, passando-me informações, oferecendo sugestões para as estratégias dos nossos embaixadores. Preso por minha culpa, Teodósio, e eu que fiz? Nada!

- Não foi por sua culpa, foi uma vingança inqualificável de Filipe de Espanha, que prendeu um inocente porque Portugal reclamou a sua independência roubada...

- Mas já pensaste no que sentiu o teu tio, encarcerado à espera que o irmão, um irmão rei, por Deus, fosse capaz do simples gesto de o libertar?

João já estava de pé, os olhos secos, a voz mais forte - fazia-lhe bem zangar-se, pensou Teodósio e Catarina, que entretanto se esgueirara para dentro da sala, pois a mãe mandara a todos dispersar, decretando que não havia sobremesa nesse dia de luto.

- Estás a ouvir-me, Catarina? Todos os meus filhos precisam de casar bem, precisam de lutar por uma aliança que nos ajude diplomaticamente a superar estes obstáculos. Traições, só traições, de um lado e de outro, daqueles que firmaram connosco alianças, juraram tratados de amizade...

Catarina abriu os seus olhos imensos e bebeu todas as palavras do pai, e jurou a si mesma que daria tudo, tudo de si para cumprir o apelo do rei. Casaria com quem melhor pudesse servir a causa portuguesa e faria os impossíveis para que os carcereiros do seu tio Duarte de Bragança fossem obrigados a pagar pela sua crueldade. Que estranho era o mundo, não conseguiu deixar de pensar: ainda há dias Teodósio lhe dissera que, apesar desta guerra com Castela, pensavam casá-lo com uma filha de D. Filipe. O irmão sentira a mesma repugnância que ela. Uma paz conseguida assim não era paz que lhe interessasse. Tinha de pedir ao irmão que lhe desse lições de esgrima: saber manejar uma espada, estava certa, era um

conhecimento que lhe podia fazer falta.

Quando voltava da torre do sino para a sala dos bordados, Catarina ouviu chorar. Os soluços vinham da pequena antecâmara do quarto da rainha. A mãe chorava. O choro da mãe deixava-a sempre muito mais angustiada do que as lágrimas do pai; sempre fora assim, do pai esperava música e mimo, da mãe, a força.

Bateu suavemente à porta e, sem esperar por licença para entrar, abriu-a, correu para a mãe e lançou-lhe os braços em redor do pescoço. Um gesto rápido, a medo, mas a que a mãe surpreendentemente correspondeu com um abraço apertado. Depois Catarina fugiu, e só quando já corria para a porta, desejosa de sair dali e esconder-se na solidão do seu quarto, reparou na presença de Joana. Joana na penumbra, sentada serenamente numa pequena cadeirinha de verga empalhada, do outro lado da mãe. Joana era assim, pensou Catarina com uma ponta de inveja, estava sempre onde precisavam dela, mas sem ruído, sem espalhafato, sem esperar manifestações de louvor e gratidão. Era mais santa do que ela. Santa? Lá no convento diziam que devia ambicioná-lo, e o confessor da mãe não falava de outra coisa, mas Catarina, para ser sincera, não estava convencida de que fosse coisa que lhe interessasse. Que ficasse Joana com o título, pensou, zangada, enquanto fechava a porta sem ruído.

21

Lisboa, 30 de Novembro de 1649

Catarina nunca deixara de sonhar com Charles de Inglaterra, e a mãe, ufana com o facto de o Parlamento escocês o ter reconhecido como Charles II da Escócia, apoiando a sua pretensão ao trono de Inglaterra, não deixava esfriar o entusiasmo. Nem a Catarina, nem ao marido, nem aos conselheiros e embaixadores, que de vez em quando chegavam com outras propostas de casamento. Seria Charles, dizia Luísa a João, e Catarina no seu quarto ouvia a veemência com que falava.

É claro que não ouvia só a mãe. As aias que a rodeavam não a deixavam esquecer a possibilidade de um casamento com o príncipe vagabundo, como lhe chamavam num tom de voz lânguido. Catarina já tinha inclusivamente visto uma pequena iluminura do pretendente, que D. Filipa dizia que conseguira pedir emprestada por uns dias ao marido, mas a infanta desconfiava que a sua verdadeira proveniência era o escritório da mãe, que pretendia testar os sentimentos da filha.

O jovem Charles não era deslavado como os da sua raça, comentavam as meninas, entre risinhos, enquanto bordavam mais um vestido para a Imaculada Conceição, que era agora o objectivo das aulas de costura no paço. Catarina riu: de facto, Charles tinha o cabelo descomposto e longo, castanho-escuro, ou assim parecia, mas os seus olhos contemplavam-na directamente da imagem como se lhe quisessem falar. Os relatos, ou seriam já lendas, contavam que já por uma vez entrara em Inglaterra, através da Escócia e com o apoio dos seus aliados, mas que, perdida uma importante batalha, acabara por se disfarçar de lavrador, subira a uma árvore para não ser apanhado, e acabara por fugir de novo para o Continente no porão de um barco.

O que Catarina não esperava é que a emoção lhe batesse à porta. O coração ia-lhe saltando do peito quando naquela tarde, chegada do convento, Joana, que ficara em casa doente, veio a correr ter com ela:

- Nem acreditas, chegaram à barra navios ingleses, com os príncipes Rupert e Maurice, os primos do teu Charles, fugidos de Cromwell, e querem esconder-se em Lisboa. O capitão Blake vem atrás deles, e com ordens - ouvi o pai dizer - de «Perseguir, apreender, lutar e destruir aquilo que sobra da armada realista.»

Catarina deixou naquele segundo de sentir o amor distante de um rei que não desistia de lutar pelo trono usurpado para se tornar rapidamente uma criança aflita:

- Joana, vão atacar Portugal? Não são nossos aliados...

- Não, tonta, vão pedir-nos abrigo. Quer dizer, os primos do rei Charles, os outros não sei se nos atacam ou não. O pai está preocupado, reunido com os conselheiros, não sabe muito bem o que fazer. Não podemos recusar-nos a acolher gente de sangue real como o nosso, mas se os aceitarmos teremos de enfrentar a marinha inglesa, que lhes vem no encalço. O pai não quer mais inimigos do que aqueles que tem, mas a mãe insiste que quando Charles chegar ao poder não vai perdoar a Portugal uma cobardia tão grande.

As irmãs sentaram-se nos degraus frios de mármore, num daqueles corredores longos e gelados, até que a ama as veio encontrar. Furiosa, protestou:

- Não acredito, princesa Joana, que me fuja assim do quarto aquecido e fique aqui ao frio, logo hoje que está constipada. Quer ficar pior?

Sem cerimónias, arrastou-as de volta para o quarto, onde as duas se sentaram nos banquinhos da janela, de onde se via o rio até perder de vista.

- Consegues vê-los? Têm a bandeira inglesa, é encarnada e azul, vês? - perguntava Joana, que olhava o rio através de um óculo potente que Teodósio lhe dera nos anos.

- Joana, dá-me isso, não consigo ver. Como é que queres que veja só com os meus olhos?

Mas Joana não lhos passava de maneira nenhuma. A princesa da Beira

queria puxar por todos os galões. Se o que estava em causa eram príncipes ingleses, convinha então não esquecer que era ela a filha primogénita dos Bragança.

- Então se não me deixas ver, fica aí a vigiar tudo, que eu, como não estou doente, e sou pequenina e ninguém dá por mim, vou ver se encontro o Teodósio, o padre António ou o frei Pedro, ou alguém que me explique alguma coisa - disse, enquanto saía do quarto a correr.

Voltando um segundo para trás, gritou:

- Joana, procura a bandeira do pirata, do pirata Blake! Se a vires, avisa o pai!

Joana virou-se, surpreendida, a olhar para a irmã, que de repente se tinha transformado de um pintarroxo-de-peito-vermelho, como lhe chamava a mãe nos momentos de ternura, numa ave de rapina!

Catarina andou pelos corredores e aproximou-se o quanto pôde da sala dos conselheiros, mas acabou por se sentar desanimada num sofá, onde D. Fernando de Meneses, que fora chamado de urgência para a reunião, a encontrou.

Divertido, pegou-lhe ao colo, atirou-a ao ar e perguntou-lhe o que fazia ali. «Enviado do Céu», pensou a infanta, deliciada com o colo do conde da Ericeira, sabendo que ele não a desiludiria:

- Que bom tornar a vê-lo. Espero e desespero aqui, porque me disseram que os príncipes ingleses pediram abrigo ao meu pai, o rei, mas não sei se ele o concedeu ou não.

O conde, homem de armas e muito corajoso que apoiara D. João IV desde o primeiro instante, não lhe metia medo. Catarina sabia que ele podia ser muito meigo e divertido. Sorrindo, perguntou:

- A menina infanta transformou-se agora em embaixadora da coroa inglesa?

Catarina corou. Certamente que D. Fernando, que era casado com D. Leonor Filipa de Noronha, dama da rainha D. Luísa, estava farto de saber

que a sua mãe há muito tinha decidido casá-la com Charles, e julgá-la-ia uma criança apaixonada. Mas o conde considerou que a infanta merecia uma resposta porque, além do mais, a estas horas já não era segredo para mais ninguém.

- Sua Alteza Real, apesar do perigo que a decisão acarreta, decidiu acolher os dois príncipes e os seus homens.

- E Blake, D. Fernando?

- Blake? D. Catarina tem a quem sair, é verdade - e o seu suspiro era um misto de admiração por Luísa e de preocupação -, mas declaro que me espanto. Falam-lhe de Blake no convento?

Catarina acenou que não, agora de pé em cima do sofá, a força do seu olhar expectante fazendo esquecer o seu corpo pequeno e frágil.

- Blake há-de vir, e não vai ser fácil, mas um rei deve fazer o que a consciência lhe ordena, os princípios têm de valer mais do que as conveniências, e é preciso ser fiel, muito fiel ao nosso reino, aos valores desta dinastia, doa a quem doer.

Catarina bebeu avidamente as palavras do conde da Ericeira, que a colocou cuidadosamente no chão e a empurrou em direcção às escadas:

- Agora, Catarina, volte para a ama e para os seus bordados, que se a apanham aqui ainda a põem de castigo.

Bordados? Com os príncipes à porta e piratas a chegar, D. Fernando falava-lhe de agulhas e linhas? Catarina correu para a sala da costura, mas apenas para se lançar com as melhores amigas numa especulação sem fim.



Dias depois, Catarina, Joana e as aias da corte foram apresentadas aos dois príncipes. D. João não lhes dava guarida no paço, para não tornar a situação diplomática mais grave, e os príncipes compreendiam perfeitamente a situação, defendendo que o seu lugar era a bordo, junto dos seus homens. O facto de não serem hóspedes do palácio não os

impedia de serem convidados de D. João, D. Luísa, e sua família, sobretudo agora que o Natal se aproximava, e toda a gente sabia que o Natal num barco, sem pátria, era uma situação no mínimo dolorosa.

Catarina achou graça àqueles estranhos que falavam de forma tão estranha. Mas não mostrava o entusiasmo de Joana, que estava totalmente encantada.

Quando se preparavam para deitar, a mais nova perguntou:

- Joana, achas que Charles é parecido com eles? Achei-os desajeitados, e não gostei muito daqueles risinhos. Parecia que se julgavam superiores a nós, não os achei muito cavalheiros...

Joana encolheu os ombros enquanto a criada lhe escovava o cabelo, que tinha de ser penteado cem vezes antes de se deitar, segundo um ritual que a princesa inventara e de que não prescindia:

- Disseram-me que lá em Inglaterra os homens e as mulheres se envolvem em preparos que aqui nem de gente casada aceitaríamos em público.

- Preparos? O que fazem? - perguntou Catarina, subitamente curiosa, pois tudo o que conhecia do contacto físico, de beijos e de outras coisas dessa natureza era aquilo que percebia entre criadas e estribeiros, ou daqueles que apanhava furtivamente entre as árvores do jardim e que fugiam, as mãos a taparem-lhes a cara para não serem reconhecidos.

- Pergunta aqui à Adélia, que já tem namorado - incitou Joana, fazendo com que a criada se engasgasse e sem querer puxasse a escova com mais força.

Joana deu um grito:

- Cuidado, Adélia, não te vingues em mim! Só dei uma ideia.

Catarina teve pena de Adélia, mas não resistiu:

- Adélia, não cores, não fiques zangada, conta-me lá. É bom beijar? Se não fores tu a ensinar-nos essas coisas, como é que havemos de aprender,

logo nesta corte de solteironas, ou viúvas que já nem se recordam do que fizeram em novas?

Adélia parou o que fazia, a conselho de Catarina sentou-se junto da lareira que crepitava, e falou do amor, da paixão, dos beijos, do cuidado que uma moça tinha de ter para não se deixar levar em cantigas, porque era pecado, porque, o que lhe parecia bem pior, a mulher engravidava e o homem podia afastar-se dela, desprezando-a, ainda por cima.

Catarina e Joana ouviam de boca aberta. Tinham ouvido bocadinhos de histórias, escândalos sussurrados, mas nunca ninguém lhes falara tão francamente sobre essa coisa física entre maridos e mulheres, que já tinham entendido que dava a origem, se essa fosse a vontade de Deus, a um filho.

- Lembras-te de Genoveva, que foi devolvida a casa dos pais, e Gustavo, um dos validos do pai, subitamente alistado no exército? - quis saber a princesa.

Adélia acenou com a cabeça afirmativamente - como o assunto fora comentado nas cozinhas! Catarina acrescentou:

- Disseram-me que estava à espera de criança, e que nasceu às escondidas, e depois a entregaram a uma ama para que cuidasse dela. Puseram-lhe outro apelido e não deixaram que Genoveva ficasse com ela. A seguir casaram-na com um nobre da terra, que estava sem dinheiro e precisava do dinheiro da família dela.

Joana deu um salto do seu banquinho, chocada com a quantidade de informação que a irmãzinha recolhera:

-já chega. Vamos casar de branco, virgens, beijar apenas o homem que nos levar ao altar. Quando se é temente a Deus, o caminho está traçado. Quanto a ti, Catarina, vê lá se tapas os ouvidos mais vezes, que isso são tentações do demónio. Adélia, obrigada, mas podes ir...

Catarina ficou espantada com o volte-face: se estas coisas aconteciam, porque escondê-las?

Nessa noite sonhou pela primeira vez que Charles a segurava nos

braços, a despia e a beijava ardentemente. Acordou assustada e, apesar do frio, saltou da cama, ajoelhou-se frente ao pequeno altar onde ficava sempre a sua Senhora de Mourão e pediu-lhe:

- Perdoa-me e ilumina-me sempre, sem me deixar cair em tentação. Se foi um milagre teu que me permitiu ver, conduz os meus olhos para que vejam apenas aquilo que é belo, e os feche perante o que ofende Deus Nosso Pai.

Suspeitava que teria de fechá-los muitas vezes, suspirou, enquanto se voltava a aconchegar na cama.

22

Paço da Ribeira, 20 de Março de 1650

Teodósio veio acordá-las com a notícia. Trazia um documento escondido na casaca, desdobrou-o e leu-o às irmãs. Dizia que 15 navios de Cromwell tinham chegado à barra. Só que desta vez eram do inimigo.

- Sim, mana, comandados por Blake - interrompeu a leitura para responder a Catarina, que se empoleirava no seu ombro para tentar ler mais depressa.

- Teodósio, isso é uma convocatória, o pai manda chamar tropas do país inteiro. O pai acredita mesmo que vamos ter de lutar contra eles?

- Tu não vais, pois não? - perguntou Joana, ansiosa.

Teodósio encolheu os ombros, irritado:

- Achas? Ninguém me deixa sair daqui com medo que apanhe um tiro ou uma constipação. O Conselho de Guerra já mandou afixar editais destes em todas as igrejas, e estão a mandar os homens vir para Lisboa, para o que der e vier.

- Gente que nunca andou num barco? - insistiu Joana, sempre prática.

- O que diz aqui é que primeiro vamos fingir que não os vimos, e depois reagir, apenas se reagirem. Mas eu aposto em dar-lhes luta. A sério, manas, acho que a Catarina é que vai ter razão e o «seu» Charles vai voltar ao poder. Estes parlamentares não vão conseguir nada, numa nação tão antiga como Inglaterra. Temos de apostar nos príncipes, e na gratidão que se segue...

Os dias seguintes foram agitados. Rupert e Maurice sentiam-se perigosos e em perigo. Mas acima de tudo não queriam colocar Lisboa em risco, abusando da hospitalidade do rei, que já tinha sarilhos que lhe chegassem.

Anunciaram assim a sua partida imediata, o rei protestou apenas o suficiente para não ser indelicado, acabando por aceitar que se fossem embora, com um alívio que se lia na transparência do seu rosto. Num súbito acesso de remorsos, no entanto, ordenou que uma frota de 13 barcos portugueses acompanhasse os 15 barcos ingleses até à saída da barra, para os ajudar a conseguir uma distância razoável de Blake e dos seus homens. Simplesmente, o tempo não estava de feição, um temporal imenso impediu que a frota inglesa monárquica escapasse ao «pirata inglês», como vociferava Catarina - Maurice, Rupert e a sua armada voltaram a procurar refúgio no Tejo. Blake, por seu lado, decidiu atacar onde sabia que mais dores de cabeça provocaria a D. João: apresou nove dos barcos portugueses que chegavam do Brasil, alistando-os à sua frota e ficando com tudo o que continham. Quando, finalmente, os príncipes conseguiram partir, o rei e a rainha suspiraram de alívio.

- Teodósio, sabes se chegaram bem à baía de Cádis? - perguntou um dia Catarina, ao jantar.

O silêncio à mesa deixou-a rapidamente entender que a fuga não correra bem.

O irmão, muito sério, respondeu-lhe:

- Os únicos dois barcos que escaparam foram os comandados pelo príncipe Rupert e pelo príncipe Maurice.

- O pirata apanhou todos os outros?

Teodósio acenou tristemente com a cabeça. O que não lhe disseram é que, entretanto, o embaixador português em Londres assinara um acordo com o Parlamento inglês - aquele que diziam abominar - de que nunca mais daríamos guarida aos membros da família real deposta.

- Com o feitio de Catarina, é melhor mantê-la na ignorância. Se um dia os voltar a encontrar, não se sentirá na obrigação de se justificar - fora o comentário da rainha. Talvez ela tivesse razão, pensou o rei.

23

Clausura de Carnide, 25 de Março de 1650

Afonso já tinha sete anos e zangava-se por ser continuamente tratado como um bebé pelos três irmãos mais velhos, sempre juntos, sempre aos segredinhos, convencidos de que ele tinha de ficar no quarto de brinquedos com Pedro, esse, sim, uma criança sem graça nenhuma, que só lhe sabia estragar os jogos e esborratar os cadernos.

Os pais não o tinham esquecido, mas Catarina percebia que estavam divididos. Por um lado, era visível a sua angústia com os sinais de debilidade que o filho continuava a revelar; por outro, estavam decididos a educá-lo como o possível príncipe herdeiro, como mandava o bom senso. Ninguém pensava, por um minuto, na hipótese real de Teodósio não ocupar o lugar de herdeiro. Ninguém, excepto Luísa nos pesadelos das noites mais escuras...

O rei andava preocupado com outras coisas. Sempre que podia fugia para a «Casa Nova», como chamara ao espaço que criara junto da Torre do Relógio e onde reinstalara agora a sua biblioteca. Quando se sentia mais angustiado, entretinha-se a ordenar os livros por autores, nos seus 40 armários, que forravam até ao tecto todas as paredes daquela grande sala. Catarina arranjava sempre maneira de, pé ante pé, entrar naquele santuário e sentar-se num dos escadotes com que o pai acedia às prateleiras mais altas. Quando pensava nisso, sorria com ternura: desde que se conhecia que seguia o pai de «santuário livresco» em «santuário livresco».

Num desses dias, em que o observava a trabalhar, começou a pensar que nunca mais ouvira falar de Maria. Sabia da sua existência, mas onde estaria agora? Será que o pai continuava a ver a outra mulher, a dar-se com a criança? Havia mais a preocupá-la: e se Charles, ou fosse qual fosse o marido que os pais lhe encontrassem, um dia a traísse? Se o pai, aquele paz-de-alma, aquele homem de família, fora capaz de se deixar seduzir por

uma mulher que não a sua - e Catarina nunca, nem por um momento, se imaginava parecida com a sua mãe toda-poderosa -, como é que ela poderia esperar que o homem da sua vida não se cansasse dela? Não era parva, sabia que havia homens que tinham filhos de outras mulheres, havia quem lhe explicasse mesmo que era essa a sua natureza, mas nunca acreditara que o seu próprio pai, temente a Deus como ele era, o rei que dedicara o reino à Virgem, fosse capaz de tanto.

Vendo bem, não era estranho que estes pensamentos a assaltassem, porque há dias que ouvia murmurar que aquele dia era uma data especial: Maria ia entrar para um convento de clausura, o Convento de Carnide. Nas vésperas de completar sete anos, como combinado, deixaria a casa de António Cavide, trocaria o seu quarto, onde fora tratada com todo o amor e veneração, por uma cela ou um dormitório. Uma vida para sempre diferente da dos seus irmãos, embora o pai fizesse questão que se soubesse que era uma Bragança, tal como eles. Um convento, uma cela, para que o rei de Portugal pudesse esconder o seu erro do mundo. Catarina não estava sequer certa de que o pai se sentisse arrependido.

Catarina fora educada a calar as perguntas, e aceitava a maioria das coisas com naturalidade. Mas nunca tinha visto esta Maria de Bragança, e a curiosidade roía-a por dentro: seria morena como ela, ou loira como os irmãos?

- Pai, podemos ir? - perguntou baixinho, os olhos no tapete, as mãos num novelo nervoso.

João pousou o grande livro de partituras que se preparava para arrumar e olhou a filha, surpreendido:

- Ir onde, filha?

- Aos votos de Maria, à cerimónia, à missa, não sei, ela só tem menos quatro anos, menos cinco anos do que eu, nunca a vi e talvez nunca mais a veja, pai...

João pareceu atingido por um raio. Mas não conseguia encarar Maria como uma filha bastarda, nem jurar que se tratara de um acidente de percurso, nem sequer renegar-lhe a mãe ou, o que seria fácil, dizer-se vítima de uma emboscada de uma mulher sem escrúpu los. Porque João

amara (amava?) aquela de quem não podia dizer o nome, amara (amava?) as suas palavras doces, os seus gestos suaves, o facto de o fazer sentir mais esperto, mais inteligente, mais capaz... Ela amara-o (amava-o?) por quem era, e se a relação fora curta devia--se apenas aos remorsos do rei, que não se sentia capaz de manter uma relação extraconjugal contra Deus, contra a sua Igreja, a sua família e os seus filhos legítimos. E agora esta criança, quase tão pequena como aquela que entrava hoje para um convento, vinha pedirlhe para tratar a irmã como uma igual, sem o recriminar, sem lhe pedir contas.

Os olhos encheram-se de lágrimas, e em silêncio estendeu-lhe os braços. Catarina era uma menina desejosa por um colo, e não podia perder a oportunidade. Aconchegou-se entre os folhos da casaca do pai e trouxe-lhe um imenso conforto aquela sensação da seda contra a sua pele suave.

- Não estou orgulhoso do que aconteceu, Catarina, mas a Maria não tem culpa. Quero que a tratem bem, vou assegurar que tenha terras, dinheiro, talvez até um bom casamento, sim, talvez até um casamento. Mas estou orgulhoso de ti, Catarina, do teu coração grande, mesmo sabendo que tudo isto te dói, que te custa pensar que magoei a mãe.

Catarina não suportava ver o pai assim, e tentou animá-lo:

- Pai, leve-nos a todos. Leve-nos à missa, a mãe não o vai impedir.

João sentiu-se ferido com a forma tão natural como Catarina proferia este «a mãe não o vai impedir». Afinal, não era ele o rei? A irritação funcionou como um gatilho. Levantou-se, pousou Catarina no chão e disse:

- É isso mesmo que vai acontecer.

Ao cair da noite, a família real subiu para o coro e assistiu à missa destinada a celebrar a chegada de Maria, uma pequenina sombra ao longe, que a grade que os separava da igreja não deixava ver com nitidez. Luísa estava com eles, preferindo que nada fosse feito nas suas costas. Bastava o que bastava, e preferia dar a impressão de controlar a situação. Maria, para todos os efeitos, era meia-irmã dos seus filhos. Teodósio era de todos o que tinha reagido pior, e era impossível não ver os traços pesados da sua expressão, habitualmente tão leves e generosos. Afinal, o pai desta criança era o seu pai, que traíra a mulher que mais admirava no Mundo.

24

Évora, 2 de Novembro de 1651

O pesadelo estava para continuar. Espanha, um pouco mais liberta da sua guerra de estimação com a Catalunha, não tinha deixado, no entanto, que estes 11 anos passados a fizessem esquecer o despeito e o rancor. Sentiam-se poderosos, senhores na Europa, Filipe não queria deixar que o seu nome ficasse para a História como o do rei que deixara fugir Portugal, o homem cujo trono fora roubado por um primo.

Catarina, inteligente e curiosa, estava cada vez mais a par do que se passava no seu país. Sabia que o exército português estava cansado e que só com esforço se mantinham as guarnições nas fronteiras decisivas, e Évora era uma delas.

Nunca lhe passaria pela cabeça ter inveja de Teodósio, primogénito e sucessor no trono, como Deus e todos abaixo Dele tinham escolhido, mas a verdade é que quando espreitava pela porta, ou quando o padre António Vieira a deixava assistir a alguma das aulas do irmão, sentia a mesma emoção de Teodósio enquanto este andava de um lado para o outro, sugeria estratégias, dava ideias. Tinha de se controlar para não discordar, dar as suas ideias e expor as suas convicções. Sabia que o pai e a mãe tinham uma veneração e uma admiração infindável pelo filho mais velho. E percebia porquê. Com a sua perspicácia percebia também que Teodósio ultrapassava o seu pai em determinação e coragem, facto que nunca admitiria a ninguém.

Mas agora, sentada em frente do cravo do pai, a dedilhar algumas melodias que acabara de aprender, pensava na discussão acesa que ouvira entre Teodósio e o seu tutor. O irmão estava revoltado com a «clausura» imposta. Sentia-se determinado a lutar. Catarina conhecia-o bem e sabia que não eram palavras vãs, mas intenções verdadeiras. Foi por isso que, quando ouviu a mãe a gritar num castelhano descontrolado, percebeu que Teodósio tinha fugido. A princesa correu para a sala onde os pais se encontravam com os seus conselheiros e sentou-se no chão a ouvir atrás da porta...



- Fugiu para onde? D. Luísa de Gusmão, acalme-se, por favor.

Do outro lado da porta, Luísa, branca e direita, encostou-se à janela e, procurando regular a respiração e estabilizar a voz, respondeu:

- Juntou-se aos teus homens na fronteira de Évora, foi como conde de Vimioso, outro como ele! Diz que tem dezoito anos, é maior, está cansado de estar preso e protegido entre as paredes de um paço enquanto os soldados morrem pelo reino. Morrem, João, morrem, foi essa a palavra que ele usou no bilhete que me deixou - e a voz entaramelava-se num chorrilho de que nada se entendia.

João suspirou de alívio. Dando-lhe a mão e levando-a para a salinha do lado, disse-lhe:

- Luísa, por amor de Deus, não me voltes a pregar um susto destes. Partiu, é um jovem soldado, está farto de estar quieto e parado, não é nenhum drama. Levou consigo os seus validos, está protegido, os meus homens nunca o deixarão correr perigo. Agora é só explicar--lhe que assim não ajuda ninguém, porque não há dinheiro para sustentar um príncipe herdeiro à frente de um exército. Agora é só mandá-lo regressar - acrescentou com um toque de amargura na voz, porque se teria sentido mil vezes mais digno caso tivesse dinheiro para permitir que o filho fosse general dos seus exércitos e exercesse o seu papel, em lugar de parecer que se escondia por baixo das saias da mãe. Como compreendia Teodósio!

Catarina ouviu os passos apressados da mãe, sentiu-a a abrir a porta, e aconchegou os braços contra os joelhos, ficando uma bola discreta que a mãe, por entre as lágrimas que lhe corriam pela cara, nem viu. Conhecia D. Luísa o suficiente para saber que escreveria a Teodósio e sabia também que o padre António Vieira não ia escapar à angústia da mãe, que rapidamente se transformaria em raiva, porque quando Teodósio era a matéria em discussão esquecia-se completamente do seu papel de rainha.



Durante muito tempo, Teodósio guardou as cartas da mãe e do pai, recebidas no mesmo dia. Formas tão diferentes de se exprimirem, mas como diziam tanto de quem as escrevia, daquilo que eram como família.

A caligrafia do pai era certinha e bem desenhada, de um homem habituado a escrever música numa pauta.

Filho,

Até agora não me deu lugar o sentimento de vos poder escrever sobre a resolução que tomastes em partir para essa fronteira, agora o faço dizendo-vos o que vos convém. Os filhos nunca erram fazendo a vontade dos seus pais, porque como são filhos e súbditos devem obedecer ainda que, nas coisas em que não tiverem tanta razão como eles. Se convinha à vossa ida razão, era que a executásseis sabendo eu, mas se ela não convinha não era razão pô-la em execução. Pudera ser conveniente entender-se que iríeis às minhas escondidas por escusar alguns gastos, mas devia estar prevenido primeiro tudo o que se devia fazer, e saber se tínhamos cabedal bastante para isso. A renda da Casa de Bragança gasta-se nessa fronteira. Se dela se fiar o vosso gasto se há-de tirar aos soldados.

Teu pai,

o Rei

Teodósio não queria pensar nisso agora, numa das primeiras noites passadas numa tenda, num campo militar, o uniforme e as botas a brilharem de tanto polimento.

Enrolou a carta do pai e começou a da mãe, procurando ir traduzindo o castelhano a que, palavra sim, palavra não, a mãe recorria.

Meu filho,

Em tudo me falta o que a ti sempre te sobra e agora mais do que nunca o constato, pois tendo tu tanto ânimo eu me sinto com total falta dele, que nem para fazer isto estava.

E para mim se acabou o gosto, viverei por costume, mas não será vida. O meu descanso acabou. Agora as minhas penas serão sentidas em silêncio e

começo desde agora porque és a maior que tive.

Peço-te que cuides muito de ti e me avises do que gostas. Que Deus te guarde. Os teus irmãos estão sentidíssimos com a tua ausência, em particular Catarina, que está uma lástima.

De Lisboa e fora de mim,

A tua mãe que te adora,

Rainha

«Catarina, que está uma lástima.» Curiosamente, era a frase que ficava, a frase que o comovia. Tinha de escrever a todos, mas começaria pela irmã mais nova, até porque não sabia bem o que dizer aos pais, não tinha vontade nenhuma de pedir desculpa, e menos ainda de marcar uma data de regresso.

Escrever a Catarina era fácil, o coração abria-se, sabia que não faria alarde do que lhe contasse, e que a cumplicidade construída entre eles serviria nesse momento para contar com uma aliada, se necessário fosse. A irmã era doce e suave, mas batia-se pelas suas convicções: Teodósio só tinha de a levar a perceber que ele precisava de estar na fronteira, com os seus soldados, que já não suportava manter-se de braços cruzados enquanto os seus homens morriam por ele. Quando selou a carta ficou sereno, Catarina acalmaria os pais, sabia-o. Como gostaria de a proteger sempre, mas, pensando bem, talvez a irmã não precisasse de guarda. Nessa noite, fechou os olhos a pensar que bem arranjado estava quem se fiasse apenas nos olhos grandes, nas pestanas negras e longas de Catarina e se esquecesse do que podia a determinação.

25

Paço da Ribeira, 20 de Novembro de 1651

Catarina tinha aprendido que quando a mãe estava tão ansiosa como nesse momento, era preciso contorná-la devagarinho e falar apenas no momento certo. Parecia-lhe uma tarefa fácil, e de cada vez que via Joana ou Afonso a dizer a coisa errada na altura errada antecipava logo as reacções da mãe, que barafustava imediatamente em castelhano.

Foi num desses dias sensíveis, entre reuniões e ordens aos criados, que Catarina descobriu a mãe no quarto, virada para a janela. Não conseguia ver-lhe a cara, mas sabia que estava a chorar.

- Mãe - disse Catarina como se falasse com um bebé -, o Teodósio vai voltar. O Teodósio vai escrever - insistiu com firmeza.

Catarina não estava a tentar convencer-se a si mesma, tinha a certeza de que o irmão daria notícias. Sabia-o impulsivo e determinado, mas nunca descuidado com a família nem com o sofrimento dos pais.

- Como podes dizer isso, luz dos meus olhos?

Os olhos de Catarina encheram-se de lágrimas - podia ter o dom de ler os pensamentos da mãe, mas não tinha maneira de lhe apaziguar o coração. Reflectiu durante um momento antes de falar. Não queria parecer falsa, desejava muito que a mãe acreditasse nela:

- Teodósio reagiu como um futuro rei, mas sei que à sua carta responderá como seu sempre querido filho.

Luísa virou-se e as lágrimas secaram. As palavras de Catarina tocaram-na. Não eram palavras de consolo, falavam a verdade sobre Teodósio. Se tinha tanto orgulho nestas qualidades do filho, era preciso confiar nelas agora.

Luísa sorriu a Catarina, sem que mais nada precisasse de ser dito, e saiu

enquanto a infanta suspirava de alívio. Conseguira.



Tinham passado quase duas semanas desde que Teodósio saíra de casa. Quando abriu a porta para dar um passeio no jardim esbarrou contra Luís, o mensageiro pessoal do pai.

- Dona Catarina, tenho um recado do seu irmão. Esta carta é para si.

- E a do pai e a da mãe? - perguntou Catarina, aflita. Queria notícias do irmão, mas não queria ser a única a recebê-las.

- Estão aqui, mas deram-me ordens para entregar a sua antes das outras, e longe da vista de todos. Foi o que D. Teodósio me disse que fizesse.

Catarina abriu um largo sorriso enquanto escondia a carta nas dobras do vestido.

- Despache-se, por favor, leve essas cartas aos meus pais!

Catarina esperou até ouvir o grito da mãe a chamar o pai e, depois, correu para fora disparada, sentando-se debaixo de uma árvore. Enquanto rasgava o sobrescrito, pensava em que aventuras Teodósio lhe contaria, que novidades lhe daria. Voltaria? Foi com uma mistura de admiração e de medo que desdobrou a sua primeira carta secreta.

Querida Catarina,

Escrevo-te primeiro porque sei que me compreendes. Embora estejas preocupada comigo e possas estar surpreendida por este meu impulso, no fundo percebes que tinha de ser assim. Não só para provar ao pai e à mãe que consigo e estou preparado para sair de casa, mas também para mostrar ao povo que não lhe pedimos para lutar por nós, mas que lute ao nosso lado. Lembras-te da aula em que o padre António Vieira nos falou do moral das tropas nas guerras? Sinto que é nesse sentido que as posso ajudar! Não me sinto em perigo, mana, estou bem, e sei que tenho de voltar, mas penso que só ter vindo já valeu a pena. Enquanto te escrevo

vejo as estrelas e, embora saiba que são as mesmas que via aí no paço, parecem-me diferentes. O Mundo parece-me todo diferente... maior! Se Deus quiser, serei rei, Catarina, rei! De um país que até agora me era desconhecido. Sabes, encontrei aqui um soldado...

Catarina continuou a ler as aventuras do irmão, num misto de inveja e de alívio por o saber bem, e por o ver tão seguro de si. Não. Teodósio sabia o que estava a fazer e porquê. Catarina riu-se sozinha, sentia-se orgulhosa da carta que tinha na mão. Sabia que quando a angústia se desvanecesse com as cartas recebidas só restaria orgulho por este filho tão corajoso e adorado.



Teodósio voltou ao paço pouco depois do Natal. Ligeiramente preocupado com a reacção dos pais mas cheio de saudades. João tentou recebê-lo com alguma distância, Luísa nem procurou disfarçar a emoção, e chorou como uma mulher do povo, com os braços em redor do seu Teodósio. Catarina e Joana pareciam ter dado um salto em altura, tão senhoras, e a cada uma delas trouxe um pequeno presente. Quanto àquele jovem alto de cabelos loiros, jurou que estava tão grande e tão bonito que quase não o reconhecia: Afonso agradeceu-lhe com um dos seus sorrisos mais encantadores e Teodósio prometeu a si próprio ser mais generoso e dar-lhe mais oportunidades. Mas a maior surpresa estava para vir: no dia seguinte ao regresso, o pai nomeou-o governador-geral das Armas. D. Luísa sorriu com a euforia de Teodósio. Catarina, no entanto, percebeu que Afonso reagira mal, e mais preocupada ficou quando o ouviu dizer, entre risinhos idiotas, a um dos novos validos do rei, qualquer coisa como «Pelos vistos, na Casa Real dos Bragança a desobediência compensa!» Que vontade tinha de lhe puxar as orelhas!

26

Paço da Ribeira, 10 de Maio de 1653

Catarina não saía da cabeceira de Teodósio, contrariando todos os pedidos e até as ameaças da mãe, que de qualquer forma estava demasiado perturbada para se importar se lhe obedeciam ou não.

Teodósio, o Teodósio que sempre se levantara antes de os sinos tocarem as matinas, estava há mais de uma semana deitado na cama, ou melhor, sentado, com almofadas atrás das costas para o ajudarem a respirar, que os pulmões, diziam os físicos que o tratavam, tinham «mirrado» com esta estranha doença que lhe queria tirar o ar. Que lhe queria tirar a vida.

De um momento para o outro os irmãos, a família, a corte e o reino tinham tomado consciência de como aquele príncipe representava o repositório de todas as esperanças. De como o seu temperamento suave, determinado, e mesmo mágico, derrotava o pessimismo e fazia acreditar que não importava quando, nem como, mas um dia Portugal seria definitivamente um reino livre e despreocupado.

Catarina tinha raiva a todos os que estavam para lá daquela porta fechada, conselheiros e embaixadores, aias e damas, nobres que vinham oferecer os seus préstimos, comerciantes solícitos que surgiam com novas drogas que prometiam milagres, padres e bispos ansiosos por meter o nariz onde não eram chamados. Teodósio era seu, pertencia-lhe a ela, a Joana, a Afonso e a Pedro, ao pai e à mãe, à ama, Maria do Carmo, e a frei Pedro, e a mais ninguém, e a mais ninguém, dizia ela, batendo com o punho cerrado em cima do colchão da cama do irmão, que, apesar das febres e da tosse, se conseguia rir com estes ataques de fúria da sua fera disfarçada, como lhe chamava.

Não abandonaria nunca a sua beira, a mãe e os médicos que se desenganassem, da mesma forma que o irmão nunca a tinha deixado sozinha frente às zangas de Luísa, aos raspanetes das mestras, e insistira sempre em que ela e Joana aprendessem a montar a cavalo, a pegar num arco, a manejar uma espada; e nunca troçara dos seus conselhos, nem das

suas opiniões, e sempre a ouvira com o maior respeito e interesse. Era o seu herói, e só isso é que lhe importava. Não podia morrer, não podia. Precisava tanto dele, não saberia o que fazer sem ele - quem a levaria a Inglaterra, se um dia chegasse o dia, quem a tiraria de lá se o marido a maltratasse?

- Teodósio, não podes morrer - saiu-lhe de repente alto.

O irmão abriu os olhos, pisados de noites mal dormidas, e deu uma gargalhada que acabou num ataque de tosse incontrolável:

- Garanto-te que se me pedirem a opinião, digo-lhes que tu me proibiste de passar para o outro lado!

- Cala-te, meu parvo, não sabes que não podes falar - disse logo Catarina, colocando-lhe uma nova compressa quente e húmida no peito.

- Se não dissesses disparates era mais fácil! - insistiu Teodósio, provocando mais um ataque de falta de ar.

Catarina cantou-lhe para o embalar, e o irmão, exausto, acabou por adormecer.

Sentada para trás na cadeira, por momentos a infanta fechou os olhos. As imagens passavam depressa: via Teodósio, há uma semana no jardim dos buxos, a ensinar-lhe a manejar o arco e as setas. Tossia já muito, deveria ter insistido para que viesse para dentro consultar o médico, mas quem é que pensava em tosses quando tem um alvo em frente e quer provar ao irmão mais velho que se é digna de confiança? Além disso, lembrou-se Catarina, rindo, não era assim tão ingénua e percebera logo que Teodósio aproveitava o pretexto das aulas à irmã mais nova para arrastar para o jardim dos buxos a sua amiga e aia Maria do Rosário, por quem estava loucamente apaixonado.

Catarina suspirou: era melhor ao vivo do que lido nos livros que conseguia roubar às aias e damas, que os liam em segredo. Maria do Rosário seria a mulher ideal para Teodósio, linda, esperta, filha do melhor sangue, porque é que não o deixavam, pelo menos a ele, casar por amor? Como um dia seria ela a fazer com Charles... Toda esta história a divertiu, o que não escapou ao enfermo, que já abrira os olhos e a contemplava em

silêncio:

- Ris de quê, Catarina? Olha que para a semana, quando estiver de novo de pé, quero ver se te ris na minha cara com esse descaramento - disse numa voz entrecortada.

Catarina disfarçou a sua aflição ao ver o irmão tão ofegante e respondeu-lhe:

- De como as irmãs são um bom pretexto para se levar amigas a passear... e a propósito, a mãezinha é que não a deixou entrar, porque ela esteve aqui vezes sem conta a pedir para te ver.

Teodósio olhou para a mãe que dormitava na cadeira e respondeu baixinho:

- Podias combinar com ela uma hora em que a mãe não estivesse, quando fosse à missa, por exemplo...

- Estás mesmo de amores por ela? O que é que sentes? - perguntou Catarina, com as maçãs do rosto inflamadas pela vergonha e a língua desatada pela curiosidade.

Teodósio desatou a rir e acabou numa enorme falta de ar que acordou imediatamente a mãe e trouxe até à beira da cama a criada com o xarope que o médico deixara.

Enquanto tossia, abanava com as mãos em sinal de protesto, não era nenhum bebé, não precisava de tanta gente à volta dele, e a conversa com a irmã estava a interessá-lo mais do que colheres de remédio, bolas de bezoar e rezas que o punham nervoso.

- Deixem-me. Está aqui a Catarina, ela dá-me essa purga, se a tenho mesmo de tomar.

Catarina pediu à mãe que a deixasse ser ela a dar-lhe o medicamento, e que aproveitassem todos para descansar, porque tencionava ficar por ali toda a tarde.

- Mãe, vá dormir uma sesta, que depois são horas da missa - disse--lhe,

empurrando-a com jeitinho para a porta. Teodósio nem se atrevia a falar, com medo de que um novo ataque de tosse impedisse aquele mulherio todo de arredar pé, mas abanava que sim com a cabeça com toda a convicção.

Quando ficaram sozinhos, Catarina voltou a perguntar:

- Diz lá, Teodósio, baixinho, para não te cansares, o que é que se sente quando se está apaixonado?

Teodósio não fez troça. Concentrou o olhar nas pinturas do tecto e começou a falar devagarinho:

- Catarina, parece tudo ridículo quando se explica por palavras, mas ao ver a Rosário o coração bate mais depressa, olha, como quando estava em Elvas à frente do meu batalhão.

- Não podias arranjar um exemplo mais romântico? - perguntou a irmã, que andava a ensaiar com o pai cânticos românticos ao cravo.

- Mas são essas as minhas paixões: o exército e as mulheres. Quer dizer, não é as mulheres nesse sentido, és tu, é a mãe, e é agora a Rosarinho...

- Ai, meu Deus, já lhe chamaste mesmo assim, Rosarinho? - perguntou, com um risinho histérico, Catarina.

Teodósio ignorou o comentário e continuou a explicar:

- Querias saber ou não querias? É olhar para ela e achar que não há nenhuma tão bonita, que mais nenhuma fala com uma voz tão suave, que diga as coisas com tanta graça, que te comova tanto, que dê uma vontade imensa de tocar, de lhe pegar na mão, e de a entrelaçar na nossa...

- É mais ou menos o que sinto pelo Charles - disse Catarina, pensativa.

- Mana, tem juízo! Não conheces o Charles, viste uma miniatura do senhor, e eu ainda não decidi se é homem para ti, desconfio que andando a monte tantos anos, entre soldadesca e bandidos, deve ser bruto como as casas, e pouco digno de te ter como mulher...

Catarina voltou a corar. Não contava a mais ninguém, nem mesmo a Joana, este seu amor, mas vê-lo assim ridicularizado pela única pessoa a quem confiara magoava.

Teodósio notou imediatamente que fora demasiado duro:

- Desculpa, princesinha, és ainda tão pequenina, com apenas catorze anos, que jurei proteger-te. É o meu amor por ti que me cega, sabes, nenhum irmão gosta de ver a irmã casar, está nos livros...

- Quando ficares melhor vais procurar Charles, avaliar o seu carácter? - perguntou Catarina, cheia de uma ingenuidade infantil que não punha sequer em causa que o irmão estivesse bom dali a dias, tanto mais que rezava por ele todos os dias, a todas as horas, e já o encomendara à sua Senhora de Mourão.

Frei Pedro entrara devagarinho e ouvira, comovido, o apelo da princesa. Fez-lhe uma vénia, ela beijou-lhe as mãos e deu-lhe a cadeira onde se sentava, para que ficasse mais perto do irmão, mudando-se para o fundo da cama, onde se sentou aconchegada num dos cobertores.

- E onde vai, D. Teodósio?

Catarina corou, Teodósio tossiu, mas não traiu os segredos da irmã:

- Catarina pedia-me recados, para quando voltasse a poder montar.

Depois mais baixinho, para que só o frade ouvisse:

- Por favor, não lhe diga que a morte está aí em breve para me levar.

Embora falasse baixo, Catarina ouviu e deu um salto para o chão, acompanhado de um grito, quase tropeçando nas saias e saiotes que, para mal dos seus pecados, já a obrigavam a usar:

- Frei Pedro, cale o meu irmão. A morte? Teodósio, estás com tosse, passa com infusão de laranja, não podes morrer. Não podes mesmo, eras um egoísta se me deixasses aqui, se deixasses os paizinhos, se abandonasses o teu povo - gritava, exaltada.

A mão segura de frei Pedro no braço sossegou-a. Teodósio, muito branco, não dizia nada: seria egoísmo morrer? Porque é que Deus o queria morto, se tinha um reino para governar? Mas estava tão cansado, tão fraco, tão frágil, tão diferente do que sempre fora, que só podia ser a morte.

Frei Pedro sentiu a tensão no ar e com a sua voz muito calma, o seu sotaque alentejano que os fazia regressar à infância, sossegou-os:

- D. Catarina, Sua Alteza, como é que rezam todos os dias o Pai--Nosso, para depois se porem com estas conversas? Comece a D. Catarina...

A adolescente, com a voz embargada pelas lágrimas, recitou:

- Pai Nosso que estais no Céu, Santificado seja o Vosso Nome.

- Agora o príncipe...

- Venha a nós o Vosso reino - e a voz parecia mais firme, levando Catarina a olhá-lo com admiração, sempre a mesma incondicional admiração.

- É só isso, é só nisto que precisamos de acreditar, que Ele sabe, que Ele não permite que um cabelo caia das nossas cabeças sem que essa seja a Sua vontade.

- Por isso, se morrer, vou ter com Ele, porque é assim que Ele o deseja - murmurou Teodósio, deixando-se escorregar pelas almofadas lentamente.

Catarina preparava-se para protestar, mas frei Pedro abraçou-a com força contra si e, virando-a de frente para o irmão, disse - por ela:

- Se essa for a Sua vontade, assim será, e fica a certeza de que Deus nos quer pôr à prova, obrigando-nos a aprender a viver sem o nosso querido príncipe. Não temos medo, pois não, Catarina? Não temos medo e não abandonamos quem sofre, muito menos nos momentos mais difíceis, por isso quem morre não morre nem sozinho, nem assustado. Sabe que Deus o espera do outro lado, com os braços abertos como os de um pai, e que acolhe os justos em glória.

Catarina mordeu o lábio. Frei Pedro dirigia-se a ela. Era também ela que

tinha de colaborar na vontade de Deus, era ela a quem o Altíssimo pedia que reunisse todas as suas forças para impedir que Teodósio, o seu querido irmão, se sentisse abandonado, assustado ou sozinho. Buscando coragem aos braços que a seguravam com carinho e determinação, conseguiu esboçar qualquer coisa como um sorriso:

- Vou pedir à Maria do Rosário que te traga um chá, um chá preto, forte. - E virando-se para frei Pedro, num momento de quase desafio, perguntou:

- Deus não se oporá a um chá preto, pois não?

Frei Pedro sorriu e, sentando-se de novo para aplicar pachos no seu menino, respondeu:

- Nem à Maria do Rosário, nem ao chá. Venham ambos.

Teodósio trocou com ele um sorriso de gratidão. Era duro fazer sofrer os outros e aceitar o seu amor sem o poder retribuir, sem ter forças para desembainhar a espada e lutar por eles. Nesse dia bebeu o melhor chá da sua vida, e as mãos de Rosarinho tocaram as suas uma e outra vez, e Catarina ficou convencida de que afinal o amor era mesmo tal qual como vinha nos livros.



Os sinos tocaram, sinistros e tristes, naquela manhã de dia 15 de Maio, quando a Primavera despontava em todas as árvores do jardim, o cheiro das frésias e dos cachos de glicínias entrava pelas janelas e o céu era de um azul como só o céu português consegue ser.

Catarina sentiu a porta do quarto abrir-se, e sem pensar puxou os cobertores para trás: sabia que era Joana. Abraçaram-se e misturaram as suas lágrimas salgadas, sem trocar uma palavra. Catarina tapou a cabeça com a almofada de penas e soluçou. Joana encostou-se muito perto, o braço em redor dos ombros da sua irmã mais pequenina, e ficou em silêncio.

Nenhuma delas quis ir a correr saber como tudo acabara. Nenhuma delas queria olhar o corpo morto de Teodósio, do duque, do príncipe, do herdeiro, mas sim do Teodósio que apanhava peixes nos tanques, lhes

deixava cair cevada para dentro dos vestidos, que corria atrás delas, com os olhos tapados mas sempre guiado por um instinto tão forte que as descobria sempre; Teodósio de armadura vestida, direito e bonito, os caracóis ao vento, a espada na ilharga, os olhos cheios de esperança, seguro de si, como só pode ser um filho muito amado.

Nenhuma delas se sentia capaz de enfrentar a dor de Luísa. Sabiam bem que o amor da mãe pelo seu primogénito não era deste mundo. Nenhuma delas o podia substituir, nem sequer Afonso ou Pedro teriam alguma vez essa possibilidade. Como se consola alguém que perdeu tudo? Os soluços de Catarina voltaram a baloiçar-lhe o peito, as lágrimas silenciosas de Joana caíam.

Teriam ficado assim para sempre, se não fossem infantas, se o protocolo de uma casa real não triturasse os seus membros, não os vergasse e obrigasse a regerem-se sempre por um bem maior, que não tinha espaço, nem complacência para com sentimentos individuais. À morte seguia-se sempre a vida...



Catarina podia dizer quantos botões tinha o seu vestido preto de veludo, porque a cada um que a criada apertava sentia que o coração ia rebentar. De resto não se lembrava de mais nada. Mas sabia, podia jurá-lo, que Filomena abotoara 77 botões forrados.

Na primeira fila da Sé de Lisboa, as raparigas ladeavam o pai. Afonso, já com 10 anos e vestido pela primeira vez com a armadura de um príncipe herdeiro, estava à direita da mãe, com Pedro no último lugar, perto da ala principal, a capa longa e preta, a sua gola de mil folhos que mal o deixava respirar, mas marcava o dia e a hora em que deixara, de vez, os aposentos das crianças, o quarto dos brinquedos. No altar, bispos, cónegos e padres, num mar de paramentos coloridos, faziam o seu papel. Frei Pedro, discreto a um canto, a ouvir outros a falar e elogiar um Teodósio que desconheciam.

A catedral estava cheia e o povo apinhava-se no adro, nas escadas e pelas ruas abaixo e acima, nas varandas e nas portas, capas pretas nas janelas, flores para uma última homenagem.

Mas os olhos de todos estavam postos apenas numa pessoa: na rainha, na mulher que todas as mães sabiam sofrer a maior das dores possíveis. D. Luísa de Gusmão, magnífica num vestido de seda negro, a cara tapada por um véu, era uma figura tão digna e hirta como sempre. Ninguém seria capaz de penetrar naquela máscara, nem sequer de o tentar. Catarina e Joana olhavam-na com espanto e admiração. Como era possível esconder tudo, guardar tudo cá dentro, sem dar o direito a ninguém, nem aos filhos, de esboçar um consolo que mais nada seria do que um atentado a uma dor que era um insulto insinuar ser capaz sequer de imaginar.

Catarina queria aprender, queria ser assim. Os seus olhos enormes, encarnados de chorar, iam da mãe, tão forte, para o pai, que não escondia nada, os ombros dobrados, os soluços silenciosos que lhe faziam subir e descer o peito frágil, que nem fardas nem galões conseguiam mascarar. Catarina encostou-se ao pai, que lhe passou um braço pelos ombros, absolutamente indiferente a se um rei deve permanecer intocado, para que o inimigo acredite não ter maneira nenhuma de o atingir. Qualquer pessoa, por mais comum e simples que fosse, sabia como destruir o rei, o duque, o homem que dedilhava nas teclas do cravo toda a sua dor.

As crianças não seguiram o enterro até ao Mosteiro dos Jerónimos. As aias receberam ordens de as levar de volta para o paço. Catarina recordava, com uma ternura imensa, a cara enrugada das mulheres dos pescadores e o seu sorriso solidário e triste. Eram tantas como os botões do seu vestido, mas muito menos do que todas aquelas pessoas que nos dias seguintes se debruçaram sobre a mão de D. Luísa, sua mãe, e lhe disseram palavras que não passavam de sons articulados mas sem sentido. Não a tocavam, nem de raspão, incapazes de quebrar o gelo que sentia por dentro, a armadura que vestira por fora. Não enchiam nem um bocadinho do imenso vazio que preenchera todos os espaços e espacinhos dentro de si. Não perdera um filho, mas o filho dos filhos, que até era pecado dizê-lo. Simplesmente, não podia escondê-lo: sem Teodósio a vida não parecia fazer qualquer sentido. Por muito que frei Pedro lhe sussurrasse, no confessionário onde procurava refúgio e um momento de solidão, que Deus lhe daria as forças necessárias para continuar a cuidar dos seus meninos, do seu marido, do seu reino. Se ao menos fosse uma mulher comum, que se podia fechar em casa, saborear a dor amarga de cada momento de luto, ou refugiar-se num convento, mas ninguém lhe permitia sequer que fosse até à capela sozinha: era rainha de Portugal, um reino de

equilíbrio ainda precário e que a morte do herdeiro do trono deixava novamente frágil.

Deus havia de lhe dar forças, murmurava para si baixinho, enquanto passava a mão pelo medalhão com a miniatura de Teodósio pintada, para depois correr a mão pelos cabelos crespos de Joana e Catarina, que a seguiam como ovelhinhas perdidas mas sem se atreverem a dizer fosse o que fosse, tal o terror de a magoar mais ainda. Nunca lhes passara sequer pela cabeça que pudessem substituir o irmão no coração da mãe, como estavam certas de que nem Afonso, nem mesmo Pedro poderiam ambicionar a fazê-lo, mas era duro, pensou Catarina, ter a impressão de que não contavam nada, de que não faziam diferença. Era duro sentir que uma mãe olhava para si, e pensava, ou pensaria se tivesse coragem para tal, «porque é que não morreste tu, em lugar dele?»

Nessa noite, mais uma vez através das traves do chão, Catarina ouviu a mãe soluçar, mas pior ainda, o pai chorar como uma criança pequena.

Pelo menos têm-se um ao outro, disse para si mesma baixinho, enquanto, com as costas da mão, enxugava as lágrimas que corriam pela sua própria face.

Um dia teria um ombro só seu, em que chorar as suas mágoas?



Se a família real e o povo se debatiam com a surpresa e o desgosto que a morte de um príncipe já homem provocava, já o Conselho de Estado, os conselheiros e os secretários se reuniam e tornavam a reunir, num ambiente pesado, não só pelo abalo sofrido, mas sobretudo pelo que o futuro parecia trazer... O que o futuro oferecia, em lugar do elegante, inteligente e culto Teodósio, era um príncipe que todos diziam à boca calada ser deficiente, e de quem professores e criados se queixavam do génio insuportável e da má educação. Por outras palavras, Afonso, se Deus o poupasse e as Cortes aprovassem o seu nome, seria um dia Afonso VI de Portugal.

João e Luísa raramente falavam daquele seu filho. Havia sempre a última

gracinha de uma das meninas ou a história de um dos feitos do primogénito, ou mesmo a primeira palavra do «bebé», como lhe continuavam a chamar, embora já tivesse cinco anos, para que conseguissem, com êxito, evitar falar da sua maior angústia. Ouviam, em silêncio e sem comentários, as queixas dos seus tutores, e se João fingia que não entendia as insinuações dos validos que lhe relatavam, com a discrição possível, a última incursão do infante pelas ruas de Lisboa, com gente de uma laia indescritível, que acabara com pedras atiradas a janelas e conflitos de rua, que envolviam murros e agressão física, Luísa, por seu lado, fazia ouvidos moucos às suas camareiras, que lhe pediam que agisse.

João sentia-se absolutamente perdido, escrevia ao padre António Vieira pedindo-lhe que enviasse conselho por escrito, ou melhor, viesse pessoalmente, porque depositava nele todas as suas esperanças: o filho era novo, este encanto pelo mundo masculino, estes modos aparentemente pouco dignos, poderiam ainda ser corrigidos se o mestre dos mestres o tomasse sob a sua asa. Mas António Vieira, apesar do imenso desgosto que a notícia da morte de Teodósio lhe provocara, tinha acabado de ser nomeado superior dos Missionários da Companhia, lá na missão do Maranhão. Escrevia, e consolava o rei como podia, garantindo-lhe que talvez Afonso tivesse apenas uma forma diferente de manifestar a dor que lhe provocara a morte do irmão e, acima de tudo, a ansiedade das novas responsabilidades. Pedia ao rei que não se distanciasse dele, que lhe desse a atenção e a orientação de que o menino, que não passava muito disso, tanto ansiava, prometendo que quando pudesse viria à corte.

Mas João fugia de Afonso, porque não sabia o que fazer. Talvez fosse tudo exagero, talvez estivessem só a tentar envenenar a sua confiança no rapaz, desejassem substituí-lo porque o davam por incapaz, preferindo um bebé no trono, que era o que Pedro não deixava de ser. Como podia Afonso ser tão malcriado, tão prepotente e simultaneamente tão cobarde - diziam-lhe que quando as lutas se tornavam feias, o filho era o primeiro a destapar a cara da máscara que trazia sempre e a fazer uso do seu estatuto de filho do rei de Portugal para escapar ileso... Contudo, com ele Afonso era sempre delicadíssimo, e à sua frente nunca se dirigira a ninguém de forma menos respeitosa. Pelo contrário, sentia-o ligeiramente efeminado, preocupado com as roupas que vestia e os adereços que lhes punha em cima, e até as irmãs troçavam dele, o que parecia vexá-lo, fazendo o rubor subir-lhe às faces. Nesses momentos João normalmente

acorria em seu socorro, pois nunca se esquecera do que sofrera por lhe dizerem que era estranho um homem preferir a música a tudo o resto. Não lhe passava despercebido, no entanto, o olhar de quase rancor com que Luísa o fitava nas alturas em que João pegava no filho, o tirava do meio da discussão e o levava consigo para a Sala da Música.

Nos momentos em que se via sozinho com o pai, livre da sombra omnipresente do irmão herói e da mãe autoritária e assustadora, Afonso tornava-se falador, contava histórias, e, apesar da sua figura ligeiramente disforme, o seu rosto acendia-se de animação e encanto.

Talvez a culpa fosse toda sua, pensou João, enquanto se lançava para cima do seu cadeirão favorito, o pé em cima de um banco por causa da gota que o incomodava tanto, a mão a sustentar-lhe os rins que constantemente o atormentavam. Talvez a culpa fosse sua, porque quantas vezes jurara a si mesmo, nessas alturas em que percebera como era realmente o filho, que lhe daria mais tempo, mais atenção, que prestaria mais cuidado aos seus estudos académicos e militares, que, apesar da idade, não o excluiria dos conselhos. Prometia a si mesmo combater aquela sensação de que naquele palácio coexistiam duas famílias, a que nascera em Vila Viçosa e a que tivera origem já depois de ser rei, dos nascidos aqui neste palácio enorme, entre intrigas e protocolos, neste paço (neste cargo...) de que já há muito se cansara.

Luísa sentia remorsos, mas não do mesmo tipo: a mãe culpava-se por não ter ouvido os mestres e permitido que fossem mais duros com o seu filho. Desprezava-se por o ter tratado como um menino doente, e tudo porque se esquecera que Deus dá e tira, quando entende fazê--lo. Nunca, mas nunca mesmo, nem naquele dia em que Teodósio fugira para a frente de batalha, acreditara que o seu bem-amado menino lhe fosse roubado. E à medida que os anos passavam, as pequenas doenças eram conquistadas e a vitalidade do rapaz se revelava todos os dias ao raiar do sol, mais se convencera de que não valia a pena investir nos mais novos, pelo menos não antes de ter casado as irmãs, não antes de o filho ter assumido o trono - e o pensamento só não era traição porque sabia que a intenção do marido era passar o poder ao herdeiro na primeira oportunidade.

27

Torreão dos Filipes, 25 de Junho de 1653

Catarina subiu as escadas a correr e entrou ofegante na salinha de estudo do torreão filipino. Pedro estava a um canto, numa mesa pequena, entretido com carvão colorido, a última novidade chegada da China, e Afonso displicentemente deitado na cadeira, enquanto os dedos das mãos se entretinham a enrolar bolinhas de papel que se preparava para atirar ao novo mestre, que ainda não tivera tempo de se despedir. Mas quando viu a irmã pôs-se imediatamente de pé e, para espanto do professor, debruçou-se sobre a mão de Catarina, beijando--a. Catarina estava tão ansiosa por lhe dar as notícias que trazia que nem reparou na boa educação do irmão.

- Afonso, as Cortes acabam de dar o aval ao teu nome: és o príncipe herdeiro. Um dia, e que venha longe, que não quero que aconteça nada ao paizinho - apressou-se a dizer, enquanto se benzia -, vais ser Afonso VI de Portugal.

O professor virou a cara para uma das janelas que abria sobre o rio, sem querer demonstrar a preocupação que a notícia lhe causava, mas Afonso teve um gesto inesperado: pegou na irmã pela cintura, tão delicada e pequenina, e rodou-a no ar.

- Obrigada, Catarina. Nunca me vou esquecer que me deste a notícia com alegria, coisa que deve ser difícil para ti atendendo à dedicação que tinhas a Teodósio, e isso revela que és boa pessoa, mesmo até ao fundo. Não me vou esquecer disso...

Atrás de si, Catarina ouviu a tosse, que já começava a tornar-se habitual, de Joana. Voltou-se, aflita, e percebeu que a irmã considerava este entusiasmo uma traição ao irmão que morrera há tão pouco tempo.

Catarina apertou as bochechas a ferver contra as suas mãos pequenas e delicadas e olhou de um para outro dos seus irmãos. Parecia que ia ficar

sem fala, ou fugir pela escada por onde tinha subido, mas, para espanto de ambos, e de si mesma, virou-se para Joana e a voz saiu-lhe alterada. Catarina zangada, o espectáculo iria valer a pena, pensou Afonso.

Catarina estava mesmo zangada:

- Joana, não admito que questiones a minha lealdade para com o nosso querido Teodósio, que Deus o tenha, mas Afonso não tem culpa. Não tem culpa da morte do nosso irmão, não tem culpa que o façam herdeiro, nem tem culpa se um dia tiver de governar, que, a avaliar pela forma como o nosso pai envelheceu, deve ser tudo menos coisa que alguém ambicione fazer. Ele merece os parabéns e saber por alguém da família que a sua vida a partir de hoje vai mudar, e que pode contar connosco.

Joana virou-lhe as costas e desceu as escadas, a tossir. A tosse, sempre aquela tosse.

Afonso continuava calado, meio espantado pela defesa da irmã, talvez pela primeira vez confundido por aquilo que em sonhos sempre tinha desejado mas que, colocado nos termos em que Catarina o fazia, parecia bem menos aliciante: o peso do lugar, o pai de olheiras carregadas, rodeado de conselheiros que lhe diziam coisas contraditórias, o povo a clamar na rua contra os impostos, as fronteiras a necessitarem de defesa, os espanhóis, sempre os espanhóis, tão próximos e tão desejosos de apanharem pela frente um monarca fraco que os deixasse voltar a entrar por ali adentro.

Por segundos, Afonso desejou com todas as forças que os pulmões do irmão mais velho tivessem sido mais fortes. Seria como ele, pensou. Depois encolheu os ombros, como fazia desde pequenino: nunca teria a persistência e a paciência para suportar protocolos sem fim, de colocar os desejos dos outros à frente dos seus.

Agradeceu baixinho a Catarina, pediu-lhe licença para sair e começou a descer as escadas, mas um impulso fê-lo voltar. Intempestivamente abraçou Catarina, passou-lhe a mão pelo cabelo num gesto paternal - já era mais alto do que ela -, prometeu, como que numa oração, que a protegeria até à morte, e voltou a sair disparado.

O professor virou-se enfim, como se aquilo que há tanto tempo lhe atraía

a atenção sobre as águas do Tejo tivesse desaparecido, e olhou para a princesa carinhosamente. Grande pequenina Catarina. Era bem mais provável que fosse Catarina a cumprir a promessa de Afonso. Seria ela, certamente, a proteger Afonso. E, a não ser que a responsabilidade do lugar provocasse no seu carácter uma mutação de 180 graus, desconfiava que teria muito que proteger.

Pedro não dissera uma palavra, não emitira um som. Era estranho este infante mais novo. Firme, determinado, parecia alimentado a outro leite. Não desatara a chorar com a zanga das irmãs, não correra a agarrar-se às suas saias, mas também fora incapaz de dar os parabéns a Afonso. Era impossível saber exactamente o que pensava.

Catarina fez uma ligeira vénia ao mestre, e pareceu reparar pela primeira vez no silêncio de Pedro:

- Pedro, não dizes nada? 0 mano vai um dia ser rei.

O infante voltou o olhar para os papéis que tinha à frente, e ficou calado.

28

Paço Real de Sintra, 10 de Agosto de 1653

Finalmente a mãe permitira-lhe sair de casa. O luto de Teodósio obrigara-os a ficar ainda mais confinados do que nunca ao Paço da Ribeira, mas Catarina sonhava sair dali. Não podia confessá-lo, mas estava cansada de missas e procissões, de lanchinhos de damas, de gente a chorar-lhe lágrimas de crocodilo no ombro, e nem as incursões à Quinta de Alcântara distraíam o espírito, porque também ali tinha estado Teodósio. Além do mais, nem a mãe nem o pai eram companhia que desanuviasse o peso que descera sobre aquela casa. O pai passava todas as horas que não estava com os conselheiros fechado na sala do cravo. O tempo para o cravo crescia, enquanto decrescia a paciência para os longos e eternos debates sobre como angariar dinheiro, encher os cofres do reino e ganhar, lá fora, as bata- lhas diplomáticas que permitissem a independência de Portugal e a conservação dos territórios conquistados pelo Mundo fora.

Além do mais, Lisboa era insuportavelmente quente e malcheirosa nos meses quentes do Verão e por isso estavam eternamente agradecidas ao médico que Luísa chamara para ver Joana com aquela tosse que não a largava, de noite ou de dia, por este ter indicado a urgência de saírem da capital. Porque não o Paço da Rainha, em Sintra, sugerira, cúmplice, lembrando que todos os reis, antes de Suas Altezas, trocavam durante os meses do Verão as fétidas e doentias ruas da cidade pela verdura da serra.

Durante dois dias até deu a impressão de que Joana se queixava menos dos pulmões, tal o entusiasmo de fazerem as malas e partir. Tinham sido escolhidas Ana, Maria do Rosário e Maria do Carmo, as aias favoritas, para lhes fazerem companhia, e entre elas trocavam risinhos ao tentar adivinhar, olhando pelas janelas que davam para a cocheira, quais seriam os estribeiros e os cavaleiros enviados para as escoltar. Dona Leonor de Meneses, a camareira, bem tentava serenar--lhes o entusiasmo, impedindo conversas que não considerava compatíveis com a obrigação de orações constantes, mas as adolescentes estavam enfeitiçadas, finalmente, pela Primavera tardia, e queriam falar de amores e não ladainhas

intermináveis. Para dizer a verdade, achava que estavam a precisar de respirar outro ar, depois de um ano tão dramático, que deixara marcas na tez pálida de Joana - preocupava-a tanto, esta menina - e tornara Catarina ainda mais pensativa.

Afonso e Pedro não iriam com eles. Afonso fizera uma das suas birras quando descobrira que estava impedido de partir nas «férias no campo» das irmãs mais velhas. Embora tentassem sossegar a fúria, explicando-lhe que era importante de mais para o reino para poder sair assim de Lisboa, agora que o seu estatuto era o de príncipe herdeiro, recusara-se a ser levado por cantigas. Sabia bem porque não o deixavam ir, não queriam que fosse caçar com os amigos, nem fizesse montarias com eles, porque lhes metera na cabeça que haviam de ser eles a escolher com quem se dava, gritava a plenos pulmões. Só a ironia fria de frei Pedro, ao dizer alto que podiam estar todos descansados, que pelo menos dos pulmões este infante não sofria, o fez calar. O frade já tinha entendido que João passara a pasta a Luísa, tendo--lhe entregado a gestão da educação de Afonso. O rei confessara-lhe, mesmo, que sabia que era uma posição cobarde, até porque admirava a força da rebeldia daquele seu filho. A mulher dizia que era doença, e talvez fosse, mas então talvez sofresse da mesma doença, porque, se fosse sincero, tinha de admitir que também ele sentia, muitas vezes, vontade de se atirar para o chão e protestar como o filho contra a mão-de-ferro com que a mulher parecia governar a vontade de tudo e todos.

Até Luísa soltou duas ou três gargalhadas, som que não se ouvia na Ribeira há longos meses, quando as suas queridas filhas, com cestos de piquenique nas mãos, a abraçaram, os olhos brilhantes de excitação. Iam partir, as carruagens estavam prontas, as malas feitas. Nem teve tempo de lhes ordenar que se comportassem como infantas de Portugal, porque durante segundos os seus olhos turvaram-se. De saudades, de nostalgia dos tempos em que em San Lucar partia com o rancho de amigas das melhores famílias da região até às praias da costa, onde brincavam ao sol e comiam o marisco fresco que os pescadores lhes traziam. Nesses dias, o brilho nos seus olhos escuros era tal qual o das suas meninas, mas o coração tão mais leve do que agora, tão, tão mais seguro e feliz, o coração de uma filha única e mimada, entre dois irmãos rapazes, com direito a uma infância despreocupada. Aquela que Joana e Catarina nunca tinham conhecido, coitadinhas, arrastadas de Vila Viçosa e enclausuradas neste

paço. Diria hoje, como naquele mês de Novembro, que mais valia rainha um dia do que duquesa toda a vida? Luísa travou o pensamento. Bateu com o pé ligeiramente no chão e, voltando ao sorriso, como naqueles dias em que faz sol e chuva ao mesmo tempo, disse-lhes:

- Meninas, corridas pelo corredor, saltos, gritinhos, mas o que é que vos deu, parece que nunca saíram à rua, e sobretudo que são umas fedelhas sem educação. Vamos a endireitar as costas, a dizer adeus à mãe com respeito, e não se esqueçam da missa diária e das orações, que Portugal bem precisa delas.

Dizendo isto, abraçou primeiro Joana, com a força de quem não suportava perdê-la, e depois Catarina, como quem se despedia daquela que, embora ainda nem tivesse 15 anos, era, todos os dias, o barómetro das suas atitudes. Sabia ler no olhar da filha a aprovação e o descontentamento, como se visse a sua alma ao espelho, tantas vezes desamparada e sozinha.

Em Sintra, as torres do Paço da Rainha brilhavam contra o azul--intenso do céu e, no entanto, como suspirava Joana, aqui o ar já era respirável, e a brisa e a sombra das árvores ao longo do caminho contrastavam de forma deliciosa com as ruas apinhadas de casas que rodeavam a Ribeira.

As criadas tinham cumprido todas as ordens de D. Leonor de Meneses, e a tijoleira do chão e os azulejos verdes e brancos das paredes do Paço de Sintra reflectiam o sol, polidos e limpos. As infantas e as aias foram colocadas em quartos contíguos, tendo sido a Sala dos Cisnes reservada para as lições, e a capela, que encantava sempre Catarina, para as orações diárias.

Depressa se instalou uma rotina, mas que «sabia tudo a coisa completamente diferente», como dizia Maria do Rosário, perante os protestos de Joana, que procurava, em vão, emendar-lhe o português. Português à parte, a verdade é que o sabor destes dias era diferente, os primeiros, desde a morte de Teodósio, em que Joana, em segredo, não se angustiava com o medo de que a sua tosse fosse igual à do irmão, e de que também a ela não restasse muito tempo de vida. Curiosamente, mais ninguém parecia fazer esta associação, o que a levava a sentir-se mais tranquila, pelo menos até à crise seguinte.

Mas em Sintra não falaram nem de mortes, nem de doenças, mas só, e apenas, de amores e paixões, de traições e bastardos, de como cada uma delas seria amada.

Deitadas sobre as camas, de camisas de noite já vestidas, e na total confiança das suas duas aias, as infantas falavam do futuro. Joana sabia pouco das diligências que os embaixadores dos pais faziam pelo Mundo, mas estava certa que mais dia, menos dia, lhe comunicariam quem era o feliz contemplado, e teria de partir para um país desconhecido, uma corte hostil, e gerar filhos de um homem que, com sorte, não lhe desagradaria demasiado.

- Não és lá muito ambiciosa - protestava Catarina. Porque é que não há-de ser um príncipe lindo de morrer, que te ame profundamente e esteja disposto a defender a tua honra e felicidade com a espada?

A conversa entusiasmava-a tanto que se punha de joelhos em cima do colchão e gesticulava sem fim, como se as mãos desenhassem o futuro.

Joana aconchegava-se mais aos cobertores e, rindo, dizia:

- Porque esses só existem nos livros que lês às escondidas da mãe e de Leonor e que te metem essas ideias tontas na cabeça.

- Românticas? O pai e a mãe não são felizes, como nos livros?

As duas damas não se atreveram a comentar a pergunta, mas Joana respondeu por elas:

- Casaram por vontade dos pais, nunca se tinham visto antes do dia do casamento, em que a mãe não se cansa de dizer que choveu a potes, e conta, entrelinhas, que chorou sem parar...

- Estás a desconversar. O que tem isso que ver com o amor entre eles, com os filhos que tiveram, com o facto de se apoiarem sempre, mesmo quando nem sempre concordam um com o outro?

- Se esse é o teu amor romântico, concedo, a mãe e o pai são felizes. Mas não tens medo de partir para um outro país, onde toda a gente te vai detestar?

- Detestar? - perguntou Catarina, espantada. - Detestar-me a mim, mas porquê? Aqui ninguém me detesta. Acho eu.

- Porque detestam as rainhas que vêm de fora e há sempre intrigas entre as mulheres do país que queriam caçar o rei, ou já o caçaram, e se vêem impedidas de subir ao trono por uma princesa vinda sabe--se lá de onde - comentou Maria do Rosário.

- Além do mais, a minha mãe diz-me que as cortes francesa e inglesa estão cheias de gente desbragada, bárbaros, que nem sequer rezam ao nosso Deus ou dobram o joelho a Roma - acrescentou Maria do Carmo.

- Não baralhes tudo - irritou-se Joana, que tinha secretas esperanças de que talvez o seu casamento fosse para os lados de França, e toda a gente sabia que a corte francesa era luxuosa e rica e Joana gostava de brilho e de pompa. - Em Inglaterra vai ser diferente. Charles vai fazer a diferença - interrompeu Catarina.

- Já o trata por Charles, Charles à portuguesa não fica bem? - perguntou, sempre trocista, Maria do Carmo.

Catarina corou, e os olhos ficaram ainda mais brilhantes. Estúpida, falara de mais. Há anos que guardava dentro de si esta esperança, que a mãe alimentava sempre que podia. Charles continuava a procurar reconquistar o trono de Inglaterra, mas até agora sem sucesso. A mãe dissera-lhe, poucos dias antes desta vinda para Sintra, que o seu rei sem trono estava agora na Holanda com a irmã, mas que tudo se preparava para que, em breve, se tentasse nova invasão. Ou que talvez Cromwell fosse derrotado pelo povo desejoso de uma monarquia que sempre o regera, chamando de novo o príncipe que lutara ao lado do seu pai, e que aos 15 anos o vira ser decapitado por este homem odioso, enquanto a mãe e as irmãs fugiam para França. Príncipe que no momento da morte do pai passara objectivamente a ser rei.

- A mãe de Charles - disse Catarina - é católica, irmã do rei de França, e, depois de tantos anos a viver na Europa, a minha mãe diz que tem a certeza de que quando Charles - e acentuou o Charles - tomar o trono, será uma Inglaterra católica aquela que governará.

- Não gosto lá muito dele, que me desculpe Catarina, mas parece--me um

doidivanas - murmurou Maria do Rosário.

Catarina, rápida como um dos falcões da sua Vila Viçosa, percebeu que a amiga não falava de cor. Desesperava-a que a mãe só lhe contasse as coisas boas acerca de Charles, enquanto toda a corte conhecia as mais arrojadas e as mais picantes. Por isso insistiu:

- Diz-se o quê de Charles?

Maria do Rosário atirou-lhe com uma almofada e riu:

- Que só pensa em mulheres, que já casou e tem um filho!

Catarina ficou instantaneamente pálida e escorregou para dentro dos lençóis. Não, não podia ser. Mas, sobretudo, não podia dar parte de fraca perante as três amigas que dividiam consigo o quarto. Voltou, corajosa e com o coração do tamanho da cabeça de um alfinete, a sentar-se direita:

- Boatos, conversas, sabem lá em Lisboa com quem é que ele dorme na Holanda... - E para si própria murmurou: «E agora, agora como é que conseguirei saber mais pormenores, sem dar parte de interessada?»

- Não são nada boatos - respondeu Maria do Rosário, sem perceber sequer que Catarina levava o seu imaginário compromisso com o príncipe inglês tão a sério.

- Se não são rumores, então conta - disparou, em tom de desafio, Catarina.

Joana olhava a irmã, pasmada - nem a ironia nem o desafio faziam parte da Catarina que conhecia. A mãe devia ter feito mesmo um bom trabalho, porque agora podia pedir à filha que se atirasse de uma ponte pelo príncipe que ela o faria de bom grado! Percebendo, no entanto, que Catarina queria assumir, perante as outras, um ar ligeiro e desprendido, decidiu acorrer em seu auxílio.

- Conta lá, Rosário...

- O meu tio acompanhou um embaixador em Haia, e foi ele que disse à minha mãe... ouvi-o a falar com ela, sentados no braseiro, quando fui a casa

pela Pascoela.

- Mulher, pedimos detalhes, queremos lá saber onde se sentava o teu tio - exclamou Maria do Carmo.

- Pronto, foi isso o que ouvi. Que Charles tem um caso com uma tal Lúcia qualquer coisa, e que casaram em segredo e da relação nasceu um filho. A criança foi entregue para criar a um grande amigo da família...

O «seu» Charles com outra mulher? Casado em segredo? Catarina sentia-se dividida. Um príncipe que tem a coragem de casar em segredo, contra a vontade dos pais, era para ela um herói, por muito que se quisesse convencer do pecado da desobediência e rotular o seu comportamento com o nome de outros tantos pecados. Por outro lado, e se fosse verdade, se ele a amasse a sério, e quando reconquistasse o trono fizesse finca-pé em torná-la rainha? E aí onde ficava ela, Catarina?

Joana decidiu acabar a conversa:

- Deixem-se dessas conversas bárbaras. Quantos homens não têm filhos de mulheres que não são suas aos olhos de Deus, é da natureza masculina, o padre está constantemente a dizê-lo, e não é coisa a que se deva dar importância.

E depois submergiu a um imenso ataque de tosse, e Catarina esqueceu tudo, na ânsia de lhe trazer o remédio, chamar a criada para lhe fazer um chá, e sentar a irmã mais direita nas almofadas, para que respirasse melhor.

- Joana, temos de chamar o médico - proferiu, firme. Charles bem podia esperar.

29

Paço da Ribeira, 17 de Novembro de 1653

O dia nasceu cinzento e triste. Afonso sentara-se na cadeira de verga junto da cama de Joana e segurava-lhe na mão gelada. Catarina despachara a criada e tratava ela de fazer a irmã beber uma infusão. Estavam ali os dois contra todas as ordens dos médicos e físicos da família real e dos da corte, que desta vez Luísa tinha juntado todas as cabeças que conseguira encontrar, porque não desejava confiar apenas no saber de um. Deixaram bem claro que não queriam nenhum dos infantes no quarto da princesa, bastava ver as semelhanças entre os seus sintomas e os do irmão Teodósio para perceber que estavam perante uma doença contagiosa. O facto de só Joana parecer ter sido atingida por ela não significava que não surgissem, entretanto, novas vítimas.

Afonso sentira-se importante quando o doutor Fortunato lhe viera dizer que era fundamental que ele, o herdeiro, se mantivesse resguardado. Gostou de ouvir aquele «a bem da família real e de Portugal», mas, depois da satisfação instantânea do seu ego, voltou a ser quem era: irmão de Joana, a sua irmã que estava a morrer...

Frei Pedro bateu suavemente à porta, e ao «entre» da infanta mais nova esgueirou-se pela porta, com um ramo de flores de laranjeira, que pousou nas mãos de Joana.

- Laranjeira lá de casa - agradeceu, excitada, Joana.

- Laranjeira lá de casa, sim, senhora D. Joana, que não a enganaria com outras apanhadas por aí - repetiu num tom sério o frade, comovido com o facto de a princesa continuar a chamar «casa» à terra onde ambos tinham nascido.

Catarina estendeu-lhe a mão, que frei Pedro apertou com força, numa mensagem silenciosa mas que a enchia de coragem, enquanto estendia a outra a Afonso, que efusivamente a prendeu entre as suas. Era como se o frade, que nunca se deixara contagiar pelos modos da corte, servisse para

unir aqueles irmãos, e o herdeiro não se enganava quando ficava com a impressão que frei Pedro era dos poucos que o olhavam a direito e viam para lá das suas deformidades, da sua corcunda que se acentuava de dia para dia, da boca puxada ligeiramente para um lado, resultado da doença que lhe mudara a vida.

- Além da laranjeira, traz-me o que lhe pedi? - perguntou Catarina.

Joana virou a cabeça, curiosa, e Afonso hesitou por momentos, antes de se deixar cair de novo na cadeira:

- Sim, a água benta das irmãs de Nossa Senhora da Conceição.

Depois mais baixo:

- Conseguiu ir a Mourão?

Frei Pedro tirou de dentro do hábito um pequenino frasco preso por uma corrente ao pescoço, e Joana desfez-se em lágrimas:

- Já nada me vai curar, frei Pedro, mas agradeço-lhe do fundo do coração que me faça uma unção com a água benta da Padroeira de Portugal, porque assim estou certa de que a Senhora me levará mais depressa para junto do meu irmão Teodósio.

Frei Pedro olhou instintivamente para Afonso, mas Afonso dobrava os ombros de forma ainda mais acentuada e escondia o rosto nas mãos. Pobre Afonso, pensaram frei Pedro e Catarina, que, além do desgosto de perder os irmãos, ficava sempre com a cruz dos seus deveres e obrigações, ele que tanto desejava ver-se longe do juízo alheio, viver longe dos olhos ferozes da mãe, que o faziam sentir-se ainda mais diminuído e mais zangado.

Mas, por momentos, o futuro desapareceu de vista, as paredes do quarto pareciam abater-se sobre eles, e as vozes ruidosas que chegavam sempre directas do terreiro perderam-se entre as paredes grossas: Catarina e Afonso, e a ama de Joana, que permanecia há dias tão quieta na sombra que ninguém dava por ela, ajoelharam-se em oração, enquanto frei Pedro molhava os dedos na água benta da Senhora da Conceição e das Candeias e fazia o sinal da cruz na testa, na boca e no peito de Joana. As mãos da

infanta, que fizera há tão pouco tempo 18 anos, cruzavam-se serenas sobre a colcha ricamente bordada, e quando a pequena cerimónia terminou já adormecera num sono sereno.

Alguém, naquela corte onde a cada buraco de fechadura correspondia um coscuvilheiro, terá avisado o rei e a rainha do ritual, porque as portas abriram-se de par em par, seguras pelo reposteiro-mor, e ambos entraram no quarto.

Catarina só teve tempo de colocar o dedo frente à boca, pedindo silêncio, e Afonso apontou para o leito da irmã, que depois de dias de insónia dormia como um anjo.

- Um pequeno milagre - murmurou João, os olhos imediatamente cheios de lágrimas.

- Um milagre da Virgem da Conceição. Mas um milagre que não chega - gemeu, em súbito desespero, Luísa. Depois virou as costas à família e precipitou-se a passo rápido pelo corredor, os sapatos batendo com força na madeira do soalho.

Nessa mesma noite Joana adormeceu para sempre.

Catarina acreditava em Deus, obviamente. E o pequeno milagre que tinha sentido acontecer com Joana tinha-a ajudado a manter a fé numa altura em que por dentro, no seu lado mais pequenino, frágil, menos protector e com muito menos fé, tudo gritava e gemia de ódio e de revolta. Joana, a sua querida irmã? A que lhe ia ensinar tudo sobre os homens, sobre o amor, sobre o casamento e as obrigações, a única pessoa na corte com quem ela nunca tinha de ser mais do que uma criança, uma irmã mais nova e nunca infanta? Não havia resposta possível, e Catarina, embora tenha seguido todos os protocolos de luto, embora ouvisse as palavras de todos os padres, sabia que mesmo que houvesse uma resposta divina, mesmo sabendo que os dois irmãos se encontravam bem, no Céu junto de Deus, nunca se lhe tiraria a ideia de que estariam muito melhor junto dela. De todas as mortes futuras que Catarina, mesmo sem o saber, teria de suportar, nenhumas se compariam às de Teodósio e Joana.

Dias depois, quando Catarina conseguiu escapar-se ao regime de ferro e luto que caíra de novo sobre a Casa de Bragança, e fugiu sozinha para

visitar o túmulo da irmã, no silêncio majestoso do Mosteiro dos Jerónimos, não se espantou quando, por cima da pedra gravada com o nome de Joana Medina-Sidónia de Bragança, Princesa da Beira, encontrou um ramo de laranjeira em flor. Secando as lágrimas, conseguiu sorrir e, olhando para o tecto trabalhado do mosteiro, teve a certeza: Joana fora levada para junto de Teodósio e de Deus Nosso Senhor. Naquele momento, brincavam os dois no jardim dos buxos, o som da água na fonte, no ar o perfume das flores, as laranjeiras já carregadinhas de fruta. Era preciso dar a notícia à mãe.

30

Paço da Ribeira, 2 de Abril de 1654

Há um ano que a corte vivia sob um pesado silêncio. As mortes, uma após a outra, dos dois príncipes mais velhos da Casa Real tinham acordado a consciência da fragilidade da vida e de como o futuro pode mudar de um momento para o outro.

Quem percorresse o corredor próximo da Sala de Música do rei e escutasse os acordes do seu cravo ficaria com a certeza de que D. João sentia uma imensa dificuldade de encontrar dentro de si o alento necessário para continuar a governar o país, a manter as suas rotinas, a dar a importância necessária aos assuntos a que lhe pediam que prestasse atenção. Teodósio e Joana mortos e a vida continuava. Sabia bem que era a vontade de Deus que assim fosse, mas só quando se perdia numa sonata sentia a dor mais suportável.

Era tão fácil «abdicar» quando se tinha Luísa de Gusmão no quarto ao lado, na outra ponta da mesa, na cabeceira das reuniões, na gestão da Casa da Rainha, e na do rei...

Luísa desesperava, por vezes, com a passividade do marido, mas, embora não o pudesse confessar a ninguém, era no trabalho, na solução dos problemas e na sensação de que era necessária, ou mesmo imprescindível, que encontrava a força para continuar.

Aprendera a lição: se não podemos confiar na ordem natural das coisas, se ao pai não sucede o primogénito, se uma mãe tem de suportar a dor suprema de ver os filhos morrer antes de si, se tantos e tantos detalhes surpreendem e destroem os planos e as estratégias, então é preciso ser mais activo na construção do que aí vem.

Tentara explicar a João que era preciso dotar Pedro de mais força, porque Afonso, vítima da doença, talvez não fosse capaz de vir a ser rei. João tapara a cara com as mãos mas ainda encontrara ânimo para

protestar:

- Não fales assim, Luísa. Deus sabe o que faz, Deus sabe porque nos tirou de Vila Viçosa e nos colocou aqui...

- É claro que Deus sabe, mas temos de saber ouvi-lo, não é isso que diz o pregador régio? Temos de ajudar a que a sua vontade se concretize, não podemos esperar que faça tudo - respondera com convicção a rainha.

João sabia bem que podia contra-argumentar, dizer-lhe que lhe parecia que era ela que estava a impor a sua vontade ao Altíssimo e não o contrário, mas para quê discutir se, no fundo, sabia que a mulher tinha razão: Afonso estava a cada dia mais gordo, mais disforme, e percebia-se que o seu raciocínio era lento, que as suas fúrias repentinas, que tanto assustavam os criados, denunciavam uma vontade tirânica que sem o contrapeso do bom senso e da inteligência poderiam ser perigosos num lugar de poder. Como Pilatos, no entanto, preferia lavar as mãos do assunto:

- Falas nisso porquê, o que pensas fazer? - perguntou, derrotado.

- O que penso fazer? Mas o problema é nosso, João, não meu; o problema é de Portugal, não de Medina-Sidónia. Nós é que temos de encontrar uma solução, juntos... - protestou Luísa, que detestava a forma como o marido lhe passava todas as responsabilidades. Subitamente amargurada, pensou: Excepto quando foi preciso escolher uma concubina!

João recuou. Depois de tantos anos de casamento sabia ler os pensamentos da mulher e tinha consciência que lhe dera uma arma contra a qual não tinha defesa.

- Desculpa, é claro que o problema é nosso. Mas eles são ainda tão pequenos. O Pedro vai fazer seis anos, o Afonso tem dez anos, quase onze, é certo, mas como é que pretendes saber já como cada um deles vai ser, em quem é que se vai tornar? O Afonso tem imensas qualidades, se for educado, guiado, pode desenvolvê-las e deixar de lado as birras de criança - protestou.

Mas Luísa pensava à distância e acreditava na sua intuição. O investimento deveria ser feito, discretamente, em Pedro. Sem que ninguém

desse por isso, sem que pudessem dizer que favorecia um dos seus filhos em desprimor do outro, mas era urgente separá-los, até porque o mais novo já começava a seguir os passos do irmão, e já corriam histórias de terem sido vistos juntos em arruaças. As consequências do mal que afectara Afonso eram bem visíveis, e os conselheiros entenderiam esta medida de precaução. E que melhor dia para anunciar a sua decisão do que nos seis anos de Pedro, que se celebravam dali a semanas? Os novos projectos provocavam-lhe sempre um surto de vitalidade. Começaria já a tratar deste assunto.

João olhou-a uma vez nos olhos e percebeu que a «decisão conjunta» estava tomada. Sorrindo para dentro, com ironia amarga pensou que a sua parte neste «projecto» seria a mais simples. Bastava-lhe uma pena com tinta fresca e que a sua mão direita cedesse a apor ao documento final uma assinatura: João IV, Rei de Portugal.

31

Quinta Real de Alcântara, 26 de Abril de 1654

Naquele dia Catarina acordou Pedro com um «ataque de cócegas». - Pára, Catarina, pára - dizia Pedro, sem conseguir conter as gargalhadas histéricas.

- Só paro se me disseres o que é que de importante acontece hoje - dizia a irmã, divertida, enquanto o tirava da cama e o aconchegava ao colo.

- Faço anos, faço anos, é o dia mais importante do ano inteiro - dizia ele, as lágrimas de tanto rir a correrem-lhe pela cara abaixo.

- Isso mesmo, D. Pedro, e seis anos é uma idade muito importante, porque...

- Porque é quando se aprende a ler e a escrever, mas eu já sei as duas coisas - protestou o irmão mais novo.

- Pois sabes, mas tens de saber muito mais. Mas o meu presente não é uma caneta, está descansado...

- Mostra, mostra, mostra o meu presente - protestou Pedro, as mãos a correrem os bolsos do vestido da irmã, os olhos a procurarem à sua volta.

- Não está aqui. Tens de tomar banho e vestir-te porque guardei--o no jardim.

Voltando-se para a aia do irmão, pediu-lhe:

- Teresa, por favor, vista o meu irmão, mas não lhe ponha já a roupa de festa, que daqui até ao lanche ele fá-la em farrapos - disse a rir.

Meia hora depois Pedro estava pronto, o cabelo encaracolado fu- gira a ser domado pela água que a criada lhe tinha aplicado, os olhos, enormes e escuros como os das irmãs, estavam abertos de excitação.

- Agora, Catarina, agora já posso ver o meu presente?

Catarina pegou-lhe na mão e levou-o pela escada de serviço da Quinta Real de Alcântara - que alívio sentia por os pais terem decidido que era tempo de quebrar o luto e mudar de ares, que já não conseguia atravessar os corredores da Ribeira sem ouvir a voz de Joana ou o riso de Teodósio. Tinham chegado àquela quinta que ela e o pai adoravam, uma quinta informal, um conjunto de casas mais pequeninas, num jardim imenso, com fontes e laguinhos e hortas cheias de alfaces tenras, todo ele murado, mas com um murinho baixo que deixava ver bem o rio ali tão perto, onde desaguava a ribeira de Alcântara, quase uma praia entre eles e a água. Já lá pernoitavam há uma semana e aquele dia estava particularmente bonito, quente, o céu absolutamente azul. As mesas já estavam a ser postas no jardim para a festa de anos de Pedro e os criados iam e vinham agitados. Mas o irmão não a deixava perder-se muito tempo em pensamentos:

- O meu presente, mana Catarina? - perguntou na sua voz mais meiga, com aquela arte fantástica que possuía de manipular as pessoas à sua volta.

Catarina levou-o à cavalariça, e num cestinho, a um canto, estava um cachorro de meses, a coleira de cabedal presa por um cordel para que não fugisse:

- É para mim, é para mim? - exclamou, absolutamente feliz, Pedro, abraçando o cachorrinho. - Como é que se chama?

- Não faço a mínima ideia, tu é que tens de lhe dar um nome...

- Teodósio - disse o irmão pequenino, numa voz que revelava todo o seu entusiasmo.

Catarina sentiu o coração parar de bater. Teodósio, o nome do príncipe herdeiro, do seu irmão querido, dado a um cão. Respirou fundo. Sabia que ao escolher aquele nome, Pedro manifestava, à sua maneira de criança, exactamente a mesma adoração pelo irmão mais velho que tinha partido, num desejo infantil de que o primeiro ser vivo a que podia chamar seu preenchesse o imenso vazio deixado pela falta do herói. Mas estava fora de questão, a mãe e o pai sentiriam uma dor imensa, e aquelas más-línguas da corte nunca entenderiam nada do que se passava no coração de um

menino de seis anos.

- Não pode ser, Pedro, esse nome já tem dono, é do nosso Teodósio. A mãe e o pai ficavam tristes sempre que ouvissem chamar por ele - disse Catarina, jogando a sua melhor carta. Pedro não faria nada que desagradasse à mãe, por quem tinha uma veneração absoluta.

- Teo, então. Só Teo, e assim só eu e tu é que sabíamos que o cão mais esperto do Mundo tinha o nome do mano?

Catarina riu. O disfarce era facilmente ultrapassável, mas talvez ninguém se desse ao trabalho de pensar no assunto duas vezes.

- Fica Teo - disse ela, passando-lhe as mãos pelo cabelo -, e não te esqueças que, tal como o nosso irmão, este rafeiro alentejano também nasceu em Vila Viçosa. Foi o Manel, o marido da nossa ama Carminho, que mo trouxe.

O presente passou a ser ainda mais precioso e Catarina deixou o irmão, sob a supervisão da criada, a tentar ensinar ao pobre cachorrinho como fazer autênticos números de circo.

Sentada no jardim com o bordado na mão, Catarina olhava, naquele fim de manhã quente, os campos verdes que desciam até ao rio. Luísa abriu a porta e, ao vê-la ali sozinha, saiu para o sol. Sorrindo--lhe os bons-dias, sentou-se ao seu lado no banco de madeira, forrado de almofadas.

- Está-se bem no campo - disse-lhe a mãe, respirando fundo.

- A mãe devia parar de trabalhar mais vezes. Cansa-se tanto - protestou a filha.

- Sei isso, luz dos meus olhos, mas tem de ser, é preciso cuidar deste reino, e não é nada fácil - contestou Luísa.

Catarina comoveu-se. Comovia-se sempre que a mãe lhe chamava, com aquele sotaque castelhano, «luz dos meus olhos», que sorte tinha em ser das únicas escolhidas, daquelas raras pessoas com direito ao lado mais terno e dedicado da mãe, que se tornara ainda mais doce com ela ao longo dos últimos meses. Catarina estava grata por isso. Quando Joana morrera

tivera tanto medo de que a mãe a condenasse por ser ela, a segunda filha, a sobreviver. Percebera, então, que a mãe era acima de tudo uma mulher justa, exigente com os outros, mas muito menos exigente do que era consigo mesma.

O silêncio quebrou-se:

- Sempre tão pensativa, filha. Hoje é um dia feliz, o Pedro faz seis anos, e tenho boas notícias para ti e para ele.

A infanta virou-se para as ouvir.

- O pai vai hoje dar a Pedro uma Casa, a Casa do Infantado, com terras, rendas e tenças, queremos que seja a Casa atribuída daqui em diante aos segundos filhos do rei. Também vais receber terras e um património próprio, filha, porque és hoje a princesa do reino, e é justo que ao título correspondam bens. Além do mais, é uma forma de trazer à coroa as terras dos nobres que nos abandonaram a favor de Espanha. É preciso consolidar a riqueza dos Bragança, que está já de si tão delapidada, com os investimentos feitos nesta guerra sem fim... Se um dia casares, terás de doar ou vender essas terras ao teu irmão Pedro.

Catarina estava com dificuldade em digerir toda esta informação, comunicada assim de chofre, numa manhã de sol, num terraço de uma quinta. Sabia bem que parte da nobreza se aliara a Castela, percebia o conceito de reconverter esses bens em bens da coroa, mas uma Casa do Infantado para Pedro, uma Casa aos seis anos, porquê? Pedro, tal como Afonso e ela própria, pertencia à Casa da Rainha, com uma estrutura rígida, que incluía desde cozinheiros a confessores passando pelos moços da estrebaria, e que respondia às necessidades de todos. Ter Casa era um acontecimento imenso, que acontecia quando os príncipes atingiam a maioridade, aos 14 anos, lembrava-se bem da excitação de Teodósio quando chegara a sua vez. Subitamente, como num pesadelo, o pensamento assaltou-a e, sem se conter, gritou numa voz com um toque de histerismo:

- E o Afonso, mãe? O Afonso é mais velho do que o Pedro, é o herdeiro da coroa, o futuro rei, também vai ter Casa, claro...

Luísa desviou o olhar para o horizonte.

- Tu e Afonso continuarão na Casa da Rainha, é o mais indicado para uma rapariga e para uma criança doente, que não pode sozinha gerir a responsabilidade de uma Casa sua.

Catarina estava agora de pé, os olhos brilhavam com uma das suas raras, mas sempre memoráveis, fúrias:

- Não posso acreditar que o rei e a rainha façam uma coisa destas ao herdeiro do trono... e não me diga que o seu primogénito é para sempre o Teodósio, porque o Teodósio morreu, mãe, e o sucessor legítimo, legítimo, está a ouvir, mãe, é o Afonso. Esteve doente, pois esteve, mas se a mãe e o pai o põem de lado agora, a corte, os conselheiros, toda a gente vai saber o que vos vai na cabeça. Pior do que tudo, o Afonso vai perceber imediatamente o vosso plano...

- Infanta Catarina de Bragança, já chega! Plano? Mas o que é isto de se virar para a mãe com acusações? O que se decidiu está decidido e ai de ti se voltares a insinuar seja o que for. Uma filha a desconfiar do rei e da rainha? Na tua querida Inglaterra, cabeças rolaram por muito menos.

A última frase doeu-lhe, doeu-lhe muito. Era a mãe que a incitava a pensar constantemente naquela ilha distante, porque é que vinha agora atirar-lha à cara?, como se fosse um sonho egoísta, só seu, quando era ela, Catarina, que se dispunha a deixar o país e a família a bem de Portugal. Escondeu a cara no bordado e manteve-se em silêncio. Como se pode odiar tanto alguém que se ama tão profundamente, pensou, enquanto as lágrimas caíam numa cascata. Falaria com o pai, o pai entendê-la-ia, o pai corrigiria este erro tremendo, que ofenderia tanto Afonso. Como lhe podiam pedir, depois, que não se revoltasse, que não continuasse por um caminho de colisão com os interesses da rainha? Contra os interesses da rainha, não, coitadinho, contra o facto de atentarem contra os seus próprios e mais do que legítimos direitos, suspirou a princesa.

Nessa tarde, a notícia foi dada durante o lanche. João deu ao filho um documento com as armas da recém-criada Casa do Infantado, a planta do Palácio Corte Real onde ficaria sedeada e, simbolicamente, uma espada. Pedro esgrimiu-a no terreiro, entre o riso dos convidados.

Frei Pedro e Catarina tinham-se retirado para um banco de pedra escondido entre o arvoredo, e nem um nem outro disseram palavra, mas

também não precisavam. Como que por instinto ambos olharam, em simultâneo, para a janela que dava para o jardim e escrutinaram o vulto volumoso e atarracado de uma criança que se escondia atrás dos grossos reposteiros, os olhos presos na cena que acontecia cá em baixo.

- É o Afonso - disse, com um soluço, Catarina.

Frei Pedro limitou-se a abanar que sim com a cabeça.

32

Paço da Ribeira, 16 de Maio de 1655

Catarina não se lembrava de se ter sentido tão sozinha na vida. O ano corria lento e, se não fosse a compensação de a mãe a chamar cada vez mais para junto de si, achava que teria morrido de tristeza. No último Natal, só ela, Afonso e Pedro se tinham juntado ao pai, na Sala da Música, para entoar baixinho o seu Adeste Fidelis, e o Presépio fora erguido sem a alegria do costume, como se naquele ano ninguém naquela casa quisesse ouvir falar de vida.

Mas Luísa não era mulher de deixar que ninguém ficasse preso à sua dor, e a agitação internacional, os embaixadores que chegavam e partiam, o Tejo cheio de barcos carregados de especiarias, os pregões dos vendedores e os negócios dos comerciantes mesmo à porta do palácio não permitiam que fosse quem fosse se pudesse dar ao luxo de fazer parar o tempo.

Afonso reagia um pouco à semelhança da mãe, enfrentando o desgosto e a confusão interior com agitação, a dor com uma actividade desabrida, que punha os cabelos em pé à família inteira. Catarina cruzava-se com o seu mestre, o prior da Cedofeita, e baixava os olhos na esperança de que ele não decidisse reiniciar os seus queixumes contra o irmão e o seu desapego à educação que tão esforçadamente lhe procurava dar.

As guerras entre Luísa e Afonso eram cada vez piores, e Catarina escutava-as aterrorizada, gelada por dentro, olhando para o pai, suplicante: se ao menos João tomasse as rédeas da situação. Mais do que tudo, Afonso queria a atenção do pai, faria o que fosse preciso para a obter, mas por muito que esticasse a corda não parecia conseguir levá-lo a tomá-lo em mãos, a espancá-lo que fosse, mas pelo menos a mostrar-lhe que se interessava. Mas João reagia como um derrotado, levantava-se da mesa, passava a mão pelo cabelo da única filha que lhe restava e saía, arrastando o pé inchado pela gota. Minutos depois, de longe, as notas do cravo enchiam o palácio, obrigando-o a mergulhar de novo numa profunda

nostalgia.

Só os planos e as estratégias para a casar pareciam dar alguma alegria a uma Luísa atolada de assuntos de Estado mas consciente de que agora lhe restava apenas Catarina como trunfo para jogar, pelo menos a curto prazo, na aliança dos outros países contra Castela. Mas se Castela não terminasse a guerra que fazia a Portugal nas fronteiras, nas cortes estrangeiras e em Roma, não podia negociar a filha com o valor absoluto de princesa, já que os seus interlocutores continuariam a considerá-la filha de duques! Era preciso pensar numa solução...

Luísa poupava a filha aos pormenores, o que irritava Catarina:

- Porque é que a minha mãe não me acha apta a perceber os assuntos do reino, como ela própria? - perguntava zangada a D. Leonor.

D. Leonor não fazia a menor ideia, mas supunha que Luísa, no fundo, e pelas circunstâncias do casamento que tinha e da subida ao poder que acontecera também através dela, considerava que a filha adorada não possuía a força anímica para se transformar em soldado, como acontecera à mãe.

Repreendendo Catarina pelo tom com que falava da rainha, lá deixou cair:

- Porque a sua mãe espera viver as suas dores e deixar-lhe só as alegrias.

Catarina sentia que em parte era assim, mas a verdade é que acabava por ter de se educar pelos cantos do paço, em conversas ouvidas aqui e ali, em lugar de ser posta ao corrente de toda a verdade, que afinal a deixaria mais preparada para as tais cortes bárbaras de que toda a gente falava. D. Leonor pensava o mesmo, mas a sua condição de protectora e empregada leal impediam-na de tecer a mais pequena crítica à forma como a sua rainha decidia criar a filha, a sua princesinha.

Luísa fechava-se horas em conselho com o embaixador de Portugal em França e Catarina sabia que, embora o coração de ambas estivesse mais inclinado para a opção inglesa, o tempo passava e Charles não parecia mais perto do trono do que há uns anos. Por outro lado, era preciso aproveitar a

boa vontade que França nos demonstrava, desejosa de conseguir aliar-se a nós contra Espanha. Mas os franceses, nitidamente, empatavam, protestava Luísa, furiosa. Ainda acabariam por casar o pequenino Luís com uma princesa de Espanha e juntar as suas forças à de Castela contra Portugal. Nunca fiando.

Fosse como fosse, era preciso mandar pintar Catarina, fazer pequenos retratos que seriam depois entregues aos embaixadores para que negociassem o seu futuro casamento. Os candidatos queriam ver o que lhes era oferecido, mas desejavam, ainda mais do que aferir a beleza da possível mulher, saber o valor do seu dote.

Não era a primeira vez que Catarina pousava para um pintor - e lembrou com ternura aqueles dois quadros, dela e de Joana, quase gémeas, de vestidos de seda preta, as golas de renda imensas, os punhos bordados também, e o toucado na cabeça ricamente tracejado a fio vermelho, e com pompons vivos, da cor das maçãs do seu rosto, em contraste com o seu cabelo de um preto de azeviche, a franja colada à testa. Mas quem o olhava comentava apenas os seus olhos, imensos, espantados e curiosos, que transmitiam a sua personalidade tímida e, no entanto, determinada e segura quando as suas convicções estavam em causa.

Mas agora o desafio era diferente, a parada mais alta, como lhe explicava D. Leonor, enquanto as cabeleireiras e as costureiras a rodeavam para lhe preparar o cabelo, o vestido, os adereços com que deveria figurar no quadro que um famoso pintor francês, Nocret, vindo de propósito a Lisboa, iria pintar.

- Os reis franceses devem estar realmente interessados em si, D. Catarina - dizia-lhe Maria do Rosário, que mantinha a sua incondicional lealdade à infanta.

Maria do Carmo acrescentou:

- Ou o cardeal - e torceu o nariz.

- O cardeal Mazarino? - perguntou Catarina a medo. A personagem assustava-a, os relatos eram sempre sinistros, de um homem da Igreja que servia a tudo e a todos, menos a Deus.

- Esse mesmo - respondeu com ar sério Maria do Rosário.

- É verdade, voltaste este ano a ir passar a Páscoa a casa... foi o teu tio... - comentou, irónica, Maria do Carmo.

- Pois foi mesmo o meu tio, e tu gostavas era de ter um tio igual - ripostou Rosário, zangada, porque sabia bem que a amiga de umas horas, e inimiga de outras, queria chamar-lhe provinciana.

- Parem com isso. O que disse o teu tio? - interveio Catarina.

- Que Mazarino está a fazer força para o casamento de D. Catarina com Luís XIV, mas que quer muito dinheiro...

Os olhos de Catarina abriram-se, preocupados. Não porque a chocasse ouvir que a negociavam a troco de dinheiro, mas porque sabia que era exactamente o facto de os cofres portugueses estarem vazios que a podia impedir de casar, de contribuir para constituir alianças que permitissem aliviar a mãe e o pai dos encargos de defender Portugal. Sabia que as pessoas estavam cansadas de tantos anos de miséria e não olhariam com bons olhos que os pais se endividassem para casar a filha - haveria sempre quem dissesse que procuravam benefícios pessoais, usando para tal os bens da nação.

Mas Maria do Rosário ainda não contara tudo:

- Não quer saber mais, D. Catarina?

Antes que a infanta pudesse dizer que não, continuou:

- Sei, ouvi aqui na corte - e lançou um ar de desprezo a Maria do Carmo - , que a sua mãe, a rainha, está a pensar mandar frei Domingos do Rosário, o seu confessor, na companhia do embaixador de Paris em Lisboa, procurar aprofundar as negociações...

Catarina corou, como corava quando estava mesmo zangada. Mas tinha de esconder a raiva: porque é que a sua querida mãe, sempre tão diligente com ela, insistia em tratá-la como se fosse demente? Porque é que não lhe contava os planos que tinha para ela, de forma a que uma aia ou uma dama não a apanhassem desprevenida? Mas Catarina sabia que era assim.

Luísa tinha a força de um estadista e, com o pai progressivamente mais doente, assumia o papel com energia e dedicação, mas no fundo continuava a desejar que a filha permanecesse uma criança ingénua e pura. Como se isso lhe aumentasse a cotação, pensou.

Estava na hora de entrar para a sala, onde Nocret já tinha a tela montada no tripé e as tintas espalhadas. Ninguém mais podia estar presente, excepto D. Leonor, que se sentaria a uma janela, guardiã da honra da princesa, mas com ordens para não a distrair. Nocret já tinha fama que chegasse para poder impor as suas regras.

Para a retratada aquela semana foi mágica. Nocret era conversador e, embora, não fosse fluente em castelhano, conseguiam entender-se. Catarina nunca começava as conversas, mas o pintor tinha a arte de a fazer rir com os seus comentários e não precisava de ser encorajado para falar da corte francesa; com os seus «rr» carregados contava cenas perfeitamente picarescas, que a infanta atribuía ao seu desejo de se fazer de interessante, porque não queria acreditar que num paço onde o rei e a rainha estivessem presentes se passassem coisas daquelas. Por vezes D. Leonor tossia ou levantava-se para dar uma pequena voltinha pela sala, a pretexto de esticar as pernas, porque achava que o francês se esquecia que falava com a princesa de Portugal e, se tudo corresse bem, a sua futura rainha.

Mas a princesa parecia importar-se pouco com protocolos, tal a ânsia de perceber que vida e que mundo a esperavam. Rezava todos os dias à Senhora das Candeias para que este «negócio» com Luís XIV fosse por água abaixo e que Charles se revelasse capaz de angariar patrocínios para a sua causa. Cautelosa, porque sabia que a mãe nunca lhe perdoaria se desse indicação a um súbdito de Sua Majestade que o seu coração se inclinava para o outro lado do canal da Mancha, lá ia perguntando notícias de Charles. O que ouvia deixava-a angustiada - agora, pelo que dizia a língua viperina do pintor, andava de amores com uma Catherine Pegge e assentara arraiais em Bruges. Dizia-se que a senhora já estava à espera de um filho seu, mas quanto a isso, ria Nocret, não havia de ser novidade nenhuma, e quantos mais haveria de outras mulheres.

O pintor não era desprovido de sensibilidade e depressa percebeu o que inundava a cabeça da pequenina infanta, e que 17 anos, mesmo que a

caminhar para os 18, não eram na corte portuguesa iguais aos de uma dama da corte europeia, onde as próprias famílias faziam questão de preparar as suas raparigas mais bonitas para se tornarem concubinas de um duque poderoso, ou com sorte, e se pudessem ambicionar a tanto, do próprio rei.

Concentrou-se em captar os traços da princesa, e mordeu muitas vezes a língua. Quando, a pedido do embaixador Jacques de Jant, foi obrigado a escrever a Henriette Marie, mãe de Charles, teceu os maiores elogios à infanta. Era sensível, generosa, bem-humorada e simultaneamente de uma simplicidade e de uma obediência que certamente agradariam a Sua Majestade. E se era bonita, insistia o patrono, enquanto se debruçava sobre o seu ombro a vê-lo escrever: «A infanta D. Catarina tem um cabelo negro, uns olhos imensos, e uma elegância muito própria. De estatura pequena, o que em nada a desfeia, já que o corpo é extremamente bem proporcionado, dando-lhe um ar leve, que certamente Suas Majestades acharão belo.» Nocret não conseguia escrever que Catarina era linda, porque estava longe de o ser, mas não mentia quando dizia que o seu encanto ia para além dos padrões convencionais de beleza.

Numa manhã clara em que a luz de Lisboa se reflectia na tela que acabara de pintar, Catarina perguntou-lhe, com toda a franqueza:

- Monsieur Nocret, o senhor que conhece e pintou tantas mulheres, acha que vão troçar de mim?

Nocret deu um salto e ia pintando a sua própria cara com o pincel que tinha na mão:

- D. Catarina, que disparate.

- Disparate não, sei muito bem que estas não são as roupas que as damas da corte francesa usam...

E, olhando para D. Leonor de soslaio, aproveitou que a velha dama cabeceasse, para acrescentar:

- Não percebo nada de modas, nem me podia vestir de outra forma, porque é este o costume da corte portuguesa, mas dizem-me que por lá os decotes são arrojados, as cinturas marcadas. Tudo pormenores que a

madre do Convento de Alcântara conta em detalhe, sem omitir um único, para depois tapar a boca como se estivesse chocada e explicar-nos que Deus castigará tais exibicionismos - acrescentou com um sorriso irresistível.

O pintor desatou às gargalhadas:

- C'est bon ça.

- Diga?

- Mantenha esse sentido de humor e esse espírito de observação, infantazinha, o resto aprende depressa. Agora venha cá, enquanto o seu cão de guarda dorme - e apontou a rir com a ponta do pincel para D. Leonor, que já ressonava.

Catarina correu para o lado de lá da tela e abriu a boca de espanto:

- Mas não é esse o meu vestido! Esse decote que deixa ver os ombros, esse brocado lindo, e esse encarnado nos punhos. Aliás, como é que sabe como são os meus ombros? - perguntou, fascinada.

Nocret ria deliciado, nunca mais se esqueceria desta semana, desta infanta. Talvez um dia fosse sua rainha, França ficaria a ganhar, faria questão de o dizer ao embaixador e a quem encontrasse pelo caminho. Ao rei Luís, se lhe entregasse o retrato pessoalmente. De repente, nervoso, implorou-lhe:

- Princesa, não vou mostrar este retrato à sua mãe, por isso não me denuncie, por favor.

- A minha mãe nunca o deixará sair do paço sem lhe mostrar o que pintou, não o vai deixar mandar para a corte francesa um retrato que não tem a sua aprovação - protestou Catarina, assustada.

Nocret retirou de trás da tela que lhe mostrara uma outra:

- Este é que é o que a sua mãe vai ver. E mais ninguém.

Catarina olhou para a tela e suspirou:

- Mas esse é que é o verdadeiro. O meu cabelo preso nessas tranças horríveis que as camareiras insistem que está na moda, esse vestido com gola até ao pescoço, os folhos todos... Não pode enganar o rei de França, nem o de Inglaterra - murmurou.

- Não engano ninguém, D. Catarina. Veja melhor. Os seus olhos, a sua expressão, a intensidade do seu olhar, a generosidade e a determinação são traços que estão presentes em ambos. Que importa um vestido? No dia em que chegar a qualquer uma dessas cortes dão-lhe um guarda-roupa novinho em folha, penteiam-lhe o seu magnífico cabelo de outra forma, e voilà, está igual ao quadro que lhes mostrei e não àquele que eles nunca viram.

Catarina estava visivelmente aflita. Nunca, mas nunca mesmo, omitira nada à mãe. A mãe confiava nela, a sua única filha, a sua única filha viva, e por isso mesmo com a obrigação de honrar a memória de Joana, que, se não fosse a tosse e a doença, estaria ali em lugar dela. Filha primeira, princesa, aquela que cimentaria as alianças do reino.

Mas Nocret, vendo-a assim, apressou-se a dizer:

- Esqueça, princesinha. Vou fazer tudo direitinho, não se preocupe, não a quero ver de lealdades divididas, nem nervosa por causa das minhas ideias, estava só a tentar ajudar...

Catarina virou as costas, para que não lhe vissem as lágrimas, e saiu a correr. Tinha tanta pena. Estava tão mais bonita no outro, naquele que era segredo, no que mais ninguém em Portugal veria. Mas sim, ficava mais sossegada com a verdade. Fizera bem, o seu confessor certamente não aprovaria outra conduta. Ao jantar, quando a mãe elogiou o retrato, Catarina agradeceu, olhos no prato. O pai e a mãe comentaram a excessiva modéstia da menina, e Pedro, que agora já vinha à mesa, protestou por não o ter visto.

Catarina ensopou a almofada de lágrimas naquela noite, e agora já não havia Joana para se aconchegar a ela dentro dos seus lençóis, como sempre acontecia quando ouvia os soluços da irmã mais pequenina.

Na manhã seguinte, quando se preparava para descer para as lições, que desde sempre recebia na salinha contígua aos aposentos da mãe, um

criado trouxe-lhe um pequeno embrulho e um bilhetinho que lhe passou para a mão com um ar comprometido. O instinto disse a Catarina que era melhor subir de novo ao quarto, a pretexto de um esquecimento, e abrir o presente sozinha. Sentada sobre a cama, desatou os cordéis que prendiam o papel e exclamou de alegria e terror. Nocret enviara-lhe a miniatura que a mãe, o pai e toda a gente acreditava que circulava, de mão em mão, pelas cortes com rapazes em idade de casar. Só ela e ele saberiam que havia outro...

Abrindo a janela para o Tejo, Catarina debruçou-se e cantou. Há muito tempo que não sentia a alma tão leve. Tinha a certeza absoluta que, lá em cima, o seu querido Teodósio ria a bandeiras despregadas.

33

Lisboa, 27 de Maio de 1656

A mãe abriu a porta e chamou-a. Catarina copiava uma partitura para o pai e quase esborratou o que estava a fazer.

- Catarina, chega aqui.

Catarina puxou a cadeira para trás, pousou a pena no tinteiro, pediu licença à professora e entrou apressadamente na sala de trabalho da mãe. Teria descoberto tudo sobre o quadro? Catarina tremia como varas verdes, e ficou sem pinga de sangue quando a mãe começou:

- Faz um ano que Nocret saiu de Lisboa.

- Sim, e então? - perguntou, desejando que a ira da mãe se manifestasse depressa e a castigasse, para que tudo acabasse rapidamente.

Mas Luísa só falava do pintor para marcar um ponto no tempo. E continuou:

- Faz um ano que frei Domingos do Rosário foi para Paris, e, quer acredites quer não, todos os dias, daí até hoje, lhe tem sido prometida uma audiência, em vão.

Catarina sentiu-se corar, primeiro de alívio, logo a seguir de vergonha, e de indignação por fim:

- Mãe, tudo isso por causa de mim? Deixe-me ficar perto de si, estou bem. Diga ao pai que mande vir dom Domingos, essa gente não o merece sequer a ele...

- Catarina, não sejas tola, por Deus. Quando se negoceia uma aliança entre dois países, e se salda essa aliança com um casamento, é preciso paciência. Tu, minha filha, és o melhor que Portugal tem para oferecer como selo da nossa lealdade...

- Mas não chega, sequer, para que recebam o seu confessor, mãe...

Luísa franziu o sobrolho, zangada. Não precisava de que também Catarina pusesse o dedo na ferida. Justificou-se:

- Não tem nada que ver connosco, Catarina. Roma continua sob domínio espanhol, e os franceses, pelos vistos, não estão assim tão ansiosos por cimentar uma frente contra eles. Quanto a ti...

- Quanto a mim? Mas falaram de mim?

- Não te disse que finalmente frei Domingos foi recebido?

Catarina estava confusa:

- Não, disse apenas que não tinha havido audiência.

- Mas houve, um ano depois, mas houve. Com o cardeal Mazarino.

Catarina lembrou-se do comentário do tio de Maria do Rosário. Também ela não gostava daquele homem.

- E?

- Pedem um dote de um milhão de cruzados, e a cidade de Tânger. O cardeal pede para si próprio outros seiscentos mil...

- O cardeal? Age em nome da coroa francesa e fica com uma parte? - perguntou Catarina, chocada.

Luísa encolheu os ombros. De facto, D. Leonor tinha razão, talvez não tivesse feito mal nenhum pedir à filha que estivesse presente em reuniões do conselho... Decididamente, quando António Vieira voltasse ia deixar-se de preconceitos e pedir-lhe que tutorasse a infanta - é o que dá confiar em conventos de freiras e professoras que pouco mais sabiam do que o bê-á-bá.

- E agora? - indagou Catarina, de novo vermelha como um pimento, não era agradável saber que só a aceitavam a troco de um preço tão alto.

- Agora não sei. A carta conta que o cardeal lhe afirmou que a família

real tinha ficado muito impressionada com a beleza do teu retrato.

Catarina corou de novo.

- Escusas de corar, filha minha. És bonita, graças a Deus, e os adereços e o vestido que tinhas para aquele quadro eram magníficos, deixavam perfeitamente entender a essa gente que aqui em Lisboa não ignoramos nem o que é bom, nem o que se usa.

Catarina ia-se engasgando com os comentários da mãe, mas conseguiu manter-se direita, encostada ao reposteiro:

- E o tratado de paz, a aliança contra Espanha, que sossegaria tanto o paizinho?

- Pois essa é a pior parte da história, por isso a guardei para o fim: ameaçam no meio disto tudo, e sabe-se lá como, nem porquê, unirem-se a Espanha contra nós.

Catarina benzeu-se apressadamente. Para quando um país realmente livre, sem a sombra de Castela? Quantos mais reveses aguentaria o rei?

- Isso não faz qualquer sentido. Mesmo que tivéssemos esse dinheiro todo, que interesse poderíamos ter em fomentar uma ligação com gente que nos quer trair antes sequer de um papel assinado?

Luísa acenou que sim com a cabeça e mandou-a retirar-se.

Catarina deambulou pelos corredores pensando na quantidade de informação que acabara de receber. Nem sequer sabia o que sentir. Se ao menos tivesse Joana com quem partilhar isto tudo... e o pai? Porque é que ele não estava ao lado da mãe? Sabia que era Luísa de Gusmão quem liderava naquela casa, mas não era característico do pai não estar a seu lado numa altura tão importante.

Ia descer as escadas, mas mudou de ideias, a curiosidade fê-la andar até à porta dos aposentos reais. Discretamente, como tinha aprendido desde pequenina, abriu a porta e escondeu-se atrás da cortina mais próxima. O quarto estava todo escuro. O pai estava deitado na cama e gemia. Não havia médicos, não havia conselheiros e a sua mãe estava a tratar do reino.

Quem tratava do pai? O que é que ele tinha? Catarina podia ser nova, mas já tinha visto os irmãos a serem levados pela morte, e reconhecia a gravidade dos gemidos das dores do pai.

- Pai? - disse ela num sussurro enquanto se aproximava da cama.

João rebolou para o lado onde Catarina estava e com esforço abriu os olhos. Devia estar a delirar de dores. Não podia ser Catarina, parecia-lhe um anjo. Proferiu o nome dele como se fosse sagrado. Será que ia morrer já? Por momentos ficou aliviado de já ter escrito a António Vieira, exigindo que ele viesse incógnito. O tom da carta tinha sido grave. João sabia que não tinha muitos meses de vida. Sabia que o seu corpo estava cansado de lutar contra as pedras nos rins, a gota, as dores... e sabia também que a sua alma estava a partir, um bocadinho com o filho, um bocadinho com Joana, e todo o resto na responsabilidade do dia-a-dia de um reino que, pensando bem, talvez nunca tivesse querido governar. Não se preocupava com Catarina, porque a conhecia mais forte do que parecia e sabia da ligação desta com António Vieira, aliás, tinha sido esta uma das grandes razões para lhe escrever. Mas doía-lhe que a sua filha mais sensível tivesse, em tão poucos anos, que sofrer tantas mortes próximas.

- Catarina... - repetiu o pai.

Catarina beijou o pai na testa sem pensar duas vezes no perigo de infecção - Catarina era assim, o amor superava sempre o medo - e, sabendo que nada poderia fazer, correu para a capela para rezar com todas as forças que tinha para que o pai não a deixasse também.

34

Quinta Real de Alcântara, 25 de Outubro de 1656

João decidira ir a cavalo, apesar da gota e da dor constante do lado direito, que os médicos atribuíam às pedras nos rins. Estava cansado do ritmo das carruagens, que acusava de o deixarem tão dorido como se tivesse apanhado uma sova, e desejava apanhar ar. Se tinha de ir à Quinta Real de Alcântara iria montado. Catarina decidiu acompanhá-lo, também ela cansada de meses de depressão e clausura entre os jardins da Ribeira e a confusão dos comerciantes no Terreiro do Paço. Noutras circunstâncias Catarina talvez tivesse sido mais reservada, mas depois da forma como tinha visto o pai e pressentido que ele não estava bem, abriu-lhe o coração, esquecendo o seu papel de infanta e fazendo João esquecer o seu papel de rei.

Pai e filha conversaram como há muito não o faziam, com a liberdade de um espaço aberto, sem camareiros nem conselheiros, sem criados, nem moços estribeiros, sem a mãe, sem Afonso, sem Pedro por perto, com o ouvido sempre à escuta.

Relembraram Vila Viçosa, falaram da música que Catarina transcrevia cuidadosamente para o pai, discutiram que nome dar ao único cachorrinho da ninhada da rafeira alentejana com que tinham decidido ficar, e acordaram em Açor, que lhes lembrava (a ele de verdade, a ela de ouvir contar) os grandes pássaros que, elegantes como águias, sobrevoavam os céus azuis de Vila Viçosa. A medo, a certa altura, João perguntou:

- Ficaste triste por as negociações com França não terem dado em nada?

Catarina olhou-o com ternura, e um sorriso lindo estendeu-se de uma orelha a outra:

- Nada, pai. Fiquei preocupada que o pai não tivesse mais soldados para o seu exército e que se visse obrigado, tão doente e cansado, a pensar todos os dias onde vai arranjar dinheiro para reforçar as nossas fronteiras,

mas sinceramente não fiquei nem com um bocadinho de pena de não ir para Paris.

João acenou a cabeça, contente. Voltou à carga:

- Sabes que a fixação da tua mãe não era o rei Luís, mas Charles. Não sei se o rapaz se recomenda, pelo que ouvi é bonito e corajoso, mas não lhe tem feito bem andar anos sem rei nem roque por esse Mundo fora...

Catarina ficou sem pio, e o pai, que tinha uma sensibilidade afiada, deu logo por isso:

- Falamos pouco, filha, mas percebo que preferias um rei sem rei nem roque...

- Não sei, pai, mas cresci com a mãe a falar-me de Charles, no facto de o seu pai ter sido assassinado, de a mãe o ter deixado ainda criança, de ter crescido sem trono, mas a lutar por ele...

João atirou a cabeça para trás a rir:

- És uma romântica, Catarina, e ou me engano muito ou as tuas damas ou criadas andam a passar-te livros que a tua mãe não sonha que lês. Quem sabe o que o futuro te vai trazer, mas mereces tudo, minha pequenina.

Ao dizê-lo ficou subitamente pensativo:

- Posso perguntar-lhe em que é que pensa, pai?

- Em Maria - disse o rei, num tom de desafio, como se de repente quisesse deixar claro que neste assunto nem à filha permitia reparos.

Catarina a princípio não percebeu.

- Maria, pai?

- A Maria, foste à missa da sua entrada para o convento...

- Ah, essa Maria - disse Catarina, os pés nervosamente batendo contra a garupa do cavalo, que começou a acelerar o passo, para logo sentir o freio na boca.

- Maria é mais nova do que tu...

- Da idade do Afonso acrescentou Catarina, numa tentativa de deixar o pai à vontade e tornar a dolorosa conversa quase coloquial.

- Pois é, da idade do Afonso, mais coisa menos coisa, e continua no Convento de Carnide. Procurei arranjar as coisas para que casasse, estive em negociações com o duque do Cadaval, mas dizem-me que ela não quer sair de perto das irmãs onde tem sido criada. Preferia dedicar a vida a Deus...

- É parecida comigo e com a Joana?

- Não a vejo há anos, aliás, só a vi pequenina, mas não era parecida com as minhas gémeas, era muito loira de olhos azuis...

Catarina sentiu um nó na garganta. Teria o pai preferido que as suas duas filhas tivessem cores mais claras, como os seus irmãos Bragança e muitos dos seus antepassados; como Afonso e Teodósio - que Pedro era como elas nitidamente filho de uma Medina-Sidónia. João sorriu:

- É claro que não queria que fosses um milímetro diferente do que és, nem do que Joana era. Vocês são a cara da vossa mãe, e tenho a maior admiração por Luísa, devo-lhe tudo, confio-lhe tudo, sei que quando Deus me levar será ela a proteger a família. A proteger o meu reino, que não era o dela mas que adoptou como seu e pelo qual tem lutado, até contra Espanha, de onde vinha.

Catarina não se atreveu a perguntar-lhe se amava a mãe. Nem tão-pouco, embora ardesse em curiosidade, em como era a mãe de Maria e porque é que ela o tinha levado a cometer a única infidelidade da sua vida, ou pelo menos a única que fora conhecida. Mas desconfiava. Desconfiava que a segurança e o pulso férreo de Luísa o faziam sempre sentir em falta, que a admiração que tinha pela sua força reforçava o seu sentimento de fraqueza, e desconfiava, com uma desconfiança que chegava à certeza, que a mãe de Maria, que ninguém parecia saber quem era, seria mais doce, mais submissa, talvez amasse música como o pai. Encolheu os ombros, zangada, era fácil dizer que a mãe era autoritária, mas se ela não o fosse, quem o seria por ela? Além do mais, essa Maria podia ter olhos azuis mas crescera privada da própria mãe, entregue e educada em casa do

secretário do pai, enviada para um convento frio - não, não havia nada na vida de Maria que invejasse.

- Achas que tinhas coragem de a visitar, de falar com ela, Catarina, de levar contigo os teus irmãos a visitá-la, porque me sinto mal de a ter privado de uma família...

Catarina acenou que sim com a cabeça, faria isso pelo pai, faria isso por Maria, que não tinha culpa nenhuma dos actos do rei, mas nunca o faria sem o conhecimento e a aprovação da mãe. E disse-o. João ficou pensativo:

- Vou falar com ela. Também nunca te pediria que a traísses.

O dia ia ter mais sombras. Muito mais sombras. Catarina estava sentada no jardim com duas damas, a renda nas mãos, quando o criado do pai a veio chamar, aflito:

- Sua Majestade não se sente bem.

Quando Catarina chegou ao seu lado, João rolava os olhos para cima e gemia em agonia. O médico chegou a galope e António Cavide, o secretário do rei, já lá estava, sem se saber como ou quem lhe levara a notícia. A infanta foi suavemente empurrada para fora do quarto.

35

Paço da Ribeira, 6 de Novembro de 1656

A mãe insistira e apesar de a opinião dos médicos ser claramente contra, o rei fora de novo transportado, com todos os cuidados, para o Paço da Ribeira. Catarina reparara no olhar de ódio que Cavide disfarçadamente lançara à rainha. Percebeu-o, porque naquele momento sentia o mesmo: o espírito prático da mãe sobrepunha-se a tudo o resto, e ao avaliar o estado da saúde do rei não queria correr riscos de que o monarca português morresse noutro leito que não fosse o do paço real, que finalmente conseguira decorar ao que considerava ser à altura de um palácio europeu. Não precisava de muita perspicácia para ser capaz de ler os seus pensamentos: Que não fique o futuro de Portugal, ou o seu prestígio, em risco, quando os embaixadores de todas as nações vierem indagar pelo seu estado de saúde.

Catarina suspirou: a dedicação do secretário ao pai levava-o a não suportar que o seu rei fosse sujeito a mais sofrimento, mas de facto, era à mãe que todos eles deviam grande parte do sucesso da Restauração. Não era decididamente este o momento de questionar os seus métodos.

Tinha começado em Alcântara a sua agonia e agora, à medida que o palácio se ia enchendo de conselheiros e consultores, de médicos e escrivães, de uma corte inteira que, por solidariedade ou curiosidade, não queria estar longe, Catarina sentia que lhe roubavam o pai. A princesa confiava acima de todos no padre António Vieira, que aparecera no paço aparentemente de surpresa, embora lhe confidenciasse a ela, e só a ela, que recebera, meses antes, uma carta do pai a pedir-lhe que viesse. Mas isso eram segredos seus. Só a rainha e alguns conselheiros souberam que tinha regressado do Brasil, porque Vieira queria manter a sua presença incógnita. Não queria provocar a Inquisição. E aos que sabiam que estava em Lisboa contava que a sua viagem se devia à preocupação com os rumores de que o Conselho de Estado se preparava para destruir todo o trabalho que tivera a ajudar o rei e os comerciantes a construir a Companhia do Brasil. Luísa não desconfiava por um momento deste

argumento e acenava--lhe que sim, mas completamente ausente. Concordava com a preocupação do padre, também ela estava dividida nessa luta aguerrida que separava os conselheiros influenciados pela Inquisição, e decididos a uma guerra aberta contra o jesuíta, e aqueles, cada vez menos, que se mantinham leais às decisões de um rei que agonizava. Mas para Luísa, e para o padre também, esses assuntos «urgentes» pareciam não ter urgência nenhuma, e cada um à sua maneira se dedicou totalmente a João.

Naquela manhã, Luísa entrara por uma porta traseira e subira directamente ao quarto.

- São de novo as pedras - disse-lhe, cabisbaixo, o médico.

- Mas corre risco de vida? - perguntou-lhe, directa, a rainha.

- Se os rins pararem, todo o corpo fará o mesmo - confessou o físico.

Luísa engoliu em seco, angustiada. Depois voltou a engolir, mas desta vez endireitou as costas, lançou os ombros para trás, naquele gesto seu, tão típico de quem encontrara forças, vindas sabe-se lá de onde, para enfrentar mais este obstáculo, sem nunca dar parte de fraca. Se o fizesse, aquele pequeno mundo arriscava-se a desmoronar a seus pés.

Virando-se para o reposteiro-mor, silencioso junto à cortina de veludo pesada que cobria a porta dos aposentos do rei, ordenou à camareira que lhe trouxesse a imagem de Nossa Senhora da Conceição e a relíquia do Sagrado Lenho. Ordenou ao médico que voltasse a enviar um dos seus emissários lá abaixo, ao porto, e que procurasse, entre os comerciantes de plantas medicinais e outras «poções mágicas» vindas do Oriente, qualquer maravilha nova, que se experimente tudo... A sala aposta ao quarto do rei era já um pequeno laboratório, onde as drogas colocadas em frascos rotulados, as ervas em pequenos cestos, os artefactos com poder dito milagreiro, as pequenas imagens de santos e as velas que ardiam dia e noite davam nota daquele en contro de culturas entre Oriente e Ocidente, entre a religiosidade nacional e a que vinha de fora e que, para dizer com franqueza, chocava todos os padres que por ali passavam - e a notícia chegava sempre aos ouvidos dos inquisidores. Só António Vieira olhava a «botica», como lhe chamava, com orgulho, e sempre que por lá passavam dizia a Catarina:

- Nada disto é bruxedo, minha filha. Temos é ainda tudo para aprender sobre o poder das plantas. Se visses como os índios as conhecem todas e curam as piores das febres com aquela flor pequenina, que nasce na clareira escondida no mais profundo da floresta, ou como aplicam as pedras quentes para tirar dores que mais nada parece conseguir afastar...

Catarina acenava que sim, entusiasmada, e por duas vezes, nestes dias tão longos e tristes, insistiu em ir com o boticário até às bancas do comércio, às escondidas da mãe e de D. Leonor.

Sentia-se mais livre do que alguma vez se sentira, nas ruas, entre as pessoas que iam à sua vida e nem davam por ela, envolvida na excitação das vozes, nos pregões cantados nos mais diversos sotaques, nas roupas de cada um, tão diferentes entre si, daquele que vendia missangas, a sua túnica branca até aos pés, o turbante de um tecido cheio de cor na cabeça, e daquele outro, de calças curtas e chinelos como nunca vira antes. As cores das peles, como eram variadas, como nas enciclopédias que o pai mandara vir de fora, e com que se entretinha, em pequena, ao lado de Teodósio, a decorar nomes de terras e povos estranhos. O boticário, embaraçado com a presença da infanta e de uma das suas criadas, só queria despachar o recado, porque, se era verdade que não se atrevera a dizer que não à princesa, temia as represálias de D. Luísa de Gusmão caso esta soubesse que ele fora cúmplice nesta infracção a todo o protocolo. De resto, sabia onde queria ir. Só confiava na pequena banca de Ali, sempre escondida no fundo de uma ruela. Ali era um sábio e não um vendilhão, como muitos que para aqui andavam. Nascido em Tânger, contava, quando decidia que o interlocutor merecia ouvir a sua história, como caminhara até à China e de lá até Lisboa, recolhendo em cada sítio os segredos dos feiticeiros e dos físicos. Mas naquele dia Ali acenou que não ao boticário. Já conhecia o diagnóstico da doença de D. João IV, as notícias de que se agravara também lhe tinham chegado, mas não conhecia mais nada que o pudesse aliviar. Para desilusão do boticário, e de Catarina, recomendou banhos de imersão em água quente, como forma de aliviar as dores. A infanta sentiu o coração acelerar quando percebeu que o mouro a reconhecera. Ali baixou a cabeça em sinal de respeito, mas depois levantou-a e observou-a sem pudor, com os seus olhos azul-turquesa, que sobressaíam na pele tisnada pelo sol. Catarina corou. Sentia-se despida, como se aquele olhar fosse capaz de a ver por dentro e por fora, avaliando o estado do seu corpo e da sua alma. Sobressaltou-se quando ouviu a sua

voz. Ali estendia-lhe um pequenino cartucho de papelão, e dizia:

- Sua Alteza dona Catarina deve beber a infusão destas ervas, hoje e para sempre, mesmo quando partir para longe desta praça e ao encontro da sua nova vida.

Apesar de ele falar como quem encanta serpentes, Catarina estremeceu, como se aquilo que lhe dizia fosse uma profecia assustadora. Metia-lhe medo que um estranho soubesse mais da sua vida do que ela mesma. O boticário do rei, porém, percebendo que permitira a fuga da princesa do palácio, só tinha agora um intuito, levá-la sã e salva de regresso. Implorou-lhe:

- D. Catarina, depois explico-lhe tudo, levo-lhe os recados que Ali me confiar, mas, por favor, vamos para casa, que o seu pai precisa dos nossos cuidados.

A chantagem emocional funcionou e a princesa limitou-se a inclinar ligeiramente a cabeça: alguma coisa lhe dizia que estava perante um sábio que merecia deferência. Se ao menos pudesse ficar naquele banquinho de três pernas de madeira escura, certamente Ali a iluminaria e lhe ensinaria mais do que todas as suas mestras juntas. Despediu-se com um forte «obrigada», e escondeu, dentro dos bolsos do vestido modesto que pusera para sair à rua, o pacote de folhas que o árabe lhe estendera.

No regresso interrogou sem cessar o boticário:

- Porque me deu ele este remédio? De que sofro eu?

O boticário limitava-se a abanar com a cabeça. Nunca teria a coragem de lhe dizer que se tratava de folhas de um chá receitado às mulheres que tinham dificuldade em dar à luz os seus filhos. Consternado com a loucura de Ali, benzia-se a cada cinco passos, que por pouco não eram de corrida. Só esperava que toda esta história fosse esquecida rapidamente e que Catarina, determinada como era, não fosse percorrer os livros do pai em busca da informação que agora lhe escondia.

- Agora a nossa prioridade é Sua Alteza - murmurava, e Catarina não sabia se era para ele mesmo, se para ela, mas depressa esqueceu o chá que trazia no bolso, tal o desejo de convencer o camareiro-mor e os outros

médicos de que era preciso colocar o pai numa tina de água quente, a única coisa que lhe acalmaria as dores insuportáveis.

Depois do banho, que de facto pareceu aliviar o sofrimento, o doutor Faustino decidiu-se por um método mais radical, obrigando o rei a beber uma poção de um ópio tão forte que D. João sucumbiu a um estado letárgico em que não reconhecia ninguém. Catarina ficou grata ao médico: mais nada lhe importava do que o deixar sem dores.

Sentada numa cadeirinha, no canto do quarto, reparou subitamente em Afonso, que entrava o mais silenciosamente que conseguia e se aproximava da cama do pai. João abriu os olhos, esboçou um sorriso ao ver o filho, estendeu-lhe a mão e, depois, num gesto inesperado, puxou-o para junto de si, num abraço apertado.

O príncipe herdeiro começou a soluçar. Porque, mas porque é que ia perder o pai, como perdera Teodósio e Joana? Porque, mas porque é que o rei o aconchegava a si apenas quando ia partir, deixando-o com um peso imenso sobre os ombros?

João pediu-lhe obediência à mãe. Catarina, que se aproximara da cabeceira da cama, comovida, olhou assustada para a cara do irmão. Que Deus quisesse que neste momento Afonso se portasse como o futuro rei que era, e não desatasse numa diatribe contra a prepotência da rainha. Mas Afonso esteve à altura do momento, beijou o anel do pai e pediu-lhe que ficasse tranquilo. Serenamente sossegou-o, prometendo-lhe que Deus não o levaria já, era apenas mais uma prova por que tinha de passar, e que se um dia o levasse para junto dos seus pais e dos seus filhos já mortos Afonso velaria pelos que ficavam nesta Terra, que o importante era que não ficasse em cuidado.

João sorriu-lhe, subitamente animado. Caso sobrevivesse a este purgatório, dedicaria mais tempo ao rapaz. Talvez ainda fosse a tempo, talvez ainda fizesse de Afonso o melhor dos reis de Portugal.

Os dias corriam compridos e as noites mais longas ainda. Havia momentos de completo desespero, porque nenhum remédio nem nenhuma poção era capaz de aliviar o sofrimento. Nem as pedras bezoares, nem os ouriços, nem nenhuma das drogas milagrosas pareciam surtir qualquer efeito. Na mesa-de-cabeceira do rei já fora colocada a cruz com uma das

relíquias da Casa de Bragança, uma cruz com um dos espinhos da coroa de Nosso Senhor Jesus Cristo e, de tempos a tempos, o rei estendia a mão e trazia-a para cima do peito, junto do coração, fechando com força sobre ela as duas mãos.



Já ninguém se lembrava das razões que António Vieira tinha dado ao entrar no paço, o que todos sabiam era que tinha tomado assento no quarto de D. João e não voltara de lá a sair. Era ele que ouvia a sua confissão, lhe trazia a Sagrada Comunhão e se mantinha como uma presença forte e sólida naquela hora de dor.

Na manhã em que o próprio rei fez questão em chamar o notário para ajustar o seu testamento, as ilusões acabaram. Ninguém daria tal passo se não estivesse absolutamente certo de que já não havia nada a negociar com a morte. D. João quis que estivessem todos presentes quando ditou a nomeação de Luísa como regente, governante do reino, curadora e tutora dos seus filhos, todos ainda menores. Afonso, o futuro rei, fizera há pouco 13 anos, mas era preciso mais um para que atingisse a maioridade.

Pediu aos seus conselheiros que jurassem fidelidade à rainha e depois mandou-os sair a todos.

- Vieira, por favor, fique. Catarina, não te vás embora.

O padre passou ternamente o braço pelos ombros da sua menina, num gesto só consentido pela familiaridade dos anos e num quarto sem mais testemunhas. O notário continuava com o bico da pena imerso no tinteiro, pronto a escrever, sem deixar que a face transparecesse a menor emoção, ou não fizesse ele testamentos desde menino e moço, quando andava com o seu pai por quartos de moribundos fora.

- Pai, em que posso ser-lhe útil? - perguntou, assustada, Catarina.

- Quero que oiças o que vou ditar: «Declaro que tenho uma filha de uma mulher limpa e que está no Convento de Carnide, por nome dona Maria, à qual deixo a Comenda Maior de Santiago e dois mil cruzados por ano, como

até aqui.»

Recostando-se de novo nas almofadas, um espasmo de dor a impedi-lo de falar, esperou uns minutos, antes de continuar:

- Sigismundo, quero agora que escrevas uma carta - e ditou ao notário:

Minha filha Maria,

Foi Deus servido que a primeira vez que tendes carta minha seja despedindo-me de vós e dando-vos minha bênção, acompanhada com a de Deus, que fique sempre convosco, e lembrai-vos sempre de mim como eu fiz de vós - vosso pai que fica com grande sentimento de não vos ver,

o Rei

António Vieira apertou com mais força o braço que prendia uma Catarina prestes a desmaiar. Porque é que o pai quer que o oiça ditar cartas a outra filha?, pensava para si mesma, o sangue a esvair-se da cabeça, a visão a turvar-se.

João virou-se para ela, assustado, como se tivesse tomado consciência do efeito que o seu ditado tivera em Catarina, e suplicou:

- Perdoa-me, filha, mas tens tido tudo de mim e Maria tão pouco, e preciso que saibas, que conheças as minhas disposições, para que não a abandones, nem deixes que os outros o façam. Mas descansa, Catarina, que pedi licença à tua mãe para que tudo fosse assim, e ela aceitou que assim fosse, serenamente, sem vinganças, nem mágoas. Ela sabe, como tu, que a minha lealdade estará sempre convosco.

António Vieira mantinha os olhos no pôr-do-Sol que se percebia já sobre as águas do rio e o seu braço apertado em redor da princesa.

O rei, já cansado, continuou a falar, ordenando ao notário que escrevesse:

- À minha filha muito amada, Catarina, deixo a ilha da Madeira, Lamego, a vila de Moura.

Depois, virando-se para a filha - insistiu:

- E nunca te esqueças de Mourão. - A palavra soou como um címbalo no coração de Catarina. O pai lembrava-se de como Mourão era especial para ela, dizia-lhe, nesta hora final, que também ele estava grato à Senhora das Candeias pelo milagre que protegera a filha.

Virando-se contra o peito do padre, Catarina soluçou baixinho, e agora eram os dois braços de Vieira que a apertavam com força contra si. Já não ouviu João ordenar que se escrevesse:

- Tenho tratado de casar minha filha, a infanta D. Catarina, com el-rei de França, e porque de todos estes negócios sabe a rainha, peço-lhe que os prossiga como entender.

António Vieira empurrou Catarina para junto da cama do pai, a princesa beijou-lhe a testa e as lágrimas de um e de outro juntaram-se num único ribeiro. Depois levou-a gentilmente para fora do quarto. Pobre criança, nem 18 anos tinha e já vivera intensamente a morte de três dos seus entes mais queridos.



A 15 de Novembro, Afonso, com 13 anos, era jurado rei, Afonso VI de Portugal. Na Missa de Acção de Graças rezada em homenagem ao novo soberano português eram muitas as cabeças dobradas em fervorosa oração. Luísa, baixinho, pedia desculpa por duvidar subitamente da clarividência de Deus Nosso Senhor: como podia ter levado João, deixando-a, aos 43 anos acabados de fazer, viúva, mãe de três filhos menores, a governar um país ainda longe da paz, regente de um filho que temia não ter, nem agora, nem daqui a uns meses quando atingisse a maioridade, condições para governar Portugal? Pedro, do outro lado da mãe, olhava o irmão engalanado, com os lábios pressionados numa tensão visível: como podia servir quem desprezava? Catarina olhou primeiro para a mãe, depois para o irmão mais novo, e percebeu tudo o que lhes ia na alma. Juntando as mãos com firmeza em oração pediu à Senhora da Conceição, aquela a quem o seu pai oferecera a coroa de Portugal, que velasse por todos.

36

Biblioteca do paço, 17 de janeiro de 1657

Acordara encharcada em suor, assombrada por um pesadelo em que a cara de Ali flutuava sobre o seu corpo, os olhos azuis virados sobre si como archotes, as mãos em concha, cheias até cima com pequenas folhas cinzeladas.

Perdera o cartucho que o mouro lhe dera naquele dia, e o sofrimento da dor e da morte do pai tinham apagado qualquer memória daquele estranho encontro e das palavras do boticário. Nunca mais se lembrara, mas agora, que o Inverno descia frio e húmido sobre o paço e o preto permanecia nas roupas e na alma da mãe e dos filhos, o medo apanhava-a de surpresa, pela calada da noite.

Poderia Ali ter adivinhado o seu futuro, como aqueles que o descobrem nas constelações das estrelas? Desejaria protegê-la contra a impossibilidade de ter filhos, como acontecia a tantas e tantas rainhas, «por questões de sangue», como lhe explicara uma das suas mestras? Mas como poderia ser estéril, se o homem a que se prometera desejaria acima de tudo dar ao seu reino um herdeiro? Como poderia ser impedida de gerar se percebera que era intrinsecamente mãe no primeiro segundo em que pegara no pequenino Afonso ao colo?

Decidida, levantou-se. Vestiu a capa quente e forrada a pêlo de ovelha e acendendo uma lamparina, abriu a porta, decidida. Os corredores estavam escuros mas no piso de baixo a guarda da rainha estaria atenta. Para chegar à biblioteca do pai teria de usar as escadinhas de serviço, tendo o cuidado de não deixar que os degraus de madeira rangessem à sua passagem.

Quando entrou na sala forrada a estantes e pousou a luz no chão, o coração batia acelerado. Sentou-se no chão e respirou fundo: por onde deveria começar? Das folhas tinha apenas a imagem fugaz do sonho, nem sequer sabia se correspondia à realidade - como poderia imaginar coisas que nunca vira? A outra hipótese era procurar por tema. Não tinha sido o

boticário a dizer-lhe que se destinavam a tratar o ventre de mulheres que não conseguiam nele transportar os seus filhos?

O herbário que o pai encomendara a um chinês era grosso e pesado, forrado a cabedal encarnado. Com as pernas a tremer e num equilíbrio inseguro, desceu o escadote com ele debaixo do braço. Pousou-o silenciosamente na mesa de carvalho onde tantas vezes vira o pai debruçado e deixou o dedo nervosamente correr o índice. Como que comandado por uma força exterior, o indicador estacou na palavra temida: Infertilidade. Inspirou longamente o ar frio da noite, e quando o ar saiu dos pulmões formou uma nuvem frente aos seus olhos. Impedia-a de ver, talvez fosse um sinal de que a vontade de Deus era que fechasse o livro e confiasse apenas nos seus desígnios.

Mas as mãos já o abriam na página indicada. Lá estava ela, a folha dos seus sonhos, tinha a certeza disso. Repetiu baixinho: «Uncaria tormentosa.» A imagem mostrava uma trepadeira com flores em forma de pompom. As folhas pareciam ásperas e muito verdes. Tentou ler o que dizia, mas não percebia aquela língua, nem sequer sabia identificá-la. Mas o diagrama a carvão da barriga de uma mulher grávida e de uma outra que não o estava, com setas apontadas às suas entranhas, uma bolsa onde um bebé nadava, não deixavam dúvidas: Ali dera-lhe um chá para aquilo que mais temia.

Deixou-se escorregar da cadeira e, tapando a cara com as mãos, chorou primeiro baixinho, depois em longos soluços incontroláveis. Chorava um futuro que acreditava que lhe fora roubado naquela noite, chorava todas as lágrimas retidas desde que o pai a deixara sozinha.

Quando a luz começou a entrar pelas frinchas das portadas de madeira levantou-se a custo, as pernas entorpecidas, gelada até aos ossos. Colocou o livro na prateleira mais alta a que conseguia chegar. Não queria, não podia voltar a pensar neste assunto. Não queria, não podia deixar que Ali e os seus olhos azuis assombrassem as suas noites. Era preciso vestir-se e ir à missa das 7 horas, com a mãe. Tinha 18 anos, o seu corpo comportava-se há muito como o de uma mulher. Estava certa que, lá do Céu, o pai e Joana velariam para que um dia se visse rodeada de filhos fortes e saudáveis.

Lançou um último olhar ao livro e, fechando a porta com determinação,

deu duas voltas à chave.

37

Paço da Ribeira, 21 de Agosto de 1657

Catarina já falara duas vezes no assunto. De ambas recebera da mãe uma resposta de falso entusiasmo. Que sim, que claro, que a maioridade do rei seria celebrada em pompa e circunstância, no próprio Terreiro do Paço, com foguetes e barcos iluminados no Tejo, como pedia a data e um aniversário no mês das noites mais quentes da cidade.

Não era essa a pergunta implícita, mas Luísa ignorava-a declaradamente, e Catarina não insistiu. Queria saber se Afonso teria um lugar de maior destaque ou se tudo continuaria na mesma. Não lhe passava pela cabeça que a mãe deixasse de ser regente, bastava ouvir as conversas da corte e dos conselheiros de Estado para entender que quase todos desejavam que D. Luísa de Gusmão se mantivesse no governo do reino pelo máximo de tempo possível, já que o filho não melhorara nem um bocadinho o seu comportamento nem revelara o menor interesse na missão que tinha pela frente. Catarina sabia que Afonso seria o primeiro a negar-se a assumir mais responsabilidades e que mesmo que lhe perguntasse na intimidade responderia que quanto mais tempo a rainha quisesse representá-lo na enfadonha tarefa de ouvir discursos, petições e pedidos de ministros, mais grato lhe ficaria. A irmã não era já capaz de dizer se, magoado, Afonso construíra as suas defesas tão altas e tão fortes que nada, nem ninguém, as conseguiria penetrar, ou se apenas não confiava nela para lhe falar na humilhação que tudo isto lhe provocava.

- Mas ao menos vai ser-lhe dada uma Casa, mãe? O Pedro tem a dele e, criança como é, não perde uma oportunidade de atirar o facto à cara do Afonso. O Pedro tem um palácio, uma corte de nobres que a mãe lhe indicou - e Catarina sabia que Luísa escolhera os mais importantes para o filho mais novo. - Que sentido faz manter Afonso, o rei de Portugal, mãe, preso à sua doença? Não vê que só lhe fará pior? E é ele, e não Pedro, o rei, mãe, por amor de Deus!

Luísa olhava-a como se encarasse uma criança que insistia em puxar as

saias da mãe para lhe exigir mais doces. Que teimosa que Catarina conseguia ser. Ignorante e desinteressada de tanta coisa do reino, incapaz de lhe recitar de cor as linhas das fronteiras, era como um animal feroz a defender as suas crias. Quando os assuntos eram de família, Luísa já tinha deixado de contar com a obediência cega da filha.

- Catarina, porque é que me obrigas a repetir tudo do princípio? Não, Afonso não terá, de momento, uma Casa. Falei ontem com o conde de Odemira, o seu aio mais do que paciente, mais do que dedicado, e o teu irmão não está pronto para governar ninguém... Queres que tenha uma Casa sua e nos escandalize a todos com a gente que convida a frequentá-la? Ou pela forma como trata os criados ou aqueles que procuram simplesmente que saia à rua vestido condignamente?

De facto, era preocupante esta última moda de Afonso, que consistia em vestir roupas sobre roupas, como se fosse um pedinte a quem tivessem sido oferecidas túnicas e camisas, e as usasse sobrepostas com medo de que lhas roubassem. Mas será que a mãe não via que o fazia apenas para esconder o seu corpo disforme, a barriga descaída, a sua corcunda? O facto de o querer esconder revelava claramente que a indiferença que manifestava em relação aos bons costumes que lhe queriam impingir era fingida - Afonso tinha tanta consciência da sua deficiência que fazia tudo para que não se notasse. Exagerava, chamava ainda mais a atenção sobre si com aqueles trajes carnavalescos? Certamente, mas mais razão para o ajudar a procurar a melhor forma de suportar a cruz que Deus Nosso Senhor lhe tinha dado. Catarina encolheu os ombros, desesperada. Não valia a pena explicar tudo isto à senhora sua mãe, nem sequer ao aio, porque não a entenderiam, ou não queriam entender. Nem sequer os podia condenar por isso, porque reinar era ter a capacidade de esquecer os indivíduos e pensar no bem comum, como tantas vezes ouvira ao pregador do reino, António Vieira, nos seus sermões. Onde andaria? Talvez a mãe o ouvisse, mas e daí talvez não, porque fora sobretudo o pai que protegera os «desvarios» do jesuíta, como a mãe acidamente lhes chamava. Agora sem a protecção do rei, e Afonso também nunca lha daria, António Vieira estava provavelmente em grande perigo - era melhor não lhe pedir que comprasse novas guerras.

Catarina despediu-se da mãe, mas quando fechava já a porta Luísa voltou a chamá-la:

- Não me deixes assim, minha filha. Sou mãe, acredita que sofro, sofro muito, mas não posso cometer inconsciências só para te agradar. Daqui a quatro anos, quando fizer dezoito anos, Afonso terá a sua Casa por direito, até lá deixa ver se aqui, junto de nós, amadurece...

Catarina queria tanto acreditar que a mãe era sincera e que o seu plano não estava há muito já traçado, talvez desde aquela triste festa de anos em que ela dera a Pedro um cachorrinho e os pais a Casa do Infantado!

Fez-lhe uma nova vénia e saiu, sem comentários. Ia procurar Afonso. Às três da tarde estaria prestes a acordar, pensou. Às três da tarde, quando Pedro por essa hora já teria passado a guarda em revista, feito os seus trabalhos académicos, reunido com os seus conselheiros, visitado o Palácio Corte Real, mandado mensagens aos nobres da sua Casa... Tinha de admitir, Afonso não se ajudava a si mesmo e agora nem pai havia para o proteger.

38

Conselho de Guerra, Lisboa, 10 de Setembro de 1657

A rainha não dormia. Havia tanta coisa que fazer. Era preciso reorganizar o exército no Alentejo, era necessário acalmar as hostilidades entre os dois partidos que, pela calada, se iam formando no reino. Tantos anos depois era um desespero ouvir os conselheiros dar nota de que o exército castelhano continuava diariamente a ameaçar as nossas linhas, que Olivença continuava espanhola, que o assalto tentado a Badajoz, na ânsia de causar estragos nas fileiras alheias, tinha resultado numa operação falhada.

Depois havia a insistência de Catarina. A suave Catarina, que quando metia uma ideia na cabeça ninguém lha tirava de lá. Manhã sim, manhã não, entrava no escritório da mãe para lhe recordar a importância de reconquistar Mourão, de libertar a «sua» Senhora das Candeias das garras dos castelhanos, para que lá pudesse voltar em peregrinação. O seu discurso era estupidamente sentimental, pensava irritada a mãe: ela preocupada em impedir a entrada dos espanhóis por terras portuguesas, em impedir que tomassem cidades importantes, e a filha a falar do resgate de uma imagem.

- Vai falar com frei Pedro, Catarina, e ele te dirá que por muita homenagem que as imagens nos mereçam, não são a elas que rezamos, mas a quem representam. Se não, é blasfémia, filha. Falas como se acreditasse que a Virgem está cativa do inimigo...

Catarina sabia tudo isso, mas não lhe importava: queria Mourão de volta, ponto final, e se por algum lado tinham de recomeçar a reconquistar as praças roubadas, porque não por ali, onde certamente contaria com a graça da Senhora na sua demanda.

A infantilidade da filha perante uma guerra tão séria, e que representava anos de sofrimento, irritava a rainha, mas a verdade é que, nessa tarde, levantou o assunto no Conselho de Guerra, que já conhecera

tantas transformações que por vezes ficava com a impressão de que era a única que restava do tempo da sua fundação, dias depois da aclamação do marido.

Por coincidência (ou seria que Catarina tinha manipulado Pedro para falar em Mourão aos nobres da sua Casa e conseguia assim chegar mais longe do que a mãe a julgava capaz?), nesse dia foi votada a nomeação do comandante Joane Mendes de Vasconcelos como chefe do exército do Alentejo, com o objectivo de retomar Mourão e Olivença, praças consideradas vitais para manter a defesa da linha de fronteiras e para reavivar o moral das tropas.

Quando ao jantar D. Luísa de Gusmão informou o seu filho rei D. Afonso da decisão tomada, Catarina escondeu o olhar no guardanapo. Dissessem o que dissessem, a verdade é que a sua Senhora não podia ficar nas mãos de Castela.

No final de Outubro, a notícia chegou. O comandante Vasconcelos saíra de Elvas a 22 de Outubro, chegara a Mourão a 25, segundo carta enviada ao rei, e depois de quatro dias de cerco a guarnição espanhola que a ocupava capitulou. Mourão era de novo portuguesa e as ordens recebidas é de que fosse fortificada de novo, munida de artilharia, refeitas as muralhas em revelim, dando-lhe a forma de uma estrela e tornando-a operacional como bastião do reino. A partir dali se partiria, depois, para Olivença.

Joane estranhou quando recebeu uma efusiva carta de Catarina: porque se interessava a infanta por aquela praça tão distante do seu paço lisboeta?

Perguntou e depressa descobriu «que tinha sido Nossa Senhora das Candeias, a Virgem que está lá em cima na ermida, que salvou a infanta da morte», como lhe explicou um dos seus soldados mais novos. Preocupado, foi confirmar se os castelhanos não tinham pilhado a igrejinha e roubado a imagem. Ali estava ela, intacta, respeitada pelo inimigo, que afinal professava a mesma fé. O comandante ajoelhou--se, benzeu-se e agradeceu a vitória.

No dia seguinte, já não o surpreendeu a carta recebida, desta vez da rainha-mãe, que o mandava apresentar-se em Lisboa.

O povo reunira-se no paço ao saber da sua chegada. Joane de Vasconcelos não era novo nestas andanças, e, embora nem sempre compreendido, era um herói nacional. A reconquista da praça de Mourão, para seu espanto, entusiasmava também esta gente que saía agora à rua para lhe gritar «vivas».

Concluiu que era melhor deixar de se surpreender. Foi por isso que sorriu com total serenidade à mulher pequena e delicada que o esperava no cimo da escadaria de mármore que marcava a entrada nobre do paço. Beijou-lhe a mão e disse-lhe apenas:

- Sua Alteza, a Senhora das Candeias está no altar, formosa e intocada pelo inimigo, esperando certamente visita sua.

Catarina, contra todos os protocolos, fez-lhe uma ligeira vénia:

- Comandante Joane Mendes de Vasconcelos, acredite que estará sempre presente nas minhas orações. E agora vá, que a rainha espera--o: Olivença e Badajoz virão a seguir.

Quando Joane levantou a cabeça, a princesa desaparecera no corredor escuro do paço e o capitão da guarda estava silencioso ao seu lado, pronto a escoltá-lo à Sala do Conselho.

39

Paço da Ribeira, 15 de Novembro de 1657

A promessa estava por cumprir. À noite, quando se ajoelhava para fazer as suas últimas orações, Catarina sentia um aperto no estômago: ainda não fora capaz de visitar a meia-irmã no convento, como prometera ao pai na hora da morte.

Já confessara a frei Pedro esta sua falha, mas a condescendência que ele revelava sempre para com os seus erros desvalorizava os seus conselhos. Diz-me isto porque gosta tanto de mim, pensava Catarina sempre que se erguia do confessionário e se voltava a ajoelhar para rezar a penitência que lhe coubera. Frei Pedro insistia que era preciso dar tempo ao tempo, que lá onde estava, no Céu, D. João não andava de relógio e entenderia que não era fácil para a filha aceitar a sua infidelidade e, mais do que isso, a existência de uma rival. Se não era rival no paço, pelo menos tinha-o sido, até ao fim, no amor do pai.

Os dias estavam cada vez mais curtos, a noite caía cedo, e hoje a chuva batia com força nas vidraças e doía-lhe a cabeça, por isso pedira que lhe trouxessem o jantar ao quarto, um luxo que só a doença podia permitir, e sentara-se a ver as sombras dançar nos telhados de Lisboa.

A sua serenidade foi interrompida por vozes de rapazes que saíam por uma das portas de serviço da Ribeira. Espreitou pela vidraça e abanou a cabeça em desespero: ainda esta manhã estivera com a mãe num encontro com o conde de Odemira e ouvira os queixumes do senhor, que confessava, sem esconder nada, o seu desespero por «não conseguir ter mão em Sua Alteza».

Se ao menos o padre António Vieira não estivesse tanto tempo fora, pensava Catarina, teria a inteligência, a sensibilidade e a força moral para agarrar Afonso. Este, quando não se sentia desafiado, mostrava sem dificuldade rapidez de raciocínio e uma coragem na defesa dos seus aliados que a deixavam cheia de admiração por ele. Seria ela, Catarina, capaz de desafiar a mãe, D. Leonor e as suas professoras daquela

maneira? Nunca. Ou talvez apenas se a ofensa às suas razões fosse tão injusta, tão injusta, que a levasse a perder, por momentos, a razão.

Injustiça? Provavelmente era essa a palavra-chave para compreender Afonso. Será, pensava a irmã, que procurava por todos os meios que alguém lhe retirasse aquele peso de cima, o «interditassem» de assumir o cargo? Mas a verdade é que Afonso gostava do poder, gostava da pompa, das fardas de gala, dos tapetes encarnados estendidos à sua passagem. Provavelmente, como lhe dissera uma vez, Afonso desejava o poder como nenhum outro, porque acreditava que se o administrasse conseguiria repor a justiça. Mas não procuraria vingança?, perguntou então, assustada, Catarina. A cabeça baixa e os olhos nas bainhas da batina preta não lhe tinham transmitido nenhum sossego.

Talvez Catarina ainda fosse a tempo de o ajudar. Era tão criança, pelo menos por dentro, e todos eles haviam sofrido tanto nestes últimos anos - talvez, e o pensamento cruzou-lhe a mente sem que soubesse de onde vinha, talvez fosse a altura certa de visitar o convento. Talvez, talvez, ao ver Maria, Afonso percebesse que havia outros mais discriminados pelas circunstâncias do que ele.

Tinha de arranjar maneira de falar com o irmão sem aquele detestável António Conti por perto, sempre de sorriso cínico, como se gozasse cada momento de humilhação que conseguia impor à família real. Rodeado pelos seus «amigos» da rua, Afonso sentia-se sempre obrigado a fazer o papel do príncipe rebelde.

O irmão dava-se com mercadores e homens da rua e desde os 13 anos introduzia nos aposentos do paço rapazes que chegavam a pernoitar por lá, apesar do protesto dos seus mestres, da oposição do porteiro, e de uma ou outra vez o capitão da guarda de serviço ter corrido com o bando inteiro, apesar dos gritos estridentes de Afonso, que batia o pé e ameaçava vingar-se dele mais tarde ou mais cedo.

Catarina não se atrevia a esgueirar-se até ao quarto dele, por medo de encontros inoportunos. Agora que Afonso era o herdeiro da coroa, abrira de vez o paço à pernoita dos companheiros de farra e não permitia que ninguém o desautorizasse, por isso Catarina não queria lá ir de manhã cedo, nem enfrentar o olhar angustiado do criado de quarto,

envergonhado, mas compelido ao silêncio. Que raiva, onde o poderia apanhar a jeito, e sozinho, o seu Afonso?

Decidiu-se por um bilhete e por um encontro marcado no torreão filipino, aquele onde, em crianças, passavam tantas horas de óculo a ver a chegada dos barcos à barra. Subitamente entusiasmada por ser o centro de uma conspiração, e não apenas um peão, Catarina sentou-se à sua mesinha e escreveu. Escreveu a Afonso a solicitar a sua presença às dez da manhã seguinte, a Pedro pediu que viesse pelas onze e meia. À mãe enviou uma breve nota a dizer que iria com os irmãos cumprir a promessa que fizera ao pai - não era preciso dizer mais nada. Depois havia que avisar as irmãs de Carnide, e a própria Maria, agora freira de clausura, e que podia não estar disposta a recebê-los passado tanto tempo.

Maria. Durante alguns instantes deixou o tempo andar para trás. Após as exéquias do pai, as notícias tinham-lhe chegado de que a meia--irmã sofrera um desgosto tão grande que rapara a sua farta cabeleira loira e decidira dedicar-se totalmente à vida religiosa. Que relação tinham, afinal, o seu pai e aquela filha, para que a morte do rei lhe desse direito a manifestações tão exuberantes? Oportunista não podia ser, nem ela, nem a mãe, sempre discreta, porque se dedicara a Deus, em lugar de aproveitar a comenda e o dinheiro que D. João lhe deixara.

Quando soubera do cabelo, lembrava-se como se fosse hoje, colocara-se frente ao espelho, deixara cair os cabelos soltos sobre os ombros, penteara-os até brilharem como a noite, mas em lugar de pensar no pai, ou em tesouras, só lhe viera à cabeça a imagem de Charles. «Charles», pronunciara baixinho, «não posso cortar o meu cabelo, porque sei que Charles gostará dele assim», murmurou. Só recordar a cena fazia-lhe incandescer de novo o rosto. Sentira vergonha então, e sentia-a agora. Pecava e tornava a pecar, ao pensar no namorado imaginário em lugar de no rei seu pai, e cometia ainda por cima o pecado da vaidade, encantando-se com a sua própria imagem. Lembrava-se de como se ajoelhara de imediato e pedira perdão a Deus. «Mas a verdade, dizia agora para consigo mesma, é que não cortei o meu cabelo.» Num gesto infantil, virou os olhos para a estatueta da Senhora das Candeias, com as suas fartas melenas, e consolou-se: «Mas a minha Virgem também não!»

Estranhamente, Afonso aceitou com entusiasmo a ideia. Talvez Catarina

tivesse razão e o irmão sentisse um afecto especial por aquela que ficara sempre de lado e tivera apenas direito a umas migalhas do tempo e do afecto do pai. A que a corte estigmatizava, tal como o marcava a ele. Além do mais, suspeitava Catarina, Afonso não poderia deixar de saber que a visita magoaria Luísa, e como feri-la parecia ser um dos seus fitos constantes, esta cartada era sem dúvida uma jogada alta. Pedro, provavelmente pela mesmíssima razão, mostrou-se mais relutante, perguntou mil vezes se a mãe autorizara expressamente que fossem ao convento e só acabou por ceder porque o medo de que alguma coisa importante acontecesse nas suas costas era superior ao receio de desagradar à rainha.

Maria, Maria de Bragança como gostava de dizer a si própria, embora penitenciando-se sempre depois pelo pecado da vaidade cometido, recebeu-os com uma imensa mistura de sentimentos. Porque se interessavam agora por ela, como se fosse um bicho raro? Se julgavam que a iam usar como peão em alguma estratégia política, ou mesmo de alianças, estavam absolutamente enganados. Julgavam, talvez, que vivia entre grades por ser uma filha bastarda, mas não podiam estar mais longe da verdade: dos quatro filhos vivos de D. João IV de Portugal, era ela a mais livre, tinha a certeza disso. Escolhera o convento porque desejava dedicar-se a Deus, e cortara o cabelo porque genuinamente amara o pai, e a mãe falara dele sempre com tanta paixão que lhes perdoara tudo, a ele e a ela. Uma das noviças viera dizer-lhe que o rei, o novo rei queria ela dizer, e os infantes a esperavam na sala da madre superiora. Respirou fundo, abriu a porta da biblioteca e caminhou orgulhosa ao seu encontro.

Os olhos de Afonso ficaram presos em Maria - era muito mais parecida com ele do que os dois irmãos inteiros que tinha e que estavam ao seu lado. Os olhos claros, a pele branca, as feições suaves, recordavam-lhe o pai, e lembravam-lhe que entre ambos havia um fio condutor que o tempo não conseguiria apagar. Maria olhou-o directamente nos olhos e dirigiu-se-lhe por «Sua Majestade». Afonso sentiu a garganta apertar-se, como se o ar tivesse ficado subitamente irrespirável. Tratara-o com mais respeito e dignidade do que a maioria das pessoas que o rodeavam, para não dizer todas, sem ironia, nem cinismos. Nem Catarina nem Pedro faziam o mesmo. E os seus olhos pareciam ver para dentro dele, sem se deterem nas suas deformidades. Afonso estava para sempre conquistado, e Catarina sorriu para si própria e agradeceu a inspiração à Senhora de Mourão. Talvez esta

estranha que, no entanto, tinha o sangue do seu pai conseguisse ajudar o rei seu irmão, tal como a sua mãe ajudara o rei seu pai.

Cumprimentaram-se com toda a solenidade e Maria ficou com a impressão de que Catarina tinha os sentimentos emaranhados num novelo que não conseguia (e será que queria?) desemaranhar. Catarina entendeu que não causara grande impressão na meia-irmã, mas pela primeira vez na vida não se importou com o que outra pessoa pensava dela. Estava aqui a cumprir uma obrigação, uma promessa feita ao pai, uma promessa que, pensando bem, agora que o tempo autorizava uma análise mais fria, sentia que nunca lhe deveria ter sido exigida, e que sendo, ela deveria ter tido a franqueza de recusar. A verdade é que desejava apenas que Maria soubesse que numa emergência poderia contar com ela, mas mais nada do que isso. Percebia agora, quando a tinha diante de si, que Maria a enraivecia. A sua generosidade não chegava para aceitar que ocupasse um lugar no coração do pai: era ela, Catarina, a menina que tinha direito a sentar-se ao colo do pai, ou no banco do cravo; era só a ela, e sim, a Joana também, a quem o pai deveria ter dedicado todo o seu afecto. Não achava justo que um bastardo sofresse o pecado dos pais, mas, para ser sincera, porque haviam de ser os filhos a carregá-lo? Lembrou-se de Charles. Se algum dia os seus sonhos se realizassem, como reagiria aos filhos que o rei inglês tivesse fora do casamento?

Pedro, por seu lado, pressentiu o desconforto que se instalara mal a conversa de conveniência acabou e entreteve-os com descrições do seu cão, procurando encher o vazio, até serem interrompidos pela irmã Cecília, que vinha dizer que estava na hora da missa, a que poderiam assistir. Maria por trás das grades, os príncipes numa balaustrada por cima do altar. Despediram-se, mas desta vez foi Afonso que insistiu em dobrar o joelho e beijar-lhe a mão. Maria agradeceu com um sorriso tímido e prometeu-lhe rezar por ele, todos os dias.

- Por si e pelo nosso pai que está no Céu.

Nessa noite Catarina não conseguia adormecer. Havia momentos em que tinha a impressão de que corria de um lado para o outro a segurar as pontas, procurando que o Mundo não se desfizesse, como se a responsabilidade pela rotação contínua da Terra fosse sua, e só sua. Mas hoje sentia era pena de si mesma. Chorava por si, menina per dida,

incompreendida, traída.

Não conseguia deixar de pensar que Luísa agira por vingança, quando após o jantar lhe entregara para ler a carta acabada de receber do embaixador de Portugal em França. Dizia-lhe que o rei Luís continuava interessado em Catarina e estava mesmo disposto a dar por ela 300 pistolas, mas a carta não se ficava por aqui. Relatava, em pormenor, a preocupação com o comportamento do herdeiro da coroa inglesa, que continuava no exílio. Sabia-se que Charles acabara de ter mais um filho - desta vez em Bruges, da tal amante Catherine Pegge, e a quem tinham dado o nome do pai. Charles Fitzcharles, mais propriamente, o segundo varão que publicamente assumia como seu.

Que raiva, que raiva, que raiva, porque amava um homem assim, que não conhecia, não sabia quem era, e ainda por cima deitava na sua cama uma «senhora» com o seu nome? O pior de tudo fora, no entanto, um esgar de ironia que, jurara, apanhara na cara da mãe quando esta lhe passara para a mão o sobrescrito - talvez tivesse imaginado tudo, talvez amanhã acordasse e nada disto passasse de um pesadelo. Exausta de tanta emoção, adormeceu.

40

Paço da Ribeira, 26 de Dezembro de 1658

Aaia chamou-a de mansinho uma vez, e não precisou de a chamar segunda, porque nos últimos tempos o sono de Luísa era cada vez mais leve, como se estivesse em alerta constante.

- Vossa Alteza, o conselheiro de Estado pede para lhe falar com urgência, e apresenta desculpas pelo adiantado da hora...

Luísa ordenou-lhe que acendesse a lareira do escritório e mandasse entrar as criadas para a ajudarem a vestir. Tal era a ansiedade, no entanto, que optou por vestir apenas um roupão pesado e quente por cima da camisa de noite e ir mesmo assim: nunca, nestes anos todos, nem na pior das crises, algum membro do seu Governo, ou do de João, tivera esta urgência.

A cara do conselheiro deixou-a perceber imediatamente que não havia mesmo forma de adiar a conversa. Elvas estava cercada pelo exército de Filipe, comandado por um dos seus generais mais brilhantes, dom Luís de Haro. Não brincavam, nem a ameaça era para ser levada como um simples sinal de intimidação. Com catorze mil homens na infantaria e cinco mil cavaleiros, tinham cercado a cidade, e a população e as tropas lá sedeadas morriam de fome e de doença. O exército castelhano começara mesmo a bombardear as muralhas.

Nestes cinco dias que o mensageiro levou a chegar estimava-se que já tivessem morrido centenas de pessoas e os nossos espiões diziam que o objectivo final era Lisboa. Espanha voltava em força à reconquista.

- Veja se entendo bem: o exército alentejano está preso dentro das muralhas. Os portugueses morrem de fome e doença. Os filipinos têm uma força de quase dezanove mil homens, e nós estamos de mãos e pés atados? Como é que chegámos a esta situação?

O conselheiro baixou os olhos. Sabia há muito que o portador das más

notícias é sempre aquele que recebe o castigo, mas aceitara a missão porque sabia também que D. Luísa depois deste primeiro rebate começaria a pensar com a cabeça e não com o coração. Aguardou por esse momento, que não tardou.

- Suponho que já me traz um nome? - atirou de chofre.

O conselheiro nem se fez de desentendido, nem perguntou «nome para o quê?», nem tentou empatar o tempo com sinais exteriores de subserviência. Atirou, tão rápido como Sua Majestade:

- É opinião do Conselho de Guerra que a responsabilidade pela região militar do Alentejo deverá ser entregue ao conde de Cantanhede, se essa for a vontade do rei. - Luísa insistia que deveriam sempre referir-se ao rei quando falavam, já que ela era uma mera regente, e os conselheiros encolhiam os ombros e obedeciam.

- A D. António Luís de Meneses? Para que reúna um novo exército e liberte Elvas? Mas em quanto tempo pode fazê-lo, e a que preço?

- Não temos dúvidas de que só um recrutamento pago funcionará com esta limitação de tempo, mas não podemos olhar a dinheiro no momento em que é, de novo, a independência que está em causa.

- Não sei porque é que me veio acordar a meio da noite, conselheiro, quando o caminho é só um e já está traçado. Será arrojado de mais da minha parte presumir? - que D. António já aí está no corredor?

- Não foi Sua Alteza que disse que não havia tempo a perder? - atreveu-se a sorrir-lhe o conselheiro.

- Mandem-no entrar - disse então Luísa aos dois soldados que guardavam a porta do escritório.

Aos seus pés, beijando-lhe a mão, estava segundos depois o conde de Cantanhede, que três horas mais tarde partia para Estremoz, com os planos aprovados e uma arca de moedas acabadas de cunhar.

41

Paço da Ribeira, 16 de janeiro de 1659

Catarina quase arrancou a carta-relatório do conde de Cantanhede das mãos da mãe, que lhe sorriu, divertida:

- A minha ministra da Defesa quer estar a par de tudo o que se passa nas nossas fronteiras? Leia, que só lhe faz bem.

Os olhos da infanta já tinham saltado todos os protocolos iniciais e descobrira rapidamente o que lhe interessava. Escrevia o conde, dirigindo-se a el-rei D. Afonso e à rainha-regente:

Vivendo no Alentejo, paredes meias com o inimigo, as gentes sabiam o que significaria um avanço das tropas castelhanas sobre as suas colheitas, os seus poços de água, as suas filhas... Em menos de duas semanas recrutámos 2500 soldados pagos, 5500 ordenanças e 3000 cavaleiros. A registar, que a população trouxe ao acampamento sete canhões, de que nem sequer conhecemos a origem.

Sua Alteza entenderá que a angústia crescia: as notícias de Elvas eram as piores, sendo o inimigo mais mortal do que a peste, que dizimava centenas por dia. Lá dentro, de mãos e pés atados, o exército português que recuara de Badajoz e a guarnição estacionada na vila conseguiam, de tempos a tempos, enviar um mensageiro que furava as fileiras filipinas e nos trazia pormenores.

Pensei a estratégia com os meus mestres-de-campo, contando sempre com gente dali que nos sabia dizer, melhor do que qualquer mapa, os melhores caminhos, o relevo do terreno e os pontos de abrigo.

Acabei por decidir que o ataque às linhas do inimigo se faria por Murtais, através das colinas da Assomada.

Foi assim que na manhã de 13 de janeiro, ainda o sol nascia entre uma neblina cerrada, daquela que gela os ossos, avançámos, em nome de Deus,

em nome do rei Afonso VI e da Independência de Portugal.

A princípio não deram por nós, o nevoeiro a esconder o silêncio com que deslizávamos no terreno, até os cavalos, Sua Majestade, pareciam ter as patas almofadadas. Os castelhanos mantinham os olhos em Elvas, como pretendiam, sem perceberem que chegávamos pela retaguarda. Às oito horas, infelizmente, o general Luís de Haro já dera por nós, mas felizmente não tiveram tempo de se preparar.

Às nove horas rompemos a primeira linha do cerco, abrindo assim caminho aos cinco mil soldados do exército do Alentejo, que saíram de Elvas imediatamente em nosso auxílio. A luta foi renhida, e quando o Sol já ia a pique era possível ver o campo cheio de corpos inertes, cavalos sem dono vagueando assustados, soldados que procuravam abrigar-se e fugir enquanto ainda tinham força para tanto.

Confesso a Sua Alteza que só pelas três da tarde respirei fundo: o general Haro partiu do Forte de Nossa Senhora da Graça, onde se mantinha aquartelado, sem nunca descer ao campo da batalha, levando com ele a cavalaria. Procurou refúgio em Badajoz, de onde, rezo a Deus Nosso Senhor, nunca volte a sair, como foi nessa noite o desejo expresso de muitas saúdes bebidas em todas as terras do Alentejo onde a notícia da vitória já chegara.

Parou de ler. Já sabia o que importava: tinham vencido e afastado o perigo de uma invasão ao coração do reino, Lisboa.

A contagem final era triste, mas animadora do ponto de vista dos portugueses, pensou a infanta, embora fosse estranho estar a rejubilar com a perda de sangue espanhol, afinal o país da sua mãe. Do lado de Filipe, 2500 mortos, 4000 prisioneiros (que destino se lhes daria agora?), 15 000 armas capturadas. Do nosso lado, apenas 200 mortos (Catarina procurou não pensar que entre eles pudesse haver alguém que lhe fosse querido!) e 600 feridos, que os conventos alentejanos tinham acolhido e as irmãs tratavam com o desvelo dedicado aos heróis. Elvas tinha de novo água e comida, e agora que os corpos dos mortos podiam ser enterrados longe, e cobertos por cal, a epidemia de peste parecia estar a ser debelada, embora os números de vítimas ainda fossem altos.

Quando Luísa chegou da missa tinha já inúmeras cartas por abrir em

cima da secretária e o pedido de audiência dos embaixadores francês, inglês e holandês. A notícia da vitória chegara às cortes estrangeiras e fizera maravilhas pela imagem de Portugal: a batalha dera a impressão de que o exército nacional estava bem organizado, tinha comando e estratégia, tanto que conseguia vencer uma guerra onde a sua força era substancialmente menor do que a do adversário.

Mas, acima de tudo, frisou Luísa solenemente, depois da bênção do jantar: «Ficaram convencidos, acredito que de uma vez por todas, de que os portugueses recusam qualquer outro estatuto que não o de um povo livre.» Quando se sentou, Afonso, que parecera aparentemente distraído, comentou:

- Julgo que até Filipe de Espanha aprendeu a lição.

Por uma vez a mãe olhou o filho de 15 anos com alguma admiração:

- Que Deus te oiça, meu filho.

E ouviu.

42

Paço da Ribeira, 2 de Fevereiro de 1659

A carta do embaixador português em Londres chegou pelas mãos de um estafeta lívido, que cavalgava desde Salamanca sem dormir. Insistia que a missiva tinha de ser entregue em mão e, depois de um longo debate com o capitão da guarda, ansioso por ser ele o portador da carta misteriosa, lá conseguiu que o levassem até à sala do conselho, onde D. Luísa presidia a uma reunião.

Entregue a carta, o pobre e suado escudeiro foi enviado para a cozinha, com a promessa de um copo de bom vinho, e Luísa sentou-se a ler a missiva. D. Francisco de Melo contava que Oliver Cromwell estava às portas da morte e que se esperava, com nervosismo, como se faria a sucessão. Ou se haveria sucessão, já que o povo parecia cansado deste interregno mal sucedido na história do seu país. Dizia-se que o seu filho, Richard Cromwell, lhe tomaria o lugar, mas o embaixador adiantava que a ser essa a solução, seria sempre de curto prazo, pois os ingleses abominavam o homem, um oportunista sem o talento do pai, nem sequer a sua honra. Acabava a carta pedindo a D. Luísa toda a contenção na sua política para com os britânicos residentes em Portugal, sobretudo os comerciantes e homens de negócio, porque se o volte-face se desse, Charles seria certamente convidado a tomar o trono de Inglaterra, e todas as oportunidades de uma aliança pelo casamento retomariam força. Pedia mesmo autorização para se articular com o embaixador em França, onde certamente Charles e a família real inglesa no exílio seguiriam a situação atentamente, de forma a dar já um primeiro passo no sentido de reiterar a possibilidade de negociações.

«Se nos anteciparmos, enquanto ainda não estiver no poder, recordar-se-á certamente de como tomámos sempre o seu partido e apoiámos a sua causa, mesmo quando ela ainda não era uma causa ganha», escrevia.

Luísa fez o seu primeiro largo sorriso em meses, e os conselheiros perceberam que as notícias eram promissoras. Não estranharam quando a

rainha pediu para se ausentar, porque precisava de responder, com toda a pressa, à carta recebida.



Sozinha, Luísa de Gusmão recostou-se na cadeira de braços confortável e larga. Se a independência de Portugal parecia agora assegurada, podia dedicar-se à estratégia internacional. A guerra no terreno poderia dar a impressão de ter sido miraculosamente ganha terminadas que estavam - esperava-o sinceramente - as guerras da Restauração, mas no plano diplomático a dinastia de Bragança ainda tinha de fazer valer o seu lugar no Mundo. Para negociar um casamento realmente importante para Afonso e para Catarina, para assegurar alianças que solidificassem as defesas portuguesas contra novos ataques da cobiça alheia, nomeadamente os territórios do Brasil e do Oriente, precisava desesperadamente que estas negociações corressem bem. Se casasse Catarina com Charles de Inglaterra, pensou com um sorriso sarcástico, enfureceria os espanhóis e o papa: que Portugal tivesse laços fortes com um país protestante era a última coisa que desejavam.

Deu todos os poderes ao embaixador. Disse-lhe para ser generoso no dote, que logo se veria como seríamos capazes de o entregar, e concordou entusiasticamente com a ideia de que a negociação deveria começar antes da aclamação do rei de Inglaterra.

Naquele dia, enquanto passeava pelo jardim com Catarina, deu--lhe a notícia, mas a filha preferiu uma postura defensiva: sabia que a mãe poderia, a qualquer momento, usar os seus sentimentos contra ela, como já o fizera antes.

- O que aconteceu, filha? Nem te reconheço. Não era isto que querias?

Há anos que Catarina, nos seus sonhos de adolescente, alimentava um ódio crescente a Cromwell, que fora capaz de decapitar o pai de Charles e expulsara o herdeiro do trono e toda a sua família do seu próprio país. Catarina não gostava de revolucionários e acreditava, com toda a sua simplicidade, que os reis são emissários de Deus e devem, como tal, ser respeitados. Mas estranhava que a mesma mãe que lhe dera a ler, por

puro despeito, aquela carta em que o nosso embaixador dava conta do nascimento do segundo filho daquele que seria o seu noivo, agora viesse defender o mesmo homem como o melhor dos partidos para a sua única filha. Além disso, para ser sincera, ela própria não se sentia muito segura: como seria capaz de viver com um homem que já tinha tido tantas mulheres, como seria dar à luz um filho que o nosso marido encararia apenas como «mais um»? Mas não valia a pena falar de nada disto à mãe. Luísa desejava certamente a sua felicidade, não punha isso em causa, mas não lhe passava pela cabeça que a sua própria filha tivesse enchido a cabeça de ideais delicodoces, esquecida de que era filha de um rei e que a sua vida e o seu coração não lhe pertenciam.

- Catarina, insistes em ficar calada? Não me bastam os sarilhos de Afonso e daqueles tresloucados amigos, e agora tu, que sempre foste a luz dos meus olhos, a filha que tudo fez para me poupar qualquer contratempo, ficas aí nesse silêncio, como se me castigasses por alguma coisa?

Catarina sentiu que mordia o lábio - não podia dizer o mesmo da mãe -, mas foi incapaz de prolongar o amuo, tão carente da aprovação e do amor materno:

- Nada, mãe, dói-me a cabeça.

- A cabeça, filha? Tens tosse? Vamos chamar o médico - respondeu Luísa, que agora entrava em pânico sempre que algum dos seus filhos se queixava de uma dor, sem conseguir esquecer nunca que os outros lhe tinham sido levados assim de repente, sem grandes avisos senão uma tosse e um estado febril.

Catarina arrependeu-se da desculpa, esquecera-se de como a mãe se tinha tornado nervosa quando o assunto eram doenças:

- Não é nada, mãe. Talvez tenha sido sol a mais na cabeça, ou essa notícia... É claro que farei tudo pela glória de Portugal, já o paizinho me tinha pedido que assim fosse, mas às vezes tenho medo... Não quero deixar este nosso paço, os meus irmãos e a minha mãe, tudo o que conheço, por aquilo que desconheço. E se não gostam de mim, se não me adapto a um país de que nem a língua entendo ou falo sequer...

Tentou sorrir serenamente para a filha:

- Também deixei o meu paço para casar com o teu pai...

- Mas era a dois passos, mãe, a língua fácil de entender...

- Fácil de entender? Ainda hoje não falo o português correcto, nem o teu pai, nem ninguém entendiam completamente o castelhano, e eu, então, tinha uma dificuldade imensa em perceber o português, que me garantiam ser igualzinho ao castelhano, mas não há maior engano. Mas reconheço, era tudo mais próximo, e percebo que tenhas medo, mas vai contigo D. Francisco de Melo, conde da Ponte, e tantos outros.

Catarina fez um esgar de desagrado.

- Nunca entendi porque é que não gostas de D. Francisco, que ainda por cima tem dedicado tantos anos da sua vida a procurar o casamento que mais te convém, a esforçar-se por colher vantagens para Portugal. O que é que se passa?

- Nada, não gosto dele, é pomposo, olha para mim como se fosse uma mercadoria, e nem sequer em muito boas condições. Sinto que estou numa banca à venda. No outro dia perguntou-me se falava inglês, e quando lhe disse que não bem vi o seu desagrado, como se estivesse a defraudar as suas expectativas, não valesse o dinheiro que pedia por mim.

Luísa suspirou. Procurara proteger a filha do mundo para que não sofresse, mas via agora que fizera mal - Catarina não se deixara fechar numa campânula de vidro, mas Luísa não a via suficientemente preparada para a vida, para perceber que nos negócios e na política, os sentimentos, o gostar ou deixar de gostar, não tinham lugar.

- Tem razão D. Francisco, amanhã mesmo vais começar aulas de inglês, que esquecimento o meu. Bem digo que os meus filhos foram prejudicados por terem uma mãe demasiado envolvida no governo do reino e com menos disponibilidade para governar a sua casa; mas também foram tantas as mortes, as surpresas. Se o Teodósio aqui estivesse seria ele a negociar o teu casamento, seria ele a presidir ao Governo, seria ele a tomar tantas e tantas decisões que todos os dias é necessário tomar.

Catarina sentiu uma tontura. Tantos medos, ansiedades e expectativas. Pondo a mão na cabeça, que agora latejava a sério, pediu à mãe:

- Posso recolher-me, mãe? Não me sinto realmente bem.

Luísa viu-a subir pela escada de ferro em caracol, com o sobrolho franzido. Em que errara desta vez?

43

Paço da Ribeira, 22 de janeiro de 1660

Passara quase um ano, e Catarina todas os dias se enfurecia consigo mesma: que criança fora em achar que tudo se resolveria num abrir e fechar de olhos. Os dias corriam e Charles, o seu Charles, continuava distante do poder - e de ter algum interesse em escolher uma desconhecida para mulher legítima.

Quando uma das criadas a veio chamar à biblioteca, onde naquela manhã se refugiara com o pretexto de que tinha de se certificar do estado dos livros favoritos do rei seu pai, ouviu a mensagem que ela lhe trazia com uma calma absoluta.

- Senhora dona Catarina, não olhe para mim assim, como se não fosse fazer caso do pedido da sua mãe para que vá ter com ela o mais depressa possível - protestava Júlia, que a conhecia de pequenina.

- Está descansada, já lá vou. Ia lá agora desobedecera uma ordem da minha mãe, ainda por cima trazida por ti - disse com um sorriso divertido, enquanto voltava a colocar na estante uma das suas partituras favoritas. Júlia não arredou pé:

- Fico aqui até a ver atravessar aquele corredor em direcção aos aposentos de Sua Majestade - insistiu.

Catarina riu abertamente, tocando-lhe afavelmente no braço:

- Então vamos.



Pela cara da mãe, percebeu imediatamente que havia notícias a sério, e que eram boas. O coração disparou:

- 0 que foi? - perguntou entre a excitação e o terror.

- O Protectorado caiu, finalmente, Deus é grande. Richard Cromwell nunca foi grande peça e os ingleses estavam cansados de viver num estado de agitação permanente. Revoltaram-se. O nosso embaixador enviou uma carta onde diz que um general escocês, o general Georg Monck, avançou e tomou Londres, com medo das proporções que a revolta popular podia assumir.

- Charles é rei dos escoceses - acrescentou Catarina verdadeiramente entusiasmada.

- Exactamente. A Escócia aclamou-o como tal...

- Por isso, o general já pediu a Charles que voltasse, e guarda-lhe o trono até que tenha tempo de regressar - apressou-se a continuar Catarina.

- Catarina de Bragança, é isso mesmo.

- E agora, mãe, o que fazemos nós? Todos os reinos da Europa e de mais além vão querer as filhas casadas com o rei de Inglaterra. Teremos alguma hipótese?

Catarina esperava que a mãe lhe respondesse com um dos seus seguros «Claro!», com o sotaque castelhano a marcar a força da palavra, mas Luísa sentou-se, ajustou as almofadas atrás das costas como se quisesse ganhar tempo, e finalmente, numa voz ligeiramente arrastada, disse:

- Vamos tentar, mas não será fácil. Charles assinou um papel a renunciar ao dinheiro de todos os seus feudos, ficando dependente do orçamento que o Parlamento lhe autorizar. É um rei que retoma a coroa, mas não terá muito dinheiro para se financiar, a ele e à sua corte.

- Ou seja, vai querer uma mulher com um dote que lhe permita pagar as contas, e nós não temos dinheiro, com o desgaste da guerra - declamou Catarina.

- Não temos dinheiro, de facto, mas temos muitas coisas que podem interessar a um rei. Territórios riquíssimos, rotas comerciais, portos onde pode negociar açúcar, canela, especiarias, jóias, pedras preciosas.

- E a mim! - declarou, endireitando as costas, Catarina.

Luísa parou a enumeração de bens e sorriu-lhe:

- E a ti, luz dos meus olhos!

Catarina sentiu os seus humedecer.

44

Breda, Holanda, 8 de Maio de 1660

Ninguém conseguia bater aquele sentido de humor, aquela sensibilidade para a ironia dos outros e, simultaneamente, aquela irresponsabilidade total, de quem não está habituado a prestar contas pelos seus actos a seja quem for, pensou o camareiro-mor de Sua Alteza Real Charles II, como sempre lhe chamara desde que o seu pai morrera, indiferente ao que mandava Cromwell.

Charles assobiava e cantarolava enquanto lhe faziam a barba, porque hoje era um dia bom. Hoje, amanhã e para todo o sempre seria soberano dos reinos de Inglaterra, Irlanda e Escócia, a vida finalmente fazia-lhe justiça e devolvia-lhe o que lhe pertencia por direito.

Passou horas a vestir-se, como se a partir de agora nenhum pormenor fosse indiferente. Experimentou três cabeleiras, e não gostou de nenhuma, optando por mandar que lhe penteassem os seus próprios caracóis escuros. O camareiro respirou de alívio quando engraçou à primeira com a casaca que lhe sugeriu, mas o que Charles não complicou à primeira complicou à segunda, protestando com os folhos a mais da camisa, e os que tinha a menos, a outra. Quando o rei saiu dos seus quartos neste palácio de Breda, onde acabara de receber ordens para embarcar para Inglaterra, os criados estavam à beira do colapso.

Foi por isso num dia invulgarmente favorável, em que o sol entrava pelas vidraças, que o embaixador português o encontrou.

Já fora portador de uma proposta de casamento com a infanta Catarina ainda estava ele em França, e agora encontrava-o aqui, a dias de fazer as malas, antes de todos os outros «cães de caça» das cortes europeias o afogarem com convites. Bem visto, pensou Charles para consigo, mas não resistindo, como nunca resistia a nada que tivesse realmente vontade de fazer, disse alto:

- Senhor embaixador, já sei o que o traz por cá: a mais bela princesa do

Mundo, que o senhor não quer que eu perca a oportunidade de tornar minha mulher...

O embaixador português tinha alguma dificuldade em adaptar a sua formalidade à ironia que caracterizava este homem, que objectivamente desprezava o protocolo e a quem faltava, a seus olhos, uma postura mais real, mas de que confessava ser impossível não gostar.

- Antes de mais queria, em nome do rei Afonso VI de Portugal e da rainha-mãe, oferecer-lhe os maiores votos de felicidade. Como Sua Majestade certamente não esqueceu, ao contrário de muitas outras nações, Portugal sempre apoiou a sua causa e o tratou como alto dignitário da nação inglesa.

O inglês do homem não era mau, pensou Charles, tentando manter uma cara séria, mas muito gostavam estes embaixadores de palavreado caro! Reconhecia que a proposta de casamento que o embaixador reiterava era uma proposta antiga e que representava uma aposta e um voto de confiança que nenhum outro reino lhe tinha dado. Amanhã, ao saberem da notícia da sua partida, estariam todos a fazer fila à porta, mas quando vagueava de corte em corte só os portugueses haviam persistentemente repetido a oferta - a rainha de Portugal, a senhora da mais ancestral Casa espanhola, que traíra os seus para adoptar em absoluto a causa do marido, deveria ser uma mulher de se lhe tirar o chapéu, talvez a filha herdasse aquela força e aquela lealdade.

Não fazia a mais pequena ideia do que o embaixador há mais de dez minutos ia dizendo, porque se perdera em pensamentos, mas também pouco lhe importava que o senhor ficasse com a impressão de que falava com as paredes. Mas quando voltou a prestar atenção, reparou que o embaixador lhe estendia uma pequena miniatura. Segurou-a na mão com avidez. Repetidamente dissera aos seus conselheiros que estava disposto a casar a bem de Inglaterra e dos seus cofres, mas nunca se o preço fosse «meter uma mulher feia na cama». Já lhe haviam dito que Catarina era pequenina mas elegante, e o seu primo Luís de França, que encomendara um retrato da infanta a Nocret, gabara-lhe a beleza e o gosto. Agora tinha a oportunidade de a ver com os seus próprios olhos.

O retrato mostrava uma jovem morena, de grandes bochechas rosadas.

O cabelo dava-lhe uma incontrolável vontade de rir - que moda era aquela, meu Deus? -, duas tranças grossas e negras, uma de cada lado da cara simpática, caíam em canudos, como se fosse uma cabeleira de um juiz. E a franja? Ridícula, coitada da princesinha. Como lhe parecia disparatado o vestido, fechado até ao pescoço, sem deixar um pedacinho de carne à mostra, provavelmente por ser pecado, que lhe diziam que em Portugal a religião era vivida com ferocidade. O entusiasmo de Luís parecia-lhe exagerado. Será que vira um retrato muito diferente do que lhe mostravam agora? Havia de pedir à mãe Henriette que lho pedisse emprestado, para ver se percebia como é que o rei de França chegara a tão brilhante conclusão.

O embaixador ia como que pondo legendas na miniatura, para divertimento de Charles. Escutou-o, enquanto o senhor tentava traduzir para inglês qualquer coisa como «Há-de Sua Majestade reparar no rosto, de uma candura infantil pura, que encanta, mas cuja boca revela uma vontade muito própria.»

Charles atirou para trás a sua cabeça cheia de caracóis e riu alto, mas conteve-se imediatamente, que esta gente tomava ofensa depressa, e todos lhe diziam que exagerava na sinceridade das suas manifestações.

- Senhor embaixador, não rio da sua princesa, parece-me encantadora e bem vestida, e com o cabelo, como direi, menos hirto será certamente linda. Ria-me apenas da maneira como me tentava comunicar, diplomaticamente, que Catarina de Bragança parece um anjinho tirado do altar, mas herdou da mãe, certamente, uma personalidade de ferro.

- Tem uma personalidade própria, defende as suas convicções, mas é muito suave e gentil, detesta discussões e conflitos, é obediente e bem-educada.

O embaixador puxava pela cabeça, na tentativa de encontrar uma forma delicada de lhe dizer que Catarina não era propriamente uma mulher de armas como Luísa de Gusmão.

Por seu lado, Charles procurava manter um ar sério. Mal sabia o homem que faria melhor em vender-lhe o lado mais impulsivo e forte da infanta, porque tinha pouca paciência para cordeirinhos ou para andar a apaparicar almas sensíveis, de olhos encarnados de tanto chorar, sem

réstia de humor, como parecia o caso dos portugueses que conhecia até então.

O embaixador percebeu finalmente o que ia na cabeça do monarca, e rapidamente acrescentou:

- Nunca será um empecilho na vida de Sua Majestade. E a infanta tem sentido de humor - acrescentou, jogando uma cartada mais forte.

O olhar de Charles tornou-se mais vivo:

- Pelo que me dizem, é preciso ter mesmo muito humor, e bom feitio, para me aturar - disse rindo, e ao perceber que ria sozinho, como tantas vezes acontecia quando só ele entendia ou achava piada às suas graças, ainda se riu mais.

Depois subitamente cansou-se. Levantando-se sem explicações, deu o encontro por terminado. Caramba, hoje era o dia em que recebera a notícia do regresso a Inglaterra, poderia deixar para mais tarde as decisões sobre com quem casaria!

Com um aperto de mão forte, despediu-se do embaixador:

- Em Londres teremos muito tempo para falar da vossa querida princesa. Envie-lhe, por favor, a ela e à mãe, os meus melhores cumprimentos.

Ao recolher os seus pertences para também partir, o embaixador notou que lhe faltava o pequeno quadro. Charles levara-o consigo. Foi a sua vez de sorrir: era um bom presságio.

45

Plymouth, 25 de Maio de 1660

Charles sentia as lágrimas correrem-lhe pela cara, e nem sequer tentava disfarçá-las: ali, à vista, estava terra, a sua terra. A terra onde nascera e crescera, de onde vira expulsar a mãe e os irmãos. Terra que suportava os alicerces do palácio onde o pai fora assassinado, que fora o chão por baixo dos pés de uma cambada que lhe roubara o trono, os bens e o direito a crescer rodeado pelos seus. Prometera perdoar os assassinos de Charles 1, prometera não se vingar de tudo o que haviam feito contra os Stuart, mas não tinha a menor intenção de cumprir a promessa - promessas feitas a carniceiros não contavam como tal, garantia a si mesmo.

Naquele barco que agora aportava a Plymouth estava rodeado das pessoas que tinham acreditado que este dia chegaria. Conselheiros, soldados, homens que por várias vezes tinham, ao seu lado, procurado reconquistar a coroa que lhe fora roubada - e alguns não podiam estar aqui neste dia de glória, porque tinham dado a vida por uma causa que não chegaram a ver ganha.

A sua amante, Barbara Palmer, viajava consigo. Substituíra Catherine Pegge e já gerara também dois filhos seus - era uma mulher linda, forte e determinada, que o manipulava, e ao infeliz do marido, com uma arte que não podia deixar de admirar.

Terra, ia pisar de novo a sua terra. As vozes gritando o seu nome já se ouviam, à medida que o barco acostava - que sensação fabulosa a de ser «o desejado», aquele que regressava por vontade do povo, o mesmo povo, pensou com amargura, que há anos tinha permitido o fim da monarquia. Mas a esses perdoava com facilidade, eram uns pobres coitados que se limitavam a seguir os profetas que lhes vendiam a possibilidade de uma vida melhor. Charles vivera com fome, em tendas e abrigos, entre eles, e sabia que não faziam mais do que ambicionar comida para pôr na mesa das suas famílias. Conhecia-lhes a lealdade, mas sabia que também eram capazes de o trair - o povo, dizia-lhe tantas vezes o pai, é a força de um rei,

mas o primeiro a perceber se o rei se esqueceu dele.

A data, 29 de Maio de 1660, não poderia ter um simbolismo mais forte e fora por isso que Charles decidira adiar uns dias a sua entrada na capital. Hoje, sim, hoje marcharia em pompa, por uma cidade de Londres engalanada para o receber, hoje, o dia em que fazia 30 anos e voltava para assumir a coroa que lhe fora roubada.

James, o seu irmão mais próximo, cavalgava ao seu lado. Não era em nada parecido consigo, e suspeitava que se convertera já à fé católica da sua mãe, junto de quem fora educado. Mas após tantos anos sombrios, em que o prazer fora considerado pecado, e a alegria uma injúria aos Céus, chegava à capital do reino o homem mais determinado a viver e a deixar viver. Soltando uma gargalhada, virando a cara para o Sol que brilhava, prometeu a si mesmo que não moeria a cabeça a ninguém, desde que não lhe moessem a dele. Era essa a sua verdadeira religião.

46

Paço da Ribeira, 24 de Dezembro de 1660

Com apenas dois dedos esticados, Catarina tentava arrancar o Adeste Fidelis ao cravo do pai, que desde que o rei morrera estava praticamente abandonado. Começou de novo, irritada por a preguiça a ter impedido de aprender a tocar, como o pai tanto insistira. Ainda tivera algumas aulas, mas a professora desistira mais depressa do que a aluna, era uma dama nervosa que visivelmente temia ser repreendida por não ter os dotes de ensino que lhe eram exigidos. Quando Catarina, contagiada pelo seu nervosismo, desistiu, a mestra suspirou de alívio e voltou para as suas alunas de casas mais modestas.

O Presépio estava montado no canto da grande sala e a lareira ardia, vigiada constantemente por um criado, tal o medo de que o paço pegasse fogo, como acontecera a tantos, nestes dias de frio em que os toros ficavam entregues a si mesmos.

Dedilhou de novo o cravo e entregou-se à aritmética: se Teodósio não tivesse morrido teria agora 27 anos, e Joana teria 25 anos. Era mais do que provável que já estivessem casados, e que nesta véspera de Natal os seus filhos corressem pela sala, ansiosos por ver o que o Menino Jesus lhes deixara no sapatinho. Ela própria, com 22 anos acabadinhos de fazer, também já os poderia ter, pequeninos Bragança Stuart, pensou rindo, que viriam a Portugal passar as festas com a avó.

Como era infantil, disse para si mesma, ela e este mundo idílico com que sonhava. A mãe Luísa nunca mais voltara a ver a avó Joana, de quem a sua irmã herdara o nome, nem sequer o pai, nem tão-pouco o irmão, agora duque de Medina-Sidónia. Longe da vista, longe do coração, talvez fosse verdadeiro o ditado, e se um dia partisse para Inglaterra, como todos os dias lhe garantiam que aconteceria, nunca mais ninguém aqui no paço se lembraria dela.

Passou de novo os dedos pelo teclado. Estava preocupada com a família:

Luísa estava cansada. As negociações para o casamento da filha tinham-lhe embranquecido mais alguns cabelos e Catarina sabia porquê: o dote oferecido iria ser difícil, se não impossível, de arranjar, e enquanto se comprometia com os ingleses, porque sentia que era assim que deveria ser, angustiava-se com o terror de passar por falsa, que prometia o que não podia pagar. Afonso não ajudava nada, com 17 anos continuava a provocar a família real o quanto podia, mas já havia indícios, e frei Pedro já lhe chamara a atenção para eles mais do que uma vez, de que alguns nobres, como o conde de Castelo Melhor, D. Luís de Vasconcelos e Sousa, haviam percebido que se rodeassem o rei com lisonja depressa o teriam na mão. Catarina até gostava do conde e, para ser sincera, depositava nele a sua esperança: se um grupo de gente inteligente e honesta se dispusesse a aconselhar Afonso e ajudá-lo a governar, seria uma franca melhoria em relação àqueles bandalhos, como Conti e os seus amigos, que não faziam mais do que aproveitar-se do que lhes podia dar, mas sem contribuírem, de forma alguma, para o ajudar a assumir as funções para as quais tinha sido escolhido. Por Deus, acreditava Catarina. É verdade que a mãe vivia dividida entre o seu genuíno amor ao poder - a filha não era cega! - e o medo, sincero também, de que Afonso não fosse capaz de dar conta do recado. Pedro tinha apenas 13 anos e Catarina odiava aqueles que o adulavam. António Vieira ainda recentemente a avisara, numa das suas cartas, de que era preciso cuidado para que a Casa do Infantado, com os mais «puros» do reino, não virasse Pedro contra Afonso, tal a ambição dos que a constituíam.

Catarina deixou o cravo e sentou-se num banquinho bordado, junto da lareira. Precisava do calor do fogo para a aquecer por dentro e derreter tanta angústia...

Aos poucos a sala foi-se enchendo de convidados. A ceia de Natal chamava ao paço aqueles que naquele ano Luísa decidira distinguir. Catarina sentia-se feliz com Afonso, em traje de gala, ao lado («Estás lindo», disse-lhe a irmã ao ouvido, esperando que o elogio o estimulasse a vestir-se assim mais vezes), e Pedro, que apesar da dignidade forjada estava ainda demasiado excitado com os presentes para se lembrar de que era suposto ficar junto à porta, a cumprimentar quem chegava.

Ao ver D. Francisco, conde da Ponte, com passos largos a percorrer o corredor em sua direcção, Catarina olhou desesperadamente em redor, à

procura de alguém com quem se pudesse envolver em conversa, para evitar o encontro. Frei Pedro ali estava, sempre certo, sempre à mão quando mais era preciso - sem cerimónias, Catarina pediu-lhe socorro, e de pé, num canto mais escuro da sala, não tiveram dificuldade nenhuma em encontrar tema de conversa.

Por azar, ou por maldade - Catarina desconfiava sempre que fora por esta última razão - o conde envolveu-se a dois passos da princesa numa longa discussão sobre a sua última viagem a Londres. Sabia que ela ouvia tudo, e ela, por seu lado, era incapaz de sair dali, distanciar-se ou fazer ouvidos de mercador. Até frei Pedro deixou aos poucos de falar, percebendo que a infanta tentava apanhar todas as palavras que o embaixador dizia.

Francisco dava nota a um outro embaixador, de que Catarina não sabia o nome da situação em Inglaterra. De como Charles prometera não se vingar daqueles que tinham assassinado o rei, de como lhe parecia um homem generoso, embora desconfiasse que olhava para o trono readquirido mais como um troféu de que pretendia gozar todas as vantagens, sem que fosse capaz de encarar o trabalho e a responsabilidade que envolvia.

- Julgo que na cabeça de Sua Alteza ficou a ideia de que o Parlamento fará o trabalho enquanto ele reúne as mulheres mais bonitas do reino para o entreterem nos seus salões. Desde que chegou já foi vinte vezes ao teatro, e dizem as más-línguas que todas as casas de senhoras pouco virtuosas voltaram a abrir, depois de anos cobertas das teias de aranha que Cromwell sobre elas lançou...

O embaixador desconhecido parecia interessado:

- Sei que os espanhóis estão desesperados com as suas negociações, senhor conde, e que já prometem dotes maiores e até se oferecem para apadrinhar princesas protestantes, que Deus perdoe a hipocrisia do mundo diplomata.

Frei Pedro, lá do outro lado, acenou com a cabeça: arte do Diabo, em sua opinião, esta que levava a dizer e a fazer aquilo em que não se acreditava, traindo tudo e todos pelo caminho.

Catarina olhou-o, por segundos, e teve vergonha - vergonha de estar

aqui, como que a escutar ao buraco da fechadura, vergonha de ser ela a «mercadoria» traficada.

Angustiada, murmurou a frei Pedro:

- Fico com a sensação de que o próprio embaixador negoceia o meu casamento, como se estivesse a vender gato por lebre - disse.

Frei Pedro protestou veementemente:

- Princesa, julgo que não está a escutar o que o senhor embaixador diz, porque senão concluiria que, Deus me perdoe, talvez esteja é a «comprar» uma mercadoria de muito menos valor do que aquele que lhe atribui.

Decididamente não era também isso o que Catarina queria ouvir, mas, percebendo as boas intenções de frei Pedro, fingiu não entender onde queria chegar, e pediu-lhe silêncio.

O conde lembrou que a mãe de Charles, Henriette Marie, tia do rei de França, favorecia a escolha de Catarina, uma princesa que professava a mesma religião que a delas, e teria uma forte influência na sua aceitação. Sobretudo porque o rei estava, neste momento, particularmente sensível, já que tinha morrido um dos seus irmãos pequeninos, que nem chegara a conhecer, vítima de sarampo.

Catarina, sem querer, levou a mão à boca, chocada, e trocou olhares com frei Pedro. Charles passava por um sofrimento horrível e ela nem sequer sabia disso. Frei Pedro teve vontade de rir, que querida era esta sua menina, que em lugar de se chocar com os defeitos do futuro marido sentia este impulso de o consolar. Temia, sinceramente, que o seu coração fosse despedaçado por este senhor, que lhe parecia uma criança que ninguém obrigara a crescer. Suspirou fundo e, segurando no braço da infanta, sugeriu-lhe:

- Se fôssemos encher os nossos copos de ponche, D. Catarina?

A infanta sentia-se dividida: desejava ouvir mais, perceber tudo, conhecer todos os pormenores daquele que seria seu marido, mas concordava com frei Pedro, a situação estava a tornar-se ridícula. Daqui a dias pediria à mãe que convocasse o embaixador ao paço e, como futura

noiva de Charles II de Inglaterra, solicitaria que respondesse às suas perguntas.

Pedro veio em sua direcção:

- Catarina, qual daqueles presentes é o meu? Vais dar-me mais um cão? - perguntou, entre o divertido e o desejoso. Catarina passou-lhe a mão pelos caracóis crespos:

- Vais ter de esperar para ver, meu mourinho - respondeu, usando a expressão que o pai tantas vezes empregava quando se lhe dirigia a ela.

Esperar para ver! Pedro saberia hoje o que aqueles embrulhos lhe reservavam, mas ela teria de aguardar muito mais tempo.



Soubera a notícia através de D. Leonor: Charles, afinal, não poupara os inimigos do pai. Fizera uma lista de 50 nomes, mandara executar nove da forma mais violenta imaginável, a outros prendera na famosa Torre de Londres, confiscando a fortuna a uma mão-cheia deles, que se tinham dado por felizes com uma pena proporcionalmente tão branda.

Catarina parecia ainda mais pequenina do que era, um pássaro ferido e encolhido, enquanto D. Leonor lhe dava pormenores que francamente talvez preferisse não saber, e daí, uma outra voz interior dizia-lhe, «queres tudo, queres saber mais...».

- Mas Cromwell estava já morto - disse baixinho.

- Isso julgava o assassino de Charles 1, porque o filho mandou que o desenterrassem e decapitou-o depois da morte, a maior desonra a que alguém pode ser sujeito. A esse e a dois outros envolvidos directamente no homicídio.

Catarina tapou a cara com as mãos. O que pensar de um homem que uns descreviam como gentil e afável, e outros diziam capaz de coisas como estas? Um lado dentro de si admirava um filho que fazia justiça, mesmo que póstuma, ao seu pai, mas outro indignava-se com a incapacidade de

perdoar.

Nessa noite Catarina gritou em sonhos, tão alto que a ama Carminho acudiu assustada.

- Chá, Ali, não, não pode ser verdade, rumores, veneno - as palavras saíam aparentemente sem nexo, mas Carminho sabia o que assombrava, mais uma vez, o sono da infanta.

Na manhã seguinte, quando a ama decidiu que tinha que contar a D. Luísa os pesadelos da sua menina, a história do chá, as confusas palavras sobre «um ventre liso», a rainha-mãe ficou pálida como a cal e teve de se apoiar contra a secretária. Como tudo aquilo lhe lembrava o seu próprio sonho, ou melhor, as alucinações que a tinham tomado naquela madrugada em que Catarina viera ao Mundo. Benzendo-se, murmurou uma oração, Deus havia de proteger a sua única filha, sabia-o, tinha a certeza. A ama, assustada, não perguntou mais nada, mas passou a aconchegar-se e a dormir no cadeirão do quarto da sua menina. Catarina a princípio protestou, mas depois os seus protestos foram-se tornando cada vez mais suaves, tal o conforto que aquela presença lhe dava. Com a luz da Virgem das Candeias e o amor de Carminho estava segura.

47

Londres, 12 de janeiro de 1661

D. Luísa de Gusmão estava tão grata, tão grata ao embaixador que prometeu nomear D. Francisco de Melo e Torre, marquês de Sande. Fê-lo por gratidão, mas também para que tivesse mais força e mais prestígio do que sendo apenas conde da Ponte, acreditava ela, frente ao chanceler e aos nobres ingleses que tinha de defrontar. D. Francisco agradeceu a distinção, mas realçou que, embora estivesse feliz com o reconhecimento, não era a promoção que o faria mais diligente: hoje, como ontem, era ao serviço da coroa portuguesa que dedicava todo o seu esforço. Luísa sentia, no entanto, que havia entre eles um entendimento especial que o levava a desejar, acima de tudo, agradar-lhe. Ao contrário de muitos, D. Francisco gostava muito mais da mãe, uma mulher poderosa e bela, do que da filha, de quem lhe cabia negociar o casamento, e sobretudo as vantagens que dele adviriam para o reino.

Levava cartas da rainha, assinadas a seu pedido pelo rei Afonso VI e que lhe davam todos os poderes para negociar o casamento da «minha muito amada e prezada irmã». Luísa insistira que fosse assim redigida e assinada, que era importante manter as aparências, e um homem respeita mais outro homem do que uma mulher, defendia, embora o conde da Ponte suspeitasse que nesta negociação em particular seriam sempre as mulheres a levar a melhor ao rei inglês.

As cartas, como não podia deixar de ser, passada a descrição afectuosa e breve da princesa, descreviam em muito maior pormenor o dote, um dote que, garantiam, nenhuma outra princesa alguma vez levara consigo. A lista era extensa: diamantes, jóias, pedraria, ouro, prata, azeite fino, especiarias, açúcar, e ainda Tânger e Bombaim.

Enquanto desdobrava todos estes documentos, na recepção que finalmente conseguiu com o monarca, Charles disfarçou o fascínio pelos bens materiais e perguntou, com a sua franqueza habitual:

- Dá-nos o que tem de melhor, o pequeno reino de Portugal. Mas o que quer em troca?

D. Francisco tossira, e quase se engasgara, mas logo recuperara a compostura:

- Nada comparado com o que oferecemos...

- Não me faça perder tempo, embaixador, diga o que pretende, porque se eu não puder corresponder às suas expectativas, também não posso aceitar as suas ofertas.

- Apoio militar, Sua Alteza, para que Portugal possa garantir a sua independência contra Espanha, apoio que, aliás, já os seus antepassados se comprometeram a dar aos reis de Portugal, desde o Tratado de Windsor. Também pediríamos a Inglaterra que nunca fizesse as pazes com Castela, nem se aliasse a ela, ou aos seus aliados. Mais uma coisa: o nosso império, como sabe Sua Majestade, estende-se muito para lá de Portugal Continental, escuso de vos falar na riqueza do Brasil e de Angola, das possessões do Oriente.

- Constantemente ameaçadas, quando não apropriadas, pelos piratas dos holandeses - disse Charles, acompanhando o comentário com uma das suas habituais gargalhadas.

D. Francisco não conseguiu rir e o ar sério serenou a ironia de Charles:

- Não leve a mal, homem, quando não podemos chorar, o melhor remédio é rir. Mas percebo, esteja descansado, que quer a nossa ajuda para recuperar as possessões em risco de capitular...

- Com um pormenor - acrescentou, hábil, o marquês.

- Um pormenor?

- Inglaterra apoia Portugal nesse esforço militar, mas entrega as praças e as terras conquistadas ao seu proprietário legítimo, ou seja, à coroa portuguesa.

Charles sorriu de novo:

- Agora pergunto eu, e o que nos dá a coroa portuguesa em troca da vida dos homens que morrerão a reconquistar o que as vossas forças militares deixaram escapar entre os dedos?

- Não damos, já demos - respondeu rápido D. Francisco.

- Já deram?

- Evidentemente que sim, Sua Majestade: Tânger e a possibilidade de comércio no Mediterrâneo, a porta que os nossos reis conquistaram; Bombaim, com a sua imensa riqueza e a localização estratégica dos seus portos. É um destino imperial que se abre ao reino de Inglaterra - rematou com um toque de grandeza.

Charles assentiu com a cabeça:

- É assunto para pensar...

D. Francisco recordou-se que a carta de Afonso VI lhe permitia ir mais longe. Os conselheiros e a rainha-mãe tinham pressentido que seria complicado convencer os ingleses a entrarem numa guerra pela conquista de territórios com tanto potencial sem desejarem uma fatia dos lucros. Sendo assim, tinham prevenido, como cartada final, a possibilidade de o embaixador lhes oferecer as colónias que reconquistassem sozinhos, como no caso de Ceilão. Aceitaríamos que tomassem posse do porto da Galé, deixando a Portugal o de Colombo. Fora do baralho havia apenas uma localidade, dizia a carta, e essa era Muscate, que Portugal perdera para os árabes, mas que fazia questão em reconquistar para si. Um porto fulcral, que permitia controlar a passagem de todos os barcos que atravessavam o golfo Pérsico com destino à índia e a todos os territórios a oriente.

O chanceler Hyde aproveitou o aparente desinteresse do rei, que para seu espanto já dera muito do seu tempo a estas conversações, e avançou com perguntas mais práticas:

- O dote seria entregue de uma vez, no momento do casamento do rei com D. Catarina? - indagou, parecendo-lhe suspeito que um reino que vinha pedir ajuda militar, e se queixava, a cada duas palavras, do desgaste financeiro pudesse entregar tão facilmente uma quantia como a que propunha.

D. Francisco estava preparado para a questão, sabia que não havia como evitá-la, e que não lhe restava outra opção que não a sinceridade, sob risco de passar por um comerciante sem escrúpulos ou princípios.

- Selaremos o valor do dote num primeiro momento, mas a entrega dos bens terá de ser dividida em duas prestações: uma, no momento do casamento, quando a frota inglesa chegar a Portugal para levar D. Catarina, e um segundo, um ano depois...

O chanceler franziu o sobrolho:

- Como diz Sua Alteza, tudo se pode discutir... Mas diga-me, D. Francisco, agora marquês de Sande, e temos que nos habituar a tratá-lo pelo título, como merece, que condições poderia fazer para os nossos mercadores?

«Se julgas que me apanhas, estás enganado», pensou o marquês, enquanto fingia vasculhar nos seus papéis. A questão fora levantada em todos os conselhos: abrir o comércio aos ingleses era dizer adeus a qualquer possibilidade de fazer dinheiro, mesmo mantendo a propriedade dos lugares. Com mais capital, depressa paralisariam o comércio a seu favor, fazendo subir os preços de forma que nenhum mercador português lhes chegasse.

Endireitando-se, com um papel na mão, como quem acaba de encontrar o documento certo, o embaixador sorriu ao chanceler Edward Hyde, que lhe devolveu o sorriso, e comentou:

- Teria de haver quotas...

- Quotas? - perguntou o chanceler surpreendido, e Charles, que andava de um lado para o outro, aparentemente distraído da conversa e dedicado a dar corda aos seus relógios, também parou, como que para escutar melhor a resposta.

- Sim, quotas, chanceler. A ideia deste acordo não é arruinar Portugal, situação que, julgo, não interessaria a ninguém, mas um acordo de mútua ajuda, onde a boa-fé prevalece, não será assim? - interrogou o rei.

Apanhado, Hyde voltou a acenar afirmativamente com a cabeça. D. Francisco não teve outra hipótese senão recuar:

- Pois assim sendo, Portugal poderia ceder, imagino eu, mas terei de confirmar esta ideia com Sua Alteza D. Afonso. Talvez pudéssemos acordar na presença de quatro mercadores por praça...

Estavam já todos exaustos, mas a verdade, pensou o marquês, é que não parecia haver, por enquanto, nenhum obstáculo intransponível. O pior estava para vir, pensou, e o melhor que tinha a fazer era dar este capítulo por encerrado, de forma que se entendesse bem que o seguinte, em que a religião de D. Catarina seria a trave-mestra, fosse visivelmente um assunto diverso. Mas antes que pudesse sugerir que o encontro continuasse no dia seguinte, Charles disse alegremente:

- Desculpe-me, senhor marquês, mas o ténis chama por mim!

Saindo da sala a passos largos, deixou de novo o pobre chanceler a tentar justificar a sua impulsividade e falta de cortesia.

- Acompanho-o - murmurou Hyde.

- Não se incomode, já conheço o caminho - respondeu, divertido, D. Francisco. Pobre Catarina, pensou, o que faria ela com um marido tão volátil e caprichoso como aquele? Encolhendo os ombros, pensou para com os seus botões que quem aturava D. Afonso, aparentemente com tanto gosto, acharia, apesar de tudo, que o temperamento de Charles de Inglaterra era uma lufada de ar fresco.

Ao seguir pelo corredor, olhou pelas janelas de Whitehall, e lá estava Charles, vestido de branco, com uma raquete na mão: que estranho desporto era aquele?

48

Londres, 13 de Fevereiro de 1661

D. Francisco enviara apenas uma breve nota a D. Luísa de Gusmão dizendo-lhe que as negociações corriam aparentemente bem, mas que era cedo de mais para lhe dar notícias certas. Pedia calma e serenidade, e confirmava que os seus contactos na corte eram cada vez mais firmes, sendo convidado para todos os eventos, começando a ser encarado com menos desconfiança por conselheiros e ministros. Não escondia que o assunto «da capela» seria o tema mais melindroso - o embaixador de Inglaterra em Portugal não mentira quando lhes dissera que a religião era pólvora nesta ilha.

Durante algumas semanas Charles fugiu das insistências do seu chanceler. Não lhe apetecia falar de casamentos, e ponto final. Edward Hyde, amargurado, percebia que Barbara Palmer, sentindo-se ameaçada por um possível matrimónio legítimo, reforçara o seu charme, organizando jogos de cartas, peças de teatro e de canto, e gastando o que restava da energia do rei com as suas tão afamadas «habilidades» de cortesã. Diziam, e Hyde corava só de pensar nisso, que não se coibia de nada, e que o rei, em lugar de se escandalizar, adorava que a sua amante não tivesse qualquer pudor entre os lençóis.

- Quem tem tão pouco fora deles, aos olhos da rainha-mãe e de toda a corte, não sei porque haveria de ser mais séria na intimidade - vociferava a senhora Hyde, que, agora que a sua querida filha Anne ia viver na corte, desejava que Charles casasse com uma mulher séria, que pusesse ordem na licenciosidade que por lá reinava.

Hyde pensava o mesmo. Sentia, sobretudo, que o povo, com fome, se cansaria dos divertimentos de Sua Majestade, e passaria a encarar a sua vida sem moral como uma prova de que o puritanismo de Cromwell tinha a sua razão de ser.

Certa manhã, decidiu que era preciso que alguém tivesse a coragem de

dizer umas verdades ao rei. Charles temia queimar a oportunidade que lhe fora dada de regressar a Inglaterra, era mesmo esse o seu único terror, e quando o chanceler lhe falou do escândalo que causava reagiu como um menino chamado à razão pelo confessor: prometeu emendar-se, rezar dois pais-nossos e três ave-marias, e ser melhor dali em diante. Percebendo que talvez uma mulher legítima sossegasse as vozes da insatisfação, e para espanto do seu chanceler, perguntou:

- Onde anda o embaixador?

Edward Hyde, que o acompanhava desde a morte do seu pai, levantou as sobrancelhas, espantado:

- Qual deles? - dado que todos os dias tentava convencer Charles a receber algum da longa lista dos que esperavam uma audiência.

- Aquele de que eu gosto, do português, que oferece ouro, uma mãe e uma filha - comentou a rir...

Hyde tentou instilar-lhe alguma compostura:

-Julgo que se refere ao marquês de Sande, Sua Alteza. Vem cá todos os dias, deve estar por aí a chegar. Posso mandá-lo entrar, quando o vir?

Charles abanou que sim com a cabeça:

- Que entre e que se discutam os últimos pormenores.

Sentando-se por trás da sua secretária, começou a escrever uma carta, enquanto comentava:

- Hyde, puxe lá pela cabeça, como é que vamos dar a volta ao facto de D. Catarina ser católica, e fervorosamente católica, ao que consta?

- Como a sua mãe e a sua irmã Minette - respondeu Hyde habilmente, não se atrevendo, no entanto, a incluir James nesta lista. As escolhas religiosas do segundo na linha da sucessão tinham, a todo o custo, de ser mantidas secretas.

- Nem me fale nisso que me desanima logo. Adoro as duas, como sabe,

mas quando decidem dar-me lições de catequese fico verde, azul e roxo. Não suporto aquele discurso. De muito tem valido à pobre Minette que a besta do meu cunhado vá à missa todos os dias...

D. Francisco, quando entrou, teve a inteligência de fugir a qualquer discurso moralista, nem revelou a menor veleidade em «conver ter» o rei de Inglaterra fosse a que credo fosse. Para dizer a verdade, o marquês estava plenamente convencido de que os Estados ganhariam em deixar a religião de fora da sua política, ou vice-versa, que a posição de Roma em relação à dinastia de Bragança, a reconhecê--la, revelava bem como mais valia abrir o jogo francamente do que tentar benzê-lo com água-benta de hipocrisia.

- D. Catarina é católica, apostólica e romana, não há razão nenhuma para que o esconda de Sua Majestade, porque a infanta tem muito orgulho no credo que professa. Mas pretende apenas que a autorizem a praticá-lo, na sua capela pessoal, assim como à pequena corte portuguesa que trará certamente consigo, aos seus criados e cozinheiros.

A Charles já parecia gente a mais a franquear-lhe as portas, mas absteve-se de comentários, que depressa correria com os portugueses que a acompanhavam, se fosse caso disso.

- Mas se Catarina - o marquês quase saltou da cadeira perante este primeiro acesso de informalidade total no tratamento da sua princesa - não reconhece outra religião que não a sua, como poderá casar pelo rito protestante, ser coroada rainha, participar nas cerimónias inevitáveis, educar os meus filhos na religião deste país?

D. Francisco tossiu. A resposta não era, decididamente, simples, mas tentou:

- D. Catarina casará, em segredo, com Sua Alteza pelo rito católico, sem o qual, do seu ponto de vista, não há casamento, mas participará no protocolo de matrimónio que Vossa Majestade entender por conveniente. Quanto a ser coroada rainha, será rainha de facto, como Sua Alteza, a rainha-mãe, foi, mas, como ela, sem nenhuma cerimónia oficial.

Que falta de paciência, pensou Charles, muito gosta esta gente toda, estes portugueses, estes ingleses, a minha mãe e a dela, de complicar.

- Não terá a tentação de me converter, pois não? É que pode dizer--lhe, da minha parte, que é uma missão impossível, como a minha querida mãe e irmã já concluíram - replicou, logo acrescentando, de novo divertido:

- Precisarei de toda a Graça de Deus para aturar aquele trio...

A que a minha filha e o irmão discretamente se juntarão, reflectiu o chanceler, mas nada disse.

D. Francisco saiu francamente animado do encontro. Apesar do frio que se fazia sentir nesta cidade, o céu estava azul e, quando se sentou para escrever à rainha, o que lhe disse era sério:

«O rei parece de acordo, mas temo que ainda hesite. Peço por isso a Vossa Majestade que o dinheiro esteja pronto, porque nesta corte há necessidade e os castelhanos a maior guerra que nos fazem é dizendo que prometemos o que não podemos e não havemos de dar.»

49

Paço da Ribeira, 6 de Março de 1661

Luísa sentiu um peso no peito quando leu a carta de D. Francisco. Contente, claro que sim, ou não estivesse ali a prova de que fora sábia em acalentar, contra tudo e contra todos, a esperança naquele casamento, mas o embaixador pedia-lhe o impossível: que tivesse o dinheiro pronto. Pronto, como? Se mesmo as poupanças que tinha feito haviam seguido directas para financiar a batalha das Linhas de Elvas, a reconquista de Mourão, todas aquelas medidas militares prioritárias, sem as quais não teria sequer condições de falar em alianças com Inglaterra. Não queria que Catarina fosse contagiada por este medo, logo ela que esperava tão pacientemente, sem exigências nem birras, o dia em que Charles se decidisse.

De qualquer forma, era preciso mandá-la chamar.

Catarina desceu os degraus um a um, respirando fundo e jurando que não se iria emocionar. Se tudo isto não passava de um negócio, tinha de ser tão fria como a mãe, era preciso que se moldasse nela, ou acabaria decapitada (e um arrepio de frio percorreu-a), como tantos outros naquela terra onde se cortavam cabeças com muita facilidade.

- Mãe, temos novidades? - perguntou.

Luísa não lhe estendeu a carta, mas comentou:

- Parece que há acordo, mas que o rei ainda hesita.

Que embaraço ouvir estas coisas, pensou Catarina. Ainda hesita - se ao menos Teodósio aqui estivesse, estava certa de que não permitira que Charles, que ainda nem fora coroado, usasse termos semelhantes. Luísa adiantou:

- Catarina, minha filha, pára de te torturar. O rei não te conhece, não é a ti que aceita ou rejeita, filha. É o acordo, o dinheiro do dote, os moldes de entrega, as terras com que fica ou quer ficar. Não leves este assunto tão a

peito.

Catarina sentiu, como tantas outras vezes, as faces a corar:

- Não levo o assunto a peito? Já viu o meu retrato, já vinte pessoas lhe disseram como eu era, se quer, quer, se não quer que o diga logo.

Luísa sorriu:

- Anda D. Francisco a dizer que és dócil como um cordeirinho, chegas lá com um dos teus ataques de fúria, e quero ver...

- Volto para trás no mesmo barco, não tenha dúvida nenhuma disso, minha mãe...

Pela primeira vez, Luísa não teve: o sangue dos duques de Medina--Sidónia corria-lhe decididamente nas veias, aliado à gentileza do pai e àquele desapego ao poder que tornava possível pôr em prática ameaças como esta. A filha não queria ser rainha, queria casar com o homem a quem romanticamente entregara o coração em pequena... Que Deus permitisse que Charles a viesse a amar, porque um amor assim merecia ser correspondido.

Mas não era altura de puxar ao sentimento.

- Não te chamei aqui para isto, Catarina. Queria só informar-te, antes que oiças por portas travessas, que o embaixador espanhol montou uma campanha contra ti junto de Charles.

Catarina olhou-a, pálida:

- Contra mim?

- Sim, filha, por favor, não sejas tão ingénua. Não é contra ti pessoalmente, é contra a possibilidade de uma aliança entre Portugal e Inglaterra, que tu representas. Essa aliança é uma ameaça para Castela. E há mais: se França abrir guerra contra ela para recuperar territórios que considera seus nos Países Baixos, contará com a ajuda não só de Inglaterra, como também de Portugal, ficando presa entre dois fogos.

- Definitivamente Castela tem boas razões para não desejar este casamento - suspirou Catarina. Enchendo o peito de ar, aventurou-se a fazer a pergunta para a qual não queria, no fundo, ouvir a resposta:

- 0 que dizem?

- Vou ser-te franca, Catarina. Até porque o espelho do teu quarto te pode provar como são apenas calúnias: dizem que és feia, doente e não podes ter filhos.

Catarina mordeu o lábio. Feia, sabia que não o era ao ponto de causar repugnância a alguém; doente, também não; mas como se atreviam a declará-la infértil, o maior atentado ao valor mais sagrado para uma mulher? Como se atreviam a usar o mais vil dos artifícios?

De repente estacou. O chá, o chá que Ali lhe dera. Será que alguém sabia mais do que ela?

- Mãe, mãezinha, é importante que a mãe me jure que responde com verdade a esta pergunta: tive alguma doença, algum mal que me possa impedir de conceber, de dar à luz filhos?

Luísa estremeceu. Não ia falar à filha das alucinações de uma parturiente enlouquecida pelas dores. E de resto, nada, nada apontava para que Catarina não fosse tão fértil, tão capaz de ser mãe, como ela própria:

- Catarina, luz dos olhos meus, nem penses nisso. É veneno, é maldade. Pensa em mim, filha, pensa em Teodósio, em Joana, em Afonso, em Pedro e em ti própria. Gerados na minha barriga, nascidos de mim, fortes e saudáveis.

- Mas alguns dos manos morreram ao nascer, não morreram?

Luísa sentiu uma sombra toldar-lhe o olhar, era tão injusto que o primeiro nome que lhe vinha sempre à mente fosse o do pequenino Manuel, porque era a cara de Duarte, do seu querido Duarte. Engoliu, e respondeu:

- Perdi dois filhos à nascença, Catarina, mas esse é o destino de todas as

mulheres. Há alguns que não vingam e o Senhor leva-os logo para junto de si, sem dor, nem sofrimento. Mas os físicos ingleses, as parteiras daquele país, têm conhecimentos avançados, até esse risco é lá menor... Não penses nisso, filha, que fazes a vontade ao inimigo.

Luísa dissera a frase certa. Catarina não ia fazer a vontade aos velhacos dos castelhanos, que lhe procuravam arruinar a vida, a dela, a dos pais, a dos portugueses, desde que se conhecia.

- Não se fala mais nisso, mãe. Que prossigam as negociações, que havemos de encontrar dinheiro para pagar o dote.

Luísa fez-lhe uma festa no cabelo:

- Que falta me farás, hija minha.

A carta seguinte de D. Francisco, trazida por um portador secreto, era preocupante. Queixava-se de que Charles, perturbado com a má--língua espanhola, enviara um espião a Lisboa, para que visse a princesa com os seus próprios olhos e se assegurasse de que não era doente, nem feia. D. Francisco tentava uma contra-ofensiva, tendo já pedido ao embaixador português em Paris que procurasse convencer o rei Luís XIV de França das vantagens desta aliança entre Portugal e Inglaterra, nomeadamente para que se recuperassem os territórios franceses que os castelhanos detinham em sua posse. Contava com a ajuda, também, do chanceler Hyde, que prometera falar de Catarina a Henriette Marie e a James e que, dizia na carta, chegara ao ponto de se oferecer para ir, ele próprio, buscar Catarina a Portugal.

Luísa teve uma súbita vontade de esganar o marquês quando leu o desplante com que escrevera:

«Peço a Sua Majestade que, por estes dias, recomende a Sua Alteza o uso de chapins, porque, ao que me dizem, o rei está inclinado para mulheres altas, como são algumas das que lhe têm sido propostas recentemente.»

Chapins? Para se fingir mais alta, a sua princesinha, tão delicada e frágil? Quem se achava o homem? Havia limites, já estava como Catarina, se não queria aquele casamento que o dissesse depressa, que aos 22 anos a filha ainda teria outros partidos. Este impasse envelhecia-os a todos. Escreveu

isso mesmo ao pobre embaixador, pedindo--lhe mais firmeza.

Depois chamou D. Leonor:

- Quero que mandes comprar uns chapins para D. Catarina e que redobres os cuidados na forma como anda vestida e adornada nas próximas semanas.

D. Leonor sabia que não lhe seriam dadas mais explicações. Fez uma larga vénia e saiu para dar as suas ordens. Nessa noite, com um ar ligeiro, estendeu à princesa uma caixa de madeira, como se fosse um presente:

- Chapins? - gritou a princesa, feliz. - Mas acha que a mãe mos deixa usar? Sabe como ela se zanga com adornos e sapatos altos, como chama vaidade a tudo isto?

D. Leonor encolheu os ombros, como se também ela se rebelasse:

- Mas lá para onde vai terá de os usar. É bom que se habitue. Temos é de lhe descer as bainhas dos vestidos.

Para espanto de Catarina, um grupo de costureiras entrou no quarto, de agulhas e tesouras na mão, e entre medidas e provas se passou a tarde.

- Os meus primeiros chapins - sussurrou Catarina, olhando-os pousados na cómoda do quarto e iluminados por uma vela. Nessa noite, os sonhos foram cor-de-rosa.



Os enviados de Charles trouxeram-lhe boas notícias, mas foi o embrulho que recebeu do primo Luís que o fez decidir-se definitivamente, tão definitivamente, pelo menos, tão definitivamente quanto era capaz.

Abriu o pacote, e lá dentro estava um quadro de uma mulher magnífica, com um vestido lindo, que deixava ver os seus ombros nus, o cabelo longo e negro solto sobre os ombros, as maçãs do rosto rosadas e saudáveis, e acima de tudo uns olhos imensos e brilhantes, que riam directamente para quem para eles olhava, com uma doçura e uma franqueza desarmantes.

- Catarina - murmurou Charles, espantado.

A carta que acompanhava o presente era breve:

Caro primo,

Acredita que quem tem pena de não desposar esta mulher sou eu! Nocret, que a pintou, diz que é de uma beleza única, diferente de todas as outras. Garante que a alma que se vê nos olhos não mente. Não acredites nas chantagens desses velhacos dos castelhanos, que querem apenas dominar um país pequeno e roubar ao rei o seu trono - sentimento que conheces bem! -, e dá-me o prazer de, um dia, poder dançar com a tua Catarina e chamar-lhe prima. Com toda a estima,

Luís, rei de França

O primo invejava-lhe a mulher? Era bom sinal. Só por isso valia a pena.

50

Westminster Abbey, Londres, 23 de Abril de 1661

Era o dia de glória por que tanto esperava, e que, no entanto, as burocracias e os protocolos tinham atrasado. Há um ano que vivia em Inglaterra, dormia no seu palácio, dava ordens e animava a sua corte. Porque é que só agora o Parlamento consentira na data da coroação? Queriam pô-lo à prova?, pensou Charles, divertido. Então, as notícias eram boas, passara no teste, porque aqui estava ele, rodeado de criados e costureiros exasperados, que lhe tentavam vestir o mais faustoso traje alguma vez visto.

Mas os olhos de Charles só se voltavam para a capa: a capa com que o seu pai fora coroado, e o pai dele antes disso, de um encarnado tão vivo e tão rico que era impossível não ficar hipnotizado.

Com o ceptro, a espada, que só neste dia saía da Torre de Londres, o colar de rubis que lhe caía sobre o peito, e o anel, com um imenso diamante, no seu dedo mindinho, Charles estava preparado para montar o seu cavalo branco, descer as ruas engalanadas, ouvir de novo o povo de Londres e arredores gritar o seu nome. Será que gritariam com a mesma força e vontade como há um ano, ou a fome e a crise destes meses teriam diminuído a esperança naquele que regressava, para todos os efeitos, como salvador?

Charles abominava salvadores e não tinha a menor pretensão a ser um deles - dava imenso trabalho, e normalmente acabavam decapitados, mesmo que tivessem um lugar garantido no Céu e outro no altar de uma igreja qualquer.

Afastou os pensamentos do futuro. Hoje ia ser o protagonista de um acto que se repetia desde tempos imemoriais e gostava dessa sen sação de continuidade - era ele que a vinha retomar depois de um interregno inesperado que trocara as voltas à História.

Além do mais, tinha uma paixão por esta abadia onde o pai o levara tantas vezes em pequeno, onde tinham assistido, em família, a missas, casamentos e funerais.

Declarou alto: «Hoje, dia 23 de Abril de 1661, sou para sempre Charles II, rei de Inglaterra, da Irlanda e da Escócia. Até que a morte me separe do trono.»

James, que entrara no quarto de vestir, fez um esgar:

- O teu sentido de humor ainda dá cabo de ti - protestou.

- Meu querido irmão, acho que mais depressa morrerás dele do que eu. Desconfio que já lhe sou imune. Se assim não fosse, onde estaria eu a estas horas...

James riu:

- És incorrigível - e depois baixinho repreendeu-o:

- Ouvi dizer que marcaste um lugar à Palmer na primeira fila da catedral, estás doido? Fala-se do teu casamento com uma princesinha virgem e inocente, e tu, na tua própria coroação, colocas a tua amante e os teus filhos bastardos nos bancos da frente? Ao lado dos embaixadores de todo o Mundo, face aos teus inimigos que se pelam por má-língua, e logo uma história suculenta como esta? Vou mandar que a coloquem atrás, muito atrás...

- Ai isso é que não vais, James. Não te metas. Sou coroado rei e mesmo nesse dia vens decidir a minha vida? Deixa a Palmer onde está, é uma mulher linda, bem vestida, dá cor ao cenário da minha aclamação. Olha, se queres ser útil, despacha é o marido para um serviço qualquer. Que vá a casa buscar as alianças! Ah, é verdade, isto não é um casamento - terminou, às gargalhadas.

O costureiro implorou-lhe que estivesse quieto, e James, furioso, virou-lhe ostensivamente as costas.

No dia seguinte Charles recebeu vários grandes caixotes de madeira, acabados de desembarcar no Tamisa. Como uma criança excitada, mandou

abrir imediatamente a encomenda e ordenou aos criados que mergulhassem na palha que rodeava os objectos e os fossem tirando, como quem tira rifas. Encontrou duas camas de pau-santo, de que só viu as cabeceiras, mas de que gostou francamente, caixotes de laranjas da China, que mandou logo preparar para o jantar porque não resistiu ao seu cheiro e lhe lembravam as viagens pela Europa, vários frascos de água perfumada, peças diversas em âmbar e uma secretária de prata. Numa outra caixa, provavelmente para que não se estragassem ou amolgassem pelo caminho, doces deliciosos, que nem deixou o camareiro levar:

- Esses vão directos para as minhas salas, que não os quero aí a correr as mãos e as bocas de todos.

Finalmente, estendeu a mão para o sobrescrito que um criado há horas lhe estendia, imóvel, numa bandeja de prata. Olhou para a caligrafia e riu:

- Esta mulher bate todas!

Era um presente de Sua Majestade, D. Luísa de Gusmão.

51

Paço da Ribeira, 26 de Maio de 1661


ueen Catherine, Queen Catherine», é assim que te aclamam nas ruas de Londres - disse-lhe ofegante, Pedro, que subira as escadas todas de um fôlego para lhe vir dar a notícia.

Catarina estava com Maria do Carmo e Maria do Rosário a ler às escondidas um jornal acabado de publicar e foram surpreendidas pelo infante. A princesa habilmente lançou os escritos para trás de um cadeirão e recuperou rapidamente a compostura:

- Gritam o meu nome, nas ruas, Pedro? Mas porquê? - perguntou, assustada.

- Porque te querem como rainha. O mais depressa possível - e vendo que a irmã o olhava com incredulidade, descreveu-lhe com todo o rigor a conversa que ouvira, sem que ninguém desse por ele, ao embaixador que acabara de chegar:

- O rei Charles foi ao Parlamento anunciar que casa contigo. Estás a ver, é mesmo para casar. Depois passou a cavalo pelas ruas da cidade e as pessoas saíram à rua a gritar o teu nome. Chamaram-te Catherine, e não Catarina, como tu te chamas, mas não te importas, pois não?

As amigas de Catarina riram, divertidas. Era emocionante tudo isto, e tinham de tirar o chapéu à infanta que há anos, até antes de Joana ter morrido, mantinha a confiança de que tudo aconteceria como previsto.

Catarina agradeceu a Pedro o recado - deu-lhe mesmo um dos seus melhores doces, que trouxera para o lanche, e o infante partiu satisfeito por a ter feito feliz.

Sabendo que o marquês de Sande chegara e não tardaria a que a mãe a mandasse descer, foi mudar de vestido a correr.

- Os chapins, os chapins - lembrou Maria do Rosário, e Maria do Carmo correu a buscá-los. D. Leonor acudiu à confusão, mas quando percebeu que era a sério, fez de tudo para colaborar, enquanto Catarina, feliz, lhe contava das manifestações nas ruas de Londres.

- É bom sinal, infanta, é sinal de que esse povo de hereges ainda tem salvação.

Catarina sentiu o sangue gelar nas veias. Se fosse para Inglaterra acompanhada por gente que falava e pensava assim era mais do que certo criar inimigos em menos de nada. Inglaterra não era uma das colónias de Portugal, nem Londres uma das missões de indígenas do padre António Vieira. Reagiriam mal a quem fosse para lá convencido de que era melhor do que eles, estava certa disso.

- Dona Leonor, não fale assim. Lembra-se como o padre António Vieira prega que só há um Deus, o Deus dos índios, dos negros, dos ingleses, dos portugueses?

- Menina, deixe-se de heresias, senão daqui a nada tem, como esse senhor jesuíta, a Inquisição à porta. Quero ver como é que a sua mãezinha lhes vai explicar o seu casamento, eles que ainda há dias prenderam uma senhora protestante, escondida em casa do embaixador inglês em Portugal.

Aí Catarina gelou mesmo e quase abanou a senhora pelos colarinhos:

- Isso é verdade? Mas podem deitar tudo a perder, meu Deus. Será essa a razão que traz a Lisboa D. Francisco, que tanto pediu cautela no tratamento dos ingleses em Portugal?

- Desconfio que esse senhor é capaz de vender a alma para conseguir o que quer. Que mal tem a Santa Inquisição prender uma herege que se esconde em Lisboa, seja lá em casa de quem for? - perguntou D. Leonor.

Maria do Rosário e Maria do Carmo permaneciam em silêncio.

Catarina olhou-as, preocupada - será que também pensavam assim? Tinha de escolher muito bem quem podia levar com ela nesta viagem, sob risco de que se assim não fosse Charles, o Charles que todos lhe diziam ser a favor da total tolerância entre credos e profissões de fé, os embarcasse

no primeiro navio de volta...

Quando Catarina entrou na sala da mãe só lhe viu a figura a contraluz. De estatura pequena, como ela, continuava a inspirar respeito e confiança com o seu ar austero, mas a que a riqueza das jóias que usava e o bom gosto com que se vestia davam um toque majestoso. Como uma figura de tinta-da-china pintada num vidro, segurava na mão uma carta, que lia atentamente.

Catarina tossiu, a mãe levantou os olhos, e ao vê-la sorriu:

- Não sei se este teu Charles é de facto o santo que se pinta, mas lá que escreve bem, escreve. E é inteligente o homem que manda uma carta à futura sogra, mesmo antes de escrever à mulher, porque afinal quem influencia a filha, senão a mãe?

- Mãe, mãe, leia alto. A sério que ele lhe escreveu a si? Um homem escrever a uma sogra, nunca tal ouvi, mas leia, leia.

- Não te leio tudo, mas resumo-te. Escreve em castelhano...

- Está a brincar? Ele fala e escreve castelhano? - O rosto de Catarina, que vivia atormentada com a dificuldade de se fazer entender pelo seu rei, exprimia o maior dos alívios.

- Pelos vistos sim, embora, hija minha, este castelhano tenha sido aprendido na bodega de alguma aldeia, porque os termos são os mais vulgares, e a ortografia, uma desgraça. Mas que importa, entende-se, e se fosse em inglês teria de pedir a D. Francisco que me traduzisse, e sabia-me menos bem do que ler assim uma carta do meu genro, do meu primeiro, e único, genro.

- Mãe, vá lá, leia.

- Pronto, diz que não pode deixar de esperar que este negócio nos traga a todos «muitas e mui grandes felicidades».

Catarina ignorou a palavra negócio.

- E depois...

- Depois diz - e passou a ler:

«Aguardarei com a maior impaciência aviso de Vossa Majestade para que a minha armada parta para transportar a este reino a sereníssima infanta, minha senhora bem-querida, assegurando-lhe todos os sentimentos que em mim cabem e que não posso ter maior felicidade do que a posse de tão ditosa esperança.»

- Mãe, acha mesmo que ele está assim tão feliz? Por casar com uma mulher que nem conhece?

- E tu não estás? O amor é uma invenção da alma, mas é bom, e pode transformar-se numa coisa verdadeira e forte - disse Luísa, de repente mais séria do que era seu costume.

- Cá para mim está a escrever à sogra e a dar-lhe uma grande cantiga - disse subitamente Catarina a rir.

- Não me admira nada! - respondeu Luísa, igualmente divertida.

- Mas mais vale um genro um pouco sonso, mas bem-educado e simpático, do que um muito genuíno mas frio, como dizem sempre que os ingleses são - acrescentou a princesa.

- Não podes ter mais razão, sobretudo para mim que não vou viver com ele - respondeu a mãe, invulgarmente bem-disposta.

- Agora vamos jantar.

Dando o braço à filha, mandou que lhe abrissem as portas, e foram juntas até ao salão.

52

Paço da Ribeira, 15 de Junho de 1661

Um mês, quase um mês sem notícias. Era mesmo estranho este Charles, que tanto lhe dava para escrever pessoalmente à mãe uma carta de fazer chorar, como passava semanas sem dizer mais nada. Quanto a D. Francisco, nem sabia por onde andava, talvez a regressar de Inglaterra, pensou.

António Vieira preocupara-a mais nestes últimos tempos, para dizer a verdade: tivera notícias de que os jesuítas tinham sido expulsos do colégio no Maranhão de que Vieira era principal, e que acabara por ser preso quando protestara contra as investidas no sertão para fazer escravos. Tinha sido capturado numa igreja, fora devolvido ao Maranhão, e aí enfiado num barco, sabe-se lá em que condições, com destino a Lisboa. Não chegaria antes de Novembro, e até lá tinha de se conformar a rezar por ele e a esperar que tudo corresse bem. Só pedia que a mãe tivesse poder, mesmo que nem sempre genuína vontade, de o proteger quando desembarcasse do lado de cá do Mundo.



Um mês sem notícias, mas finalmente uma carta de D. Francisco, e a consciência de que continuava a haver muitos pormenores que a mãe lhe escondia.

Desta vez fora o próprio Afonso que se sentara com ela para lhe explicar tudo:

- São todos uns interesseiros, Catarina.

- Até aí, Afonso, acho eu que já cheguei, mas o que é que aconteceu agora? Porque é que tudo se atrasa? Não me leves a mal, quanto mais penso em partir, mais medo tenho, mas acordar de manhã todos os dias

com esta incerteza, é hoje que me mandam ir, é hoje que desistem e me dizem para ficar, tira-me a fome, o sono e a vontade de fazer seja o que for.

- O teu Charles não parece querer desistir de nada, mas a questão é que Roma continua a não me reconhecer como rei de Portugal. Nem à mãe como regente, nem ao pai como tendo sido rei.

- Mas como é que, passados tantos anos, podem continuar tão teimosos, fechar os olhos à evidência? Será que Espanha ainda acha que vai reconquistar Portugal?

Afonso acenou que sim com a cabeça, e com a mais mordaz ironia disse:

- Se nem lhes chega terem uma andaluza, dos Grandes de Espanha, filha do oitavo duque de Medina-Sidónia a governar o reino, onde esperas tu que parem?

- Afonso!!! Não deixes que a raiva à mãe te cegue. Não é espanhola, lutou contra Castela, sabes bem que os avós sofreram, lhes queimaram as terras, tudo porque a filha optou pelo marido e não pela terra de origem.

- Como tu farás em Inglaterra? - perguntou, olhando-a intensamente.

- Não, Afonso, não vou trair Portugal. Bolas - e usou o calão de propósito para marcar a sua irritação -, dou a minha vida para que o reino receba reforços militares que te ajudem a ser rei com mais segurança e poder, e ainda me vens perguntar se vou virar as costas à minha terra?

- Desculpa, mana, são os nervos. Claro que não vais. Serás a minha melhor aliada, mal a senhora Luísa de Gusmão seja obrigada a passar-me a governação, como já o devia ter feito há muito.

- Obrigada? - o tom de Catarina era de verdadeiro alarme.

Afonso não lhe respondeu à pergunta, preferiu continuar:

- Vamos ao que agora interessa: porque não és princesa de sangue real aos olhos da Europa, se o teu casamento se fizer aqui, em Portugal, por procuração, precisamos de dispensas do papa, ora como ele só as dará para a filha dos duques, perdemos força. Queremos que os ingleses te

vejam como princesa de sangue real. Por outro lado, se casares lá, como eles são independentes de Roma, podem assumir-te como rainha sem mais demoras.

- É essa a solução? - perguntou Catarina no seu tom de voz mais prático.

- A solução que os embaixadores propõem é que se assine um contrato prévio em que Charles se compromete a declarar sobre «a sua real mão e selo», gostas da expressão?, que toma a ilustre senhora infanta de Portugal como sua legítima esposa antes de o acordo ser assinado pelo rei de Portugal, que sou eu, caso te tenhas esquecido! Porque se os acontecimentos não se dessem por esta ordem não te deixávamos sair daqui...

- Agora não estou a perceber...

- Imagina que eu assinava o acordo, o levavas contigo, e quando chegavas a Inglaterra o rei Charles tinha mudado de opinião. Não estava vinculado por contrato nenhum e podia devolver-te ao reino, uma virgem rejeitada...

Catarina torceu o nariz.

- Obrigada por me protegerem. Para além do desgosto, não havia mais ninguém no Mundo que quisesse casar comigo depois de ser exposta dessa maneira.

- Exactamente, daí as precauções, mas não te preocupes, porque Charles não é decididamente um homem calculista. Concordou imediatamente com todas as formas de te proteger e pareceu, dizem os embaixadores, horrorizado com a ideia de que pudesses sofrer de alguma maneira.

- Estás a fazer troça?

- Não estou, Catarina, juro que não estou. Lembras-te como naquele dia que, generosa, foste a primeira a ir ao torreão dizer-me que as Cortes me tinham jurado rei?

- Lembro.

- E o que te disse?

- Que me protegerias - disse Catarina, comovida.

- E é isso que estou a fazer. Por ti, até estou a colaborar com a mãe nisto tudo.

- Não há mais surpresas desagradáveis nesse contrato?

- Há, claro que há - disse Afonso, muito sério. - Se o dote não for entregue a tempo e horas, antes de embarcares no barco que te vier buscar, Inglaterra não se obriga a nada.

Catarina respirou fundo. Não iria perguntar se era uma possibilidade, porque sabia que a resposta era afirmativa.

Agradeceu a Afonso o seu cuidado e pediu-lhe licença para se retirar. Precisava de estar sozinha.

A parte da tarde não ia ser mais serena do que a da manhã. Dona Leonor chamou-a. O que seria agora? Porque não se juntavam todos e a convocavam para uma reunião de Estado, pondo todos as cartas na mesa? Ao mesmo tempo.

Mandou-a sentar na cadeira de baloiço da sua salinha particular, para onde Catarina raramente era convocada:

- Minha querida princesa - começou a senhora, e Catarina sentiu o corpo tenso. A uma introdução destas não corresponderiam boas notícias.

Leonor conhecia-a de cor e salteado, e procurou sossegá-la:

- Não tenho nada de grave para lhe dizer, princesa, só uma conversa de mulher para mulher, aquela que uma mãe tem com uma filha - atreveu-se a dizer.

Catarina descontraiu-se. Talvez não passasse daquela «conversa» a que Maria do Rosário e Maria do Carmo se estavam sempre a referir. «Os factos da vida», como lhe chamavam, e elas riam, que já sabiam tudo aquilo de cor e salteado, ou não andassem de olhos nas outras raparigas da sua

idade, muitas delas bem mais acordadas do que aquele trio pacato. Além do mais, aprendia-se muito com uma simples ida à copa ou às cozinhas e a observar os toques, os apalpões, quando não muito mais, entre criadas e criados, que não pareciam lidar com o corpo daquela maneira formal a que eram obrigadas as meninas de família.

Leonor sentiu-se encorajada pelo relaxar das linhas do rosto da sua menina. Podiam conversar.

- D. Catarina, em primeiro lugar, a sua mãe pediu-me para lhe dizer que o father Richard Russel, aquele padre inglesinho que esteve também nas negociações do seu enlace, virá ao paço todas as tardes para lhe dar umas lições rudimentares da língua inglesa. É preciso que saiba pelo menos algumas palavras, sob risco de se sentir muito perdida naquela terra.

Catarina olhou-a, serena. Gostava do father Russel, era um padre diferente de todos os outros, que viera estudar para o Convento dos Inglesinhos, em Lisboa, porque no seu país os católicos eram perseguidos.

- Tem outra vantagem, conheceu já o rei Charles, e quanto mais souber sobre ele mais fácil será lidar com o seu marido...

Catarina disse que sim. Fazia todo o sentido, e no entanto sabia que não abriria a boca, não seria capaz de cometer erros, de errar a pronúncia. Tinha vergonha, medo de desiludir Russel, escutaria, aprenderia, mas ele ficaria certamente com a sensação de que era burra. Paciência.

- Desejava dizer-me mais alguma coisa? - quis saber, ansiosa por sair dali.

- Quero, dona Catarina. Tenho ouvido gente fidedigna descrever o carácter do seu futuro marido, sobretudo a sua relação com as mulheres...

Catarina pôs-se de pé, não suportava ouvir estas coisas e saber que D. Leonor lhe lia as reacções na cara. Começou a andar de um lado para o outro, enquanto com a mão lhe fazia sinal para continuar.

- Deveria ser a sua mãe a contar-lhe isto, mas tenho de ser eu, quero ser eu, não a desejo ver apanhada de surpresa por nada.

- D. Leonor, por favor, vá directa ao assunto. Que me pode dizer de muito mais extraordinário do que aquilo que já sei: Charles teve um caso com uma mulher e dela teve um filho, que reconheceu e entregou a um dos seus validos fiéis, nada que não se tenha visto neste paço! Em seguida teve um outro caso, de que nasceram mais dois rapazes, ao que me dizem pelo menos um morreu de doença. Mas agora vai casar, vai ser tudo diferente...

D. Leonor ficou aliviada por Catarina não estar tão distante da realidade como fazia crer, mas o pior ainda estava por dizer. Decidiu que o diria de um fôlego só:

- Julgo que lhe deve ser dito que nesta altura, e apesar dos preparativos e do compromisso de casamento, o rei Charles tem uma amante, Barbara Palmer, de quem tem também alguns filhos bastardos. Palmer é casada, mas isso não parece impedir a relação, muito pelo contrário.

Catarina começou a tremer como varas verdes, de tal forma que D. Leonor se pôs em pé para a ajudar a sentar.

- Disse-lhe que seria duro, mas seria ainda mais se lhe fosse contado por estranhos, num momento em que a apanhassem mais frágil. Assim pode pensar em que atitude deseja tomar e reagir com alguma calma, sem dar parte de fraca...

«Parte de fraca?», estava esta gente toda doida? Casava por amor, sonhava proteger, mimar e ajudar o marido, dar-lhe filhos, educá-los para um dia subirem ao trono, e agora vinham dizer-lhe que Charles era um vulgar mulherengo, que não pensava duas vezes antes de sujeitar a mulher à humilhação de uma amante em permanência? Não era uma aventura passada e esquecida, mas uma realidade com que tinha de lidar.

Retorquiu de chofre:

- Aposto que quem lhe conta estas coisas não sabe do que fala. Quando chegar a Inglaterra certamente que tudo isso terá acabado. Nem admitirei que de outra forma seja. Pode ter a certeza, D. Leonora que não tenho feitio para bobo da corte, nem vou para tão longe do meu paço e da minha família para ser motivo de troça.

Virou-lhe as costas e saiu.

Sentou-se no chão, o vestido amarrotado erguia-se quase como uma fortaleza de seda em seu redor, e como um bicho que se esconde no seu casulo chorou até que a noite desceu sobre o paço. D. Leonor bateu incessantemente à porta, assustada, a ama Carminho tentou que a abrisse, mas Catarina limitou-se a pedir que a deixassem em paz. Estava bem, mas desejava ficar sozinha. Por fim, acabaram as pancadas, os pedidos e as súplicas, e Catarina ali ficou, o pensamento vazio, exausto. A alma fixara-se lá em cima, no tecto, e recusava-se a descer.

53

Lisboa, 25 de Junho de 1661

A cena com D. Leonor tinha deixado Catarina gelada por dentro e, por muito que se esforçasse por esboçar sorrisos, aprender inglês ou entrar na conversa das damas, tudo lhe soava a falso.

Russel percebia que a infanta estava perturbada:

- Is your Royal Highness afraid?

- A parte da Alteza Real percebo, mas «afraid», o que quer dizer? - perguntou, mais por delicadeza por este pobre homem, do que por interesse.

- Medo, D. Catarina. Está tão abatida por ter medo de partir?

Catarina fez-lhe um sorriso triste:

- Como se diz «Mais medo do que vou encontrar»?

- «More afraid of what I will find.»

A infanta tentou repetir e Russel não conseguiu deixar de rir:

- Acho que primeiro temos de ir aos nomes dos objectos e das coisas e depois logo construímos frases tão profundas como essas. Mas quer que comente esse seu medo?

A infanta acenou que sim com a cabeça. Afinal, Richard Russel era inglês, conhecera Charles, talvez o que lhe pudesse dizer a deixasse mais feliz, mais segura.

- Não lhe escondo que não será fácil adaptar-se a uma corte tão diferente da portuguesa, mas acredito que tem garra para isso e para muito mais.

- E o rei?

Russel entendeu tudo. Alguém já tinha envenenado os ouvidos daquela rapariga tão inocente. Era pecado magoá-la assim, mas seria sensato esconder-lhe a verdade? Tentou ser diplomata e caridoso.

- The king, o rei, é muito simpático e generoso. Cometeu excessos, é verdade, mas parece determinado a mudar. Tenho a certeza de que se dona Catarina for igual a si mesma serão muito felizes.

- He change? - disse Catarina, numa tentativa de retribuir a simpatia do padre com o seu esforço.

- He will change, I am certain - respondeu, os olhos a brilharem de ternura.

Mas mesmo Russel não conseguiu afastar a melancolia que caíra sobre Catarina.

Luísa andava preocupadíssima e Leonor acabou por lhe confessar o que fizera. A mãe quase despedira a pobre senhora, enfurecera-se com ela, mas acabara por lhe pedir desculpa: só tinha procurado evitar uma dor maior, quando num país estranho Catarina percebesse que os ideais construídos não passavam de castelos no ar.

Mas havia direito de fazer tal coisa?, pensava Luísa. Quem garantia que Catarina não o conquistaria? Afinal, era um genro que escrevia palavras doces à sogra, um homem que tudo fizera, no acordo escrito, para que a partir daquele minuto, mesmo antes de sair de Lisboa, Catarina já tivesse o estatuto de rainha.

Era preciso arrancar Catarina àquela tristeza, que já bastavam os habituais dramas de Afonso, que agora assumiam proporções de uma gravidade diferente: tinham deixado de ser um assunto caseiro, a resolver dentro das paredes do paço, para se tornarem uma questão política. D. Luísa fazia constantemente menção de deixar a regência, passando o poder - para o que desse e viesse - para as mãos do filho, à medida que cresciam os rumores de que excedia em muito o seu tempo de governação, mas na prática deixava o tempo passar.

A tristeza de Catarina preocupava igualmente frei Pedro. Um dia entrou ele de rompante na igreja vindo da sacristia. A infanta rezava num dos bancos, aos pés de Jesus Cristo pregado na cruz, e levantou os olhos para ver quem entrava assim num lugar santo. Quando viu que se tratava de frei Pedro, do sereno frei Pedro, que se movia sempre silencioso como um gato, abriu a boca de espanto. Mais espantada ficou quando o frade lhe pôs a mão no ombro e lhe indicou a porta de saída. Retirava-a da igreja, e das suas orações?, pensou, mas nem hesitou em segui-lo.

A porta pequenina que frei Pedro indicava dava para a rua, o que tornava tudo isto ainda mais inacreditável - estaria a sonhar, pensou, por momentos, Catarina. Mas os ruídos das vozes, do trote dos cava los, das rodas das carroças carregadas contra a calçada, não deixavam dúvidas. Frei Pedro continuava a andar a passo rápido, por uma quelha, em direcção ao rio, e Catarina correu atrás dele, o mais depressa que podia com aqueles malditos chapins que agora se obrigava a usar, para criar o hábito. Quando chegaram junto à água, nas escadinhas onde o bergantim real habitualmente desembarcava os seus passageiros, com o sol quente sobre as suas cabeças, o frade apontou o pequeno banco por baixo de uma enorme amoreira, os troncos frondosos, a sua sombra mais do que acolhedora. Catarina sentou-se ao seu lado, ofegante, e num gesto de ousadia, como quem perdida por cem prefere perder-se por mil, descalçou os sapatos, sentindo, pela primeira vezes em semanas, o prazer da brisa na cara corada pelo esforço, e nos pés, que dedilhava, livres. Olhando em seu redor, pensou que bonita era esta cidade, tão cheia de vida...

- De vidas - corrigiu o frade, que mantinha a capacidade de lhe ler os pensamentos. - De vidas, de gente que sabe o que é lutar realmente para ter o pão de cada dia, que batalha para que a doença e a fome não lhes leve os filhos, que suporta a falta de dinheiro, de um bem--estar mínimo, que trabalha de sol a sol, tendo ainda tempo para dividir o pouco que tem com quem tem menos...

- E não se queixam, como eu, princesa com refeições de vários pratos, a quem nada falta - continuou Catarina, preparada, e ligeiramente irritada, com a ideia de que o frade lhe ia pregar um sermão.

- Não, infanta, isso era fácil de mais.

- O que é que era fácil de mais? - perguntou, sem perceber o rumo da conversa.

- Pregar-lhe um sermão, como está a pensar que tenciono fazer. Não sou ingénuo, nem tonto. Sei que não passa fome, não chove em cima da cama onde dorme, mas vivo no paço, vivo demasiado perto de si, e dos seus, para imaginar que não sofrem. Não a trouxe aqui para a castigar ou para lhe dizer que olhe para as dores dos outros, para relativizar as suas...

Catarina sorriu-lhe:

- Qualquer outro membro da Igreja o faria, teria até a homilia ensaiada, mas sinceramente desiludia-me se o fizesse, e nunca me desiludiu até hoje. Mas além do passeio, que me faz bem...

- O passeio também conta, D. Catarina. Se tivesse um espelho poderia ver por si própria como os seus olhos já se encheram da luz da cidade, como o piar das gaivotas lhe fez saltar o coração, os ouvidos se estenderam e esticaram para apanhar o sotaque das vozes que sempre a divertiu tanto. Ver a vida, em lugar de contemplar a morte, faz--nos bem...

- Não vai criticar-me por rezar aos pés de Cristo crucificado - indagou Catarina, com um largo sorriso.

- Mas é que vou mesmo! O Messias foi alegre, brincou, teve amigos, beijou as crianças, ajudou a samaritana a tirar água do poço, abraçou a mãe, trabalhou na oficina do pai José, sentiu a vida palpitante de todos os dias.

Catarina ouvia-o, feliz. Reparava agora quão cansada estava de, há anos, escutar apenas intrigas políticas, conversa fiada de mazelas e doenças, da morte dos seus entes mais queridos, do seu casamento, como se fosse o fim, o objectivo último da sua existência. Como se deixara apanhar nessa armadilha de reduzir toda a sua vida a Charles e ao seu destino?

Ficaram em silêncio, as ondas a bater contra as escadas de pedra polida que os pés dos homens limpavam todos os dias de musgos e limos.

- Frei Pedro, tenho andado tão triste, mas envergonho-me de lhe dizer que não pelos motivos grandiosos de que me falou. Não é a fome dos

pobres nem a desigualdade dos índios que me têm tirado o sono, mas só, e apenas, o ciúme...

Frei Pedro sorriu-lhe, condescendente:

- Princesinha, devemos escutar os nossos sentimentos.

- Dominá-los, quer frei Pedro dizer. Eliminá-los com a oração e a penitência - prosseguiu, com os olhos nos pés descalços.

- Não, princesa, não é nada disso...

Catarina olhou-o, assustada:

- Não é?

- Sentir ciúme é natural. Se o eliminar, como diz, se o dominar pelo chicote, sabe o que é que acontece?

- Não - disse Catarina, surpreendida.

- Deixa de conseguir amar, só isso... Porque o ciúme é o outro lado da moeda do amor. Quando matar um dos sentimentos não terá o que apresentar ao padre na hora da confissão, mas também não poderá levar a Deus o outro, o do amor. Porque não há moedas só de uma face...

- Mas não é estúpido ter ciúmes de um homem que nem conheço? Ter vontade de esganar - e Catarina fez o gesto, rindo com o prazer que lhe dava fazê-lo, aqui ao ar livre, longe dos olhos e das críticas de todos - a mulher a que o rei está ligado, de quem tem filhos?

- Está disponível para amar o homem com que se vai casar. Desejar que ele lhe seja fiel, retribua os seus sentimentos e só de si tenha os filhos que Deus entender por bem enviar é absolutamente legítimo.

Catarina suspirou:

- Mas o que faço se tenho de casar com Charles, e ele continua a ter uma vida devassa. Perdoo-lhe, finjo que não vejo, como me dizem D. Leonor e a minha mãe, meto-me num barco e volto para Portugal?

- D. Catarina, porquê pensar agora no que de pior pode acontecer? Acredite em si, na força do seu amor, no encanto dos seus olhos, na sua inteligência suave e gentil: tenho a certeza de que será capaz de operar milagres no coração do rei de Inglaterra. Em lugar de imaginar as vinganças - e, sorrindo, imitou o gesto do pescoço a ser partido como o de uma galinha, e ambos riram e Catarina sentiu-se livre, livre por dentro e por fora, como se bastasse afastar-se o comprimento de uma quelha da opressão do paço para reconquistar a alegria de viver.

Quando regressaram silenciosamente a casa, o horizonte de um laranja-forte a anunciar que o dia amanhã nasceria tão azul como o de hoje, Catarina olhou para frei Pedro e beijou-lhe a mão:

- Frei Pedro, é a segunda vez que lhe fico a dever a vida. Nem sabe o peso que me tirou de cima...

- Esse peso é que era obra do Diabo, D. Catarina.

Catarina sorriu-lhe agradecida e entraram pela mesma porta pequena por onde tinham saído.

Quando a viu entrar para o salão, antes do jantar, Luísa respirou fundo e, impulsiva, aproximou-se:

- Hija minha que tinhas partido antes de partir, e voltaste.

- Voltei, mãe, aqui estou! - respondeu-lhe sorrindo e, num gesto pouco habitual, passou-lhe um braço pelo pescoço. Disfarçado, mas sentido.

54

Londres, 26 de Julho de 1661

D. Francisco sentou-se na sua secretária, com um ar cansado. Há anos que perseguia este acordo e hoje estava nas suas mãos, finalizado e assinado. Ergueu um copo de vinho quente à sua própria saúde, que não havia mais com quem celebrar. Não estava eufórico, como imaginava que ficaria quando esta missão chegasse ao fim. Era um trabalho ingrato, porque quem ficava em casa e não conhecia as circunstâncias em que era preciso discutir e regatear acreditava sempre que teria sido possível fazer melhor. Por vezes, nas reuniões dos conselhos em Lisboa tinha de controlar a irritação, porque havia sempre um conde ou um marquês que insinuava que se fosse ele a negociar os ingleses ainda teriam pago por cima!

Fechados sobre o seu país e os seus costumes, num enclave que a guerra com Espanha só agravara, deixavam-se impressionar com as naus que chegavam ao Terreiro do Paço e, com um certo provincianismo, acreditavam realmente que o Mundo continuava dependente das suas mercadorias, dos lugares descobertos pelos navegadores portugueses, quando, na realidade, há muito que os holandeses, os ingleses e mesmo os franceses já dominavam os mares, e inclusivamente autorizavam, ou proibiam, o movimento dos barcos portugueses.

D. Luísa implorara-lhe que dividisse a entrega dos dois milhões de cruzados do dote, em duas prestações, mas fora impossível. A Charles não faltavam nem candidatas, nem propostas fabulosas, e a nossa, embora de longe a melhor - ou não teria sido aceite -, estava cheia de incertezas, nomeadamente se teríamos a capacidade de entregar os territórios que oferecíamos, ou se, quando chegasse a hora, os ocupan tes já não seriam portugueses, e acabasse por ser preciso pedir a terra, o porto, ou a ilha, a holandeses mal-encarados. O total da dívida teria de ser pago de uma vez e o ouro e as mercadorias teriam de embarcar com a infanta, na esquadra que os ingleses enviariam a Lisboa para levar a rainha de Inglaterra, que partia de Portugal já com esse estatuto e com a pompa e circunstância que

uma rainha do império britânico exigia.

D. Francisco bebeu mais um gole, ajustou a vela na secretária e voltou a folhear os papéis: ao contrário do que temera, a autorização para a prática do culto católico não tinha sido difícil. A rainha teria a sua casa, nela a sua capela, um rendimento de trinta mil libras por ano, e o palácio que lhe serviria de residência ficaria seu por toda a vida, mesmo que entretanto enviuvasse. O marquês de Sande estava orgulhoso dos seus conhecimentos históricos: recordava-se de ler o relato do sofrimento da rainha Catarina de Aragão e de como, apesar de desprezada por Henrique VIII, que voltara a casar, passando por cima da proibição de Roma, fora obrigada a ficar em Inglaterra, anos a fio, humilhada. Nunca tal aconteceria a Catarina de Bragança, decidira. Conseguira inscrever no contrato que caso Charles morresse antes da mulher esta poderia regressar livremente a Portugal, trazendo de volta todos os seus bens pessoais, incluindo as suas jóias e móveis. Não queria, decididamente, ver os bens dos Bragança, e de Portugal, dispersos nesta terra de nevoeiros, e a volubilidade de Charles em matéria de mulheres não conseguia deixá-lo absolutamente seguro de que algum episódio mais complicado não desencadeasse uma crise séria. Afinal, havia antecedentes...

Havia, ainda, a cláusula secreta, de que só ele e a rainha-mãe tinham conhecimento. Além de Charles e do seu chanceler, obviamente. Nela Portugal comprometia-se a não se aliar à Holanda, cujo poder no Mundo crescia. Dado que os «piratas» eram odiados pelos portugueses, nomeadamente pela forma descarada como se tinham tentado apoderar das nossas terras no Brasil, não lhe parecia que fosse um artigo difícil de cumprir.

Agora era partir - fazer as malas e tratar de conseguir que Portugal não faltasse a nenhuma das suas promessas. Depois voltaria com Catarina e certificar-se-ia de que os seus amigos ingleses cumpriam todos os pormenores do acordo e davam à princesa de Bragança o tratamento que merecia, sem fugirem ao apoio militar de que o seu país tanto precisava.

55

Cais de Alcântara, Lisboa, Novembro de 1661

Quando D. Leonor, a medo, entrou no quarto para a despertar, puxando para trás os grossos reposteiros e deixando ver, por detrás das janelas, o céu enevoado da cidade, vinha assustada. Porque lhe calhava sempre a ela, a missão de dar as más notícias. Desta vez, no entanto, não vinha sozinha, tendo arrastado consigo Maria do Carmo e Maria do Rosário, pois acreditava que as aias mais próximas de D. Catarina lhe valeriam melhor do que uma velha como ela.

Ao ver que D. Leonor vinha acompanhada, Catarina sentou-se na cama, de um ápice:

- Meu Deus, D. Leonor, que notícias me traz, para não se atrever a vir sozinha? - perguntou, assustada, e logo acrescentou: - A minha mãe está bem, os meus irmãos?

D. Leonor acenou que sim, satisfeita por as prioridades da princesa continuarem aqui no paço. Talvez o impacto do que tinha para lhe dizer não fosse tão dramático como isso.

Virando-se para as amigas, D. Catarina sorriu-lhes:

- Essas caras não vos assentam bem. Deixem-se de conversas, se não vos aconteceu nada a vocês, nem à minha família, só pode ser mais um boato sobre Charles... Não me digam que foi um dos emissários castelhanos que trouxe a notícia, os mesmos que vão ter com o rei de Inglaterra para lhe dizer que sou feia, doente e incapaz de ter filhos?

Maria do Rosário e Maria do Carmo sentiram-se imediatamente aliviadas: de facto, a infanta tinha razão, não era pior o que se dizia do tal Charles do que o que o inimigo contava acerca da princesa.

Sentando-se no fundo da cama, perante o olhar desaprovador de D.

Leonor, que não achou, porém, que fosse aquele o momento de as chamar à ordem, riram:

- Tem toda a razão, dona Catarina. Vimos contar-lhe o último boato que corre sobre o rei Charles, porque saiu publicado no jornal, e como tal haverá certamente uma «boa alma» que se encarregará de lhe dar a «notícia», no momento mais inoportuno.

- Publicado no jornal? - perguntou a infanta, curiosa. - Agora os boatos já têm direito a sair na imprensa, como se fossem um decreto--lei. Espantoso. Contem, o que faz o rei Charles, come crianças ao pequeno-almoço?

As aias riram nervosamente, e Maria do Carmo, sempre a mais directa, avançou:

- Dizem que já é casado. Que não pode casar com a princesa de Portugal, porque terá contraído matrimónio com uma tal Lúcia, mãe do seu primeiro filho...

Catarina empalideceu. Esta era daquelas notícias que se fosse verdade, poderia mesmo impedir o seu futuro. Não era mais uma história de amores rocambolescos, que poderia optar por ignorar... Mas era mentira, certamente, o embaixador de Portugal saberia se tal fosse verdade, o chanceler Hyde, que todos diziam ter acompanhado Charles desde o primeiro dia da sua vida, teria informado o embaixador durante as negociações. Não fazia sentido que Charles tivesse encontrado um padre que o casasse. E daí...

Reagiu:

- Então basta mandar perguntar ao agora marquês de Sande se é verdade. E se for, é a cabeça dele que vai rolar, à moda de Inglaterra - rematou com ironia.

- Pois a questão é essa, o marquês já escreveu à rainha sua mãe a dizer que o Parlamento inglês está a averiguar a verdade destas afirmações, mas que o rei as nega.

Catarina suspirou fundo. Se Charles as negava era porque não passavam de manobras difamatórias. O seu futuro marido poderia ter muitos

defeitos, mas o que todos aqueles que o conheciam garantiam era que tinha bebido o soro da verdade em criança: nunca mentia. Por maior que fosse o disparate feito, assumia-o sempre. Por vezes com uma ligeireza que irritava os demais, mas não se escondia atrás de enganos.

- Se Charles, que até quando o prejudica, diz sempre a verdade, nega tudo, então o Parlamento inglês que perca tempo em averiguações! Pela minha parte, tenho de me vestir, porque recebi mensagem que a nau Sacramento, que nos traz de volta o padre António Vieira, entrou ontem na barra e aporta hoje de manhã a Alcântara.

António Vieira estava novamente de volta, nesta vida de errante que escolhera, mas não devia vir nada feliz, expulso, como todos os jesuítas, pelos colonos que não suportavam mais a sua interferência na protecção dos direitos dos escravos, e muito menos o peso que tinha junto da família real em Lisboa e lhe permitia basear na lei essa defesa. Era importante que depois desta desilusão encontrasse à sua espera os amigos.

Frei Pedro aguardava-a já na escadaria para a entrada dos coches e Pedro insistira em vir também. De Afonso, nem sombra. Mas, para espanto de Catarina, a rainha estava preparada.

- A mãe também vai? - perguntou Catarina, surpreendida.

- Certamente, Catarina. O pregador do reino voltou, a rainha quer estar presente no momento da sua chegada para o convidar a pregar um sermão na capela real.

A infanta fez-lhe um enorme sorriso. A inabilidade política de Vieira e os seus sonhos por vezes demasiado efabulados, mas sobretudo a sua coragem e língua pronta - não havia sermões como os seus, ainda há pouco lera um sobre os peixes proferido no Brasil que a fizera rir e chorar ao mesmo tempo -, rendiam-lhe tantos inimigos deste lado do oceano, como daquele.

Catarina suspeitava que D. Luísa encarava a sua chegada como uma bóia de salvação: confiava que o jesuíta, com a sua inteligência e determinação, saberia como lidar com Afonso, e com aquela cáfila de más companhias que o rodeavam - a verdade é que o rapaz precisava de uma autoridade masculina e tinha esperanças de que o tutor de Teodósio, com todo o

ascendente que os anos lhe concediam, fosse capaz de encontrar uma forma de o trazer à razão, encontrando, simultaneamente, maneira de conseguir uma transição de poder pacífica. Luísa estava genuinamente cansada e passava momentos de imensa angústia - no dia em que Catarina partisse para Inglaterra ficaria mais sozinha do que nunca.

A morte recente do conde de Odemira, o aio de Afonso que, apesar de tudo, tinha sobre os movimentos do soberano algum controlo, tinha agravado imensamente a situação. Os irmãos Conti, e todos os outros, haviam respirado de alívio e festejado a «libertação», com comportamentos ainda mais arrojados, a que Afonso parecia achar a maior das graças.

Até hoje de manhã, até agora, e olhava para a direita e para a esquerda do corredor na esperança de o ver aparecer, ainda esperara que Afonso também entendesse que precisava de mudar de vida, que precisava de António Vieira. Mas a sua ausência dizia, sem palavras, aquilo que Catarina já suspeitava: já há muito tinha passado o dia em que a mãe, ou fosse quem fosse por ela indicado, teria algum poder sobre o rei de Portugal.

Quando se sentaram na carruagem, mãe e filha trocaram apenas um olhar. Mas foi o suficiente.

O assunto foi debatido em Conselho de Guerra. D. Luísa explicou que o contrato de casamento previa que o rei assumiria o casamento como certo antes mesmo de ver Catarina, acedendo a que ela usasse desde já o título de rainha de Inglaterra, evitando assim a necessidade de pedir licenças a Roma. Em troca, o dote completo, as praças incluídas, tinha de ser pago antes de a rainha embarcar.

O Conselho reagiu - afinal de contas, era-lhe pedido um parecer a posteriori? Não passava de um pró-forma, protestara um dos membros, contando aos outros que seis barcos ingleses, comandados pelo conde de Sandwich, se dirigiam naquele preciso momento para o Mediterrâneo, para tomarem posse de Tânger. Ceder Tânger e Bombaim, portos conquistados com o sangue dos portugueses, onde viviam os nossos comerciantes, e ali tinham os seus interesses? Não seria fácil, suspiraram, mas não se atreveram a fazer mais do que protestar - afinal, estavam bem conscientes de que sem a ajuda militar dos ingleses Portugal teria dificuldade em manter a sua independência, e nesse caso Tânger e Bombaim seriam

pertença de Castela. E isso ninguém queria.

Luísa saiu do encontro aliviada. Sentia-se sem forças para mais batalhas.

56

Paço da Ribeira, Dezembro de 1661

Catarina subira ao torreão com António Vieira e frei Pedro. Aquele canto ficaria para sempre um lugar de intimidade e conforto. As mesas de trabalho estavam cobertas de pó, os mapas amarelados, mas era como se lá no alto as conversas fossem imperscrutáveis pelos quadrilheiros da corte, e os corações se abrissem com mais facilidade. Era impossível subir aqui sem recordar os irmãos mais velhos, e nos primeiros minutos em que franquearam a porta, que rangia nos gonzos, os três mergulharam num silêncio pesado: tanta coisa que podia ter sido, e não fora, tantas esperanças goradas para sempre.

Frei Pedro quebrou o silêncio:

- Pois é, dona Catarina, crescer é difícil, e manter a fé na sabedoria do Senhor, mesmo quando os seus caminhos parecem cruéis...

Catarina não conseguiu esconder o choro:

- É tudo tão estranho, tão confuso. Se a Joana estivesse viva, era ela que agora olhava por essas janelas à espera do barco que havia de trazer notícias sobre o seu casamento com Charles. Há momentos em que sinto que lhe roubei o lugar...

António Vieira, que Catarina e frei Pedro tinham achado muito envelhecido, passou-lhe uma mão pelo cabelo:

- Dona Catarina só há uma, e sossegue, Sua Alteza, porque dona Joana deve estar muito feliz por si. Não há ciúmes nem invejas no lugar onde agora ela mora.

Catarina suspirou, abriu a janela, apesar do vento frio que soprava do rio, e respirou fundo:

- Também não sei se há muito a invejar. Casar com um homem que

nunca se viu e que é inclinado para tudo menos para a fidelidade; partir para um país tão distante, onde se fala uma língua que não conhecemos e em que não vive um único amigo, deixando para trás aqueles que mais amamos...

- Não fale assim, Sua Alteza, rainha de Inglaterra, Portugal e Nosso Senhor esperam ainda muito de si. Vai conquistar com a sua bondade essa gente, rendê-la à fé cristã, e ser mãe de uma família numerosa... Vai ser a melhor das mães, dona Catarina - disse-lhe, num impulso, frei Pedro.

Os olhos de Catarina encheram-se de sombras: e se contasse a estes dois amigos a história de Ali e do chá, os sonhos, os rumores que os espanhóis tinham espalhado? Apesar das promessas que fizera a si mesma, duas ou três vezes voltara ao terreiro, procurara-o entre os comerciantes, Carminho nervosa ao seu lado, mas nunca o encontrara. Na maior parte dos dias, e das horas, desprezava-se por ter deixado que um homem que certamente pretendia apenas assustá-la lhe viesse tantas vezes ao pensamento; noutras recordava a cara bondosa de Ali, as folhas da Uncaria tormentosa que o boticário impiedosamente interrogado lhe confessara ser usado na Ásia e no Brasil «por gente de pouca fé», e tremia de medo. Mas não podia falar-lhes de nada disso. Julgá-la-iam uma criança supersticiosa.

António Vieira pegara no óculo e aproveitava a janela aberta para perscrutar os barcos que subiam o rio, aproveitando a maré. De repente exclamou:

- Dona Catarina, é tempo de ir esperar uma outra nau que não é a minha. E esta tem a bandeira de Inglaterra hasteada. Ou muito me engano, ou o marquês de Sande acaba de dar à costa. Trará notícias?

Catarina corou instantaneamente.

- Então vamos descer - disse, tentando falar no seu tom mais casual possível.

- Acompanhamo-la - respondeu, contido, frei Pedro. Separar-se de Catarina ia ser, talvez, a prova mais dura que alguma vez tivera de ultrapassar.

Horas depois, na antecâmara da sala de jantar, Luísa mandava abrir

uma garrafa de vinho do Porto para celebrar a chegada do marquês, o embaixador glorioso que trazia o contrato assinado, o homem que aliara a sua persistência à dela para conseguir realizar um projecto estratégico imaginado há anos.

Sobressaltou-se quando ouviu a voz grave de Sande mesmo atrás de si:

- Sua Alteza. - Meu Deus, era rainha de Inglaterra?!? Ainda não tinha tomado consciência deste novo estatuto. - Sua Alteza...

Catarina voltou-se, com um sorriso gentil:

- Desculpe, dom Francisco, nem reparei que era comigo, julguei que falava com a minha mãe.

D. Francisco retribuiu-lhe o sorriso. Quando o rosto se iluminava Catarina até era quase bonita, e poucas damas da sua idade teriam ainda aquela frescura e aquela postura tão franca e transparente, pensou. Charles de Inglaterra tinha sorte, mas não estava certo de poder dizer o mesmo da sua infanta. De qualquer maneira, não era altura para voltar atrás no que estava decidido:

- Sua Alteza - repetiu com convicção -, o rei Charles envia-lhe uma carta, que tenho todo o prazer de lhe entregar agora.

Dizendo isto passou um sobrescrito grosso para as mãos trémulas de Catarina, que de repente se sentiu uma criança a quem tinha aparecido um fantasma, um sobrescrito pesado, com o lacre com as armas dos Stuart, da família real inglesa. Da sua família, pensou, aflita.

Olhou à sua volta, perplexa. Se ele lhe escrevia em inglês teria de pedir ao embaixador para lhe traduzir a primeira carta que o seu marido, pretendente a marido, lhe enviara. Seria mais fácil se pudesse recorrer ao father Russel, mas não aguentava esperar pela próxima lição de inglês. Sande percebeu o embaraço:

- Sugiro-lhe que a guarde e a leia quando estiver sozinha, dona Catarina.

- E se é em inglês, senhor marquês? A primeira carta que escreveu à minha mãe era em castelhano, acha que teve a bondade de fazer o mesmo,

ou será que julga que domino a sua língua?

- Não li a carta, Sua Alteza, pode estar certa disso, nem sequer sei o que diz, mas quando ma entregou o rei disse-me que a escrevera em castelhano.

Imitando depois a voz do rei de Inglaterra, e num gesto de grande arrojo, repetiu:

- «Dom Francisco, este é o castelhano mais arrevesado que alguma vez alguém utilizou, mas acredito que ainda tem uma réstia de castelhano.»

Catarina riu.

Sentindo que o gelo se quebrava, suspirou de alívio:

- Dom Francisco, gosto desse sentido de humor constante do rei, mas será troça? - perguntou, directa e preocupada.

Sande engoliu em seco. Que Deus protegesse a princesinha: a ausência total de cinismo era preocupante, como se sentiria perdida na corte inglesa, onde a ironia e o nonsense constituíam quase um dialecto próprio. Recuperando a compostura, respondeu:

- Que pergunta desconcertante, dona Catarina. Sua Alteza é um homem optimista, que vê sempre tudo pelo seu lado mais alegre. Os ingleses tendem a ter uma postura mais informal nos seus encontros do dia-a-dia, a rir muito de si mesmos, com o mesmo à-vontade que riem dos outros, mas sem intenção de ofender. Vai aprender a conhecê-los, e ao fim de um tempo é mesmo provável que se sinta mais leve, é o que me acontece quando fico períodos mais longos entre eles. No final ando mais bem-disposto, mais descontraído...

Catarina, para ser sincera, gostou da ideia. Achava a nobreza portuguesa pesada, maçadora e por vezes muito hipócrita, e a ideia de ter um marido optimista era uma boa notícia.

Fazendo uma pequena vénia, pediu licença para subir ao quarto.

Tomou um longo banho, a carta na mesa-de-cabeceira, junto da vela.

Deixou que as criadas a lavassem e vestissem e a ama Carminho lhe alisasse os caracóis com leite de cabra.

De tempos a tempos olhava o sobrescrito de papel grosso, o lacre a brilhar ao cintilar da luz.

- Já lá vou - dizia, como se adiar o prazer o tornasse ainda mais intenso.

Rezou as suas orações, pediu que corressem os reposteiros da sua cama de dossel e recebeu as recomendações assustadas da criada, quando percebeu que a infanta ia ler na cama, à luz da vela:

- Sua Alteza, veja o que faz, que se entorna a vela ainda deita fogo à cama e à casa toda. Não faça isso, peço-lhe: sente-se à secretária, que lhe arranjo uma outra vela, para ler melhor.

Não era assim que Catarina imaginara ler a primeira carta que recebia de Charles, a primeira carta verdadeira, genuína, não aquelas feitas de sonhos, mas concordou com a criada. Não servia a ninguém se morresse queimada e levasse consigo o paço atrás - aí não havia necessidade de dote, o que, pensando melhor, seria um alívio para todos.

Calçou os chinelos de carneira que Carminho lhe trouxera de Vila Viçosa, vestiu um roupão quente e sentou-se à secretária.

A criada, ao ver que era obedecida, aceitou deixá-la sozinha e foi--se embora mais descansada, deixando, no entanto, mil recomendações, para que apagasse bem a vela antes de se deitar.

Catarina não queria acreditar no que lia. Preparara-se para um bilhete formal, uma nota prática, um escrito seco e protocolar. Este Charles não era nem cínico, nem irónico, nem maldoso, nem insensível... nem infiel!

Deitada na cama, no escuro do quarto, fechou os olhos e, feliz como nunca se sentira, recitou baixinho, na sua voz serena e suave, a carta toda. Sabia-a de cor, palavra a palavra, vírgula a vírgula. Dizia assim:

Senhora e mulher minha,

Já a meu pedido partiu para Lisboa o conde da Ponte, de quem fiquei

muito amigo, confirmando o casamento, e a seguir a ele irá um meu criado com um sinal da felicidade que me dá ter concluído esta negociação, bem como para apressar a vinda de Vossa Majestade. Procuro acima de tudo o sossego que me libertará desta ânsia de ver a vossa amada pessoa nestes reinos já seus, com as mesmas ânsias que depois de largo exílio senti quando voltei a Inglaterra. Por último, suplico a Vossa Majestade que me recomende à rainha sua mãe os interesses do conde da Ponte, que me tem servido extraordinariamente no sentido de obter o que mais queria no mundo que era casar com Vossa Majestade. Também não esqueço o bem que me tem trazido Richard Russel, pela ajuda que me tem dado no mesmo sentido.

De Londres.

De Vossa Majestade, o marido muito fiel que suas mãos beija

Charles R.

Quando se encontrou com a mãe na missa da manhã, Luísa recebeu-a com um sorriso rasgado. Catarina retribuiu do fundo do coração; depois da carta de ontem, que ainda nem sequer mostrara à mãe, estava-lhe eternamente agradecida por ter persistido em casá-la com Charles, em ter cumprido o que lhe prometera em criança.

Mas o sorriso da mãe fazia-a suspeitar que também ela fora alvo das palavras lisonjeiras do genro. Segundos antes de o capelão começar a pregação, não resistiu a perguntou:

- Mãe, o que lhe disse Charles?

Luísa repreendeu-a por estar a falar na cerimónia, mas não resistiu a responder: - Tratou-me por mãe e pediu-me para lhe mandar o mais rapidamente possível a «sua mulher». Despede-se como «filho» - sussurrou, embevecida. Catarina fechou os olhos, e em lugar das palavras do padre só ouviu, mais uma vez, as que Charles lhe escrevera.

Não lhe deram um momento de paz. Maria do Rosário e Maria do Carmo tinham pedido a Catarina que lhes traduzisse a carta de Charles. Uma e outra vez, cheias de inveja, subitamente amarguradas por não serem elas a noiva, por não serem elas a partir para os braços de um homem que tão

decididamente amava a mulher.

- Tem de lhe responder já, dona Catarina. Dom Francisco demorou meses, com as paragens todas que fez pelo caminho, para lhe trazer esta carta, o pobre rei por esta altura está com o coração despedaçado - dizia Maria do Carmo.

Maria do Rosário desconfiava que talvez Charles não estivesse propriamente sentado nos degraus do seu palácio à espera da resposta, mulherengo como o diziam, mas de qualquer maneira não queria estragar o idílio à melhor amiga:

- Dona Catarina, Sua Majestade, escreva rapidamente, antes que a inspiração se vá. Uma carta dessas merece uma resposta calorosa. É preciso que lhe dê a entender que está tão feliz como ele.

- Se me deixassem em paz e estivessem caladas, talvez eu conseguisse articular dois pensamentos seguidos e não esborratasse isto tudo, que já deitei duas folhas para o caixote de lixo...

As damas calaram-se por segundos, mas logo se penduraram, uma por cima de cada ombro, deixando Catarina à beira de uma crise de nervos:

- Desapareçam!!! Sentem-se, bordem, cosam, rezem. Quando acabar, juro-vos que vos faço o favor de ler o que escrevi, mas até aí deixem-me sossegada.

A caneta corria rápida sobre a folha, e de segundos em segundos Catarina mordia o lábio e voltava a molhar a pena no tinteiro:

Meu senhor e marido,

A alegria com que recebi o conde da Ponte excede de longe a de toda a nação, porque, embora seja grande a minha parte no interesse comum tão felizmente servido por sua negociação, sinto-me gratíssima e reconheço muito maior o obséquio que Vossa Majestade me concedeu.

Eu própria me dou, reciprocamente convosco, a maior alegria e espero encontrá-la no meu coração para a dar cada vez maior a Vossa Majestade no zelo e na afeiçoada veneração com que me esforçarei para merecer o

interesse que Vossa Majestade faz o favor de manifestar-me, considerando e confessando como meu dever tornar-me dele possível merecedora.

Deus traga o servidor de Vossa Majestade e a sua armada com a pressa e a segurança que desejo. Ele verá a diligência com que apressarei a minha viagem, e Vossa Majestade, pela minha curta demora, que a minha gratidão é activa de mais para consentir qualquer atraso e com que atormentada inquietação espero a felicidade que se aproxima.

Grande é a felicidade que esses reinos, que Vossa Majestade tem a bondade de fazer meus, possuem na vossa pessoa, segurando-lhes pela vossa presença as esperanças que os animam, com o ardente desejo de se darem todos ao seu legítimo rei.

Terei na maior conta a recomendação que Vossa Majestade se dignou fazer-me do conde da Ponte e não deixarei de a transmitir à rainha, minha mãe e senhora, para que ela o trate com todo o favor, como o fez com o padre Russel.

Acima de tudo, porém, o meu maior desejo é ver Vossa Majestade gozar aquela felicidade, com uma longa vida, em que tanto sou interessada.

De Vossa Majestade, mulher muito fiel que vos beija a mão,
Catarina R.

Escondeu a cara nas mãos. Não conseguia reler o que escrevera, tinha medo de se arrepender, receio de ter sido excessivamente melodramática, desconfiava que a sua escrita era demasiado formal, ou talvez o fosse de menos? E será que Charles teria paciência de a ler toda - deveria ser mais curta?

Maria do Rosário percebeu que o impasse se prolongaria se não interviesse, além de que Catarina corria o risco de num gesto impulsivo rasgar tudo, por isso aproximou-se e pediu licença para ler. No mesmo momento, Luísa entrou na sala e, zangada, tirou a carta da mão da dama:

- Dona Maria do Rosário, penso que estes são assuntos de Estado que não lhe dizem respeito. Catarina, talvez fosse melhor ficarmos a sós...

Desde que a filha era alteza real, a própria mãe tratava-a com um

respeito e uma deferência que, muito sinceramente, a incomodavam. Sabia que a rainha-mãe queria, por um lado, valorizar perante a corte a inteligência do acordo que o seu engenho tornara possível, e, por outro, dar o exemplo, para que ninguém ali julgasse que poderia continuar a tratar a infanta como uma mera menina, criada naquelas salas, mas não gostava daquele protocolo ridículo vindo da sua própria mãe.

Catarina virou-se para as amigas, com o sobrolho franzido. Não gostava igualmente de as ver tratadas assim, mas também não era o momento - nem ela tinha a força, suspirou - de iniciar uma contenda com a rainha.

Maria do Rosário e Maria do Carmo lançaram-lhe um ar cúmplice, piscaram o olho e despediram-se com uma vénia solene. Mais tarde, dizia o seu olhar, mais tarde iriam saber tintim por tintim o que Catarina tinha escrito ao seu amado.

Luísa, de costas viradas para a porta, a sua figura a contraluz, lia a carta que Catarina escrevera, acenando afirmativamente com a cabeça. A infanta sentiu-se mais descansada, pelos vistos não desagradara à mãe, embora tivesse tido o arrojo de se lançar à escrita sem a consultar sobre o que deveria dizer.

Com a cabeça fez um sinal ao reposteiro-mor, para que chamasse o capitão da guarda. Segundos depois, o tempo de ter fechado e selado a carta, desta vez lacrada com as armas de Portugal, entregou-a ao capitão:

- Por favor, entregue esta carta ao conde da Ponte, que saberá por quem a deve enviar, para que chegue segura às mãos do rei de Inglaterra.

57

Paço da Ribeira, 6 de Dezembro de 1661

Charles enviara um novo embaixador para Lisboa, o seu grande amigo, que partilhava com ele o charme e o humor, sir Richard Fanshawe. Este apresentara-se no paço para uma audiência com a rainha-mãe, D. Luísa de Gusmão, e com a rainha de Inglaterra, como tinha ordens de chamar a Catarina. Chegou seguido de criados que transportavam caixas de todos os tamanhos, e Luísa e Catarina entreolharam-se, espantadas: parecia uma história daquelas que os viajantes regressados do Oriente contavam do reino da Índia, ou da passagem por alguma corte exótica.

Só faltava vir com um rinoceronte pela trela, pensou, nervosa mas divertida, a infanta-rainha. Mas sir Richard Fanshawe era tão simpático que rapidamente dissipou qualquer suspeita.

As caixas eram presentes, que o rei de Inglaterra enviara à sua noiva que, no entanto, tratava já por esposa para que se percebesse que era homem de palavra.

Para espanto do embaixador, Luísa, num tom cordial mas seco, mandou que os criados colocassem todos os embrulhos na Sala do Dossel, contígua àquela onde recebia os senhores de Inglaterra. Pelos vistos, o costume português não mandava que se abrissem os presentes à frente de quem os oferecia, tomou nota Fanshawe, para dar conta desse facto ao rei, não fosse ofender-se quando D. Catarina agisse assim na corte londrina.

Percebeu, no entanto, com divertimento, que se D. Catarina pudesse ter-se-ia precipitado imediatamente sobre as caixas, ansiosa por saber o que continham. Presentes? Para ela? Decididamente, o em baixador gostou da espontaneidade da princesa: se fosse outra, mais habituada a uma vida mundana, mais mimada, faria questão em fingir total indiferença, enquanto se percebia que esta nunca tinha sido o centro das atenções de ninguém e mostrava a sua gratidão com toda a naturalidade.

Já com os seus 50 anos, pai de seis filhos, três deles raparigas um pouco

mais novas do que Catarina, teve vontade de libertar a infanta daquele jugo materno e mandá-la brincar com as amigas, desapertando fitas e laços, exclamando de entusiasmo com cada nova surpresa.

Não resistiu, talvez encorajado pelo olhar de um padre de cabelo e barbas brancas, decididamente um jesuíta, que parecia desejar exactamente o mesmo que ele, e comentou:

- Talvez pudéssemos deixar que a rainha de Inglaterra seguisse os presentes para a sala do lado e os abrisse de forma que se houver necessidade de devolver alguma coisa, ou ajustar algum dos vestidos, possa ter tempo de o fazer?

Luísa franziu o sobrolho, surpreendida. Vestidos? Arranjos nos vestidos feitos por outras costureiras que não as do paço? Que insinuava esta gente? Mas a ênfase que o embaixador colocara na frase «rainha de Inglaterra» fê-la guardar para si os seus pensamentos. Rainha de Inglaterra de facto, rumo ao país de que este senhor era o representante.

Quando levantou a cabeça para olhar para Catarina, percebeu que a filha aguardava as suas ordens, os olhos brilhantes, mas absolutamente disposta a aceitar como boa qualquer decisão que a mãe tomasse. Comoveu-se:

- Que a rainha de Inglaterra siga então, que em breve me juntarei a ela para apreciar, também, os presentes do meu genro, Sua Majestade Charles II - disse, num tom absolutamente formal.

A rainha de Inglaterra, Maria do Rosário, Maria do Carmo, D. Leonor e até a ama passaram uma tarde inimaginável naquele paço austero: de cada caixa saía o vestido mais arrojado, o chapéu de plumas mais fascinante, as jóias mais coloridas. Luísa olhou para tudo aquilo e abanou a cabeça em protesto:

- Dona Catarina de Bragança, espero bem que não se esqueça da sua educação e não se deslumbre com esses trajes ordinários, esses decotes vergonhosos, porque só a sua consciência a pode proteger, pois eu estarei longe de mais para isso.

Virando as costas, saiu da sala. O silêncio caiu como uma sombra negra

sobre a alegria de raparigas que abriam o armário de todas as surpresas.

Que raiva, porque é que a minha mãe consegue manchar sempre a minha alegria e deixar-me com esta sensação de que pequei?, pensou, num súbito acesso de revolta, a infanta-rainha. D. Leonor, apesar de partilhar a opinião da rainha-mãe sobre a pouca sobriedade de alguns daqueles vestidos, sentiu o mesmo. Catarina tinha bom senso que chegasse para poder gozar um dia de sonho, sem afastar os pés perigosamente da realidade.

Maria do Carmo disse baixo a Maria do Rosário:

- Não percebo esta gente! Se esta é a roupa que o marido lhe envia é porque naquela corte as mulheres se vestem assim. Querem insistir em que dona Catarina surja ao rei, e às damas, como uma provinciana que se veste como uma provinciana?

Catarina ouviu-as, e pensou que desta vez não cederia. Não podia esquecer, por um minuto, que este era o guarda-roupa que o seu amado marido, aquele que lhe escrevera as primeiras cartas de amor, queria que usasse.

Discretamente escondeu nos folhos do vestido uma miniatura de Charles muito jovem. Um pequeno retrato, com uma moldura de diamantes, embrulhado em papel de seda, que mesmo antes de observar com cuidado teve o instinto de esconder. Não queria que toda aquela gente partilhasse aquele retrato, o comentasse, e até o ridicularizasse. Charles era seu. À luz da vela, quando todos já dormissem, abriria de novo o embrulho e então percorreria com o dedo indicador cada uma das feições do seu rosto e do seu corpo, como numa viagem de reconhecimento. Sozinhos, ela e ele, para que quando se encontrassem não fosse bem a primeira vez.

No seu palácio, próximo de Santos-o-Velho, com uma vista maravilhosa sobre o Tejo, o embaixador inglês sentou-se à secretária, contemplou o rio e os barcos, e escreveu ao seu senhor:

Sua Alteza,

Sinto que seremos extremamente felizes com a rainha. É uma princesa de tão doce natureza que nenhuma outra igual ainda nasceu.

Depois desta introdução continuou a descrever o sorriso natural de Catarina, avisando, no entanto, Sua Majestade de que se tratava de uma menina recatada e austera, esperando que o mulherengo do seu rei entendesse que Catarina era bem diferente da maioria das mulheres da corte inglesa.

- Espero que lhe seja fiel e não fira os seus sentimentos. Percebe--se pelo brilho dos seus olhos que está tão apaixonada - disse nessa noite a Ann, a mulher com quem casara já há tantos anos e o acompanhava em todas as suas digressões, grávida e com os filhos às costas, pouco lhe importava, desde que estivessem juntos.

- Apaixonada estará ou não, mas iludida está com toda a certeza, a pobrezinha - respondeu a senhora, preocupada, a imaginar já que poderia ser a sua Ann, ou a sua Meg, a partirem assim para longe. - Aviso já que serei eu a tratar do casamento das nossas filhas - disse de repente.

O marido riu-se:

- Não te preocupes, que outro igual, leia-se «mais infiel», do que o nosso rei, não há.

E dizendo isto, puxou-a para junto de si e abraçou-a ternamente, dizendo-lhe ao ouvido:

- Mesmo com essa barriga de seis meses, não te trocava por mais nenhuma.

58

Paço da Ribeira, 30 de Dezembro de 1661

Reparou no seu cabelo ruivo, tão diferente de todas as cores que vira até então, as sardas a cobrirem-lhe a pele muito clara, o sorriso encantador e um discurso ligeiro e bem-humorado. Mas se Catarina reparou em Edward Montagu, o estibeiro-mor que Charles lhe enviava, Edward Montagu nunca mais conseguiu afastar Catarina dos seus pensamentos. O primeiro a dar conta disso foi Charles, ao receber a carta em que o rapaz lhe dizia ter entregado a carta à rainha e se desfazia em elogios. Mas o que tinha Catarina que os parecia seduzir a todos?, pensou irritado, e a ideia provocou-lhe um estúpido arrepio de ciúmes. Que disparate, ciúmes de uma mulher que não conhecia, ele que partia corações mas nunca deixava que partissem o seu. Além do mais, como era possível que um cínico como ele se importasse com a admiração de um estribeiro por uma rainha, que ainda por cima estava provavelmente a tentar com tanta lisonja agradar apenas ao rei, julgando que lhe dizia o que o rei queria ouvir.

Quando desdobrou a carta de Catarina que só agora lhe chegava, acompanhada da nota do seu embaixador, dissiparam-se todas as dúvidas: tanta paixão comovia e assustava. Que experiência de vida tinha esta criança para revelar tanta dedicação a um homem com a fama dele? Ou será que não tinham chegado ao ponto mais ocidental da Europa relatos dos seus casos amorosos, da filha de Palmer que acabara de nascer e que assumira descaradamente perante todos? Sentiu o sangue subir à cara, era vergonha, aquele sentimento que a mãe sempre lhe dissera que devia sentir mais vezes.

Releu-a de novo:

Meu caro marido e senhor meu,

Se o contentamento de me ver com carta de Vossa Majestade pudesse ser satisfação igual da pena que me havia custado a falta dela, não seria necessário dizer-lhe a estimação que dela fiz, nem a alegria com que festejei a chegada de quem ma trouxe.

Depois saltou as descrições que não lhe interessavam, e voltou a concentrar-se:

Mas quererá Deus trazer a armada breve e levar-me à vossa presença, pois só ver-vos apaziguará as minhas saudades. Entretanto, rogo que Ele vos dê prosperidade, como aquela de que depende toda a minha felicidade.

De Vossa Majestade

Sua mulher que mais o ama e suas mãos beija,

Catarina R.

59

Quinta Real de Alcântara, 26 de janeiro de 1662

Já ninguém sabia o que aconselhar. Todas as frases de D. Luísa começavam por «Não sei o que fazer ao meu filho», ou «Aquele Afonso.» Catarina sentia que a mãe pela primeira vez estava realmente à beira de uma crise nervosa: não sabia como chamar o rei à razão, conseguir que não provocasse escândalo, dentro e fora do paço, com os seus amigos pouco aconselháveis, que ia colocando em lugares cada vez mais proeminentes. O facto de ter agora Casa, o que lhe permitia nomear os seus conselheiros, acentuara, como Luísa suspeitara, a gravidade da situação, já que tinha mais dinheiro, mais poder e mais autonomia.

As esperanças que Catarina e Luísa haviam depositado nas capacidades de argumentação do padre António Vieira tinham saído defraudadas. Afonso não o distinguia da mãe, e querendo afastar-se de um, afastava-se do outro, esforçando-se abertamente por chocá-lo com o seu comportamento, esquecido de que o padre já vira tudo.

Mas Catarina deitara as mãos à cabeça quando a rainha, como sempre impaciente e ansiosa por passar à acção, decidira que se Afonso não aproveitava os préstimos daquele que fora pregador do reino, então o melhor era nomeá-lo confessor de D. Pedro.

- Mãe, desculpe a franqueza com que lhe falo, mas não entende que Afonso está sempre a provocá-la, num comportamento infantil em que anseia que a mãe insista, em lugar de desistir? Ao tomar esta decisão está a mostrar-lhe, mais uma vez, que face aos primeiros protestos dele cede imediatamente. Pior, volta a apostar no seu irmão mais novo, pondo-o nas mãos do padre António Vieira, que ele sabe perfeitamente que é um dos grandes homens do reino, e alguém por quem o pai tinha a maior consideração.

Luísa odiava ser criticada e respondera imediatamente, agastada:

- Catarina, filha, quando chegares a Inglaterra dás os conselhos que desejares ao teu marido, o rei, mas era o que faltava, uma mãe que tem feito tudo para levar o filho ao bom caminho, cujo coração é todos os dias dilacerado pelo seu comportamento imoral, ter de ouvir críticas destas. É altura de Afonso merecer o lugar que lhe coube pela morte do teu pai, a responsabilidade para com o seu povo, em lugar de continuar a ser apaparicado, como tem sido até aqui.

Frei Pedro, que tinha vindo almoçar à quinta e assistia à conversa, recordou-se daquela festa de anos em que, naquele mesmo sítio, tanto ele como a infanta tinham visto a sombra do príncipe herdeiro à janela, enquanto os pais comunicavam ao mais novo da família, apenas com seis anos, a atribuição da Casa do Infantado. Há erros que não se esquece, feridas que não saram, pensou.

Catarina percebeu tudo no seu olhar - como lhe ia fazer falta o frade, menos dotado do que Vieira para a grande oratória, sem tantos projectos megalómanos de mudar o Mundo, mas tão sensível e tão profundo, tão atento à realidade dos corações.

Frei Pedro sentiu-se, mais uma vez, grato pela confiança e jurou a si mesmo que D. Catarina seria sempre a primeira na lista das suas orações. Quanto a Afonso, frei Pedro ainda era o único que conseguia ser ouvido pelo rei, e só ele sabia quantos sarilhos maiores as suas palavras sensatas tinham evitado. Mas essas histórias guardava--as para si, consciente de que a lealdade dependia da sua capacidade de guardar segredos, mesmo que não lhe chegassem através da confissão.

António Vieira tinha entrado discretamente na sala arejada, de tectos de madeira corrida pintados de branco que enchiam o espaço de luz, e ficou junto da janela, com as mão entrelaçadas atrás das costas, os olhos postos na ribeira de Alcântara, que corria, fresca, para se juntar ao Tejo.

D. Luísa, mais uma vez, com coragem e determinação, salvara-o da Inquisição e dos seus inimigos. Estava-lhe grato, e mais consciente do que nunca que Afonso não herdara da mãe a força necessária para escolher entre o Bem e o Mal, nem era capaz de suportar as consequências que seguiam às escolhas difíceis. Estava certo, como Cata rina e frei Pedro, de que a doença do rei jogava um papel determinante nas suas falhas, mas,

como eles, tinha também a certeza de que a educação do futuro rei não soubera encontrar aquela misteriosa fórmula de afecto e firmeza que torna as pessoas mais íntegras. Além do mais, estava informado. Sabia muito das noitadas de Afonso e da sua relação doentia com António Conti.

Concordava com a rainha-mãe: era preciso colocar um ponto final em tudo isto. Portugal não se libertara com tanto esforço de Castela para ficar subjugado a um menino mal-educado - e era com esta sobriedade, sem mitos, nem endeusamentos, que o padre António Vieira via o actual rei de Portugal.

Catarina e frei Pedro perceberam que estavam a mais. A infanta, a pretexto do enxoval, o frade alegando que ia ver em que estado estavam as flores da capela, saíram da sala.

Nessa tarde o plano ficou delineado. O primeiro passo seria de boa vontade, e previa que a rainha convidasse António de Sousa Macedo para secretário de Estado, mostrando a sua disponibilidade para integrar no seu Governo homens da confiança de Afonso VI. Esperava que este gesto fosse suficiente para apaziguar os impulsos do partido do rei, como já lhe chamavam, adiando o conflito que ambos sabiam inevitável. Em seguida, toda a atenção seria pouca para continuar o esforço imenso que representava a tentativa de juntar o dote de Catarina a tempo e horas - procuravam que a rainha de Inglaterra não percebesse que longe estavam de o conseguir, poupando-lhe a angústia e simultaneamente o risco de que em algum gesto apaixonado comunicasse a Charles o que se passava, ou num momento de abnegação desistisse de tudo, com receio de pesar ainda mais sobre os ombros de uma mãe visivelmente cansada.

- Mas no dia a seguir ao embarque de Catarina para Inglaterra, jure-me, padre António, que encontra forma de tirar deste reino esses miseráveis Conti, que se aproveitam da debilidade do meu filho. Segundo me diz o camareiro do rei, não há noite em que esse canalha, e desculpe-me o termo, mas não encontro outro para o descrever, tem o desplante de trazer mais um amigo para dentro do paço, dando ordens a torto e a direito, pedindo comida e doces para os aposentos do rei, que os criados encontram no dia seguinte em total desalinho. Nem quero pensar no que para ali vai - continuou a rainha, fazendo o sinal da cruz e contendo um soluço de raiva e desgosto.

- Estou em contacto com os comandantes de vários navios que partem para o Brasil e garanto-lhe que tudo se vai arranjar de forma que essa gente seja deportada para lá, sem bilhete de regresso.

- Precisa de dinheiro?

António Vieira percebeu a angústia da rainha: dinheiro era palavra que a fazia tremer porque vivia na angústia de não saber como enfrentar o almirante de Charles com a notícia de que não podia cumprir totalmente os requisitos do acordo.

É claro que António Vieira precisava de financiamento para que tudo corresse sem escândalo e o esperto do italiano não desse com a língua nos dentes. Não chegariam a qualquer acordo se não lhe pudesse dar uma bolsa de moedas, para que começasse vida nova do outro lado do Atlântico, mas estava certo de que o conseguiria angariar junto dos seus amigos, partidários de D. Pedro, mesmo que talvez preferissem assistir à degradação do rei do que ajudar em alguma tentativa de o reabilitar. Dívidas, de qualquer modo, dívidas que sabia que um dia seria obrigado a pagar, mas não podia sobrecarregar a rainha, nem deixá-la com mais um problema por resolver. Por isso, serenamente acenou que não com a cabeça:

- Sua Alteza esteja descansada. Tratarei de tudo. Mas, se me é permitido perguntar, como pensa conseguir os milhões que os ingleses lhe pedem?

Luísa permaneceu calada. Para quê repetir-lhe aquilo que sabia que ele já sabia, que vendera muitas das suas jóias pessoais, alguns dos bens da Casa de Bragança - aqueles que a guerra com Castela não tinha obrigado a dispor anteriormente -, loiças e pratas da casa e tudo o que tivesse algum valor; que aumentara impostos, inclusivamente introduzindo o tributo do papel selado, que enraivecera ainda mais um povo castigado que encarava este «presente» aos ingleses como uma traição, um capricho de uma rainha que desejava ver a filha bem casada, esquecidos já da necessidade de reforço das tropas.

A verdade é que, apesar deste esforço financeiro gigantesco, continuava desesperada e sem saber mais onde procurar fundos para financiar a promessa feita.

- Permita-me Sua Majestade que faça duas sugestões.

A rainha fez um sinal de assentimento, mas virou-se de costas para o padre, a pretexto de contemplar o rio: por muita afeição que tivesse ao jesuíta, desgostava-a ter de recorrer à sua ajuda ou a de qualquer outra pessoa. Ela, Luísa de Gusmão, filha do oitavo duque de Me dina--Sidónia, vinda de um dos Estados mais antigos de Espanha, onde o sol brilhava sobre o mar e a areia das praias era branca e corria por quilómetros, numa costa tão bela como nunca vira outra igual, e que os seus antepassados haviam defendido de mouros e piratas, repetiu a si mesma, como fazia sempre nos momentos de insegurança e solidão. Mas manteve o silêncio e ouviu o padre:

- A proposta já foi feita há mais de um ano, mas talvez não seja de mais recordá-la, sublinhando a protecção que os ingleses podem dar aos nossos navios comerciais. O Brasil e os outros territórios de África e do Oriente são países riquíssimos, das pedras preciosas ao açúcar, que valem tanto como o ouro. Como na altura D. Luísa fez questão de deixar claro aos governadores, basta uma gota de água para que as necessidades do dote sejam preenchidas.

- Tem razão: sabem, mas precisam de ser lembrados, e sobretudo assegurados de que os ingleses não lhes vão roubar as praças! - suspirou Luísa, que não estava muito certa do impacto que a entrega de Tânger e Bombaim teria nesses países longínquos, que contavam com a coroa portuguesa para os proteger...

- Não se esqueça de que não pode falar em mim, do perigoso jesuíta, senão dos colonos não consegue nem um cruzado - comentou a sorrir António Vieira, mas logo mais sério sugeriu:

- Se sentir que me deve afastar um pouco, em sinal da boa vontade real para com os colonos, não hesite Sua Alteza... Neste momento há interesses mais importantes a ter em conta do que a manutenção de um título.

- Não concordo com cedências, nem jogadas de fraqueza - comentou, fria e directa, D. Luísa. - Quanto à segunda sugestão?

- Se me consentir, pedirei a Duarte da Silva que se encontre com Vossa Alteza...

- O judeu? - exclamou Luísa, assustada.

- Sabe que não me refiro às pessoas assim. O que importa neste caso é que é um homem rico, um comerciante honesto, com capacidade, se alguém ainda a tem, de nos ajudar a angariar o dinheiro de que precisa...

- A que juros, meu Deus? Padre, tenho muita consideração pelo seu sentimento de justiça, mas olhe que os juros que essa gente pede por cada empréstimo que faz explicam muita da animosidade que criou...

António Vieira soltou uma gargalhada:

- Senhora de Gusmão e Medina-Sidónia, a sabedoria corre-vos no sangue. De facto, a maioria dos altos dignitários da maléfica Inquisição, e que ninguém nos oiça senão vou directo para os calabouços, deve dinheiro a um judeu, e prefere queimar o seu credor na fogueira, do que pagar aquilo que lhe falta pagar, mas adiante, que a discussão política fica para depois. Duarte Silva é um patriota e nunca se aproveitaria da situação de aflição em que se encontra a rainha de Portugal.

- Terá de pedir alguma coisa em troca - comentou a rainha, com a voz subitamente entrecortada pela emoção.

- Talvez liberdades comerciais em Inglaterra, quem sabe, mas afinal, se as garantimos aos ingleses, com todo o descaramento, também eles podem facilitar a vida a Duarte Silva...

- Talvez. Talvez sir Richard Fanshawe, que parece ser um homem compreensivo, tem filhas, talvez entenda, e ajude...

- Dizem-me que o conde de Sandwich, que comanda a armada do rei, é um homem encantador, de um coração muito humano. Estou certo de que a própria princesa, com os seus olhos de azeitona, a «mourinha», como o nosso saudoso rei lhe chamava, será capaz de lhe provar que vale a pena ser paciente...

Luísa virou-se e olhou para António Vieira com severidade:

- Não gosto que fale assim de dona Catarina.

- Não entenda mal as minhas palavras, Sua Majestade. Elogio as grandes qualidades da infanta, que sabe que amo como uma filha. Se não tem a determinação, nem muitas das capacidades da mãe, herdou dela a força para defender as suas convicções, a lealdade, um imenso sentido de justiça, a generosidade e uma transparência de menina que comove e prende, porque se sente que vem directamente de Deus, sem que a infanta tenha sequer consciência do poder que exerce sobre os outros... Vai sofrer, porque é demasiado fácil ferir as pessoas que, não sendo capaz de magoar os outros, não imaginam sequer que haja quem intencionalmente e sem razão retire prazer de as magoar a elas, mas acredito que vai vencer. Vai conquistar o coração do rei e dos ingleses e esta aliança trará a Portugal, como a de D. João 1 com Filipa de Lencastre trouxe ao reino, apoios que lhe permitam continuar a ser um Portugal livre e senhor dos seus destinos.

Luísa comoveu-se. Estava exausta, sentia a falta do marido, que tivera sempre o poder de a serenar com as suas notas musicais e a sua bondade desinteressada - se ao menos João aqui estivesse! Não ajudaria, provavelmente, a resolver o problema concreto de falta de liquidez que tinham entre mãos, mas a sua calma, a sua confiança na vontade de Deus, teriam o poder de lhe trazer o sono. Quantas vezes acabara por dormir presa nos seus braços, como se a toda-poderosa rainha de Portugal pudesse, por minutos apenas, e no segredo da câmara, ser de novo uma adolescente desejosa de ser amada e protegida.

Suspirou.

- Espero que tenha razão e desejo, acima de tudo, que Nosso Senhor e a Virgem das Candeias protejam a minha filha.

Pensou, por segundos, confidenciar ao jesuíta aquela visão que tivera no momento do parto e que se repetia desde aí, sob a forma de pesadelos; dizer-lhe que em todos eles Catarina, de ventre liso, gritava por ajuda, e ninguém a socorria...

De repente não resistiu e disse:

- Padre, acredita que os sonhos e os pesadelos falam verdade? António Vieira vivia da inspiração dos seus sonhos, acreditava firmemente que eram revelações da vontade de Deus, quantas e quantas homilias haviam nascido dessas noites em que dormia sem dormir e o Senhor lhe revelava

aquilo que deveria dizer às suas ovelhas:

- Senhora, acredito, sim. Posso perguntar-lhe com o que tem sonhado?

Mas Luísa assustara-se com o tom veemente de António Vieira. Gostava dele, admirava a força com que defendia as suas causas mas, por vezes, tinha pena de que não fosse mais moderado. Decididamente, não precisava de videntes. Queria era esquecer o que lhe metia medo e que, sem precisar de conselhos, sabia ser certamente um aviso, uma premonição de uma mãe, que durante nove meses sentira crescer dentro de si a luz dos seus olhos.



Dias depois o dinheiro ia chegando, do Brasil e de todos os cantos do reino, mas, tal como os 20 mil cruzados que conseguiu obter por mais um lote das suas jóias pessoais, tudo parecia uma gota de água.

Também as igrejas e os conventos foram coagidos a dar o seu contributo, apesar de a ideia do casamento de uma princesa portuguesa com um herege não suscitar grande entusiasmo nas fileiras católicas. Mas D. Luísa de Gusmão insistia que era preciso que vendessem as pratas e entregassem as rendas à coroa, porque a situação era, no vamente, de urgência. Defendia-se a rainha com o argumento de que a filha do rei que dedicara Portugal a Nossa Senhora da Conceição tinha direito a apelar à Senhora e às suas servas na Terra para que viessem em seu auxílio. Sem margem de manobra, entregaram devotamente o que não conseguiam esconder.

- Tanto dinheiro, tanto esforço, tanto empenho, e tanta raiva que criamos naqueles que deram o que tinham e o que não tinham - murmurava Luísa, que constantemente anunciava a chegada do exército inglês, na esperança de deixar bem visível as razões que haviam levado Portugal a este acordo.

Os dois milhões continuavam uma miragem. Era preciso ceder, e mandar chamar Duarte da Silva...

60

Whitehall Palace, Londres, 3 de Fevereiro de 1662

Edward Hyde chegou aos seus aposentos em Whithehall Palace de cabeça perdida. O chanceler tinha dias assim, dias em que desesperava de alguma vez conseguir que uma migalha de bom senso entrasse, e ficasse, na cabeça do seu rei.

Mal o viu entrar, a mulher, como sempre um poço de serenidade, mandou que lhe fosse servida uma caneca de sidra quente, levou-o gentilmente pelo braço até à sua cadeira favorita junto da lareira, e ela própria lhe descalçou as botas cardadas, que ainda vinham cheias da neve que lá fora cobria o terreiro.

- O que foi agora? - perguntou, sentando-se ao seu lado e fazendo sinal ao criado para que saísse e fechasse a porta atrás de si.

- Charles dá comigo em doido. Primeiro anunciou-me que Sandwich já tinha Tânger, apesar de algumas escaramuças. Fiquei feliz. Dali pode agora seguir rapidamente para Lisboa porque é preciso trazer Catarina e o dinheiro.

- Que a rainha venha depressa e dê à luz um rapazinho, para sossego desta corte - respondeu a mulher, sempre preocupada com os riscos que a sua própria filha Anne corria estando casada com o irmão do rei, suspeito de ser um papista, e de lhe querer roubar o lugar, para virar Inglaterra para Roma.

- Já não sei nada...

- Mas o que é que te perturbou, então?

- Como te dizia, enquanto Charles, por um lado, regozijava com a vinda da mulher, e até lhe escrevia cartas de enamoramento, por outro teve o mau gosto de atribuir o título nobiliárquico de lord Castelmaine ao marido da Palmer.

A mulher deu um salto, a cara vermelha de indignação, e em pé começou a gesticular:

- Que falta de moralidade, como pode um rei dar um exemplo destes ao povo? Ainda por cima, um rei que está apenas há dias no trono, que viu o pai ser decapitado e tudo o que sucedeu a este reino depois disso? Fazer da sua amante lady, dar um título ao marido vergonhosamente enganado, um pobre diabo que se sujeita a que a sua mulher durma com o rei, fique prenha dele e dê à luz crianças que não sabem a quem chamar pai?

- Acalma-te e bebe um pouco desta sidra - disse-lhe o chanceler, preocupado que a pobre mulher tivesse mesmo uma apoplexia. Mas mesmo quando lhe pedia calma, mortificava-se por dentro: como podia ser chanceler do reino, num reino onde nada, nem ninguém, era respeitado?

Mais calma? A Sr.' Hyde sentiu a cara molhar-se de lágrimas:

- Que o nosso genro se atreva a fazer uma coisa destas à nossa filha, Edward, e acho que o mato com as minhas próprias mãos. Sofro por saber que essa princesa, que o conde da Ponte tantas vezes nos descreveu como inocente e reservada, sem conhecer nada destas imoralidades, caia neste antro, sem ninguém que a aconselhe e avise. Como reagirá quando souber que a sonsa da outra não só continua na cama do rei, como consegue manipulá-lo desta maneira? Não sabes como são estas criaturas, mas eu sei. Sei que a esta hora está feliz, a contar às amigas como acabou de humilhar a rainha, ainda a pobre nem chegou a Inglaterra; o que ela quer, conseguiu, que foi passar a mensagem à corte, inglesa, portuguesa, francesa, espanhola, a todas, meu Deus, de que a legítima nunca contará para nada, porque ela tem o rei na mão.

- Mas talvez deixe de ter, se Catarina for capaz de o conquistar...

- És um ingénuo, o que pode uma rapariga que, ao que nos disse o embaixador, nem a nossa língua fala contra aquelas bruxas que todas as noites jogam às cartas e cantam ao ouvido do rei? Tens de ser tu, Edward, tens de ser tu a protegê-la, a impedir que o rei a magoe. Charles, e que Deus seja louvado, que andei com ele ao colo, é incapaz de ferir um inocente, tens de lhe chamar a atenção, porque se vir que o seu comportamento a ofende tentará corrigir-se.

- Tentará, dizes bem. As promessas de Charles convencem qualquer um, até o próprio. No momento em que as faz está absolutamente certo de que as vai cumprir. Dez minutos depois, basta aliciá-lo com um desafio, uma conquista, um prazer novo, e não se recorda de uma palavra do que disse. Que Deus proteja a rainha, porque eu, mulher, suspeito que pouco vou poder fazer. Hoje não se falava em mais nada senão numa nova dama, «enviada» de França pela irmã do rei, não se sabe se numa tentativa de desviar a atenção de Charles para uma amante católica, espia de Luís XIV, sem dúvida nenhuma...

- Mas para que precisa ele de uma amante católica, se a mulher que já fez sua professa essa mesma religião? Marido, digo-te, que me desgosta que a nossa Anne conviva com tal gente, que se matam uns aos outros em nome de um Deus que não ouvem, nem respeitam.

O chanceler tinha adormecido, embalado pelo calor da lareira e o efeito da sidra. Pobre Ed, pensou a mulher, enquanto chamava um criado para a ajudar a deitá-lo. Era preciso que dormisse, porque muita coisa vinha aí que lhe tiraria de certo o sono, pensou ela, enquanto lhe aconchegava a roupa na cama larga.



A centenas de quilómetros dali, Catarina sentia-se a mais feliz de todas as mulheres, sem suspeitar que a mãe não dormia, preocupada com a possibilidade de se ver obrigada a anular o casamento. Acreditava que a mãe estava demasiado ocupada com assuntos de Estado para se preocupar com uma menina entusiasmada com o seu enxoval.

De facto, Luísa nunca a tinha deixado tão livre e Catarina aproveitava a porta da gaiola aberta. Visitava igrejas e ermidas, a pretexto de colocar velas a diferentes santos, andava na rua, como tanto gostava, ordenando à sua camareira-mor, nomeada pela rainha para a ajudar nos preparativos, que marcasse encontros com costureiras, joalheiros e tecelões nos seus ateliês, porque lhe dava um prazer imenso visitá-los em lugar de ser visitada por eles, cansada que estava de mais de vinte anos enclausurada naquele paço.

Maria do Rosário e Maria do Carmo acompanhavam-na na mesma roda-

viva e, ignorando a situação financeira com que a rainha se debatia, Catarina pela primeira vez dava largas aos seus desejos.

As costureiras a mando de D. Leonor queriam alargar cinturas, colocar mais roda nas saias e, sobretudo, cobrir os decotes com rendas e rendinhas. Catarina, no entanto, era firme: nos vestidos oferecidos pelo rei ninguém mexia. Quanto aos outros, teria de os usar na viagem e nos primeiros dias, mas se Charles manifestasse algum desa grado iam direitinhos para dentro da arca, para uma eternidade na companhia da cânfora.

O idílio ia sendo alimentado por cartas. Charles escrevia, e Catarina, cada vez mais ousada na descrição dos seus sentimentos, respondia. Embrulhadas numa fita de seda, iam-se amontoando junto da imagem da Senhora das Candeias no pequeno oratório do seu quarto.

Por vezes, Maria do Carmo levantava suspeitas:

- Se está tão ansioso por a ter junto dele, por que demora tanto o barco a chegar? - perguntava, com descaramento.

Catarina fazia para si a mesma exacta pergunta, mas nunca iria deixar que as damas pressentissem que por vezes duvidava deste amor em que entre as promessas e o seu cumprimento parecia haver uma imensa distância, e por isso respondia, zangada:

- Vá estudar o mapa, e meça a distância por mar, passando por Tânger, some-lhe ventos e tempestades, e aí tem a resposta.

Maria do Carmo, entretanto, já levara vinte cotoveladas das outras damas, e assentia que sim com a cabeça, como se estivesse convencida. A verdade é que já chegara a notícia da promoção da Palmer, e se nenhuma tinha coragem de estragar a felicidade da infanta, também nenhuma confiava de facto no mulherengo rei de Inglaterra.

61

Paço da Ribeira, 8 de Março de 1662

O cavalo entrou a galope pelos portões abertos que davam acesso às cavalariças do paço. Espumava da boca, tinha o pêlo coberto de suor que lhe escorria pelas patas abaixo, e estava manco de uma pata, porque a ferradura lhe saltara algures numa pedra desta calçada tão traiçoeira. O cavaleiro apeou-se ainda o cavalo trotava, correndo para as escadas que o levavam ao patamar onde tinha a certeza de encontrar o porteiro-mor: tinha um recado urgente para a rainha, a armada inglesa acabara de ser avistada em Cascais.

Feliz por ter uma mensagem deste valor para passar, o porteiro abandonou o seu posto, pedindo a um dos criados que ficasse de guarda por momentos, e bateu pessoalmente à porta dos salões de D. Luísa. A notícia correu como uma flecha pelo paço até que chegou a Catarina e à rainha, que almoçavam.

Luísa deu ordens urgentes: convocou o Conselho de Estado e o Conselho de Guerra porque tudo tinha de ser planeado, passo a passo. Catarina, muito pálida, pediu licença para se retirar. A mãe ia protestar que não era hora de dormir sestas, quando percebeu a cor da filha e sentiu, também ela, que alguma coisa morria dentro de si. Agora não havia volta a dar, o que não passara de um sonho romântico na cabeça da sua princesinha, aconchegada na casa onde sempre vivera, entre todos aqueles que a amavam incondicionalmente, tornava-se realidade. A sua filha muito amada, a luz dos seus olhos, estava agora mais próxima do que nunca de a deixar. Para sempre, pensou, e o coração parou de bater, sentindo um desmaio. Catarina, vendo a mãe fraquejar, correu a puxar uma cadeira para a sentar e gritou a um dos criados que lhe trouxesse uma água de canela do armário de medicamentos.

Mas mal a mãe melhorou, saiu da sala em passo rápido, subiu as escadas já a correr, fechou à chave a porta do quarto e lançou-se sobre a cama.

De súbito, foi como se um terramoto tomasse o seu corpo frágil e delicado, que os soluços faziam tremer. Mordia a fronha da almofada com força, enquanto a voz embargada ia proferindo os nomes dos seus guardiões, misturando os seus santos pessoais com os da Santa Madre Igreja:

- Pai, paizinho, Nossa Senhora da Conceição, meu querido Teodósio, Joana, onde estás, Joana? Porque é que me deixaste sozinha? Como é que vou ser capaz de deixar a mãe e os manos, meu Deus, onde me meti, com que inconsciência disse que sim e fiquei feliz com tudo. Não quero, não quero partir, não quero ver este emissário de Charles, não quero ser olhada e fiscalizada por dom Francisco, não posso abandonar Afonso. Afonso, Nossa Senhora das Candeias, ilumina-o, toma conta dele, que sei que lhe vão fazer mal...

O som da sua própria ladainha surtia sobre si um efeito calmante, e aos poucos o peito deixou de ofegar, os olhos inchados fecharam--se, o choro e os gemidos diminuíram de intensidade, e Catarina adormeceu. Fechada no seu quarto, trancada por dentro, na esperança de que ninguém fosse capaz de a roubar à prisão que escolhera para si.

Acordou com o barulho de alguém que lhe batia incessantemente à porta. Acordou confusa, estranhou a luz que vinha da janela, perguntou a si mesma o que fazia deitada, em total desalinho, a meio da tarde, e de repente recordou tudo. Assustada, pôs-se de pé de um salto, e antes de abrir a porta, que se não abrisse em breve seria deitada abaixo pela guarda, olhou a medo para o rio: era dali que ia partir, era ali que já a esperavam.

Do outro lado da porta encontrou D. Leonor em pânico.

- Que ideia, dona Catarina, fechar-se assim por dentro, como uma criança pequena que não abria a porta por nada! Veja-me esse vestido, já absolutamente impróprio, e esses olhos, menina, o que vamos fazer a esses olhos, quando o almirante inglês a quiser conhecer?

- Hoje? Já? Não pode ser amanhã? Qual é a pressa? - As perguntas saíam nervosas e em catadupa.

D. Leonor fez sinal à criada que vinha com ela, para que fosse à cozinha

fazer um chá:

- Não me tragas infusões. Um chá preto, do Oriente, bem forte, que dona Catarina precisa de se recompor depressa...

Fazia tudo para manter o tom de voz controlado e frio: o que seria delas se também ela se entregasse às lágrimas, deixando abrir a barragem que as continha com tanto esforço? Não era altura para abandonar a sua menina ao desespero. O que tinha de ser feito tinha de ser feito, e era cumprir ordens da rainha o que D. Leonor se dispunha a fazer.



Catarina não conseguia, nem meses, nem anos depois, descrever o misto de tristeza, esperança e confusão das semanas que anteciparam o seu embarque.

Sabia dizer que gostara de conde de Sandwich, o almirante que comandava o Royal Charles, o navio em que estava destinada a embarcar. Recordava-se que a tinha impressionado bem, no fim de tarde em que viera ao Paço da Ribeira, num cortejo de 40 coches, prestar os seus cumprimentos a Sua Majestade D. Afonso e beijar as mãos às duas rainhas. Gostara de ver o almirante tratar o irmão com a deferência que toda a gente parecia esquecer, a elegância com que o olhara directo nos olhos, em lugar de se perder na observação mórbida dos seus óbvios defeitos físicos.

Recordava-se de como a presença de sir Richard Fanshawe e da sua rechonchuda, simpática e muito grávida mulher lhe tinha oferecido uma sensação de segurança, pela qual estava muito grata. Lembrava-se de o ter dito assim mesmo ao tradutor, que transmitira o seu comentário ao casal, e do sorriso meigo e maternal com que lady Fanshawe a recompensara, enquanto puxava de um lencinho bordado para secar os cantinhos dos olhos.

Recordava-se da felicidade na cara da mãe, nos últimos tempos tão marcadas de olheiras, quando chegara a notícia de que a frota do Brasil entrara pela barra com os porões a abarrotar. Percebeu, só então, a angústia de Luísa com o seu dote, proporcional à alegria que sentia quando sabia que aportava a Lisboa a sua redenção. Lembrava-se de como se

emocionara ao perceber que a mãe escondia de si as angústias do dinheiro que não tinha, para a poupar a preocupações, sentindo--se invadir por uma onda de reconhecimento por ser filha daquela mãe, tão exigente consigo mesma, mas tão generosa, tão mãe-galinha quando se tratava de proteger os seus pintainhos.

Tinha uma recordação vaga de festas, convites, cerimónias, e até de uma tourada em pleno terreiro, a que o almirante assistira de uma varanda, mesmo ao lado daquela que ela partilhava com Afonso e Pedro, e do divertimento que lhes provocara a perplexidade do inglês perante aquele ritual, que confessava corajoso, mas estranho: porque corriam atrás de um touro, em lugar de se enfrentarem em duelo, homem contra homem?

Tinha bem presente a conversa que tivera com Sandwich no corredor que ligava as varandas e em que o almirante parecia chocado com o facto de terem morto 13 touros, oferecendo a sua decapitação à rainha de Inglaterra. Perante os comentários do almirante, Catarina confessara-lhe que a obrigava a pensar pela primeira vez na vida no assunto, que, pelos vistos, quando se cresce entre as coisas há tendência para as aceitar sem as questionar. Recordava-se do silêncio que se seguira a essa troca de palavras: suspeitava que ele, tal como ela, tinha tomado consciência então de quanto a nova rainha teria de aprender os hábitos do seu país adoptivo, e quanto teria de explicar dos seus próprios.

Depois havia as missas. Ficara-lhe a impressão de que a sua devoção tinha sido posta à prova naqueles meses. Não havia padre, nem bispo, que não quisesse rezar uma em sua homenagem, para não deixar que os festejos lhe passassem ao lado. Marcara-a o Te Deum magnífico, celebrado na capela real, repleta de flores e de gente engalanada. Tudo isto por mim?, recordava-se de pensar constantemente, mas não esquecera também que a resposta nunca lhe tinha parecido óbvia.

Marcara-a o povo de Lisboa. Contagiado pela excitação, durante dias e noites celebrava afinal o casamento que tantas dúvidas parecia ter causado, com foguetes que cortavam os céus estrelados, e a música que invadia os bairros e as ruelas. Lembrava-se bem das descrições que lhe faziam das excursões de populares que iam até ao Mosteiro dos Jerónimos para observar os navios ingleses, as bandeiras ao vento, o maior de todos com o nome do rei Charles de Inglaterra, que fora remodelado para

acolher com luxo D. Catarina. Coisas faladas pelos marinheiros que chegavam a terra para beber o vinho português, meter conversa com as raparigas e dançar nos bailaricos, onde se sentiam contagiados pela alegria dos portugueses.

Lembrava-se, ai como se lembrava, da voz colectiva que uma tarde lhe chegou do terreiro, e de como tentara guardar para sempre a imagem daquele espaço repleto de gente, de cores, de bandeiras. Tinham sabido, antes dela, que a data do casamento por procuração, aquele a que poderiam assistir, e que portanto faziam questão de viver como se fosse o único, estava marcada para dia 23 de Abril. Na Sé de Lisboa.

Ah, e gravara na memória o momento em que da janela vira a frota inglesa fundear, com pompa e circunstância, mesmo em frente do paço, onde fora recebida por uma salva de quarenta e cinco tiros dos canhões em terra. Se fechasse os olhos ainda via esvoaçar ao vento as bandeiras que cobriam as muralhas do terreiro, a maior de todas presa do torreão filipino, o torreão de todas as memórias - sempre a bandeira do pai, que nunca conseguia recordar sem emoção.

Durante aqueles meses sentiu que agia como um autómato, marioneta nas mãos dos senhores do protocolo. Tudo estava pensado, preparado e ensaiado: Catarina de Bragança desceria a encosta do castelo na sua caleche real, de onde sairia no paço, para atravessar a pé uma pequena ponte construída nos jardins, passando ao bergantim que a levaria ao Royal Charles, ladeada pelos seus irmãos, o rei D. Afonso VI de Portugal à sua direita e o infante D. Pedro à sua esquerda. Se a maré e o tempo o permitissem, nesse mesmo dia o conde de Sandwich levantaria âncora, porque, como o mesmo lhe confessara, o regresso estava atrasado e o rei de Inglaterra era um homem impaciente.

Também lhe cabia fingir que não percebia porque é que se adiava o embarque.

62

Royal Charles, rio Tejo, 20 de Abril de 1662

Sandwich andava de um lado para o outro da cabina do seu navio, a noite escura do lado de lá da escotilha. Raios, a rainha D. Luísa tinha mesmo conseguido contagiá-lo com suas insónias, porque desde que percebera que levava apenas metade do dote e uma promessa - de que a outra metade seria entregue em Londres dentro de um ano - também o almirante não pregava olho. Como explicar a um rei sedento de dinheiro líquido, pronto a gastar, que lhe trazia mercadorias, especiarias, canela, chá e açúcar, em lugar de ouro? Pior do que isso, que transportava apenas uma parte do acordado, quando o contrato que o rei lhe dera para ler estipulava de forma bem clara que ou o dote era o estipulado e entregue antes do embarque, ou não havia embarque, nem casamento...

Sandwich sabia que não era viável desocupar Tânger, dar todo este ano de manobras militares e de deslocação de uma frota até Lisboa como perdido. Era, pelo menos, esse o argumento de força com que tencionava justificar a sua decisão de ignorar o que estava escrito e assinado pelo seu rei e pelo embaixador português, que insistia em levar quase como refém, e decididamente como bode expiatório, do acordo por cumprir. Mas a verdade é que o irritava a consciência de que ele, um oficial da marinha inglesa, um homem íntegro que servia o seu rei e fugia das intrigas da corte, tinha afinal um coração de sabão: não tinha coragem de humilhar a princesinha, que caso fosse deixada em terra seria imediatamente enviada para um convento, porque nenhuma outra casa real europeia aceitaria um enlace com uma mulher rejeitada pelo rei de Inglaterra.

Desesperado com o sono que não vinha, apesar dos pequenos goles de vinho do Porto com que o tentara induzir, sentou-se à sua secretária de bordo, abriu de novo o seu diário e releu o que tinha escrito: «A rainha tem 23 anos e meio e chama-se Catarina, Catherine. É morena, de faces rosadas, belos olhos negros e um ar de infantil inocência.»

Catarina, como o embaixador Fanshawe aliás já tinha previsto, tivera

sobre Sandwich o mesmo efeito mágico do que sobre ele e a mulher: cativara-o irremediavelmente, mas não ao ponto de o fazer perder a razão. No dia seguinte jantou em casa do embaixador de Inglaterra e pediu a Fanshawe que lhe emprestasse uma secretária, um tinteiro, uma pena e uma folha de papel. Era obrigatório que escrevesse ao rei, na secreta esperança de que fosse o chanceler a ler a carta e a filtrar, passando a Charles e ao Parlamento apenas uma parte do seu conteúdo, como lhe pedia numa outra missiva particular e secreta. Contou tudo como queria que ouvissem a história, para garantir que já fizera chegar os seus mais veementes protestos a Sande, que, embora concordando com ele, confirmava que as exigências eram impossíveis de cumprir. O almirante elogiava, pelo menos, a franqueza dos portugueses: aqui ninguém tentara enganar ninguém, não se escondendo dos aliados que os cofres estavam vazios e levariam tempo a voltar a encher. Dava conta ao seu rei de que um judeu, de nome Duarte da Silva, com excelentes contactos comerciais com Inglaterra e que, felizmente, dominava a língua, se preparava para lhe entregar «letras de câmbio, como garantia, mas que se recusara a aceitar. «Dessas temos muitos» respondi. Prefiro pedir à rainha-mãe que me dê a sua palavra de honra. Que deu, jurando pela saúde da filha, que sei que é o maior bem que tem nesta terra», escreveu Sandwich, sabendo da consideração do rei pelo pulso-de-ferro e a integridade da sogra.

63

Torreão dos Filipes, 22 de Abril de 1662

Catarina já não podia ouvir mais discussões. A corte parecia um autêntico ninho de vespas, em que damas, conselheiros, e até padres, moviam influências para serem eles os escolhidos para integrar a pequena corte que acompanharia a rainha a Inglaterra. Sabiam que o lugar trazia consigo prestígio e recompensa, e mesmo quando nenhuma razão mais oportunista os movia, queriam ir pela aventura, pelo desejo de quebrar o tédio e a rotina. Quem sabe, pensavam as mais novas, se um valido do rei de Inglaterra não lhes acharia graça.

Catarina achara-se com direito a ter uma palavra a dizer na esco- lha das damas que a deveriam acompanhar, dos sacerdotes e frades que queria para a sua capela, e até dos cozinheiros e das criadas de quarto. Luísa recusava-se sequer a ouvir a sua opinião, apesar da solidariedade de Pedro e Afonso que, por uma vez em coro, consideravam uma indignidade que a sua irmã não tivesse qualquer possibilidade de fazer valer os seus gostos.

- Mãe, não pode obrigar a Catarina a viajar um mês, numa cabina, com damas e aias de que não gosta - protestava Pedro.

- Que sentido faz que as missas sejam ditas por padres em quem não confia, ou que se confesse a alguém escolhido pela rainha de Portugal e não pela rainha de Inglaterra, que, caso não tenha dado por isso, é a minha irmã - acrescentava Afonso, num tom ácido.

Luísa, no entanto, jurava que era por amar a filha que não a podia deixar partir rodeada de doidivanas, de raparigas novas que não tinham experiência de vida para a poderem não só aconselhar, como chamar a atenção se fosse aliciada a desviar-se um milímetro do caminho da virtude. Escolheria damas viúvas, que não se encantassem elas próprias com algum nobre inglês ou fossem tentadas a comportamentos menos próprios. Já vira com os olhos que a terra havia de comer os vestidos que o genro achava

próprios, e não podia permitir que a infanta de Portugal se apresentasse naqueles preparos - que julgariam da mãe que a educara?

Temia que os membros da Igreja apontados pela filha fossem demasiado parecidos com frei Pedro, gente generosa e boa, mas pouco firme de costumes. Um pouco modernos para o seu gosto - num reino de hereges, a rainha estaria sob constante ataque, e eram necessárias pessoas que por nada deste mundo transigissem. A rainha-mãe desejava, acima de tudo, a felicidade da filha, mas não a custo da sua alma! Tudo menos isso.

Os três irmãos trocaram entre si ares de cumplicidade e enfado, e Catarina fez questão de lhes agradecer a ajuda. Tocara-a muito aquele momento em família, que tanto lhe recordara o tempo em que viviam sob o mesmo tecto e partilhavam tudo.



Terá sido essa nostalgia que a levou a subir devagarinho as escadas até à sala do torreão filipino. Mais do que na sala da música do pai, era naquele sítio que lhe apetecia refugiar-se do rebuliço, das arcas, do cheiro a naftalina que parecia ter enchido o paço.

Empurrou a porta, que abriu com um ranger das dobradiças ferrugentas, e olhou a sala vazia. Sentou-se numa das cadeirinhas que todos tinham usado em crianças, cadeiras alentejanas encarnado-vivas, pintadas com as flores de cores garridas que tanto lhe lembravam esse paraíso perdido, e que vivera sobretudo por interpostas pessoas, mas que nem por isso era menos poderoso - Teodósio contando os passos da fachada, Joana a roubar-lhe as laranjas, frei Pedro, sereno, que lhe pegara ao colo (embora todos lhe dissessem que era pequena de mais para poder ter retido aquela memória). Até da visita à Senhora das Candeias, os pés descalços no chão da ermida, as memórias pareciam agora voltar tão nítidas, que até encolheu os dedos dentro dos chapins que já se habituara a usar.

Nessa noite, Luísa chamou-a aos seus aposentos, dando ordens para que ninguém entrasse. Catarina engoliu em seco quando a camareira--mor da mãe fechou a porta e correu as cortinas. Sozinha com a mãe era mais difícil

esconder os seus sentimentos, resistir à vontade de lhe implorar que esquecesse tudo, que usasse o pretexto do dote para cancelar o casamento, que a deixasse ficar junto de si, em lugar de a entregar nas mãos do marquês de Sande e de todos estes estrangeiros.

Luísa olhou-a de cima a baixo, como se quisesse decorar os mais ínfimos pormenores da sua única filha, para os guardar no coração e os chamar a si sempre que as saudades apertassem, como se chamasse a própria filha.

Contudo, ao ver as lágrimas a saltar dos olhos de Catarina mudou imediatamente de postura. Tivera um momento de fraqueza, mas recompunha-se. Não podia deixar que a filha entendesse o sofrimento que lhe causava a sua partida, a solidão imensa em que mergulhava, e que os seus filhos varões nunca poderiam preencher: ficara sem o marido, o herdeiro, Joana, e agora perdia, e para sempre, a sua muito amada Catarina.

- Catarina, já tenho a lista de quem vai embarcar contigo - disse, já recomposta, estendendo à filha três folhas de papel.

Catarina engoliu as lágrimas que sabia não lhe serem permitidas, e começou a ler.

- Mãe, se a senhora minha mãe queria que em lugar de comoção eu sentisse rancor, acertou na gente que colocou nesta lista - respondeu, consciente, pela primeira vez, de como a raiva era um sentimento muito mais agradável do que a ansiedade.

- Já to disse várias vezes, Catarina, podes ser rainha de Inglaterra, assinar assim as tuas cartas e documentos, mas quem toma esta última decisão sou eu...

Catarina corou e, com uma dificuldade enorme em manter a voz controlada, disse:

- A condessa de Penalva, dona Maria de Portugal não está mal. Tem idade para ser minha avó, mas gosto dela.

- Catarina - disse a mãe levantando a voz, em tom de aviso.

Mas nada seria capaz agora de travar Catarina:

- Escapa também a condessa de Pontével, dona Elvira de Vilhena. Mas as outras damas, mãe? O que fazem elas na Casa da Rainha? São feias, são velhas, não encantarão um único dos amigos de Charles. Antevejo que sejam apenas motivo de chacota na corte inglesa, com as suas roupas fora de moda, os seus guarda-infantes, como se temessem que alguém tomasse partido delas... mãe, é ridículo, quero Maria do Rosário e Maria do Carmo comigo, quero aias bonitas, que ho menageiem a beleza das portuguesas...

- Catarina, todas as tuas razões podem e devem ser usadas contra ti. Falas de guarda-roupas em lugar de almas, de guarda-infantes em lugar de imagens de santos, de vaidade em lugar de penitência e da confissão dos pecados. Filha, este casamento se for de amor tanto melhor, acredita que desejo que o seja, do fundo do coração, mas tu representas Portugal, um reino católico, temente de Deus, que tem outros valores que não o dessa gente que pensa primeiro em salvar o corpo do que em salvar a alma. Sugiro mesmo, Catarina, que te confesses antes de partir...

Catarina engoliu em seco. Fora educada nestas verdades, que faziam parte de si, e se conseguia entender que algumas não faziam qualquer sentido, porque não eram nem vontade de Deus, nem garantia de que uma alma franquearia as portas do Céu, sentia sempre uma enorme culpa quando a mãe a acusava de ser egoísta, de pôr as suas vontades e os seus desejos à frente dos de Portugal e da Igreja.

Mas não queria ceder. Lembrava-se bem de como frei Pedro lhe dissera que não gostava de rezar aos pés de Cristo crucificado - não havia justificação para nada disto. Não era uma criança, nunca dera um sinal de leviandade, nem de que se fosse entregar a um caminho de devassidão, só porque penteava o cabelo de outra maneira ou tinha prazer num vestido bonito. Respirou fundo, decidiu adoptar uma postura «à Afonso», cuja rebeldia agora entendia melhor e continuou a ler:

- O marquês de Sande por acaso tem sido uma revelação, começo a gostar mais dele, embora possa ser insuportavelmente vaidoso e me continue a tratar como troféu pessoal.

- Lá estás tu, Catarina. Deves ao marquês tudo...

- Ou ele a mim! A ver vamos, o que lhe devo... ainda não cheguei a Inglaterra - ripostou uma Catarina, subitamente feliz com a sua insubordinação. Como sabia bem dizer estas atoardas que milagrosamente a libertavam daquele nó que há meses lhe apertava o peito e a impedia de respirar. Numa voz propositadamente monótona, continuou a ler:

- Ora, muito melhor me parece esta lista de homens, mãe. As damas inglesas vão ter mais sorte do que eles... Nuno Cunha de Ataíde, Francisco Correia da Silva, Ricardo Russel - ah, o father Richard, que alívio, sempre levo comigo o meu professor de inglês e um tradutor gentil, que faz tudo para não me humilhar. Além disso, Charles reco mendou-o na carta, não foi? Ficará contente que venha de novo comigo.

- Recomendou e a recomendação foi aceite, porque foi nomeado bispo de Portalegre - respondeu Luísa, que pessoalmente era também uma admiradora da inteligência e diplomacia daquele «inglesinho».

Catarina continuou, agora mais interessada:

- Henrique Zevout, porquê, mãe?

- Porque foi vedor da mãe de Charles, a tua sogra Henriette Marie, que espero que trates com a consideração com que o teu marido me tem tratado a mim. Sendo católica, poderá ser a tua maior aliada.

- Diz-se mesmo que foi ela que convenceu Charles a casar comigo, não é?

Luísa respirou fundo por várias vezes, lembrando-se dos dois milhões de cruzados:

- Duvido que tenha tido uma influência decisiva, mas certamente Charles nunca teria optado por Portugal se a mãe se opusesse a Roma.

O resto da lista incluía médicos (que bom, gostava de António Fer- reira, que fora médico do pai e sentia-se mais segura com ele a bordo), alguns padres do Convento da Arrábida, de quem gostava, embora lhe fizesse falta o seu frei Pedro, pensou triste, músicos, criados, criadas, cozinheiros formando uma companhia de cerca de cem pessoas.

- Mãe, cem pessoas? Não será de mais? Já falou deste número ao

almirante?

- Cem pessoas que te vão acompanhar. Já o disse ao conde de Sandwich, que é um cavalheiro e nem pestanejou. Serão divididos, segundo as tuas necessidades e o seu estatuto, pelos diferentes barcos.

De repente, Catarina sentiu o coração acelerar:

- Falta uma pessoa importante - disse, agitada.

- Quem? - respondeu a mãe

- Edward Montagu, claro, o meu estribeiro-mor, enviado por Charles com a missão de me acompanhar...

Luísa olhou para Catarina ligeiramente preocupada: o que levava a filha a falar do ruivo desta forma acalorada? Levantou os olhos ao céu e de repente, sem saber como, nem porquê, recordou-se de Duarte. De como fora importante tê-lo próximo, vê-lo, ouvir a sua voz nos primeiros tempos de casada. A associação que fizera só podia confirmar o que o seu coração de mãe pressentira, e não apenas uma coincidência de nomes...

- Catarina de Bragança!!!

- Stuart - acrescentou rapidamente a filha, com o primeiro sorriso do dia.

- Catarina, senta-te aqui para conversarmos um pouco.

Catarina assustou-se: não tinha vontade nenhuma de conversas pantanosas, que a fariam perder o controlo das suas emoções.

- Mãe, vai explicar-me tudo sobre o casamento - disse, tentando rir.

Luísa levantou o queixo da filha com o dedo:

- Tenho a certeza, Catarina, que sabes o suficiente... mas o que te queria dizer, o que te queria dizer - e à mãe, habitualmente tão fluente, pareciam faltar as palavras -, o que te queria dizer é que os primeiros tempos de um casamento não são fáceis.

- Tenho a certeza que são mesmo muito complicados - anuiu Catarina.

- Charles possivelmente não será um marido com todas as qualidades de um marido católico - continuou Luísa, já mais firme.

Catarina assustou-se:

- O que é que quer dizer com isso, mãe? Que me vai ser infiel? Que me vai impor a tal Palmer?

Luísa franziu o sobrolho, horrorizada, quem contara tudo isto à sua menina?

- Já que estás a par das suas indiscrições, queria só dar-te um conselho: finge que não vês, os homens têm desejos a que, às vezes, uma mulher, por muito completa que seja, não consegue corresponder...

Catarina, pálida, protestou:

- Não tem de ser assim, por isso se faz votos, se faz promessas...

- Pois sim, minha filha, mas Charles terá tido uma educação demasiado liberal, não teve a mãe por perto...

Mesmo que tivesse tido, pensou Catarina, recordando-se do comportamento dos irmãos...

- Mas o importante é que ele faça a distinção clara entre a rainha, a única que deve ter lugar nas cerimónias, nas ocasiões de Estado, nos aposentos reais, e as outras...

- As outras? Mãe, o pai teve uma «indiscrição», como a mãe diz, não...

- Catarina, não fales do que não sabes, nem sequer desejes coisas que não conheces. É bem pior que a mulher escolhida pelo nosso ma rido seja alguém por quem ele nutre admiração ou encanto, do que satisfaça as suas necessidades com dezenas de mulheres indignas, que fazem disso a sua profissão...

Catarina ficou sem fala. Pediu licença para se levantar, e a mãe, num impulso, puxou-a contra si. Catarina deixou-se escorregar até ao chão e, pousando a cabeça no colo da mãe, desfez-se em lágrimas. Luísa debruçou-

se por cima do seu corpo, as mãos afagando os ombros e as mãos da luz dos seus olhos, e chorou também.

64

Paço da Ribeira, 23 de Abril de 1662

Pediu o pequeno-almoço na cama. Luísa nunca lho havia consentido, defendendo que a preguiça era a mãe de todos os vícios. Mas hoje era diferente. Hoje sabia que podia pedir tudo, como tudo é permitido a uma criança no dia de anos, ou quando recupera de uma doença que deixou a todos com o coração nas mãos. D. Leonor já tinha desistido de conter as lágrimas, Afonso, na véspera, chorara como um menino pequeno, e Pedro andava atrás de si, como um cachorro gigante, tal qual o Teo que lhe havia dado quando ele fizera seis anos. Frei Pedro vestia o hábito mais escuro e fundia-se contra as portas ou os reposteiros à sua passagem e Catarina fingia que não o via, entrando no jogo que permitia que nem um nem outro submergissem à emoção que os tomava. Carminho, a sua companhia de tantos anos, agarrava-se-lhe ao vestido, como se a quisesse ainda mais pequenina do que era, do tamanho de lhe voltar a pegar ao colo. As criadas afadigavam-se no arranjo dos últimos baús, os pregos de latão polidos até brilharem, os saquinhos de alfazema para que a roupa que usaria na viagem, e sobretudo à chegada, cheirasse a fresco. Toda a outra bagagem já repousava nos porões dos navios que baloiçavam ao vento, mesmo em frente da janela. Catarina embrulhara ela própria a sua imagem da Senhora das Candeias, deixando-a à mão, porque sabia que precisaria de toda a força da Santa para suportar a partida, a viagem, a chegada, o futuro. Num outro canto da arca, as cartas de Charles - quando duvidasse de tudo mergulharia de novo em cada uma das linhas escritas pelo seu marido, e teria coragem para mais um dia...

O pequeno-almoço na cama, com um raminho de laranjeira entre o guardanapo de linho bordado pelas irmãs do Convento das Chagas, que recebia sobre as pernas tapadas pela manta de Monsaraz, de cores garridas, que insistia que lhe cobrisse sempre a cama. As costas encostadas nas almofadas de penas, roubadas aos patos do paço alentejano, os olhos negros e enormes presos na tapeçaria pendurada na parede do seu quarto. Queria guardar todos os pormenores, como que pintados de forma indelével - como gostaria de saber manusear um pincel,

um lápis que fosse, para retratar tudo. Então, nos dias em que as saudades se tornassem insuportáveis, passaria as folhas do seu caderno e encontraria em cada página um objecto favorito, a flor lilás dos rosmaninhos, a fachada do paço, o coche em que Luísa chegara de San Lucar, e as caras, a cara do pai, de Teodósio, de Joana, de Afonso e de Pedro. Não pintaria a mãe, concluiu, a mãe nunca poderia ficar contida num retrato - eram coisas de mais para caberem numa imagem só.

Olhou, de novo, o tabuleiro do pequeno-almoço, e desta vez viu. Viu a carta, a letra de António Vieira que reconheceria em qualquer lado, e sentiu uma paz imensa. Mesmo sem a ler sabia que Vieira a protegeria, mesmo se nessa ilha para onde ia não fosse compreendida ou aceite.

Abriu com uma mão o sobrescrito, enquanto com a outra segurava a fatia de pão fresco e geleia de marmelo em que dava trincas minúsculas, na esperança de que durasse, durasse para sempre aquele sabor a casa. Sorriu: era típico do jesuíta. Quando esperava uma homilia, conselhos para a vida de casada, ou de como missionar numa terra de hereges, Vieira surpreendia-a com um poema em latim: «CC - Ao felicíssimo casamento de D. Catarina com o rei de Inglaterra, Charles II. Auguro no duplo CC duzentos anos de Império, e caso se convertam num único, torná-lo-ão eterno.»

Catarina chamou D. Leonor e começou a dar ordens. Hoje ia dar ordens. Ia cumprir todos os seus desejos. Ia recusar protocolos, brincar com tudo o que fora proibido, ia chamar Afonso e Pedro e passeariam no jardim dos buxos, e sem ninguém ver havia de os convencer a tentarem apanhar os peixinhos encarnados do tanque. Como a mãe lhe contava que Teodósio fazia no claustro de D. Jaime. Depois, obrigá-los-ia a lançar de novo o peixe à água e ela, Catarina, ficaria a vê-lo nadar, ao sol de Lisboa.

65

Sé de Lisboa, 23 de Abril de 1662

Era isto casar? Ser vestida a rigor, penteada e pintada, coroada com colares e pulseiras, usar sapatos de salto alto, e sorrir, sorrir o tempo todo. Ir à varanda acenar ao povo que se juntava no terreiro para a saudar, eufórico por um dia de festa, estender a mão a beijar a embaixadores e senhores, aceitar as felicidades de damas envoltas em tafetás e rendas, olhar para o Terreiro do Paço, para o seu terreiro, e perceber que as carruagens eram tantas, que onde uma começava a outra acabava, como um tigre que tenta morder a cauda.

Casar sem marido, acompanhada dos irmãos, Pedro apertando-lhe o braço e mal escondendo as lágrimas de um lado, Afonso do outro, trajado a rigor, pois os olhos de todos iam dela para ele, como se esperassem que naquele dia tudo lhes fosse revelado.

Procurava recitar para si própria esta lengalenga, a que ia acrescentando os acontecimentos à medida que eles se iam sucedendo, para tentar calar a dor imensa que sentia dentro de si. A magia resultava, intercalada por ave-marias e pais-nossos, mantendo-a como que distante de tudo.

De que outra forma poderia ser? Se não estivesse anestesiada de algum modo, como suportaria a ideia de que este abraço que agora dava à mãe seria o último? Separaram-se no patamar das escadas, a rainha-mãe não quis descer, nem participar na cerimónia da Sé, não podia arriscar-se a desfazer-se em lágrimas diante de todos.

- Filha, meu amor, fico a ver-te da janela, vou seguir-te pela calçada acima e pela calçada abaixo, quando atravessares o jardim os meus olhos estarão em ti, e depois não deixarei, nem por segundos, de os manter presos no barco onde viajas. Continuarei a ver-te, enquanto as ondas baterem no casco, e estarei contigo quando, finalmente, puseres os pés em terra firme, nesse lugar onde o teu marido te espera, onde darás à luz os

meus netos, e nunca ninguém que te conheça esquecerá alguma vez o nome de Portugal.

Catarina não respondeu. Dobrou o joelho até ao chão e beijou a mão da mãe. Afonso levantou-a, e Pedro deu-lhe a mão, como fizera tantas vezes em pequeno. Viraram as costas, e Catarina não se voltou mais. Mas sentia os olhos da mãe em si. Naquele dia e em todos aqueles que viveu.



Sandwich estava fascinado: de onde aparecera tanta gente, tantos coches, cavaleiros, soldados fardados a rigor, tapeçarias estendidas das janelas, arcos de flores que moças rosadas e de trajes coloridos seguravam de um lado e de outro, para que a rainha de Inglaterra passasse por baixo? A carruagem da rainha partira do Pátio da Capela, seguia pela Rua Nova, subia a calçada em direcção à Sé.

- Quantos sinos tem esta cidade - protestou o almirante Sandwich, colocando as mãos sobre os ouvidos e procurando fechar as janelinhas da carruagem onde seguia, mesmo atrás da de Catarina, ou não fizessem, ele e Fanshawe, o lugar do noivo nesta cerimónia protocolar mas que para os portugueses representava tudo.

- Que toquem. Que o povo se divirta, que beba e dance. Merecem, coitados, o seu suor contribuiu para o dote da infanta, e que enriquecerá os cofres de Charles, sendo-lhe dado, espera-se, bom uso - respondeu-lhe o embaixador inglês, com a voz ligeiramente amargurada.

O marquês de Sande fingiu-se entretido com os laços dos sapatos, enquanto lady Fanshawe limpava as lágrimas que já lhe tinham começado a cair.

- Mulher, poupa-me essas lágrimas para quando eu fugir com outra - gracejou o embaixador inglês, ansioso por aliviar o ambiente e disfarçar a gaffe diplomática de que tinha sido autor.

Sandwich ajudou, comentando:

- Até eu ia chorando quando vi a forma digna como a rainha de Portugal

e Sua Majestade de Inglaterra se despediram. Muito sinceramente, pareciam inglesas - acrescentou, sorridente.

D. Francisco sorriu também. De facto, D. Luísa de Gusmão devia possuir algum antepassado nórdico, pela capacidade que revelava de sempre pôr o dever à frente de tudo, de conter as suas dores, para não contagiar com elas os outros. Sinceramente admirava-a e servia-a com toda a dedicação.

Fanshawe, como que lendo os seus pensamentos, rematou:

- Dom Francisco deve estar orgulhoso do seu trabalho. Tenho a certeza de que foi a sua persistência, aliada à visão de Sua Majestade, a rainha-mãe, que permitiram que este dia chegasse a acontecer, acredito que para felicidade dos nossos dois reinos.

O marquês de Sande fez-lhe um pequeno cumprimento com a cabeça, enquanto Sandwich pensava: «De facto, só tu é que levavas o rei a assinar um acordo destes, e a mim, almirante da armada inglesa, a voltar para casa com apenas metade do trabalho cumprido.» Mas o mais estranho é que o pensamento não o angustiava.

Quando a carruagem parou, os seus ocupantes apressaram-se a sair. Sandwich tomava discretamente notas e à noite escreveu no seu precioso diário:

«Apeámo-nos e fomos à frente, ficando eu colocado imediatamente antes de D. Pedro. O rei de Portugal conduzia a rainha de Inglaterra pela mão, e próximos da porta, quando íamos a entrar, todos pararam. Eram aguardados por padres, que traziam consigo uma cruz, sob um rico pálio, suportado por seis outros padres. O rei, a rainha e D. Pedro beijaram a cruz, ajoelhando-se sobre uma almofada. Subiram para o lugar do coro, numa varanda de onde se via toda a igreja, e o rei e a rainha sentaram-se, lado a lado. O conde da Ponte e o visconde, não sei bem o seu nome, levaram-me para um aposento especialmente preparado para que descansasse enquanto se celebrava a missa.»



A porta tinha sido aberta no muro do jardim, propositadamente para aquele dia. Assim, a rainha de Inglaterra podia descer do coche no terreiro, rodeada do seu povo, sem de que dar a volta para chegar ao jardim, onde fora construído um pontão, a que estava atracado o bergantim real.

- Catarina, foi neste que chegaram pela primeira vez a Lisboa? - perguntou Pedro, com a voz trémula.

Catarina olhou o barco e sorriu, como se de repente estivesse livre de tudo aquilo, e nos braços de Carminho, naquele dia de Natal que marcara o início de uma vida nova para todos os Bragança.

- Foi, Pedro, foi neste. O pai veio buscar-nos à Aldeia Galega. Eu era demasiado pequena para me lembrar de tudo, mas os manos contaram-me tantas e tantas vezes, que é como se me lembrasse de verdade. O pai, vestido como hoje está o Afonso, como nunca o tinha visto, o seu sorriso meigo, feliz e preocupado, ansioso por ter junto de si a mulher e os filhos. Nunca fomos de nos separar muito, e em Vila Viçosa só as idas à caça o tiravam de casa...

Afonso não quis ficar de fora da conversa:

- Acho que tenho muitas coisas do pai, não achas, Catarina?

Pedro teve vontade de tossir de reprovação, mas Catarina fulminou-o com os olhos, comprando o seu silêncio:

- És sensível e bondoso como o pai, Afonso. Tens a sua cor de cabelo e de olhos, a dele e de Teodósio. Sabes ser leal e justo e tenho a certeza que o pai se vai orgulhar da forma como vais governar o reino...

- Agora sem ti ao lado, não sei - murmurou o rei.

- Mas à distância de uma carta, Afonso. Se calhar, vamos dizer muito mais um ou outro por escrito do que temos dito cara a cara - disse-lhe Catarina, apertando-lhe a mão com força.

Mas a conversa tinha de acabar. Aportavam ao Royal Charles, e Catarina, que nunca pusera um pé num barco daquele tamanho, embora os contemplasse todos os dias, ficou deslumbrada. No convés já a esperavam

aqueles que iam viajar com ela, e o almirante estava pronto a fazer-lhe uma visita guiada.

Catarina abriu a boca de espanto: parecia uma casa, a sala, o quarto, os magníficos tapetes que cobriam o chão de madeira, as paredes forradas a damasco, a cama, enorme e convidativa. Richard Russel servia de tradutor.

- Sua Alteza, espero que seja muito feliz nesta viagem - disse Sandwich, beijando-lhe a mão.

- Serei, certamente, tratada desta maneira não há razões para que o não seja - respondeu, formal, Catarina.

Lá de fora chegava o barulho do ribombar dos canhões do James e do Henry, dois dos outros barcos da frota inglesa, os apitos das fragatas e das faluas que circulavam em redor dos maiores, os gritos das pessoas que invadiam a pequena praia, saltando o muro que dividia o terreiro do rio, apesar da guarda, que tentava manter a ordem. Catarina quis ir ver, mas o almirante foi firme: a partir de agora Sua Alteza estava confinada aos seus aposentos. O nó na garganta apertou-se e Catarina, com a força que herdara da mãe, solicitou:

- Então, por favor, deixem-me sozinha.

As ordens das rainhas mereciam obediência. Afonso e Pedro estavam tão ansiosos como ela por ficarem sozinhos, por se refugiarem no paço, onde poderiam esconder as emoções num canto menos exposto, num quarto mais escuro, num banco da capela. Despediram--se como se fossem encontrar-se de novo amanhã, no dia seguinte, e naquele que viria depois desse. Contendo as lágrimas, disseram um «até logo», no tom mais coloquial que conseguiram. Era assim que a mãe dissera adeus à sua única filha, era assim que fariam também. Horas depois, e pela primeira vez desde que era bebé de colo, o rei de Portugal soluçou no ombro da sua mãe, o braço em redor dos ombros do irmão mais novo. António Vieira e frei Pedro assistiam à cena, de um canto da sala. Sabiam que este milagre seria breve.

D. Maria bateu à porta do camarote e, entrando, fingiu que não via as lágrimas de Catarina.

- Sua Alteza, trago-lhe um chá, bem forte, e uma carta da rainha--mãe.

Catarina, que mantinha os olhos no chão, deu um salto, esticando a mão, ansiosa:

- Uma carta da minha mãe? Meu Deus, meu Deus, muito obrigada, muito obrigada, dona Maria.

Maria de Portugal fez uma vénia e suavemente fechou a porta atrás de si. - Pobre princesinha, que sorte a dos reis, que não a invejo nem por um minuto, mesmo partindo eu também, murmurou.

Catarina contemplou o sobrescrito fechado como quem tem medo de precipitar o prazer para se descobrir de novo sem nada. Virou-o e revirou-o e notou, escrito na margem, em letrinhas pequeninas, quase como uma mensagem secreta, as palavras da mãe «carta de saudade estando a filha ainda embarcada».

Mordeu o lábio com força.

Bebeu mais uns goles do chá quente a que, por indicação do médico, D. Maria acrescentara umas gotinhas de láudano, que as emoções deste dia eram imensas para uma mulher tão frágil, dissera o bondoso doutor António. Sem saber o que bebia, sentiu-se sossegar, e procurou o conforto da cadeira, abrindo as cortinas para deixar entrar a luz da sua cidade. Sorriu com afecto quando percebeu que eram bordadas com a sua inicial e a de Charles, entrelaçadas num monograma. Precisava de se concentrar no amor do marido, no futuro. Aconchegou--se e com todo o cuidado abriu o sobrescrito e começou a ler, co movida e espantada com a forma como a mãe, sem barreiras, lhe falava pela primeira vez do desgosto de a ver partir, do seu imenso amor por ela.

Minha Catarina e Todo Meu Bem,

É tal a minha desgraça que até ver esse navio desta janela, de que me sirvo muito desde que entraste para o barco e me deixaste, me deixa sem ar. Mas que Deus seja louvado por tudo aquilo que quer que eu padeça, e só tenho que lhe pedir paciência, tão necessária para o trabalho que tenho ainda pela frente, tão contrário ao meu ser, e acredita, filha minha, que se não fosse esta prisão te seguiria pessoalmente. Os teus irmãos estão já

cheios de saudades, e Pedro chorou muito e pediram-me licença para que os deixe voltar ao barco de novo, o que permiti com grande inveja minha, mas sei que essa sorte não me foi reservada. Espero que todos tomem bem conta de ti, e não te esqueças de guardar na tua memória como és e serás sempre a minha Catarina, que Deus me deu.

A tua mãe, que muito te ama,

Rainha

Bendito calmante. As lágrimas quentes sabiam a sal mas não a enchiam de desespero. A mãe amava-a, os olhos dela seguiam-na, Deus estava com ela, e António Vieira profetizara um casamento feliz. Deixou a cabeça encostar às almofadas e fechou os olhos, a carta no colo.

Quando D. Maria a veio espreitar, sorriu. Não deixaria que hoje mais ninguém a incomodasse. Mais tarde dar-lhe-ia uma canja, ajudá--la-ia a vestir a sua camisa de dormir e, se tudo corresse bem, o amanhã chegaria com uma rainha descansada e cheia de força.

Catarina acordou confusa, que barulhos eram aqueles, porque baloiçava tudo? Ao lado da cama, uma das suas criadas dormia num sofá. Perguntou:

- Teresinha, sonhei ou ouvi a voz do meu irmão Afonso a cantar à minha janela?

Teresa, que a conhecia de menina, afagou-lhe o cabelo, num gesto que deixava claro que para ela Catarina seria sempre e apenas «a sua menina», e respondeu:

- Credo, dona Catarina, não sonhou, não. O rei veio no bergantim, com muitos músicos, e tocaram e cantaram para si, mesmo aqui de baixo da sua janela...

Catarina escondeu a cara na almofada e pensou: Como está desperdiçado o valor e o amor do meu irmão.

No mesmo dia, o almirante escrevia no seu diário:

«A 24 de Abril o vento e o temporal eram fortes de mais para podermos

partir. Mas levantámos ferro pelas 10 horas e fomos fundear diante de Alcântara, e o rei e D. Pedro vieram a bordo.»

Não poderia ter escolhido um sítio mais perfeito: da escotilha do seu camarim Catarina despedia-se da Quinta de Alcântara, que tanto lhe lembrava o pai.

Mas era a mãe que agora a surpreendia. Pedro entregou-lhe, quase envergonhado, um outro sobrescrito, com as palavras «Sua Alteza» esborratadas certamente pelas lágrimas da mãe. Catarina engoliu em seco, e Afonso tossiu:

- Se fosse a ti guardava essas cartas para quando tiveres motivo para chorar, agora ri-te, fala connosco, conta-nos como é ser prisioneira num barco em pleno Tejo.

A irmã piscou-lhe o olho, agradecida, e jogaram xadrez toda a tarde. A carta, essa, ficou na mesa-de-cabeceira, intocada. Afonso tinha razão: se lhe era pedido que suportasse esta longa e penosa viagem, que ao menos vivesse plenamente cada minuto que passava com os seus adorados irmãos. Além do mais, eram o pretexto de que precisava para justificar não receber mais ninguém. Por minutos ficou pensativa: de todos aqueles que estavam embarcados só havia um que seria bem-vindo - Edward Montagu. Os ares do mar estavam a fazer--lhe mal, pensou.

O almirante do Royal Charles veio de manhã dizer-lhe que iam partir. Estavam a 26 de Abril de 1662, e três dias a balouçar no Tejo já o punham nervoso, a ele e à sua tripulação, e à de todos os outros barcos. Era preciso sair dali. Aliás, já tais eram os comentários e as graças que os seus homens às escondidas murmuravam contra a feiura das damas da Casa da Rainha, que temia que em algum impulso algum deles atirasse uma pobre senhora aos tubarões... Só a simpatia da rainha poderia servir de antídoto, de facto, porque não acreditava que nem o gosto, nem o vocabulário do seu rei, aprendidos em aventuras como estas, fossem muito diferentes dos da sua tripulação!

Cá em baixo, de onde a rainha de Inglaterra não podia sair, não fosse uma gaivota raptá-la do barco, como comentava a rir, ouvia-se os pés dos marinheiros no convés, o barulho dos cabos e das enormes velas içadas para apanhar o vento.

Nas salas contíguas conseguia escutar o choro das damas, os gritos das criadas quando o barco adornava e tudo parecia virar-se de pernas para o ar. Deitou-se na cama, uma almofada em cima da cabeça, apenas os olhos de fora, e abriu uma das duas cartas:

De lado, de novo, na letra certa e firme da mãe, uma nota: «Carta de grandes amores e encarecidas saudades da partida da Filha.»

Continuou a ler:

Filha minha, e todo o meu Amor.

Sem ti o que será de mim? Não te volto a falar da minha dor permanente para não te cansar, nem te contagiar com ela, basta o que fazem os outros, e deixo à tua consideração ponderares o que sofri para não te mostrar como me custava ver-te partir.

Catarina deu por si a rir: será que a mãe pensava que depois de mais de vinte anos juntas, não era capaz de lhe ler os pensamentos, mesmo quando tentava disfarçar os seus sentimentos? Querida mãe.

A página seguinte estava cheia de pormenores mais práticos, mas a sua parte favorita eram os «fins». Nunca imaginara ouvir da mãe, ou melhor, ler, tais declarações de carinho. Como era possível que Luísa escrevesse coisas como «a tua Mãe que só a ti idolatra, Luísa que pertence a Catarina».

Fixou o dossel da sua cama, como que hipnotizada. Lá fora os sons de vida continuavam, e durante um tempo Catarina tentou identificá--los e dar-lhes nome. Depois respirou fundo e estendeu a mão para a última carta recebida, a última que havia de receber pelo menos até chegar a Inglaterra. Mas aí teria Charles.

Esta começava com a sua frase favorita - «Minha Catarina dos meus olhos» e continuava numa confissão tão franca que era comovedora: «Eu sei sentir melhor as saudades do que declará-las.» Para D. Luísa de Gusmão esta admissão era extraordinária, como era importante que fosse capaz de lhe dizer que esperava que ela soubesse o quanto a amava. Mais triste era quando escrevia que sem ela a solidão seria insuportável, porque a filha sabia que a mãe não mentia, e que nem Afonso, nem Pedro seriam capazes de substituir a sua presença - se ao menos tivesse noras

simpáticas, netos...

Havia, contudo, um sinal de esperança: a filha ainda não tinha saído da barra e a rainha-mãe já se queixava do peso das suas ocupações, das noites passadas de volta dos papéis e dos documentos. Só mergulhada na sua actividade frenética encontraria a paz de espírito para aguentar estas semanas sem notícias de Catarina e tantas pessoas de quem gostava perdidas no mar.

Catarina leu várias vezes as palavras finais - mais uma vez a cereja em cima do bolo:

«Deus te guarde, minha filha, e te dê a sua bênção, que eu vou à capela pedir que assim seja, e rezar, que é a única coisa que me consola.

A tua mãe que te adora,

Rainha.»

66

Paço da Ribeira, 30 de Abril de 1662

No paço as águas estavam tão turbulentas como aquelas que o Royal Charles atravessava. António Vieira fora fiel à promessa feita na Quinta de Alcântara: era preciso expulsar António Conti de Portugal. Neste momento viajava já para o Brasil. Com ele seguira também o seu irmão João, mais uns tantos. O seu tempo tinha acabado, como lhes dissera pessoalmente o jesuíta, e era melhor recomeçarem uma nova vida longe do que passarem o resto dos seus dias a apodrecer nos calabouços da Torre de Belém.

Estava Vieira a acabar de lhe dar os pormenores da operação e já os gritos de Afonso se ouviam à distância. Quando soubera da partida de Conti, daquele que acreditava ser a razão de ser da sua vida, contra tudo e contra todos, Afonso correra ainda ao cais de embarque. Quantas vezes lhe jurara o italiano que nunca o deixaria sozinho - não duvidava o rei que o tinham levado preso, agrilhoado no porão do barco. Culpada só podia haver uma, a mãe, que por ódio, ódio que não entendia, o queria privar do trono e da felicidade, só podia ser.

Frei Pedro procurara consolá-lo, explicar-lhe que era uma decisão tomada pelo Conselho de Estado e pelos tribunais, que a relação prejudicava o seu exercício de rei, mas Afonso nem o ouvia. Tentara exortá-lo a seguir o exemplo de Catarina, embarcada num barco rumo a um destino tudo menos certo, mas Afonso afogara-se dentro de si mesmo, dolorosamente consciente das suas deficiências físicas, das suas limitações, da falta de amor verdadeiro e eterno.

De uma coisa tinha a certeza, António Vieira havia de pagar, tinha a certeza que só podia ser ele a armar toda esta cilada. De uma forma ou de outra destruiria todas as muralhas protectoras que a mãe construíra em redor do jesuíta. Havia de pagar caro ter-se intrometido na sua vida, na vida do rei de Portugal.



Gritou ao reposteiro-mor que lhe abrisse a porta do salão de Luísa, mas Luísa não estava. O homem, assustado com os gestos descontrolados do rei, o cabelo em pé, as vestes em desalinho, achou que era melhor abrir as portas de par em par, para que o rei constatasse que estava vazia.

A rainha-mãe fechara-se na capela, colocando um guarda em frente de cada porta de entrada. Ajoelhada frente à Cruz do Santo Lenho, que o marido mandara fazer em homenagem à determinação, à alegria e à inteligência de Teodósio, chorou todas as lágrimas que há tantos anos guardava. Também ela carregaria a sua cruz.

Chegara a hora de partir, de se refugiar num convento, onde encontraria a paz que tanto ambicionava. Estava cansada de disputas, do trabalho, dos papéis, dos documentos para ler e assinar, estava cansada, tão cansada e tão sozinha, Deus meu. Levantando-se, as pernas dormentes das horas passadas de joelhos, aproximou-se do tabuleiro das velas. Acendeu uma delas e colocou-a aos pés da imagem de Nossa Senhora da Conceição, a quem pediu, quase num grito:

- Senhora minha, guarda, de noite e de dia, a luz dos olhos meus.

«Se ao menos não o amasse tanto!»

II PARTE

CATARINA, RAINHA DE INGLATERRA

(1662 – 1685)

1

Portsmouth, 14 de Maio de 1662

Edward empurrou dois senhores, pediu licença a um grupo de damas, furou o caminho entre validos, duquesas e marqueses, que não deixavam por um minuto que fosse a antecâmara do camarote real. Quase um mês de viagem, a suportar o mar picado e o vento forte que adornavam o Royal Charles como se fosse uma casca de noz e provocavam vómitos, a «corte» que embarcara em Lisboa e não saía daquele espaço fechado, sempre à espera de fazer chegar aos ouvidos de Sua Majestade os seus queixumes e a sua má-língua.

Finalmente, a porta de carvalho. Bateu com força e gritou, para reforçar a sua importância: vinha a mando do almirante, e trazia novas.

D. Maria abriu-lhe a porta, mas ordenou-lhe que falasse baixinho. Depois de vinte dias de uma viagem para esquecer, Catarina finalmente adormecera.

Edward Montagu estava longe de falar bem português, mas o que conhecia da língua já chegava para apontar para terra e exclamar:

- Chegámos. A rainha precisa de saber que vamos aportar.

O reposteiro de veludo pesado foi puxado para o lado por umas mãos pequeninas e delicadas, e a cara de menina de Catarina surgiu por detrás dele:

- Edward, chegámos onde, chegámos a Inglaterra?

O estribeiro-mor da rainha corou até à raiz do cabelo, a cara tão encarnada como os seus caracóis, e respondeu subitamente gago:

- É isso mesmo, Sua Alteza. Estamos a umas horas do porto. O almirante queria avisá-la com tempo, para se preparar. Muito ao longe já se ouve foguetes - acrescentou, feliz.

D. Maria apontou-lhe a direcção da porta. Que se passava aqui, Santo Deus. O estribeiro julgava-se camareiro, e a rainha, a rainha falava com o sujeito como se fosse um velho amigo. Teria de lhe recordar a necessidade de marcar a distância em relação aos súbditos, sob risco de não a respeitarem? Logo aqui, numa terra de estranhos.

Fechou a porta com força, não sem antes chamar as criadas. Preparava-se para o sermão quando Catarina lhe lançou os braços em redor do pescoço e implorou:

- Dona Maria, deixe lá, tenho muito tempo para fazer tudo como a senhora quer. Deixe-me ser feliz. Já pensou que vou conhecer o meu marido, aquele por quem espero desde que nasci - acrescentou num tom teatral. As criadas que traziam a água quente e as toalhas para o banho comoveram-se, atrevendo-se a um tímido sorriso a que Catarina correspondeu com outro mais rasgado, fingindo não ver a desaprovação que causava em D. Maria e D. Elvira.

Mas a batalha prometia. Catarina insistia em usar o vestido do decote acentuado que Charles lhe mandara mas que a mãe ordenara que fosse colocado no fundo da arca, numa tentativa de a fazer esquecer aquele vestuário impróprio. D. Luísa subestimava a filha. Catarina não esquecia, e sabia ser tão teimosa como a mãe.

- Julgaram que nunca mais me lembrava dele? - perguntou, irritada. - Pois assim, é bem feito, têm dois trabalhos: escondê-lo e voltar a encontrá-lo. Já, já!

Ninguém se atreveu a desobedecer.



Chegavam os apitos dos barcos de pescadores que os vinham receber à barra. O estrondo dos foguetes enchia já o camarote, mas agora eram as pancadas delicadas de Sandwich na porta que Catarina escutava.

- Sua Alteza, pedia-lhe que me desse a honra de subir comigo ao convés...

Catarina deixou que lhe apertassem um colar magnífico em redor do pescoço e que a criada lhe passasse uma última escova pelo cabelo, mas não queria fazer esperar o almirante. Na bolsinha de mão colocara discretamente a miniatura de Charles e as suas cartas - queria levar consigo o bocadinho dele que já era seu, como que um certificado de garantia e validade...

Na ponte, a rainha olhava a costa e pestanejava com a intensidade da luz depois daqueles dias de clausura. Era tudo tão bonito, tão verde, tão diferente, dizia entusiasmada ao bispo. E Russel, seu professor de inglês, repetia «lovely», «green», «so di f ferent», e ambos riam. Pequenina, as costas hirtas e os punhos cerrados com o nervosismo, sentia-se protegida entre o marquês de Sande e o conde de Sandwich.

Foi Sandwich que lhe apertou o braço delicadamente, enquanto com a outra mão apontava um ponto preto na água:

- Sua Majestade, o rei Charles II de Inglaterra, vem ao seu encontro no bergantim real.

Catarina sentiu vontade de dar pulos de contentamento. A viagem chegava ao fim e o marido vinha buscá-la, não contendo sequer a impaciência de a aguardar em terra, ou em casa...

O marquês de Sande pedira um óculo, e um nó apertou-se na garganta, por baixo daquele outro, esse dado no lenço de seda que lhe fechava a camisa: o rei não estava no barco, apenas o irmão James, o duque de York, o príncipe Rupert, que há muitos anos buscara em Lisboa protecção contra Blake, e uma série de outros, alguns conhecidos, outros nem tanto... Deveria dar a notícia, suavizar o embate, ou ficar calado e deixar que o novo cunhado fizesse as apresentações e transmitisse pessoalmente as desculpas do rei?

Uma troca de olhares com o almirante chegou. Charles não tinha emenda, pensaram em simultâneo, sem que nenhum o dissesse alto.

Catarina, rápida, percebeu que a expressão na cara dos dois homens tinha mudado:

- O que foi, digam, por favor? Digam-me antes que o bergantim encoste

ao Royal Charles... Sua Majestade não está nele?

Sandwich teve uma pena imensa do desapontamento da rainha, que tão corajosamente suportara aquelas semanas de suplício, os dramas do dote, a incerteza da aventura em que embarcara, mas decidiu-se pela franqueza. Com Catarina era melhor assim:

- Não, Sua Alteza, Sua Majestade não vem no bergantim.

- Estará em terra, nos preparativos.

Que ingénua criança, pensaram angustiados os dois homens, e pensou-o também Edward Montagu, um pouco atrás da comitiva que se formara no convés.

O almirante respondeu no mesmo tom:

- Duvido, dona Catarina. Algum negócio do reino o terá impedido de sair de Londres, mas enviou o irmão James, o único a quem confiaria uma tarefa tão importante como esta.

O único que lhe faria o frete, aflito pelos danos que a inconstância do irmão rei provocava nos outros, pensou Sande.

O barco já estava suficientemente perto para que as feições dos membros da comitiva se fossem definindo. Catarina sorria, mas era um sorriso que colara à cara, sabendo que não podia deixar transparecer, nem por um minuto, a imensa desilusão que sentia. Como era possível escrever aquelas cartas apaixonadas, pedir-lhe que viesse o mais depressa possível, deixasse mãe e irmãos e reino para trás, tão longe, tão longe, tão longe, e depois não se dar ao trabalho de fazer umas milhas para a receber? Quem era, afinal, este Charles?

Olhou para o marquês com um olhar zangado, como se o acusasse de a ter enganado, de lhe ter pintado um noivo que não existia. Sande respondeu, com um outro directo e frio, e disse alto, e num tom firme:

- Sua Alteza terá de me desculpar, mas não sou nem mãe, nem pai, do rei de Inglaterra!

Depois, com determinação, voltou a pegar no óculo. Tinha vontade de acrescentar: «Nem tão-pouco seu pai, que bem pedi que lhe contassem mais e a preparassem melhor para este rei e para esta corte tão diferente de tudo o que a sua imaginação seria capaz de antever!»



James, loiro, de olhos azuis, era o oposto do seu marido, pensou Catarina. Bonito, mas sem o encanto que adivinhara na miniatura recebida e, sobretudo, nas histórias sobre ele contadas.

O cunhado beijava-lhe a mão, e em castelhano - que alívio, falavam a mesma língua, podiam entender-se! - apresentou as desculpas do rei. Uma reunião urgente do Parlamento obrigara-o a permanecer em Londres, Catarina havia de entender a demora. Mas aqui em Portsmouth estava ele, o seu irmão de que era tão próximo, para lhe manifestar o agrado e a honra que Inglaterra sentia em recebê-la.

Catarina gostou do olhar sincero e claro de James. Não fazia teatro, não exagerava as desculpas, mostrava-se respeitoso e carinhoso. Além disso, sabia bem que as suas convicções eram próximas de Roma, o que fazia dele um potencial e poderoso aliado.

Catarina agradeceu num castelhano fluente a amabilidade da sua vinda. Depois virou-se para Rupert, com uma alegria genuína.

- Voltamos a encontrar-nos, dona Catarina - disse-lhe ele com uma profunda vénia.

- Venho devolver-lhe a visita que nos fez, agora que já conseguiu escapar ao pirata - retorquiu Catarina com a primeira gargalhada do dia.

- Nunca me vou esquecer da hospitalidade do seu pai - disse-lhe, sincero.

- Não imagina como é bom encontrar aqui alguém que o conheceu, que conheceu Lisboa - respondeu a rainha, subitamente nostálgica.

As horas que se seguiram foram apenas um nevoeiro confuso de nomes e conversas que não entendia, apesar do esforço de interpretação de

Richard Russel. Pensando bem, lembrava-se de a certa altura lhe ter dito:

- Por favor, não traduza mais, a minha cabeça já não assimila nem mais uma migalhinha de informação...

Russel sorrira-lhe, bondoso:

- Pobre dona Catarina, não me admira nada. O corpo ainda está habituado ao mar, essa sensação de não ter os pés bem assentes na terra é real. E esta gente toda, de uma vez, é de mais para um dia só.

O marquês de Sande percebeu igualmente o cansaço da rainha, e acrescentou:

- Dona Catarina, continue a sorrir e a agradecer, «thank you so much», como ensaiámos, que vou tentar tirá-la daqui o mais rapidamente possível.

O povo abriu alas, forçado pela guarda, e Catarina, delicada, morena como nunca tinham visto nenhuma, os olhos negros e cintilantes - «como estrelas», murmurou a mulher de um pescador, estendendo a mão para lhe tocar -, foi sorrindo à direita e à esquerda, enquanto o coração chorava pela mãe, pelo pai, por Teodósio, Joana, Afonso, Pedro; chorava pelos braços quentes da sua Carminho, pelas palavras de conforto de frei Pedro, pelo olhar protector de António Vieira.

James deu-lhe o braço e, num tom coloquial, sussurrou:

- Vamos fugir daqui depressa, cunhada...

Catarina virou para ele os olhos cheios de gratidão, e James pensou: Tem sempre sorte, este meu irmão. Não sei é se ela poderá dizer o mesmo.



A cunhada Anne Hyde, duquesa de York, recebeu-a à porta do Great Hall. A sua barriga de sete meses não lhe permitira subir ao bergantim, e muito menos a bordo, mas a sua presença naquele estado era sinal de imensa consideração. Fez uma vénia e preparava-se para beijar a mão à rainha, mas Catarina impediu-a. Russel deu-lhe a conhecer o

reconhecimento da rainha:

- Sua Alteza agradece-lhe imenso a sua presença. Espera que possam ser boas amigas.

A cunhada comoveu-se sinceramente. O chanceler seu pai pedira-lhe encarecidamente que tomasse conta de Catarina, e a ajudasse a sobreviver aos «tubarões», do sexo feminino e masculino, que rodeavam Charles, como comentara. «Procura protegê-la do próprio rei», chegara a dizer a mãe. Anne, que vivia na corte, percebia o apelo: como reagiria a infanta de Portugal, agora rainha de Inglaterra, ao ser obrigada a concorrer com as mulheres mais bonitas e mais debochadas do reino, escolhidas a dedo pelo próprio marido? A duquesa esperava, sinceramente, que Catarina não o amasse já, nem o viesse a amar, mas sabia que era difícil fugir da teia sedutora do rei. Temia, no entanto, que fosse tarde de mais. Mesmo sem perceber metade do que Catarina dizia, já entendera que as suas esperanças eram vãs. Bastava olhar para a forma como Catarina falava de Charles, apesar de o bandido nem sequer se ter dignado a aparecer, para entender que estava apaixonada, pior ainda, presa numa utopia que ela própria criara. Talvez fosse daquele género de pessoa que nunca acorda dos seus sonhos, pensou, esperançada.

Mas, meu Deus, perdera-se em pensamentos, e nem sequer retribuíra os cumprimentos transmitidos por Russel. Apressou-se a dizer:

- Por favor, senhor bispo, diga-lhe que estarei sempre com ela. Que me considere, por favor, como uma irmã.

Catarina sorriu com a resposta, e estendeu a mão para o ventre redondo da cunhada. Dentro em breve, dentro em breve, estaria também ela à espera do seu bebé, que Deus o permitisse.

Russel trocou olhares com Sande, que vinha atrás com a comitiva portuguesa. A aliança com a mulher de James era fundamental, por muito que, pela cara amuada das damas portuguesas, fosse já um sinal das forças que dividiriam Catarina: a corte portuguesa sempre à defesa, sentindo-se traída de cada vez que a rainha se aproximava do inimigo; e a inglesa troçando do provincianismo evidente dos recém-chegados.

Sabiam que era preciso equilibrar estas duas forças. Sabiam também

que o poder de D. Maria, D. Elvira, dos padres e capelães, confessores e músicos, poderia ser perigoso, porque nenhum deles hesitaria em usar o nome de D. Luísa de Gusmão para manipular a filha.

- Dom Richard, talvez na próxima homilia fossem importantes umas palavras sobre a necessidade de nos adaptarmos sempre aos costumes de quem nos recebe, nem que para isso deixemos alguns dos nossos hábitos para trás - disse baixinho o marquês de Sande.

O bispo riu:

- Curiosamente, sentia que era nesse sentido que Deus Nosso Senhor me apontava o caminho!

Entre dentes, Sande acrescentou:

- Falarão na mãe, e na vontade de Deus, para não abrirem mão do seu poder sobre a rainha. A própria já foi tão envenenada contra mim que não sei se me escutará, e temo por ela se não o fizer...

Russel tranquilizou-o:

- Nas nossas lições de inglês, que prosseguem a bom ritmo, tentarei ser um antídoto.

Sorriram um ao outro - a partir de agora tudo se faria por alianças, suspirou o marquês. Contra ou a favor da princesa, na corte portuguesa e na corte inglesa, a uma dimensão que mesmo os seus bons contactos teriam dificuldade em controlar. Que tomasse o Altíssimo conta do assunto.



Catarina entrou nos seus aposentos temporários e abriu a boca de espanto. Esperava encontrar um espaço modesto, já que não contava passar aqui mais do que uns dias, mas tudo tinha sido decorado para receber uma rainha.

Anne pensou, com uma ponta de raiva, que o seu cunhado era o maior encenador de teatro que conhecia, que ninguém lhe chegava aos pés

quando se tratava de desenhar o cenário ou declamar algumas deixas...

James estava agora a fazer as honras da casa e, em nome do rei, apresentou-a à sua camareira-mor:

- Lady Suffolk, nomeada por Sua Majestade para a ajudar a dirigir a sua Casa. Está à sua disposição de noite e de dia, e vai ajudá-la com os preparativos para o casamento, falar-lhe mais dos nossos costumes...

Catarina já estendera a mão a beijar à condessa. Era formal, fria, mas falava um pouco de castelhano, e a rainha tinha consciência de que se fora uma escolha do rei, não tinha outro remédio senão conquistá-la...

Apresentou D. Maria e D. Elvira à condessa, mas bastou observar a forma como se cumprimentaram para perceber as guerras que a esperavam. Anne observava tudo cuidadosamente, e teve vontade de sossegar a cunhada: nada do que ela dissesse ou fizesse teria importância nessa batalha de poder. Lady Suffolk assumira a gestão da Casa da Rainha, e não era preciso conhecê-la bem para saber que isso significava apenas uma coisa: ela, e só ela, mandaria.

Catarina suspirou, subitamente exausta. Tinham sido dias difíceis, e todas as forças seriam poucas para conseguir mover-se nestes terrenos movediços. Estendeu a mão para a bolsinha de mão e tacteou com os dedos o retrato de Charles: tudo seria diferente quando ele estivesse com ela.

Com firmeza virou-se para a gente que se reunira naqueles quartos e pediu:

- Retirem-se, por favor.

Até a condessa estremeceu. Como é que aquela menina delicada, de aspecto frágil, o vestido sofrível, o cabelo num penteado que já provocara gargalhadas nas damas inglesas, se transformava tão de repente, assumindo toda a força e a autoridade de uma rainha?

O marquês de Sande lançou-lhe um olhar de aprovação e Catarina apanhou-o no ar, sorrindo-lhe de volta. Talvez a tivessem enganado em relação ao embaixador. Fosse como fosse, observara bem como os ingleses lhe falavam com respeito e consideração: era nele que teria de recair o seu

conselho.

James, depois de umas palavras da mulher, dirigiu-se à camareira-mor:

- Lady Suffolk, sei que esta é uma missão diplomática difícil, mas julgo que hoje a rainha não tem forças para mais nada. Agradeço-lhe que ajude as senhoras portuguesas a tomarem conta dela, do modo que melhor entenderem fazê-lo. A rainha pode começar a aprender amanhã...

A senhora era tudo menos estúpida. Baixou a cabeça e assentiu. Mesmo começando só amanhã, tinha todo o tempo do mundo...

2

Londres, 15 de Maio de 1662

Em Londres, Charles andava de um lado para o outro do escritório, preocupado. Mas muito mais preocupado do que ele, como sempre, estava o pobre do seu chanceler, o pescoço afundado no corpo rechonchudo, como uma tartaruga assustada.

- Mas como é possível, Sua Majestade, que ainda esteja aqui, quando há dois dias a sua mulher desembarcou em Portsmouth? Quanto mais tempo vai empatá-la, obrigar o seu irmão - e calou «e a minha filha» - a fazer o papel que só a si lhe cabe? - dizia, transtornado.

Charles, como uma criança pequena, batia o pé e protestava:

- Para si é fácil, não é?

Hyde não via porquê. Fácil é que nada na sua vida lhe parecia ser.

- Não percebe que Palmer, que está prestes a dar à luz um filho meu, jura-me que se vai instalar em Hampton Court, para onde vou levar a minha mulher? Tenho de a distrair com jeito, com charme, com cuidado, sabe como ela é capaz disso e de muito mais, pobre Catarina...

Hyde rebolava os olhos nas órbitas. Este homem não existe!, comove-se com a mulher que não conhece, pelo sofrimento que só ele lhe pode evitar, tendo simultaneamente pena da maior chantagista do reino, com quem fornica todos os dias sob o olhar complacente do marido, e ainda por cima depois tem pena do bastardo e dá-lhe o seu nome, e uma pensão de dinheiro que não tem, e um título para compor o ramalhete, pensou. Mas o que dizia alto tinha de ser bem pensado. Só concordando com o rei, e usando de alguma ironia, seria capaz de o levar a agir como queria:

- Pois tem toda a razão, Sua Majestade. A rainha já esperou tanto tempo, espera mais um pouco, então. Ainda por cima em Portsmouth, uma cidade

magnífica, com uma vida social intensa e animada. Não mandou alcatifar de novo os aposentos e cobrir as janelas de reposteiros dos tecidos mais luxuosos? Não lhe enviou uma camareira-mor, damas, o seu irmão, a sua cunhada e toda a gente mais? Está certamente entretida, e é isso o que importa.

Charles olhou para ele, pronto a fulminá-lo, mas inesperadamente mudou de humor e soltou uma gargalhada:

- Só o meu chanceler me fazia rir no meio desta trapalhada. Hyde, você não tem jeito nenhum para a ironia. As palavras, em vez de esvoaçarem, parecem dardos atirados a um alvo. Homem, esteja sossegado, sei bem que não é bonito o que estou a fazer, mas...

- Mas... mas, Sua Alteza desculpe a franqueza, mas pressinto medo, medo do compromisso, medo de que a sua mulher seja maçadora, o canse, exija, o obrigue a mudar, quem sabe até a renunciar aos prazeres da carne, exigindo-lhe a fidelidade que pela primeira vez vai prometer, frente a Deus.

Charles deixou-se cair numa cadeira. Hyde acertara em cheio, tudo aquilo era verdade. Uma coisa era escrever cartas apaixonadas, empenhar-se para que a infanta fosse bem recebida, gastar o dinheiro que não tinha a mimá-la com presentes que lhe havia de entregar no dia do casamento, outra, completamente diferente, era sentir que o prendiam, o agarravam. Não conseguia prometer o que não tencionava cumprir. Por isso desenvolvera a arte de se autoconvencer daquilo que queria, segundos antes do momento do juramento, para poder prometer com toda a sinceridade. Infelizmente, logo depois mudava de ideias, de forma igualmente veemente. Contudo, esta estratégia permitia-lhe sentir-se, a todo o momento, absolutamente sincero!

Arrebatado por mais um desses acessos de menino bem-comportado, depois de um longo silêncio, que Edward Hyde não interrompeu, declarou:

- Vamos então a isso, Hyde. Hoje janto com a Palmer, ponho o ar mais displicente possível para combater aqueles ciúmes loucos, e depois salto para a sela e faço o caminho de uma vez só, sem parar. Amanhã estou lá...

- Loucura é essa ideia, que me desculpe Sua Alteza, vai assim sem

dormir, sem dar descanso aos cavalos e ao corpo? Porque não parte já, com calma...

- Lá está você. Quer mesmo ver a Barbara a dar à luz nos aposentos da rainha em Hampton Court, no dia em que a ingénua criança lá chega para passar a lua-de-mel?

- Sem querer intrometer-me, sir Charles, gostava de lhe lembrar que é rei. E dá ordens. Para serem obedecidas.

Charles suspirou:

- Hyde, poupe-me. Esta mulher é mãe dos meus filhos, é linda, é uma deusa na cama, arrisca tudo por mim... e, confesso-lhe, consegue ser tão persistente nos seus choradinhos, nas suas chantagens e lamúrias, que gostava de o ver a si metido nesta camisa-de-onze-varas. Além do mais, tem uma vantagem essa viagem desesperada até Portsmouth - exclamou, subitamente divertido.

- Por favor, elucide-me, porque não vejo nenhuma.

Charles estava de novo animado. Agora percorria a sala dando corda aos seus inúmeros relógios, que espalhava por todos os palácios, por todas as salas:

Rindo às gargalhadas, explicou:

- Pense lá comigo... Primeiro chego lá sujo, exausto, suado, sem dormir. Se fosse mulher, o que pensava?

- Que fizera tudo isso por mim - disse Hyde cumprindo o seu papel neste exercício.

- Exactamente! Não o comovia, tanto esforço, tanta dedicação?

Agora Hyde já ria também:

- Em absoluto, perdoava-lhe todas as suas falhas anteriores...

- Nem mais. Mas veja ainda. Caso a senhora seja horrível, só vimos retratos, lembre-se!, enfadonha e exigente, anuncio imediatamente que

tenho de me retirar para pôr o sono em dia...

- Ai, Virgem Santíssima - suspirou Hyde -, pobre rainha...

- Deixe-se disso, Hyde. Vai correr tudo bem. Se gostar dela, juro-lhe que me transformarei, que acabo tudo com a Palmer, que me torno num marido exemplar e fiel.

Agora era o chanceler que tinha vontade de rir, mas conteve-se. Acenou um sim conformado com a cabeça, e apelou à graça de Deus.

3

Portsmouth, 19 de Maio de 1662

«O corpo paga as desilusões do coração.» As mãos subiam instintivamente e tapavam os ouvidos, como se quisesse calar aquela voz. Bastava-lhe a dor de garganta, a febre que subira durante a noite, a sensação de ser uma criança frágil que cedia ao primeiro embate, quanto mais ainda ter de ouvir, dentro de si, a frase que tanto podia sair da boca de frei Pedro como da de António Vieira. O corpo manifestava-se contra aquilo que não podia dizer alto, mesmo que soubesse a língua: que não se sentia, nem de perto, a noiva das novelas romanescas que lera. Que as suas expectativas tinham sido goradas, que a tensão entre as damas, os olhares e os risinhos de quem a rodeava lhe tinham minado a confiança.

Mandara puxar os reposteiros da cama de dossel e tencionava ficar escondida e guardada, a imagem de Nossa Senhora das Candeias discreta em cima de umas confortáveis almofadas de penas, o retrato do marido escondido por debaixo das mesmas - não queria dar parte de fraca, nem de sentimental.

Quando não era a voz de frei Pedro que ouvia, era a da mãe: «Filha minha, julgas-te alguma mulher do povo que casa por amor, numa festa cigana que dura três dias e três noites? Estás ao serviço de Portugal e, acima de tudo, de Deus.»

Recusara o confessor. Num tom rebelde dissera-lhe que não tinha nada para confessar, e só por orgulho não lhe ordenou que fosse procurar o rei e ouvisse os pecados de Sua Majestade, que ela era inocente nesta farsa toda.

O médico receitara-lhe chá preto quente, a que juntara uns pós para a febre. Recusara-se a deixar que D. Maria e D. Elvira espalhassem pela sua Casa que estava doente. «Indisposta» chegava, desejava tudo menos visitas e atenções. Que a deixassem em paz!

No seu inglês inapto, fora mais simpática para com a camareira inglesa, porque não podia correr o risco de passar por uma rainha caprichosa. Pedira-lhe mesmo desculpa por não estar a pé e pronta para a missa das 7 horas mas, estranhamente, lady Suffolk parecia ter acordado diferente: sem os olhos do irmão do rei a vigiá-la, com o quarto vazio, fora mesmo carinhosa, passando-lhe a mão suavemente pelo cabelo. Hoje servia a nova rainha, mas já fora noiva, e era mulher e mãe. A espontaneidade e a inocência de D. Catarina comoviam-na. Era tão diferente das meninas que aos 15 anos chegavam à corte com ar de já saberem tudo o que há para saber sobre a arte de manipular os outros, e seis meses depois eram mestras na arte da sedução. Lady Suffolk era amiga da mãe de Charles, Henriette Marie, e não aprovava a licenciosidade do mundo que o novo rei criara em seu redor.

- Dona Catarina - disse devagarinho, num inglês pousado -, tem de acreditar que o rei não veio porque não pôde, mas tudo isto - e apontava para o luxo em seu redor - é sinal do amor e da consideração que tem por si.

Catarina sentiu os olhos encherem-se de lágrimas, mas não podia dar parte de fraca. Acenou que sim com a cabeça, mas pediu-lhe que fechasse de novo as cortinas.

«Sleep», disse em inglês, a palavra sozinha, de quem não se arrisca a mais.

Lady Suffolk puxou o reposteiro, dizendo-lhe:

- Vinte dias de enjoo e mar alto devem tê-la debilitado muito, Sua Alteza. Durma, durma, para estar ainda mais bonita para o seu casamento.

D. Maria entrava naquele momento, mas conteve-se. Era mais sensata do que as outras e sabia que era preciso abrir mão da infanta, dar-lhe espaço para se revelar e se tornar, aos poucos, rainha deste país tão distante, mas tão poderoso. Recordou, enquanto se sentava na cadeirinha a coser uma bainha de um dos vestidos que Catarina decidira que queria usar, o verso de António Vieira: se os dois C se entrelaçassem de facto, o poder de Catarina e Charles seria imbatível. Era preciso ter fé. E deixar que o remédio do Dr. António fizesse efeito.



Nan e Meg chegaram na mesma carruagem do que o embaixador Fanshawe e a mulher. Margaret tinha 15 anos, mas era mais alta do que Anne, mais velha dois anos, e os temperamentos de uma e de outra eram tão diferentes como o Sol e a Lua. Nan, como lhe chamavam sempre, era extrovertida, impulsiva, comovia-se facilmente, indignava-se com a mesma convicção, e estava atenta a tudo o que se passava - a ama chamava-lhe «a minha bruxinha», porque invariavelmente conseguia adivinhar o que a esperava e muitas vezes agir a tempo de evitar o que lhe desagradava. O cabelo ondulado de Meg, os seus olhos verdes, o queixo mais empinado e uma timidez que por vezes a impedia de se revelar tornavam-na misteriosa. Os homens viravam a cabeça quando passava, e ela tinha absoluta consciência do seu poder sobre eles. Nan, por seu lado, fazia amigos para onde fosse, desde o cocheiro ao duque que visitava o pai; Margaret acumulava pretendentes, a quem não dava, no entanto, confiança para mais do que um olhar platónico distante - ainda estava por nascer, dizia muitas vezes, o marido que lhe conquistaria o coração. Nan, essa, apaixonava-se com facilidade, pelas pessoas, pelas causas, pela cor de um vestido, o cheiro de uma flor, ou o desafio de subir as escadas a correr para ver quem chegava lá acima mais depressa.

O pai ordenara-lhes que estivessem caladas. Nan fora mesmo avisada várias vezes. Era preciso que soubessem guardar segredos, opiniões, irritações.

A estratégia era arriscada, mas Sande e Russel estavam a par dela - na viagem de barco tinham acordado que era preciso introduzir na Casa da Rainha, entre as damas inglesas, algumas que fossem, de facto, fiéis a Catarina. Era fundamental munir a rainha de aliadas capazes de falar as duas línguas, suficientemente inglesas para que as outras as aceitassem como parte do grupo, suficientemente sensíveis a Portugal para saberem o que estava em jogo.

- Espias? - protestara lady Fanshawe quando ouvira o marido conspirar com o embaixador português.

- Mulher, não digas disparates. Quais espias. Não é necessária

espionagem para saber o que os protestantes deste país pensam de uma rainha católica; não precisamos sequer de puxar muito pela cabeça para dar conta da superioridade e troça com que olham para a comitiva portuguesa de dona Catarina; que, ainda por cima, lamentavelmente não vai agradar nada ao próprio rei, porque são raras as mulheres novas e bonitas.

- Mas é ao rei que queremos servir, ou à rainha? - perguntava, acutilante, lady Fanshawe.

- Sem servirmos o rei não serviremos a rainha, porque Charles tem todo o tempo do mundo para se entreter com estas intrigas da corte, que a par do ténis, e da equitação, lhe ocupam o dia inteiro... já que pouca ou nenhuma paciência tem para os assuntos de Estado - respondeu o marido.

- Mas explica-me então onde vais encontrar essas raparigas, bonitas, inteligentes, inglesas, mas capazes de entender português, conhecedoras das duas cortes. Vais anunciar o pedido nas missas católicas romanas, ou mesmo nos jantares da corte?

- Não, minha querida - disse Fanshawe com uma voz melíflua que fez sorrir o marquês de Sande -, não vou falar nisto a ninguém. Vou recrutar as tuas duas filhas mais velhas e transformá-las em damas de honor da rainha.

Lady Fanshawe ficou branca, tão branca que o marido gritou a um dos criados que lhe trouxesse um copo de água com açúcar.

Reconfortada numa cadeira, a senhora reencontrou a palavra:

- Estás a referir-te a Nan e a Meg, às minhas queridas filhas? Damas de honor? - disse, entre o medo e o entusiasmo.

- Sou embaixador de Sua Majestade, escolhido por ele para o representar neste enlace, que o serve há tantos anos, aqui e no exílio, tenho a certeza de que não me negará esta vontade. Para te ser sincero, já tenho a carta...

- Sir Richard, quando é que deixa de me obrigar a fazer estas figuras de tonta, logo em frente de estranhos? Se tinha tudo tratado, para que é que

vem pedir, agora, o meu conselho? - ripostou, amuada.

- Pense bem, lady Fanshawe, de que valia encher-lhe o coração de esperanças, e depois desiludi-las...

- Realmente, senhor embaixador, a política do facto consumado é muito mais cómoda...

- Não tive tempo de conversar consigo, minha querida mulher, o bebé que nasceu há meses, a senhora ocupada com as nossas viagens para cá e para lá. Além disso, sabia lá eu que ao chegar a Inglaterra teria de correr a Londres para descobrir o que se passava com Sua Majestade.

- Já agora, o que se passa? - perguntou lady Fanshawe, aliviando o marquês de colocar a mesma questão...

- Sua Majestade teve de ir ao Parlamento, demorou-se, enviou-me agora, em pessoa, para dizer que chega hoje mesmo, mas mais tarde. Vem a galope sem parar para dormir ou comer - acrescentou na tentativa de impressionar a mulher.

- Mas enquanto estiveste com ele, e te pediu o favor de vires aqui apaziguar o coração despedaçado da pobre menina, aproveitaste para inventar o quê?

- Nada - disse Fanshawe, com o seu ar mais inocente. - Quer dizer, aproveitei o tempo para apresentar este meu pedido.

Depois, sorrindo para Sande, acrescentou:

- Quando a consciência de Sua Alteza pesa, é mais fácil levá-lo a decidir depressa e bem.

- Mas aceitou o quê, mais propriamente?

- Que as suas filhas, se consentir que assim seja, integrem o grupo de damas jovens, filhas dos Grandes deste reino, e sirvam com lealdade e dedicação a rainha - interveio Sande.

- Mas dizem que a corte de Charles é de moralidade duvidosa. Não há

pérolas nem pendentes que comprem a honra das minhas filhas - protestou a embaixatriz.

Sande e Fanshawe olharam para ela, fingindo-se chocados:

- Lady Suffolk é um senhora honrada, com filhos e netos até. Será a ela que entregaremos a vigilância das nossas meninas, mas de qualquer maneira garanto-te que, nem uma, nem outra, se deixarão levar por esses costumes, se é que não passa tudo de um boato mal-intencionado.

- Estiveram em Portugal, não falam propriamente português, embora Nan tenha encontrado com quem conversar em todas as esquinas, e Meg tenha lido imensos livros e dicionários, que prefere sempre a via académica - disse, divertida.

- Além disso, dona Catarina sabe que foram apresentadas à sua mãe, e que dona Luísa as elogiou muito, o que contará para formar uma boa opinião delas - acrescentou o marido.

Lady Fanshawe fechou os olhos e recordou o Tejo, as casas de Lisboa, as uvas deliciosas.

- Ficaram a amar o rio e o azul do céu - disse, pensativa.

- Perfeito - disse Sande, esfregando as mãos. - Agora só é preciso, lady Fanshawe, que nos faça o favor de lhes pedir que ajudem a rai nha a adaptar-se aos costumes ingleses, sem que isso a faça sentir que tem de trair os seus princípios e valores, a sua fé.

- Tenho pena da rainha, e se alguém a pode ajudar são, de facto, as minhas queridas filhas - concluiu, orgulhosa, lady Fanshawe...



Quando Richard Fanshawe pediu para ser recebido, porque trazia novas do rei, Catarina sentou-se mais direita entre as almofadas, pediu que lhe cobrissem os ombros com um manto e mandou-o entrar. Tinha uma imensa confiança na bondade deste homem, e na da sua mulher, que a tratavam sempre com um carinho tão maternal. O embaixador nunca lhe

dera a impressão de a olhar como um produto a negociar entre reinos, como tantos outros a olhavam.

- Dona Catarina, que triste vê-la deitada. Está melhor? - disse no melhor português que conseguiu.

Catarina estendeu-lhe a mão a beijar e mandou-o sentar, cobrindo-o de sorrisos de afecto.

- Que notícias tem? - perguntou.

- As melhores de todas. Sua Alteza já deixou Londres, e é tal a ânsia de a ver que cavalga noite e dia para cá chegar o mais depressa possível. Manda pedir de novo desculpas, e conta cá estar ainda hoje.

- Hoje - exclamou Catarina, horrorizada. O nariz estava vermelho de tanto assoar, a voz saía-lhe demasiado assobiada porque lhe doía a garganta, e não podia receber o rei de Inglaterra na cama, meu Deus.

- Vejo que a perturbei...

- Não, não, fico tão feliz, é só que - e sorriu timidamente - estou neste estado!

Fanshawe devolveu-lhe a simpatia:

- Está linda, acredite, dona Catarina. Além do mais, o rei tem o seu feitio - ia quase dizendo «as suas falhas», era preciso cautela com as palavras -, mas não há nada de que mais goste do que proteger uma dama frágil.

Piscando-lhe o olho, acrescentou:

- Deixe-se estar aí, que está muito bem, acredite que era o conselho que lady Fanshawe lhe daria...

Catarina perguntou-lhe então pela mulher e pela família:

- Posso contar-lhe uma coisa? Sabe qual é o nosso presente de casamento? As nossas duas filhas...

Catarina julgou não ter entendido o português tão cheio de sotaque

britânico do embaixador:

- Por favor, sir Richard, o que diz? Vai oferecer-me as suas filhas?

Chegando-se mais perto da cama o embaixador contou-lhe o seu plano. Teria em Ann e Margaret as suas maiores aliadas. Sabiam o português suficiente para se fazerem entender, conheciam a sua Lisboa, o seu Paço da Ribeira, o seu Tejo, mas também o Tamisa, Hampton Court, St. James, e os costumes deste novo reino.

Catarina sentiu a dor de cabeça melhorar instantaneamente: Nan e Meg, lembrava-se que era assim que os pais lhe chamavam, podiam ser para ela como irmãs mais novas. Não escutaria todos os seus conselhos, sabia bem o que queria, mas dar-lhe-iam o conforto da certeza de que não a viam como inimiga. Podia pedir-lhes que traduzissem o que queria dizer, que lhe dessem um palpite sobre como o cabelo se deveria usar, ou se era importante subir a saia ligeiramente. Mais do que tudo, sabia que possuíam o carácter recto e bem formado dos pais, e que estavam do seu lado.

Bateu palmas como uma criança pequena:

- É o melhor presente que já tive. Por favor, agradeça a generosidade a lady Fanshawe, que terá certamente algum desgosto em separar-se das suas filhas. - Como a minha mãe teve de me ver partir - acrescentou.

Fanshawe despediu-se com uma vénia. Pobre Catarina. Esperava que Nan e Meg lhe prestassem um bom serviço.



As senhoras da sua Casa tinham entrado numa agitação imensa ao saber, pelo marquês de Sande, que o rei chegava hoje mesmo:

- Terá de esperar - dizia D. Elvira.

Sande irritara-se:

- Pretende dona Elvira começar uma guerra entre marido e mulher,

talvez?

D. Elvira corou, zangada. Não gostava daquele homem, sobranceiro, altivo, convencido de que por dominar o inglês e conhecer estes bárbaros era superior a todos os outros.

- Não julgo, não, senhor embaixador - e evitou tratá-lo por marquês, promoção que, aliás achava um exagero de D. Luísa. - Tenho é a certeza de que a rainha-mãe não aprovaria que o primeiro encontro entre os reis fosse entre uma dona Catarina doente e acamada e Sua Alteza Real obrigada a sentar-se no fundo de uma cama...

Sande franziu o sobrolho - já começavam a usar o nome de D. Luísa para defender as suas próprias convicções. Respondeu-lhe, procurando controlar a irritação:

- Será, dona Elvira, mas o melhor é deixar de fazer planos para um rei que não obedece a nenhuns, nem àqueles feitos pelos seus conselheiros mais próximos. Vou para baixo esperar pelo rei, que deve vir exausto e impaciente. A bem da rainha agradecia-lhe que ajudasse, em lugar de dificultar, este encontro.

As palavras do marquês de Sande não surtiram qualquer efeito naquela gente. Era preciso deixar claro desde o primeiro minuto que a rainha não estava sozinha, que para chegar até ela mesmo o rei teria de passar por eles.

Quando as botas cardadas de Charles se ouviram nas escadas, a antecâmara dos aposentos privados de Catarina estava apinhada de gente: damas, músicos, médicos, padres e frades. Aparentemente, só as criadas e os cozinheiros continuavam o seu trabalho, no andar de baixo da casa.

James tentava acompanhar o passo do irmão, recomendar-lhe calma, e Sande dramatizava a doença, mas Charles vinha demasiado mergulhado no papel que tinha de representar para aceitar que lhe boicotassem a actuação.

- James, cala-te, por favor. Só pude vir agora, galopei vinte e quatro horas seguidas e queres mandar-me embora? Então e os protestos da indignidade que era abandonar a minha pobre esposa?

Russel continha com dificuldade a vontade de rir. Não havia no Mundo monarca mais caprichoso, mais teimoso, mas, apesar de todos os defeitos, mais adorado. Era talento raro, este de alternar dedicação com a mais absoluta leviandade - o charme capaz de o permitir não se vendia nas lojas.

Sande ia à frente, nervoso. Estava habituado à imprevisibilidade do monarca inglês, mas sinceramente continuava a desconcertá-lo.

Abriu a porta e pediu ao porteiro-mor para anunciar a chegada de Sua Majestade. As vozes silenciaram-se e as pessoas encostaram-se às paredes, nervosas, curiosas.

Charles, ao entrar, estacou:

- O que faz toda esta gente aqui? - exclamou bem alto, a voz forte e quente.

Sande explicou que os membros da Casa da Rainha velavam por ela, que estava, como Sua Majestade sabia, adoentada, mas o rei nem parou para o escutar.

Virando-se para uma senhora de cabelos brancos, perguntou:

- Onde está a minha mulher?

A senhora olhou para Russel, implorando tradução:

O bispo veio em seu auxílio:

- Dona Maria de Portugal, Sua Alteza.

Charles acenou que tinha entendido, mas insistiu:

- Vim ver a minha mulher, não manter conversa de circunstância com um grupo de pessoas que não me diz nada.

Baixinho, para o irmão, murmurou:

- James, diz-me de onde saíram estas criaturas todas? Não te disse que mulheres feias, nunca?!

O irmão não riu. Charles encolheu os ombros e, desistindo dos seus interlocutores, abriu alas e bateu à porta do quarto de Catarina.

Duas ou três damas atravessaram-se no caminho, como se fossem mártires dispostas a dar a vida para salvar a virgindade da sua senhora, mas o rei olhou-as, trocista:

- Não vou violar a minha mulher, vou visitá-la, conhecê-la apenas - disse-lhes num fluente castelhano que as deixou estarrecidas.

Catarina ouvia as vozes vindas ao longe, e enervava-se. Lady Suffolk colocava umas flores numa pequena jarra e pedia autorização à rainha para colocar a imagem da Senhora das Candeias numa mesa-de-cabeceira, que se podia estragar entre os lençóis. Catarina ainda lhe pediu que acendesse a vela do oratório, e depois, a medo, inquiriu em inglês:

- Ugly? Muito feia?

Lady Suffolk acenou que não com a cabeça. Também não teve tempo de acrescentar mais nada, porque as portas se abriram de par em par, e Charles, entre os gritos histéricos das damas portuguesas, marchou pelo quarto adentro.

Olhava para a rapariga frágil, o cabelo atado por uma fita de seda, o nariz encarnado como o de uma rena num dia de frio, os folhos em redor do pescoço que mais pareciam uma guilhotina. Pensou em virar costas, mas ficou preso nos seus olhos - eram sensíveis, meigos, mas revelavam também humor. Catarina, por dentro, divertia-se com toda aquela quebra de protocolo, e isso era um sinal de esperança, pensou o rei.

A rainha, de facto, não parecia minimamente embaraçada pela situação. Olhava para o marido e gostava do que via. Quando ouviu a sua voz profunda, gostou ainda mais. Estendeu-lhe a mão, e ele aproximou-se enfeitiçado:

- Mulher minha, peço-lhe as maiores desculpa por não ter conseguido chegar mais cedo.

Catarina derreteu-se com o tratamento carinhoso. Abençoado castelhano que neste momento era a sua tábua de salvação.

- Não fez diferença nenhuma. Obrigada pelo luxo dos aposentos e pela simpatia das pessoas, tenho sido muito bem tratada. Mas agora estou doente, não muito, e não vos posso receber de outro modo, que os médicos não deixam.

Charles sentia o seu impulso protector. Pobre criaturinha, longe de casa, doente, e nem uma palavra de recriminação. Não lhe apresentara imediatamente as contas do Deve e do Haver, como faziam tantas outras, e sorria, apesar da doença.

- Mas agora estou cá eu - disse, dando-lhe um pequeno piparote no nariz encarnado, que a pobre Catarina tentava impedir de pingar, acrescentando, divertido:

- Gosto de si, minha mulher. Vamos tratar do casamento já para amanhã, um bom motivo para a tirar da cama...

- Dos dois casamentos, Sua Alteza, do católico, o único que me importa se quer que seja sincera, e do outro - acrescentou Catarina subitamente aflita, com medo de ser obrigada a deitar-se com um homem, sem que a sua união tivesse sido abençoada pelo verdadeiro Deus.

Charles ia responder que tanto lhe fazia quem oficiava a cerimónia, porque para ele a religião pouco mais era do que uma maneira de levar os crentes à obediência, ideia que usava para chocar os clérigos que o rodeavam, mas hesitou. A pobre Catarina não precisava de conhecer já hoje todos os seus pensamentos...

- Claro, claro - sossegou-a. - Não me esqueci do acordado, embora a senhora sua mãe, e agora minha, se pareça ter esquecido de encher os porões dos navios como acordado...

Catarina corou de vergonha:

- As maiores desculpas, Sua Majestade, mas o que veio vale ouro. Açúcar, especiarias, remédios...

- E chá, ao que vejo - pela bebida que tem aí ao seu lado.

- Chá preto, arcas e arcas de chá, e serviços da porcelana mais fina para

o bebermos na corte...

Charles olhou, interessado. O chá bebia-se há muito em canecas grandes, nas melhores tabernas. Era caro, mas não estava ligado a nenhum hábito sofisticado, e muito menos a uma bebida da corte...

Generoso, pegando-lhe na mão, disse-lhe:

- Tenho muito a aprender com a minha mulher.

Catarina sentiu de repente a língua desatar-se. Não sabia se era dos pós do Dr. António, ou do efeito inebriante de ter, sentado na borda da sua cama, a mão na sua, o homem com quem ia partilhar a vida. Contou-lhe da viagem, da confusão que lhe fazia o céu nublado de Portsmouth, falou-lhe do barco, do vento e das ondas, dos irmãos e das irmãs, da ânsia que tinha em ter um cavalo só seu, e Charles, embalado na sua voz doce, no seu contentamento e na facilidade com que a conseguia fazer rir, sentiu-se embevecido. Não, decididamente, não alegaria cansaço para se ir deitar mais cedo ou voltar de urgência à capital. Catarina estava doente, precisava dele, e o rei sentia-se disposto a mimá-la, guiá-la, protegê-la da língua viperina daquelas mulheres. Sabia que se mostrasse o seu gosto pela rainha, mesmo o seu amor por ela, nem um dos seus cortesãos se atreveria a magoá-la. Nenhum deles a torturaria, pelo menos pela frente, com as intrigas da Palmer, com os seus filhos ilegítimos, ou as suas aventuras. Mas, sobretudo, sentia-se inundado pela felicidade que lhe provocavam sempre as boas acções. Ia ser o melhor dos maridos.

- Catarina, sinto que somos feitos um para o outro - exclamou, com o seu sentido dramático.

A pobre rainha quase desfaleceu de felicidade. Perdendo a vergonha, tirou de debaixo da almofada a pequena miniatura e, passando- -lhe suavemente o dedo pelas feições, disse-lhe:

- Charles, é preciso que um novo retratista o pinte. O rei é ainda mais belo do que neste quadro.

Charles sorriu. Eram tão ingénuas as palavras de Catarina, tão sinceras. Não criavam nele nenhum desejo de a possuir, de a arrebatar para a cama, mas antes de a proteger, como protegia a sua pequena Minette, a sua irmã

mais nova, lá do outro lado do Canal, nas mãos do detestável Orleáns.

Catarina percebeu logo a sua mudança de humor, e fez perguntas. Charles deitou-se ao comprido na cama, a cabeça apoiada sobre um braço, e falou da irmã.

D. Maria, que do lado de fora continha o seu escândalo e impaciência - onde já se viu isto, juntos, no primeiro dia, a meio da tarde, sem uma dama ou alguém que assista a rainha -, não resistiu e empurrou a porta.

Ao ver o rei, vestido, as botas enlameadas em cima da colcha bordada pelas irmãs do Convento das Chagas, deu um grito, e as outras damas acudiram com sais.

Charles olhou para Catarina, e os dois desataram a rir numa mesma gargalhada.



Nan e Meg tinham estranhado os primeiros dias nesta casa tão fria. Tinham instruções claras para não se associarem demasiado às damas portuguesas, mas sinceramente, como dizia Nan a rir, não precisavam de avisos. Já em Lisboa, no tempo em que lá tinham vivido, se dizia que as damas da corte de D. Luísa eram escolhidas por ela, o que significava que a beatitude estava sempre à frente da beleza, não fossem desviar o marido e os filhos do bom caminho. Mas as 15 damas inglesas, sob a supervisão de lady Suffolk, embora muito mais novas de idade, tinham quase todas transitado da Casa da Duquesa de York, e uniam-se como meninas de escola, desconfiando destas recém-chegadas.

- Ainda bem que nos temos uma à outra - murmurou Meg ao ouvido de Nan, quando se aconchegavam na cama comum que lhes fora atribuída.

- Graças a Deus. Acho que podemos sentir uma total empatia com a pobre da rainha, que deve estar tão perdida como nós. O pai deve ter contado com isto - murmurou Nan, que tinha dificuldade em adormecer sem que a mãe lhe aconchegasse os lençóis, mas não o podia confessar nesta camarata de raparigas que há muito pareciam ter cortado os laços com a família.

- Mas talvez venha a ser emocionante - entusiasmou-a Meg. - Há imensos homens bonitos, e tenho de confessar que estive distraída toda a missa a olhar para o irmão mais novo de lord Buckingham, que não é nada de se deitar fora.

- Estás louca - disse Nan, quase se sentando na cama, não fora a irmã a ter empurrado para debaixo dos cobertores...

- Louca estás tu, a gritar assim. Só estava a fazer um comentário, a ambientar-me, estas damas não falam de outra coisa senão dos bons casamentos que vão fazer, dos títulos que vão conquistar, pelos vistos é o objectivo de pertencer à Casa da Rainha.

- Não me oponho a que olhes para os rapazes, Meg, só que para o irmão de Buckingham é que nunca. Não ouviste nada do que o pai disse? Há dois partidos nesta história: os papistas, e os que detestam esta rainha e não a querem cá, os protestantes. Buckingham é um cínico, joga às cartas com o rei, elogia-o, mas está à espera da primeira oportunidade para envenenar a pobre dona Catarina. Amanhã, durante o casamento, olha mas é para o lord Balmoral, esse sim, ou mesmo para o marquês de Sande...

Meg bocejou de novo:

- Balmoral? Sande? Apanhaste sol de mais na cabeça, Nan, são mais velhos do que o pai!

Um «chiu» percorreu o dormitório. Lady Suffolk apagou as velas e, passando pela cama das irmãs Fanshawe, chegou-se mais perto e desejou-lhes um boa noite, numa voz suave. As irmãs pareciam merecer a sua confiança.

4

Great House, Portsmouth, 20 de Maio de 1662

Charles acordou bem-disposto. O dia estava lindo, pela janela aberta entrava o cheiro de frésias e glicínias que cresciam no jardim da casa mais imponente da vila. Chamou o criado, que lhe estendeu o roupão, e perguntou se a roupa estava pronta. E a cabeleira - Charles orgulhava-se de ter trazido com ele este costume francês, e ria de si mesmo quando se lembrava de que ordenara que todos usassem cabeleiras iguais às suas, ou seja, cabelos pretos, em cachos, abaixo dos ombros. Transformara um país de loiros num reino de morenos, contava, divertido, a quem o queria ouvir.

Casava dentro de uma hora, mas este era o seu casamento secreto, aquele que não podia atrair a atenção de ninguém, muito menos de Buckingham e daqueles que se sentiam ameaçados por uma rainha católica - pior ainda, de um rei enamorado por uma papista, que pudesse cair na tentação de, por amor, se deixar baptizar segundo o rito de Roma. Charles brincava com tudo, menos com a religião, dizia sempre o seu chanceler, porque sabia bem onde levavam essas guerras. Inglaterra já sofrera o suficiente com elas, e o rei queria um reinado de paz e sossego. Sem mais sangue a correr pela calçada.

Pouco lhe importava casar pela religião da sua mãe, aquela de que desconfiava, ligeiramente assustado, a que o irmão e a cunhada já se tinham convertido. O que o preocupava, verdadeiramente, eram aqueles votos. «Juro ser-te fiel, na saúde e na doença, até que a morte nos separe», eram palavras que lhe sairiam a custo. Mas Catarina merecia que as dissesse. E as cumprisse.



O oratório e um pequeno altar trazidos expressamente de Lisboa tinham sido montados nos aposentos da rainha, as portas vigiadas por guardas da confiança do duque de York. A lista de convidados incluía apenas a

comitiva portuguesa, James e a mulher e lady Suffolk.

Catarina ainda tossia constantemente, e o nariz não parava de correr, mas estava tão excitada que nada a conseguiria reter na cama, e o Dr. António dera-lhe autorização de se levantar, desde que se agasalhasse bem:

- Doutor António, tenho de usar um vestido de noiva, não posso tapar-me com um cobertor, embora talvez o meu marido achasse a manta tecida e bordada pelas freiras mais bonita do que aquela roupa que as costureiras de Lisboa acharam convenientes para a ocasião.

António Ferreira ria, divertido. Quando estava bem-disposta e feliz, Catarina ficava francamente encantadora. O seu corpo delicado e pequenino contrastava com os das damas inglesas, mas fora certamente a diferença e a sua elegância que tinham encantado Charles.

Confessara-se logo pela manhã. Pedira perdão pela impaciência, pela desconfiança, pela intolerância, por ter julgado que Charles a evitava quando o pobre rei se limitava a cumprir as suas tarefas de soberano. Pedira perdão por ter julgado o marquês de Sande com demasiada acidez, por não ter escutado com tanta dedicação as palavras de D. Elvira. Queria casar com o coração limpo, mas o confessor acabou por pedir-lhe que parasse:

- Já me parece excesso, tanto pecado, numa rainha tão nova, dona Catarina. Julgue-se com mais brandura, que o pai do Céu é pai e faz o mesmo.

Catarina pediu ao padre que os casava que fizesse uma pequena acção de graças por D. João IV, D. Luísa e os irmãos, os que já tinham partido e os que ficavam, implorando-lhe que não se esquecesse de rezar por Portugal, e reforçar quão importante era o apoio que esta aliança lhe traria na luta contra Castela. Só para si rezaria por António Vieira e todos os outros que o irmão Afonso, finalmente no poder, perseguia agora.

Às nove horas em ponto, Charles entrou nos seus aposentos. Torceu o nariz, como um miúdo pequeno, ao cheiro de incenso que pai rava no ar e à quantidade de espectadores da cerimónia. O rei ainda perguntou a Sande se ficara algum clérigo em Portugal...

Havia apenas uma cara que a rainha não conhecia: a de um beneditino, de barba branca e ar sereno, já não muito novo, que comunicava por gestos com os frades portugueses.

- Quem é? - perguntou Catarina.

Charles sussurrou-lhe ao ouvido:

- O meu querido father Huddleston, o padre que me salvou a vida, escondendo-me por trás do alçapão secreto da sua igreja, depois da batalha que perdi contra Cromwell.

Catarina fez questão em ser apresentada: um padre católico, que ainda por cima salvara a vida ao seu marido, era um aliado para a vida. Fazendo uma pequena cortesia, dobrou o joelho e beijou-lhe a mão. Charles e o padre trocaram um olhar comovido. Não era todos os dias que se encontrava uma rainha assim.

Quando trocaram votos, Catarina não conteve um profundo suspiro. Acontecera, acontecera de verdade, como naquelas noites em que sonhava acordada ou fazia planos com Joana ao lado. Joana, poderia ser ela, a primogénita, no seu lugar, de joelho sobre o prie-Dieu coberto com uma maravilhosa colcha de Viana do Castelo, a jurar amar e servir Charles.

Quando a cerimónia terminou beijaram-se na cara, e Catarina sentiu, pela primeira vez, a pele de Charles junto da sua. As mãos não se largavam, e almoçaram os dois na varanda que dava para o mar. Catarina escreveu uma nota rápida à mãe. Tinha de lhe contar que o seu projecto se realizara.

O que não lhe podia confessar é que estava ansiosa pela cerimónia de amanhã, pelo casamento oficial. Envergonhava-se por desejar pompa e circunstância, um vestido de noiva a sério, Charles engalanado e de coroa na cabeça, os guardas em todas as portas com aquelas fardas encarnadas imponentes, os convidados a encherem a sala, mas seria pecado querer tudo isto? A sua fé dizia-lhe que só o casamento católico contava, este que acontecera há escassas horas no segredo dos seus aposentos, mas seria blasfémia sonhar com o outro, aquele que antecederia a primeira noite com Charles? Estremeceu com o pensamento, um misto de ansiedade e medo, como seria entregar o seu corpo a um homem, àquele homem?, mas

obrigou-se disciplinadamente a afastar estes pensamentos e a olhar para o papel que tinha à frente. Suspirando fundo escreveu, já mais sóbria:

Mãe do meu coração,

Sou tão feliz como nunca fui. Se ao menos estivessem cá todos. Que Deus me dê a bênção de muitos dias assim.

Mas Luísa sabia, sabia-o desde que o sonho lhe enchera de horror as horas do parto, sabia que Catarina teria de pagar caro todos os dias de felicidade, que só o seu engenho e arte seriam capazes de retirar alegria do futuro que Deus lhe reservava. Felizmente, guardara sempre o segredo.

5

St. Thomas, Portsmouth, 21 de Maio de 1662

Nan entrou cedo no quarto. Puxou para trás o reposteiro da cama da rainha e sussurrou o seu nome em português, um português com sotaque, mas suave e convidativo. Catarina abriu os olhos, encantada, e deparou com os olhos verdes da mais velha Fanshawe, sorrindo-lhe abertamente.

Nan fez-lhe um gesto que indicava um pedido de que falasse baixinho, que justificou:

- Lá fora as suas senhoras discutem o que vai vestir, e fazem horas para entrar no seu quarto, mas decidi vir primeiro, às escondidas, acordá-la, para lhe dar esta fitinha azul, tem de a prender na liga da perna.

Catarina rebolou nas almofadas, rindo:

- E que mais devo fazer, lady Nan?

- Tem de usar qualquer coisa nova, qualquer coisa velha, e qualquer coisa azul.

- A velha é fácil: a minha mãe pediu-me que escondesse no meu regaço o lencinho bordado que ela própria usou quando casou com o meu pai.

Os olhos de Nan brilharam:

- Que romântico!

- Novo? - ponderava Catarina, mas Nan não a deixou continuar:

- Não pense em nada de novo, porque já a tem, foi o rei que se encarregou de cumprir essa parte. Posso mostrar-lhe, não diz a ninguém, faz depois um ar de espanto quando lady Suffolk lho revelar, como se fosse a primeira vez que o visse, promete, promete, senão despedem-me?

Catarina já ria às gargalhadas.

- Calma, lady Nan. Mas encheu-me de curiosidade, mostre, que depois faço o teatro todo, não traio a sua confiança, prometo.

Nan pediu-lhe que fechasse os olhos.

- Sua Majestade, não vale abrir os olhos até que eu lhe diga que pode, está bem?

Catarina jurou, e Nan correu a abrir o reposteiro do fundo da cama de dossel.

- Olhe, olhe agora, Sua Majestade.

A rainha olhou, e deu um grito de alegria.

Sobre um manequim com as formas de mulher, com as suas exactas formas para ser precisa, descansava um vestido branco, debruado a pérolas, o decote em barco deixando ver os ombros, e coberto de pequeninos laços azuis, que lhe davam um ar delicado e único.

- É para mim ? - exclamou Catarina, que logo depois deixou que o sobrolho se franzisse e uma sombra cobrisse o rosto.

Nan assustou-se:

- Não gostou do presente do rei, Sua Majestade?

Margaret entrara suavemente no quarto, mantendo-se silenciosa por detrás do reposteiro da porta, com medo de estragar a magia que se criava entre a irmã e a rainha, mas naquele momento não resistiu, e entrou determinada no quarto.

Catarina sobressaltou-se ao vê-la, mas não teve tempo de protestar, porque a mais nova das Fanshawe, com o cabelo numa trança entrelaçada de pérolas e uma tiara de diamantes a impedir que a franja lhe caísse para os olhos, interveio, decidida:

- Permita-me, Sua Majestade, que lhe diga que não pode deixar que as questiúnculas das quadrilheiras que a rodeiam lhe estraguem o dia do seu

casamento. É um momento único, que nunca mais se vai repetir - insistia, desesperada -, e não é um grupo de mulheres bem-intencionadas, mas já idosas, que podem ditar como vai vestida a sua rainha, muito menos quando o vestido de noiva é pensado e oferecido pelo próprio noivo.

Virando-se para Nan, acrescentou:

- Sabemos bem que poucos homens teriam o gosto ou a delicadeza de se preocuparem com pormenores que considerariam apenas de mulheres.

Catarina sentia o mesmo. Nunca o pai, Afonso ou Pedro, nem mesmo Teodósio, se haviam preocupado ou envolvido no guarda -fatos da rainha ou das infantas - Charles mostrava carinho, interesse, e, Catarina sabia-o, queria impedir a rainha de o envergonhar com uma moda que não se usava na corte inglesa. Protegendo-se a ele, protegia-a também a ela, que assim dava menos um motivo à língua viperina da corte.

- Margaret, o que lhe falta em anos tem em sabedoria. Nan, obrigada por este acordar tão suave. Acreditem que fez toda a diferença começar este longo dia assim, mas agora desapareçam depressa, desapareçam já, antes que dê ideia de que me ditaram a opinião. - Com um gesto da mão, pediu a Nan que corresse as cortinas em redor da cama e deu-lhes uns minutos para escaparem, antes de tocar a sineta que chamava as criadas.

A rainha dissera-o de forma determinada: o vestido de noiva seria aquele e mais nenhum. D. Elvira, mazinha, ainda tentara explicar-lhe que a escolha do vestido não era certamente a escolha do rei, mas de uma das suas damas favoritas - frisando bem o «favoritas» -, mas aí D. Maria protestou imediatamente, e lady Suffolk aliou-se a ela, dizendo-lhe que o bom gosto de Sua Majestade era conhecido, e que lhe bastavam os conselhos das costureiras da corte, que faziam os vestidos para a cunhada e para todas as senhoras importantes.

No momento em que se olhou ao espelho e viu os ombros descobertos e a sua cintura realçada, Catarina mordeu o lábio. Seria vaidade considerar-se bonita? Nan, parecendo ler-lhe os pensamentos, sussurrou-lhe ao ouvido, a pretexto de lhe fixar os brincos nas orelhas:

- Está linda. Acredite e deixe que os seus olhos brilhem.

Catarina sorriu-lhe. Não tinha sido educada a valorizar o corpo, e mesmo manter o olhar na sua imagem reflectida provocava-lhe um sentimento de culpa, o que fazia ela a adorar-se a si mesma? Mas o encorajamento de Nan dizia-lhe outra coisa, dizia-lhe que aqueles ombros despidos, aquele corte que realçava a sua figura, o corte do seu decote, podiam torná-la mais desejável aos olhos do homem que era seu marido. E agradar ao marido certamente não era falha de carácter.

Quando pouco depois atravessou a sala pelo braço do marquês de Sande e constatou o olhar de genuína admiração de Charles sentiu que a sua intuição não a enganara. O rei esperava-a junto do altar, na pequena capela de St.Thomas Becket, um santo que já entrara para o seu missal. Olhou-a, podia jurar que sim, com sincera admiração, como se Catarina fosse uma agradável surpresa, e estendeu-lhe a mão mal a viu chegar próximo de si. Tinha umas mãos enormes, que cobriam completamente as suas e eram tão confortáveis e protectoras que a rainha sentiu uma vertigem: se pudessem ficar sempre assim!

No altar, virados para a assistência, estavam dois tronos imponentes sob um dossel. Charles conduziu-a até lá, e Catarina sentiu, pela primeira vez, o que era ser rainha de Inglaterra. A aparente ausência de protocolo no dia-a-dia era compensada por um rigor imenso em todos os gestos, no pormenor dos uniformes da guarda do rei, nas vestes dos bispos, em todos os passos de uma longa cerimónia.

Percebia naquele momento, de forma clara, que não estava habituada ou preparada para enfrentar o olhar directo nem dos senhores, nem das multidões, os primeiros sentados em bancos corridos antes de um cordão dourado que os separava do povo que acorrera para assistir a tudo. O bispo de Londres, deão da capela real, com os seus paramentos de festa, presidia à celebração e foram as suas palavras que selaram as promessas feitas, as dela apenas com um aceno da cabeça, porque não se atrevia a dizer uma palavra no seu inglês ainda tão primário, logo em frente de tanta gente. Também pouco lhe importava, porque os votos verdadeiros fizera-os ontem, na sua língua, no coração dos seus aposentos, no casamento secreto, que ninguém podia conhecer mas que era o único que considerava válido.

Os seus olhos iam procurando um porto seguro nos do marquês de

Sande, de Richard Fanshawe, e, mais distantes, nos de D. Maria, Nan e Margaret. Neste momento percebia que era em qualquer um deles, e apenas neles, que entregava o seu destino. A cunhada sorria-lhe sempre que a apanhava a olhar para si, e James, próximo do irmão, tinha sempre uma palavra simpática, ou uma mão que se estendia para a impedir de tropeçar, que a confortava. Tinha pena de que a rainha-mãe não tivesse vindo de França, mas a sogra prometia visitá-la em breve, e Charles lamentava-se amargamente pela ausência da sua querida Minette, que depressa Catarina percebeu, com alguma amargura, ser a única verdadeira confidente que ele tinha. Mas talvez com o tempo o rei aprendesse a confiar nela, era cedo, muito cedo ainda, como lhe dizia Russel nas suas aulas de inglês, que eram muito mais do que isso.

Subitamente, percebeu que Edward Montagu estava encostado a uma coluna, meio escondido, e teve a impressão de que os seus olhos estavam tão encarnados como o seu cabelo, como se tivesse estado a chorar. Tentou ver melhor, mas o estribeiro-mor escondeu-se mais um pouco, como se tivesse medo de denunciar alguma coisa. Praticamente não o vira desde que desembarcara, depois daquela conversa em que ele lhe prometera que convenceria o rei a comprar-lhe o mais bonito dos cavalos, e que seria ele próprio a mostrar-lhe o campo inglês, sempre tão verde, e nesta altura, os seus jardins sem igual. Mas tudo isso fora antes de Catarina conhecer o rei...

Nan e Margaret estavam junto dela, e diziam-lhe para arrancar os pequenos laços azuis do vestido e oferecê-los aos convidados mais importantes. Lady Suffolk aprovava com a cabeça. Catarina, exausta e ainda de nariz a pingar, só queria que aquele longo almoço no Great Hall terminasse. E agora, quando julgava poder escapar pela porta, passar a primeira noite com Charles, diziam-lhe que era preciso distribuir presentes a desconhecidos? Bocados do seu próprio vestido, como se de alguma maneira se desnudasse perante eles e lhes desse parte de si - do vestido lindo, que Charles lhe oferecera?

Nan e Meg, no entanto, começaram elas próprias a descoser os lacinhos que pelos vistos estavam preparados para este cerimonial, porque saíam com toda a facilidade. Com Charles sorridente ao seu lado, Catarina foi-os entregando às pessoas para quem o rei discretamente apontava.

Nan murmurou-lhe ao ouvido, a pretexto de lhe prender a fita de pérolas que lhe entrelaçava uma das suas grossas tranças:

- Sua Alteza está feliz com a rainha, veja como trabalham bem em equipa.

Catarina agradeceu-lhe o comentário, que lhe deu um novo ânimo. Entregou os laços que restavam, com o seu melhor sorriso, e o brilho nos olhos dizia tudo o que o seu inglês não era capaz de traduzir. As senhoras que recebiam a dádiva dobravam ligeiramente o joelho, e Catarina ficou convencida de que seriam leais.

Na concha da mão guardou três, quase como se fosse uma criança a esconder chocolates para não a obrigarem a dá-los a outros: um enviaria à mãe, o outro a frei Pedro, e o terceiro a Carminho, a ama que mais vezes a tivera nos braços.

Charles era diferente de todos os homens que conhecera. Mesmo contando Teodósio, frei Pedro e António Vieira, que já eram excepções à legião de elementos do sexo masculino que povoava o Mundo. Charles alternava entre a pompa e o assumir de todo o seu estatuto real - que se traduziam na forma como dava ordens e exigia obediência a quem o rodeava - e a absoluta simplicidade, como se fosse um camponês. Nesse mesmo dia, mandando às urtigas os protocolos, insistiu que ele e a mulher jantariam sozinhos, nos aposentos da rainha, que precisava muito de descansar para recuperar de todas as emoções e se recompor da constipação que nitidamente ainda não a tinha abandonado.

Catarina não queria acreditar: sozinha com Charles, numa mesa elegantemente colocada na sua salinha privada, a lareira acesa apesar de já correr o mês de Maio, as velas acesas sobre a mesa, entre as tochas iluminadas em todos os quatro cantos da sala.

Não era difícil ficar à vontade com o rei, que fazia a despesa da maioria da conversa, e contava histórias fascinantes de quando fugira pelos campos, disfarçado de lavrador, ou como atravessara o Canal para fugir aos homens de Cromwell, tudo sempre tingido de tiradas divertidas e de um humor cáustico e irreverente que a rainha nunca escutara antes. Mas Charles estava a ser cauteloso, muito mais cauteloso do que era seu hábito, no relato das suas aventuras, que habitualmente vinham apimentadas de

conquistas amorosas e noites inesquecíveis de copos e bordéis. O Charles que Catarina conhecia era o melhor de Charles que havia para conhecer.

Quando, segurando-lhe na mão, a levou para a cama e puxou os reposteiros em seu redor, como se fosse uma tenda onde acampassem os dois, como dizia a rir, Catarina já não tinha medo. O vinho tinto quente com que Carlos lhe enchera constantemente o copo explicava em parte esta sensação de que a vergonha não fazia qualquer sentido, que o prazer era desejado e merecido, que eram, afinal, marido e mulher, que se uniam, duplamente abençoados por Deus, pelo dela, e pelo dele, como dizia o rei sorrindo, enquanto lhe desapertava mais um colchete do vestido.

Catarina esqueceu o mundo. Esqueceu o sobrolho franzido de D. Elvira e de D. Maria, esqueceu a ira das suas damas que não tinham sido convidadas a preparar a rainha para a sua noite de núpcias, esqueceu-se de como temera aquele ritual de se deitarem perante a vista de toda a corte, e pensou só em Charles. No corpo musculado e forte do homem que, como nos seus sonhos mais proibidos, a tomava como sua. Finalmente.

Com uma gentileza extrema, de alguém que conhecia bem o corpo de uma mulher, e já não tinha a pressa de um jovem, nem sentia a insegurança de uma primeira vez, Charles conduziu a dança da forma mais sensual e gentil imaginável. Sentia uma satisfação imensa, mais do que um prazer sensual, de despertar numa rapariga virgem a cons ciência do próprio corpo e de todas as sensações que este lhe poderia dar. Catarina gemeu de prazer, mesmo apesar de todas as amigas lhe terem dito que ninguém tem prazer na primeira noite, gemeu sem vergonha, seguindo o seu instinto, e seguindo-o bem, pensou Charles, feliz por descobrir que a mulher respondia ao seu toque e se deixava despertar por ele. Mais ainda, que aprendia a retribuí-lo.

A noite foi longa, e Catarina adormeceu, absolutamente feliz, o corpo encostado ao do homem por quem esperava desde sempre. Charles ficou mais tempo acordado, os olhos no tecto do dossel: a rainha merecia o melhor dos maridos. Iria sê-lo, não teria coragem de lhe quebrar o coração, teria de ir ao encontro das suas expectativas, superá-las até, porque ela merecia tudo isso e muito mais. As promessas que fazia em catadupa a si mesmo deixavam-no cada vez mais angustiado - o peso de tudo aquilo que teria e deveria ser, daquilo que queria ser, causava-lhe sempre esta

inexplicável ansiedade. Porquê, mas porquê lhe custava tanto dar garantias, traçar um rumo? Zangado consigo mesmo, empurrou o corpo leve como uma pena da mulher para o lado, rodeou-a de almofadas, como se fosse um passarinho num ninho, e saltou da cama. Vestiu-se à pressa e saiu do quarto num passo largo, os guardas iam abrindo e fechando as portas à medida que se dirigia para os seus próprios aposentos.

Na sala ao lado ouviu gargalhadas e risos de mulheres alcoolizadas. Estacou. Mas só por alguns segundos. Depois a mão estendeu-se para a fechadura e abriu a porta.

Buckingham, Balmoral e todos os seus amigos olharam-no, preocupados. Vinha repreendê-los ou juntar-se a eles? As dúvidas dissiparam-se depressa, quando o rei se sentou a uma mesa de cartas e pediu o baralho...



Nan e Meg tiveram vontade de chorar quando perceberam tudo. A meio da noite foram acordadas pelo barulho de três das damas de honor, mais velhas e mais batidas, que regressavam ao quarto, entre gargalhadas e pedidos de silêncio mútuos, os vapores a álcool inundando o quarto. Acenderam-se velas, e as irmãs ouviram a voz zangada de lady Suffolk, que pelos vistos não adormecera até as ouvir regressar. Dizia-lhes que eram indignas do posto que ocupavam, onde a virtude era uma exigência e não uma opção, puxava-lhes as orelhas em sentido figurado e real.

Mas as damas estavam demasiado excitadas e fora de si para se lembrarem do seu lugar ou das virtudes do silêncio. Helen, a mais detestável de todas elas, atreveu-se a responder torto:

- Pois vá pedir satisfações ao rei, que foi ele que nos reteve até estas horas - disse entre risinhos parvos.

As duas amigas, menos seguras, baixaram os olhos. Sabiam bem que, por muito chocada que lady Suffolk ficasse com Sua Majestade, nunca, por nada deste mundo, daria parte de fraca ou se mostraria intimidada.

- Pouco me importa com quem estiveram. Amanhã ficam todo o dia fechadas no quarto. E agora que se livrem de fazer um barulhinho que

seja, ou acender uma vela, com o vosso bafo ainda pegavam fogo à casa - disse batendo com a porta.

Um riso geral percorreu as camas onde fingiam dormir as damas mais jovens da Casa da Rainha. Nan sentiu as lágrimas saltarem-lhe: pobre rainha, ser abandonada assim na primeira noite de casada. Margaret, pelo contrário, rosnou zangada - Estes homens são todos iguais, com coroa ou sem coroa na cabeça.



Antes mesmo de abrir os olhos, Catarina já o sabia. Sabia, sem sombra de dúvida, que Charles já não estava naquela cama. Cerrou os olhos ainda com mais força, na certeza de que não queria acordar. Preferia mil vezes reviver dentro de si as emoções que tinha vivido pela primeira vez do que pensar. Charles não estava ao seu lado, e então? Estivera, e talvez o protocolo ordenasse que tudo se passasse assim, que o marido se ausentasse do leito antes de a rainha acordar, ninguém lhe explicara essas coisas. A quem podia perguntar? Apenas a Charles, pensou subitamente satisfeita. Conhecia-o apenas há uns dias, mas tinha a certeza de que era a única pessoa que lhe responderia sem rodeios, com aquela forma ligeira e despreocupada que tinha de falar dos temas mais delicados. Religião, costumes nupciais, qual a melhor forma de servir um vinho - sabia que qualquer que fosse a pergunta obteria uma resposta. Assustava-a um pouco este seu desprendimento, como se nada o pudesse tocar por dentro, mas era simultaneamente uma lufada de ar fresco.

Porquê duvidar já das suas próprias capacidades como mulher? Charles ficara feliz, tinha a certeza disso. Satisfeito? Não sabia o su ficiente para o dizer, mas acreditava com fervor que esta fora apenas a primeira de muitas e muitas noites.

Permitiu-se abrir os olhos e deixar entrar a luz. Se Charles não vinha ao seu encontro, iria ela ao encontro dele... Decidida, puxou o cordão da sineta e as criadas entraram como se estivessem atrás da porta, à espera do toque.

As flores que Nan e Meg lhe trouxeram, momentos depois, devolveram-

lhe o sorriso. Tinha sido o rei a mandá-las?, perguntou, e sem ouvir a resposta quis acreditar que sim. Pouco depois chegara Charles, não fizera um único comentário sobre o seu desaparecimento, mas dera-lhe animadamente o braço e levara-a a visitar uns estaleiros navais.

Desde aí os preparativos para a lua-de-mel aceleraram: era preciso providenciar transporte para toda aquela gente, e para a infinita bagagem pessoal da comitiva, enquanto Charles encarregava a sua guarda de vigiar o esvaziamento dos porões, a venda das especiarias e do açúcar. Era preciso transformar tudo em dinheiro líquido e colocá-lo nos cofres do Estado, e nos do rei, estando o conde de Sandwich encarregado de confirmar que uma dízima de tudo aquilo ia directamente para o bolso do rei. «Sandwich, acautele-se porque a bolsa não está vazia, está furada», exclamara Charles, deixando claro que os credores se atirariam a ele caso houvesse notícia de que alguma parte do dote, por ínfima que fosse, lhe tivesse ido parar às mãos.

Edward Montagu tornara-se, de novo, companhia constante. Era ele que tratava dos coches, dos cavalos, do transporte de tudo para Hampton Court. Charles e James tinham ficado estarrecidos quando fora necessário encontrar duas carruagens extra, apenas para o transporte dos guarda-infantes. Catarina, olhando agora para a longa fila de coches e caleches que seguiam atrás da sua, não conseguia deixar de rir, ao recordar a dificuldade que tivera em explicar o que eram exactamente aquelas armaduras.

Russel estivera quase a desfazer-se em gargalhadas, e Fanshawe saíra mesmo do quarto não fosse desmanchar-se a rir, enquanto Charles perguntava:

- Porque querem as vossas senhoras usar essas armações de ferro em redor da cintura? - enquanto lord Buckingham, que Catarina aprendia a detestar a cada dia, se atrevia a pegar num dos «saiotes», examinando-o, trocista. Quando explicou que os guarda-infantes eram a forma encontrada para proteger as damas da corte de algum encontro sexual, que se tornaria impossível mesmo se as ditas senhoras decidissem colaborar na operação, o rei e os amigos não conseguiram esconder o gáudio. Os comentários brejeiros sucederam-se, e Catarina pela primeira vez agradeceu o facto de não entender nada do que se dizia, mas Charles não

resistiu a tranquilizá-la, em castelhano:

- Minha adorada esposa, pode sossegar as suas damas. Os ingleses libertam-nas da necessidade do uso destes trajes arcaicos, não há um de entre nós capaz de violar ninguém na sua comitiva!

Todos desataram de novo a rir, desaparecendo pela porta, deixando-a completamente desconcertada.

Recordava-se de como Montagu se mantinha atento, e Catarina pressentiu que os seus olhos claros fulminavam até o rei, e preferiu virar a cara. Não queria que o seu querido amigo a visse embaraçada, e não podia aceitar que criticasse o soberano. O seu man of the horse, como agora insistia em ser chamado, cargo mais do que prestigiado nesta corte, rapidamente recuperou a compostura:

- Não se incomode, Majestade, colocamos os guarda-infantes em duas carroças, que demorarão apenas um pouco mais de tempo a chegar.

Montagu parecia ser o único «deles» que faria tudo para não ferir a rainha.

6

A caminho de Hampton Court, 4 de Junho de 1662

Catarina não tirava os olhos da estrada. De mão dada com Charles, num coche aberto com dossel e franjas bordadas, devorava a paisagem, palácios de mil chaminés, casas pequenas de tecto de colmo como nunca vira antes, as árvores que pareciam chegar ao céu, os campos tão verdes - quando os seus, de Vila Viçosa, por esta altura estariam amarelos, com a espiga ao vento -, as crianças ao colo das mães, de pele clara, sardas e olhos azuis, e que acenavam como se aquele momento também se inscrevesse para sempre nos diários das suas vidas. «Quando Catarina de Bragança, a rainha portuguesa, chegou a Inglaterra, passou aqui à porta de casa, e nós fomos cumprimentá-la», diriam, um dia mais tarde, aos filhos já crescidos.

Charles estava lindo. Insistira em usar o traje de gala da Ordem do Garter, da Jarreteira como se dizia no paço, e de que D. João 1 tinha sido o primeiro membro estrangeiro, contava-lhe ele, lembrando-lhe o Tratado de Windsor, e a aliança tão antiga que unia os dois países. O chapéu azul, com penas brancas de avestruz, sobre os seus cabelos negros, a capa de veludo azul, não deixavam dúvida de que ali ia o rei, e Catarina experimentava o orgulho de ver como o povo respondia ao seu aceno, como gritava o nome de ambos, com entusiasmo e alegria. De cabeça destapada, os cabelos escuros e brilhantes, as maçãs do rosto encarnadas de satisfação, Catarina, num vestido leve de Primavera, ficava na retina de quem a via passar.

Pegou várias vezes na caneta para descrever Hampton Court à mãe, mas acabava sempre por rasgar o papel e deitá-lo fora. Olhava para fora da janela e começava de novo.

O castelo de tijolo encarnado erguia-se no meio de campos verdes, imponente e simultaneamente acolhedor. O portão verde de ferro abria para um jardim de entrada imenso, os buxos ladeando os canteiros cheios

de amores-perfeitos, e passado o arco da entrada principal sucedia-se um pátio, depois um novo arco, a seguir um outro pátio, e finalmente um terceiro arco, e um terceiro pátio, este, um claustro, como os portugueses, contava. Falava-lhe das chaminés fininhas em todos os telhados, e tantas, do relógio astronómico, e de como o seu toque das horas era suave, das escadas e das escadinhas, dos corredores imensos. Nunca estivera num lugar tão grande, comentava. Nunca vira tanta gente junta, os criados alinhados, no dia da sua chegada, os nobres em carruagens que provocavam um engarrafamento...

Depois contava mais, como os seus aposentos lhe davam uma sensação de opulência que nunca antes sentira. Deveria ser pecado, confessava à mãe, mas sabia-lhe tão bem olhar em redor e contemplar o quarto, a que acrescentara tudo o que trouxera de Portugal. O oratório, a imagem da sua Senhora das Candeias, pousada numa magnífica cómoda de pau-santo, e, surpresa das surpresas, uma cama de dossel em veludo verde, com penas de avestruz, uma obra exótica, mas que o rei mandara fazer pessoalmente para ela.

Subitamente parou de escrever e olhou em seu redor, para as colchas bordadas, e sobre o toucador as escovas de cabelo em ouro e o espelho de louça, com anjinhos em alto-relevo. No canto a sua cadeirinha alentejana, da qual se recusara separar, as flores brancas sobre o fundo encarnado, repositório de tantas e tantas memórias, e a arca, com embutidos chineses, onde guardava os seus bens mais preciosos, as jóias - as poucas com que ficara, porque as outras faziam parte do dote e estariam a esta hora numa casa de penhores -, e as cartas da mãe e de Charles, a que se iam juntando as de António Vieira, agora tão só e desterrado, de Afonso e de Pedro. Maria do Carmo e Maria do Rosário escreviam apressadas notas nas missivas de D. Leonor, na última das quais anunciando que se iriam mudar para a corte do Palácio Corte Real, ou seja, do infante D. Pedro, onde intensificariam a sua busca de marido, porque não queriam ficar atrás de Catarina. Frei Pedro escrevera apenas uma vez, uma carta curta e que lhe apertava o coração: sentia que o deixara perdido, mas tinha esperanças de que voltasse a Vila Viçosa e entre as laranjeiras do jardim reencontrasse a paz.

Descreveu ainda o quarto, sabia que a mãe desejaria todos esses pormenores, a pequena balaustrada que separava a cama e o seu espaço

mais íntimo do resto, onde cadeiras confortáveis, quase camas, eram abrigo para damas que insistiam em ficar com ela até que adormecesse, ou simplesmente à conversa. Depois despediu-se, e ficou a olhar para o «Catarina R», que tanto orgulho tinha em escrever.

Sorriu timidamente. O que não contava, porque os queria guardar só para si, eram os momentos que passava com Charles, os beijos que recebia, e dava, as mãos que se entrelaçavam por baixo de todas as mesas. Do que se passava na cama não falou - nunca falaria, nem sequer ao seu confessor, mas a verdade é que à medida que os dias passavam as visitas eram menos frequentes. Charles pedia-lhe desculpa, mas explicava que a noite no poker ou o serão de cantorias haviam sido mais longos, e que talvez por força do álcool encontrara com dificuldade o caminho para a cama, e, rindo, comentava que no estado em que estava também não lhe teria sido muito útil.

Mas Catarina pedia conselhos: deveria, ou não, frequentar aqueles serões que lhe pareciam tão estouvados, e onde depressa era esquecida, deixada ao canto, rodeada apenas de uma ou duas damas mais delicadas, que punham a felicidade dela à frente do desejo de agradar ao rei com umas piruetas ou, apenas, lisonjeando-o com as suas gargalhadas.

Catarina não dizia, nem sonhava dizer, que o marido namoriscava descaradamente com todas as mulheres. Ainda na véspera prendera o braço de Meg, com os seus inocentes 15 anos, e a puxara para si, para lhe beijar jocosamente uma face, apertando-lhe a outra num beliscão. Catarina sentira o sangue fugir-lhe da cabeça, e fechara os olhos com uma tontura: não podia acusar Margaret de absolutamente nada, era uma vítima do descaramento do rei. Nan fora a vítima da noite seguinte, quando, após ter perdido ao gamão, Charles a chamou para dançar, acabando por a sentar ao seu lado:

- Vou ler o futuro na palma da sua mão - dissera.

Nan, extrovertida e bem-disposta, estendera a mão aberta, e ouvira a voz profunda e irresistível do rei a descrever-lhe um futuro brilhante, de que ele nunca estaria longe. Catarina, que fingia conversar com a cunhada, ia percebendo o embaraço crescente da sua dama, e ficou certa de que não se enganava quando Nan puxou bruscamente a cadeira para trás, fazendo-

a cair com um estrondo, e se afastou num passo demasiado rápido. Tão rápido que metade dos cortesãos pararam o que estavam a fazer, e um riso trocista percorreu a sala de lés a lés.

Mas estas eram as «suas» damas, aquelas que o rei tentava atrair a si mas resistiam. Helen, Susan, Marie eram outra conversa completamente diferente, que só a ela parecia admirar.

O confessor pedia-lhe que fingisse nada ver, que a virtude ficava com quem não tingia a alma com estas imagens, mas Catarina, apesar dos pais-nossos e ave-marias rezados, tinha a certeza que nem à sua Virgem das Candeias lhe podia pedir tanto.

Catarina não dizia, também, que temia ser como a outra Catarina, a que vivera neste mesmo palácio há anos, Catarina de Aragão, que o marido, Henrique VIII, repudiara por lhe dar apenas uma filha, trocando-a por Anne Boleyn's, que tinha até direito a um azulejo pintado com o seu nome na escadaria que dava passagem para os aposentos do rei - Anne Boleyn's Gateway -, e que acabara por ser decapitada. O que lhe aconteceria se Ali tivesse razão, se não fosse capaz de conceber um filho, o varão que Charles e Inglaterra inteira esperavam de si, a única arma que roubaria argumentos aos seus inimigos antipapistas, o selo final que tornaria poderosos os dois C entrelaçados? Pousou de novo a caneta, e levou instintivamente a mão ao ventre, que todos os dias esperava que crescesse. Mas não crescia.

Abanando a sua farta cabeleira, levantou-se decidida: não se iria entregar a melancolias num dia de sol. Dobrou o papel, colocou-o no sobrescrito e selou-o. Tocou a sineta, colocada em cima da sua secretária, e pediu ao criado que chamasse Edward Montagu: estava fascinada com o novo desporto que o estribeiro-mor lhe ensinava, e ansiava por praticá-lo. Tinha a certeza que Teodósio, com quem aprendera a montar e a empunhar uma espada, estaria lá em cima, louco de orgulho ao ver a força e determinação com que a sua mana, quase do tamanho do arco que Montagu lhe colocava nas mãos, acertava invariavelmente no centro do alvo. Desconfiava que a arte lhe seria útil um dia. Sorrindo, pensou: «Quando for mesmo boa nisto, desafio algumas das minhas damas mais dedicadas ao rei para uma competição. E vão ser elas o alvo!»

7

Hampton Court, 20 de Junho de 1662

Podia jurar: este fora o mês mais longo da sua vida. Um mês de casada e uma roleta de emoções. Nunca fora tão feliz, mas também nunca se sentira igualmente tão abandonada, assustada, perplexa, perturbada, e os adjectivos poderiam continuar por ali fora. Conhecera o homem que amava e tornara-o seu marido, mas não fora feliz para sempre, como nos contos que Carminho lhe contava ao adormecer. Convencia-se de que tudo fazia parte de um plano divino e que lhe cabia transportar, de boa cara, a cruz que Deus Nosso Senhor decidisse colocar-lhe nos ombros, mas se as orações, os rituais religiosos e o canto dos frades lhe sossegavam a alma, não a conseguiam pacificar nem sempre, nem por muito tempo.

Conhecera mais gente nestas semanas do que em toda a sua vida. Os salões e os jardins estavam sempre cheios de pessoas que, tanto quanto percebia, não faziam nada: não tinham terras para gerir, casas para governar, filhos para criar, e nem sequer pareciam interessados nos assuntos do reino, indiferentes ao que se passava em Portugal, ou em Castela, escutando-a com desinteresse quando tentava perceber a opinião deles sobre o futuro da Europa. Em Lisboa sentira-se sempre diminuída ao lado do saber da mãe, da sua estratégia política, da forma como dominava as pastas e estava a par de todos os passos do seu exército; aqui, para ser franca, nem o rei parecia incomodar-se com aquilo que parecia tratar como assuntos menores. Edward Montagu explicava-lhe que faltava uma guerra. Rira, chocada: uma guerra, como é que uma guerra podia fazer falta? Mas aos poucos entendia que a disciplina exigida a uma nação em guerra, como era a sua desde que nascera, tornava os súbditos mais rigorosos, mais empenhados, os valores mais claros.

- A nobreza quando não está montada em cima de um cavalo, de armadura vestida, e espada à cintura, perde o sentido para a vida, e o deboche é o resultado - murmurava-lhe, indignado, Montagu.

O estribeiro-mor conhecera tempos de maior exigência, dizia ele, e se Charles continuasse a dar esta ideia de que a vida eram festas, bailes e

peças de teatro, em breve o povo sonharia de novo com Cromwell e a sua exigência.

Catarina tinha medo pelo rei. Montagu não se enganava: tanto luxo, tantos gastos, tanta roupa nova, tantos homens e mulheres desocupados, eram um insulto para todos aqueles que trabalhavam de sol a sol, simplesmente para pôr uma refeição na mesa.

Um dia encontrou coragem para o dizer a Charles, que olhou a mulher rindo:

- Minha perigosa inimiga, que me quer tirar tudo o que me faz feliz e obrigar-me a passar enfadonhos dias fechado num escritório ou, quem sabe, a acompanhar sessões do Parlamento.

Catarina estava em Inglaterra havia um mês, mas já não tinha dúvidas: por aqui o rei cortava cabeças e inaugurava salas de música, o Parlamento governava.

Em Hampton, todos os minutos do dia pareciam ter agenda, e quando somava a dela à do rei, não se podia dizer dona de um segundo que fosse, mas naquele dia dera ordens de que queria ficar sozinha na sua capela, e ordenara que todos a deixassem. Estranhamente, obedeceram-lhe, e quando percebeu que ficara subitamente livre subiu as escadinhas de acesso ao patamar que conduzia aos aposentos do rei. Pela primeira vez percorria sem companhia os longos corredores do imenso palácio, como uma menina pequenina em busca de um sótão cheio de tesouros, desejosa de abrir cada porta e descobrir o que se escondia por detrás dela.

Acelerou o passo quando percebeu que estava no famoso «corredor do desespero», como ouvira as criadas chamar-lhe. Segundo lhe tinham contado, era naquele sítio que aparecia o fantasma de Catherine Howard, que aos 19 anos fora obrigada a casar com Henrique VIII, trinta anos mais velho, consumido pela doença. Apaixonada por outro, fora apanhada com ele e condenada à morte. Enquanto esperava que a levassem para a Torre, soltara-se das mãos dos guardas e correra, correra, procurando chegar à capela a tempo de implorar ao rei o seu perdão - mas quando estava quase a chegar às escadas que levavam à capela os guardas tinham-na alcançado, arrastandos-a aos gritos para a sua morte.

Catarina estremeceu, olhando para os quadros decorados com retratos a óleo e pensando se algum deles seria o da pobre rapariga, mais uma Catarina que não tinha sido feliz...

Afastou os pensamentos negros da cabeça, e decidiu continuar com a sua «missão». Sabia que os aposentos do rei eram para aquele lado e, apesar do olhar surpreendido dos soldados que a reconheciam e se dobravam numa vénia, sem saberem se deviam abandonar o seu posto para a escoltar, continuava a andar.

Era cedo e queria apanhar o rei ainda «em casa» e perguntar-lhe se almoçava sozinho com ela, para celebrar aquela data. Finalmente encontrou a porta certa, fácil de descobrir pela guarda reforçada à entrada, e pediu licença para entrar. Abriram-lhe as portas e anunciaram a sua presença, mas a antecâmara parecia estranhamente silenciosa e vazia. Pé ante pé, aproximou-se da porta do quarto e bateu. Como ninguém lhe respondeu, entrou. Olhou à volta e subitamente o olhar estacou numa pequena miniatura, pendurada junto da cama do rei, de um prego de onde nitidamente tinha sido tirado outro quadro. As lágrimas acorreram-lhe aos olhos, como um rio, como o seu Tejo: era o seu retrato, o retrato que Nocret há tantos anos pintara no Paço da Ribeira, aquele que nunca mostrara à sua mãe, o que fora um segredo delicioso entre eles.

Aproximou-se para confirmar: como é que Charles o podia ter? Sabia bem que pertencia a Luís de França, que fora feito para que o herdeiro do trono francês escolhesse mulher.

Estava de costas para a porta, absorta no que via, o coração num sobressalto, talvez Charles a amasse de verdade! Afinal, conseguira obter o seu retrato mais bonito e guardava-o junto da sua própria cama. Tão absorta que nem reparou que o rei tinha entrado. Charles ficara na ombreira da porta a olhá-la, enternecido. Os mais pequenos pormenores eram capazes de fazer a sua mulher feliz, e isso comovia-o, numa corte onde só jóias e malabarismos pareciam ser capazes de levar uma dama a voltar a cara. Catarina parecia esperar muito pouco da vida, muito pouco dele e, mesmo assim, Charles temia desiludi-la. Era um poço de contradições, sabia-o bem. Quando via a rainha assim percebia como eram hipócritas estes acessos de arrependimento, porque na prática não podia, nem queria, mudar nada em si...

Suspirou com tanta força que a rainha deu um salto. Quando percebeu que era Charles, aproximou-se como uma adolescente apaixonada e beijou-o, pondo-se em bicos de pés para o fazer:

- O rei tem o meu quadro, o retrato que Nocret me fez.

O rei desatou a rir.

- Bem pode olhar para ele, minha rainha, porque foi esse retrato que me levou a decidir-me por si.

Levantando-a do chão, beijou-a com força na boca, e passou-lhe a mão descaradamente pelo peito:

- Felizmente, a verdadeira Catarina não desmerece em nada o que o senhor Nocret apanhou na tela.

Catarina, corada até à ponta dos cabelos, gaguejou:

- Mas não lho mandaram, os portugueses...

- Ah, pois não, por isso é que aqui está. Sua Alteza que me desculpe, mas um rei tem de ser cuidadoso, e tudo o que me era enviado pelo embaixador Sande poderia ser falsificado, uma tentativa de me impingir aquilo que eu não estava interessado em ter, daí que tenha pedido ao meu primo que me mandasse o quadro pintado pelo seu próprio pintor... porque julga que a corte francesa se deu ao trabalho de mandar Nocret a Lisboa? Também eles queriam que um dos seus lhes desse notícias fidedignas.

Catarina olhou-o, agora zangada:

- Fala de mim como se eu fosse alguma mercadoria...

- Mercadoria preciosa - disse Charles, rindo às gargalhadas, enquanto a fazia rodopiar nos seus braços -, mas mercadoria, sim - disse, enquanto a pousava com cuidado no chão. - Quer saber o que canta sobre si o povo de Londres?

Catarina parou, apanhada de surpresa:

- Ainda não fui a Londres, não me conhecem - protestou.

- Acha Sua Alteza que isso é suficiente para calar as bocas do mundo?

- Diga-me então o que dizem - indagou a rainha, angustiada. Queria tanto ser amada por quem amava Charles...

- Cantam nas ruas «What are little girls made of? Sugar and spice and all things nice, that's what little girls are made o f» - entoou o rei, naquela voz capaz de fazer estremecer o coração mais empedernido.

Catarina interrompeu:

- Faz troça de mim, sabe que não consigo perceber o que me diz. Por favor, estou a esforçar-me, tenho aulas com o bispo Russel todos os dias, lady Suffolk, Meg e Nan ajudam-me, mas só passou um mês...

Charles pôs-lhe o braço em redor do pescoço e caminhou com ela em direcção às janelas que davam para o jardim.

- Não fique triste, Catarina. Não me faz diferença nenhuma que não entenda ainda inglês, há tempo, todo o tempo.

- Mas o que é que cantam acerca de mim? Por favor, traduza para castelhano.

- Ora, vamos ver se sou capaz - disse o rei, coçando a cabeleira negra.

- Qualquer coisa como «De que são feitas as meninas pequeninas?».

- Que disparate, mas isso não é comigo, não sou uma criança.

Charles riu:

- Não leve tudo à letra. Veja pelo lado bom, para eles é jovem, fresca e pequenina. De estatura.

Catarina lembrou-se dos chapins que o embaixador a mandara usar.

- E mais? De que é que sou feita, então?

- De açúcar e especiarias e de todas as coisas boas...

Catarina sorriu, um sorriso suave, comovido.

- Isso é bom, não é? As pessoas gostam de açúcar e de coisas boas... Mas porque é que me associam a elas? Só por causa do meu dote?

- Por causa do seu dote, sim, mas se ouvir tudo de seguida percebe que lhe atribuem a si essas qualidades. Gostam de si, dona Catarina de Bragança Stuart. Perceberam logo que é suave, e doce, e teve a infelicidade de casar...

- Faz hoje um mês...

- Faz hoje um mês, teve a infelicidade de casar com um brutamontes, insensível, que não tem nada, nem de canela...

Catarina entrou no jogo e riu:

- De facto, Sua Alteza é mais caril.

Charles riu:

- Mais picante, portanto - comentou, divertido.

- Mais capaz de fazer chorar os olhos - respondeu, muito séria, Catarina.

8

Hampton Court, 20 de Julho de 1662

Meg e Nan entrançavam o cabelo de Sua Majestade. Os músicos tocavam, na sala grande, e as outras damas entretinham-se a bichanar os seus amores, escondendo os risinhos por detrás dos panos que bordavam para o altar, ou das camisas para os pobres.

- «Comb, I want a comb», Sua Alteza, se quer pedir um pente, diga «I want a comb» - insistia Meg que, para dizer a verdade, se impacientava com a lentidão com que a rainha aprendia a língua.

Catarina encolhia os ombros.

- Prefiro aprender a dizer: «Como está hoje o meu marido?».

A criadinha inglesa que segurava o cesto com os ganchos conteve uma gargalhada, mas Nan levou o desafio a sério. Deixando cair os ganchos, sentou-se num banquinho em frente da rainha e começou a traduzir-lhe para inglês a frase.

Deu um salto quando sentiu umas mãos fortes e quentes sobre os seus ombros.

- My lady Anne, comove-me o seu empenho. Quer fazer-me directamente a pergunta? - Nan corou, envergonhada, e levantou-se para lhe fazer uma vénia:

- Desculpe, Sua Alteza, não me apercebi da sua entrada.

Catarina continuava silenciosa e serena, os cabelos nas mãos de Meg, e com todo o descaramento repetiu a frase que aprendera:

- And how is my husband, today?

Charles sorriu e beijou-lhe a mão:

- Very well, thank you, my Queen.

A sala mergulhara em silêncio ao ver o rei de Inglaterra entrar, mas Charles apontou para os músicos e ordenou-lhes que tocassem.

- Continuem, por favor. Vim falar com a minha mulher...

Ao ouvir esta frase, todas as damas se levantaram e com uma vénia saíram da sala. Meg deixou cair o cabelo da rainha e, com Nan, apressou o passo para a porta.

Quando ficaram sozinhos, Catarina ficou pela primeira vez preocupada. O marido tinha ar de quem só pensava no momento de partir, ansioso, agitado, nada o seu Charles, sempre tão seguro de si. As notícias não podiam ser boas.

- A minha mãe? - perguntou, com a voz a tremer.

Charles acenou vigorosamente que não com a cabeça:

- Não aconteceu nada à minha querida sogra, tanto quanto eu saiba, pelo menos. Não se passa nada, de facto, apenas assuntos pendentes que temos de tratar com urgência.

- Vamos sentar-nos na mesa grande?

- Não, também não é caso para tal. Venho apenas entregar-lhe a lista das senhoras que desejo que façam parte da Casa da Rainha.

Catarina franziu o sobrolho, o que muito o espantou - sempre tão meiga, tinha naquele momento ar de uma negociadora feroz, nada disposta a confundir cantigas de amor com direitos.

- Julgo que está enganado, Sua Alteza, está bem claro no acordo que regula o nosso casamento que essa escolha me cabe a mim, e só a mim...

Charles, apanhado de surpresa, impacientou-se, como sempre fazia quando lhe faltavam argumentos:

- Se nos fôssemos reger por tudo o que está escrito, então Sua Alteza teria ficado em Lisboa, porque só metade do dote partiu nos meus barcos.

Catarina sentiu que lhe davam um murro no estômago. Como é que o seu amor, um homem sempre tão sensível e meigo, usava, de repente, armas tão baixas? Cerrou os dentes e continuou, como se nada fosse:

- Penso que Sua Majestade deve saber que o seu almirante chegou a acordo com a minha mãe sobre esse assunto, que não me diz respeito. Quanto à Casa da Rainha, que interesse pode ter Sua Alteza em incluir neste rancho, que a mim já me parece verdadeiramente excessivo, senhoras escolhidas pelo rei?

A pergunta não lhe parecia difícil, esperava pior...

- Porque o rei quer assim distinguir e agradecer a alguns dos seus súbditos que mais se destacaram, dando às filhas oportunidade de singrarem na corte, de aqui fazerem um bom casamento.

Catarina estendeu a mão para o papel que Charles só agora retirara de trás das costas:

- Terei todo o gosto em aceitar referências do meu marido e indicações. Lerei atentamente a lista e depois farei os meus comentários.

Quem é afinal esta mulher?, pensava Charles. Bem devia ter desconfiado que, sendo filha de quem é, não poderia ser tão melíflua como a queriam pintar.

Quem é, afinal, este homem?, pensava Catarina, bem devia ter desconfiado que uma ovelha negra não se torna branca, nem perde o hábito, adquirido no exílio, de satisfazer a seu belo contento os prazeres da carne.

Charles entregou-lhe a lista, e ia na porta quando um grito estridente o fez parar:

- Barbara Palmer, como dama da MINHA Casa?

Então ela sabe tudo, percebeu, repentinamente aterrorizado, Charles. Que coscuvilheiras eram as mulheres, quem o tinha traído? Pensou em fingir que não a ouvia, mas a voz de Catarina enchia o salão:

- Sua Alteza pode levar consigo a lista que me propôs. Excepto o nome que acabo de riscar, todos os outros são bem-vindos.

Charles voltou-se e olhou-a espantado. Não estava habituado a ser tão firmemente contrariado. Muito menos por esta mulher que, aos seus olhos, era apenas uma boneca decorativa, alguém que não deveria interferir na sua vida.

Segurando na lista que lhe estendia, foi a vez de a voz do rei trovejar:

- Pois eu faço questão que aprove esse nome. É uma mulher estimável, desejosa de a servir, cujo marido me tem prestado muitos serviços...

- Pare, pare, por favor. Não faça de mim estúpida, por favor. Quer que ponha dentro de casa, da minha casa, ao meu lado, a mulher que há semanas deu à luz um outro filho seu? Avisaram-me da sua existência, mas nunca, mas nunca mesmo, julguei que tivesse o descaramento de a trazer sequer à corte, quanto mais aos meus aposentos.

Soltando uma gargalhada histérica, Catarina pôs-se de pé:

- A alma de Sua Majestade é assunto que lhe diz respeito, mas a minha, senhor, diz-me respeito a mim, e não vou conspurcá-la, con sentindo que a sua concubina tinja a honra da minha casa, ou das damas de honor, raparigas novas e sérias, que estão ao meu cuidado. Faça com a Palmer o que quiser, mas longe de mim.

Charles estava já de cabeça perdida. Por um lado tinha a Palmer a massacrá-lo todos os dias, a todas as horas, exigindo ser colocada em lugar de destaque na Casa da Rainha, de onde poderia controlar o seu relacionamento com Catarina, sabia bem que era essa a sua intenção, e agora o cordeirinho que escolhera por mulher tinha o desplante de se opor a uma ordem sua? Colocado entre a espada e a parede, reagiu como sempre reagia nestas situações, ou seja, transformando-se numa criança mimada que agira como se fosse a vítima. Reagiu ao ataque:

- Desconfia de mim, senhora minha mulher? Não lhe jurei fidelidade no altar? O que passou, passou, não era casado com ninguém, não lhe diz respeito, mas agora ordeno-lhe que aceite esta mulher entre as suas.

- O meu marido tem todo o poder do mundo, mas preferia embarcar de novo no Royal Charles para Lisboa do que tomar parte no escândalo que propõe....

- São influências dessa gente que a rodeia, e não a deixam, sequer, dançar comigo no salão. Quem vai seguir para Lisboa é toda a sua comitiva, que lhe enche a cabeça de disparates, e ainda por cima me sai cara - ripostou Charles. - E é já hoje que vou tratar do repatriamento da sua gente - gritou, com a voz alterada.

Catarina fez-lhe uma pequena vénia de circunstância e, virando as costas, saiu do salão para o seu quarto, fechando a porta com estrondo. Pela brecha da porta, Meg e Nan assistiam à cena. Meu Deus, não havia ninguém em Hampton Court que não fosse comentar a história, ainda antes de o sol se pôr, pensou lady Suffolk, enquanto se esforçava por desvalorizar o episódio junto de D. Elvira e D. Maria e das damas portuguesas.

No quarto, Catarina soluçava descontrolada, de joelhos, junto da sua imagem da Virgem das Candeias:

- Senhora, senhora minha mãe, dá-me luz, ajuda-me a ver... - repetia sem cessar.

Charles deixou de vir ao seu quarto, de aparecer para beber um chá, ou sequer de a mandar convidar para um passeio no jardim. Catarina via-o da janela, sorridente e bem-disposto, rodeado de amigos, como se nada fosse. Como poderia querer que vendesse assim a alma ao Diabo, perguntara ao seu confessor, que lhe garantira que fizera bem em recusar tal afronta, que tudo começava com um pequeno «sim», e rapidamente perderia o controlo da sua dignidade.

As damas portuguesas estavam chocadas. Nenhum pretexto poderia ser melhor para a procurarem catequizar contra os hereges, explicando-lhe que era por esta e por outras que insistiam em que ficasse com elas nos seus aposentos e não participasse nas festas.

O marquês de Sande fizera já a sua aparição, cavalgando de Londres, mal soubera das notícias, para tentar reparar a crise política que se desencadeara. Charles reabria agora a questão do dote e da falta de

dinheiro para sustentar todas aquelas damas, clérigos, músicos, criados e cozinheiros, justificando-se com isso para os devolver à procedência. Não se referia ao episódio da Palmer, queixando-se apenas da falta de verba para manter os luxos da rainha.

O marquês apresentou-se a pretexto de ter vindo para o baile de Verão de Hampton Court que aconteceria nessa noite, e a que a rainha se recusava a ir.

- Não pode fazer uma coisa dessas, Sua Majestade, por muito magoada que esteja. É preciso que faça parte destas festas, que forme aliança com as mulheres destes nobres, que proteja a sua posição.

- Mas, e a minha alma, senhor embaixador?

Sande considerava inadmissível a proposta que Charles, à socapa, fizera à rainha, mas não o podia admitir. Tinha de servir de advogado do Diabo, ele e o chanceler, na tentativa de não deitar tudo a perder, e de facto a impaciência começava a crescer contra uma corte portuguesa que insistia em velar pelos seus próprios interesses, esquecida da fragilidade da posição de D. Catarina, que ainda nem sequer engravidara.

- A sua alma, minha rainha, está salva, garanto-lhe eu. Não se pode recusar a fazer parte da vida do seu marido. É a rainha de Inglaterra, de um povo que espera vê-la, tocar-lhe, saber como influencia o rei a favor dos pobres e dos oprimidos. Não vai deitar tudo isso fora por causa de um romance passado. Que Deus lhe perdoasse!, pensou. - Não jurou o rei fidelidade?

Continuou a explicar-lhe que o importante era deixar naquele dia o amuo e apresentar-se como se nada fosse. Só assim ganharia força para conseguir que Charles aceitasse a sua recusa.

D. Maria acenou-lhe que sim com a cabeça:

- Dona Catarina, não vai deixar o trono ao lado do seu legítimo marido vazio, pois não? - disse a pobre senhora, fazendo das tripas coração e sabendo o que teria de ouvir de D. Elvira e das restantes.

Subitamente Catarina sorriu. Talvez tivessem razão, talvez se jogasse o

jogo de Charles ele aceitasse fazer-lhe a vontade e tudo não passasse de um mal-entendido.

Sande suspirou de alívio. Fazendo sinal para as filhas de Fanshawe, disse-lhes:

- Lady Nan e lady Margaret, espero ver a rainha mais bonita do que alguma vez a vi.

As duas damas retribuíram-lhe o sorriso, e o marquês percebeu que os seus olhos pousavam mais tempo do que era habitual em Nan, na sua expressão suave, na sua graça rápida. Estaria a ficar contagiado pelos vapores da corte de Inglaterra, disse a si mesmo, ligeiramente irritado. Mas Nan já lhe chamava de novo a atenção:

- Não será difícil, vamos já tratar disso - respondera-lhe, como quem aceita uma missão.



Catarina começava a achar graça a estes preparativos para as festas. Crescera quase sozinha, e aos 23 anos sentia que rejuvenescia entre estas adolescentes que colocavam todos os seus sonhos e desejos nessas noites.

- Lembra-te que não podes dançar com o irmão do odioso Buckingham, odeio aquele homem sinuoso, que tem olhos e língua de serpente - dizia Nan à irmã.

- E tu vê lá se Balmoral não te morre nos braços - respondia, a rir, Meg.

Uma das damas confessou-lhes que esperava encontrar por lá o seu cadete da Guarda da Rainha - sentia que havia alguma coisa entre eles. Para divertimento das mais velhas, a mais nova de todas as damas acreditava que os brincos de pérola que Sua Alteza oferecia a todas as raparigas que entravam para a sua Casa seriam suficientes para o enfeitiçar.

- Põe-me rouge - pedia ela a Nan, que se desdobrava a procurar ajudar toda a gente, com isto e com aquilo, atando laços, fazendo tranças, pintando

olhos:

- Rouge? - A gargalhada estendeu-se a toda a sala, e até a rainha se divertiu. Num esforço para se exprimir em inglês, Catarina chamou-a para perto de si e fingiu repreendê-la:

- Rouge só casadas - disse em inglês.

- Mas, e elas? - retorquiu a rapariga, apontando para as bochechas das outras damas pouco mais velhas.

- Cala-te, queixinhas. Não é rouge, é um produto que uma das criadas nos deu, feito de ervas, que chama o sangue à cara.

A dama fez um ar enojado:

- Sanguessugas?

- Se não é isso, é parecido - disse Meg, em frente do espelho, desesperadamente a tentar prender em carrapito o seu cabelo loiro cheio de volume.

Quando acabaram o seu «trabalho», Catarina estava linda: pintada, muito além do que D. Elvira achava decente, os seus olhos sobressaíam da sua pele escura, que metia inveja às inglesas que se queixavam de ser demasiado descoloradas. O cabelo, obra de Meg e lady Suffolk, estava penteado num estilo francês, preso atrás com diamantes, um único e suave cacho de cada lado da cara e um pequeno caracol ao centro. O vestido era preto, com um decote que lhe deixava os ombros a nu, o peito discretamente saliente. Os colchetes que fechavam o vestido pela frente davam-lhe sensualidade, como se pudessem ser abertos facilmente, ao sabor do desejo. Em redor do seu pescoço esguio, apenas uma corrente de ouro, sem mais adereços.

- Se o rei preferir a velha da Palmer à sua mulher legítima, nem sei o que lhe faço - dizia Meg.

- Sei lá do que é que ele é capaz - murmurava Nan. - Ouviste as coisas horríveis que ele lhe disse? Tão falinhas mansas connosco, sempre pronto a passar-nos a mão pelos ombros, mas foi logo dizer-lhe que ou aceitava

que tivesse uma amante, ou devolvia todos os seus súbditos a Portugal... Se fosse a rainha, nunca mais acreditava numa palavra dele.

- E se não acreditar, minhas meninas que falam do que não devem, se não acreditar ficará fechada neste ou noutro palácio, enquanto o rei faz a sua vida, absolutamente indiferente à mulher que encarcerou em vida - surpreendeu-se a dizer, num tom gélido, lady Suffolk. Nan e Meg baixaram os olhos e rezaram para que os seus homens nunca lhes fizessem o mesmo.

Catarina entrou na sala, rodeada das suas damas, e sentiu um enorme prazer quando percebeu a surpresa que causara nos convidados. Vinham de longe, a maioria deles com o propósito de beijar a mão à rainha e de lhe jurar a sua lealdade. James acorreu a dar-lhe o braço, já que Charles se parecia ter eclipsado, e Anne estava junto do enorme cadeirão dourado, já tão elegante como antes de ter o bebé. Catarina sorriu-lhe, pedindo ao cunhado para traduzir:

- Anne, ainda bem que voltou, tem-me feito muita falta. Deixa-me brincar às mães com a pequenina Mary? Acredite que me treinei muito com os meus dois irmãos mais novos...

Anne apertou-lhe o braço e respondeu:

- Quero que seja madrinha de Mary, e vai ter todo o tempo do mundo para a encher de mimos, Sua Majestade. Está tão bonita, sabia?

Catarina agradeceu-lhe, e baixou os olhos. Porque é que Charles não aparecia?, seria tudo tão mais fácil se estivesse ao seu lado. Mas James e o marquês de Sande faziam o seu papel.

Um flautista, um violinista e um harpista enchiam a sala de música, e umas senhoras, ligeiramente indecorosas, na opinião da rainha, dançavam como ninfas em torno de uma fonte artificial, criada na ponta da sala cujas janelas abriam para o jardim. Quem inventaria estas coisas?, pensou.

Os convidados formaram uma fila e iam-se aproximando do trono. Catarina sorria, dava a mão a beijar e fazia um imenso esforço para decorar os nomes que ora Sande, ora James lhe murmuravam. Por várias vezes conseguiu fazer um brilharete, provavelmente porque os nomes que

ouvia já eram seus conhecidos, como o da mulher do chanceler Hyde, a mãe da sua cunhada Anne:

- Lady Hyde, que prazer em conhecê-la. Parabéns pela sua neta - disse, e James traduziu rapidamente as palavras da rainha dirigidas à sogra.

A senhora, comovida com o tratamento tão directo, dobrou o joelho e beijou-lhe de novo a mão, agradecida. Bem lhe dizia a filha que a rainha era simples, sem os artifícios de outras muito menos do que ela. Haveria de escrever à sua mãe, Luísa de Gusmão, a elogiá-la pela educação que dera à filha.

James teve de a ajudar a levantar, e o chanceler, igualmente bem impressionado, levou a mulher para o outro lado da sala, enquanto o lord seguinte apresentava os seus cumprimentos. Catarina gostou também de Balmoral. Já ouvira o nome na boca das manas Fanshawe e por isso foi-lhe mais fácil identificá-lo. Sim, compreendia o que Nan via nele, cabelo loiro encaracolado, uns olhos azuis penetrantes, com a sua farda de almirante impecavelmente vincada e uma dezena de condecorações no peito. Sem cabeleiras, nem artefactos, um militar, suspirou Catarina, que achava as fatiotas dos homens da corte demasiado artificiais e efeminadas.

Subitamente, lá do outro lado da sala, a entrar pela porta, vinha Charles, com uma senhora pelo braço, mas Catarina só o via a ele. Os convidados abriram alas para o deixar passar, e se a rainha não estivesse tão hipnotizada pelo marido teria percebido que o súbito silêncio significava mais do que uma homenagem ao rei que chegava.

Charles aproximou-se da rainha, beijou-a na testa e, puxando para a frente de si a dama que o acompanhava, uma mulher francamente bonita e cheia de glamour, fez as apresentações:

- Sua Alteza, apresento-lhe lady Castlemaine.

Catarina estendeu a mão, que a senhora beijou respeitosamente, deixando depois a fila, enquanto o rei, com um sorriso triunfante, se sentava ao lado da rainha.

Mas as palavras singravam lentamente. «Lady Castelmaine», o título dizia-lhe alguma coisa. Puxando pela manga de um petrificado Sande,

perguntou:

- Senhor embaixador, o nome desta senhora não me era estranho, deveria tê-lo reconhecido, dito alguma coisa?

O embaixador, sempre verdadeiro, respondeu, tentando retirar toda a emoção da sua voz:

- Talvez a conheça melhor pelo nome próprio: Barbara Palmer.

Catarina estremeceu. O sangue fugiu-lhe da cabeça, sentia o cabelo picar-lhe como se lhe espetassem alfinetes, e de repente o tecto da sala começou a rodopiar mais depressa, e cada vez mais depressa, a música a acelerar, como se os músicos tivessem enlouquecido, e caiu, absolutamente pálida, no chão. Nem as mãos de Anne, nem as de James, nem tão-pouco as de Charles chegaram a tempo de evitar que o seu corpo delicado caísse com estrondo no chão.

James empurrou o irmão com uma força desmedida, impedindo-o de chegar mais perto da rainha:

- Seu idiota - disse-lhe, em absoluto descontrolo.

O marquês de Sande, rodeado da guarda real, pegou ao colo no corpo desmaiado de Catarina, e num tom seco, e sem olhar o rei, que parecia um menino aflito, ordenou à guarda:

- Cerrem fileiras atrás de mim.



Quando o marquês, acompanhado de lady Suffolk, chegou aos aposentos da rainha, a cama já estava aberta. Nan e Meg estavam a postos, depois de terem atravessado a correr dois claustros e subido pela escada de serviço que dava acesso directo à antecâmara da rainha. Encurtaram caminho e ganharam tempo, porque queriam lá estar quando Catarina chegasse. Nan, procurando controlar as mãos que tremiam, tirava do baú a camisa de noite da rainha e chamava as criadas para a virem despir; Meg ordenara uma infusão de laranjeira, que já sabia ser o calmante favorito da rainha, e

um tijolo quente, para lhe servir de botija. Uma das criadas fora enviada a chamar o Dr. António Ferreira, certamente já retirado no seu quarto. Minutos depois, Sande agradeceu-lhes com os olhos e, pousando o corpo de Catarina na cama aberta, disse:

- A rainha tem o sangue da realeza portuguesa nas veias. Não se vai deixar abater por um gesto impensado de Sua Alteza. Sabe bem que o que está aqui em causa vai muito além dos sentimentos...

Catarina, que readquiria consciência, olhou-o, os olhos parados e tristes, e Sande percebeu que não era altura de tratar um coração despedaçado e humilhado, com sermões de patriotismo ou de dever. Dobrando a cabeça respeitosamente, saiu, na esperança de encontrar o Dr. Ferreira e o confessor de Catarina. Não podia deixar sair o chanceler sem combinar com ele uma estratégia. Àquela hora Charles estaria a conduzir a festa como se nada fosse, mesmo que os remorsos o consumissem por dentro, e no dia seguinte haveria mais teimosia. O marquês já se preparava para o ouvir dizer que afinal o casara com uma criança mal preparada para o lugar de rainha de Inglaterra, que, como toda a gente sabia, não podia ter um chilique de cada vez que era apresentada a uma mulher com quem o marido já tivesse dormido!

James e Anne também se tinham mantido nos seus lugares, num acordo tácito entre eles, de que o pior que podiam fazer aos inimigos de Catarina era dar a ideia de que a Palmer era capaz de dividir a família real, ou de que atribuíam qualquer importância a um episódio que, obviamente, era apenas uma indisposição da rainha.

O marquês de Sande fez o mesmo, sorrindo e trocando cumprimentos, informando quem perguntava que não fora nada, apenas um pequeno desmaio, talvez estivesse demasiado calor na sala, era preciso abrir as janelas, que afinal era Agosto, e nem uma brisa corria.

Enquanto falava ia procurando com os olhos Edward Hyde, que se vira obrigado a refugiar-se numa sala contígua, na tentativa, também ele, de arrastar a mulher para longe da cena do crime.

Quando Sande os surpreendeu, lady Clarendon ainda vociferava:

- Quero lá saber se me mandam para a Torre, Edward. És como um pai

para Charles, viveu connosco como um filho, tens de lhe chamar a atenção, não pode fazer uma coisa destas à rainha de Inglaterra. A uma mulher tão simpática, delicada e frágil, mas que assumiu o seu lugar com toda a determinação.

Edward Hyde implorava-lhe apenas que falasse mais baixo:

- Mulher, cala-te, por favor, falamos em casa. Não sabes que isto está enxameado dos amigos de Buckingham, que é ele e a sua tribo que incitam a Palmer a usar o rei. Charles não percebe, mas é uma marioneta neste jogo, a sua infantilidade e a sua generosidade são aproveitados, e sabes como ele é, acredita em quem está a falar com ele no momento.

Sande conseguiu arrastar Hyde para o jardim iluminado por tochas, pedindo licença de passagem a casais que ostensivamente se amavam sob a sombra dos arbustos, ou brincavam ao gato e ao rato entre as colunas do claustro adjacente:

- Amanhã o rei vai insistir em que dona Catarina aceite a Palmer na sua Casa, julgando que assim nos deita areia para os olhos. Vai ser ainda mais firme para provar a todos, sobretudo a ele próprio, que o seu comportamento foi perfeitamente legítimo, que aquela mulher não lhe é nada, e que tudo não passa de fantasias histéricas de uma rainha imatura - disse de uma assentada o marquês.

- Ainda bem, meu caro, que tem consciência do que está para acontecer. Sabe o que é pior, vamos ser os emissários escolhidos para tentar o impossível, o que agora mais impossível ficou...

- Aceitamos o papel? Podemos pedir a dona Catarina uma coisa dessas, depois do que aqui se passou?

- Sem a sua comitiva já vai ficar. Charles é generoso, gentil, mas para aqueles que fazem o que ele quer. Quem não o faz, e nós estamos incluídos, sofrerá as consequências. Não mandará que nos cortem a cabeça, porque não é o seu estilo, mas seremos colocados em posições onde não teremos qualquer possibilidade de ajudar a rainha, seja de que maneira for. É preciso levá-la a ceder...

O marquês de Sande abanou a cabeça. Há quantos anos estava ele

metido neste drama, que se desenvolvia em vários capítulos?

- Duvido. Dona Catarina nunca aceitará que eu lhe peça tal coisa, sou o seu aliado, o seu embaixador, se o fizer serei acusado de estar do lado da Palmer, contra Roma, um defensor de um comportamento imoral. O rei terá de compreender que não me pode pedir, a mim, uma coisa dessas...

- Não vai compreender, pode estar descansado, marquês. Mas prometo-lhe que o tentarei proteger, oferecendo-me eu para me encarregar do encontro com a rainha...

Separaram-se assim. O marquês tropeçou em mais uns corpos desnudados e desapareceu na escuridão do jardim. Ainda bem que os seus aposentos eram do outro lado daquele pátio, longe dali.

Catarina voltou a abrir os olhos, devagar. Há muito tempo que estava perfeitamente lúcida, e já tinha tido tempo para recapitular a cena na cabeça. Fizera uma triste figura, que Luísa de Gusmão nunca tomasse conhecimento de que a sua filha desfalecera por conhecer uma amante do marido, que Luísa de Gusmão nunca soubesse que fora tão mal preparada para aquele beija-mão, que nem sequer consultara previamente a lista de convidados, que nem tão-pouco reconhecera à primeira o nome daquela odiosa mulher - deixara que lhe beijasse a mão, aceitara-a perante toda a sua corte, não podia voltar atrás naquele gesto. Quando, se tivesse sido avisada, poderia ter-se recusado a comparecer, deixando Charles e a sua trupe sem protagonista principal para a sua charada, poderia ter feito uma cena, logo ali, recusando-se a cumprimentá-la. Não era preciso mais do que isso, um gesto digno e sereno. Sem desmaios. Charles, Charles porque lhe fizera ele isto? Porque fora contrariado, queria medir forças com a mulher que dizia amar, com quem casara?

Já o conhecia o suficiente para saber que não viria ter consigo a pedir-lhe desculpas. A noite ia longa, e ninguém batera à porta, o rei não viera a correr, nem sequer para saber se estava bem. Charles faria tudo para sentir que a razão estava do seu lado. Amanhã, viria ele, ou o chanceler, ou Sande, ou alguma outra personagem pedir-lhe que reconsiderasse, que pensasse melhor, que talvez fosse mais sensato ter Barbara no seio da sua casa, onde a podia controlar, do que à solta, pronta a deitar mão ao seu marido, a controlá-lo.

Mas a Senhora das Candeias não lho permitia, não lho permitia D. Elvira, nem D. Maria, nem os confessores, nem, sobretudo, a mãe, a mãe que a avisara que é mais perigosa uma mulher constante do que muitas galdérias encontradas fora do paço.

Nan pedia licença para lhe pôr um braço em redor do pescoço, para a puxar para cima e lhe dar a beber a infusão e o medicamento que o Dr. António deixara para a ajudar a dormir. Que vontade tinha de se agarrar a ela, como se fosse Joana, como se fosse Carminho, e chorar no seu ombro todas as mágoas, todas as desilusões, toda a vergonha. Mas não o fez.

Agradeceu a ajuda, mas disse que estava bem, obrigou-se a subir nas almofadas, que a dama lhe colocou atrás das costas para a suportar, e ia entornando o chá, quando ouviu bater à porta.

Seria ele? Teria vindo?

Ninguém se atreveu a abri-la, mas a rainha, com uma voz mais forte, ordenou:

- Entre!

Não era Charles que batia, mas Edward Montagu. Sem olhar para D. Catarina, chamou Meg.

- Trouxe este presente para Sua Majestade.

E, virando as costas, fugiu.

Meg trouxe até ao lado da cama uma raposinha pequenina, embrulhada numa pequena manta de xadrez, com um biberão de leite, e colocou-a no colo da rainha. Catarina sentiu que o coração ia rebentar - como era difícil aceitar o amor dos outros, como era insuportável este sentimento de gratidão para com esta sua gente, que fazia os possíveis e os impossíveis por remendar um sofrimento que não tinha provocado.

- Cenoura - disse, numa voz firme e clara. - Vou chamá-la Cenoura.

- Carrot - repetiu Nan, sorridente.

- Carrot - soletrou D. Catarina, logo acrescentando:

- Cenoura, lady Nan. Charles que aprenda a dizê-lo em português!

9

Hampton Court, 2 de Agosto de 1662

Ajoelhada frente ao oratório, Catarina perdia-se em pensamentos. As orações eram o único pretexto para a deixarem sozinha, nesta vida em que nenhuma hora do dia estava livre.

Não falava ao rei há mais de um mês. Charles ignorava-a ou, pior do que isso, exibia a sua indiferença, mantendo as suas rotinas, os seus desafios de ténis, as cavalgadas, os passeios e os piqueniques, e à noite as festas no salão principal, para onde tinha a distinta lata de convidar as damas da Casa da Rainha. Catarina fora firme nas ordens que dera a lady Suffolk: ela não compareceria a nenhuma dessas fantochadas, como lhes chamava, mas as damas teriam de ir, porque não era justo cortar-lhes as pernas, boicotar o seu futuro, sabendo que o rei as marcaria como aliadas da rainha nesta guerra absurda.

Apesar dos apelos de Edward Hyde e dos discretos pedidos de sensatez por parte do marquês de Sande, a rainha fora firme: não cederia, fosse qual fosse a chantagem, a integrar na sua casa uma mulher de pouca virtude.

Mordia o lábio quando pensava nisso: sabia que contribuíra para atirar o rei para os braços da Palmer e dos seus inimigos, e, segundo lhe diziam, para os de muitas outras mulheres também, mas era mais forte do que ela. Sentir-se-ia suja e indigna se pactuasse com este negócio só para conseguir a atenção do rei, ou privilégios que lhe pudesse dar. Inspirava-se em Catarina de Aragão e dispunha-se, como ela, a resistir passivamente, mas sempre, todos os dias, e a Senhora das Candeias sabia-o bem, implorava que Deus fosse misericordioso e encontrasse forma de a voltar a reunir ao homem que tanto amava.

Ouvira as damas a falar desse amor, e as irmãs Fanshawe tinham sido capazes de a fazer sorrir: Nan, sempre tão apaixonada, ora jurava que mataria o homem que a tratasse como o rei tratava Catarina, como

argumentava que, enfim, talvez cedendo não se perdesse tudo, e que de facto o charme do rei era incontornável. Margaret queria tratá-lo a ferro e fogo, com a determinação que punha em tudo na vida, e homens era o que não faltava por esse Mundo. Catarina sorria com o facto de a dama se esquecer que rei de Inglaterra havia só um. O problema era exactamente esse. Problema agravado, pensava, porque era também exactamente e apenas esse que ela desejava.



As notícias de Portugal serviam para a distrair, mas não para a animar. O castelo de cartas parecia ter-se desmoronado com a sua saída do reino, como se fosse, de alguma maneira, o seu imenso afecto por Afonso e Pedro que os tivesse impedido de se digladiarem como agora faziam.

A carta que recebera da mãe, datada de 26 de julho, dava conta de que nesse mesmo dia Afonso assumira o poder, nomeando Luís de Vasconcelos e Sousa, conde de Castelo Melhor, seu primeiro-ministro, escrivão da Puridade, como lhe chamara. Um golpe de Estado que terminara com a regência da sua mãe e mudara o centro de decisão para a Quinta de Alcântara - aquela de que o pai tanto gostava, e de que por isso mesmo Afonso fazia o seu quartel-general. Com a ajuda de Inglaterra, contava D. Luísa, fora possível derrotar os castelhanos, e o reino estava em paz... com Espanha, frisava a mãe, já que todos os nobres ligados ao seu Governo e à Casa do Infantado de D. Pedro tinham sido sistematicamente afastados. A mãe mencionava nome atrás de nome, entre eles o duque de Cadaval, e, mais grave ainda, o seu querido padre António Vieira, enviado para o Porto, recebendo a Inquisição carta branca para o questionar. Livre da protecção de Luísa de Gusmão, o antigo pregador do Reino passava um mau bocado - Catarina escrevera-lhe desesperada, esperando que na contenção das palavras que a rainha de Inglaterra tinha de ter Vieira percebesse a sua amizade e solidariedade. Preocupava-a, sobretudo, a mãe. Dizia que não se importara nada de deixar o governo do reino, que finalmente tinha tempo para si, mas Catarina sabia que era impossível que estivesse feliz - durante demasiados anos estivera ocupada de manhã à noite com os assuntos do Estado, e nem sequer tinha uma filha em casa, ou netos, para lhe fazerem companhia. Anunciava que iria começar as obras de um convento onde tencionava passar o resto dos seus dias, talvez a

organização da tarefa, o adjudicar dos projectos lhe trouxessem alguma ocupação. Mas Catarina conhecia-a, e sabia que não seria capaz de deixar de seguir atentamente a política, de se angustiar de cada vez que Afonso errasse, de se envolver nas ambições de D. Pedro e da sua gente.

Comovera-se com a carta que recebera do irmão, agora assumido rei português. Parecia entusiasmado, agradecia a cooperação do cunhado inglês, confessava-lhe:

«Tomei o poder que era meu, e sinto-me bem assim. Catarina, irmã que jurei proteger, nunca deixes que te ponham o pé em cima. Cedemos por gentileza, para fugir a conflitos, mas depois nunca mais conseguimos livrar-nos do jugo.»

Dar-lhe-ia razão se lhe contasse que no segundo mês de casada deixara de falar e ser visitada pelo seu marido o rei, por uma questão de orgulho? De dignidade, gostava mais de pensar, que era de princípios e de dignidade que tudo isto se tratava. Respirou fundo. Talvez a sorte mudasse finalmente para Afonso, mesmo que o destino da sua irmã, aqui tão longe, não parecesse promissor. Tinha esperanças de que Castelo Melhor fosse capaz de orientar Afonso, de lhe dar a segurança de que precisava para revelar as suas capacidades. Livre dos Conti, puxado para um círculo mais erudito e elevado, era provável que se interessasse pelos destinos do reino, e as boas ocupações lhe tirassem o tempo e o empenho nas más. Pedro dizia-lhe, inclusivamente, que os embaixadores tratavam de lhe encontrar uma mulher entre as princesas europeias, tomara que fosse carinhosa e sensata e pudesse desfazer os males que tanto o faziam sofrer.

Se ao menos pudesse falar com Charles sobre tudo isto, talvez ele tivesse uma ideia, uma sugestão, talvez a aconchegasse nos braços e afastasse esta ansiedade que não a deixava. Mas não podia. Pior do que isso, sabia que o marido estava determinado a fazer cumprir as suas instruções, e que à excepção de D. Maria, de que sempre gostara, quase todos os outros teriam de partir: dia após dia deixavam Hampton Court os membros da sua comitiva, mandados regressar a Lisboa. Partiam, a maioria deles, felizes por deixar para trás uma corte que os ofendia. Mas Charles queria lá saber se iam felizes ou infelizes, o seu objectivo era deixá-la isolada, pensava, amargurada. Catarina rezava que estes tivessem a hombridade de não contar à mãe a sua cena com Barbara Palmer, esperança vã, estava

certa.



Catarina procurava reagir, porque sabia que a melancolia não a levaria a lado nenhum, e ainda não tinha desistido, embora não soubesse como, de reconquistar o marido.

Sentada num dos bancos de madeira das janelas, aqueles que em Portugal eram sempre de pedra, pensou, virou a cabeça para o lado da sala de onde vinham risinhos divertidos. Meg estava sentada a uma mesa de jogo, com Nan e uma das damas mais novas à sua volta, tão excitadas que pareciam meninas a brincar num jardim. Catarina, sorridente, aproximou-se devagarinho: num dos pratos de porcelana chinesa Meg espalhava as folhas do chá que tinham acabado de beber, e lia nelas o futuro de Nan.

- Vais apaixonar-te por um homem mais velho, muito mais velho - dizia Meg.

Nan gritava que não acreditava em nada daquilo, mas Meg protestava que tinha posto o dedo na ferida, abraçando a irmã, sem esconder a sua excitação.

- Vou ser feliz, pelo menos? - perguntava Nan, fingindo que se limitava a fazer a vontade das outras e a entrar no jogo.

Meg remexeu de novo as folhas de chá preto e repetiu: - Vejo um sol, e vejo, vejo...

- Meg, pára com isso, e diz-nos o que vês - insistia a recém-chegada.

- Vejo um S.

O silêncio caiu sobre a mesa. Se fosse um B, talvez soubessem de quem se tratava, mas um S?

- Nan, o que é que não me andas a contar?

A rainha estacou de repente: seria possível? Já por várias vezes sentira que havia entre eles uma força especial, mas não, ele era demasiado velho, demasiado formal. Tossiu e disse:

- Às vezes temos que olhar com olhos de ver, para perceber para onde nos aponta o coração.

As três damas sobressaltaram-se. Não a tinham sentido aproximar-se.

- Sua Majestade desculpe, não a ouvimos chegar-se a nós - desculparam-se, quase em coro.

- Não tem importância nenhuma, mas arranjem-me uma cadeira, quero que lady Meg me leia as «minhas» folhas de chá.

Nan correu a sentar a rainha, que por sua vez as mandou voltar aos seus postos.

- Lady Margaret, estou à espera.

As mãos de Meg tremiam:

- É só uma brincadeira, dona Catarina. Uma brincadeira para passar o tempo - insistia.

- Também nunca julguei que fosse outra coisa, que a nossa religião bem nos ensina que o futuro fazemo-lo nós, com a Graça Dele. Mais faltava que estivesse traçado em folhas de chá vindas do Oriente. - Ao dizê-lo o seu semblante tornou-se mais carregado. Lembrou-se de Ali, de Ali e das suas folhas de chá, da sua profecia do ventre liso, que agora ameaçava tornar-se realidade...

- Lady Meg, é uma ordem da rainha. Quero entrar no jogo.

Meg obedeceu-lhe e pegando em folhas frescas, tiradas com uma colher do bule, voltou a «lançá-las»:

- Vejo um barco...

- Eu também, perfeitamente - dizia Nan.

- Um barco que chega, ou que parte? - perguntou, grave, D. Catarina.

- Que chega - disse Nan -, acho que aporta, vejam como a proa está apontada para este montículo de folhas que parece um porto.

- Sim, julgo que aporta, mas vamos saber o resto da história - insistiu a rainha.

Meg voltou a espalhar as folhas:

- Uma mulher, uma senhora, já de idade... olhem aqui, não parece uma bengala?

- Será dona Luísa que a vem visitar? - exclamaram, entusiasmadas.

Catarina riu, um riso triste:

- Ainda ontem recebi uma carta, não me parece que a minha mãe volte a sair do convento onde se enclausurou...

Nan fez um gesto de compreensão com a cabeça:

- Então que outra senhora idosa, importante, pode surgir na vida de Sua Majestade?

- Eu sei! - disse a dama mais nova, as suas sardas incandescentes na pele branca, feliz por saber o que os outros não sabiam, por ir dar uma novidade, trazer sobre si um bocadinho de atenção, ela tão baixinha e desinteressante, a quem ninguém parecia ligar muito.

Catarina, que gostava da sua dama mais nova, incitou-a:

- Conte-nos o segredo.

- A sogra de Sua Alteza, a rainha-mãe Henriette Marie. Ouvi ontem à noite, quando atravessava o salão, contarem que chegara notícia de que vinha de visita a Inglaterra. Para a ver a si, Sua Majestade. - Depois, corando, acrescentou:

- Desculpe, julguei que por esta hora já o sabia. - Catarina não sabia. Também era difícil que soubesse, porque não falava ao marido há

semanas, nem se dava com ninguém da corte inglesa, e até o chanceler Hyde, que a podia ter informado, estava frio com ela, zangado pela situação em que o colocara ao recusar aceitar as suas propostas no caso da Palmer.

Acenou que não com a cabeça, e ficou pensativa. Nenhuma das outras se atreveu a dizer nada, até que Meg, mais directa, comentou:

- Alegre-se, dona Catarina, desculpe-me falar assim, mas é a saída para o impasse em que se encontrava. A rainha-mãe tem imenso poder sobre o filho, professa a sua religião, acredita na santidade do casamento...

- Vai tomar o seu partido, vai fazer com que Sua Alteza veja a razão - continuou Nan.

A rainha sentiu que o coração se tornava mais leve:

- Acho que vou gostar de chá para sempre! E agora preparem-se para a missa, que são horas.

Nessa noite, o bilhete de Charles chegou. O primeiro desde há longas semanas e que vinha quebrar aquele silêncio terrível que caíra sobre eles. Anunciava a chegada da mãe, e dizia-lhe que teriam de ir os dois, ele e ela, ter com Henriette Marie a Whitehall. Acrescentava que depois era preciso ir a Londres, e preparar tudo, porque a primeira ida da nova rainha de Inglaterra à capital era um acontecimento de Estado. Não fazia menção nenhuma ao desentendimento, era como se quisesse começar de novo, uma folha em branco, em que poderiam voltar a escrever.

Catarina estava sozinha com D. Maria e lady Suffolk, e leu-lhes alto a missiva. Ambas sorriram, aliviadas:

- Que bom, que bom, tudo se vai compor. Vamos tratar do seu guarda-roupa de forma que a sua sogra a adore, e depois Londres se renda aos seus pés, Sua Alteza - dizia lady Suffolk, feliz com a possibilidade de reencontrar a sua querida amiga. Seria fácil dar-lhe o seu ponto de vista, pedir-lhe que injectasse algum bom senso na cabeça do seu primogénito.

Satisfeita, Catarina sentiu, no entanto, um impulso de saber mais. Todos murmuravam o nome da Palmer, sabia que era casada, mas a verdade é que nunca se atrevera a pedir pormenores, como se desejar informar-se

fosse atribuir demasiada importância à personagem. Mas agora aqui, entre estas duas senhoras que gostavam tanto dela, tão mais velhas do que ela, atreveu-se a perguntar:

- Lady Suffolk, peço perdão se a incomodo, mas fale-me de Lady Castlemaine. Preciso de perceber melhor quem é... com que adversário me debato.

Lady Suffolk respondeu-lhe com serenidade:

- Também não sei muito... De nascimento tinha o apelido de Villiers. O pai, William, era um realista, e morreu de uma ferida feita em combate, deixando a mulher e a filha pequena numa situação muito difícil. A mãe de Charles e agora o próprio rei deram-lhe alguma protecção por sentirem que o visconde tinha morrido ao serviço da coroa. A criatura era, e peço agora eu desculpa, mas tenho de ser verdadeira, muito, muito bonita e mais não digo, e foi fazendo uso, desde cedo, dos seus dotes físicos.

Catarina recordava-se de ter ficado impressionada com a dama que Charles trazia pelo braço ao atravessar a sala, antes daquela cena patética, lembrava-se do seu cabelo castanho-arruivado, dos seus olhos azul-violetas, da sua boca sensual e das suas formas voluptuosas. Se a visse de novo provavelmente não a reconheceria, mas ficara com a impressão de que era francamente bonita, e pelos vistos a sua arte e a sua experiência faziam o resto.

- Conte mais, por favor - insistiu.

- É prima do duque de Buckingham...

- Mas isso explica tanta coisa! - comentou a rainha, com os olhos abertos de estupefacção.

- Se me permite, Sua Alteza, explica mesmo quase tudo... Mas voltando ao passado: encontrou um homem rico, Roger Palmer, e casou com ele, contra a vontade do sogro.

- Que ambicionava melhor para o filho?

- Deveria ser um bom avaliador de caracteres, e talvez estivesse bem

informado. Barbara tinha apenas dezoito anos na altura, mas já era muito falada na corte no exílio.

- O pai avisou o filho contra a futura nora, portanto?

- Exactamente, disse-lhe que se casasse com Barbara, e cito, «Seria o homem mais infeliz à face da Terra.» Não se enganou.

- Coitado - suspirou Catarina, de repente sentindo-se uma alma gémea do pobre homem, enganado pela mulher com o próprio rei, há vários anos, coberto de dinheiro e títulos para esconder a vergonha. Ó meu Deus, protege-me de que me aconteça o mesmo, pensou Catarina.

- Vivem ainda juntos? - quis saber a medo, e questionava-se se desejava que lady Suffolk lhe respondesse que sim, ou que não.

Se vivessem juntos, quem sabe, talvez o marido pusesse fim a esta pouca-vergonha, mas se já tivesse desistido dela, e Palmer depositasse todas as esperanças no rei, então...

- Separaram-se fisicamente há uns anos, pouco depois do nascimento da primeira filha, da primeira filha dela, digo eu, porque pelos vistos Roger não acreditava que fosse sua.

Catarina não conseguiu perguntar se era do rei, mas lady Suffolk deu-lhe a resposta, poupando-a ao embaraço:

- Lady Anne Palmer tem um ano de idade, e há quem diga que é filha do rei, e quem insinue que é de um outro homem a quem a mãe era afeiçoada. De qualquer maneira, e porque acho que deve saber tudo, para que não a possam magoar mais com a surpresa, o rei decidiu tratá-la como uma filha.

- Porque já tinha uma ligação com ela há mais tempo... há quanto tempo, lady Suffolk?

- Há dois anos, diz-se, ainda estava em Haia.

D. Maria de Portugal já se benzia, e Catarina sentia o nó na garganta apertar-se: e se esta mulher fosse como a mãe de Maria, a amante do seu pai João, que ele amara certamente muito, a ela e à filha, de tal forma que

insistira até em escrever uma carta na hora da morte? Não era altura de regressar ao passado. Enchendo o peito de ar, Catarina continuou o interrogatório:

- O bebé que nasceu agora, já depois do nosso casamento, é um rapaz, não é? Como é que se chama?

- Sei pouco disso, Sua Alteza, já estava aqui ao seu serviço, longe dos mexericos da corte, que também nunca fui de os ouvir, mas sim, é um rapaz, e ao que me dizem chama-se Charles, Charles Fitzroy.

- Fitzroy? Filho do rei? - perguntou Catarina, incrédula.

- Um apelido que Sua Majestade decidiu dar ao filho.

Catarina sentiu a cabeça andar à roda: tantos filhos, tantos varões, que lhe podia ela dar, que as outras não tivessem dado antes.

Lady Suffolk percebeu a angústia da rainha, e estendeu a mão para cobrir a dela, gelada e húmida, e sossegou-a:

- Foram outros tempos, Alteza. O facto de o rei a querer na Casa da Rainha já é bom sinal, não o faria se pretendesse continuar a vê-la... dessa forma. Agora tudo vai mudar quando dona Catarina engravidar e lhe der aquilo que ele mais ambiciona, e que ainda ninguém lhe deu, note bem: um filho legítimo, que possa suceder-lhe no trono de Inglaterra. Essa é a sua missão, não o esqueça.

D. Maria, que ouvira atenta, percebeu onde a camareira inglesa queria chegar. Com estes meses de convívio aprendera a gostar dela e a respeitar o seu juízo, o juízo de quem conhece os meandros destas casas, que nem ela, nem a pobre Catarina tinham conhecimentos para decifrar. Inclinando-se para a frente, também pousou a sua mão engelhada sobre a da «sua infanta», que afinal o seria sempre.

- Lady Suffolk tem razão, dona Catarina, e a sua mãe se aqui estivesse dir-lhe-ia o mesmo, acredite. Esta separação forçada do rei não é boa para ninguém, e pode servir apenas para o atirar para os braços dessa oportunista. Tem de dar o benefício da dúvida, o seu marido talvez se queira emendar, e se ressinta de que a sua própria mulher não acredite

nas suas palavras.

Agora a culpa era sua?, pensou ligeiramente indignada Catarina, mas percebeu, pela cara das duas senhoras que a olhavam com ternura, que queriam apenas pôr um fim a este drama.

Fingindo um sorriso, Catarina tranquilizou-as:

- Tenho a certeza de que lady Suffolk tem razão. A minha sogra será a ponte entre nós.

Ambas as damas acenaram, satisfeitas. Mas se o sorriso de Catarina era forçado, mais forçado ainda era o de lady Suffolk: não tinha tido coragem de dizer à rainha que a mulher que entraria para a sua Casa, que dominava neste momento a corte, e aparecia ao lado de Charles em todos os jantares e festas, já estava, de novo, grávida do rei.

10

Whitehall Palace, 23 de Agosto de 1662

Entraram para a mesma carruagem, silenciosos. Catarina cumprimentou-o com um sorriso, e pouco depois começou a fazer perguntas, incapaz de suportar o peso daquela guerra fria. Charles, questionado sobre a mãe e os irmãos, não resistiu muito tempo ao amuo, e passada meia hora contava-lhe entusiasmado os pormenores da sua infância, o exílio da mãe grávida e dos irmãos mais pequenos que tinham morrido de sarampo e que nunca chegara a conhecer. A rainha aproveitou o filão, fazendo ainda mais perguntas sobre Henriquetta Anna, a Minette, que sabia ser a sua irmã favorita. Charles inflamou o discurso. Descreveu-a como a mais bonita, inteligente e divertida de todas as mulheres à face da Terra.

- Mas vem com a sua mãe? - perguntou Catarina, desejosa de conhecer esta irmã de Charles que o tinha sob um feitiço, que parecia arrumar num canto todos os outros elementos do sexo feminino.

Charles franziu o sobrolho, zangado.

- Se pudesse assassinava o meu cunhado. É cruel com a minha irmã, e nunca a deixa sair de casa, embora não lhe faça qualquer companhia.

Catarina procurou animá-lo:

- Mas a sua mãe certamente lhe traz uma carta dela.

Charles sorriu-lhe abertamente, e estendendo a mão segurou na sua. Catarina sentiu o coração parar por segundos: era possível que este homem se transformasse assim de um momento para o outro, e que o seu toque tivesse o poder de fazer com que lhe perdoassem tudo?

- Querida mulher, já me esquecia de como gosta de nos ver a todos felizes e como, se pudesse, acabava com qualquer conflito.

Catarina tremeu, estava a correr tudo tão bem, não queria mesmo voltar «àquele» assunto, mas Charles já nem se parecia lembrar da discussão, e começou a contar-lhe a história do Palácio de Whitehall, onde a mãe estava instalada, e para onde em breve se mudariam todos.

- Vai ser a sua próxima casa, Catarina, por isso veja se gosta. Há aposentos que já mandei remodelar, outros para os quais estou à espera dos seus conselhos. E a boa notícia é que a minha mãe usa a capelinha católica de St. James, que o meu pai mandou construir para ela, e que poderá utilizar se quiser...

Catarina agradeceu-lhe. É verdade que ele, no seu acesso de raiva, mandara para Lisboa uma parte dos seus clérigos, mas soubera há pouco que autorizara a carta em que lhe pedira para mandar vir um grupo de monges arrábidos, que tinham conhecido o seu pai - «e que cantam maravilhosamente bem», acrescentara, sabendo que o rei gostava de música. Se pudessem ter uma igreja, uma capela a sério, e talvez um pequeno convento, em lugar de viverem em anexos dos seus aposentos, seria magnífico.

Charles olhava pela janela, e de repente gritou:

- Catarina, veja! Whitehall.

O palácio era mais uma construção magnífica. O olhar de Catarina ficou preso num torreão que se destacava, apontando:

- Aquele torreão é de alguém?

- Aquele torreão é seu, se gosta dele... Como é que adivinhei? São naqueles três andares os aposentos dos reis, e vai gostar das escadas e escadinhas, e das varandas e janelas voltadas para o rio.

Catarina fechou os olhos. À sua frente surgia o seu querido torreão filipino, a janela aberta de par em par sobre o Tejo, o cheiro a mar, o céu azul sem igual, e Teodósio, o seu Teodósio, e Joana, sentados nas carteiras, a olharem os mapas onde António Vieira apontava países como Inglaterra.

Quando um solavanco e o parar da carruagem a fez voltar à terra, reparou que Charles a olhava com ternura:

- Saudades de casa?

Catarina teve vontade de chorar de comoção. Faria tudo, tudo, para ter o seu marido de volta.

No cimo da escada Henriette Marie, uma senhora imponente, com cabelos claros como os de James mas a expressão de Charles, esperava pela nora.

Catarina e Charles subiram os degraus depressa, sorridentes. Anne, com a ama que trazia a pequenina Mary ao colo, subiram atrás deles, e James fechava o cortejo, os olhos presos nos da mãe, que tanto admirava.

A sogra abraçou a nora e deu-lhe três beijos, alternando as faces, como era costume em França, e depois de ter cumprimentado os filhos, de uma forma informal e calorosa, puxou pela mão de Catarina e disse a Charles:

- Vai lá tratar da tua vida, que a tua mulher fica aqui comigo, que temos muito que conversar.

Virando-se para a rainha, acrescentou:

- E aquilo de que menos precisamos é de homens a ouvir a nossa conversa.

Levou-a para a sua salinha de costura, as janelas sobre o rio, e Catarina sentiu, de repente, que o Paço da Ribeira tinha duplicado de tamanho, mas era nele que estava esta senhora que faria, a partir de agora, o papel de sua mãe.

Para sua surpresa, Richard Russel estava sentado num canto.

- Precisávamos de um tradutor - disse a sogra, com o seu ar despachado e prático.

Catarina beijou a mão ao bispo e olhou-o timidamente: embaraçava-a tudo isto, temia perder o controlo, fazer queixas, expor a sua intimidade. Talvez não se falasse da Palmer, e só do tempo que fazia, da chuva que não parara todo o Verão. Russel lançou-lhe um olhar especial, como quem diz «o que aqui se falar será equivalente ao segredo da confissão», e Catarina

respondeu com outro, de gratidão.

Mas se esperava que Henriette não fosse directa ao assunto da Palmer, enganava-se:

- Sei que não tem estado bem com o meu filho...

Catarina sentiu a cara incendiar-se, maldito temperamento, pensou, não resistindo, no entanto, a responder:

- Talvez fosse mais correcto dizer que o seu filho não tem estado bem comigo!

Henriette apertou-lhe a mão, divertida:

- Ai, que bom, tinha medo que fosse um pãozinho sem sal, demasiado doce, demasiado subserviente. Ainda bem que não é, gosto de mulheres com garra, vou gostar muito mais de si assim.

Catarina já se arrependia de ter respondido de forma tão agressiva - qual é a mãe que gosta de ouvir mal do filho -, e atalhou:

- Julgo que se trata tudo de um mal-entendido...

A rainha-mãe soltou uma gargalhada:

- Diplomata, ainda por cima. Sim, senhora, uma rapariga muito completa, a minha nora. Mas não precisa de fazer jogos comigo, conheço os meus filhos, conheço os homens, e conheço, embora felizmente mal, esta nova corte que Charles formou em seu redor.

Catarina ardia de vontade de perguntar «Conhece também a Palmer, muito mais bonita do que eu, mais nova, e já com netos seus?», mas ficou calada, a torcer as mãos no colo.

- Sei porque é que se desentenderam. Sei e dou-lhe toda a razão.

Catarina não queria acreditar, não ia ser repreendida, incitada à conciliação, não lhe iam dizer que era uma provinciana, que reagia como uma criança. Henriette observou-a cuidadosamente e leu-lhe todos estes pensamentos:

- Não, não vou dizer que é uma criança, apenas que é uma mulher com dignidade própria, uma infanta de Portugal, que foi educada num meio que pouco terá que ver com o da corte francesa ou inglesa.

- Mas Charles deixou de me falar porque me recusei a aceitar lady Castlemaine na Casa da Rainha, e depois, e depois foi horrível, levou-a até mim, e estendi-lhe a mão...

Catarina não conseguiu continuar, as lágrimas corriam-lhe pela cara. Envergonhada, tentou recuperar a compostura, e Henriette esperou, serenamente. A rainha concentrou-se na paisagem, e aos poucos Catarina recuperou o fôlego:

- Peço imensa desculpa...

- Não tem nada que pedir desculpa, mas temos de resolver esta ferida. O primeiro passo já o deu, vindo até aqui com Charles, e percebi que chegou feliz, o que significa que a viagem correu bem. Depois vamos viver aqui, lado a lado, e terá a minha companhia e vigilância mais próxima: vamos à missa juntas, lanchamos, bebemos o chá tão agradável que trouxe consigo, e tornamos a nossa família mais sólida, agora que James e Anne têm até uma filha com que nos podemos entreter.

Catarina, ainda demasiado distante dos segredos desta família para saber que a sogra odiava Anne Hyde, que acusava de ter estragado a vida ao seu filho favorito, sorriu:

- Gostava que assim fosse.

- Quanto a lady Castlemaine, acredite que percebo o seu sofrimento, não quero entrar em pormenores, mas já passei por ele, e confesso-lhe que a senhora não é do meu agrado. Quis muito que o meu filho casasse consigo, e o vosso casamento é para mim sagrado, ou não tivesse sido abençoado por Deus. A questão é como contornar a teimosia do meu filho, como «esvaziar o balão»...

- Esvaziar o balão?

- Sim, minha filha. Os apoiantes da Palmer são aqueles que queriam uma rainha protestante. Por detrás desta mulher hábil na cama está um

elemento inteligente que serve a causa de quem a apoia: Buckingham e outros como ele incitam Charles a manter a relação. Os filhos e o feitio do meu filho fazem o resto. Se vir o caso assim, vai perceber que ao recusar a presença da Palmer junto de si está a deitar achas para a fogueira. Já colocá-la sob as suas ordens, dentro de sua casa, poderia servir melhor os seus objectivos.

- Palmer já tem a corte toda do seu lado. As senhoras riem quando passo, e correm para ela para fazerem troça de mim, e...

- Charles vê e finge que não vê...

- Pois, é isso mesmo que sinto...

- Os seus sentimentos correspondem à realidade, não se recrimine. O meu filho viu o pai ser assassinado, perdeu tudo, andou vinte anos à deriva, longe de mim e dos irmãos, e agora prefere tapar a vista a todos os problemas que possam gerar conflitos, mesmo quando faz sofrer pessoas de quem gosta.

Aproximando-se mais de Catarina, passou-lhe a mão suavemente pelo cabelo e disse-lhe:

- Mas ele gosta de si, não duvide nunca disso. Conheço os defeitos do meu filho, mas sei que em última instância defenderá sempre o seu casamento, os votos que assumiu.

Tem uma maneira original de os interpretar, pensou Catarina.

Depois de uns minutos de silêncio, Catarina concluiu a conversa:

- O que me diz é que tenho razão, que é a minha dignidade que está de facto em jogo, mas que tenho mais possibilidades de a guardar aceitando esta situação, e mantendo-a sob controlo, do que ar ranjando pretextos para que aqueles que lutam contra Roma, contra a nossa religião, tenham mais força, é isso?

- Exactamente - disse Henriette, erguendo-se da cadeira -, mas agora vamos juntar-nos aos outros, que devem estar na sala.

Puxando gentilmente a nora para o seu lado, acrescentou:

- Não precisa de dizer nada a Charles. Não volte a falar no assunto. Limite-se a cumprimentar friamente Castlemaine. Não ceda às suas provocações, ignore-a, sem a hostilizar. Prepare-se para que o seu confessor, e outros, inclusivamente o chanceler Hyde, a possam criticar, dizendo que cedeu afinal, que toda a batalha que travou estes meses foi em vão. Não se esqueça, procuram, também, defender-se a si mesmos, porque sabem que são igualmente alvo dos antipapistas...

- Dos anti-Catarina...

A sogra sorriu:

- Dos anti-Catarina, mas muito mais do que isso, minha querida. Lembre-se que o importante é que é, e vai continuar a ser, rainha de Inglaterra. Não há vingança mais dura para os seus opositores.

Russel, quando todos se tinham afastado, passou-lhe o braço discretamente pelos ombros:

- Coragem, dona Catarina, e acredite que Deus a quer ver feliz. Aproveite toda a felicidade que conseguir obter, não esteja tão preocupada com o que a sua mãe ou os outros possam pensar, até porque provavelmente se engana. Tenho a certeza que dona Luísa teria muito orgulho em si, na forma como se tem esforçado por se adaptar a uma realidade tão diferente da sua.

Catarina sentiu umas saudades imensas de frei Pedro. O que o bispo lhe tinha dito poderia ter saído da boca do seu frade favorito. Deus Pai era um Deus misericordioso e bom, um Deus de alegria, de crianças a correr nos campos, de casais que se amavam sem limites, de cedências que era necessário fazer em nome da manutenção de um sacramento. Abanou a sua farta cabeleira, como um dos poldros de Montagu, e concluiu: «Nada é simples, mas viver é isto.»

Jantaram em família, e James e Charles estavam mais próximos do que Catarina alguma vez os vira, como se a presença da mãe suavizasse as divergências. Ambos solícitos, traduziam o que Catarina dizia, ou para inglês ou para francês, e por várias vezes a rainha percebeu que Charles a

elogiava. Anne, como sempre, tentara falar inglês devagar, incluí-la nas conversas, mostrar-lhe o seu apoio. Eram um casal simpático, pensou Catarina, gostava que ela e Charles tivessem aquela cumplicidade. James era mais parecido com ela, mais sério, mais ponderado, sendo visível que o protocolo lhe dizia bastante mais do que ao irmão, «criado na rua», como comentava constantemente a mãe. Diziam-lhe as damas, no entanto, que também James, embora mais discreto, não perdia a ocasião de cortejar uma dama bonita, e não punham as mãos no fogo que não levasse o assunto mais longe. Não tinha, no entanto, a segurança e o à-vontade do irmão, e preferia ser discreto a dar nas vistas.

De repente, percebeu que Charles falava dela à mãe, ouviu o seu nome várias vezes, e concentrou-se, na tentativa de seguir a conversa. Não queria acreditar, tal era o desejo do seu marido de agradar a quem o rodeava que era capaz de dizer a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. Neste momento parecia comunicar à rainha-mãe que ela, Catarina, estava grávida e em breve daria à luz um herdeiro.

Com as bochechas vermelho-vivas, a indignação a faiscar-lhe nos olhos, virou-se para Charles e disse, alto:

- You lie!

As suas primeiras palavras em inglês e sem um «Sua Majestade» para adoçar a acusação. Henriette olhou para a nora com admiração, recusava a mentira, mesmo quando a mentira lhe convinha. Catarina visivelmente não tinha qualquer complacência com ela, ia ser difícil a sua vida na corte, pobre portuguesinha. James, Anne e os criados que serviam à mesa pareciam ter tomado a forma de estátuas: a rainha chamara mentiroso ao rei.

De olhos marejados de lágrimas, só Deus sabia o quanto gostaria que aquela afirmação fosse verdadeira, preparava-se para pedir desculpas a Charles, quando o rei irrompeu numa gargalhada:

- Grande Catarina, chamar ao rei mentiroso em inglês é obra. Parabéns, querida - e segurando-lhe na mão, beijou-a, embevecido.

- Agora insisto que aprenda depressa a nossa língua, e de preferência palavras mais lisonjeadoras para dizer ao seu marido - disse-lhe, com um

sorriso tão leve, tão genuíno, que Catarina sentia o coração apertar-se. Charles era tudo com que sonhara, um homem terno, generoso, com sentido de humor, sem sombra de prepotência ou de insegurança. E tudo aquilo com que também não sonhara!, pensou com um suspiro.

À sua volta toda a gente se sentira autorizada a rir, e o rei, que adorava troçar de si mesmo, sentindo sempre que se confessasse os seus pecados em público já ninguém lhos poderia levar a mal, nem tão-pouco exigir por eles uma compensação, acrescentou:

- Vê, mãe, casados há apenas uns meses e já percebeu a minha verdadeira natureza. O amor é isto, é amar-nos apesar dos nossos piores defeitos...

Toda a gente riu, excepto a rainha-mãe. O filho mentira, mentira numa questão sensível, que qualquer pessoa com dois dedos de testa percebia que tinha consequências imensas; brincava com a maior ânsias e temor de uma mulher - se era ou não fértil, se seria ou não capaz de gerar um filho - e lavava agora as mãos, com umas graças que não tinham outro objectivo senão lavar a sua culpa. Pior, aproveitava já para salvaguardar o futuro, avisando-a de que lhe podia chamar mentiroso à vontade, porque era o primeiro a confessar que assim era. Henriette, por vezes, sentia que Charles a desiludia, oxalá a jovem rainha mantivesse aquela paixão, que parecia resistir a todos estes embates.

Catarina reparou na impaciência, invulgar, com que Charles queria acabar aquela noite.

Catarina sorriu-lhe:

- Devia conhecer o meu irmão Afonso, são iguais, não conseguem suportar mais do que meia hora quietos... e ambos gostam de companhia e da noite.

Charles olhou-a, subitamente nostálgico:

- É verdade que me sinto melhor entre gente, barulho e confusão. Assim escapo melhor à melancolia e à tristeza que por vezes se abatem sobre mim.

Catarina olhou-o, curiosa. Nunca vira esta faceta triste do rei, parecia-lhe sempre entregue a um qualquer entusiasmo, de raquete de ténis debaixo do braço, ou com uma dama pela mão.

- Quer comover-me?

O rei olhou-a, afectuoso:

- Só a minha mulher é que se preocupa com as melancolias do rei. Mas são difíceis de suportar, é um pano escuro que desce sobre a minha cabeça, e consigo apenas ver uma imagem: o meu pai a ser levado, nesta mesma casa onde estamos hoje, por dois guardas, e depois... e depois nada. Não havia mais pai.

Catarina segurou-lhe com força a mão, e a perna deixou de tremer:

- Não consigo imaginar o horror desse dia, nem dos que se lhe seguiram, nem as aventuras que conta, como se fossem emocionantes, quando sei que deve ter tido tanto medo, tanto frio, uma sensação de abandono tão grande...

Charles, que começava a comover-se, usou a sua estratégia de diversão, a graça rápida, que repunha a ordem e o impedia de dar parte de fraco:

- Tenho tanto jeito para levar mulheres às lágrimas. Por isso é que elas não me resistem, sentem o seu instinto maternal despontar e querem tomar conta de mim - disse, rindo.

Catarina não conseguia saltar tão depressa de um humor para o outro, e respondeu, séria:

- Não me admira nada que assim seja. Mas hoje há qualquer coisa mais. Uma carta? - perguntou, vendo que Charles enfiara num bolso um sobrescrito grosso.

- De Minette, escrevemo-nos sempre. Ela confia em mim, e eu confio nela. Diz-me todas as verdades, mesmo as mais cruéis. Esta é, certamente, uma lição de como ser bom marido...

- Fala de mim? - não resistiu Catarina a perguntar.

Charles recuou, não tinha qualquer intenção de dividir Minette com a mulher, nem com mais ninguém.

- Fala, certamente, gosta de si, a nossa mãe já lhe deve ter escrito sobre tudo isto, está louca por me ver assentar...

Pondo-se em pé, bruscamente, pediu licença para se ausentar. Tinha papéis que ler e assinar. - Uma boa noite para todos - disse.

Henriette trocou um olhar com Catarina que dizia qualquer coisa como «não te preocupes, é só uma carta de Minette». Mas Catarina preocupava-se: por uma ou outra razão, havia sempre uma mulher capaz de o atrair mais do que ela.

Charles despiu toda a roupa, com a ajuda do seu valido. Havia dias que detestava esta toilette infinita e se perguntava por que raio não se vestia como os criados, uma túnica simples e umas botas cardadas. Houvera tempo em que andava assim, e nunca se tinha queixado.

A camisa de noite vestida, umas pantufas quentes nos pés, mandou que saíssem todos, o deixassem em paz. Ficava com a vela e um chá quente, em que Catarina o viciara.

Aconchegando-se na cama, abriu finalmente a carta, como um menino que desembrulha o seu presente na madrugada de Natal.

Às primeiras linhas começou logo a sorrir:

«Meu adorado irmão,

Imagina que me contaram que alguém falara de certa pessoa à rainha, tua mulher. Valha-nos Deus, como é possível que coisas tão cruéis se façam. Eu, que conheço a tua inocência melhor do que ninguém, só posso admirar-me com o que para aí inventam!

Falando a sério, conta-me como reagiu a rainha. Aqui diz-se que sofre e vive num profundo desgosto. Muito francamente, penso que tem demasiadas e fortes razões para tal. Digo-te uma coisa, meu irmão: aqui em França quem costuma chorar são as amantes.»

Querida Minette, adorava-o e, no entanto, era capaz de lhe ver os defeitos e de o repreender com ironia. Para ela, o irmão não era rei de coisa nenhuma, apenas o seu irmão mais velho, aquele que daria a vida por ela mas que, estranhamente, também a fazia sentir mais viva, porque precisava das suas cartas, das suas palavras, da sua protecção. Charles percebia que a ela lhe permitia todas as críticas, mas mais do que isso, que quando era chamado à razão, a razão seguia, sem resistências, as suas palavras. Fora mau para Catarina, fora cruel. Porque seria que Buckingham e a trupe eram capazes de o levar a actos maldosos que não estavam no seu carácter? Catarina sofrera, não por ser teimosa, como ele quisera obrigar-se a si mesmo a acreditar, mas porque o amava, e quando se ama não se quer partilhar, nem perder. Sentia-o com Minette, reagia ao palerma do seu marido com fúria e indignação, porque a impedia de vir ter com ele. Sabia que não a tratava bem, os seus espiões contavam-lhe o suficiente, mas não era só isso - não gostava de dividir aquilo que considerava pertencer-lhe. Porque é que a pobre e generosa Catarina tinha de reagir de forma diferente quando a sua pureza era confrontada com comportamentos que a chocavam? Que chocariam qualquer pessoa, como era o primeiro a reconhecer.

«Aqui em França quem costuma chorar são as amantes», dizia a irmã. Realmente, porque não era a Palmer quem chorava? Que poder tinha sobre ele para o levar a ser tão bruto com aquela com quem casara, por escolha, por escolha livre, tanto quanto é livre a escolha de um rei?

Leu o resto, os relatos das intrigas da corte francesa, as últimas graças da sobrinha, e dobrou a carta com cuidado, colocando-a na mesa-de-cabeceira. Soprou a vela e jurou a si mesmo: vou ser melhor marido a partir de amanhã...

Charles ainda dormia quando Catarina, na companhia da sogra e da duquesa de York, assistiu ao raiar da madrugada à primeira missa católica pública desde que o pai de Charles fora decapitado. À cerimónia presidiam um dos seus frades capuchinhos e o father Huddleston, que pelos vistos Henriette Marie já tinha apadrinhado e nomeara capelão da capela da rainha no Palácio de St. James, mesmo ao lado.

Charles não estava, mas quem olhasse com cuidado veria a um canto James, uma capa com capucho sobre o cabelo loiro, como se também ele

fosse um frade. Catarina teve medo de que o achassem seu cúmplice. Se considerassem que a rainha e o irmão do rei conspiravam para trazer de volta a Inglaterra a Igreja católica, apostólica e romana, o perigo poderia ser grande. O perigo já era grande, pensou, do altar, o father Huddleston, mas Cristo não enfrentara a cruz por se recusar a desmentir a sua divindade perante Herodes e Pilatos?

11

Hampton Court, 10 de Setembro de 1662

A visita a Whitehall tinha sido rápida. Setembro estava invulgarmente soalheiro, e Charles insistira em voltar para o seu palácio de campo. Com tempo, dizia a Catarina, podiam fazer as malas para um Inverno passado na capital. Mas agora que o deixassem aproveitar os últimos dias de caça...

O adiamento da apresentação da rainha ao povo de Londres não podia ser adiado de novo, insistia o chanceler Hyde, nervoso. Defendia a urgência de mover a corte para Whitehall ou St. James, trazer os reis para mais perto dos seus súbditos. Os espiões do chanceler do reino não lhe davam boas notícias. Depois da austeridade de Cromwell, os prazeres da corte de Charles tinham contagiado os londrinos, mas à medida que a fome se instalava e o desemprego crescia, indignavam-se com as descrições dos excessos, nomeadamente os cometidos pelo próprio rei, que obrigava a própria mulher, uma jovem apaixonada e inocente, a aceitar na sua Casa a Palmer, a mulher que, na boca das gentes, pouco mais era do que uma vulgar prostituta. Os informadores do chanceler não lhe escondiam que o povo desconfiava de um rei que se esquecia das suas obrigações para com a sua rainha e o seu reino, deixando-se manipular por uma mulher deste calibre, de quem ia tendo alegremente descendentes que só podiam constituir um embaraço para Catarina.

Foi tudo isso que o chanceler Hyde disse a Charles, que ouviu o seu tom pomposo e autoritário com um misto de impaciência e ternura. Incomodava-o muito a ideia de desagradar a alguém, mesmo sabendo, como experimentara na pele, que num dia este povo gritava «vivas» ao rei e no outro pediam a sua morte, como acontecera com o seu pai.

- Querem festa, não é? Sabem que o rei e a sua corte se divertem, e querem divertir-se também? Não estiveram no casamento, não há coroação da rainha, porque a rainha não a deseja, por isso vamos fazer desta ida a Londres a cerimónia que desejam: pompa e circunstância,

muito vinho a correr das pipas, bergantins engalanados, foguetes no escuro da noite. Dêmos ao povo o que o povo quer, desde que você, Hyde, consiga convencer o Parlamento a financiar tudo isto, porque os meus bolsos estão vazios - acrescentou Charles, virando do avesso os bolsos da casaca.

Já dera o seu tempo de antena ao chanceler. Pegando na raquete de ténis, pediu desculpa:

- Tenho de ir, Buckingham espera por mim, para uma partida decisiva de ténis. Tem a minha palavra, organize tudo, que eu lá estarei, à hora indicada, com a minha mais luxuosa cabeleira e o melhor que conseguir desencantar no meu guarda-roupa.

Era tão típico do rei, pensou. Primeiro cedia, como um menino desejoso de agradar ao pai, mas nunca podia deixar que a cena ficasse por ali, tendo de a acabar com uma ferroada, como esta da sua amizade com Buckingham, o pior inimigo do chanceler. Mas Hyde encolhia os ombros, protestava, mas gostava da sensação de que a gestão do reino lhe caía nos ombros. O rei podia jogar ténis com os seus inimigos, mas era nele que confiava.



A presença diária de Barbara Palmer na sua sala fora a prova mais difícil que tivera de ultrapassar. A amante de Charles surgia todas as manhãs nos seus aposentos, vestida como se fosse para um baile de gala, contando alto as gracinhas dos seus filhos, sem sequer se dignar a pegar num pano e numa agulha, ou a simular sequer que estava ali para servir a rainha, como todas as outras. Catarina acabara por permitir a sua presença, enganando-se a si mesma com a ideia de que ajudava o rei a terminar uma relação que já o cansava. Acreditava, ou queria que acreditassem, que julgara as intenções do marido demasiado precipitadamente. Certamente Charles nunca lhe pediria este sacrifício supremo se não tivesse terminado tudo com esta mulher, dizia. Lady Suffolk acenava que sim com a cabeça e Nan e Meg faziam o mesmo. Odiavam com todas as forças aquela criatura insolente.

Como recompensa, Catarina voltou a ser visitada pelo rei, que sorrateiramente entrava na sua cama, a amava e a fazia rir... Mas quando as gargalhadas secavam, e a cama ficava fria, a rainha chorava amargamente. Vendera-se, vendera as suas convicções por ter medo de perder este homem, dizia baixinho entre soluços. E, olhando a vela que ardia aos pés da Senhora das Candeias, perdia perdão por amar de mais...



Charles veio lanchar. Dizia que não havia lanche como o dos aposentos da rainha. Entrou com o seu mais fantástico sorriso, e para felicidade da rainha ignorou completamente a Palmer, enquanto anunciava à mulher que amanhã, sim, já amanhã, partiriam para Londres, onde o povo esperava há muito a visita da sua rainha. Catarina parecia uma criança em véspera da sua festa de anos, e a visível irritação da Palmer só tornava os preparativos mais aliciantes.

A cerimónia obrigaria Charles a permanecer sempre a seu lado. Não seria relegada logo após a primeira dança, como acontecia todas as noites em que se enchia de coragem e aparecia no grande salão. Este dia seria dela, de ambos, e quem sabe se o começo de uma nova etapa na sua relação.

O céu estava invulgarmente azul, e o calor lembrava-lhe o de Lisboa. Quando embarcou no bergantim engalanado, de mão dada com Charles, e com apenas as suas damas favoritas em redor, Catarina sentiu-se no paraíso. À medida que o barco deslizava pelo Tamisa abaixo, a rainha não resistiu a tirar a luva e a inclinar-se de forma a conseguir mergulhar a mão na água fresca, deixando um rasto atrás de si. Charles sorriu-lhe: gostava destes seus gestos espontâneos, que a distinguiam de todas as outras mulheres da corte e lhe lembravam os dias em que brincava com Minette. Catarina tinha outras recordações. Inclinando a cabeça para trás, encostando-a a uma das magníficas almofadas, recordou aquele dia de Natal, o primeiro em que entrara num barco, nos braços de Carminho, no barco em que o rei de Portugal viera buscá-los; lembrava-se do espanto por ver tanta água junta, ela e os irmãos nascidos e criados em «terra de sequeiro», como dizia a mãe, das gargalhadas quando Teodósio salpicava Joana, e D. Luísa lhes dizia que agora eram príncipes e não podiam brincar

como os outros meninos. Nascera filha de duques, fora feita infanta de Portugal, e agora, neste rio inglês, navegava como rainha de um dos reinos mais poderosos da Europa, conseguindo assim ajudar o seu país natal a libertar-se de Castela e a garantir a independência - sentiu-se feliz e orgulhosa, porque cumprira a promessa feita ao pai.

Charles «acordou-a», apontando-lhe os palácios por onde passavam, dizendo-lhe o nome das coisas, chamando-lhe a atenção para as gentes reunidas nas margens para os saudar. Gritavam o seu nome, e Catarina respondia com entusiasmo e acenos.

Chegados mais perto de Londres, Charles explicou-lhe que era preciso mudar de barco. Para um maior, mais luxuoso ainda, uma plataforma que permitia que todos os vissem. O bergantim real, com um toldo de brocado de ouro, quatro colunas abertas e enfeitadas com flores e folhagem verde, era de tirar o fôlego. Tal como era a cidade: alguns dos edifícios pareciam autênticas cidades dentro da cidade, com os seus portões dourados a abrir directamente para o rio. As igrejas multiplicavam-se, as cúpulas viam-se dali a brilhar ao sol, enquanto os sinos da cidade inteira repicavam em simultâneo, e as pontes, as pontes sucediam-se a perder de vista, agora que as margens se aproximavam, duas margens cobertas de casas e casinhas.

Desembarcaram e atravessaram a cidade até ao Palácio de St. James, e as avenidas grandes, a sombra de enormes árvores, e os relvados sem fim espantaram a rainha, habituada a uma Lisboa de ruelas e ruinhas. O povo saiu à rua, e Catarina inebriava-se com o seu nome.

- Já percebi que não posso entrar na minha própria capital acompanhado pela minha mulher, sob risco de que ninguém se lembre de mim - dizia Charles, sempre tão generoso na partilha da fama e da glória.

Catarina corava de felicidade e orgulho. Tinha de escrever à mãe a contar tudo. Até o chanceler Hyde lhe deu os parabéns. Afinal parecia que os ingleses tinham decidido tomar como sua esta princesa católica, murmurava. O marquês de Sande, mais cauteloso, limitava-se a responder aos seus comentários com um ligeiro aceno da cabeça. Há muito que deixara de atribuir qualquer significado aos gritos do povo.

A meio da tarde, que a noite já começava a cair cedo, voltaram aos

barcos para subirem agora o rio e regressarem a casa, como a rainha chamava já a Hampton Court. Catarina, exausta, atreveu-se a deixar a cabeça inclinar-se e cair sobre o ombro de Charles, que a envolveu no seu braço forte. Portara-se como uma rainha, a sua Catarina, todo o dia de sorriso nos lábios, uma tentativa constante de responder em inglês, uma palavra ou um gesto generoso para aqueles que lhe traziam os filhos a beijar. Charles sentira-se reconciliado consigo mesmo, como um menino orgulhoso por ter praticado uma boa acção.

Enquanto a rainha adormecia no seu colo, e as damas se aconchegavam umas às outras para se aquecerem, que a noite caíra fresca, o rei observava o céu onde rebentava um magnífico fogo-de-artifício. Ao longe ainda se ouvia a música, que a partida dos reis não impedira de continuar a tocar, enquanto as canecas se enchiam de cerveja, a carne assava nos espetos, e as gentes da sua capital se preparavam para dançar, que os raros dias de festa eram para aproveitar. Tinha pena de não ter ficado com eles. Sozinho, o copo cheio, os corpos das mulheres bonitas bamboleando-se ao seu lado, o rei entre os seus. Suspirou. A mãe queixava-se, mas a verdade é que nele, ao gosto do luxo, somava-se o prazer da liberdade de ser apenas um entre os outros.

12

Whitehall Palace, 10 de Outubro de 1662

Mudavam de paço com a estação do ano, constatou Catarina. Não, mentia, mudavam de palácios para castelos, de castelos para casas de Verão, das suas casas para as casas imensas de famílias nobres que gastavam o que tinham, e o que não tinham, para receber em pompa os seus soberanos. Teriam sangue cigano? perguntou um dia baixinho ao marquês de Sande, esperando ser repreendida, mas recebendo em troca um sorriso divertido. Toda a gente parecia achar absolutamente natural este fazer e desfazer de arcas, mas a verdade é que levavam consigo apenas os seus bens pessoais, porque tudo o resto, inclusive os criados, pertencia aos locais para onde se mudavam, tal como a mobília, as camas e os colchões.

Charles anunciara que com a chegada do Inverno, que tardara este ano a bem das suas incursões na caça, se mudariam para Whitehall, agora que a sua mãe tomara residência definitiva em Somerset House, numa outra ponta da cidade.

O rei parecia tão excitado como uma criança, e Catarina percebeu que as obras de remodelação de que lhe falara quando visitaram pela primeira vez o palácio deveriam estar prontas. Fingiu não perceber nada, tal o prazer que o marido parecia ter nestas surpresas, mas não resistiu a perguntar.

- Charles, tenho a certeza que vou gostar de viver em Whitehall, mas posso levar as minhas coisas, não posso? - e Catarina pensava no sentimento de segurança que lhe dava o oratório, as suas colchas, a sua cadeirinha alentejana. Sem esse bocadinho de Portugal seria impossível resistir ao primeiro longo e frio Inverno longe do seu país.

Charles olhou-a, curioso.

- Engraçado, não me passaria pela cabeça tal coisa, gosto de encontrar em cada casa para onde vou os objectos que fazem parte dela. Como se

visitasse parentes - acrescentou a rir.

Catarina olhou-o, assustada, tinha tanto medo de parecer infantil, desajustada. Mas o marido fez-lhe um dos seus sorrisos mais meigos.

- Não me estou a rir de si, minha querida mulher. Gosto que seja diferente, e julgo mesmo que a percebo. Para mim todas estas coisas, sejam elas em Hampton ou em Whitehall, me são conhecidas, enquanto esses seus objectos são a parte de si que não quer esquecer - disse subitamente pensativo.

Catarina anuiu com a cabeça. Tinha sorte em ter casado com um homem tão capaz de entender os seus sentimentos. O que lhe aumentava a culpa quando a magoava, constatou de repente, para logo afastar de si aquela nuvem.

Quando julgava o pedido aceite, no entanto, Charles acrescentou:

- Mas, por favor, leve só o essencial. Vai ver que depressa se afeiçoa a Whitehall.



Os seus novos aposentos eram luxuosos. As salas sucediam-se, as janelas para o Tamisa, a luz a entrar pelas janelas, e lá fora uma cidade inteira dentro de muros, que era aquilo que Whitehall era de facto. Durante vários dias precisara da escolta da Guarda da Rainha para não se perder entre escadas e escadinhas, claustros e passagens, andares de cima e de baixo, jardins em labirinto e estufas onde apetecia passar as tardes daquele mês de Outubro, que todos diziam nunca ter visto outro tão suave e bonito.

Charles voltara a procurá-la, e de cada vez que escorregava entre os seus lençóis Catarina esforçava-se por afastar da cabeça a ideia de que poderia ter estado com a Palmer. Ou outra, porque sabia agora que havia outras. Mas o rei era capaz de, com as suas mãos mágicas, tornar o esquecimento mais fácil, e de cada vez Catarina acreditava com todas as forças que aqueles momentos tão fortes teriam obrigatoriamente de gerar

um filho.

Lady Suffolk dizia-lhe que era cedo, que o corpo precisava de se habituar ao clima, aos hábitos, à alimentação, a toda a tensão que tanta novidade lhe causava. Não acrescentava, por caridade, que as visitas do rei não eram tão assíduas como o deveriam ser, se o objectivo era conceber.

De dia, passeavam juntos em St. James Park, ou saíam para montar pelos campos vizinhos, e Charles já assistira, por várias vezes, às suas lições de tiro ao arco. Quando o sol ainda aparecia faziam piqueniques, e Catarina adorava o campo inglês, colhia uma flor de cada tipo para fazer um ramo enorme, que insistia em colocar frente à Virgem das Candeias, onde uma vela ardia perpetuamente.

Nan, Meg e as outras damas adoraram a mudança - em Whitehall, se possível, a agitação e o frenesim eram ainda maiores, as pessoas que entravam e saíam eram as mais diversas, e todas as noites acontecia um entretenimento diferente. O rei levava as damas da rainha ao teatro, ou trazia o teatro aos salões, organizava torneios de cartas, e até arranjara um professor de dança, com quem a própria Catarina aprendia os primeiros passos.

Os seus quartos eram maiores e as irmãs Fanshawe tinham sido estrategicamente colocadas por Lady Suffolk bem longe do trio demoníaco liderado sempre por Helen, e mais próximas dos aposentos da rainha, mas o desgoverno nos aposentos das damas continuava a ser digno de nota, comentava, com um suspiro, D. Maria.



As lágrimas caíam-lhe pela cara. Não eram as dores que a incomodavam, mas aquilo que significavam: o sangue corria de novo, como correra no mês anterior, e no anterior a esse. As amantes do rei engravidavam, mas ela não. Escondendo a cara entre as mãos, chorou de desespero. E se a profecia de Ali não fosse uma patranha, e se tudo o que lera nos grandes livros do seu pai se aplicasse ao seu caso, e se por algum motivo estranho que parecia tantas vezes amaldiçoar rainhas, poupando as outras mulheres, não fosse capaz de conceber? Como guardaria Charles para si,

como cumpriria a sua missão de dar um herdeiro ao trono? Como aguentaria o olhar de troça da Palmer, a censura que imaginava nos olhos da sogra, do chanceler, até nos do marquês de Sande, que aguardava certamente o nascimento de um filho para dar por realmente cumprido o acordo que assinara entre os dois reis. E sabia que em Portugal, a mãe, os conselheiros e o povo português esperavam o momento, que marcava, afinal, a sua utilidade... Uma mulher infértil, disse a si mesma escondendo a cara na almo fada, era a vergonha da sua família e do seu país. O choro tomou-lhe o corpo, como se nunca o fosse abandonar.

Nan batera à porta e perguntara, na sua voz suave, se podia entrar. Catarina queria esconder da pequenina Fanshawe a sua amargura, mas precisava tanto de uma amiga, de uma confidente, de alguém que lhe desse esperança...

Nan percebeu imediatamente o que se passava, com aquela sua capacidade de ler o coração. Sentou-se no banquinho forrado com um magnífico pano oriental e olhou para a rainha, com os seus olhos verdes, que umas pestanas negras e compridas realçavam, cheios de compaixão. Não ia, certamente, discutir a fisiologia de D. Catarina, mas podia contar-lhe uma história, e contar histórias Nan sabia fazer, rodeada como sempre estivera por crianças.

- Sabe quantos filhos tem a minha mãe, não sabe, dona Catarina?

Catarina abanou que não com a cabeça, sabia que eram vários, mas quantos ao certo não tinha a certeza.

- Catorze, a minha mãe deu à luz catorze filhos...

Catarina sorriu-lhe, enxugando discretamente as lágrimas.

- Sabe quanto tempo depois de casar com o meu pai é que teve o primeiro? - perguntou de novo Nan, logo acrescentando:

- Nem tente adivinhar, que digo-lhe já: anos e anos sem filhos, a que se seguiram dezenas de outros em que nenhuma Primavera passou sem que as ovelhas, as éguas e a minha mãe dessem de novo à luz.

Catarina sorriu, enquanto enxugava as lágrimas com a manga do seu

roupão: só esta miúda é que compararia a pobre da lady Fanshawe aos animais da quinta.

Procurando entrar no jogo, a rainha perguntou:

- Sem ofensa para a sua mãe, a Nan é o poldrinho número quantos?

- Eu, Sua Majestade? Eu sou a segunda, e Meg, a quarta. Depois há cinco mais pequenos, que ainda estão em casa, agarrados às saias da minha mãe, e a minha irmã mais velha que ficou para ajudar. Mas muitos morreram. Já depois de Sua Alteza ter saído de Lisboa, a minha mãe perdeu o bebé Richard, que está enterrado no Convento da Esperança...

Um pequenino Fanshawe enterrado no seu país? E ela nunca dera uma palavra de conforto à mãe de Nan. De facto, talvez pior do que não engravidar deveria ser ter um filho, segurá-lo nos braços, e depois vê-lo partir, lembrava-se bem de como D. Luísa falava constantemente dos seus irmãos Ana e Manuel, que tinham morrido horas depois de nascer, e parecia nunca se ter recomposto verdadeiramente daquela perda. Nan veio de novo em seu socorro:

- Sua Majestade pensa que pior do que perder um recém-nascido é não ser capaz de conceber?

Catarina sentiu-se retrair, tinha medo de se expor, tinha medo destas mulheres todas, tão diferentes de Joana, de Maria do Rosário, de Maria do Carmo, a quem se podia fazer confidências, sem receio de que a nossa vida fosse depois motivo de conversa num próximo jogo de cartas.

Nan atreveu-se a estender-lhe a mão:

- Não tenha medo, rainha Catarina. Nunca a trairia... acha que os seus sentimentos são diferentes dos meus? Acha que não temo que o homem que amo nunca me venha a amar, ou sequer a dar pela minha existência, que por falta de casamento, ou mesmo casando, Deus não me abençoe com filhos? É o terror de todas as mulheres, Sua Alteza. Ter o ventre liso, deixar de interessar ao amor da nossa vida, ver o nosso lugar ocupado por outra...

Catarina olhava-a em silêncio, as lágrimas corriam de novo como uma fonte:

- Obrigada, Nan, queria tanto ouvir uma resposta àquilo que não me atrevia a perguntar. Tenho medo, sim, tanto medo. Em Portugal sentia-me tão segura, tão amada, tão protegida, mas aqui...

- Aqui todos os sonhos se podem tornar realidade, mas todos os seus pesadelos também, não é?

Catarina acenou que sim com a cabeça:

- Falo com os meus confessores, converso com os capelães e todos os monges que chegaram por estes dias. Devia estar contente, sentir-me rodeada de pessoas que me compreendem, era obrigatório que confiasse em Deus e nos seus desígnios com mais força, mais fé. Assim, sou ingrata com Charles, ingrata com a minha mãe que me mandou toda esta gente só para me fazer feliz.

- Não seja tão dura consigo própria, Sua Alteza. Nem traga sobre si todas as culpas. Permita-me que lhe diga que é uma mulher encantadora, boa, generosa, incapaz de fazer os outros sofrer. Talvez precise é de deixar de ser tão boazinha!

- Nan, deixar de ser virtuosa, como Deus e a Senhora das Candeias o desejam?

Pela porta entrara Meg, e depois de uma vénia, e de receber o consentimento da rainha, sentara-se numa outra cadeira baixa. Na mão trazia uma maçã, que trincava como se fosse uma rapariga do campo, acabada de chegar da apanha. A rainha sorriu-lhe, divertida:

- Que saudades, Meg, que saudades de correr o pomar do Paço da Ribeira e apanhar as maçãs das árvores. A minha ama dava-me sempre laranjas doces no meu dia de anos...

- Nham, laranjas doces, lembro-me bem delas quando estive em Portugal, as criadas cortavam-nas ao meio, e depois davam-me pequenos gominhos numa colher, não sujava as mãos e aquele sumo era delicioso - retorquiu Meg, enquanto dava outra trinca na maçã. - Mas maçãs, Sua Alteza, são, como lhe hei-de explicar, maçãs! Sabe o que é que se diz, aqui em Inglaterra?

Catarina quis saber.

- Que uma maçã por dia mantém o médico bem longe. Devia comer mais fruta, Sua Majestade. Sem querer ser indiscreta, posso contar-lhe que vi chegar às portas da cozinha um caixote enorme chegado agora de Portugal.

A rainha levantou-se, excitada:

- Meg, toque aí a campainha, por favor. A Ivete tem de nos dizer já o que vinha lá dentro, se ao menos eu pudesse descer às cozinhas...

- Mas pode fazer o cozinheiro subir aos seus aposentos - acrescentou Meg, muito prática.

- Agora que sei a história da sua família, já percebo tudo. Se perdesse tempo com muitos protocolos, nem uma maçã lhe chegaria às mãos - disse a rainha, divertida.

Ivete contou tudo. Contou que o caixote trazia mais açúcar, mais especiarias, marmelos, «que é a época deles, lá na nossa terra», suspirou a rapariguinha, laranjas doces e laranjas amargas.

- Sua Alteza devia ver a cara do Rudolf, o cozinheiro inglês que Sua Majestade ordenou que fosse aprender com Miguel a confeccionar os nossos pratos, quando deu uma dentada numa das laranjas amargas. Acho que ainda está com a boca azeda.

A rainha sentia o espírito mais leve. Nan dera o primeiro contributo, tirando-lhe um peso de cima - porque não haveria de ser como lady Fanshawe, e demorar tempo a engravidar, para depois dar a Charles uma mão-cheia de filhos? Meg, com a sua insolência inocente, divertia-a sempre, e agora as histórias de Portugal, pela boca de Ivete, faziam com que a vida não parecesse afinal tão trágica.

- Diz ao Miguel que lhe ensine a fazer marmelada, que já lhe adoça a boca - disse, sorrindo. - Há cartas para mim?

Mas D. Maria, a bengala a tactear o caminho, porque a visão desaparecia de dia para dia, já as trazia na mão. Espantada com o grupo que se juntara,

sorriu, no entanto, para as irmãs:

- Recebi notícias do vosso pai, ainda ontem, através de uma amiga minha que vive em Cádis.

- Cádis? - perguntaram as três em coro. O que levava sir Richard Fanshawe a Cádis, e alguém de Cádis a falar de sir Richard Fanshawe?

D. Maria, feliz por ter, por uma vez, os holofotes sobre si, sentou-se num cadeirão e contou:

- O vosso pai está em Espanha numa missão secreta, ao serviço do rei. E espero que a informação não passe daqui - acrescentou.

O coração da rainha palpitou. Charles era mesmo assim: sem dizer nada, continuava a envolver-se na questão portuguesa, a procurar a paz entre o seu país e Castela.

- Dona Catarina, a minha amiga diz-me que o senhor embaixador está a traduzir Os Lusíadas, veja lá, e que em breve irá a Lisboa...

- O meu pai a traduzir Os Lusíadas não me admira nada, passava a vida a ler-nos cantos inteiros - comentou Meg, que meditava onde fazer desaparecer o caroço da maçã, e acabou por o dar, discretamente, à raposinha da rainha, a Cenoura que Montagu lhe oferecera e nunca estava longe da dona.

Mas quando D. Maria finalmente lhe entregou a carta da mãe, e outra de António Vieira, todas perceberam que a festa tinha acabado. A rainha desejava ficar sozinha.

As notícias eram tristes. Preocupantes, mesmo. Luísa dava conta que Bombaim ainda não tinha sido entregue, porque o vice-rei e a comunidade portuguesa não cediam a sua posição; dizia-lhe que o marquês de Sande lhe comunicara que Charles ponderava abandonar Tânger, porque mantê-la contra a vontade dos mouros se tornava cada vez mais difícil, e, finalmente, pedia-lhe mil desculpas, mas não fora possível ainda completar o dote. Esperava que nos próximos meses viesse mais ajuda do Brasil, mas agora que Vieira estava desterrado em Coimbra, pobre homem, ninguém lhe podia valer, nem mesmo Afonso tinha poder para voltar atrás depois

de o ter impunemente entregue nas mãos do Santo Ofício.

Mas o que a magoou mais estava para vir. Consciente de que a posição da filha se tornava mais frágil com todos estes incumprimen tos do acordo, incitava-a a esquecer o caso Castlemaine, de que lhe tinham dado conta os portugueses regressados (Que gente, pensou Catarina, zangada, o lábio a tremer de fúria, e eu que tanto lhes pedi que se calassem, que nunca contassem este triste episódio à minha mãe, mas eu sabia, eu sabia, deve ter sido logo o primeiro, o mais suculento, com que a contemplaram!). A mãe, a mesma que lhe falara da dignidade de uma mulher, aquela que fizera o pai pagar até à hora da morte a única infidelidade que lhe era conhecida, que nunca consentira que o nome da senhora fosse pronunciado à sua frente, a mãe, vendo a filha traída, apelava agora a que engolisse o seu orgulho e fingisse não ver nada. Mais ainda, insistia que fosse até simpática com a criatura.

A carta chegava tarde. A Palmer já estava nos seus aposentos. Zangada, pôs-se de pé: talvez Nan tivesse toda a razão, talvez fosse boazinha de mais, talvez fosse preciso começar a usar as mesmas armas que estas mulheres...

Sentou-se na borda da cama e olhou a sua Senhora das Candeias: faria tudo isso se fosse capaz!!!

A Cenoura tossia, engasgada. Catarina pousou as cartas e correu para a sua raposa, o presente daquele que se revelava a cada dia o seu admirador mais dedicado.

- Cenourinha, o que é que tens?

A raposinha cuspiu qualquer coisa, e Catarina desatou a rir:

- O caroço da maçã de Meg! ! ! Aquela Fanshawe é que tem talento para fazer frente à Palmer. Um dia hei-de ter coragem para lhes pedir ajuda, a ela e à irmã.

13

Somerset House, 20 de Outubro de 1662

Dançara quatro vezes com Charles. O marido dera-lhe os parabéns, aprendia depressa, e o professor Jérome elogiara-a já por várias vezes. A rainha bebia os cumprimentos do rei, e Henriette Marie, sentada num pequeno estrado elevado na sala de baile, sorria encantada: talvez o filho tivesse ganho algum juízo.

A rainha-mãe dava a sua primeira grande festa na casa nova, onde já estava completamente instalada. Charles provocava-a sempre que podia.

- Sente-se melhor aqui onde não pode tropeçar na sua nora Anne, que nunca fez mal a ninguém, mas a quem a minha querida mãezinha não perdoa o facto de lhe ter roubado o seu James querido, que pretendia casar com uma mulher escolhida por si... como fez com o seu filho Charles.

Henriette fingia-se ofendida, mas ria às gargalhadas.

- A minha vida é uma vida de virtude e sacrifício, de oração, arrependendo-me dos meus pecados, coisa que tu, meu filho, não fazes...

Charles lançara para trás a cabeça, naquele gesto tão característico, e soltara uma enorme gargalhada:

- Sua Alteza, para ser um penitente era preciso que me arrependesse, e eu não me arrependo de nada.

A mãe passou-lhe a mão pelos caracóis negros.

- A tua mulher tem razão quando diz que mentes! Mentes para o bem e para o mal, porque neste caso até te arrependes, e tentas emendar a mão, mas infelizmente preferes os remorsos à renúncia. Acredita, Charles, que magoar alguém tão inocente como a tua Catarina é um pecado bem pior do que ofenderes até a tua mãe, ou os teus amigos e amigas que te esforças tanto por nunca descontentar, e que merecem bem menos esse cuidado do

que ela.

O discurso da mãe ressoara nele de tal forma, que neste baile prometera não deixar Catarina abandonada numa cadeira, enquanto se divertia, à sua frente, com todas as mulheres mais bonitas da corte.

Talvez tudo tivesse continuado assim se Castlemaine não aparecesse naquele momento na soleira da porta, tão bonita que «nem um eunuco resistiria a comê-la com os olhos», comentara Charles a Buckingham, pendurada no braço de um jovem alto, cabelo escuro, dezoito anos cheios de segurança.

Catarina, que voltara para junto do círculo das suas damas, olhou com atenção para o par.

- Tenho a sensação de que conheço aquele rapaz... é possível?

Rosie, a dama que estava mais próxima da rainha, corou e fingiu engasgar-se. Helen, a Má, como lhe chamavam, que ouviu a pergunta, ficou feliz pela oportunidade de ser ela a responder à rainha - satisfeita porque teria mais uma história para contar no dormitório, ou, melhor ainda, nos aposentos de Barbara Palmer, nos encontros clandestinos em que troçavam de todas as pequenas coisas que a rainha dizia ou deixava de dizer.

- Sua Alteza pergunta quem é o rapaz?

Catarina olhou-a, desconfiada, mas não tinha outra alternativa senão repetir a pergunta, embora alguma coisa lhe dissesse que não gostaria da resposta, tal a ânsia que aquela dama horrível tinha em lha dar:

- De facto, dona Catarina, é natural que tenha a impressão de que já o conhece, porque James Croft é muito, muito parecido com o rei.

- Seu pai - acrescentou Susan, que, tão mazinha como Helen, queria fazer parte desta cena que tanto daria que falar.

Catarina tentou não perder a compostura. O que deveria perguntar a seguir: Croft, filho de qual, se com esse nome não conheço nenhuma? Por isso, com dignidade respondeu:

- Tem a quem sair bonito - como se tudo aquilo lhe fosse natural, como se achasse desculpável que constantemente a colocassem nestas situações embaraçosas, em casa da sogra, onde se julgava a salvo destas impertinências, sempre mais e mais um segredo doloroso que era desvendado, até quando? Até quando aguentaria este lado escuro do seu marido?

Rosie, percebendo que só a sua incapacidade de ter respondido prontamente à rainha a colocara nesta posição, fez das tripas coração para vencer o embaraço e entrar de novo na conversa:

- Sua Alteza, não preste atenção à forma maldosa como estas duas pretensas damas de honor, que de honrável não têm nada, lhe dão informações sobre aquele senhor.

Catarina segurou-lhe a mão, com ternura. Esta aia insegura lembrava-lhe ela própria, se fosse dama numa corte e não a rainha, suspirou:

- Tenha calma. Já percebi que se trata de um filho do meu marido, um que ainda não conhecia.

A miúda, apesar de consciente das represálias que teria de sofrer quando chegassem a Whitehall e estivessem sozinhas no dormitório, continuou:

- Mas não é nenhum de que Sua Alteza não tivesse conhecimento: Jemmy Croft é filho de Lucy Walters, uma relação antiga do rei.

Catarina respirou com mais facilidade:

- O primeiro de todos os filhos do rei já é deste tamanho? Mas porquê Croft, porque não Walter ou, como outros filhos do rei, Fitzroy ou Fitzcharles...

- Porque o rei estava no exílio, era novo, a mãe de Jemmy morreu, e Sua Alteza entregou-o ao seu grande amigo Croft, pedindo-lhe que o criasse como se fosse dele. Jemmy acabou por ficar depois sob a alçada da rainha-mãe, e veio agora de França ter com ela...

Porque é que ninguém lhe contava estas coisas? Porque é que o seu

embaixador, os homens da sua Casa, Clarendon, Fanshawe, Russel, todos eles, não a sentavam a uma mesa e lhe davam uma lição sobre o passado do rei? Em detalhe, nenhum pormenor omitido - será que não entendiam a humilhação de ter de «aprender» a vida do marido através de uma jovem de 15 anos que, na sua opinião, nem sequer devia estar a par de todas estas aventuras imorais?

Os olhos voltaram-se de novo para o centro da sala, onde Charles falava com o filho, perdido de amores por ele, embevecido como só se fica pelo sangue do nosso sangue, pensou entristecida. Aquele afecto, aquele orgulho, era do seu filho, do filho que nem conseguia gerar, quanto mais ter, pensou com amargura.

Levantando-se num impulso, atravessou a sala para espanto de todos, o som das vozes aos poucos sossegando até desaparecer, e, aproximando-se do rei, deu-lhe um braço e perguntou:

- Posso ser oficialmente apresentada ao seu filho?

Charles espantou-se. Todos os dias Catarina o surpreendia: mas não, não havia ali nem o cinismo da Palmer, nem a arte de uma mulher decidida a embaraçar o marido em público. Catarina, pura e simplesmente, não queria ser excluída de nada do que ele amava, e isso comovia-o. Pondo o braço em redor dos seus ombros, aceitou o desafio:

- Sua Alteza, apresento-lhe James Croft; James Croft, por favor, cumprimente a rainha.

Mas Jemmy não precisava de lições, pelos vistos crescera a observar o pai e todos os nobres da corte, e dominava a arte da sedução na perfeição. Percebendo que todos os observavam, e apesar de ter consciência do que teria de ouvir da Palmer, dobrou-se numa exagerada vénia e beijou ambas as mãos da rainha.

- A honra é toda minha, rainha Catarina - disse alto. O pai, como os pais babados fazem, riu-se com ele, e a sala toda aderiu, por delicadeza, ao riso real. Estranhamente, o filho parecia ter sobre ela o mesmo efeito do que o pai: apesar de lhe desagradar a postura pedante de Jemmy, Catarina perdoou-lhe o ar de pavão e esforçou-se por atrair a sua atenção, querendo saber se ele a podia levar à varanda, porque queria muito ver

nevar...

Jemmy olhou-a como que hipnotizado e, dando-lhe o braço, conduziu-a até às janelas abertas, conversando animadamente, sem nunca abandonar uma postura sedutora, como se não tivesse outro intuito senão conquistar a rainha. «Tiques iguais aos do pai, que certamente observa e copia com zelo», suspirou Catarina. Nessa noite, regressaram todos juntos a Whitehall. E todos juntos incluía até Barbara Palmer, amuada a um canto da carruagem, mas presente e vigilante.

Enquanto Nan e Meg a ajudavam a despir, Catarina comentou:

- Acharam James Croft bonito?

Nan e Meg sorriram-lhe:

- Sua Alteza esteve fantástica, parabéns, desarmou lady Palmer, desarmou o próprio rapaz, que, se bem conhecemos o género, amanhã de manhã estará aqui a visitá-la com um ramo de camélias brancas...

Catarina piscou-lhes o olho. Que vontade tinha de lhes pedir que se deitassem no fundo da sua cama e ficassem a conversar pela noite fora, como fizera com Joana e as amigas, naqueles dias no Paço de Sintra. Sabia que era impossível, mas não resistiu:

- Temo que o rapaz esteja demasiado confiante nos seus dotes. Nenhuma de vocês o acha um bom partido?

As irmãs abanaram que não com a cabeça. Quem ficasse com o filho mais velho do rei, sobretudo não havendo nenhum legítimo, justificava a sua passagem pela corte, mas decididamente Jemmy era demasiado parecido com Charles para as atrair seriamente. Não o podiam dizer, mas Catarina entendeu.

Margaret Fanshawe desceu as escadas de pedra em caracol que conduziam a um dos claustros de Whitehall. A capa preta de feltro grosso, forrada a pêlo de carneiro, impedia-a de gelar, e o capucho, bem puxado sobre o seu cabelo loiro, escondia a sua identidade. As mulheres não andavam sozinhas pelos corredores do palácio à noite e se algum guarda a interceptasse, era certo e sabido que acabaria de castigo, imposto por lady

Suffolk, que procurava, a todo o custo, impor alguma moral entre as suas damas.

Passara a noite toda a olhar para ele, mas não se atrevera a aproximar-se. Tinha feito vários amigos na corte, e os admiradores eram mais do que os seus dedos da mão, mas só este lhe interessava. Desde o dia, no casamento da rainha Catarina, em que o vira ao lado do seu irmão mais velho lord Buckingham, e Nan a tinha proibido, sequer, de lhe dirigir a palavra, que não pensava noutra coisa. O pai e a mãe dir-lhe-iam o mesmo que a irmã, assim como todos os partidários da rainha. O pai falar-lhe-ia da «lealdade e outras qualidades que não admito que não cultives», se soubesse desta sua inclinação por um membro da família Villiers - primo, afinal, de Barbara Villiers Palmer, a amante do rei.

Meg não queria pensar nisso agora. Francis Buckingham também a olhara intensamente, e percebera que ficara também na sua memória. Não se atrevera a aproximar-se do círculo das damas da Casa da Rainha, com medo de desagradar ao seu irmão George, e contrariar o duque dava muito trabalho e era perigoso. Mas queria vê-la, tinha de a ver. Meg, com a cara emoldurada por um cabelo loiro, forte e ondulado, a pele branca, os olhos verdes, o nariz ligeiramente arrebitado, a boca sensual mas que também sabia ser cínica, o corpo que tomava formas cada vez mais perfeitas, e que o vestido verde justo e decotado deixava adivinhar, era irresistível. Verde, sabia ela, porque o escolhera para fazer sobressair a cor dos seus olhos, mas Francis, durante o jantar e no meio da confusão, murmurara-lhe: «Gosto desse verde, porque é sinal de esperança.»

Quando vestira o casaco para sair, na comitiva de Catarina, sentira um papel no bolso - mas só agora, depois de terem deitado a rai nha, pudera ler o recado. Era de Francis, não queria acreditar. Desafiava-a a encontrar-se com ele no jardim das estátuas às dez e meia da noite, quando todas as damas já estivessem a dormir. Enganara a própria irmã - amanhã contar-lhe-ia tudo - e dissera-lhe que a rainha lhe pedira para levar Cenoura a Montagu, porque a raposa há dois dias que lhe parecia adoentada. Nan não acreditara, mas fingira, o que para o caso era igual, e Meg estava agora aqui, o coração a bater com força, à espera dele.

E se não viesse? Se fazia troça dela, se procurava aproveitar-se do facto de ela ser uma dama da rainha para a transformar em espia para a causa

do execrável irmão? De repente, pensou que fora estúpida e ingénua ao acreditar por momentos que era a ela, e só a ela, que Francis desejava, e teria fugido dali, se uns braços fortes não a segurassem pelos ombros. Ia reagir, gritar, mas conteve-se quando ouviu:

- Sou eu, Margaret Fanshawe...

Chamou-lhe parvo, pelo susto que lhe pregara, e Francis pediu-lhe desculpa, genuinamente contristado:

- Desculpe, sou um idiota, a pedir-lhe que venha aqui à noite, correndo todos os riscos, e depois caindo assim em cima de si, como se fosse um miúdo a brincar à apanhada...

Fora só o princípio. Falaram longamente, as horas do relógio da Torre a baterem uma e outra vez. Meg esqueceu-se de que ele era o seu pior inimigo. Francis era diferente, diria no dia seguinte a uma Nan angustiada. Francis não tinha nada do irmão, jurara. Mas a irmã abanara a cabeça, preocupada.

14

Whitehall Palace, Dezembro de 1662

Foi a Palmer que lhe disse com todo o descaramento. Não directamente, não se atreveria a tanto, mas nos seus aposentos, sentada entre as suas damas. Estava grávida. De novo, imagine-se, como se os dois filhos que tinha não fossem o suficiente. Catarina empalidecera ao ouvi-la, mas procurara manter a concentração no missal que lia. Mas Barbara Palmer não se calava, procurando uma reacção, um sinal de fraqueza. A rainha mordeu o lábio, apelou à ajuda de todos os santos, e manteve os olhos presos nas letras, como que procurando uma palavra, uma frase que a impedisse de se atirar aos cabelos da rival, como numa cena de peixeiras nas ruelas de Lisboa. Palmer comentava as consequências da insaciabilidade do desejo do rei, de como nada podia fazer para impedir a sua fertilidade de levar a melhor, e, acreditem, dizia, que sendo dama da Casa da Rainha a situação de dar a Charles mais um filho varão, porque tinha a certeza de que era rapaz, a deixava embaraçada, pobre infanta de Portugal, que fizera uma viagem tão longa em vão.

Até a Palmer sentiu que se tinha excedido quando percebeu que mesmo as damas que habitualmente acompanhavam as suas graças com risinhos se tinham calado, envergonhadas. Por iniciativa própria, fez uma vénia discreta a Catarina e saiu do quarto.

Fingindo não ter sequer dado pela sua retirada, a rainha manteve-se de olhos no livro sagrado, e só uma pinga de sangue no seu lábio inferior, que mordera com força, revelava que entendera o que se passara. As damas tentaram aliviar o ambiente retomando as conversas que tinham ficado congeladas, e foi apenas quando sentiu mais segura de que as pernas lhe obedeceriam que a rainha chamou duas delas, para que a acompanhassem à capela. Nan e Meg olhavam, estarrecidas, mas não se aproximaram. Admiravam a força de Catarina, mas sabiam que a rainha se poderia desfazer facilmente em lágrimas se sentisse sobre o braço o toque de alguém mais próximo.

Nessa tarde a rainha alegou uma enxaqueca e fechou-se no quarto. Durante dias seguidos, saiu apenas para as missas, com um véu escuro sobre a cabeça. Rezava e, envergonhada pela baixeza dos seus pensamentos, não resistia a pedir ao Altíssimo que fulminasse aquela mulher que todos a obrigavam a aceitar e que com os seus poderes diabólicos mantinha o marido na sua cama. Queria amaldiçoar Charles mas não conseguia. Agarrava-se ao que sempre ouvira as criadas, que há criaturas que usam poções e magias negras para manter preso um homem mesmo contra a sua vontade. Pedira apenas a Deus que o libertasse do feitiço.

Passara noites sem dormir, virando-se e revirando-se na cama. A quem estava a tentar enganar? Se o seu ventre estivesse proeminente como o da Palmer, as infidelidades do marido não lhe deixariam esta dor tão profunda, tão real.

A alma dói? perguntara uma manhã ao confessor. A alma dói, respondera-lhe ele, sem qualquer hesitação.

Mas a vida agitada da corte não lhe permitia reclusões. Lady Suffolk insistia que se levantasse. Nan e Meg espicaçavam-na, ansiosas por a libertar do seu desespero. Sem a sua presença ao lado do seu marido vai deixar todo o espaço do mundo à Palmer, diziam-lhe.

Finalmente, a frase capaz de a fazer reagir. Uma filha de Luísa de Medina-Sidónia não entregava os pontos de mão beijada. Lembrou-se de frei Pedro, de Teodósio, da força da mãe que contra todas as adversidades estava sempre na primeira fila do campo de batalha, e voltou a sair do seu casulo.

O rei, com os seus habituais remorsos fora de tempo, procurou de novo compensá-la da crueldade que lhe fizera, transformando-se no príncipe encantado das histórias que ouvira em pequenina.

Há semanas, dias e horas que Catarina mantinha a ilusão de que a sua vida poderia voltar a ser completamente feliz. Charles passava algumas noites com ela, e se não deixava de organizar bailes e festas, em que Catarina não se sentia desejada, compensava-a de outras formas, levando-a a passear, dando-lhe a mão em público ou, como naquele dia que guardava na memória, levando-a a patinar no canal de St. James, os seus

braços fortes a suportarem o seu corpo frágil, tão cuidadoso e paciente que até acreditara que ele a amava de verdade. A Palmer amuava, e o seu amuo deixava a rainha e as damas que lhe eram leais, loucas de felicidade. Meg e Nan riam menos, incapazes de esquecer este comportamento cíclico do rei, em que a cada asneira se seguia um período, curto, de tentativa de redenção.

- A verdade é que temos, todos os dias, que suportar a presença daquela mulher, e a rainha até lhe responde, quando ela se faz de simpática - murmurou Meg, tão segura nos seus ódios como nos seus amores.

Catarina decidira, de facto, por momentos deixar de lutar contra a maré.

- Pobre dona Catarina - murmurara Nan, que, como todas as outras damas, sabia que os votos de fidelidade do rei, nomeadamente no que dizia respeito à sua amante aparentemente à prova da passagem do tempo, eram tudo menos fidedignos. Tantas e tantas noites o tinham visto chegar com ela, oriundos dos apartamentos luxuosos que a Palmer habitava, num dos torreões do palácio, e tantas outras os viam para lá regressar. Felizmente, Catarina estava imersa em missas e orações, entusiasmada a bordar panos para o altar da capela da rainha. Escrevera até ao papa, protestando a sua dedicação enquanto rainha de Inglaterra, e pedindo inclusivamente a Sua Santidade que atendesse à situação dos católicos naquele país, nomeando mais bispos para poderem dirigir as ovelhas que praticavam a verdadeira fé. Charles ficara furioso quando soubera das cartas enviadas, mas Catarina conseguira apaziguar a sua ira, explicando-lhe que, em nome de Portugal, que esperava há 20 anos que Roma reconhecesse o reino como um Estado independente, precisava de fazer valer a sua força como rainha de um reino que Roma ambicionava dominar.

- Por menos do que isso já houve pessoas enforcadas, e nessas coisas, como o meu pai deixou bem claro, não se faz em Inglaterra distinções de classe - protestara Charles, que jurara a si mesmo que, enquanto fosse rei, não permitiria guerras religiosas entre os seus súbditos.

Mas mesmo essas discussões políticas davam à rainha a sensação de que Charles já não a via como uma criança, desprovida de beleza e interesse, e aprendia a perceber que casara com uma mulher que pensava pela sua

cabeça. Quem sabe, suspirava, enquanto bordava mais um pano, talvez isto fosse o princípio de uma nova vida. Talvez Charles aprendesse a amá-la, e até a professar a religião, que afinal era a da sua mãe e dos seus irmãos. Talvez, se engravidasse em breve e lhe desse um herdeiro, o rei esqueceria Jemmy, a Palmer e todas as outras, tornando-se um homem de família. Com a raposinha aos pés, enfiava a agulha no tecido e sonhava acordada.

O rei estava de novo enfeitiçado. Quando Charles se apaixonava assim, com esta força e determinação, não fazia o menor esforço para disfarçar a sua paixão.

Frances Stuart, filha do médico de Henriette Marie, ficara órfã e a rainha-mãe ordenara que se lhe juntasse em Somerset House. Quando a tímida criança se tornou uma adolescente invulgarmente bonita, a sogra pediu a Catarina que a acolhesse entre as suas damas, e Catarina fizera-o com o seu habitual instinto maternal. Recomendara mesmo às Fanshawe que a protegessem e ensinassem, o que elas tinham feito, obedientes... e tontas, pensava agora Nan, com uma gargalhada de amargura.

Frances não era fácil de entender, e nem mesmo a perspicácia da mais velha das Fanshawe chegava para entender se era realmente tão estúpida quanto bonita, ou se utilizava essa estratégia para dar ao rei a sensação de que era uma quase criança desprotegida a que ninguém tinha coragem de repreender.

Hoje, ao vê-la a construir um castelo de cartas, numa das mesas de pano verde que o rei mandara colocar no salão, parecia apenas uma rapariga feliz por lhe permitirem estar acordada até à mesma hora do que os crescidos. Os seus cabelos caíam em cachos sobre os ombros, os olhos azuis eram absolutamente transparentes, e o corpo assumira formas de que os homens não conseguiam afastar os olhos.

A voz de Frances era ligeiramente aguda, mas simpática e meiga. Naquele momento pedia ao rei que lhe segurasse numa carta, e Charles aproveitava o gesto para lhe beijar a mão, retendo-a na sua.

Meg, do outro canto da sala, também não perdia nenhum pormenor, os olhos cruzando-se, indignados, com os de Nan.

- Nada passa despercebido nesta corte, meu Deus. Amanhã uma «santa alma» fará o distinto favor de colocar Catarina a par desta «cenazinha» - murmurara uma outra das damas queridas de D. Catarina.

Todos eles sabiam o que aí vinha: Charles rodearia a sua presa, que cobriria de jóias e presentes, comprados com dinheiro que não tinha, até que a dama cedesse. Ordenaria que se abrisse uma ala para a sua escolhida, deixaria que a dama escolhesse a decoração dos seus aposentos e manteria o seu amor por ela, mesmo que não o desejo. Era provável que a Palmer já cansasse, com as suas birras e caprichos constantes, e Frances fosse a nova Palmer, só Deus ou o Diabo poderiam, para já, dar resposta à pergunta que todos se faziam.

Por agora era oficial e público que a favorita era a «prima». Bastariam os olhares de ódio de uma Barbara muito grávida para não deixar quaisquer dúvidas de que assim era.

Nessa noite, Meg adormeceu com a almofada em cima da cabeça: tinha vontade de matar aquele triozinho diabólico que descaradamente ria da ingenuidade de Sua Majestade.

- A portuguesinha a esta hora está no melhor dos sonos. Sonha certamente que o rei a ama - diziam, com uma maldade que feria.

- Calem-se, idiotas! - gritou Nan, incapaz de se controlar.

Estranhamente, calaram-se. Nan olhou para a cama que Frances e Felícia partilhavam, e viu que ambas fingiam dormir. Esperaria mais uns dias, e depois, depois teria uma conversa séria com a rapariga. Afinal, a rainha não mandara educá-la?



Meg subia as escadas de serviço, depois de mais um encontro clandestino com Francis, quando os viu. Lord Buckingham e a Palmer discutiam, furiosos um com o outro, num dos cantos mais escuros do corredor. As suas vozes contrastavam com o desejo de se esconderem na sombra, porque se ouviam à distância. Meg deu graças pelo seu capote escuro e deixou-se ficar escondida no patamar, «tenho de ouvir tudo, tenho

de proteger a rainha» era o único pensamento que lhe ocorria.

A Palmer gritava:

- Percebi logo que era um golpe teu, George Villiers, duque de Buckingham. Estás preocupado com a rainha papista, que ainda por cima nem um herdeiro dá ao rei, e começas a preparar uma estratégia para a substituir... Frances é uma pateta!

- Uma pateta linda de morrer - acrescentou, provocador, Buckingham.

- Linda de morrer sou eu, e outras coisas mais, que o rei não sai da minha cama há quatro anos. Despacha-me essa miúda...

- Prima, prima, olha que a criança nasce aqui mesmo. Não gosto de ameaças, sou amigo de Charles, e duque de Inglaterra, defendo o meu rei e o meu país...

- Para isso vais meter a burra da Stuart na cama do rei, e depois o quê? Mais bastardos? Para isso já chegam os meus.

E de repente, estupefacta:

- Não acredito. Se julgas que vais conseguir que o rei renegue o seu casamento, não o conheces... Casaram há um ano, a rainha é nova, e Charles não gosta de se sentir colocado entre a espada e a parede...

- A ver vamos, e agora sossega, que ainda podemos precisar de um dos teus bastardos para o pôr no trono.

A Palmer sorriu. Se não fosse esta Frances, tão nova e fresca como ela fora quando o rei descobrira os seus dotes na cama, talvez um dia Charles casasse com ela.

As vozes começaram a afastar-se, e Meg, a tremer de raiva e de medo, correu pelo lado mais escuro do corredor até ao dormitório das damas. Ao ver Nan, puxou-a pela mão e, apesar dos protestos da irmã, arrastou-a até à pequena capelinha improvisada por Catarina.

- Meg, onde andavas a estas horas?... não respondas, não respondas. Diz-

me antes porque é que estás tão branca. Foi ele que te fez mal? Tentou abusar de ti? - exclamou, exaltada.

- Chiuuu, Nan, cala-te, vim para aqui porque quero falar em segredo, não achas?

Apressou-se a contar-lhe tudo o que tinha ouvido no patamar das escadas. Nan ficou tão pálida como a irmã:

- Devemos contar à rainha, prepará-la? - perguntou.

- Já pensei nisso, mas acho que para já não. Vamos tentar meter algum juízo na cabeça de Frances. Será que ela sabe o sarilho em que se está a meter, coitada - disse Meg.

- Coitada, qual carapuça. Todas nós já vimos o rei namorar, beijar descaradamente damas na boca, abraçá-las quando menos esperam, trocar graças e galhardetes, e babar-se quando lhe respondem à letra - comentou Nan.

- Mas, como dizes, o rei faz isso tudo, e tudo fica por aí, tanto quanto sabemos. Frances pode gostar da admiração, afinal não tem pais, é natural que se deslumbre por ser o centro das atenções de Sua Alteza. Uma rapariga gosta que a olhem assim, como se não houvesse mais nenhuma no Mundo...

Nan, pela primeira vez naquela noite, riu:

- Tu sabes do que falas, mas que te livrasses de dar trela ao rei. Mas olha que cada vez que penso que estás apaixonada por um irmão deste Buckingham, por um Villiers... consegues beijá-lo, sabendo que tem sangue da Palmer?

- Bah, Nan, consegues estragar tudo. Francis é diferente, já te disse que é diferente. Mais ainda, o que vou fazer é contar-lhe o que ouvi e pedir-lhe para vigiar o irmão, e contar-me tudo, tudo, tudo...

- Lindo, mana, vais confiar a tua vida, e a da rainha, a um homem que conheces há meses. Quem te jura que ele não te usa a ti para espiar dona Catarina?

Meg abriu os olhos, horrorizada:

- Nan, que loucura. Nem sequer foi ele que se aproximou de mim, fui eu que o conquistei, que o convenci, que o seduzi...

- Ou ele é hábil e deu-te essa impressão - não resistiu Nan a dizer.

Meg levantou-se, zangada: pior do que insultar o seu Francis, era pôr em dúvida o seu poder de atracção.

Nan corrigiu-se rapidamente:

- Não te zangues. Tens razão. Vamos falar com Frances. Temos de proteger a rainha.

Catarina adorava as aulas de dança, e até D. Maria insistia em que não faltasse a nenhuma. Fazia-lhe bem, era preciso que aprendesse a dançar como estas inglesas, não podia ficar sentada enquanto todas as outras rodopiavam nos braços dos nobres da corte.

Durante aquelas horas, em que seguia os passos de Mr. Spencer, esquecia tudo. A música enchia-lhe os ouvidos e o coração, e dançava como se dançasse com o pai, como se voltassem os dois à sala de música e se perdessem nela, como tantas e tantas vezes tinha acontecido. João, o duque aclamado rei, um marido tão diferente de Charles e, no entanto, nunca sentira que a sua mãe o amava com a paixão com que ela amava o seu marido - seria por ser tão esquecida por ele? Por o sentir sempre a escorregar-lhe entre os dedos?

- Sua Alteza, os seus olhos levam-na para muito longe. Volte aqui, e olhe para os meus pés, um, dois, três - clamava Mr. Spencer, e Catarina, com um sorriso encantador, como era o seu sempre que a alma se sentia leve, pediu-lhe desculpas.

- Mister Spencer, importa-se de repetir? Quero muito saber essa dança, mas às vezes a música é mais forte do que os pés.

Spencer dava ordens aos instrumentistas, e tudo começava de novo.

Frances estava sentada no parapeito da janela, os olhos postos no

jardim, quando o rei entrou. Catarina sorriu-lhe, excitada:

- Que surpresa, Sua Alteza - declarou num inglês que começava a ficar mais fluente.

Charles fez-lhe uma pequena vénia e beijou-lhe a mão, mas a sua atenção estava naquela janela.

Catarina seguiu-lhe o olhar, espantada, e de repente sentiu toda a felicidade esfumar-se. Charles soltava-se do seu braço e caminhava a direito, indiferente ao escândalo que causava, para a pequena Stuart. Os músicos pararam de tocar, e Mr. Spencer pigarreou, embaraçado.

A voz de Charles ouviu-se, clara:

- Miss Stuart, porque é que não dança?

Frances, espantada, encarou-o, meio assustada, o olhar correndo da cara do rei para a cara da rainha: o que devia fazer? Não podia despachar Charles como se fosse um menino atrevido, não podia, não devia e não queria magoar a rainha. Nan atravessou a sala em seu auxílio, apesar de perceber bem a irritação que provocava no rei:

- Frances está adoentada, eu mesma ia agora acompanhá-la ao quarto, não era, Frances?

A francesinha sentiu-se apanhada numa rede. Por dentro tremia - e se o rei não me fala mais? Se volta para a Palmer ou se se fascina com Meg, que é quase tão bonita como eu? -, mas também não desejava desagradar a ninguém. Catarina permanecia junto do professor, com os olhos postos nela. Teria de ceder ao pedido de Nan, talvez depois, talvez à noite pudesse explicar ao rei que gostava muito dele, mas não suportava magoar a rainha.

Charles recuou. Percebendo que era o centro das atenções, disse duas graças, puxou o rabo-de-cavalo a uma dama, beijou uma outra, e saiu pela porta por onde tinha entrado. Frances deixou-se arrastar por Nan pelas escadas de serviço.

Catarina, pálida, mas fazendo uso de toda a sua coragem, insistiu com

Mr. Spencer que precisava de ensaiar, mais uma vez, aquela valsa... Todas as damas na sala voltaram ao ensaio.

Terminada a aula de dança e de regresso ao quarto, Catarina gritou:

- Deixem-me sozinha.

Mas, de seguida, numa voz sumida, pediu:

- Por favor, deixem-me sozinha.

Deitada sobre a cama, chorou até adormecer. Lady Suffolk e D. Maria abanaram a cabeça, desgostosas. Quando é que acabaria o sofrimento da princesinha obrigada a crescer desta forma tão brutal? Quando Charles lhe mandou um ramo de flores, a camareira colocou-o numa jarrinha junto da Senhora das Candeias, mas não acordou a sua senhora. Assim que despertasse, dar-lhe ia uma infusão de laranja, e então dir-lhe-ia de quem eram. E o coração da rainha voltaria a encher-se de esperança.

15

Windsor, 26 de Fevereiro de 1663

Charles insistira em partir para Windsor, o castelo de que mais gostava. Catarina acreditava que uma mudança de ares lhes seria benéfica. A Palmer estava retida em Londres pela barriga, e a rainha pedira encarecidamente à sogra que chamasse Frances ao seu serviço por uns dias. Não precisara de explicar muito. Percebera, mal dissera o nome da rapariga, que as histórias já tinham chegado a Somerset House. Henriette tentou jurar pela inocência de Frances e Catarina generosamente aceitou que talvez a dama não tivesse consciência da força do desejo que despertava no rei.

Sentada agora no seu quarto, frente a uma lareira crepitante, pensava nas palavras que a órfã mais bonita que Deus colocara no Mundo lhe tinha dito:

- Acredite, Sua Majestade, que seria incapaz de fazer fosse o que fosse que a pudesse magoar...

Tinha de acreditar. Tinha de acreditar nela, e nele, no seu marido. Estava apenas a ser simpático, paternal, com uma miúda que tinha idade para ser sua filha.

As criadas entraram para a vestir para o jantar. Era um jantar de gala, com a assistência dos súbditos, que vinham ver o rei e a rainha cear, como quem assiste a um espectáculo, tradição a que Catarina já se começava a habituar.

O vestido de seda encarnada ficava-lhe bem. A sua estatura pequena e a cintura delgada eram fáceis de vestir, diziam as costureiras, que adoravam a ternura de Catarina e se esforçavam por ajudá-la a conquistar o marido. Na cintura, uma faixa verde-escura atava nas costas com um laço enorme. Uma fita da mesma cor prendia-lhe os cabelos, que eram tão grossos que permitiam que as criadas «brincassem» aos penteados, como se queixava,

sorridente, a rainha.

Quando entrou no salão aquecido, e os convidados se inclinaram numa respeitosa vénia, gostou da admiração que lhes suscitava. D. Luísa que lhe perdoasse, mas usaria qualquer vestido que levasse os olhos dos amigos do rei a brilhar assim.

Charles estava magnífico, num casaco de caça, em veludo castanho, uma camisa branca de folhos e umas botas que brilhavam como espelhos. Estendeu-lhe a mão e levou-a até à mesa. Os dois sentados, o rei e a rainha de Inglaterra. Catarina sentiu-se poderosa e feliz. Esforçou-se por mostrar o seu melhor inglês, e elogiou o castelo. Charles, um conversador nato, contou-lhe as histórias deste sítio, e de como ali tinham vivido os seus antepassados.

Os músicos tocavam num canto, e quando a refeição acabou o rei desejou boas-noites ao seu povo, e mandou que a guarda fechasse as portas do salão e se servisse os restos na porta de serviço.

Catarina espantava-se ainda com a dimensão de tudo. Com o número de pessoas, de salões, de quartos, de jardins. Sorrindo, contou a Charles como o irmão dela medira a fachada do Paço de Vila Viçosa aos passos. O rei divertiu-se com a história:

-Gostava de ter conhecido Teodósio.

Catarina suspirou. Charles gostaria de Teodósio, mas Teodósio suportaria Charles se o visse tratar assim a mulher? Tinha todas as dúvidas.

Montagu esperava-a com o cavalo pronto. Catarina desceu as escadas desconhecidas, um criado a mostrar-lhe o caminho, Nan e Meg uns metros atrás, tão divertidas como a rainha. Também para elas era um alívio deixar por alguns dias os dramas da corte, as cenas da Palmer versus Frances, a necessidade de proteger Catarina da maldade alheia. Meg, então, estava esfuziante: hoje conseguira que Francis Villiers se juntasse ao passeio. Montagu fora invulgarmente generoso, e Nan baixara a guarda: se Edward confiava no tal Francis, talvez então o amor não tivesse cegado a razão da irmã.

Montagu ajudou a rainha a subir para a sela, e Catarina implorou-lhe:

- Edward, venha connosco, não conhecemos nada destes sítios, nenhuma de nós. Lembra-se, como me prometeu, naqueles dias em que estávamos fechados no barco, que me mostraria o campo?

Montagu não resistia a nenhum pedido da rainha, como comentavam as damas, aos segredinhos. Há muito que comentavam a paixão do man o f the horse da rainha, mas achavam que toda a atenção que Catarina recebesse era bem merecida.

Meg, no entanto, parecia preocupada:

- Nan, temos de avisar a rainha para que tenha cuidado. Buckingham está à procura de qualquer coisa, do mais pequeno indício, para se virar contra dona Catarina - murmurou.

- Escuso de perguntar a fonte de tal informação - comentou Nan, vendo que Francis Villiers se aproximava.

- Exacto, escusas de perguntar, mas podes dar um toque à rainha, não podes?

- Não faço isso, não sou capaz. É o único amigo que tem, suspeito até que alimenta a esperança de provocar ciúmes ao rei.

Meg levantou os olhos ao céu, angustiada com tamanha ingenuidade:

- Nan, não me assustes, por amor de Deus. Lembra-te que o rei, embeiçado como está por Frances, pode estar mais susceptível do que nunca a pressões...

A irmã tremeu. A inocência da rainha podia mesmo levá-la a provocar uma cena, a contar a história de um encontro, a empolar um passeio, e era provável que a reacção do rei fosse oportunisticamente violenta. Não porque fosse capaz de exigir à mulher o que não exigia a si próprio - homem mais tolerante Nan nunca encontrara na vida -, mas porque era possível que ficasse mais sensível à má-língua de Buckingham e dos seus amigos. Ou podia temer que, por despeito, a rainha fosse mais longe, e nunca poderia aceitar sentar no trono um filho que não fosse seu. Ou que

alguém insinuasse não ser.

Catarina sabia apenas que Montagu a amava respeitosa e silenciosamente, e que essa paixão tornava mais suportável a sua vida. Ajudava-a a sentir-se menos patinho feio. Se o rei tivesse ciúmes, tanto melhor. Dos planos de Buckingham nem sonhava.

Francis Villiers foi o primeiro a vê-los. Conhecia as cores da Guarda do Rei, a sua visão de falcão permitia aperceber-se da bandeira. Só podia ser Charles. Mas o que entendeu a seguir encheu-o de horror: ao lado do rei vinha Frances, ladeada do outro lado por lord Buckingham. Apressou o passo do seu cavalo para junto do de Meg e deu-lhe a notícia, explicando-lhe que tinha de desaparecer: se George o visse naquele local nunca mais poderia ser útil na defesa da rainha, era preciso todo o cuidado. Os seus lábios tocaram-se, e Francis partiu, o seu cabelo de um castanho-avelã a bater-lhe nos ombros, as costas direitas sobre a sela.

Meg saboreou por uns momentos o beijo, e depois caiu em si. Galopando até à frente, para espanto de todos, desafiou a rainha:

- Dona Catarina, a primeira a chegar àquele bosque é a rainha do dia!

Catarina ficou perplexa, mas depois, tomada de um impulso, esporeou o cavalo e ambas partiram na direcção contrária à da comitiva do rei.

Quanto a Charles, quando reparou em Montagu, Nan e as damas da rainha, virou também no sentido contrário.

Montagu cerrou os lábios. Meg e Nan trocaram olhares angustiados:

- Esta manobra de diversão funcionou, mas a rainha vai ter de saber - murmurou Nan.

Catarina soube. Soube quando subiu a correr as escadas da cavalariça para os seus aposentos, o cabelo ao vento, as gargalhadas fáceis, liberta pelo vento da corrida que ganhara contra Meg.

- Hoje sou duas vezes rainha - comentou, fazendo uma pequena pirueta. Quando olhou em frente, não queria acreditar: no pátio, Frances falava com Charles. Frances em Windsor?

Nan segurou-lhe com força no braço:

- Vamos até ao quarto, Sua Alteza?

Catarina, uma sombra do que era há momentos, subiu com esforço cada um dos altos degraus de pedra.

- Nan?

- Majestade?

- Nan, vou fingir que não soube e não vi. Despreza-me por isso?

- Não, admiro-a.

Catarina acenou em agradecimento.

- Importa-se de dizer a Montagu que quero treinar o tiro ao arco esta tarde?

Nan assentiu. Mas tremeu por dentro. A lista de pessoas com que era urgente falar crescia: Frances, agora Montagu, talvez um destes dias o marquês de Sande - gostava daquele homem, da sua franqueza, da forma directa como falava, do cuidado que tinha com a rainha, mas sem ter medo de lhe dizer o que pensava. Era diferente de todos os outros homens que conhecia. Talvez Sande pudesse avisar a rainha do perigo em que a amizade com Montagu a poderia colocar.

Nessa tarde não houve tiro ao arco. Catarina recebeu uma carta da mãe, e sentou-se numa mesinha, aquecida por brasas de carvão, a lê-la. De repente, os amores de Charles pareciam-lhe brincadeiras de crianças, e tinha vontade de lhe dizer que um rei se ocupava da gestão do reino, e não de saias de mulheres. Em Portugal, contava-lhe Luísa de Gusmão, ninguém estava em festa. A Inquisição perseguia aqueles que lhes tinham sido mais queridos, Afonso com a ajuda de Castelo Melhor governava menos mal, mas os ódios e as divisões internas pareciam substituir as que durante tantos anos tinham mantido contra Castela e que, graças a Nossa Senhora da Conceição e à ajuda de Inglaterra, pareciam afastar-se das fronteiras portuguesas.

No resto da carta, Luísa gabava os progressos de Pedro e queixava-se do silêncio da filha, e Catarina percebia nas entrelinhas a pergunta fatal. A mãe entendia mal fraquezas e fragilidades, dera ao marido sete filhos, cinco vivos, três varões, e teria sempre a tentação de a acusar de não saber seduzir Charles, trazê-lo para a cama mais vezes, fazer frente com punho-de-ferro a todas as suas indiscrições amorosas, que talvez lhe roubassem a força anímica para engravidar a sua legítima esposa. Catarina ouvia as acusações não pronunciadas, e sentia-se paralisar. Como lhe podia escrever? Como lhe podia explicar que aquilo que um mouro da Praça do Comércio lhe dissera era verdade, que o seu ventre era liso, continuava liso? Como lhe podia contar que agora Charles tinha um novo amor, e ela assistia a tudo sem nada poder fazer?

Continuou a ler.

«O teu irmão agradece a forma como tu o criaste, minha filha, que estiveste mais presente na infância e juventude dele do que eu, tão presa ao serviço deste reino.»

Subitamente teve vontade de chorar. Será que Afonso e Pedro seriam as únicas crianças que seguraria alguma vez nos braços? Ela, a quem os irmãos chamavam mãe, estava destinada a nunca o ser?

Se ao menos pudesse ser Frances, uma órfã francesa, capaz de estontear assim o rei. A que ponto chegara, para pedir a Deus uma coisa destas. Digna, levantou-se e chamou as damas para a missa. Na oração encontraria a força. Se o marido não apreciava a virtude, tanto pior para ele. Por momentos, Catarina acreditou que se conseguia convencer a si mesma. As lágrimas que lhe corriam por baixo do véu diziam outra coisa.

16

Whitehall Palace, 17 de Março de 1663

A caminho da capela, Catarina percebeu que a agitação no torreão de lady Castlemaine era grande. As suas criadas subiam e desciam as escadas com tinas de água quente e toalhas, e na porta cruzou-se com a parteira. A Palmer dava novamente à luz, e Catarina não queria saber.

Nan e Meg garantiam-lhe que o rei dizia alto, na sala, que este é que não era dele, e insinuava que o feitio acolhedor da amante já se estendia generosamente aos seus amigos, mas Catarina pedia que não lhe dissessem nada. Chocava-a profundamente que Charles falasse de coisas tão íntimas em público, não compreendia a falta de recato destas pessoas, chocava-a a forma como os maridos humilhavam as mulheres e as mulheres enganavam descaradamente os maridos.

- Diga-me, lady Suffolk, acha que os frequentadores da corte representam os nobres ingleses? - perguntou, com o máximo de delicadeza possível.

Lady Suffolk limitou-se a responder:

- Considero sinceramente que, como a minha família, muitas mais em Inglaterra morrem de vergonha quando ouvem contar o que aqui se passa.

Prosseguir a conversa seria culpar Charles pela escolha de quem o rodeava, e isso Catarina não se permitia fazer. Tentou outro caminho:

- Dizem que os costumes são como os pêndulos. Quando os puxamos muito para um lado, balouçam para o outro, e demoram muito a encontrar de novo o equilíbrio - disse.

- O exemplo é excelente - comentou, aliviada lady Suffolk, que não queria, por nada, que a rainha questionasse a mão demasiado suave que tinha sobre as suas damas, já que pelas outras não podia responder.

Mudando subitamente de assunto, Catarina perguntou, enquanto escovava o cabelo:

- Como se vai chamar a pobre da criança?

Lady Suffolk tinha vontade de dizer que pobre é que nunca seria, mas conteve-se, e respondeu com a naturalidade possível:

- Ao que me dizem, chamaram-lhe Henry.

- Não ser Charles, como o irmão, já muito me admira - disse, com um riso forçado, a rainha.

Lady Suffolk não lhe dera conta do nome todo: Henry Fitzroy, mais um «filho do rei».

Sentada agora, aconchegada com uma manta num cadeirão, com Cenoura nos braços, Catarina quis saber:

- Lady Suffolk, contaram-lhe também que abri o baile com Jemmy.

- Jemmy, dona Catarina, Jemmy Croft? - perguntou a senhora, que tinha em pouca conta o pomposo do filho mais velho do rei, e que visivelmente ouvia a história pela primeira vez.

- Tem sido sempre muito simpático comigo, brinca com o meu inglês sem remédio, mas de forma gentil. Vem ter comigo se me vê sozinha - e o pai entretido com Frances -, tem graça, faz-me rir, mas...

- Volte atrás um bocadinho, dona Catarina. Jemmy abriu o baile com a rainha?

- Exactamente. Lord Monmouth, mais precisamente, porque foi esse o título que o rei lhe deu.

Lady Suffolk tentou esconder o seu desagrado:

- Isso já me disseram, mas continue...

- Dançava comigo, o chapéu, um chapéu de feltro azul, com uma magnífica pena de avestruz...

- Na mão, espero? Segurava o chapéu na mão, de cabeça descoberta perante a rainha, suponho - disse a camareira a medo.

- Pois é isso, lady Suffolk. Ele dançava assim, mas o rei, embevecido, veio ter connosco ao centro da sala, todos de olhos postos em nós...

- Porque formavam um par bonito, certamente - disse a camareira, aflita.

Catarina ignorou o comentário e prosseguiu:

- Enquanto dançávamos, Charles abraçou o filho e, pegando no chapéu, colocou-o, ele mesmo, na cabeça destapada de Jemmy.

Catarina não precisava de contar mais nada. A palidez de lady Suffolk dizia tudo. Era o que pensava. Ao cobrir-lhe a cabeça, enquanto dançava com a rainha, Charles dizia à corte, a todo o reino, afinal, que equiparava o seu filho bastardo a legítimo. Lord Monmouth em pé de igualdade com Sua Majestade.

- Julgo que o rei já desistiu de mim...

Lady Suffolk sentiu um impulso de indignação:

- Dona Catarina, com todo o respeito, penso que não pode ficar sempre calada. Não pode viver aqui fechada, deixando passar estes gestos sem um remoque, uma chamada de atenção. Sua Alteza não tem consciência de que a magoa, o rei não tem - disse, pensando exactamente o contrário -, mas julgo que tem falta de que alguém lho diga. Cresceu sozinho e talvez Hyde seja o único capaz de lhe dizer umas verdades, porque todos os outros se limitam a abanar a cabeça que sim...

- Óptimos conselhos, não daria melhores a alguém que estivesse na minha situação, mas onde me levaram as minhas convicções, a minha firmeza, a minha força de carácter? A viver na mesma casa com a mulher que dá à luz um terceiro filho do rei, e que talvez até hoje, dias depois do parto, já esteja de novo grávida do rei.

- Mas vai desistir? Vai deixar que alguém ocupe o seu lugar, o lugar do filho que vai nascer?

Catarina estremeceu: gostava de Jemmy, era simpática com ele, não queria que o rapazinho sentisse o peso da sua bastardia, mas tudo seria diferente quando tivesse um filho seu. O seu Charles, porque seria certamente um rapaz, era o único legítimo herdeiro do trono, e sabia que, como mãe, seria como D. Luísa, feroz como uma leoa em defesa das suas crias.

17

Bath, 10 de Agosto de 1663

O médico mandara-a para as termas. Precisava de ir a águas, afirmara o Dr. Pierce, o físico do rei que agora a assistia. Catarina confiava nele. Rechonchudo, com as bochechas muito encarnadas e as olheiras sob os olhos papudos como se tivesse dormido mal na noite anterior, era um homem discreto, que percebia meias-palavras e sentia uma imensa pena da rainha. Não era preciso ser mulher para imaginar a dor de não engravidar, enquanto em redor o marido exibia os filhos, como se dissesse «como vêem, o problema não é meu».

Por isso, mandara a rainha a banhos. Quando fora recebido pelo rei para explicar a situação, fora incisivo: a rainha suportara um ano de um clima diferente, mil vezes mais húmido e mais frio do que o seu, um ano de tensão e adaptação, e acreditava que o sistema nervoso era frágil e fazia sentir a sua fragilidade no seu estado geral. Era preciso tirá-la dali, dar-lhe umas semanas nas termas de Bath, mas acompanhada pelo marido, insistia corajosamente Pierce, insinuando que de nada valeriam os efeitos das águas se Charles não fizesse a sua parte de macho. Charles entendeu. Não lhe desagradava mudar de ares, o que Pierce não sabia é que Charles mudava de ares de boa vontade, desde que levasse consigo os amigos e as amigas que o mantinham perpetuamente animado, lisonjeado e divertido. O rei acompanharia a rainha, podiam publicar a notícia no jornal londrino, desde que não o obrigassem a prescindir de Frances e de Barbara.

Catarina sentiu-se mimada. O marido cedia ao pedido do médico, porque a queria ver bem, saudável, e não morta, como percebia que algumas más-línguas da corte insinuavam. 0 marido apostava na possibilidade de uma gravidez, de um herdeiro, em lugar de - e tremeu só com o pensamento - a devolver ao seu país como uma mulher infértil, ou de procurar o divórcio, como antepassados seus haviam feito. O marido, apesar de não abandonar a cansativa comitiva, fora suficientemente sensível para colocar toda aquela gente numa outra casa, guardando aposentos apenas para ele e para a mulher.

Pusera na arca a sua Senhora das Candeias - tinha a certeza de que a Virgem faria o resto, e partiu com um ânimo novo.

Nan e Meg tinham insistido em dizer-lhe logo à partida que Frances estava incluída na bagagem. Mais valia estar preparada para o que poderia acontecer do que sofrer uma outra imensa desilusão.



Bastava o céu azul para a fazer sentir mais confiante. O Inverno parecera-lhe horrivelmente longo. Mas depois havia muito mais. Charles montava com ela todos os dias, e Catarina confessava numa carta à mãe que nunca vira um campo tão verde, umas árvores tão antigas e frondosas, carvalhos ancestrais, à sombra dos quais se faziam piqueniques. Quando a vida lhe corria bem escrevia a Luísa, a Afonso, a Pedro, a Carminho, a todos os seus mais queridos, mas quando estava triste afastava-se, assustada, de qualquer papel, com medo de ali verter toda a sua desilusão. Ah, escrevera também a frei Pedro e pedira-lhe que visitasse a imagem original de Mourão, colocando na pequena ermida uma vela grande, «tão grande quanto a minha fé, tão grande quanto o meu desejo de que a Virgem responda às minhas orações e me dê um filho».

Os inimigos da rainha procuravam manter os sorrisos, mas a verdade é que entre eles não escondiam o seu desespero: Charles parecia estar de novo nas mãos da rainha, berrava Buckingham - afinal, que palerma era a Stuart, que não aprendera nada na corte francesa, que empilhava cartas, mas nunca mais jogava o trunfo.

Nan estava contentíssima por ver como a rainha se tornara mais solta, e abrira a boca de espanto, ainda ontem, ao ver que D. Catarina correra como uma adolescente até junto de Charles e colocara os braços em redor do seu pescoço - o rei ficou surpreendido com a atitude da mulher, mas reagiu bem, como reagia sempre que se sentia capaz de fazer alguém feliz. Beijou-a na boca e atirou-a ao ar:

- Catarina de Bragança, minha mulher querida, amanhã vai beber o dobro dos copos de água milagrosa que bebeu hoje.

Catarina riu, e pendurou-se no seu braço, como fazia no do pai João, naqueles dias na Quinta de Alcântara.

Nunca Catarina viajara tanto, vira tantos sítios, falara a tanta gente. Charles aproveitava esta sua passagem por aquele condado para aceitar os convites dos nobres da região, dando-lhes a honra inesquecível de uma visita. Catarina conquistava-os sempre, sorridente, simpática, com um inglês que não parecia evoluir muito mas que era suficiente para agradecer e elogiar, afinal tudo o que os anfitriões desejavam dela.

O novo duque de Monmouth corria atrás de ambos. Jemmy fazia charme a Catarina, para fúria da Palmer, que ameaçara o pai de o meter na sua cama e convencê-lo por actos de que era bem melhor do que a mulher do rei. O sobrolho de Charles franziu-se de tal forma que até a Palmer não insistiu na provocação. Mas o rei não esqueceu a ameaça - sabia que a amante era perfeitamente capaz de cumpri-la. Era tempo de arranjar um bom partido ao filho, uma mulher que lhe trouxesse prestígio e ajudasse a legitimá-lo de vez. Teria de o fazer em segredo: nem a mãe nem o irmão James concordariam com mais um banho de glória em cima daquele menino mimado, que quanto mais subisse, de mais alto cairia.

Mas Buckingham, Arlington e todos os outros compinchas apoiavam os seus planos: muito mais do que odiar Catarina, odiavam o duque de York, e se o trono balançasse entre o irmão do rei e o filho de Lucy Walters, não teriam dúvidas em o dar a este último.

18

Hampton Court, 10 de Setembro de 1663

Na manhã em que sentiu o sangue correr, Catarina não quis sair da cama. Estavam de volta a Hampton Court há pouco mais de dois dias. Tivera um atraso de umas semanas, confiara, acreditara que era desta, tinha de ser. Agora o sangue corria, e Catarina chorava: quantas vezes levaria Charles a entrar no jogo, quando é que o rei consideraria que a rainha esgotara a sua paciência?

Lady Suffolk percebeu o que acontecera, mal entrou no quarto da rainha. Catarina, numa voz exaltada, uma voz que nunca usava, ordenou-lhe que não abrisse as cortinas. Disse que não queria ver ninguém. Que não queria comer. Que não ia à missa. Que não queria falar com o confessor.

A camareira nem se atreveu a abrir o reposteiro do dossel, de onde a rainha via o seu precioso oratório, a sua adorada imagem da Virgem. Catarina sentia-se traída, desolada, e a sua camareira-mor sofria com ela.

Naquela tarde, no entanto, insistiu:

- Dona Catarina, não pode continuar assim. Imagine quem está lá fora, vindo de longe, e ansioso por falar consigo?

Catarina tremeu. Não queria ver Charles, não suportava ver a sua expressão quando lhe perguntasse, e ela respondesse, de novo, «é mentira, não estou grávida. Mais uma vez? Sim, Charles. Até quando será assim? Não sei, para sempre, sei lá eu». Lady Suffolk percebeu e sossegou-a:

- Não é o rei, Dona Catarina. Quem ali está é o father Huddleston, e diz que tem uma mensagem para si, que quer que lhe faça um favor.

Catarina era curiosa. Lembrava-se de como Carminho a repreendia por bisbilhotar em todas as gavetas, por não suportar ver um presente embrulhado... Ordenou-lhe que o mandasse entrar, era velhinho, salvara

Charles, aceitara os seus arrábidos, um santo homem...

Huddleston fez-lhe uma cruz na testa. Abençoou-a e sentou-se informalmente no fundo da sua cama.

- Quero que vá a Tilburg, em peregrinação à Virgem da Fertilidade, Senhora do ó, dizem-me os seus frades que é essa a tradução. Peço-lhe que vá discretamente, pobremente, em peregrinação.

Catarina entusiasmou-se com a ideia, e contou-lhe como, em pequena, peregrinara até à Senhora das Candeias, à ermida de Mourão, e, entusiasmada apontou-lhe a cópia da imagem.

O padre deixou-a mais feliz, e com um projecto. Partiria sozinha, apenas com duas damas e uma criada. Montagu trataria de toda a logística, não pesaria na bolsa de Charles, evitaria dar-lhe grandes explicações, pediria apenas que não deixasse de a procurar...

Quando solicitou ao marquês de Sande que lhe entregasse o dinheiro que lhe pertencia, percebeu que tocara num assunto sensível.

- Mas o acordo não previa que o Parlamento, ou o rei, me desse uma mesada? Nunca usei esse dinheiro, pois não?

- Não usou, de facto, dona Catarina, pelo menos não directamente, porque a sua Casa tem custos elevados que o rei suporta, mas a verdade é que já indaguei e esse dinheiro foi pago pelo Parlamento ao rei.

Catarina ficou silenciosa. O que Sande não era capaz de lhe dizer é que Charles o gastara. Com o tom mais descontraído que conseguiu, disse:

- O rei teve necessidade de o utilizar, certamente.

- Certamente, dona Catarina, e tendo em conta que não pagámos ainda o resto do dote...

- Não podemos reivindicar aquilo que o rei vai dizer que lhe pertence - acrescentou Catarina.

- Exactamente - confirmou Sande.

- Tenho ainda algum dinheiro que a minha mãe me deu. Dona Francisco, acha que pode tratar de o trocar, de o entregar a Edward Montagu, para que possa viajar até ao santuário de Tilburg?

Sande ficou silencioso. Catarina não tinha engravidado com as águas de Bath e a companhia do marido. Pobre infanta, mas sobraria para ele quando Charles se lamentasse de não ter ouvido os avisos dos castelhanos. Acusá-lo-ia de saber, também ele, da infertilidade da rainha, e de lha ter escondido. Catarina entendeu que ele entendia, mas D. Francisco não deixou que o silêncio se prolongasse:

- Se me quiser mandar entregar o dinheiro, tratarei de tudo.

Catarina agradeceu com um gesto da cabeça, e D. Francisco saiu.

O marquês não tinha vontade nenhuma de se cruzar com ninguém naquela noite. Não queria ver o chanceler Hyde, cada vez mais insistente na necessidade de um herdeiro, como se a pobre rainha não estivesse empenhada em consegui-lo, nem Buckingham e a sua trupe, e muito menos Charles. Não queria ver Frances, que o encantava com a sua beleza e o irritava com os seus esquemas, não queria ver Meg e Francis, porque a última coisa de que tinha vontade era de se ver obrigado a contar ao seu amigo Fanshawe a nova aliança da filha; não desejava cruzar-se com D. Maria, porque estava cansado dos choradinhos de saudades de Portugal...

Decidiu tomar o caminho do jardim, que lhe permitiria chegar aos seus aposentos sem ver ninguém, quando ouviu uma voz que o chamava. Virou-se, e na balaustrada do claustro superior estava Nan. Acenou-lhe que descesse e divertiu-se ao vê-la saltar os degraus, como se fosse uma miúda da rua:

- Dom Francisco, Dom Francisco, espere, quero falar consigo.

Sande olhou-a como se a visse pela primeira vez: que olhos verdes magníficos, que pele sedosa, que sorriso encantador. A voz era ligeiramente rouca, sensual mesmo.

De repente, o marquês percebeu que não tinha vontade de ver ninguém, excepto Ann Fanshawe!

Nan ficou subitamente mais tímida ao seu lado, como se os muitos anos que os separavam se tornassem subitamente intimidantes, mas não podia ficar calada:

- Posso pedir-lhe a sua ajuda?

D. Francisco não se sentia subitamente muito seguro de que a voz não lhe tremesse, mas respondeu com um aceno da cabeça. Começaram a andar pelos jardins, e Nan insistia que tinham de ir mais longe, porque não podiam ser ouvidos. Quando achou que a distância chegava, começou a falar. Falou-lhe do seu amor pela rainha, da sua preocupação, e finalmente, e sem citar o nome da irmã (também não era preciso, Sande sabia que só poderia ter vindo de Meg), contou-lhe a conversa entre os primos Villiers. Sande carregou o sobrolho:

- É muito grave o que me conta, lady Nan. Vou pensar na melhor forma de boicotarmos esses planos que põem em risco a felicidade da rainha e o acordo entre Portugal e Inglaterra.

- Mas há mais - disse Nan, agora já mais descontraída. Os seus olhos cruzaram-se, divertidos, mas subitamente viraram-se para as folhas caídas no chão. Não estou boa da cabeça, porque é que me deu esta súbita vergonha?, pensou, e, suspirando, continuou:

- O assunto é mesmo, mesmo delicado, senhor marquês.

- Diga, lady Ann...

Nan torceu o nariz, o que lhe dava um ar cómico, e pediu:

- Pode ser Nan.

D. Francisco sorriu.

- Diga, lady Nan.

Nan contou-lhe então que ela e a irmã achavam que Buckingham e os seus amigos poderiam usar contra a rainha a sua amizade com Montagu.

- Não se passa nada, dom Francisco.

O embaixador intimidou-a com o seu antigo ar altivo, e Nan retrocedeu:

- Desculpe, é evidente que não se passa nada, mas o que quero dizer é que a rainha pode ter a ingenuidade de falar nesta amizade ao rei, na esperança de lhe provocar ciúmes... e aí, se alguém já tiver semeado veneno...

D. Francisco parecia compreender bem, e não escondeu como o que lhe dizia o preocupava:

- Mas lady Nan, seria um aviso que as damas da rainha teriam mais facilidade em dar do que um embaixador...

- Dom Francisco, estamos sempre a trazer-lhe más notícias, pobre senhora. A avisá-la de que Frances escapou à guarda da sogra, que a Palmer está de novo grávida, e agora privá-la da única amizade profunda que tem por um homem, do bem que essa relação lhe faz, de como gosta de sentir que ele a olha com paixão.

D. Francisco sobressaltou-se:

- Mas Edward Montagu tem sentimentos pela rainha?

- Tem, claro que tem, mas nunca, nunca lhe faltaria ao respeito. Venera-a, é o único homem nesta corte, o único inglês que olha para ela daquela maneira, que se percebe que daria tudo para a proteger, para a proteger até do rei...

D. Francisco teve quase vontade de rir. Nan era completamente transparente e aberta. Não escondia os seus sentimentos, nem as suas interpretações românticas. Que pena este assunto ser tão sério. Teria de lhe responder de forma fria:

- Vou ver o que posso fazer, mas peço-lhe que se mantenha atenta e uma boa amiga da rainha.

- Mas depois diz-me, não diz? Diz-me se falar com ela, e diz-me se achar que devemos ser nós a falar-lhe de Montagu?

D. Francisco, subitamente cansado, murmurou, como que para si mesmo:

- Gostava muito de falar consigo muitas mais vezes, lady Nan, mas nos próximos dias terei de ir em peregrinação a Tilburg, está visto.

Nan entendeu, e teve até vontade de rir. O embaixador, face às informações que lhe dera, não podia deixar a rainha entregue ao seu estribeiro-mor. Quando D. Francisco se debruçou sobre a sua mão e a beijou, pareceu-lhe ter entendido qualquer coisa mais. Abanou a cabeça, como se a quisesse arrumar por dentro e murmurou: «Nan, tu e a tua imaginação.» E, de repente, sem saber porquê, regressou no tempo, àquela mesa de jogo, às folhas de chá onde Meg lera o seu futuro, ao S, aquele S para o qual não encontrara dono. Impossível, disse a si mesma. Seria?

19

Whitehall Palace, 20 de Outubro de 1663

Que dor de cabeça horrível. As mãos, uma de cada lado, procuravam comprimi-la, evitar que rebentasse. Os olhos ardiam. Catarina sentia-se tão doente que nem coragem tinha de puxar o cordão da campainha. Tentou levantar-se nas almofadas, mas não foi capaz. Quando a criada, a mando de lady Suffolk, lhe trouxe o pequeno-almoço, soltou um grito:

- Socorro, ajudem, a rainha está morta.

Lady Suffolk, que preparava o vestido da rainha no roupeiro mesmo ao lado, largou tudo e veio a correr.

Catarina tinha os olhos abertos, imensos, mas vidrados, sem o menor sinal de vitalidade. Lady Suffolk tomou-lhe o pulso, a pele estava húmida e fria, mas a testa ardia em febre.

- Sally, que maneira histérica de gritar. A rainha está doente e precisa de um médico, chama-o já. E chama lady Nan, ou lady Margaret, e pede-lhes que venham depressa.

Nan, de um lado, e Meg, do outro, ajudaram o médico a abrir um pouco a camisa de noite de D. Catarina. Lady Suffolk supervisionava a consulta, e a pobre D. Maria chorava baixinho, a vela acesa frente ao oratório, a imagem da Senhora das Candeias colocada na mesa-de-cabeceira.

O médico lamentava ter sido ele o que se cruzara naquela manhã com a criada histérica da rainha - gostaria que fosse outro, que não ele, a dar as más notícias. Enchendo o peito de ar, respirou fundo e, virando-se para lady Suffolk, confirmou:

- A rainha está às portas da morte. O corpo enche-se de pintas. Preciso de mais umas horas para confirmar o diagnóstico, mas suspeito que é sarampo. Quero o rei e o embaixador de Portugal avisados...

Os soluços contidos de D. Maria contrastavam com o silêncio absoluto que se instalara no quarto, quebrado apenas pela voz, cheia de autoridade, de lady Suffolk:

- Quero discrição e serenidade, minhas meninas. Nan, escreve um bilhete ao marquês de Sande e pede-lhe que venha aos aposentos da rainha. Meg, trata de falar com o camareiro-mor do rei e de York. Por agora não é preciso falar nisto a mais ninguém, ouviram? E nem uma nem outra de vocês estão autorizadas a voltar a este quarto.

As irmãs começaram a protestar, mas o médico insistiu:

- Uma epidemia de sarampo poderia ser mortal para muita gente, era uma irresponsabilidade entrarem aqui. Peço-vos que obedeçam.

- Mas se lady Suffolk fica! - protestou Meg, mas logo se calou, quando a camareira-mor da rainha lhe apontou a porta.

Coberta de mantas para a manterem o mais quente possível, Catarina falava sozinha. De vez em quando percebia-se nomes, pronunciados mais alto e com clareza. Chorava pela mãe, por Carminho, e implorava por Charles. D. Maria chegou a cadeira mais perto da cama da sua senhora, e prendeu-lhe a mão entre as suas:

- Dona Catarina, sou eu, estou aqui!

- Charles, Sua Alteza, onde está Charles? - e gemendo, numa dor sentida, chorava:

- Não o mereço, não te mereço, o Ali tinha razão, o Ali tinha razão.

- Delira, com certeza, não conheço nenhum Ali - murmurava D. Maria, enquanto lady Suffolk aplicava pachos de água fria na testa da sua rainha, de quem já gostava como uma filha. Era impossível não ter pena desta portuguesinha, sempre tão corajosa, sempre tão disposta a culpar-se a si mesma e a desculpar os outros. Que a cabeça lhe rolasse no cadafalso, mas como podia ela achar que não merecia um homem que tão ostensivamente se pavoneava à sua frente com os seus amores do momento. Mas agora que importava isso.

Nan escreveu uma pequena nota ao marquês de Sande. Percebeu, surpreendida, que a sua mão tremia, e que, estúpida, agradecia esta oportunidade de o voltar a ver - «Estás louca, Nan, agora agradeces o pretexto de a tua rainha estar a morrer», protestou furiosa consigo mesma. 0 bilhete pedia-lhe para vir depressa, mas Nan sentiu que tinha de acrescentar o motivo, não fosse o embaixador português pensar, pensar... pensar o quê, meu Deus, como podia ser tão infantil?

Meg partira disparada para os aposentos do rei. Não queria intermediários, nem perder tempo em bilhetes. O camareiro-mor começou por lhe fazer um enorme sorriso, mas a cara da dama depressa o deixou sério:

- Em que lhe posso ser útil?

- Preciso de falar com o rei, e agora! - respondeu Meg, com a sua firmeza habitual.

- Falar com o rei? - perguntou, trocista.

Meg levantou-lhe o selo da rainha, que lady Suffolk lhe tinha passado para as mãos mesmo à saída do quarto, e o camareiro percebeu que se excedera:

- Lamento, lady Margaret, mas Sua Alteza saiu de manhã para a corrida de cavalos de Newmarket.

Meg ficou branca.

- Dê-me, por favor, uma caneta e um papel, e mande vir o mensageiro mais rápido que tiver, e diga-lhe que é preciso levar este recado urgentemente ao rei.

Edward Montagu ficou lívido quando recebeu a ordem de encontrar, entre os seus homens, um capaz de levar uma mensagem a Charles. Percebeu tudo. Iria ele próprio, não podia confiar em mais ninguém. Quando subiu aos aposentos de Charles, deparou com Meg, e as lágrimas começaram, pela primeira vez, a cair pela cara da dama. Acenou-lhe que sim com a cabeça, a notícia estava dada ao homem que, sentia, mais se importaria com a vida ou a morte da rainha de Inglaterra.

Fazendo um esforço para conter todas as emoções, Montagu estendeu a mão para receber a pequena nota, perante o silêncio do camareiro, que compreendera também a gravidade da notícia: a rainha estava às portas da morte.

O duque de York tinha ido com o irmão, mas a mulher estava nos seus aposentos. Meg estava tão branca, que a duquesa a mandou sentar e servir-lhe um chá:

- Lady Margaret, sarampo?

- Sarampo, e o médico insiste que tudo o que podemos fazer por ela é rezar...

- Mas quero vê-la, temos de avisar a minha sogra, é preciso que nos revezemos ao seu lado...

- Não podemos - insistiu Meg. - O médico diz que uma epidemia de sarampo seria dramática. Pense nas suas filhas pequeninas, não pode de maneira nenhuma entrar no quarto...

- Mas, e se a minha cunhada recupera a consciência e percebe que não está ninguém com ela? Nem o marido...

- O rei foi avisado, ia a caminho de Newmarket. Estará ao lado da rainha em breve - disse, com convicção, a dama. Tinha a certeza absoluta que o rei voltaria. Gostava profundamente da mulher, embora não a desejasse, mas sobretudo sentia-se feliz no papel de protector de damas desvalidas. Viria e seria o melhor dos maridos. Depois, com a consciência apaziguada e a admiração de todos, voltaria a ser como sempre fora, e Catarina ficaria de novo sozinha. Tinha a certeza absoluta de que o sofrimento deste último ano apresentava a sua conta - sarampo? Onde poderia a rainha ter apanhado sarampo, se nenhuma delas o tinha? Estava tão fraca e tão sofrida, tão desiludida com o sangue que voltava a correr e a incapacidade de ficar grávida, que o seu corpo frágil sucumbia perante tanta desilusão.

- Que seja feita a vontade de Deus - suspirou a duquesa, incomodada com o silêncio prolongado da dama.

Meg também já não suportava ficar quieta, enquanto a rainha morria, e

levantando-se agradeceu a hospitalidade, e saiu disparada pela porta fora.

Sande abriu o bilhete, e os olhos foram directos para a assinatura, Ann Fanshawe. Sentiu-se trémulo. Ficara louco, para o que lhe havia de dar nesta idade? Nan escrevia-lhe e isso aumentava os batimentos do seu coração, estava senil. Um milésimo de segundo depois já tinha esquecido a dama - para o chamarem assim é porque a sua rainha estava realmente muito doente. Deu ordens aos criados para lhe trazerem a capa e atravessou os pátios, bem embrulhado nela. Um vento frio gelava os ossos.

Nan esperava-o no patamar que abria para os aposentos da rainha. Estendeu-lhe a mão e ele beijou-a, esquecendo-a junto da sua, enquanto perguntava o que se passava.

- Sarampo? Já mandaram vir outros médicos? Precisamos do doutor Pierce, do cirurgião-mor, e do frei António, que tem sempre consigo as suas ervas...

Sem largar a mão de Nan, trouxe-a consigo para dentro da antecâmara. De repente, consciente do que fazia, corou de embaraço e, murmurando um «desculpe», afastou-se para ir falar com o médico que bebia uma caneca de sidra quente, junto de uma das janelas com vista para o rio.



Charles deu meia volta ao cavalo e começou a galopar na direcção de Londres. A sua guarda pessoal demorou uns minutos a perceber que Sua Majestade cavalgava agora de novo em direcção a Londres, mas depressa o apanharam, formando-se em quadrado em seu redor, a bandeira dos Stuart bem alta. Montagu saltou da sela e encostou-se a um castanheiro enorme. O recado estava dado, e era ele, logo ele, que dera a oportunidade ao rei de correr para o lado do leito da sua mulher, de lhe segurar na mão, de a consolar. Logo Sua Majestade, que Edward considerava o principal culpado pela doença de Catarina, da «sua» Catarina, como dizia baixinho.

Charles mergulhara instantaneamente no papel de salvador. Enquanto galopava, recordava-se de todas as memórias românticas da sua vida em comum com Catarina. Galopara uma vez, com esta mesma determinação, quando a fora buscar a Portsmouth e a levara para Hampton Court, onde

tinham sido tão felizes. As imagens passavam- -lhe na cabeça, e ficava cada vez mais comovido, e cheio de remorsos: é verdade que estivera com a rainha em Bath, onde tinham passeado juntos, e que dormira na sua cama, mas com que coragem a sua mulher aceitara a sua paixão por Frances, a forma descarada - reconhecia agora, por momentos - como que a cortejava; como suportava ela o facto de não engravidar, de não lhe dar o filho que fora a razão última do seu casamento, enquanto a Palmer se reproduzia como uma gata, mesmo frente à sua janela?

Prometeu a si mesmo mudar. Nunca nenhuma mulher doente teria, ao seu lado, um marido tão dedicado. E se assim o disse, melhor o fez. Durante vinte dias velou ao lado da sua cama e Catarina, quando por momentos tomava consciência, iluminava o rosto com um sorriso que comovia os anjos:

- Charles, ainda aqui? Mas a caça, o ténis... Sua Alteza não pode perder tanto tempo...

Charles, de lágrimas nos olhos, sossegava-a, garantia-lhe que dali não saía até que ficasse boa, passando-lhe a mão pelo cabelo, sentando-se mesmo ao seu lado sobre a cama, apesar dos protestos dos médicos, que exclamavam que o rei de Inglaterra não podia correr o risco de ser contagiado.

- Charles, os médicos. Vá-se embora, por favor.

Charles dava-lhe de beber, e ela bebia sofregamente e sem um queixume a infusão, os medicamentos, a poção mais azeda, desde que fosse ele que lhos desse.

O marquês de Sande via tudo, encostado discretamente aos reposteiros da janela, há dias e dias como uma estátua naquele quarto. Sem que ninguém desse por ela, Nan esgueirava-se pela porta de serviço e, no escuro do quarto iluminado apenas por duas ou três velas, trazia-lhe qualquer coisa para matar a fome e a sede. Levava-lhe recados e arrastava-o dali para fora quando os seus serviços diplomáticos eram necessários.

Subitamente, a rainha tornara-se a mulher mais popular da corte, e era preciso que os guardas do rei travassem a entrada nos seus aposentos,

porque todos queriam vir saber da sua saúde e, se possível, demonstrar ao rei a sua preocupação.

- Senhor marquês, tem de escrever a dona Luísa de Gusmão, a rainha-mãe não lhe perdoa se não lhe dá uma oportunidade de, pelo menos, rezar pela filha - implorava Nan.

O marquês olhava-a com atenção, mas respondia:

- Já informei o conde de Castelo Melhor, ele decidirá o que fazer com o que lhe disse.

- Mas Portugal é um país católico, onde todos adoram a rainha, de certeza que as orações frente à Imaculada Conceição, as orações de um povo inteiro, farão a diferença. E mãe é mãe, dom Francisco. Além do mais, se não lhe der a notícia, alguém lha dará por si, e sabe que dona Luísa lhe confiou a si, e só a si, a filha...

Sande suspirou. Talvez Nan tivesse razão. Ligeiramente irritado consigo mesmo - «agora deixo que uma mulher decida a minha estratégia diplomática» -, sentou-se na mesa do canto e começou a escrever. Queria tanto dar boas notícias, mas não podia. Concentrou-se na sugestão de lady Nan: era preciso rezar, não havia mais nada a fazer senão confiar em Deus.

Frances, que há uma semana se sentava sozinha num canto da sala das damas, ocupada com os seus castelos de cartas que construía e destruía compulsivamente, sentia-se destroçada: com tudo o que a corte dizia sobre ela, mesmo inocente, sabia que seria apedrejada caso se tentasse aproximar do quarto da rainha. Mas que compensação tinha por ter entrado no jogo amoroso do rei? Nenhuma, porque Charles passava agora todos os dias por ela sem lhe dirigir a palavra.

De repente, a sua beleza parecia insignificante, pensou enquanto passava as mãos pelo colar de pérolas que o rei lhe oferecera, o primeiro e único que possuía, ela, órfã de pai e mãe, sem fortuna - se não fossem os seus caracóis loiros, os seus olhos azuis e o seu vago parentesco com a Casa Real... Ann olhava-a com pena. Era tão fácil deixar-se enredar pelo charme do rei. Disse-lho. Mas como era complicado perceber que, no fim das contas feitas, não era nada, e que Charles rapidamente passava as culpas do seu próprio comportamento para os olhos azuis de quem não

tivera culpa nenhuma de o enfeitiçar.

Frances percebia que podia ser amada e descartada num abrir e fechar de olhos. Frances tinha medo que o seu comportamento fosse responsável pela doença da rainha, como o trio diabólico já lho dissera na cara - agora, também elas, instantaneamente transformadas nas damas mais dedicadas da rainha. Mas Frances, apesar de miúda e baralhada, percebia qualquer coisa de muito mais grave, pelo menos para ela: amava o rei. Amava-o a sério, ou pelo menos mais do que alguma vez nos seus 17 anos amara alguém. Ann já o percebera há muito, mas sabia que há segredos que devem ficar guardados.



Charles saiu do quarto para jantar. Foi primeiro aos seus aposentos, tomou um banho longo, vestiu roupa lavada e saiu. Subiu ao torreão e entrou nos aposentos da Palmer. Dirigiu-se à nursery, e foi recebido com gritos de alegria pelos filhos, que lhe trepavam para o colo e procuravam rebuçados nos seus bolsos. Era sempre assim, e fazia questão de os encher até cima, para que chegassem para todos. Pôs-se de gatas e deixou que Charles e Henry lhe montassem às cavalitas. Quando se levantou, erguendo um filho em cada braço, reparou em Barbara. Os seus olhos violetas estavam ainda mais violetas, o seu corpo sensual ainda mais sensual, o decote mostrando o peito farto. Charles pousou no chão as crianças e, como que enfeitiçado, aproximou-se dela, beijando-a com força na boca. Barbara transformou o beijo num beijo inesquecível, e, puxando-o pelo braço, disse-lhe:

- Um marido tão dedicado precisa de descansar...

Arrastando-o para o quarto, gritou aos criados que lhe servissem o jantar nos seus aposentos. Mas quando lhe bateram à porta para pôr a mesa ouviram apenas gemidos de prazer. Embaraçados, pousaram o tabuleiro e fugiram.



Francis contou-lhe, com a cara contorcida de dor e vergonha. Contou-lhe

como o seu irmão mais velho reunira os amigos e celebrara a doença da rainha.

De braço dado caminhavam entre as roseiras e os arbustos, felizmente tão altos que quem olhasse das janelas do palácio não os veria - ou assim esperavam. Meg, aconchegada ao braço daquele que amava com mais decisão a cada dia, empurrou-o, zangada:

- Celebra a doença da rainha? Mas o teu irmão é doente mental, ou apenas o maior bandido à face da Terra? - gritou.

Francis, cabisbaixo, murmurou:

- Não escolhemos de quem somos irmãos, Meg. Julgas que não fico cheio de raiva, de ódio, fosse a rainha ou outra pessoa qualquer a quem alguém desejasse a morte?

- Desejar? O teu irmão e os seus amigos fazem muito mais do que desejar! Provocam-na. Quem é que promove a Palmer, e depois Frances Stuart? Quem é que é capaz de tudo para retirar a rainha do caminho, só porque ela é católica, e eles anglicanos. Que sentido faz odiar quem louva o mesmo Deus?

- Não é a rainha que odeiam, murmurou Francis, sentindo, apesar de tudo, um aperto na garganta por trair a verdade do seu irmão...

- Não é a rainha? - protestou Meg.

- Não, a rainha é apenas um bode expiatório... se fosse fértil.

- Não digas isso, Francis, já pareces um deles, suspeito mesmo que já tenha engravidado, mas com tanta ansiedade, tanta preocupação, perdeu o bebé. Dona Catarina não diz nada, mas acho que foi isso que aconteceu desta vez, o resto veio por acréscimo.

- Pouco importam esses pormenores. O que importa ao meu irmão é que não há um herdeiro legítimo da coroa inglesa. E se Charles não tiver herdeiros...

- Já percebi tudo - disse subitamente Meg, furiosa consigo mesma por ter

levado tanto tempo a chegar lá.

- O que tu queres dizer - continuou - é que o ódio de lord Buckingham é todo ao duque de York? Se o rei morrer sem descendentes será ele o rei, se a rainha morrer Charles pode casar com a tontinha da Frances, por quem ainda por cima anda perdido de amores, e lá teremos um principezinho protestante.

- Um principezinho protestante é bastante melhor do que um rei papista - comentou, azedo, Francis.

- O que é que estás para aí a dizer? Quase parece que apoias o plano maquiavélico do teu irmão. «Um rei papista» - e imitou-lhe a voz. - Que mal tem um rei papista, dizes isso com rancor? - perguntou Meg, a voz subitamente gelada.

- Não quero um rei católico no trono, admito. Para recomeçar a chacina entre uns e outros? Já vimos demasiadas guerras em nome desta divisão religiosa. Acho que o meu país ganhava em manter-se protestante, longe de Roma.

Meg engoliu em seco. Fora educada como protestante, mas há dois anos que rezava entre católicos. Entendia mal as suas divisões, e pior ainda que fossem motivo para se desejar a morte de alguém. Pela primeira vez olhou para Francis como se o Mundo inteiro os separasse.

- Acho que é melhor deixarmos de nos ver durante uns tempos.

Francis foi apanhado de surpresa. Zangado com a frieza repentina de Meg, encolheu os ombros, como se de facto não se importasse mesmo:

- Se é isso que queres.

Virou-lhe as costas, e deixou a mais nova das Fanshawe tão petrificada como as estátuas que decoravam o jardim.

O rei passou por Meg quando, descendo os degraus dois a dois, se preparava para voltar aos aposentos da rainha. Meg olhou-o, chocada: seria possível que viesse dos aposentos da Palmer este homem que há dias estava ao lado da mulher, a murmurar-lhe palavras carinhosas,

aparentemente consumido pela dor?

O rei sorriu-lhe. Gostava de Margaret Fanshawe, mas nunca se atrevera a aproximar-se muito. Era tão bonita, quase tão bonita como Frances, mas não era para brincadeiras - a sua lealdade estava escrita na cara. O rei sorriu-lhe, mas Meg não respondeu ao sorriso, e a vénia que fez pouco tinha de vénia.

O rei parou, e olhou-a divertido:

- A senhora quer agora fazer o papel de minha consciência? Deixe lá, que a minha mãe já está nos aposentos da rainha, e terá todo o gosto em fazer-me um sermão.

- A mãe de Sua Alteza talvez acredite que se tenha ausentado do lado da rainha apenas para jantar - disse, com toda a impertinência, a pobre Meg, de coração destroçado, e com todo o ódio que sentia naquele momento pelos homens que partiam os corações às mulheres.

Charles deu uma gargalhada, e ao passar tocou-lhe gentilmente no cabelo:

- Lady Meg fica ainda mais bonita zangada.

Que raiva, que raiva, pensou a dama, cerrando os punhos: este homem era irresistivelmente insuportável. Devia ser primo do palerma do Francis Villiers!

O sorriso optimista de Charles desapareceu quando, minutos depois, entrou no quarto da rainha. Durante aquelas duas horas lady Suffolk e o marquês de Sande tinham-se ausentado também, e os aposentos estavam cheios de gente. Damas, padres, frades, pessoas e mais pessoas, um calor asfixiante, o tremelicar das velas a indicar que o ar estava já irrespirável. Deitada na cama, com as cortinas completamente abertas estava D. Catarina, coberta em suor, de mão dada com a pobre da D. Maria, que, cega e patareca, não percebia o que se passava em seu redor.

Charles falou alto, como raramente falava. Levantou a voz zangada e deu dois minutos para que todos, e quando dizia todos incluía na lista os senhores padres e frades, frisou, desaparecessem dali.

- Isto não é um velório, por amor de Deus. A rainha precisa de ar para respirar. Precisa de paz e silêncio, e não dessas cantilenas deprimentes, desses pregões supersticiosos. Tirem daqui as imagens, as velas, e o que é isto? Animais em sangue? Saiam já, que é o rei que o ordena.

Sande, que chegava de jantar, olhou o rei com admiração. Tinha de reconhecer que não havia ninguém melhor do que ele a gerir crises. Tornava-se mais homem, mais rei, quando havia um problema por resolver. Cheio de bom senso, e simultaneamente tolerante e generoso, sabia impor-se, sem fazer rolar cabeças.

Lançou-lhe um olhar de admiração, e o rei correspondeu-lhe com um cumprimento.

D. Maria tremia. A voz do rei sobressaltara-a. Temia que a sua menina se fosse, se Sua Alteza mandasse sair assim padres e frades. Charles dobrou o joelho, de forma a que a sua cara ficasse frente à dela, e disse-lhe, num castelhano pausado e suave:

- Não se assuste, dona Maria. Só queria proteger dona Catarina do perigo deste quarto demasiado aquecido. A vela está acesa no oratório, a imagem da Senhora das Candeias está aqui junto da sua menina, e Deus, no Céu, vela por ela. Vá agora descansar um bocadinho, que aqui fico eu.

Lady Suffolk, que chegara entretanto, pegou no braço da senhora e levou-a dali.

- Sua Alteza, desculpe, não sei como é que isto aconteceu...

- Temos de nos revezar, nós os três, a guardar a rainha destes abutres, é só isso - disse o rei, sem sombra de repreensão.

Lady Suffolk baixou a cabeça, em agradecimento. Era por ser assim que ninguém conseguia guardar rancor a este homem.

Charles sentou-se de novo na beira da cama. Catarina, com o ar fresco que chegava da janela aberta pelo rei, apesar do protesto do médico de serviço, abriu os olhos. O seu rosto, agora pálido, iluminou-se do mesmo sorriso de contentamento:

- Charles, o nosso filho não é bonito, mas é tão querido, não é? E vai ficar mais parecido consigo, eu sei que vai...

O marquês de Sande, no seu posto, deu um salto de terror, mas o rei virou-se rapidamente para ele, e fez-lhe sinal de que se calasse. A rainha delirava, e não era altura de a contrariar. Debruçando-se, de novo, sobre a sua mulher, tão doce, respondeu-lhe:

- É lindo, Catarina, tem os seus olhos.

- Vamos chamar-lhe Charles, por favor, eu sei que há muitos...

- Meu amor, Charles Stuart há só este...

Sande sentia, pela primeira vez há muitos, muitos, muitos anos, as lágrimas virem-lhe aos olhos. Nan, que entrara sorrateiramente com uma caneca de chá, ficou parada ao seu lado, embalada pela voz do rei.

- E as nossas duas filhas estão bem? Tem estado com elas? Não apanharam esta horrível doença, pois não?

- Não, querida. Estão óptimas, ainda hoje fui vê-las brincar ao arco no jardim.

- Gosta delas, Charles, apesar de termos agora um rapaz, vai gostar sempre delas?

Charles, com a voz embargada, respondeu-lhe:

- Claro que vou, meu amor, são suas filhas.

- Nossas filhas, Charles...

- Nossas filhas, Catarina, mas agora descanse, descanse, meu amor, que eu fico aqui.

- E o bebé?

- O bebé está bem entregue, a ama toma conta dele...

- Já disseram à minha mãe?

- Já, já seguiu o mensageiro, agora descanse. Descanse para ficar boa depressa.

- Não me importo de morrer consigo ao lado, Charles, não sei dizer estas coisas, mas amo-o mais do que a vida.

O rei enterrou a cara no peito da mulher, e chorou como uma criança. Nan, sem saber o que fazia, procurou os braços do marquês de Sande, que a apertou contra si.

Catarina fechou os olhos: no jardim de Vila Viçosa, segura nos braços de Carminho, via Teodósio e Joana a brincar em redor de um tanque. Lá em cima na janela, D. Luísa olhava os seus três filhos com um orgulho indisfarçável: um rapaz e duas raparigas, um príncipe herdeiro e duas princesas.

Sentindo-se profundamente feliz, adormeceu. A sua respiração estava, pela primeira vez, livre, a febre baixara, o seu sono era sereno. Quando o Dr. Pierce entrou no quarto, para a sua visita da meia-noite, acordou o rei, que se deixara adormecer sobre a cama.

- Sua Majestade, tenho boas notícias. A rainha já passou o cabo das Tormentas. Vai ficar boa.

Charles esfregou os olhos inchados de choro e sono, e benzeu-se. Nan ajoelhou-se junto do oratório, e o marquês de Sande olhou para os archotes que iluminavam o jardim, para as luzes dos barcos que, em sinal de preocupação pela rainha, se tinham juntado no rio, frente ao palácio. Corria a madrugada de dia 5 de Novembro, vinte e dois dias passados numa aflição constante: era a hora de dar a boa-nova à rainha-mãe de Portugal.



Luísa recebeu a carta de Sande. A luz dos seus olhos vencera a escuridão. Deus poupara-a, e tinha certamente um futuro para ela. Os elogios à dedicação do genro encheram-na de esperança. Talvez tudo não tivesse passado de uma prova, e o rei de Inglaterra tivesse descoberto o seu amor pela mulher. Talvez o medo da morte lhe desse a consciência da

vida preciosa que guardava entre as mãos.

Sande contava que a filha, a sua querida, adorada, a sua única filha, tão longe, tão longe do afago da sua mão, no primeiro dia da convalescença sorria a toda a gente, agradecida. Mas quando lhe disseram que a sua cura era obra dos médicos, abanou a cabeça, zangada:

- Só houve uma pessoa que me salvou, o meu marido.

Luísa aconchegou a carta no bolso, e foi para a missa. Uma missa de Acção de Graças.

20

St. James Palace, 17 de Fevereiro de 1664

Sentou-se na sua pequenina secretária de pau-santo e escreveu, a mão a mover-se cada vez mais depressa, a ponto de o bico se dobrar e partir, espalhando a tinta lentamente por toda a página, como um polvo que esticava os seus tentáculos. «Vergonha», «Vergonha», «Vergonha», «Vergonha», repetia ao longo das linhas. Olhando para a folha que tinha à frente, a rainha chorou. Porque é que as coisas boas acabam sempre? Porque é que precisava de estar às portas da morte para o marido a mimar, aconchegar, lhe dizer que não a queria perder? Estava melhor, fisicamente melhor, depois do pesadelo do sarampo, mas tudo voltara ao mesmo. Minutos antes, uma dama dera-lhe a notícia: Barbara Palmer dera à luz uma rapariga. Já tinha nome: Charlotte; e o rei, apesar de alguns protestos, e alegando sempre que não era dele, aceitara-a como filha, a sua quarta filha de Barbara Palmer e do rei. Charlotte Fitzroy. Que vergonha, não era capaz de dar um filho ao homem que tanto amava. Não era capaz de cumprir a sua parte do contrato. Outras faziam-no por ela. Sob o mesmo tecto. Mas já não tinha mais lágrimas para chorar.

Deixou de se importar. Catarina acreditou que se deixou de importar, e começou a agir como se ninguém a visse, ou pudesse julgar. Passeava, atirava ao arco, aprendia a pescar trutas à linha, o que lhe dava uma imensa serenidade. Nestes dias, em que a raiva se transformava em rebeldia, Meg era a sua principal companhia. Meg, que lhe contara tudo, num fim de tarde junto ao rio: como amava perdidamente Francis, mas sentia que não podia confiar nele. Não lhe respondia às cartas, evitava encontrar-se com ele, não queria ceder. Catarina percebeu que, por delicadeza, não lhe contava o motivo da discórdia, só podia ser a lealdade à rainha, e tentou tranquilizá-la:

- Se é por mim, Meg, não vale a pena. Fico grata pela lealdade que me demonstra, não o escondo, mas longe de mim ser obstáculo a um amor verdadeiro. Pense bem, se não se está a afastar daquilo que mais deseja no mundo.

O silêncio que se seguiu era fácil de interpretar - Catarina pensava na sua recusa em aceitar a Palmer e no que, na sua imaginação, essa recusa lhe custara; Meg irritava-se com os homens, por muito charme que tivesse o rei, por muito charme que tivesse Francis, recusava-se a aceitar tudo com a passividade da rainha...

Montagu passou a estar sempre por perto. A verdade, a verdade profunda, é que pela primeira vez na vida D. Catarina fazia charme, como as damas da sua corte. Gostava da sensação de ser admirada, reconhecia as borboletas no estômago, quando percebia que o seu estribeiro se encostava ligeiramente, quando a ajudava a pôr o pé no estribo. A rainha queria bem saber que pensassem o pior - aos que comentavam alguma coisa, respondia com o moto da Ordem da Jarreteira: «Honni soit qui mal y pense.» Eram tempos agitados, ocupados, mas longe de serem felizes.



Nan sentia-se posta de parte.

- Meg, trocaste-me pela rainha?

Meg encolhia os ombros:

- Posso dizer antes que tu me trocaste pelo teu velho... amigo, o marquês de Sande. Ainda não percebo o que te deu, mas os teus olhos estão tão verdes que parecem árvores na Primavera. Não enganam ninguém. E ele até canta, meu Deus, até canta na missa, canta enquanto joga às cartas, canta quando o vejo à espera de te encontrar «por acaso» num dos corredores.

Nan não conseguiu conter uma gargalhada:

- Consegues pintar as coisas de uma maneira, que até parece que me apaixonei pelo meu avô...

- Concedo, foi só por um homem que tinha idade para ser teu pai. Mas tens razão, agora eu e a rainha estamos do outro lado da barreira: queremos não nos importar com homens!

Nan ficou subitamente séria:

- Meg, dá-lhe uma palavra sobre Montagu... Ou está com ele, ou com a raposinha que ele lhe deu ao colo. A Cenoura ainda vai ser levada a tribunal, como prova de que a rainha aceita presentes do seu amante.

- Nan, cala-te! Pareces o Francis. Deixem a pobre da rainha em paz.

- O Francis pode ter-se excedido com aquela história de preferir uma rainha protestante, mas tens de entender que não conhece dona Catarina, está a ver tudo pelos olhos de um político.

- Pelos olhos do mano mais velho, queres tu dizer?

- Talvez, mas não devias misturar as coisas. Estás amargurada e infeliz, e ele também. Nunca te foi desleal, e sempre te confidenciou os planos contra a rainha...

Meg virou-se na cama, de costas para a irmã:

- Deixa-me dormir.

Catarina hesitava. A Palmer mandara um bilhete a pedir para ser recebida. Devia recebê-la? Depois de tudo o que a outra lhe fizera? Mas se vinha vê-la é porque os seus interesses estavam em perigo. O que seria bom, se quem os colocasse em perigo fosse ela, a rainha. Mas, infelizmente, não era esse o caso. Charles mandara instalar Frances em apartamentos próprios - ao que parece a pedido da dama, que não tinha coragem de ofender a rainha com as manifestações de afecto que recebia (e dava?) ao rei.

Charles ficaria preocupado quando soubesse, não ficaria? Nervoso por saber que a Palmer descera do seu torreão para ter uma conversa com a rainha? Óptimo, por hoje isso chegava-lhe. Se Montagu e a Palmer não fossem suficientes para o pôr nervoso, então também já não havia como atraí-lo.

Mandou um recado de volta. Que viesse beber um chá às cinco. Chamando lady Suffolk, comunicou-lhe o encontro, e a pobre senhora só valendo-se da contenção inglesa foi capaz de evitar um grito.

- Grite à vontade, lady Suffolk, mas fique descansada, não sou tão parva

como pareço. Não acredito, nem por um minuto, que Barbara Palmer se dê ao luxo desta visita porque os meus interesses estão em perigo. Vem até mim porque precisa da minha ajuda para ficar com Charles, tem medo de o perder para a Stuart. Vou ouvir o que tem a dizer. Neste momento temos as duas os mesmos interesses.

A camareira-mor olhou-a em silêncio, mas com imensa admiração.

- Majestade, permita-me que lhe diga que gosto de a ver combativa. Fica mais bonita, mais forte, mais atraente. Vamos então tratar de preparar o lanche para essa senhora. Que tal scones com orange marmalade...

As duas desataram a rir, num riso cúmplice de quem já se conhecia há muito, e se gostava. O doce de laranja amarga tornara-se uma graça comum. No dia em que o cozinheiro inglês recebera ordens de fazer marmelada, utilizara laranjas amargas em lugar de marmelos. O resultado era uma pasta que pelo menos as papilas gustativas da rainha odiavam, mas que, estranhamente, os ingleses pareciam apreciar. Ou pelo menos, e era essa a fonte do divertimento, não tinham coragem de cuspir, julgando tratar-se de um prato «very typical» de Portugal. Se a minha mãe, ou as irmãs das Chagas, provassem esta mistela escandalizavam-se, pensava, divertida, D. Catarina.

A Palmer fora submissa, lambe-botas, lambe-mãos, lambe até o doce de laranja amarga como se fosse doce, comentou a rainha com lady Suffolk quando a mulher saiu da antecâmara.

- Veio dizer-me que estava muito preocupada com a possibilidade de Charles levar mais longe a sua paixão por Frances Stuart.

- A lata da criatura, vir dizer uma coisa destas à mulher de um homem cujo matrimónio foi santificado por Deus! - comentou lady Suffolk, chocada.

- Pois não se choque, que há pior. Como «boa amiga» veio contar-me que «um grupo de gente», traduza-se por lord Buckingham e amigos, pretende que o rei se divorcie de mim e case com a prima afastada, jovem, bonita e protestante - terminou Catarina, e agora a voz já não conseguia fingir qualquer alegria.

Lady Suffolk tocou-lhe gentilmente no braço:

- Disparates, só disparates. O que ela quer é que...

- É que eu arranje maneira de despachar Frances Stuart da corte. De preferência, casá-la e mandá-la para bem longe, para casa de um duque escocês, ou, melhor ainda, irlandês...

Lady Suffolk não teve a franqueza necessária para lhe dizer que a ideia não era mal pensada, mas Catarina tirou-lhe as palavras da boca:

- Por muito que seja ajudar indirectamente a Palmer, não posso deixar de tomar nota do seu aviso. Tenho pesadelos à noite desde que cheguei a Inglaterra, com este divórcio, este divórcio que tem antecedentes no de Catarina de Aragão, e em todas as outras pobres rainhas que ao desgosto de não terem um filho somaram o da exclusão.

- Chega, Sua Majestade. Chega desta conversa, que uma mulher com pouco mais de vinte e três anos não pode dar-se por derrotada. Muito menos quando é a rainha de Inglaterra. Sua Majestade, ninguém vai pedir divórcio nenhum, nem o rei aceitaria tal proposta, faça-lhe essa justiça...

Catarina lembrou-se do delírio, do suor, da mão de Charles na sua, nas noites que passara sem dormir a seu lado, na forma como fingira, só para não a perturbar, que ela tinha dado à luz um menino... Corou. Não podia duvidar de Charles. Nos momentos difíceis nunca a abandonara. Lady Suffolk tinha razão, era preciso não misturar as suas infidelidades com a sua honra.

Ficaria atenta, mas não agiria já. Que Barbara Palmer não imaginasse, nem por segundos, que conseguia manipular o comportamento da rainha. Era isso! Nos próximos dias, para a desconcertar, seria mais simpática do que nunca com a pequenina Frances. Isso sim, deixá-la-ia louca. Pensando bem, a loucura seria no plural, também a francesa não ganharia para o susto.



Mas não chegou a ir até ao salão naquela noite. De repente, toda a rebeldia, toda a infantilidade do seu comportamento pareciam ter-se

virado contra si. A sua leviandade fizera sofrer vítimas inocentes e a isso não havia penitência, ou oração, que perdoasse.

Nessa mesma tarde, Charles entrara intempestivo pelos seus aposentos.

Sentara-se à sua frente, enquanto com a mão ordenava que todas as damas saíssem da sala. Sozinho com a rainha, gritou:

- A minha rainha não tem consciência de que anda a provocar a má-língua desta corte, sempre que passa horas seguidas com o seu estribeiro-mor? Ou com essa raposa ao colo?

Catarina sentiu suores frios. Seria isto ciúmes? Deveria espicaçá-los, insinuar que se passava alguma coisa entre ela e Montagu, para o tornar mais vulnerável? Decidiu avançar com cuidado, por estes territórios que lhe eram absolutamente desconhecidos:

- Não percebo o que Sua Majestade diz. Sir Edward é um empregado leal e dedicado, e um amigo.

Que vontade tinha de lhe dar murros, de o magoar, de o fazer ver que não fazia mais do que procurar pagar-lhe na mesma moeda, chamar a sua atenção, que seria incapaz de amar outro. Mas o murro no estômago, quem o recebeu foi ela:

- Acredito que sim, que seja apenas um amigo. Não desconfio por um momento da sua virtude. Aliás, nem tinha autoridade moral para lhe pedir que cumprisse votos que eu não cumpro...

Reconhecia assim a sua infidelidade, sem pedidos de desculpa, sem promessas de mudança, como um ponto assente e aceite.

- Como lhe dizia - Catarina tinha deixado por momentos de o ouvir, e ele percebera que se excedera na frieza -, tenho pena de tomar esta atitude a que me obriga, porque sei que está bastante sozinha, que não lhe presto o tempo e a atenção que merecia, que, em resumo, sou um mau marido, mas não posso permitir que as insinuações continuem.

- Porquê, se não obrigam-no a pedir o divórcio? Para que case com uma mulher bonita e protestante - não resistiu a dizer uma Catarina magoada e

zangada.

Charles recuou, surpreendido. Catarina surpreendia-o sempre, de cachorrinho dócil transformava-se num simples segundo num gato de unhas afiadas, e nada lhe passava despercebido, como gostava de contar à sua consciência:

- Vejo que está bem informada. É isso mesmo que um grupo de pessoas está a tentar fazer, e com o risco de conseguirem granjear o apoio popular, por isso não podemos correr riscos.

Num tom mais doce, acrescentou:

- Ninguém pode duvidar da honestidade da rainha, de que o filho que um dia trará no ventre só pode ser o filho do rei.

Catarina sentiu o nó apertar-se na garganta. Teve medo de desmaiar. Mas o que Charles disse a seguir indignou-a:

- Por isso, amanhã de manhã, bem cedo, prepare-se para se despedir do seu estribeiro-mor. Vou ter de dispensar os serviços de Edward Montagu...

Catarina suprimiu um grito. Respirou fundo e respondeu furiosa:

- Não posso consentir que se cometa uma injustiça dessas. Ao despedi-lo parece que havia alguma razão nessas intrigas, nessa suspeita, e sir Edward não o merece. Nunca disse uma palavra a mais, nunca me faltou ao respeito.

- Paga pelo que os seus olhos mostram - comentou o rei, bonacheirão, como se achasse tudo aquilo divertido. Um man o f the horse apaixonado pela rainha.

Catarina odiou-o com todas as forças. Nem sequer tinha o ciúme como pretexto. Agia a frio. Roubava-lhe, gratuitamente, o seu único amigo inglês.

Num tom gelado, como jamais usara com Charles, limitou-se a dizer:

- Não concordo com tal decisão, e deixá-lo-ei bem expresso.

Charles parou de sorrir:

- Pouco me importa a sua concordância. Amanhã mesmo nomearei outro homem para aquele lugar...

- Ai isso é que Sua Alteza nem sonhe em fazer. Primeiro, porque as nomeações da minha Casa só a mim me dizem respeito. Segundo, porque é Edward Montagu ou mais nenhum. Se não quer sujeitar um homem a ser humilhado pela rainha, deixe o lugar vago.

Virando-lhe as costas, abriu a porta para o seu quarto e fechou-a atrás de si. Charles ficou sentado uns minutos, olhando pensativamente a porta: admirava esta mulher.

Chorou sem vergonha quando se despediu de Edward. Pediu-lhe desculpa, mas ele não a quis ouvir. Entregou-lhe um ramo enorme de ervilhas-de-cheiro, «roubadas ao jardineiro de Hampton Court», disse, com o lábio de cima a tremer de comoção, e recomendou, com uma voz que tentava manter firme:

- Sua Majestade, tome bem conta da Cenourinha!

Catarina, entre soluços, colocou-lhe em redor do pescoço um fio de seda com uma medalha de Nossa Senhora da Conceição.

- Que a Senhora o guarde, sir Edward Montagu, meu amigo, e não deixe que a injustiça de que foi alvo amargure, nem um bocadinho, esse coração tão generoso.

Sabiam que nunca mais se voltariam a falar.

21

Whitehall Palace, 30 de Setembro de 1664

«Padre, pequei. Passo os dias a bendizer os holandeses e a perspectiva de uma guerra», murmurava Catarina, ajoelhada frente ao confessionário.

O seu confessor, para espanto da rainha, começou a rir:

- Sua Alteza, nunca ouvi confissão assim. Agora a rainha mais pacífica do Mundo, que odeia conflitos, mesmo dentro de casa, tornou-se uma perigosa belicista? - perguntou, divertido.

- Não se ria, padre, é mesmo verdade. Charles não pensa noutra coisa senão na sua frota, na preparação dos discursos destinados a pedir financiamento ao Parlamento, estuda mapas, convida-me para o seu escritório e discute comigo estratégia, e até me convidou para ir a Woolwich ver baptizar os novos barcos da frota inglesa.

Não disse, porque não era próprio que o dissesse, que enquanto o marido se ocupava com tudo isto não tinha nem tempo nem vontade de frequentar os salões, perder-se nas cartas, nem mesmo paciência para os seus jogos com a menina Frances Stuart. Também não precisava de o dizer, porque toda a corte, e o seu confessor incluído, já o tinha percebido.

Delicado e suave, o padre insistiu:

- Não é a guerra que a rainha ama, nem os holandeses que odeia. Aquilo que ama, e aquilo que odeia de facto, são amores e ódios perfeitamente legítimos. Por isso não lhe dou penitência alguma, peço-lhe só que, pelo menos perante Deus, chame as coisas pelos seus verdadeiros nomes.

Catarina sorriu-lhe:

- Pelo menos, Bombaim já foi entregue aos ingleses. A questão do meu dote deixa-me sempre envergonhada. Quanto a Tânger, sabe que esteve cá

o embaixador espanhol, a exigir que Inglaterra lhe entregasse a fortificação, alegando que nem sequer estavam a fazer uso dela, como se tivessem alguma coisa com isso. Padre, fui orgulhosa, recusei-me a falar em castelhano. Puxei pelos galões, e só me dirigi a ele em inglês...

O padre riu de novo:

- Gosto de a ver capaz de reagir aos acontecimentos, dona Catarina. Deus deu-nos talentos para os usarmos, e dotou-a de inteligência, para que fizesse uso dela...

- Pois, mas às vezes tenho medo de ser pouco caridosa, de magoar os outros.

- De perder tudo...

- Sim, isso, de, perdendo a cabeça, perder tudo o que me é mais importante.

O padre suspirou. Ainda bem que D. Catarina estava tão cega no seu amor pelo marido, porque incitar uma mulher nas suas condições, constantemente humilhada pela infidelidade dentro de portas, a manter os votos do casamento seria complicado - e, no entanto, uma obrigação. «Benditos holandeses», acabou também ele por murmurar para si mesmo.



Nessa noite Charles apareceu nos aposentos de Catarina para cear. A guerra contra a Holanda, que pirateava insistentemente os barcos ingleses e lhes roubava as praças conquistadas, estava finalmente decidida. Com esforço, e para ser sincero contra a sua própria vontade, fora capaz de conseguir o apoio financeiro do Parlamento. Estava tudo em andamento, deveria sentir-se orgulhoso do seu esforço, mas de repente um cansaço de tudo e de todos tomou conta de si. Precisava de ouvir a voz de Catarina, de escutar os seus conselhos desinteressados, que lhe contasse o que sabia do Brasil e do Oriente, tudo aquilo que aprendera com António Vieira e tantos outros portugueses que há anos dominavam a arte deste novo comércio.

Sentado junto ao fogo que ardia neste início do Outono especialmente

húmido, desabafou:

- Sabem lá eles o que odeiam, querem uma guerra para os distrair da desgraça, esquecidos de que as guerras são o maior assalto aos co fres do Estado e a maior fonte de pobreza. Neste caso, os cofres já estão praticamente vazios - confidenciava amargurado.

Catarina ouvia e argumentava: era preciso colocar limites, se deixassem os holandeses prosseguir na sua política expansionista em breve seriam as costas inglesas o alvo dos seus ataques. Charles temia o que vinha a seguir, via mais longe:

- Daqui a um ano, quando os corpos voltarem envoltos na bandeira, e não tivermos dinheiro para compensar as famílias, ou sequer fechar as contas dos ordenados vencidos, então quero ver como pedem a cabeça do rei num prato.

Catarina olhou para o marido, com orgulho. Por vezes desesperava com aquele seu espírito conciliador, temia que não quisesse lutar por comodismo. Mas nestes momentos percebia que Charles vivera muito, talvez até de mais, e não se deixava levar pela demagogia nem por populismos desenfreados.

Suspirou. Só no amor parecia não medir as consequências. E daí, talvez medisse. Talvez soubesse que, fizesse o que fizesse, a mulher continuaria a olhá-lo com este ar de cordeirinho embevecido. Charles aprendera cedo o poder do seu charme.



No porto de Woolwich, de onde partiria a armada inglesa naquele dia 26 de Outubro, Charles tinha-lhe prometido uma surpresa. Levando-a, com os olhos vendados para gáudio da multidão que se reunira em redor do estaleiro, até junto de um navio ainda em seco, colocou a sua mão sobre o casco.

- Um presente de aniversário adiantado - exclamou, tirando-lhe a venda. Catarina parecia uma formiga ao lado do barco imenso que tinha ao lado. Olhou, curiosa, e viu, em letras douradas escritas na popa: Royal Catherine.

Num impulso, saltou-lhe ao pescoço. Charles rodopiou-a pelo ar, e Catarina ria de alegria. Que estranha é a felicidade, como é que um minuto pode, afinal, ser infinito.

Alinhados nas docas, soldados, comandantes e almirantes esperavam que o rei os passasse em revista. O duque de York comandava a frota, e lá estava ele, imponente na sua farda azul, ao lado do príncipe Rupert, que, apesar da idade, não resistia a voltar ao mar.

- Veja, tia Catarina, olhe, está ali o meu pai - dizia a pequenina Mary, de mão dada com a rainha.

Catarina olhou na direcção em que a criança apontava, e sorriu discretamente ao cunhado, que retribuiu o cumprimento inclinando a cabeça numa vénia.

- Pode acontecer-lhe alguma coisa, tia Catarina? - insistiu Mary, assustada. - A mãe não pára de chorar - acrescentou, envergonhada por revelar uma confidência familiar.

Catarina pensou que se fosse Charles a embarcar neste perigoso confronto faria o mesmo, e, apertando a mão da sobrinha, olhou-a nos olhos e sorriu:

- Claro que não, Mary. O pai é corajoso e forte. Os holandeses vão fugir do barco dele, sempre que o virem. Ninguém lhe fará mal.

Rezou a Deus para que a criança não a acusasse, um dia, de lhe ter mentido.

- Tia Catarina, veja! - e Catarina seguiu a direcção que a criança apontava com o dedo. O coração ia-lhe saltando do peito: não podia ser? Mas era, era Edward Montagu, o seu cabelo ruivo ainda mais ruivo ao sol, as suas inconfundíveis sardas, os seus olhos verdes que a procuravam, tinha a certeza disso. Teve vontade de quebrar todo o protocolo e ir até ele, de o convencer a não partir, a não arriscar a vida...

Os seus olhos prenderam-se longamente. Montagu dizia-lhe, tinha a certeza disso, que sem ela não valia a pena viver. Ela suplicava-lhe que não levasse a sua paixão tão longe, que procurasse outra mulher, que fosse

feliz.

Mary puxava-lhe pela mão, cansada de estar parada no mesmo sítio, mas a rainha não se mexia. Até que Montagu levou a mão ao pescoço e puxou discretamente um fio. E atrás do fio vinha a medalha.

Os olhos de Catarina encheram-se de lágrimas. Acenou ligeiramente a cabeça, em sinal de entendimento, e deixou que a criança a arrastasse. Pouco lhe importava para onde.



Meg nem sequer se atrevera a acompanhar a rainha. Recebera na noite anterior um bilhete que a deixara completamente desconcertada. Francis Villiers dava-lhe conta que se tinha alistado. Serviria no barco do duque de York, como prova da sua fidelidade a Meg, ao catolicismo, à causa da rainha. O seu irmão ficara furioso, ameaçara deserdá-lo, tentara comprar a sua transferência para outro navio, mas Francis fora firme: era York, o inimigo mortal de lord Buckingham, que pretendia servir directamente. O próprio duque ficara desconfiado: o que fazia um Villiers junto de si, porque queria servi-lo? Ou será que era um espião de Buckingham? Felizmente falara na surpresa à mulher, e Anne Hyde contara-lhe todo o romance entre o jovem e a mais nova das Fanshawe, e implorara-lhe que lhe desse uma oportunidade. York gostava de Meg, e pensando bem dava-lhe um gozo enorme que George Buckingham estivesse zangado por o seu irmão lhe jurar lealdade. Era um ponto ganho ao inimigo, e por isso recebeu o jovem Francis com entusiasmo.

Meg sabia agora de tudo isso, mas não tinha coragem de descer ao cais, com medo de fazer figura de estúpida, de se lançar nos braços do seu amado, de lhe agradecer a persistência e a lealdade.

- Nan - dizia chorando no ombro da irmã -, ó Nan, que burra fui. Agora como me vou sentir se lhe acontecer alguma coisa?

Nan, muito prática, estendeu-lhe uma caneta:

- Escreve. Eu levo-lhe a carta!

22

Whitehall Palace, 22 de Dezembro de 1665

Era o terceiro Natal que ia passar fora de casa. Longe da mãe, de Afonso e de Pedro. Como tudo se transformara na sua vida, como era estranho pensar que passara quase toda a sua existência numa mesma casa, rodeada das mesmas pessoas, e agora não parava em sítio nenhum. Não chegavam os dedos das mãos para contar os palácios diferentes onde já dormira, e vivia grande parte do tempo agora no escritório de Charles, aqui em Whitehall, a olhar o mapa de Inglaterra e a traçar com o dedo todos os locais por onde viajara. Eram tantos, e tão poucos, que esta ilha parecia não ter fim. Tantos como os desgostos, pensou. No ano que ficava para trás, Barbara Palmer derrotara-a mais uma vez, dando à luz George Fitzroy, o mais recente filho de Charles que, para não variar, recusara a princípio a paternidade, alegando que Barbara dormia com meio mundo, mas acabara por dar o seu nome à criança. O mais estranho de tudo é que o rei parecia francamente desinteressado da amante de olhos violetas, mas pelos vistos não dos seus serviços na cama, até porque, pensou angustiada, a paixão que mantinha pela Stuart, segundo lhe diziam, não levara ainda a que a francesinha tivesse perdido a virgindade. O que procurava Charles, se não era sexo, o que procurava que a sua mulher legítima não lhe pudesse dar?

Sentada a olhar o jardim, de repente percebeu um vulto familiar. Os cockers spaniels de Charles corriam em seu redor, saltando para conseguir roubar um biscoito, e ela linda, aconchegada na sua capa de peles trazida do Novo Mundo. Certamente, um presente...

Frances Stuart, sim, e um pouco mais atrás, olhando-a com ar enlevado, descansando sobre o seu inseparável «walking stick», cajado como lhe chamava Catarina, estava o rei.

Catarina levantou-se, apressadamente. Não queria ver, não queria saber. Atravessou a sala tão desnorteada que chocou com alguém. Esfregou os olhos embaciados, e olhou de novo:

- Dom Francisco, que bom vê-lo! Julgava-o ainda em França - conseguiu dizer.

O marquês de Sande sorriu-lhe e Catarina sentiu a alma lavada: o amor fazia bem a este homem, que se tornara tão mais caloroso desde que se apaixonara.

- Sua Alteza - disse o embaixador, inclinando-se para lhe beijar a mão. Ia acrescentar «que feliz estou em vê-la bem», mas não foi capaz, porque percebera que a rainha tinha acabado de ser magoada mais uma vez. Tentou animá-la:

- Pareceu-me ouvi-la cantar o Adeste Fidelis, a composição do seu pai.

Catarina sorriu:

- Estava mesmo, não sei porquê veio-me à cabeça. Vila Viçosa, a casa da música no jardim, o meu pai a tocar. Sabe, nem sequer sei se é uma memória verdadeira, ou se é uma história que de tanto ouvir tenho a certeza que vivi. Mas tinha dois anos.

- Posso eu testemunhar que foi tudo assim. O seu pai era um homem extraordinário. Mas, dona Catarina, posso falar consigo em particular?

Catarina assentiu com a cabeça, e indicou-lhe a sua salinha privada. Sentaram-se, e Sande começou o seu discurso, visivelmente ensaiado:

- Não posso esconder de Sua Alteza a minha missão em França, a pedido do conde de Castelo Melhor. Pelos vistos, a minha vocação é a de casamenteiro - e sorriu para a rainha -, e desta vez procuro negociar o casamento do seu irmão com a princesa Maria Francisca de Sabóia. Uma aliança importante...

- Sobretudo, era bom para o meu irmão se conseguíssemos casá-lo com uma mulher que o amasse, que o protegesse - suspirou, e no seu suspiro subentendia-se a incredulidade: haveria alguma capaz de ser tudo isto para alguém tão complicado como o rei de Portugal?

O marquês assentiu, mas continuou, gaguejando um pouco:

- Não estou em Inglaterra em serviço...

A rainha fingiu-se admirada:

- Porque não, dom Francisco? Está sempre ao meu serviço.

Sande percebeu que a rainha lhe dava um salvo-conduto, e agradeceu.

- Estou muito grato, Sua Alteza, mas a verdade é que fiz esta viagem em segredo, saí sem dizer bem para onde ia, e gostaria, desculpe a impertinência, que não a referisse nas suas cartas para Lisboa - disse, corando como uma criança.

- Deixa-me muito feliz que passe o Natal connosco, e não vejo motivos nenhuns para falar da sua vinda a ninguém, mas sabe, dom Francisco, que há mais portugueses nesta ilha...

- Pois aí está onde queria chegai dona Catarina. Entrei aqui nos seus aposentos com a discrição que lady Suffolk me permitiu, mas vinha pedir-lhe um imenso favor...

- Depois de ter passado vinte e dois dias à minha cabeceira, considero que tem todo o direito de o fazer - disse a rainha, procurando encorajá-lo.

- Peço-lhe que deixe Margaret e Ann Fanshawe irem passar o Natal a casa. O pai, Richard, está de volta, convidou-me para passar as festas em sua casa, e solicitou-me que lhe fizesse este pedido.

Catarina teve vontade de rir. O embaixador mais hábil de Portugal parecia um adolescente a pedir à mãe para ir ao baile...

- Não posso recusar nada, também, ao embaixador inglês, nem sequer a nenhuma das suas filhas, que me têm servido com uma lealdade extraordinária. Sei que vão bem acompanhadas. Pode dizer a todos os interessados que estão livres de partir quando quiserem, com a minha bênção.

Sande levantou-se, e com uma rápida vénia despediu-se. Catarina suspirou: que futuro poderia ter Nan junto deste homem, com idade para ser seu pai? Encolheu os ombros. Quem era ela para dizer o que podia, ou

não, fazer alguém feliz.

Jemmy estava cada vez mais bonito. Mais convencido. Mais impertinente, mas ainda conservava uma cara de bebé que lhe permitia alguns atrevimentos. Como o de apanhar a rainha pela cintura e dizer-lhe, numa voz sedutora:

- Acompanha-me à varanda, para ver as estrelas?

Catarina deu uma enorme gargalhada. Nesta noite de Ano Novo agradecia a companhia do filho bastardo do rei, casado já com uma das maiores fortunas inglesas, a que vinha apensa uma adolescente, pouco mais do que uma criança.

- A sua mulher não nos quererá acompanhar? - e antes que o pretensioso duque pudesse dizer fosse o que fosse, chamou, na sua voz doce, pela pequena Anne e, dando a mão a cada um deles, dirigiu-se para a janela aberta.

A noite estava gelada, a neve cobria os relvados do palácio e os telhados da cidade. O frio tornara o ar transparente e o céu estava claro e estrelado como nunca o vira, nem nas noites mais transparentes do Alentejo.

Aos poucos, vendo que a rainha estava lá fora, a varanda foi-se enchendo de convidados que achavam a sala demasiado quente.

Charles acabou por aparecer, e sorriu de satisfação ao ver Catarina em amena conversa com o seu filho: era generosa a sua rainha, e que bonito lhe parecia Monmouth, que pena que não fossem mãe e filho, embora tivesse de reconhecer que podiam ser marido e mulher. Quando ia entrar na conversa e fazer notar a sua presença, ouviu-se um grito. Uma das senhoras apontava para o céu, assustada: uma luz estranha iluminava o horizonte. Charles, um amante da ciência, que quando não estava ao ar livre se fechava no seu laboratório com o seu primo Rupert, exclamou de espanto e alegria:

- Um cometa, meu Deus. Estamos a ver um cometa atravessar os céus de Londres, e nenhum dos meus astrónomos, nenhum dos meus astrólogos, me alertou para isto - protestava.

Pegando em Catarina para que ela visse melhor, sussurrou-lhe ao ouvido:

- Talvez seja um sinal, como foi a estrela de Belém.

Catarina mordeu o lábio, comovida. Como queria que este momento durasse para sempre. Como desejava que, não podendo isto ser possível, a luz fosse sinal de que era este ano, o ano da glória de 1665, que daria à luz um príncipe herdeiro. Fechou os olhos e com todas as suas forças desejou uma gravidez.

Charles nessa noite veio ao seu quarto.

23

Hampton Court, 22 de Maio de 1666

A tragédia tinha-lhe sido comunicada por um dos seus frades. Charles não tivera coragem de lhe dizer, e Edward Hyde, o chanceler, há muito que lhe deixara de contar estas coisas. Desta vez não era mais um episódio da longa guerra com a Holanda, que, como Charles previra, uma vez iniciada nunca mais tinha fim... Desta vez o ataque era interno, dentro das quatro paredes do reino de Inglaterra.

A tão temida lei tinha passado no Parlamento. Chamavam-lhe The Five Mile Act, e era a demonstração pública de que crescia, entre os representantes da nação, um ódio claro e indisfarçável aos católicos. Dizia o texto que os padres católicos estavam proibidos de se aproximarem a uma distância de menos de oito quilómetros de onde tinham sido expulsos - e todos os dias chegavam notícias de novas expulsões. Deixava ainda claro que só eram permitidas reuniões ou cerimónias de anglicanos. Qualquer aglomerado de gente em redor de um padre católico, mesmo que no mais perdido descampado, dava lugar a prisão.

Catarina tinha dificuldade em entender o poder deste Parlamento. De onde vinha, o rei era soberano e nunca ninguém poderia passar uma lei destas sem o seu acordo. Aqui, e os seus conselheiros explicavam-lhe, o rei não podia vetar esta decisão. A rainha temia pelos seus arrábidos, instalados discretamente num convento adjacente a St. James. A capela onde, por ironia, o rei prometera pintar as armas dos Stuart e dos Bragança por cima do altar-mor e na varanda onde ela e a sogra assistiam à missa. E agora?

Charles já há dias que sabia o que se ia passar. Fugira dos aposentos da rainha ou de se cruzar com ela, mas agora que a notícia já era pública sabia que não podia deixar de a ir dar pessoalmente, fingindo-se surpreendido, talvez. Entrou de rompante pelo salão da rainha e Catarina, zangada, foi incapaz de resistir:

- Sua Alteza Real vem prender-me? Dentro de uma hora estarei numa das salas deste magnífico palácio reunida com um grupo de católicos, acho que tem bom motivo para chamar a guarda!

Charles franziu o sobrolho, zangado. Vinha pedir-lhe desculpa, justificar-se, mas quando se sentiu posto entre a espada e a parede deu meia volta e desapareceu. Catarina deixou-se cair num dos cadeirões da sua salinha e, escondendo a cara nas mãos, vociferou contra si mesma «estúpida, estúpida, porque é que não controlas essa língua. O que é que ganhaste com esta demonstração de azedume? Nada, nada, mais uma vez nada!» Deixando a cabeça subir e encostar-se às costas da cadeira, suspirou: «Padre António Vieira, porque me abandonaste?» Pobre homem, abandonado e perseguido estava ele, e ela a nomear o seu nome em vão, mas como lhe faziam falta os seus conhecimentos teológicos, a sua argumentação sábia. De frei Pedro buscara sempre consolo e empatia, mas do pregador do reino esperava armas para lutar numa guerra aberta contra a sua religião. Escrever-lhe-ia. Estava certa de que a aconselharia.

Durante as semanas que se lhe seguiram passeou-se pelos jardins - estavam magníficos, cheios de flores, as relvas imensas de um verde fresco, tudo renascia com uma força só possível nesta terra húmida, tão parecida com Sintra. Invariavelmente sugeria o caminho que a levava frente ao campo de ténis coberto que Charles mandara construir e onde jogava desafios renhidos com Rupert, que, para raiva do monarca, lhe ganhava sempre. Esperava encontrá-lo, trocar com ele um sorriso que restabelecesse tréguas. Mas Charles, pelos vistos, não jogava àquelas horas...

Nan estava tão melancólica como a rainha, e Meg treinava o tiro ao arco com intensidade, montava sozinha horas a fio, mas estava igualmente desolada.

Num passeio pelo pomar das laranjeiras que a rainha mandara plantar, encomendando de Lisboa as pequenas arvorezinhas que se tinham dado muito bem em solo inglês, Catarina de repente desatou a rir:

- Já viram o trio que fazemos? Parecemos um bando de solteironas abandonadas...

Nan sorriu-lhe:

- Prefiro pensar que os nossos homens estão tão ocupados a fazer mover o mundo que não estão connosco apenas porque não podem.

Catarina olhou-a, os imensos olhos negros subitamente muito sérios, enquanto pensava como tudo seria mais fácil se acreditasse realmente que Charles, tal como o marquês de Sande e Francis Villiers, estava de facto tão completamente ocupado com a guerra que não tinha um minuto para a visitar.

Nan apanhou três margaridas, e estendeu uma à rainha, e outra a Meg:

- Love me, love me not...

Catarina repetia o jogo do Muito, Pouco ou Nada, com entusiasmo, e o inglês tornava-se agora tão natural que o fazia já na mesma língua que as irmãs Fanshawe.

- Love me - exclamou Catarina, e, como se estivesse no jardim do paço com os irmãos, esqueceu quem era, o lugar que ocupava, e pegando no braço de Nan dançou com ela uns passos sobre as pedrinhas que cobriam o caminho.

Meg preparava-se para lhe dizer que fizera batota, mas Nan proibiu-a com os olhos: aquela franqueza inata da irmã era capaz de destruir muitos corações.

A rainha continuava a cantarolar «Love me, love me, muito, muito» e colocava no bolso a flor que lhe mudara o humor.

Quando, ao fim da tarde, Charles inesperadamente se fez anunciar na sua sala de costura, a rainha não conseguiu impedir-se de trocar um olhar de cumplicidade com as Fanshawe.

Meg murmurou:

- Meu Deus, já não digo nada, amanhã vou apanhar mais malmequeres, pode ser que Francis me entre pela porta e eu tenha, finalmente, a oportunidade de o ter nos braços, de me certificar, pela intensidade do seu beijo, que é meu, continua só meu, e nada mudou...

Dobrando-se sobre a camisa para os pobres que costurava, deixou cair grossas lágrimas sobre o pano. Nan, discretamente, passou-lhe um lenço bordado e animou-a:

- Vais ver que está mesmo a voltar. O Francisco, quer dizer o meu Francisco, que ideia foi esta de nos apaixonarmos por homens com o mesmo nome?, continua envolvido em negociações, de que obviamente não me conta nada, mas prometeu tentar meter-se num barco e dar um salto até Inglaterra. Se ao menos fôssemos para sul, mandava-lhe recado, quem sabe se por mim atravessava o canal da Mancha.

Meg ia responder-lhe que por ela o sóbrio marquês se atiraria por certo ao mar, não fosse a idade avançada, mas ficou subitamente calada. Nan seguiu-lhe o olhar e percebeu que afinal Charles entrara apenas com o desejo de ver Frances Stuart. Entreolharam-se - logo hoje, logo hoje que Catarina ficara tão confiante no destino que o seu malmequer lhe ditava!

Frances não resistia a levantar os olhos do bordado para confirmar que era nela que o rei tinha a atenção. Confiante ao perceber que a rainha afinal falava sozinha, porque Charles não tirava os olhos de si, fingiu-se embaraçada virando-se de novo para a costura.

- Que cabra - murmurou Meg.

- Talvez seja só miúda e toda a admiração régia lhe tenha subido à cabeça.

- Nan, na cabeça apanhaste tu muito sol! Vê lá se não aceitou os aposentos que o rei lhe pôs à disposição. Olha só para o novo colar de pérolas de duas voltas. Sabe que a rainha sabe que só sir Charles lho pode ter dado...

Mas o rei tinha percebido que estava sob observação, e num gesto de bom senso beijou a mão da mulher e decidiu partir dali sem mais escândalo. Todas as damas se levantaram para lhe fazer uma vénia, mas Nan, Meg e duas outras damas igualmente rápidas juntaram fileiras, de forma que o rei não tivesse acesso fácil a Frances. Sabiam bem do que ele era capaz, e não queriam ver este momento de felicidade da rainha estragado, já bastava a má-língua viperina de algumas destas damas que acabariam por insinuar junto dos ouvidos de Catarina que o rei só viera

para ver a mulher que amava... e que decididamente não era aquela com quem tinha casado. Charles percebeu o movimento das manas Fanshawe e da dama portuguesa, e contemplou-as, trocista. Não disse, mas podia ter dito, qualquer coisa como: «Pobres miúdas, julgam que preciso da vossa autorização para a meter na minha cama?» Mas elas fingiram não entender a ironia, insistindo na vénia. O rei, como acontecia sempre, não conseguiu deixar de soltar uma gargalhada. Beliscando a bochecha de Meg, murmurou:

- Sempre atenta, lady Meg. Gosto de quem serve os seus com lealdade.

Raio do homem, pensou a dama, é mestre nesta capacidade de virar o bico ao prego.

24

Salisbury, 26 de Julho de 1666

Viajavam para sul. Charles viera avisar a rainha da necessidade de partir com a corte para Salisbury, ou mais para baixo ainda, se a peste que tinha deflagrado em Londres continuasse a propagar-se. Começara com o calor no centro mais populado e sujo da cidade, e agora só não fugia quem não podia. Morriam às centenas por dia e as carroças passavam a cada minuto para recolher mais corpos, lançados depois em enormes valas cobertas de cal na tentativa de que não contagiassem mais ninguém.

Catarina desta vez não se atrevera a dizer nada a ninguém, mas acreditava estar grávida. Lady Suffolk suspeitava e D. Maria, apesar da cegueira, pressentira-o, mas ambas respeitavam o seu desejo de silêncio. Se era verdade que uma gravidez serviria para calar as vozes que a apelidavam de infértil, era mais do que certo que um aborto seria pretexto para acordar uma nova campanha contra a incapacidade de levar a bom termo uma gravidez.

Mentia, havia uma pessoa a quem tinha contado. Escrevera a frei Pedro por emissário secreto. Pedia-lhe desculpa pela ousadia do pedido, mas confessava-lhe o seu desespero. Implorava-lhe que, sem consultar fosse quem fosse, encontrasse forma de tirar da ermida de Mourão a verdadeira imagem da Senhora das Candeias. Mais difícil ainda, de lha enviar para Inglaterra, disfarçada num carregamento de laranjas ou de especiarias. Sentia que só a Virgem seria capaz de a ajudar a ter este filho. O filho de Charles, que mudaria a sua vida, tornaria o seu lugar incontestado, realizaria esta ânsia imensa de ser mãe, de segurar nos braços um bebé seu. Dizia-lhe que sabia que o que lhe pedia era difícil, mas confiava que conseguisse encontrar um estratagema para «roubar» a Santa sem que ninguém desse por isso - não sabia como, mas acreditava que frei Pedro seria iluminado por Deus na hora certa...

Agora na carruagem com o rei, em viagem rumo a mais uma cidade que nunca vira, rezava baixinho para que os saltos do caminho não

desmanchassem a vida que crescia dentro de si. Sem dar por isso, colocou tantas vezes a mão no ventre, como se a cada solavanco quisesse proteger o filho, que o rei percebeu tudo. Chegando-se mais perto dela, beijou-a longamente e sussurrou-lhe ao ouvido:

- Quando chegarmos, e já não falta muito, quero que a minha mulher descanse. Tem sido um ano difícil para ambos, mas quem sabe se não acabará por ser o mais memorável.

Catarina virou sobre ele os seus olhos negros e brilhantes e adorou-o:

- Temo que seja pecado amar alguém como amo o meu marido - desabafou.

Charles sorriu-lhe:

- Fique descansada, minha rainha, que não tenho a menor ilusão de me equiparar a Deus! Seja como for, estou-lhe muito grato por esse amor, que decididamente não mereço.

Meg, sentada no lugar em frente da carruagem e procurando fingir-se concentrada num livro, num gesto inconsciente abanou a cabeça, irritada. Era tão típico dos homens, deste homem em particular, atirar as culpas sobre si mesmo antes que alguém o acusasse, acreditando que bastava uma confissão em voz alta para que nunca mais ninguém lhe pudesse atirar nada à cara. Resultava quase sempre. Resultara agora. Catarina murmurava já qualquer coisa como «Charles, meu amor, eu é que tenho de lhe pedir desculpas!»

«Que arte», quase disse alto a dama, mas cerrou os lábios e mergulhou de novo na leitura de um manual de batalhas navais. Queria perceber tudo o que Francis lhe dissesse quando voltasse.



Nan não conseguia esconder a sua alegria. Nan não conseguia esconder nada, disse-lhe Catarina, enquanto caminhavam de braço dado para a pequenina capela improvisada.

- Dona Catarina, desculpe, devia contar-lhe tudo, mas não posso,

prometi-lhe não dizer nada a ninguém.

Catarina afagou-lhe a cabeça.

- Não preciso que me diga nada, basta-me olhar para esses olhos, tão verdadeiros como os meus. Era bom que conseguíssemos esconder um bocadinho mais daquilo que sentimos, não era?

- Nas mãos erradas, Alteza, é uma informação que pode ser usada contra nós; mas nas certas...

E Nan, num gesto de ousadia, encostou por momentos a cabeça ao ombro de Catarina. Também ela sabia o segredo da rainha.

Chegaram as duas no mesmo dia. A carta e uma caixa grande de ripas de madeira, de onde caíam folhas de chá, mas que cheirava a laranjas. Ambas foram levadas até ao quarto da rainha, como expressamente pediam os mensageiros, tanto o que trouxera a carta, como o que chegara carregado.

Quando viu o caixote, Catarina esfregou as mãos de contente e pediu que a deixassem sozinha. Sentou-se na sua cadeirinha alentejana, que insistia em trazer sempre consigo, com a carta no colo, o embrulho em frente com as fortes correias ainda por desapertar.

Decidiu que abriria primeiro a caixa - se estivesse lá dentro aquilo que suspeitava teria mais força para suportar o conteúdo do que vinha escrito, mesmo que as notícias não fossem boas - e o selo da marinha inglesa fazia-a suspeitar que podiam não o ser...

Ajoelhando-se, abriu com alguma dificuldade o caixote. Delicadamente, mergulhou as mãos entre as folhinhas secas de chá e sentiu um arrepio na espinha quando tocou com as mãos no veludo de um saco. Com todo o jeito que os seus dedos trémulos conseguiram mostrar, puxou-o devagarinho, espalhando pelo chão as folhinhas que lhe vinham agarradas. O saco cheirava a laranja, e na parte da frente estavam bordadas as insígnias reais - só o Convento das Chagas, paredes-meias com o paço, estava autorizado a bordá-las.

Soltando os cordões, libertou a imagem da Santa, a imagem genuína da

Virgem, meio metro de pedra de Ançã, as vestes brancas debruadas a ouro que aos dois anos fora levada a adorar. Não queria pensar no risco a que expusera frei Pedro para que este seu capricho se realizasse. Correndo para a imagem que era sua desde pequenina e que nunca se afastava do oratório, tratou de a substituir rapidamente: se D. Maria estivesse bem seria a primeira a perceber a diferença entre a verdadeira e a falsa, até porque a verdadeira era bem maior, mas acreditava sinceramente que mais ninguém olhava para a sua Senhora com a atenção necessária para perceber a troca. Acendeu uma vela maior e entregou-se à oração mais profunda e sentida que qualquer mulher alguma vez rezou, como mais tarde escreveria a frei Pedro. Mas com a coragem de quem aprendeu que Deus tem os seus próprios desígnios, terminou-a com um fervoroso «mas, acima de tudo, que seja feita a Sua vontade». Como desejava que, por uma vez, a vontade de Deus e a de Catarina de Bragança coincidissem.

Fechando de novo a caixa, onde colocara a imagem falsa, empurrou-a com o pé para debaixo da cama - pediria a lady Suffolk que a tratasse como ouro. Não lhe diria o que continha, mas estava segura que mesmo que algum curioso a abrisse entenderia que nos tempos que corriam era necessária toda a discrição para transportar uma imagem religiosa, porque afinal a Igreja de Inglaterra abolira a adoração de imagens, que considerava um rito pagão.

Catarina respirou fundo. Adorava Deus e orava ao Santíssimo através da Virgem Maria, era só isso...

Estava tão embrenhada em pensamentos que quase esqueceu a carta que ficara pousada na mesinha. Pegou-lhe, voltou a sentar-se na cadeirinha, e, respirando fundo, abriu-a. Desatou num pranto. «Eu sabia, eu sabia que este desejo de a manter selada tinha uma razão de ser», chorava. A marinha inglesa, a pedido de sir Edward Montagu, dava-lhe conhecimento da sua morte em batalha, a bordo do Royal Catherine. Na carta estava acrescentado à mão, numa letra segura: «Sir Edward pediu-me, minutos antes de se reunir ao Senhor, que lhe fizesse o favor de transmitir a Sua Alteza que foi uma honra morrer ao serviço da rainha.» Pobre Montagu, o seu mais leal amigo, que sofrera tanto pelo único erro de lhe ter demonstrado a sua dedicação. Assobiando pela pobre Cenourinha já tão trôpega, pegou-lhe ao colo: apesar da idade mantinha o pêlo encarnado-vivo, como os cabelos de Edward.



Nan viera procurá-la. Lady Suffolk dissera-lhe que a rainha pedira para ficar sozinha, mas já lá iam duas horas e preferia que fosse Nan a ir ver o que se passava. Trocaram um olhar de entendimento, ambas rezavam para que não fosse nada que agitasse a rainha, agora que se encontrava neste estado, agora que o rei a visitava todos os dias e pelos seus cuidados deixava bem claro que também ele sabia o que ninguém era suposto saber.

Abriu a porta devagarinho e, percebendo que a rainha estava como uma estátua sentada naquela cadeirinha que trouxera da sua casa natal, aproximou-se suavemente:

- Penso que essa posição muito tempo seguida lhe pode fazer mal. Permite-me que a ajude a sentar-se numa cadeira mais confortável?

A rainha estendeu-lhe a mão, como uma criança a estende à ama, e Nan segurou-a ajudando D. Catarina a mudar de assento, sem deixar cair nem a raposinha, nem a carta que segurava na outra mão.

Ajoelhando-se depois aos seus pés, voltou a perguntar:

- Percebo que essa carta lhe trouxe dor... quer falar sobre isso?

Catarina olhou de soslaio para a imagem - a verdadeira imagem da Virgem de Mourão - e acenou que sim com a cabeça:

- Montagu, sir Edward Montagu morreu em batalha, a bordo do Royal Catherine.

Nan ficou em silêncio. Gostara sempre muito do estribeiro-mor da rainha mas, como acontece sempre que uma tragédia ocorre, pensamos primeiro naqueles que nos estão mais perto: tinha pena, mas seria muito mais doloroso se a morte anunciada fosse a de Francis Villiers e lhe coubesse dar a notícia à sua querida irmã Meg. As notícias dos combates contra os holandeses nesta guerra que se eternizava por enquanto favoreciam Inglaterra, e ainda há pouco York anunciara ter afundado vinte embarcações inimigas, mas mesmo nas batalhas vitoriosas havia mortos de ambos os lados...

Devagarinho, disse-lhe:

- Sua Alteza, sir Edward Montagu morreu como desejava morrer. Por si. Aceite essa dádiva de amor e lealdade, que bem a merece.

A rainha escondeu a cara.

- Aceite ser amada, Sua Majestade. Permita-me a liberdade de lhe dizer isto, mas precisa de acreditar mais em si. É uma mulher cheia de sabedoria, doçura e serenidade. Tem sofrido muito, mas sempre com coragem e sem queixumes, sem cair na tentação de encontrar bodes expiatórios - e pensava bastante mais do que o seu marido, que fez do seu estribeiro-mor um deles... -, mas tem de ser capaz de aceitar também as coisas boas que lhe acontecem. São tanto vontade de Deus, ou mais, do que as más.

Catarina olhou-a, surpreendida, e perguntou de repente:

- Nan, conheceu frei Pedro quando viveu em Portugal?

Nan sorriu:

- Tinha e tenho grande admiração por ele, falámos muitas vezes.

- Percebi logo. Tinha de ser - exclamou Catarina, entusiasmada.

- Mas tinha que ser porquê, Sua Alteza? - quis saber Nan.

- Porque Frei Pedro vê Deus assim. Disse-me sempre que não gostava de ver Cristo na cruz, que lhe parecia que era dada demasiada ênfase à morte, em lugar de à ressurreição; à dor, em lugar da alegria, que é tão abençoada como a angústia...

- É decididamente o mesmo frei Pedro. Mas sabe, tenho outra carta para si. Só que sei que esta é feliz - acrescentou Nan, estendendo-lhe um sobrescrito.

- Sabe o que contém? - indagou Catarina, cheia de vontade de rir.

- Não, não, não a li! - apressou-se a explicar Nan.

- Nem tal me passou pela cabeça, pensei apenas que quem me escreveu a mim também lhe escrevesse a si - retorquiu a rainha.

Nan corou até à raiz do cabelo. Tal fora a vontade de animar a rainha, que deitara tudo a perder.

Mas Catarina continuava a sorrir enquanto quebrava o lacre com as armas do marquês de Sande. Chegava já com algumas semanas de atraso, e dava-lhe conta que Maria Francisca Isabel de Sabóia tinha casado por procuração, em La Rochelle, com Sua Alteza o rei Afonso VI de Portugal. Dizia que a rainha portuguesa seguia já para Lisboa, onde o rei a aguardava com impaciência e o povo também, que desde o casamento da rainha de Inglaterra não se festejava nada digno de nota no reino de Portugal.

Catarina ficou contente. Talvez fosse uma rapariga generosa e terna, talvez encontrasse maneira de se dedicar a Afonso, de descobrir como podia ser encantador quando queria. Recordou-se do irmão no torreão filipino quando lhe anunciara a sua aclamação, e de como ele a abraçara. «Catarina, és a única pessoa no Mundo que realmente gosta de mim», dissera então. Será que a partir de agora seria diferente? Esperava de todo o coração que Maria Francisca fosse capaz de encontrar, entre tanta amargura, a sua bondade. Mas teria a sabedoria, aos 20 anos, de compreender um rapaz tão complicado como Afonso? Escreveria ao conde de Castelo Melhor, gostava de Luís de Vasconcelos e Sousa, estava-lhe grata por governar de forma tão dedicada ao seu irmão, e pouco lhe importava que se dissesse que o fazia somente por amor ao poder. Afinal, não era assim que a sua própria mãe sempre tinha exercido o seu papel?

Virando-se para Nan, abanou a carta como um leque.

- Boas notícias, de facto. Desculpe a ousadia, mas a sua carta não dizia mais nada que pudesse ou quisesse dividir comigo? - perguntou, divertida.

Nan encostou-se aos seus joelhos, e de olhos postos no pequeno oratório, disse baixinho:

- Dom Francisco diz-me que, mal termine a missão de levar dona Maria Francisca até ao rei, fará tudo para voltar a Inglaterra...

- E muito bem. Está certamente ansioso por voltar para o meu serviço - disse a rainha, rindo.

- É tão bom ouvi-la rir, Majestade, que até me vou esquecer de que é à minha custa.

Pondo-se de pé, Nan suspirou:

- Mas agora vou dar a notícia de sir Edward a Meg. Preferia que ela a ouvisse por mim...

Catarina benzeu-se.

25

Londres, 2 de Setembro de 1666

A rainha não queria acreditar quando lhe contaram - e se lhe contaram. Uma, duas, três vezes, tantas quanta a maldade daquela corte era capaz.

Helen, por exemplo, esganiçava a voz para repetir alto e a bom som, como se recitasse uma peça de teatro, com diálogos e tudo:

«É horrível, nem sei se sou capaz de contar como tudo se passou. Sei que um criado com as cores de Buckingham entrou esbaforido nos aposentos de Barbara Palmer, furando a segurança da guarda. Sua Alteza levantou-se do sofá onde estava recostado, enquanto a Palmer lhe colocava uvas na boca, qual deusa romana, e vermelho de fúria preparava-se para rechaçar o atrevido, mas qualquer coisa na cara do miúdo impediu-o de o fazer.

- 0 que é que se passa? - perguntou, subitamente aterrorizado.

O criado, a gaguejar, disse: - Sua Majestade, desculpe a intromissão, mas tinha de lhe dizer, custasse o que custasse, foram essas as ordens de lord Buckingham.

- Pára de gaguejar, rapaz, e explica-te - terá dito o rei.

- Londres está a arder, Majestade. A cidade toda. - E, soluçando, deixou-se cair no chão.

- Vi a casa dos meus pais arder, e os pobres não conseguiam sair, morreram queimados, o meu pai e a minha mãe, sir...

Segundo me disseram, Charles apontou com o pé para o rapaz e...

- Silêncio, lady Helen - vociferou Catarina, e o silêncio caiu instantaneamente sobre a sala. Nunca em todos estes anos qualquer uma delas tinha visto a doce rainha possessa de fúria:

- Desapareça da minha vista e que não lhe ponha os olhos em cima durante muito, muito tempo. Não julgue que é o vergonhoso teatro que declama à minha frente, sem pudor nem respeito, que me deixa fora de mim, mas a falta total de consciência e caridade que me revela. Morrem pessoas, a nossa cidade arde, e a parvinha de uma menina da corte, que nunca teve uma preocupação na vida, aproveita o sucedido para dar à língua. Desapareça, e leve consigo todas as que lhe são iguais - gritou.

Virando-se para lady Suffolk, com os olhos flamejantes, deu ordens rápidas:

- Quero o meu fato de montar pronto.

Voltando-se para Nan, que continha a vontade de lhe bater palmas, ordenou:

- Lady Fanshawe, faça saber que o meu cavalo tem de estar pronto dentro de minutos, e avise a Guarda da Rainha para que prepare a escolta. Lady Margaret, peço-lhe que pergunte a quem entender onde posso encontrar o rei.

Distribuídas as ordens, desapareceu para mudar de roupa.



Catarina entrou no escritório onde Charles estava reunido com cinco outros homens, sem pedir licença. O rei abriu a boca, surpreendido, mas fez um sorriso ao vê-la de rabo-de-cavalo preso com um laço e a roupa de montar vestida.

A rainha fez-lhe um gesto de cortesia com a cabeça e perguntou:

- Já me disseram que Londres arde, vejo o fumo ao longe. Em que posso ser útil?

Os conselheiros, um deles decididamente o chefe dos bombeiros, de cara chamuscada e um ar exausto, olharam-na, espantados.

Charles pediu um minuto a sós com a mulher e, rodeando-lhe a cintura com o braço, disse-lhe:

- Querida, parece-me tudo menos sensato cavalgar a estas horas da noite - sobretudo no seu estado.

Catarina, assustada, levou a mão à barriga. Estava louca, como é que, grávida de três meses, logo ela que não fora capaz de levar duas gravidezes anteriores até ao fim, se deixava agitar assim?

Sentou-se na cadeira mais próxima e murmurou devagarinho:

- Só pensei em que é que podia ser útil.

- Só pensou nos outros, e fico muito orgulhoso de si por isso. Vou dizer-lhe qual vai ser a nossa estratégia, mas promete-me que depois vai deixar que a levem a Whitehall de carruagem? E que pede ao doutor Pierce que a vá ver.

Pegando num mapa da cidade, estendeu-o numa mesa à sua frente. A encarnado estava delimitada a zona do incêndio, já uma extensão enorme.

- O pior é que as casas são todas contíguas, arde uma, arde uma rua inteira, um quarteirão inteiro, dois a seguir, e assim sucessivamente.

- Mas tem de haver uma maneira de travar o incêndio...

- A sugestão do chefe dos bombeiros é que eu autorize a demolição de casas, igrejas e todos os edifícios em redor da zona em chamas, criando um perímetro de segurança.

- Meu amor, que decisão horrível. Mas se não há outra, mais vale destruir voluntariamente do que deixar que o fogo coma toda a nossa cidade.

- As pessoas estão a ser retiradas. Sobre a decisão final vou pensar um bocadinho mais, ouvir outras opiniões. James, felizmente, desembarcou há algumas horas e quero conhecer a sua opinião acerca disto. Mas agora vá, por amor de Deus, ponha-se a salvo. Se vir que há perigo, mandarei que se mudem para Hampton Court. Por favor, tenham as vossas coisas preparadas.

Catarina obedeceu-lhe, silenciosa. Chamava o irmão porque valorizava o

que lhe tinha a dizer, ou procurava apenas demonstrar aos seus ministros que estava perfeitamente consciente de que quando morresse seria James a assumir o trono? Apesar de a rainha sua mulher estar grávida de três meses, desistira já de um herdeiro legítimo? As ideias atropelavam os seus pensamentos mais racionais, e foi mergulhada neles que sem saber muito bem como deu por si deitada na cama. Na mão uma caneca quente de infusão de laranja.

Soube que Charles e James tinham ido pessoalmente até às ruas de Londres. Que, chamuscados e sem guarda, passavam baldes, como toda a gente naquela cidade, e lançavam a água sobre as chamas. O chefe dos bombeiros fora capaz de convencer o rei a demolir o perímetro de segurança e só assim se tinha salvo uma parte da cidade.

Mas já estavam contabilizadas 13 200 casas destruídas, entre elas 87 igrejas. A Catedral de St. Paul ardera até às fundações, e com ela os túmulos dos pais da rainha Filipa de Lencastre, como lhe chamavam em Portugal; afinal, Philippa era a única rainha inglesa que Por tugal alguma vez tivera, mãe dos Descobridores, venerada em Portugal, e Catarina, a primeira rainha portuguesa que Inglaterra conhecia.

Se Deus me desse um filho... um, mesmo que não fossem os oito de D. Filipa, pensava, enquanto olhava a Senhora das Candeias, os seus cabelos pretos, os seus brincos de prata, nos braços o seu menino de sorriso doce.



Meg estava feliz. Com James voltara Francis. Francis Villiers de carne e osso, que a apertara nos braços, esquecido de todas as zangas, de todos os mal-entendidos. Logo no primeiro dia estendeu-lhe uma caixa com um anel:

- Lady Margaret Fanshawe, casa comigo? Promete nunca mais amuar, fugir, desaparecer da minha vida?

Meg respondeu-lhe com um beijo ardoroso e quente, aquele beijo com que um e outro sonhavam há tanto tempo.

- Já escrevi ao seu pai, que ainda não me respondeu, e temo que me

rejeite, mas confesso-lhe que mais do que tudo temia um pontapé da filha... Até a ideia de pedir licença a dona Catarina para cortejar uma das suas damas me parecia tarefa mais fácil.

- Hoje não, mas nunca diga nunca - riu-se Meg.

Com Villiers de volta, as informações do lado de Buckingham tornaram a chegar: desta vez o duque financiava quem ajudasse a espalhar o boato de que Deus estava descontente com uma rainha papista. A peste e o grande incêndio eram apenas os primeiros sinais da sua ira. «Morte aos papistas», gritavam os homens de Buckingham, que se concentravam frente aos portões de St. James, pedindo ao rei compensações financeiras pelo desastre, a que se juntavam os protestos dos marinheiros regressados há meses sem ordenado e os das famílias das vítimas da peste.

A rainha nunca vira o rei tão preocupado. Charles dizia-lhe que esta insurreição era igual àquela que acontecera meses antes de o seu pai ter sido preso em Hampton Court, meses antes de lhe terem cortado a cabeça, privilégio dos nobres. Charles abominava as acusações histéricas e sem sentido que se faziam, protestava em coro com o seu primo Rupert, o seu companheiro de laboratório e co-fundador de uma sociedade científica que tinha como missão lutar contra o obscurantismo, mas nos momentos mais difíceis fazia discursos conciliadores, implorava ao Parlamento que o ajudasse. Se não permitia que os conselheiros insultassem a sua mulher, se atrevessem a falar-lhe em divórcios, enganar-se-ia a si mesmo se não dissesse que, por vezes, a ideia o tentava. Os amigos sabiam que valia a pena continuar a pressioná-lo.



Naquela manhã, Catarina sentiu uma tontura súbita quando se levantava da cama. Uma dor forte nas costas levou-a a gritar. Segundos depois, lady Suffolk e duas criadas acorriam a socorrê-la, deitando-a e mandando chamar o médico.

A camareira-mor, hoje mais do que uma mãe, aconchegava-lhe os cobertores, passava a mão suavemente sobre a dela, procurando sossegar os seus soluços:

- Vai ver que não é nada disso, vai ver que está tudo bem.

Catarina estendia as mãos para a imagem da Virgem, e lady Suffolk encorajava-a:

- Isso mesmo, Sua Alteza, peça à sua padroeira que a proteja, que aqui na Terra pode contar connosco para fazermos tudo por si.

Subitamente, Catarina percebeu que tudo acabara. A cama ensopava-se em sangue, uma contracção mais forte levava-a a esticar-se na cama, presa nas garras da dor e do desespero.

- Lady Suffolk, não chame o médico, já não vale a pena. Ai, meu Deus, meu Deus, minha querida mãe. Mãe - chamava sem parar.

Quando o Dr. Pierce entrou limitou-se a pedir um chá e a juntar-lhe os pós de uma infusão calmante. A Lady Suffolk disse baixinho:

- Não quero embaraçar a rainha, vou mandar uma das parteiras de maior confiança. É preciso estancar a hemorragia, certificarmo-nos de que fica limpa, porque uma infecção é suficiente para a matar...

Catarina puxara sobre a cara uma almofada, murmurando para si: «Seja feita a Tua vontade, seja feita a Tua vontade.» Tentava que a fé a impedisse de enlouquecer.

26

Whitehall Palace, 25 de Outubro de 1666

A rainha fizera um esforço sobre-humano para se recompor. Era a vontade de Deus, dizia-lhe o confessor. Não queria pensar muito nisso, e muito menos discutir o assunto com os padres e frades que a rodeavam. Vontade de Deus que a Palmer tivesse cinco filhos do rei, e ela nenhum? Não havia nem um dos seus queridos padres capaz de a fazer compreender tal coisa. Nas noites de insónia em que contemplava o tecto pintado de anjinhos no seu quarto em Whitehall, imaginava que cada um deles era um dos seus filhos perdidos. Só António Vieira lhe escrevera uma carta que lhe falara ao coração. Garantia-lhe precisamente o contrário de todos os outros que a procuravam consolar. Dizia-lhe que Deus não fazia estas opções pelas pessoas, nem tão-pouco a Virgem, nem mesmo aquela que na infância aprendíamos a venerar. Deus dava-nos força para suportar as atribulações que as leis da natureza exerciam sobre nós. A doença, dizia-lhe Vieira, não é castigo, é penitência, é sofrimento que podemos usar para enriquecer a nossa vida ou para a destruir, mas não é vontade do Altíssimo.

Catarina guardou a carta debaixo da almofada durante muito, muito tempo.

Se Charles acreditava tanto na Ciência, se ela própria era a testemunha viva de que um mouro conhecedor de ervas podia diagnosticar o seu mal à vista, porque é que ninguém procurava tratá-la? Como o chá de Urcaria tormentosa, que estupidamente perdera e nunca mais se esforçara por encomendar, as pedras bezoares que aliviavam as cólicas do pai, ou as mistelas que o rei misturava para tratar a gota, tinha de haver qualquer coisa que pudesse conter o sangue, impedir que o seu corpo expulsasse de dentro dela os filhos que gerava. Pelo menos merecia uma explicação.

Passou a perguntar incessantemente aos médicos e físicos da corte: «Que doença tenho?» Mas as respostas eram tão variadas e fantasiosas que não conseguia acreditar em nenhuma. Se não tivesse fugido de Ali, se

tivesse confiado na sua sabedoria ancestral... mas de que lhe valia chorar sobre leite derramado?

Charles, felizmente, era rigoroso nos seus juízos e não se deixava levar por superstições, nem ameaças religiosas. Viera ter com ela umas semanas depois do sucedido e enfiara-se na sua cama como um adolescente, segurando-a com força entre os braços. Catarina agradecia-lhe e pedia-lhe desculpa, entre soluços, mas Charles não aceitava nem a gratidão, nem a vergonha.

- Meu amor, não é culpa sua, nem é castigo. Quem podia querer castigar uma mulher tão meiga como Catarina de Bragança Stuart?

Afagando-lhe os cabelos, cantou-lhe canções de embalar, num castelhano suave, e, pela primeira vez desde que perdera o bebé, a rainha adormeceu e dormiu a noite toda de um sono só. Quando acordou, Charles ainda lá estava e, estendendo-lhe o roupão, perguntou:

- Posso tomar o pequeno-almoço nos aposentos de Sua Majestade?

Catarina sentiu os olhos picar de emoção, mas antes de responder já as criadas preparavam a mesa no quarto. Charles acordara mais cedo e tratara de tudo.

27

Queen's Chapel, 25 de Novembro de 1666

Charles fora buscá-la à salinha de costura. Trazia-lhe um ramo enorme de flores desencantadas sabe-se lá onde, porque a neve cobria o chão em todos os jardins e parques da cidade. Beijou-a, deu-lhe os parabéns e, brincalhão, ajudou-a a levantar-se da cadeira. A rainha estava de preto dos pés à cabeça, assim como todas as damas da corte. Catarina tentou protestar:

- Sir, este ano em que faço vinte e oito anos é aquele em que menos me apetece celebrar a data.

Charles não se deixou demover. Sabia bem que fora um ano terrível para todos, mas principalmente para a rainha, um ano tão estranho que só aquele inesperado cometa da noite de Ano Novo o poderia explicar. Dias tristes que culminaram na morte de D. Luísa de Gusmão. Felizmente, fora o marquês de Sande a contar-lhe pessoalmente que a rainha sua mãe fechara os olhos serenamente. «Uma serenidade, dona Catarina, que nunca lhe conheci... tenho a certeza que fizera as pazes com o mundo, e estava pronta para se reunir ao seu pai e irmãos», dissera Sande. Catarina recebera a notícia com inesperada tranquilidade. Apesar de não a ver havia quatro longos anos, a mãe era uma presença tão forte dentro de si que nem a morte seria capaz de a levar, explicou a D. Francisco, que a ouvira, comovido.

- Entendo o que diz, dona Catarina. Nunca darei um passo sem pensar primeiro se a rainha sua mãe aprovaria que seguisse naquela direcção - murmurara o marquês.

Estranhamente, nunca se tinham sentido tão próximos, e Nan não conseguia esconder a felicidade que lhe causava perceber esse entendimento.

- Dona Catarina, onde está com a cabeça? Tenho uma carruagem à espera....

Catarina deixou o espírito regressar à sala, onde Charles lhe pedia que o acompanhasse:

- Mas onde vamos?

- Não sabe que os presentes são surpresa?

Catarina sentiu-se de repente uma criança entusiasmada. Como quando Carminho lhe deixara uma laranja na cama, naquele dia em que o paço se enchera de gente para celebrar os seus dois anos, aquele dia em que tinham perguntado ao pai se aceitava a coroa.

Quando pararam frente a Queen's Chapel, a sua fachada branca e simples, situada junto do convento que Charles deixara construir para os monges arrábidos, estranhou:

- Uma missa?

- Por amor de Deus, Catarina, missas já tem a senhora minha mulher para dar e vender, embora, suspeito, fosse o seu presente favorito...

- Então o que é?

- Uma capela inteira só para si...

- Para Deus, Charles - repreendeu-o.

O father Huddleston esperava-os na sua batina simples, com umas sandálias capuchinhas a que somara umas meias porque o dia estava gelado.

Entraram de mão dada, e Catarina, quando olhou para o altar, deu um grito de alegria:

- Não acredito, Charles, obrigada!

- Sei que não tenho muito jeito para cumprir promessas, mas esta tinha de a tornar verdade...

Por cima do altar-mor, sobre as imensas janelas de vidrinhos que enchiam a capela de luz, estava pintado um medalhão imponente com as armas dos Bragança e dos Stuart. Juntas...

- Daqui a muitos, muitos anos, toda a gente que aqui vier rezar vai perguntar quem eram Charles e Catarina - disse-lhe ele ao ouvido.

Catarina ia protestar, dizer que a memória de dois nomes pouco importava, mas não disse. É claro que importava. É claro que importava que a união de Portugal e Inglaterra, de Catarina de Bragança e Charles Stuart, ficasse para a História. Tinha sido esse o sonho da sua mãe e ela fora capaz de o realizar. Tratava-se da melhor homenagem que podia fazer a Luísa de Gusmão, da Casa de Medina-Sidónia, duquesa de Bragança, rainha de Portugal.

Desejou do fundo do coração que, lá do Céu, a mãe estivesse a assistir a tudo isto, ao facto de ter conseguido aproximar o marido da Igreja Católica, Apostólica e Romana, ao ponto de querer as suas armas unidas às dela num lugar central desta igreja.

Charles não a deixou mergulhar em nostalgias:

- Mas não é tudo, venha ver.

Subindo os degraus para a varanda do coro, a dois e dois, esquecido de que as pernas da rainha a obrigavam a ir mais devagarinho, chegou lá a cima ofegante. Catarina apareceu pouco depois, enquanto Huddleston dizia cá de baixo:

- Vossas Altezas que me desculpem, mas vejo daqui!

Catarina acenou-lhe, divertida, e depois virou-se para olhar na direcção em que o marido apontava: sobre a porta de carvalho, de novo as armas pintadas, mas desta vez encimadas por folhas de palmeira, as folhas que simbolizavam Tânger e o seu dote.

- Há tanto tempo que não vejo uma palmeira - disse, nostálgica.

- Que não seja por isso, minha querida, hoje mesmo vou levá-la a um jardim de palmeiras.

- Palmeiras com neve? - perguntou, incrédula.

- É a melhor altura para as ver - disse Charles rindo, feliz por a fazer feliz. Quando sentia a consciência apaziguada era o mais altruísta dos seres vivos.

28

Whitehall Palace, 30 de Março de 1667

Se não fosse Frances, pensava a rainha, se não fosse aquela paixão tão infantil que o rei sentia pela sua dama, teriam tudo para serem felizes. Passavam horas no escritório em redor do mapa da cidade, e Charles aprendera a respeitar os seus conselhos sobre a reconstrução da cidade, o que, mesmo sem dinheiro, se revelava uma tarefa urgente. Era extremamente observadora e olhava para o mapa como quem observava uma pauta de música, lendo os pormenores, raciocinando alto de forma clara e lógica. Se tinha sido impossível parar o incêndio porque as ruas eram estreitas, então que fossem alargadas, criando zonas de descampado, onde o fogo pudesse ser controlado.

Mas Frances estava sempre lá. Catarina fechava os olhos com força, num imenso esforço de fazer desaparecer da sua memória a imagem do olhar de adoração e desejo com que Charles olhava aquela mulher. Que habilmente não se entregava totalmente, mantendo-o naquele estado que, desconfiava, o marido mais gozava: o da antecipação. Por vezes pensava que talvez fosse preferível que Charles consumasse aquele desejo de uma vez por todas. «Quem sabe se assim não lhe passava este enamoramento sem pés nem cabeça», murmurava para si mesma, incapaz de confessar pensamentos tão imorais.

Frances pressentia o mesmo, jogava pela calada, aumentava o apetite sexual do rei dando-lhe apenas o suficiente para que continuasse a acreditar que, com jeito e paciência, a conquista final seria possível. Nan e Meg desesperavam, mas de ambas as vezes que apanharam a Stuart a sós ela deixou bem claro que não pretendia discutir com elas a sua vida privada.

Meg ainda lhe perguntara, agressiva:

- Não me digas que não percebes que fazes sofrer a rainha que juraste servir?

Frances corara, e Nan tivera pena dela.

- Pena? - protestara Meg, quando conversaram sobre o assunto. - Pena? Frances espera é que a rainha morra para poder casar com o rei.

Nan sentiu um calafrio. Não era uma impossibilidade. Catarina tinha uma saúde frágil, e cada um dos desmanchos deixava-a ainda mais fraca. Continuaria sempre a tentar, mas o sangue em que se esvaía sempre podia levar-lhe o sonho de ser mãe. Todos os sonhos.

29

Whitehall Palace, 3 de Abril de 1667

Catarina falara longamente com o marido. Nunca o vira tão angustiado: não havia dinheiro, a guerra estavam longe de terminada, e agora vinha a França ameaçar apoiar a Holanda, tornando tudo ainda mais difícil, mais sangrento, mais caro. Despediram-se com a promessa de se reverem depois do jantar no grande salão, onde dois cantores italianos iriam iluminar a noite.

- Meu querido, talvez a música lhe faça bem - dissera ela, enquanto beijava a sua testa enrugada.

Vestira-se com esmero e entusiasmo. Pediu que lhe preparassem a túnica preta, lhe apanhassem o cabelo como uma odalisca e o entrelaçassem com um fio de coral, um dos últimos que a mãe lhe enviara. Ao pescoço pendurou o melhor dos colares de pérolas que o marido lhe oferecera. Olhou-se ao espelho, e sorriu. Não era, decididamente, nem Meg, nem Nan, nem muito menos Frances Stuart, para já não falar em Barbara Palmer, mas sentia-se digna, elegante, bonita. Tinha idade para se sentir dona de uma beleza conquistada, sem procurar concorrer com as suas damas. Afinal, era a rainha. Esquecia-se vezes de mais que era a rainha de Inglaterra, que toda esta gente estava aqui para a servir. Incluindo Frances Stuart, a quem pagava um ordenado, e que não possuía, ainda por cima, outra forma de ganhar a vida, sobretudo agora que Henriette Marie voltara para França, onde anunciara que queria morrer. Morrer na terra natal, como Catarina a compreendia, mas a festa estava para começar, não era o momento de fazer romagens de tristeza.

As damas iam entrando e saindo do seu quarto de vestir, entusiasmadas com a festa, rindo, trocando piropos e piadinhas invejosas, ansiosas pela ocasião de namorarem com o seu amor ou de encontrarem finalmente o homem das suas vidas.

Catarina sorria-lhes. Quando Nan lhe veio espalhar um pouco de rouge

na cara, permitido apenas às senhoras casadas, disse-lhe:

- Aproveite bem, Fanshawe, que para o ano, ou me engano muito, ou vai passar o Inverno numa corte menos animada do que esta.

Nan corou:

- Apesar da diferença de idades, Sua Alteza, amo-o como nunca amei ninguém. Sei que ele pode parecer brusco, que quando está a trabalhar não pensa em mais nada, mas é tão certo, tão seguro, tão leal.

D. Catarina riu:

- Ao seu lado parece tudo menos os quase cinquenta anos que tem. Fica miúdo, meigo, completamente diferente. Mas como é que reagiu a sua mãe, Nan? Tem a vantagem de o conhecer bem, mas sempre o terá visto como um grande amigo do seu pai, não como genro...

Nan encolheu os ombros, como se a opinião dos outros não lhe interessasse absolutamente nada, mesmo a da sua adorada mãe:

- Só quer que eu seja feliz. É tão aventureira, viajou tanto pelo Mundo com o meu pai, passou por tudo. Acho que tudo isso faz com que aceite melhor o inesperado. Mas hoje a noite é de Sua Alteza. Está tão bonita, a sério que está.

Foi a vez de Catarina corar, e como uma criança atreveu-se a perguntar:

- Nan, acha que o rei vai olhar para mim?

Nan mordeu o lábio, e Catarina reparou logo no gesto:

- Pergunta estúpida, não ligue...

- Dona Catarina, vou ser muito sincera consigo: o rei vai olhar para si, vai adorar vê-la tão bonita e arranjada. Sentirá um imenso orgulho em ser casado consigo, mas...

- Mas não é possível garantir que tudo isso seja o suficiente para que esqueça a sua paixão por Frances... E Nan, sabe o que é o pior, não consigo detestar aquela criança, acho que ficou deslumbrada, presa numa teia...

Nan acenou com a cabeça:

- Sinto o mesmo. Quero odiá-la, mas não consigo.

- A alternativa lógica - disse Catarina, amargurada - era odiarmos o rei. Afinal, é ele que a persegue, tenho de ser justa com Frances, mas não sou capaz de o detestar!

Nan calou-se. Esta era uma conversa de que não se atrevia a fazer parte. Acabou de maquilhar a rainha e, mudando de assunto, disse-lhe:

- Ninguém vai a esta festa mais bem pintada, isso posso garantir-lhe eu!

Catarina apertou-lhe a mão com força. Qualquer coisa a deixava optimista e feliz. Talvez Charles hoje a visse com olhos de ver, como uma mulher que se ama e deseja. Talvez, cansado como estava, preocupado como andava, preferisse a companhia terna e serena da sua mulher legítima a confusões e conquistas ilícitas.

Nan encostou a porta e encolheu os ombros: para o rei nunca nada superaria o prazer da conquista. Tinha a certeza de que era assim.

Quando chegou ao salão, toda a corte lhe fez uma vénia. Sentou-se na cadeira almofadada colocada num palanque mais alto e olhou em redor: a rainha e o rei eram os únicos que tinham direito a sentar-se, todos os outros eram obrigados a dançar ou a mover-se pela sala. Decidiu que esta regra do protocolo afinal a divertia, porque assim podia observar de cima os convidados, perceber quem falava com quem, escrutinar os grupinhos que se juntavam.

Os dois cantores vieram cumprimentá-la, ajoelhando-se e beijando-lhe a mão, e Charles surgiu mesmo a tempo de lhes ser apresentado. Escutaram-nos enlevados e depois os músicos abriram o baile. O rei apreciou a sua túnica, o seu cabelo, o fio de coral entrelaçado, as pérolas no pescoço, nada lhe passava despercebido, e elogiou-a. Com toda a sinceridade disse-lhe que estava linda. Catarina iluminou-se de felicidade, e transbordou de alegria quando Charles a convidou para dançar e toda aquela gente ficou a vê-los rodopiar, numa dança nova que treinara incansavelmente com o seu professor, na esperança de um momento exactamente como este. As palmas encheram o salão, e o rei devolveu a rainha ao pequeno trono, com

uma vénia sentida. Ofegante e feliz, Catarina agradeceu baixando ligeiramente a cabeça.

O grupinho de que faziam parte Francis, Nan, Meg e várias outras damas leais não conseguiu, porém, partilhar a alegria da rainha. Meg murmurou:

- Nan, vai lá tu. Eu não consigo corresponder àquele olhar de dona Catarina, em que nos parece dizer qualquer coisa como «vêem, vêem como este vai ser o ano de toda a felicidade?», quando sei o que vai acontecer a seguir.

Francis acrescentou, baixinho:

- Só peço que tudo aconteça depressa, e acabe rapidamente. Talvez a rainha já tenha criado alguma resistência a estas desilusões. Afinal, não param de se suceder, desde o dia em que o rei lhe apresentou Barbara Palmer, numa sala como esta...

Nan abanou a cabeça, angustiada:

- Olhem, a rainha acaba de a ver. Não vai demorar muito a perceber que aqueles brincos de diamantes e aquele colar fabuloso foram mais um presente do rei.

Francis confirmou:

- A rainha já viu e já percebeu! E agora...

Meg não conseguiu conter um riso nervoso:

- Pare com isso, Francis, parece que está a fazer o relato de um jogo de ténis.

- E o pior está para vir, e não a posso deixar sozinha. - Nan sentiu uma náusea profunda ao dizê-lo, mas, decidida, furou por entre as pessoas, naquela sala demasiado quente e demasiado cheia. Chegou junto de Catarina no exacto momento em que o rei mandava os músicos pararem e, no centro da sala, anunciava na sua voz profunda:

- Tenho uma surpresa para todos.

Um zumbido de curiosidade correu as gentes, e o rei continuou:

- Era preciso cunhar uma moeda com o símbolo de Inglaterra. O perfil de uma mulher tão bela, que os nossos inimigos holandeses, e todos os povos do Mundo, quando a tivessem na mão morressem de inveja por não haver outra igual.

Depois, tirando de uma bolsa presa à cintura uma série de moedas de prata, foi passando-as aos que o rodeavam, pedindo:

- Por favor, não fiquem com elas que todas as moedas são poucas...

Os convidados riram.

- Falo a sério. Dentro de minutos espero tê-las todas de volta, ou não fosse esta corte um conjunto de gente honrada!

Todos riram de novo.

No seu canto, Meg vociferava:

- Olhem só para a cara da miúda inchada de orgulho. Será que é burra e não percebe o impacto que esta moedinha vai ter na rainha? Frances Stuart, o símbolo de Inglaterra.

- Cala-te, Meg, daqui a pouco parece que tens ciúmes. Vamos chegar-nos todos até mais perto da rainha. Quantos mais de nós estivermos ao lado e do lado dela, melhor - retorquiu Francis.

Os olhos dos convidados iam postos na moeda que viajava em direcção à rainha, e para espanto do rei, em lugar de manifestações de euforia sentia-se um silêncio gelado, havendo mesmo quem mantivesse o olhar no chão:

- Emudeceram todos? - perguntou o rei, surpreendido.

Os lambe-botas do costume encarregaram-se de o rodear rapidamente e de lhe fazer todos os elogios, mas grande parte dos cortesãos foram recuando para junto da parede, sem conseguirem tirar os olhos de Catarina: como reagiria?

A rainha respirou fundo. Esperavam todos a sua reacção quando

finalmente tivesse a cara de Frances na sua mão, mas estava decidida - nunca mais daria a estas víboras a satisfação de a verem humilhada ou magoada, que Deus lhe desse força de cumprir a promessa que acabara de fazer. Quando a moeda com o perfil de Frances Stuart lhe chegou, um perfil perfeito e magnífico esculpido certamente pelo grande Philipe Rotier (deveria ter desconfiado quando ainda a semana passada o vira no escritório do rei), espantou-os a todos:

- Frances Stuart? Que escolha fabulosa - disse alto, numa voz segura. - Onde está a francesa que simboliza Inglaterra, pois quero felicitá-la pessoalmente?

Um murmúrio de admiração percorreu os convidados. A rainha aprendera muito nestes seis anos, nomeadamente a usar um humor cínico que, para ironia máxima, lhe fora certamente ensinado pelo próprio marido!

Charles ficou visivelmente atrapalhado. Havia quem acreditasse que nem sequer tinha medido as consequências do que fizera e percebia só agora a falta de respeito de tudo isto. Frances, de cabeça erguida, atravessou o salão sob o olhar dos presentes, apresentou-se junto da rainha e beijou-lhe a mão. Meg assobiou baixinho, para divertimento de Francis:

- Grande rainha! Não ficou qualquer dúvida de quem é a regina e de quem é a modelo, aquela que posa para medalhas e moedas...

- Que, para mal dos nossos pecados, não valem mais do que a prata de que são feitas - sussurrou de volta Francis Villiers.

Do outro lado da sala quem vociferava, sem temer troças ou ridículo, era a mulher mais afectada por esta paixão do rei: Barbara Palmer, mãe de cinco filhos do rei e até agora a influência mais poderosa sobre ele.

Se alguma coisa atenuou o sofrimento de Catarina, nessa noite, foi ver o desespero da Castlemaine.



Francis Villiers apertou a mão de Meg, e pediu:

- Tens de vir comigo até junto do meu irmão. Dependo das moedas que me deixa cair no colo, e além disso é importante não atrair desconfianças. Anda pior do que uma barata com a nossa ligação...

Lady Margaret lembrou-se de como já perdera Francis uma vez, e, fingindo-se bem-disposta, apertou-lhe com força a mão:

- Vamos então a isso.

Lord Buckingham estava, como sempre, rodeado de amigos, mas sobretudo de mulheres. Era o homem mais bonito do reino, dizia-se, embora não possuísse o charme do rei, o que lhe permitia manter a cabeça sobre os ombros, como comentava divertido. Além de bonito, era o feliz proprietário de uma inteligência cintilante e o irmão garantia que se envolvia em tantos jogos e estratégias apenas para não morrer de tédio. Quando viu o irmão mais novo a chegar de mão dada com uma das damas mais bonitas da corte, se não a mais bonita, sorriu-lhe descaradamente. Meg correspondeu ao sorriso e Buckingham sentiu-se atraído por ela:

- Irresistível futura cunhada, quer dançar comigo?

Lady Margaret fez-lhe uma delicada vénia e, com aquele ar perdido que sabia tão bem encenar, desculpou-se:

- My lord, fui uma tonta e calcei estes sapatos com um salto demasiado alto. Preferia ficar aqui a escutar a vossa conversa, que parece tão fascinante.

Buckingham olhou-a desconfiado, mas Meg estava determinada a ser simpática, e, fosse como fosse, o duque era mais do que susceptível à lisonja. Por isso, depressa se esqueceu dela, continuando a fazer-se de engraçado, radiante com as gargalhadas que conseguia colher. A conversa versava, obviamente, a moeda com o retrato da Stuart. Com piscadelas de olhos e insinuações, deixava claro o gáudio que a cena daquela noite lhe provocara.

- O rei está mais decidido do que nunca a ter Frances Stuart - dizia, delirante de felicidade.

Meg mantinha com dificuldade o sorriso, mas por dentro o sangue fervia-lhe nas veias.

- O que acha de tudo isto, lady Margaret? - perguntou-lhe o duque inesperadamente e à queima-roupa. O seu tom tinha mesmo qualquer coisa de ameaçador.

Meg manteve os olhos fixos nos dele e respondeu:

- Quem sou eu para saber o que vai, ou deixa de ir na cabeça do rei? Sabe-o certamente muito melhor o senhor duque, um dos seus melhores amigos, mas a moeda está de facto magnífica.

Francis deu graças a Deus pelo autocontrolo que a sua amada Meg era, afinal, capaz de revelar e pelo facto de o seu irmão ser o maior vaidoso à face da Terra. Desta vez nem sequer detectava a ironia que quem conhecia a Fanshawe percebia no seu comentário.

Mas Francis subitamente viu mais longe: Meg era linda e não o espantava, nem um bocadinho, a tolerância que o seu irmão George lhe demonstrava esta noite, mas toda esta tentativa de sedução trazia água no bico.

Apertando a mão da noiva, pediu licença aos presentes. Queria sair dali o mais rapidamente possível.

- Queremos ainda cumprimentar Frances. Dão-nos licença?

Meg foi arrastada a reboque, estarrecida. Baixinho, murmurava:

- Estás louco, a essa é que não vou falar.

Francis protestou entre dentes:

- Claro que não, só queria um pretexto para sair dali. Não te deixo muito tempo perto daquele tubarão.

Meg adorava ser admirada. Provocar ciúmes, então, dava-lhe um prazer imenso.

- Adorava alimentar os teus ciúmes, mas, infelizmente, acredita que

precisava de estar muito louca para ir na conversa de lord Buckingham! Aliás, estive quase a responder-lhe que se planeasse mais um golpe contra a rainha, quem lhe atirava com a moeda à cara era eu!

Mas Francis sabia bem daquilo que George era capaz. Por muito vivaça que fosse Margaret Fanshawe, vinha de uma família pacífica e boa, e era verdadeiramente incapaz de imaginar até onde a ambição de Buckingham o poderia levar...



A rainha sentou-se na sua cadeirinha alentejana, com Cenoura ao colo. As criadas queriam despir-lhe o vestido, prepará-la para a cama, mas Catarina parecia uma boneca de pano, sem reacção. Longe dos olhares daquela multidão, sentia a humilhação queimá-la por dentro, roubar-lhe todas as forças. Controlara-se, era um facto. Fora elogiada por isso por todos os que lhe eram queridos, mas de que lhe servira a coragem de representar um papel que não tinha nada que ver com a sua maneira de ser? Nem com o seu estatuto, por Deus. Mais uma vez, Charles não tivera a menor consideração pelos seus sentimentos, nem sequer o respeito mínimo exigido a uma esposa. Sentia-se em transe: quanto mais tempo suportaria viver assim? Quantas e quantas vezes fizera a si mesma essa pergunta, sabendo de antemão a resposta: sobreviveria sempre, as vezes que fossem precisas, desde que Charles não a deixasse... Pecava contra a sua própria dignidade? Tinha a certeza que sim, pensou com um encolher de ombros.

Uma pancada suave na porta levou-a a tomar consciência de onde estava. Mandou que entrasse. À frente tinha Meg, com os olhos inchados de tanto chorar. Sobressaltou-se. Ainda há pouco mais de uma hora a vira esfuziante a dançar nos braços de Francis, e reparara mesmo que se aproximara do odiado lord Buckingham, que se parecia ter rendido ao seu encanto. Ter-lhe-ia dito alguma coisa que a perturbara? Apontou-lhe a cadeira mais próxima de si.

- Buckingham? - interrogou.

Meg ficou estupefacta:

- Como sabe?

- Não sei nada, mas vi-a juntar-se ao grupo de gente que o rodeava, a sua própria cortezinha. E a minha experiência diz-me que não é possível aproximarmo-nos daquele homem sem que nos faça sofrer...

Meg abanou a cabeça, preocupada.

- Naquele momento tratou-me de forma simpática, e afastei-me à primeira oportunidade. Foi o que Francis me contou há momentos que me fez chorar... Hesitei em vir aqui repetir-lhe o que ouvi porque não a queria magoar, mas acho demasiado grave para lho esconder.

Magoar?, pensou Catarina, será que era possível ser ainda mais magoada?

A rainha segurou-lhe na mão e garantiu-lhe que era capaz de ouvir tudo. Meg sorriu:

- Foi tão fantástica hoje, a forma com reagiu àquela cena da moeda. Fiquei cheia de orgulho e inveja. Gostava de conseguir ser dura e bem-educada, como Sua Majestade.

Catarina sorriu-lhe:

- Demorei muito tempo a aprender que o cinismo é uma arma. Acredite que não fazia parte da minha educação e nunca a tinha visto a uso, até aqui chegar. Mas o meu marido é um bom professor - acrescentou, amargurada.
- Mas conte-me o que lhe disse Francis.

- Disse-me que depois de amanhã lord Buckingham, com a cumplicidade forçada da mulher, vai dar um baile de máscaras, tencionando embebedar Frances de tal forma a que ela ceda aos avanços do rei. Combinaram ter preparados uns aposentos...

Se Catarina achava que nada mais a podia chocar, enganava-se. Mary Fairfax? A pobre mulher do duque, infértil, armadilhada num casamento infeliz, consciente de que o seu casamento se devia apenas à sua imensa fortuna, aquela que era habitualmente a aliada natural da rainha de Inglaterra, com uma história tão semelhante à sua, ia agora conspirar

contra ela? Permitir que o marido levasse o rei a pecar, a trair a mulher, a roubar a virgindade a uma rapariga que ainda nem 19 anos tinha, e estaria demasiado alcoolizada para dar o seu livre consentimento a esta relação?

Meg observava o rosto da rainha que, de segundo a segundo, mudava de expressão, cor e tonalidade. O que iria Catarina fazer? Cruzar os braços perante mais uma afronta, afinal apenas mais uma?

Mas a rainha pôs-se pé de um salto, esquecida do cansaço e da depressão.

- Já chega de ficar quieta e ver os outros intrometerem-se no meu casamento, na minha felicidade.

Meg bateu palmas, feliz:

- Nunca pensei ouvi-la dizer isso, Sua Alteza. Acho que faz bem. Posso ajudá-la nalguma coisa?

- Não, minha pequenina, tenho pena que esteja envolvida nestas histórias sórdidas, mas eu trato de tudo. Agora vá-se deitar e não chore por mim, tenho Deus e o amor do meu lado. Agradeça ao seu Francis, garanta-lhe que vou ser absolutamente discreta e que o irmão nunca saberá de nada, nem sequer entenderá o que aconteceu.

Meg desejou-lhe as boas-noites, mas, quando já ia na porta, a rainha voltou a chamá-la:

- Lady Margaret, posso dar-lhe um conselho?

- Claro, fico-lhe muito grata, dona Catarina.

- Francis é bom rapaz, gosta de si, já o provou. Mas o irmão é uma péssima influência. Se aceita uma sugestão minha, casem e partam para o Novo Mundo. O príncipe Rupert, que é um apaixonado dessas terras novas, explica-vos tudo, até os negócios que ali se pode fazer. Construam a vossa vida a dois, longe daqui, desta corte corrupta e má... Se posso ser tão sincera consigo como foi comigo, é a única hipótese que têm de ser felizes. Caso contrário, lord Buckingham não hesitará em destruir-vos.

- Partir para Nova Iorque ou para o Canadá, dona Catarina? Mas é uma viagem para muitos ricos...

- Gostaria muito de vos dar um bom presente de casamento.

Meg protestou.

- Estou a ser sincera e era bem merecido, porque me serve com total lealdade e dedicação há anos. Mais do que isso, tem sido uma verdadeira amiga. Esta minha oferta permitia-vos começar a vida noutro lado. Quanto à viagem, Francis não terá dificuldade em tratar dela, depois de dois anos a bordo do Royal Charles.

Meg voltou para trás e abraçou a rainha, um abraço rápido, o máximo que tanto uma como outra eram capazes de suportar.

- Como é que, apesar dos seus problemas, tem capacidade de pensar nos meus! Obrigada, Sua Alteza.

Apesar da hora, Catarina mandou chamar Nan. Enviou-lhe um casaco de peles pelo mensageiro e disse-lhe que viesse assim mesmo, de camisa de noite e chinelos.

Quando a mais velha das Fanshawe entrou, atirou-lhe de chofre:

- A coscuvilhice não é o meu forte, lady Nan, mas sabe dizer-me se é verdade que lord Richmond está loucamente apaixonado por Frances Stuart?

Nan, surpreendida por aquele interrogatório nocturno, hesitou uns momentos.

- É verdade, sim, pelo menos anda sempre de volta dela, com olhos de carneiro mal morto, deprimido, tal o desgosto de se ver sem hipóteses. Mas não desiste.

- Frances despreza-o de facto?

Nan hesitou.

Mas a rainha tinha pressa:

- Não é altura de pudores. O que quero dizer é que tenho a impressão de que se Frances não achasse que podia caçar um rei consideraria o casamento com o duque um milagre, que Nosso Senhor me desculpe a blasfémia. Não é assim?

- Exactamente - disse Nan.

- Óptimo, pode ir.

O espanto cobriu a cara de Nan, mas obedeceu.

Depois da missa das sete, Catarina voltou da Queen's Chapel rapidamente. As suas damas corriam atrás dela, pensando em que bicho lhe havia mordido. Nan e Meg deixaram-se ficar para trás a conversar.

Frances já a esperava nos seus aposentos. A mesa estava posta para o pequeno-almoço, o chá e o doce de laranja amarga, que se tornara obrigatório.

Levantou-se quando viu chegar a rainha.

- Bom dia, Frances - e a rainha fez questão em usar o seu nome próprio, para que ficasse bem claro que a rapariga não tinha qualquer título ou estatuto.

- Bom dia, Sua Majestade - respondeu Frances, tão encantadoramente bela, a pele suave e sardenta, os caracóis dourados em redor do seu rosto aparentemente tão inocente.

- Queria falar-lhe de uma proposta que recebi. Uma proposta para si mas que me foi dirigida a mim, porque quem a fez entendeu que a devia fazer à sua guardiã.

Frances olhou-a, curiosa, e a rainha continuou:

- Lord Richmond - que bom, a rapariga corava! -, primo do meu marido, pediu-me autorização oficial para a namorar...

Frances levou a mão à boca, entre o espantado e o assustado. Mas Catarina não hesitou:

- Evidentemente que lhe disse que sim. Tenho consciência de que Frances não tem dote, nem fortuna - embora dê a ilusão do contrário pelas jóias que ultimamente usa, apeteceu-lhe acrescentar... -, parecendo-me o interesse de lord Richmond superar essas dificuldades, constituindo para si uma excelente solução. Não lhe parece?

A Stuart recordou a paixão, quase canina, de lord Richmond, as histórias dos seus palácios espalhados pelo país, a sua roupa cara e de bom gosto, e sobretudo entendeu claramente o que a rainha lhe queria dizer: não tinha fortuna e se continuasse o namorico com o seu marido, provavelmente nem esta nem mais nenhuma oportunidade alguma vez lhe surgiriam. Além disso, o discurso de Catarina deixava bem claro que os rumores que corriam de que estaria disposta a abdicar do trono e do marido, concedendo-lhe o divórcio e entrando para um convento, não passavam de rumores espalhados pelos inimigos do duque de Buckingham. Gente que a queria levar a ela, Frances, a sonhar com um futuro impossível. Sabia perfeitamente que tinha dado a imagem de ser burra, porque essa convicção alheia lhe convinha, mas estava longe de ser estúpida. Também não era má, mas a quem é que podia explicar que o drama de tudo isto é que amava verdadeiramente o rei? Mas nada disso importava agora. Percebia que a própria rainha de Inglaterra a colocava entre a espada e a parede, a dúvida que a atormentava era se suportaria perder o amor de Charles para sempre, como aconteceria se aceitasse a proposta de lord Richmond.

Catarina deitava chá em ambas as chávenas de porcelana que trouxera de Portugal, e colocava um scone em cada um dos pratos, como se tivesse todo o tempo do mundo. Onde aprendera a fazer este teatro, perguntou a si mesma?

Finalmente Frances falou:

- Nunca a quis magoar, dona Catarina.

Catarina olhou-a, ternamente:

- Eu sei, acredite. Imagino como é complicado, para uma adolescente órfã, num país que não conhece, resistir às atenções do próprio rei. Do rei e de todos os que, querendo agradar ao rei, lhe agradam a si. Imagino o orgulho que sente na sua beleza, sempre que se olha ao espelho, e

provavelmente como se convenceu de que gosta do rei, e de que talvez surja do céu uma oportunidade de o ter para si...

Catarina espantava-se com aquilo que era capaz de pôr por palavras, mas Frances quase desmaiava de angústia e medo - que Catarina era esta, e como era capaz de lhe ler o coração, de dizer estas coisas num tom sereno, sem acusações, nem sequer ironia...

A rainha leu o espanto na cara da miúda, e gostou do que viu. Fluente, continuou:

- Mas o que precisa de perceber, e falo do que já experimentei, é que toda essa atenção, todas essas pseudo-amizades podem desaparecer de um momento para o outro, deixando-a abandonada, sozinha e sem nada a que se agarrar. Tem de ter a inteligência de pensar mais longe. Afinal, de que lhe serve ceder aos impulsos momentâneos de Sua Majestade?

Frances pensou. De facto, o que acontecera a todas as outras favoritas, até a Barbara Palmer? Será que tudo isto era uma estratégia de Castlemaine para a tirar do seu caminho? Impossível, a rainha nunca entraria em conluio com a sua arqui-inimiga. Suspirou fundo:

- Desculpe, dona Catarina, mas o rei nunca consentirá esse casamento, mesmo que lord Richmond tenha a bondade de mo propor...

- O rei não precisa de saber, aliás, nem mais ninguém. Mas acredite que os inimigos da minha infertilidade, que abre a possibilidade de o duque de York vir a ser o herdeiro do trono de Inglaterra, vão dizer-lhe que, se for paciente e esperar, eu acabarei por desistir do meu lugar...

Frances deu um grito horrorizado:

- Frances, não sei se o seu susto é genuíno ou fingido, mas uma coisa lhe garanto: casei até que a morte me separe do meu marido e é exactamente até esse momento que serei casada com ele...

- Claro, claro que é assim que deve ser, dona Catarina!

- Ora, como nós, os Bragança, somos conhecidos pela nossa longevidade, julgo que não está interessada em esperar anos e anos pela minha morte.

Até porque a sua beleza, como a de todas as mulheres, acabará por amadurecer e transformar-se, e talvez não continue a agradar ao rei como indubitavelmente hoje acontece. Portanto, sobram-lhe duas hipóteses: ser amante do rei, receber uns presentes, até que a troque por outra, ou contrair um casamento honroso, que a tornará duquesa e assegurará o seu lugar na vida e na sociedade...

Catarina espantava-se a si própria. Que pena não poder contar a Meg e a Nan como fora brilhante na sua argumentação. Estaria a tornar-se uma víbora como aquelas com quem convivia todos os dias? Sorriu. Não era tempo de pensar nisso.

Frances não pediu tempo para pensar. Não o podia fazer. Aceitou o plano da rainha: namoraria em segredo, decidiria se queria casar com ele e fugiriam juntos, com a bênção de Catarina. O preço era a promessa de silêncio...

- Amanhã pelas seis horas Richmond estará nos seus aposentos - disse a rainha, e Frances percebeu que a rainha troçava assim do facto de a jovem ter aceitado que o rei lhe oferecesse uma ala do palácio.

Frances estremeceu.

- Já amanhã? Mas amanhã o rei espera que vá com ele a uma festa em casa de lord Buckingham...

A rainha teve dificuldade em esconder a sua fúria. Então sempre era tudo verdade e os seus inimigos mostravam-se capazes de tudo. Pior, esta tonta que tinha à frente acreditava que podia negociar com a rainha, mais um dia, mais uma noite, mais um momento com o marido alheio? Friamente, retorquiu:

- Diga que está doente, ou que a rainha de Inglaterra lhe pediu que lhe lesse alto, e a impede de acompanhar o seu legítimo esposo a uma festa! - afirmou Catarina, zangada.

Frances percebeu que fora longe de mais. Saiu dos aposentos da rainha em estado de choque. O que a transformara do dia para a noite?



Lord Richmond estava feliz. Catarina mandara chamá-lo, e dissera-lhe que, vendo o interesse que tinha em Frances Stuart, e por considerá-lo correspondido, vinha dizer-lhe que contavam com a sua bênção. Mais ainda, convidava-o a visitar Frances nos seus próprios aposentos...

Richmond percebia o interesse da rainha nesta solução, estavam afinal unidos no mesmo propósito, ou seja, impedir que aqueles que amavam os preterissem a favor de outros. Compreendia e solidarizava-se com a pobre Catarina de Bragança, uma mulher honrada, que se via obrigada a suportar sucessivas paixões do marido na sua sala de estar. Lord Richmond jurou silêncio, e nesse fim de tarde, como um miúdo apaixonado, bateu à porta de Frances, de ramo de flores na mão...

Catarina, com a ajuda de Nan, tinha ido mais longe, mais longe do que alguma vez se imaginara capaz. Sabia que Charles insistiria com Frances para que o acompanhasse à espectacular festa de Buckingham, sabia que o marido via naquele evento fora de casa a oportunidade de vencer os remorsos da sua dama, mas não podia ser ela a pedir-lhe que não fosse ou a semear a dúvida de que talvez a sua adorada Frances tivesse outros planos, preferisse outro homem. Não podia enterrar-se ainda mais neste complot que, surpreendentemente, a enchia de energia e boa disposição. De facto, agir era bem melhor do que suportar quieta as humilhações que lhe infligiam, concluiu.

Nan estava encarregada de manipular Barbara Palmer, de a tornar a má da historia. Era tão fácil. Bastava dizer alto no dormitório que soubera de um encontro entre Frances e um namorado, marcado para quando o rei estava fora do palácio. O resto, estava certa, aconteceria por si. Uma das amiguinhas da Castlemaine apressara-se a levar-lhe o recado, sem consciência do que fazia. No actual estado de perpétua ira em que Palmer se encontrava, nem por um minuto julgaria estar a ser armadilhada, porque, como lhe dissera Catarina, «quando somos maus, julgamos que os outros são iguais a nós, e como ela trai o rei a todo o momento, está certa de que Frances também o fará!», Nan riu-se a bom rir. Se ao menos o seu querido Francisco ali estivesse e lhe pudesse contar como a sua infanta se revelava uma verdadeira artista nas intrigas da corte. Mas nem sequer se

podia atrever a pôr por escrito segredos tão delicados. Mas quando lhe contasse o epílogo da história, que esperava que fosse público, arranjaria forma de o marquês de Sande entender tudo o resto.



Três dias depois, Nan sentava-se na secretária da salinha das damas e, mordendo a língua, começava uma carta deliciosa.

«Meu amor», dizia, «perdeste o episódio mais divertido dos últimos anos: Frances no more!». Depois contava-lhe em pormenor como o rei voltara de uma festa, avisado por Palmer de que a sua adorada Vénus inventara uma desculpa para não ir com ele a casa de Buckingham, e encontrara a rapariga languidamente deitada num canapé, de mão dada com o duque de Richmond, que lhe pedia a mão em casamento.

«Mas a francesa, afinal, tinha alguma fibra», acrescentava, porque quando o rei fez uma cena imensa, mandando sair dali o pobre e assustado Richmond, «que não me parece grande figura», acrescentava, Frances ficara furiosa. Protestara contra o próprio rei, lembrando-lhe que não era propriedade sua. Quando Sua Majestade a acusou de ser uma virtuosa fingida, porque aceitava a visita aos seus aposentos de outro homem enquanto negava ao rei esse privilégio, Stuart - contava Nan - levantara-lhe a voz, dizendo-lhe: «A grande diferença, Sua Alteza, é que lord Richmond é um homem solteiro, que me veio fazer uma proposta séria.» Charles, ao que constava, ficara perfeitamente atordoado e saíra pela porta, em fúria. Felizmente, dois dias depois, e não se sabe com a ajuda de quem, Frances Stuart fugia de Whitehall e casava em segredo com Richmond que, Nan confessava tristemente ao marquês, «ela não ama, nem muito, nem pouco, nem nada».

Quanto ao rei, quando soubera do elopment ficara tão triste, apático e deprimido, que até a boa da rainha tivera pena dele. Felizmente, a sua fúria virara-se apenas contra Barbara Palmer, que, estava certo, urdira este arranjinho, convencida de que sem Frances Charles voltaria a frequentá-la com mais assiduidade, devolvendo-lhe a sua importância na corte, ou não fosse mãe dos seus filhos e a única que conseguira manter o seu desejo aceso tantos anos a fio. Só podia ser essa a história, ou não

tivesse sido ela a avisá-lo da hora do encontro de Richmond e a provocar aquela zanga com Frances. Zangado e sentindo-se o alvo da troça silenciosa dos seus súbditos, decidira expulsar Palmer da corte. Silenciosamente, Catarina rejubilava, tinha a certeza disso, embora nem a rainha acreditasse que o exílio durasse muito, contava Nan.

« Como vês, Francisco, não pode haver nada suficientemente interessante em Portugal para te prender aí. Deixa Lisboa e vem para junto de mim, Ann Fanshawe, a mulher que mais te adora neste Mundo!», terminava.

Sande adorara a carta. Já conhecia suficientemente bem Nan para perceber, nas entrelinhas, que ela tomara parte neste complot, e, embora lhe custasse acreditar, sabia que só o teria feito se tivesse recebido ordens explícitas de D. Catarina. Decididamente, a rainha estava a aprender umas coisas, e isso deixava-o extremamente satisfeito.

Como gostaria de voltar, já nada o prendia a Portugal. Era tempo, pensando bem, de tratar mas era do seu casamento. Hoje mesmo iniciaria o processo: estava certo de que sir Charles o receberia na corte inglesa de braços abertos, e os negócios do príncipe Rupert tinham-lhe parecido promissores. O Novo Mundo? Teria idade para arriscar ainda mais essa viagem? Ficou sentado na varanda de sua casa, o cheiro das frésias do jardim a acordarem dentro de si o desejo de Nan.

30

Hampton Court, Agosto de 1667

Era decididamente o palácio favorito de Catarina. Os pátios que abriam uns para os outros, as fontes, os jardins e o caminho de água, que Charles mandara construir para ela, e onde as árvores, então tão pequeninas, estavam já imponentes, davam-lhe a sensação de estar em casa. A casa que o rei lhe destinara.

Charles, no entanto, não aguentava estar preso muito tempo, e saltitava para Windsor, e dali para Londres, onde não resistia aos teatros, ao ritual da noite, dos copos e das actrizes, que exerciam sobre ele um poder irresistível. Catarina estava tão preocupada com a melancolia que o recente ataque holandês aos barcos fundeados no Tamisa, a humilhação das humilhações sofrida pela armada inglesa, e sobretudo a fuga de Frances lhe provocaram, que fazia ouvidos moucos às histórias da sua nova paixão. Nell Gwyn era uma jovem actriz cheia de «talento» que, segundo os relatos que chegaram à corte, tratava o rei de igual para igual e o divertia com a sua irreverência e franqueza. Um corpo de formas magníficas, de uma mulher de pouco mais de 18 anos, fazia certamente o resto, suspirava.

Nell, francamente, não preocupava a rainha, fazia parte daquela categoria que D. Luísa lhe dissera não ser importante. Já se tinha informado, e era uma rapariga pobre, filha de uma dona de casa de passe e de pai incógnito, maltratada pela vida, mas sem guardar ressentimentos nem amarguras.

- Dizem que faz rir o rei - contava a Nan e a Meg -, e o mais estranho é que nem me importo da sua existência, se lhe der um pouco de alegria.

As irmãs Fanshawe abriram os olhos, genuinamente chocadas:

- Meu Deus, dona Catarina! - foi tudo o que conseguiram dizer.

Catarina encolhera os ombros, voltando a enfiar a agulha no bordado.

Não podia dizer alto que, comparado com o sofrimento recente de ter perdido mais um filho, tudo o resto lhe parecia absolutamente mesquinho. Fora uma gravidez-relâmpago, apenas umas semanas de falta, mas o suficiente para lhe alvoroçar o coração. Não dissera nada a ninguém, mas as mulheres que a serviam de perto sabiam estas coisas, e rezavam que não voltasse a ser uma desilusão. Mas fora. Os sinais estavam todos lá, as náuseas, o peito dorido, e a certeza interior de que uma nova vida, um Charles pequenino e adorável se mexia dentro de si, mas, mais uma vez, tudo terminara num banho de sangue.

Lady Suffolk sentara-se nessa noite junto da sua cama, amparando-lhe a dor, já sem se coibir de a abraçar e de a adormecer com festinhas no cabelo. Ambas tinham feito um pacto de silêncio, e a rainha guardara dentro de si a dor a sete chaves. De tal forma que, por vezes, se perguntava se no fundo de si mesma não se conformara já com o seu destino. Talvez estivesse destinada a reservar todo o seu amor para Charles, o seu menino e o seu homem. E enquanto o rei a amasse, mesmo que fosse daquela estranha maneira, mas cada vez mais dependente e dedicada, desde que se mantivesse próximo, mesmo que não a toda a hora, desde que confiasse nela as suas angústias e lhe solicitasse o seu conselho, acreditava que conseguiria ser feliz. Quanto à cama, ao sexo, ao desejo de conceber, que assombrara até agora as suas noites, desaparecera. Sabia que as amantes do marido iriam continuar a procriar, e que ela não. A doença de Joana e Teodósio tinha, apesar de tudo, poupado-lhe a vida, permitindo-lhe amar e ser amada. Era certamente um desígnio de Deus, e estava grata.

31

Londres, 10 de Dezembro de 1667

Catarina não queria acreditar. Não bastava a agitação em Inglaterra, a publicação de uma lei que permitia a expulsão de todos os padres jesuítas do reino, ou seja, de todos os padres, porque de uma maneira ou de outra os inquisidores arranjavam forma de os ligar a Santo Inácio de Loyola, os pedidos secretos que lhe chegavam para que ajudasse mais um a fugir, ou as solicitações das irmãs católicas que procuravam um refúgio dos perseguidores, e agora Portugal também a traía?

A carta chegara naquela manhã e num primeiro momento julgara que era de algum dos irmãos a desejar-lhe os parabéns pelos seus 29 anos, mas observando melhor percebeu que a caligrafia lhe era desconhecida. Escrevia-lhe o conde de Castelo Melhor, em nome do seu irmão Afonso, «que estava demasiado perturbado para segurar a pena», dando-lhe conta que o infante D. Pedro obrigara o rei a abandonar o governo do reino, apesar de lhe permitir manter o título de rei. Com o apoio das Cortes, o seu irmão mais novo, que tinha apenas 19 anos, destituía Afonso, cinco anos mais velho, depunha o rei e com ele todos os seus ministros. Na prática usurpara-lhe o trono, e D. Pedro era rei de Portugal. António Sousa de Macedo e ele, Luís de Vasconcelos e Sousa, tinham sido exilados, mas antes de partir para Turim sentia-se na obrigação de dar uma explicação à rainha de Inglaterra. Terminava afirmando que D. Afonso lhe escreveria pessoalmente, logo que se sentisse capaz.

Catarina segurava na carta enquanto andava de um lado para o outro do seu quarto. Sentia-se furiosa, zangada como nunca o estivera, enervada. Num impulso, saiu pela porta, sem dizer nada a ninguém, e correu pelo corredor direita ao escritório de Charles. Bateu à porta, e entrou antes de ouvir ordem para tal. Quando viu a palidez da mulher e a carta que trazia na mão, Charles mandou sair todos os seus ministros.

- Catarina, o que é que aconteceu?

A rainha explicou-lhe tudo, entre gestos, gritos e protestos:

- Eu sabia, Charles, eu sabia que isto ia acontecer, e no entanto jurava a mim própria que era impossível, que Pedro nunca teria a coragem de agir assim. Mas agora aconteceu aquilo que frei Pedro e eu tanto tememos: o meu irmão mais novo e mais mimado, que cresceu com a convicção, correcta, de que a minha mãe o queria a reinar, tomou o lugar de Afonso. Ai, meu Deus, como deve estar o pobre Afonso. Acabado de casar, Charles, e roubam-lhe o trono?

Charles obrigou-a a sentar-se, e, deixando-se cair no sofá ao seu lado, respirou longamente:

- Terrível, Catarina, terrível, minha pobre mulherzinha. Sei que para si tudo isto é impensável, incorrecto, cruel, mas o gesto de Pedro conta com o apoio das Cortes, e isso quer dizer qualquer coisa. Talvez o Governo de Afonso fosse realmente impossível de sustentar - arriscou.

- Não, não é nada disso. Não digo que Afonso fosse o melhor dos reis, mas Castelo Melhor era um magnífico primeiro-ministro, e nestes cinco anos, e com a ajuda de Inglaterra, Portugal venceu as últimas batalhas contra Espanha, o país está finalmente em paz. Não é a competência de Castelo Melhor nem do seu Governo que está em causa, mas a ambição do meu irmão Pedro. Charles, aos seis anos os meus pais deram-lhe uma Casa, recusando-a a Afonso, o herdeiro ao trono. Já então estava tudo dito.

A imagem de Afonso, por trás da cortina, voltou nítida. Frei Pedro e Catarina desde esse minuto conheciam o futuro.

- Catarina, dentro de dias estará aqui o embaixador, temos de nos preparar...

- Não aceitamos esta situação, não reconhecemos Pedro, está tudo decidido.

- Minha adorada Catarina, Inglaterra não vai poder assumir uma posição tão radical. Direi que vamos esperar para ver...

- Esperar para ver, Charles? Vamos abandonar o meu irmão Afonso? Não podemos!

- Esperar para ver, é isso mesmo, esperar. Mas diplomaticamente manifestamos o nosso apoio a Afonso, porque Castelo Melhor receberá da rainha de Inglaterra um convite para que se exile na nossa corte. Julgo que era altura de solicitar ao marquês de Sande, que não estará certamente neste momento numa posição muito confortável, tendo sido o mediador do casamento do rei com Maria Francisca, para regressar imediatamente a Londres.

Catarina olhou o marido com adoração. Nestes momentos sabia porque o amava, em tantos outros amava-o sem saber porquê...



Quando saiu dos quartos da rainha, Nan correu à procura de Meg para lhe contar o que acabara de saber, e encontrou-a no jardim, de braço dado com Francis.

- Mana, graças a Deus, há uma revolução em Portugal e a rainha mandou vir dom Francisco. Meg, o Francisco vem aí...

Meg abraçou-a com força.

Umas semanas depois, Sande comunicava à rainha, e simultaneamente numa carta apaixonada a Nan, que tencionava chegar a Londres antes do Natal.

Não falava na rainha de Portugal, e Catarina entendeu o significado do seu silêncio, que confirmava os rumores da infidelidade de Maria Francisca e as insinuações de que preparava este golpe palaciano com o cunhado Pedro. Mais ainda, que fora o seu ódio pessoal a Castelo Melhor, com quem se incompatibilizara desde o primeiro momento, que a tinha levado a instigar o amante...

Catarina pensava nisto, junto da janela, olhando as damas a patinar sobre o gelo no canal de St. James. Porque será que o mundo parecia de repente virar-se todo do avesso? Por Inglaterra as coisas não estavam melhores. Edward Hyde era agora o bode expiatório dos ódios ingleses - bem lhe dizia a mãe que quando não há dinheiro alguém tem de ser

enforcado na praça pública. Percebia, pelas suas conversas com Charles, que era mesmo esse o fim que o rei temia, e de como o desesperava não ser capaz de convencer o seu chanceler a demitir-se, aceitando que a idade o tornara menos capaz. Charles confidenciava a Catarina que já não suportava os sermões de Hyde, as suas reprimendas, as suas amarguras. Por muito que lhe devesse, sentia já ter pago tudo. Mas Hyde recusava todas as saídas honrosas.

Simplesmente tudo se agravara de repente, como ainda ontem lhe explicara o marido, quando inesperadamente surgira entre os seus lençóis...

Encostando-se meigamente a Catarina, contara:

- Pintaram os piores insultos na porta de casa do chanceler...

- O que é que diziam? De que é que o acusam, coitado do senhor, que ainda por cima é sogro do irmão do rei...

- Pois, essa é exactamente uma das acusações.

- E as outras?

- Disparates que não interessam a ninguém, delírios de loucos. As palavras eram acompanhadas do desenho de uma forca, é gente má e doente.

Catarina percebeu que lhe diziam respeito. Mordeu o lábio, e insistiu:

- Acusam-no de ter casado o rei com uma mulher infértil, de propósito para que a sua filha possa ser rainha de Inglaterra, e mais?

Charles agradeceu a escuridão do quarto que escondia a pena que sentia por não poder desmentir a presunção de Catarina.

- Charles, por favor, diga-me.

O rei suspirou:

- Sim, isso mesmo, de não ter escutado os avisos dos espanhóis, que já então diziam que a infanta portuguesa...

Catarina sentiu que o corpo se tornava tão tenso como a corda numa viola, e Charles apressou-se a acrescentar:

- E de ter vendido Dunquerque, a nossa praça em França, e de ter entregado Tânger aos espanhóis. - Catarina indignou-se:

- Mas isso é mentira, não é? Não estava cá quando foi Dunquerque, mas a decisão de vender nunca poderia ter sido a de um pobre chanceler...

- Claro que não foi dele, nem podia ser, só mentes maldosas poderiam acreditar numa coisa dessas. Mas o povo é assim, agradece o dinheiro, mas esquece-se de que não cresce nas árvores.

- Tânger? Não entregámos Tânger, por amor de Deus. Alguma vez o faríamos? Aos castelhanos, contra quem Portugal lutou trinta anos...

Charles pensou, para si, que a praça só lhe dera prejuízos, porque os soldados necessários para a manter na posse de Inglaterra custavam rios de dinheiro, mas não era altura de perturbar ainda mais a rainha.

- Não era a senhora sua mãe que dizia que era importante agradar ao povo, mas que não se podia confiar nele? Aqui está a prova de que dona Luísa de Gusmão, que sempre admirei, sabia do que falava.

Ficaram em silêncio e adormeceram. Para Catarina, o importante é que estavam juntos.

Na manhã seguinte a rainha sentou-se à janela, rindo com os risos que via na boca das suas damas, que passeavam lá fora na neve. Um dos criados tossiu mesmo junto de si, e a rainha percebeu que lhe estendia, numa bandeja de prata, um bilhete de Charles. O selo tinha as armas do rei e estava marcado de «Urgente». Começava a ficar alérgica a cartas. Tremia só de olhar para elas. Respirou fundo e abriu-a. Charles dizia-lhe que soubera que os seus inimigos se preparavam para acusar Hyde de traição e o levar para a Torre de Londres. Dava-lhe nota de que o chanceler e a mulher já iam, naquele momento, a caminho do barco que os levaria para o exílio. Pedia-lhe que queimasse a carta, esperasse 24 horas e fosse então consolar a cunhada Anne e as sobrinhas.

Pobre Hyde, que com tanta alegria acreditara que a aclamação de

Charles lhe dera direito a encontrar na sua pátria o descanso, depois de ter acompanhado o pretendente ao trono tantos anos por montes e vales...

Mas não era só Hyde que iria sofrer. Catarina sabia que perder o trono, tornar-se de novo um vagabundo do mundo, era o maior terror do marido. Deixara o seu chanceler cair para se proteger mas colocava-se assim mais próximo do abismo.

32

St. James Palace, 14 de Dezembro de 1667

A rainha levou as mãos à garganta. Faltava-lhe o ar, não conseguia respirar. O embaixador de Portugal entrou em pânico, gritou por socorro, não sabia se em inglês ou em português, e as criadas, as damas, a Guarda da Rainha acorreram em peso.

Catarina não os via sequer. Tombou sobre uma cadeira, o embaixador ajudou-a a sentar-se, e lady Suffolk assumiu rapidamente o comando.

- Saiam todos daqui e chamem um dos médicos.

Virando-se para Meg, que estava mesmo ali à mão e falava português, disse-lhe:

- Lady Margaret, por favor, acompanhe o senhor embaixador.

Depois mais baixo, para que só ela ouvisse:

- De forma discreta, tente perceber que notícia foi esta, para deixar a rainha neste estado. Confio que não a repetirá depois, nem ao seu querido Francis - acrescentou, num tom autoritário.

Meg conduziu o senhor para a sala do lado. Pediu-lhe que se sentasse, porque estava visivelmente abalado com toda aquela agitação, e mandou vir um chá. Apresentou-se como filha de sir Richard Fanshawe e percebeu que a cara do embaixador se abria num sorriso:

- Lady Margaret, conheço bem o seu pai e aprecio muito o seu trabalho. Ficou tão abalado como a rainha quando lhe dei a triste notícia.

Meg aproveitou a oportunidade:

- Triste notícia? - perguntou, com o ar mais ingénuo possível.

- Não é nenhum segredo, apenas uma notícia terrível, apenas uma notícia terrível...

Meg começava a ficar assustada.

- Por favor, para que eu possa ajudar a rainha, pode dizer-me o que se passa?

O embaixador levantou-se e começou a andar de um lado para o outro do sala, tentando dominar o nervosismo:

- O marquês de Sande foi assassinado em Lisboa.

O coração da pequenina Fanshawe começou a bater acelerado, a sua pele já tão branca ficou absolutamente lívida, e o embaixador teve de correr para o seu lado e dar-lhe a beber do seu próprio chá com muito açúcar.

Meg tossiu e afastou a chávena. Numa voz gelada, perguntou:

- O marquês de Sande assassinado? Mas porquê? Mas por quem?

- Por engano, lady Margaret. Vinha da missa na carruagem de um amigo, que pelos vistos tinha inimigos... Um ajuste de contas de que não era o alvo, mas de que foi a vítima. Pelo menos é o que se julga. Morreu instantaneamente - acrescentou, como para a consolar.

- Meu Deus, Meu Deus, não admira que a rainha tenha desmaiado. Como, como conseguiriam dar uma notícia como esta a Nan? Nan que marcava os dias no calendário do Advento, não para contar os dias até ao Natal, mas para tentar acelerar o tempo até à chegada do seu querido Francisco. Contava as semanas, os dias e as horas, e lia e relia todas as cartas, sobretudo esta última, em que o marquês lhe confessava o desejo de passar com ela o resto da sua vida, aqui em Inglaterra, a nova pátria da sua rainha.

- Por favor, senhor embaixador, vá-se embora - disse-lhe, procurando manter todo o seu autocontrolo. Que Deus a ajudasse a não quebrar, não podia, não devia, Nan não merecia que também ela, a sua irmã querida, a abandonasse agora.



Lady Suffolk encontrou Meg sentada no chão, como uma criança pequena, com os olhos na lareira, em estado de choque. Não era típico da Fanshawe mais nova este alheamento. Assustada, dobrou-se com esforço, e murmurou numa voz doce:

- Meg, Meg, que notícia tenebrosa é esta, que te deixa assim e quase mata a nossa rainha?

Meg, sempre tão capaz de esconder os sentimentos, desta vez atirou-se para os braços de lady Suffolk e soluçou:

- Não sou capaz de repetir, não sou, é como se passasse a ser verdade. Se me atrever a pronunciar as palavras, acontece... Talvez seja só um pesadelo. Lady Suffolk, diga-me que é um pesadelo mau, que já se vai embora.

Lady Suffolk estava próxima do pânico: o que podia vir de Lisboa que afectasse assim também a dama da rainha?

- Não sei do que se trata, minha querida, mas tens de falar...

Meg, engasgada pelas lágrimas, o corpo a tremer incontrolavelmente, balbuciou:

- O marquês de Sande foi assassinado. Em Lisboa. Por engano. Mas morreu, lady Suffolk, morreu, e agora como é que dou a notícia à minha irmã? É segredo, mas sei que sabe, dom Francisco voltava antes do Natal e ele e Nan iam casar...

Lady Suffolk sentiu um murro no estômago. Gostava do marquês de Sande, gostava mesmo muito, apesar do seu estilo distante, às vezes frio, e percebera o encantamento de Nan por ele, e dele por Nan...

Naquele momento, e sem se fazer anunciar, o rei entrou na sala. Já sabia da morte de Sande, e acelerou o passo em direcção às duas mulheres. Com uma mão ajudou lady Suffolk a levantar-se, puxando uma cadeira para que se sentasse. Depois dobrou os joelhos e beijou a testa de Meg

carinhosamente:

- Minha pequenina, custa tanto crescer, perder aqueles de quem gostamos.

Pondo-lhe um dedo sobre a boca em sinal de silêncio, acrescentou:

- Sei que não chora por si, lady Meg. A rainha tem-me falado com um entusiasmo infantil do romance de Nan com Sande, vá lá a gente saber o que viu a sua irmã naquele homem, comigo aqui tão perto - estúpido, pensou, porque é que não resistes a fugir para o humor quando não sabes o que dizer? - Não ligue, disparates. Diga-me só, a sua irmã sabe?

Meg abanou que não com a cabeça e lady Suffolk acrescentou:

- A rainha desmaiou, está deitada, o médico receitou-lhe um calmante. Só agora soube do noivado de lady Ann, Sua Majestade, e de que esperava casar já pelo Natal - contou, desolada.

Charles era um homem de crises. Sentia-se tão feliz por ser útil, por perceber que os seus gestos traziam felicidade e serenidade às pessoas aflitas, que quando se via apanhado numa situação como esta tornava-se rápido, seguro, ágil, e, sim, genuinamente reconfortante.

- Lady Meg, vamos levantar-nos daí, e tratar deste assunto, o melhor que formos capazes. Lady Ann vai precisar muito de si. Mas talvez, mais do que de todas as outras pessoas, vai precisar da mãe, não?

Meg acenou que sim com a cabeça. Apesar da vida na corte, ambas as filhas mantinham uma relação muito forte com a mãe e os irmãos. Lady Fanshawe morava perto e era habitual irem a casa nos dias de festa. Sim, nada faria melhor a Nan do que voltar para o ninho, ser mimada pela sua querida mummy, visitada pela rainha, animada pelos irmãos mais pequeninos...

- Pensei que sim, e lady Fanshawe vem já a caminho. O seu pai deu-lhe também a notícia hoje, por isso é natural que venha abalada, mas certamente menos do que vocês - comentou. - Agora vamos ter com Nan.

Sentada sobre a coberta de seda, de mão dada com a rainha que não

parava de chorar, apesar do sedativo, Nan já não sabia o que fazer, ou dizer, para a consolar. Desta vez Catarina não abrira a boca, não confidenciara uma palavra, não deixara perceber a natureza da notícia recebida.

Quando o rei abriu as portas de par em par, Catarina abriu os olhos como quem pede socorro, sem proferir uma palavra, e Nan deu um salto de espanto.

Saltando para o chão, fez-lhe uma vénia:

- Sua Alteza, bom dia. A rainha recebeu uma má notícia do embaixador de Portugal, e não pára de chorar - acrescentou, as mãos abertas ao lado do corpo, como uma criança que não consegue explicar o que está a acontecer.

Charles aproximou-se da mulher, beijou-a nos lábios e passou-lhe uma mão pelo cabelo. Sussurrou-lhe ao ouvido qualquer coisa, e o rosto de Catarina pareceu descontrair. Falando alto, acrescentou:

- Senhora minha mulher, espero-a para almoçar. Mal se sinta melhor, por favor vá ter comigo...

Catarina acenou que sim com a cabeça. As criadas espantaram-se: porque é que Sua Alteza mandava a rainha levantar-se quando estava tão abatida? Mas Charles sabia o que fazia.

Virando-se para Nan, ainda mais boquiaberta, pegou-lhe no braço e disse-lhe:

- Vamos dar um passeio, nós os dois.

- E eu também - disse Meg, e a irmã reparou de repente que os olhos da irmã estavam encarnados de chorar. Começou a tremer dos pés à cabeça, mas Charles pegou-lhe praticamente ao colo e levou-a para a sala da lareira. Não queria que a rainha se tornasse a comover, não até ter recuperado um pouco das suas forças. Conhecia Catarina e sabia que, por muito magoada que estivesse, faria uso de toda a sua força interior para ajudar a sua dama favorita a ultrapassar esta dor.

Nan deixou-se arrastar, abraçar e aconchegar nos braços do rei. O seu cérebro corria como uma lebre: a única coisa que os unia a todos era Francisco, o seu Francisco.

- O que é que lhe aconteceu? Digam-me depressa - insistia.

Meg estava aos seus pés, o rei mantinha-a segura nos seus braços, com aqueles gestos que lhe eram tão naturais, apesar de chocarem tanto quem os observava de fora. Foi Meg quem falou:

- Nan, o marquês de Sande foi assassinado.

- Morreu? - sussurrou sem perceber que o que dizia não fazia sentido.

- Morreu, mana querida. Morreu por engano, seguia na carruagem de um amigo, o golpe da espada não era para ele.

Nan não chorava. Os olhos verdes brilhavam, como se uma febre alta tivesse tomado conta do seu corpo. Silenciosamente levantou-se, aceitou o braço protector do rei, e caminhou até ao seu quarto. Com gestos mecânicos tirou de cima da sua mesinha a caixa onde guardava as cartas de Francisco, e pediu:

- Meg, leva-me para casa.

Lady Fanshawe acabava de entrar no quarto, afogueada, e ao ver Nan correu a abraçá-la com força, tão decidida a proteger a sua querida filha que nem reparou que o homem do outro lado da cama era o rei. Charles fez um gesto a Meg para que nada dissesse, e saiu silenciosamente pela porta.



Catarina esperava-o nos seus aposentos, para almoçar. Pintara-se, mudara de vestido. Queria ser tudo o que o marido esperava dela, e o coração enchia-se de uma gratidão imensa. Em palavras breves, o rei contou-lhe como julgara melhor enviar Nan para casa, onde, entre o colo da mãe e a animação de uma casa cheia de irmãos, podia chorar à vontade, longe da coscuvilhice da corte, sem ser obrigada a partilhar um dormitório

com «víboras maldosas, que é aquilo que a maioria delas são», comentava, com uma lucidez que à rainha parecia avassaladora. Este Charles, este homem que surgia sempre que estava realmente perdida, parecia-lhe ter a forma de um anjo-da-guarda. O seu comportamento era tão invulgar, tão doce, tão generoso, nestes momentos, que era impossível acreditar que fosse o mesmo que tantas vezes a magoava com os gestos e as atitudes mais inconcebíveis. Decididamente não era um, mas dois. E ela tinha agora o melhor dos dois.



A rainha nomeara um estribeiro-mor. Depois de se ter recusado a fazê-lo em protesto contra o despedimento de Edward, aceitara há pouco que o lugar fosse preenchido pelo seu irmão mais novo, Ralph Montagu. Era um rapaz dedicado mas nem o cabelo era encarnado, nem tinha aquela perspicácia de Edward para adivinhar o que lhe ia na alma e no pensamento, nem tão-pouco alguma vez se lembraria de lhe oferecer uma raposinha - pobre Cenoura que acabara por morrer ao colo da rainha. Catarina naquela manhã chamou Ralph e pediu-lhe uma carruagem para as três horas. Deixara passar dois dias, mandara dizer várias missas pela alma de D. Francisco, mas agora sentia um impulso irresistível de acorrer à sua «menina». Sabia que não era muito mais velha do que ela, mas sempre encarara Nan como uma irmã mais nova, ou mesmo como a filha que gostaria de ter tido.

Como reagiria ela se Charles morresse? Afastou o pensamento da cabeça. Pobre Ann Fanshawe, que se entregara de alma e coração a este sonho, e fora capaz de transformar um homem duro e batido pela vida num sentimental. Um sorriso percorreu os lábios de Catarina: era isso, era isso que a tinha de fazer sentir: que Nan dera ao marquês mais do que ele alguma vez sonhara ainda viver, amara-o de forma apaixonada e ingénua, e esse amor fora capaz de mover montanhas. Não tinha sido uma brincadeira, um amor passageiro, mas um marco, uma ponte para que D. Francisco hoje estivesse mais perto de Deus, porque se tornara um homem melhor.

Quando chegaram a casa dos Fanshawe, uma casa relativamente modesta e sóbria, a rainha viu junto ao ribeiro dois vultos. Meg e Nan

passeavam de mãos dadas, botas nos pés, indiferentes ao frio. O céu estava invulgarmente azul para Dezembro, e o ar, translúcido, daqueles em que a primeira inspiração quase nos congela os pulmões.

Lady Fanshawe estava à porta, e fez-lhe uma profunda vénia. D. Catarina abraçou-a, sem protocolos.

Que inveja, pensou de súbito a rainha, ao ver as crianças presas ao vestido da mãe, todas elas ansiosas por olhar a rainha de que tanto se falava naquela casa. Catarina sorriu-lhes, e esticou-se para apanhar Richard, o mais pequenino, que com dois anos era rechonchudo e rosado, com o cabelo ondulado de Meg, os olhos penetrantes de Nan. Beijou-lhe a testa antes de o pousar, enquanto dizia à senhora da casa:

- São os momentos de alegria que nos dão forças para suportar alturas como esta. Como está Nan?

Lady Fanshawe fez um sorriso triste:

- Nunca queremos que uma filha sofra, nem um bocadinho, quanto mais um desgosto assim, logo agora quando todas as esperanças estavam ainda por realizar. É sempre cruel quando os sonhos se despedaçam sem chegarem a acontecer. Como, aliás, Sua Majestade sabe tão bem - atreveu-se a acrescentar.

Catarina tremeu, e pensou nos seus bebés perdidos, nos filhos que nunca teria. Lady Fanshawe continuou, aflita, procurando desviar a conversa para terreno mais seguro:

- Também a sua mãe foi obrigada a vê-la partir, e como estava lá e vi percebi bem como foi corajosa, como se despediu de si naquela escada de mármore do paço, sorrindo-lhe como se não fosse nada, desejosa de a encher de alegria e confiança. Via-a depois, o rosto colado à vidraça, a saudade da única filha que se ia embora, para um país distante...

- Mas eu sabia que ia casar, que ia ter com o meu marido, que uma vida nova esperava por mim. Nan fica sem planos, sem sonhos - suspirou a rainha.

Lady Fanshawe riu:

- Acreditava em tudo isso, Sua Alteza, porque apesar de todas as angústias e dúvidas que a sua mãe alimentava acerca do seu futuro, nem por um minuto as deixou transparecer. Foi uma grande mulher e uma grande mãe. Sei que Sua Majestade saberá ser assim com Nan, vai voltar a dar-lhe razões para viver. Nós, que já passámos por muito, sabemos que o tempo suaviza a dor, que a fé nos ajuda a aceitar a vontade de Deus. Temos de ajudá-la a superar esta perda, e levá-la a amar de novo...

Catarina franziu o sobrolho, assustada:

- Voltar a amar, lady Fanshawe?

A senhora soltou uma sincera gargalhada:

- Desculpe, Sua Alteza, mas vejo que é tão menina, e está tão apaixonada como a minha filha. Sim, é claro que Nan vai voltar a amar, tem vinte e dois anos e a vida toda pela frente. Não lhe podemos falar nisso, nem hoje, nem para o ano, mas um dia vai acontecer. E mais, tenho a certeza que seria essa a vontade do marquês...

- Queria tanto ter a sua sabedoria. Permite-me que a visite com mais frequência? Às vezes sinto-me tão sozinha. Estou-lhe tão agradecida por me ter «emprestado» as suas maravilhosas filhas todos estes anos: acredite que têm sido, cada uma à sua maneira, as melhores das amigas.

Lady Fanshawe riu de novo, era de riso fácil, tal qual a sua Nan:

- Cada uma à sua maneira, diz bem, que nunca vi como é que do mesmo saco saíram duas irmãs tão unidas, e tão diferentes.

Catarina perguntou então, como quem pergunta à mãe:

- Posso ir ter com elas? Junto ao rio, quero dizer?

- Vá, minha rainha, vá. Vão ficar felizes de a ver.

Quando levantou os olhos do chão, e olhou Catarina, Nan desatou a correr em sua direcção. Lançou-se nos braços, com uma paixão imensa:

- Sua Majestade, obrigada por ter vindo, nem sabe como é bom vê-la.

Sinto-me mais próxima de Francisco quando estou ao pé de si. Sei que entende a minha perda, a minha dor.

Catarina passou-lhe uma ponta do seu manto por cima dos ombros e aconchegou-a junto a si, e estendeu a mão a Meg, que se mantivera um pouco mais atrás. Meg respondeu ao apelo e apressando o passo, e em silêncio, entrelaçou os seus dedos nos da rainha:

- Estive a pensar, Nan, e percebi a importância que o vosso amor teve para dom Francisco, e é exactamente isso que lhe vim dizer. Porque, por muito dolorosa que seja a morte, é suportável se lhe virmos um sentido, se acreditarmos que não foi em vão, se percebermos que deixamos uma marca nessa pessoa, e que ela nos tocou de tal maneira que viverá em nós para sempre. E vivendo em nós, nas nossas memórias, nas nossas orações, continua sempre vivo.

- Dona Catarina, posso não ter passado de um flirt de Francisco? Leio e releio as suas cartas, as primeiras tão formais, as últimas tão abertas e sinceras, mas agora parece-me tudo tão irreal... Não fui ao seu enterro, não vi o seu corpo, é-me difícil acreditar que ele não esteja neste momento num barco a caminho de Inglaterra, de regresso a mim...

Catarina apertou-lhes as mãos.

- É muito difícil estar longe de quem morre, sim. Senti-o quando a minha mãe morreu e não podia fazer mais do que vos obrigar a todas a andar de luto por alguém que nem conheciam. Perder um noivo, um futuro marido, é ainda mais penoso, mas Nan, acredito mesmo que os seus olhos verdes, a sua sinceridade, essa franqueza tão rara de encontrar, e a generosidade com que se entrega àqueles de quem gosta, mudaram completamente o marquês de Sande. Por isso lhe digo que vinha a pensar que foi através de si que ele chegou mais perto de Deus. Foi a sua alegria que quebrou uma certa amargura que parecia trazer sempre aos ombros. Eu própria não o reconhecia, e quando o via sorrir para si espantava-me, como me espanto todos os dias, com o poder do amor.

Nan ouvia com toda a atenção. A ideia de ter mudado um homem tão mais velho e sábio do que ela, de ter sido capaz de lhe dar sentido à vida, de o fazer esquecer desilusões, confortava-a. Se era cruel perdê-lo, teria sido muito pior descobrir que não tinha representado nada para ele. Mas a

rainha dizia que Francisco a tinha amado, e a rainha nunca mentia. Nan suspirou:

- Sua Alteza, posso ficar sempre consigo?

As irmãs estavam de volta ao paço. Quando soube da chegada, Catarina chamou-as.

- Os vossos presentes de Natal.

Meg gritou de alegria quando abriu o embrulho que continha uns brincos lindos, e Nan agradeceu efusivamente um diário, com um cadeado - «Para escrever o que não quer dizer a ninguém», escrevera a rainha no pequeno cartão que o acompanhava.

Depois puxou Nan para junto do seu oratório, pediu-lhe que se ajoelhasse e colocou-lhe em volta do pescoço um fio de prata com uma cruz, onde estavam gravadas três iniciais: FMT, e um ano, o de 1610. Nan deu um grito, de horror, de alegria, de tudo junto:

- Dona Catarina! - disse, e parou aí.

- O fio que o marquês de Sande, antes disso conde da Ponte, e sempre Francisco de Melo e Torres, nascido em 1610, nunca tirou do pescoço desde o dia em que foi baptizado.

- Mas como? Como é que veio aqui parar?

- Pedi que me mandassem o seu fio e a sua cruz. Não me parece que façam sentido na posse de mais ninguém.

Nan saiu pela porta, num pranto incontido. Meg olhou, assustada, como se a rainha tivesse vindo desestabilizar a serenidade que, com tanto esforço, tinham conseguido fazer descer sobre a irmã.

Catarina puxou-a a si:

- Não se zangue, Meg, este choro é bom, este choro limpa a alma, cura. Agora Nan fica completamente ciente de que dom Francisco morreu, mas também tem qualquer coisa de palpável que lhe permite mantê-lo junto de

si. Aos poucos vão ficando as memórias boas, e a dor atenua-se. Um dia damos por nós a rir. A vida e a alegria de Nan têm mais força do que a morte. É essa a lição da cruz.

Era difícil saber o que Meg sentia quando olhava com aquela expressão opaca.

- Desculpe, dona Catarina, mas se não precisa de nada, vou até ao jardim...

D. Catarina ficou subitamente séria:

- Lady Meg?

- Sua Alteza?

- Meg, não quero que se sinta culpada por ser feliz. Por ter o seu Francis, enquanto Nan perdeu o dela.

Os olhos de Meg abriram-se instantaneamente, naquele truque que usava para não chorar.

- A nossa infelicidade não faz ninguém mais feliz, enquanto a nossa felicidade, sim. Haverá momentos em que Nan vos invejará, claro, como invejará todos os casais apaixonados do Mundo, mas nunca desejará que tenham de passar por esta dor. Se alguma lição podemos tirar daqui é a de que a vida tem de ser aproveitada todos os dias, merecida diariamente, porque um erro, um engano, pode estupidamente amputá-la num segundo.

Meg aproximou-se, pegou na mão da rainha e beijou-a.

- Obrigada, precisava muito que me dessem autorização para ser feliz.

- Está dada, minha filha. Marquem o casamento para o Verão, daqui a seis meses, nos jardins floridos de Hampton Court. Serei madrinha, se aceitarem de presente a tal viagem ao Novo Mundo. Vão vê-lo por mim, dêem-lhe o meu nome, digam que partem ao meu serviço, ou ao do príncipe Rupert, mas comecem a vossa família onde o Mundo é novinho em folha...

33

St. James Palace, Fevereiro de 1668

As notícias de Portugal continuavam a tirar-lhe o sono. António Vieira tinha sido condenado - como era possível que um país temente a Deus condenasse os seus? Saberiam eles como era praticar a nossa fé num país hostil, onde todos os gestos são vistos com desconfiança, em que nos benzemos às escondidas e o próprio irmão do rei vai à missa disfarçado? Perseguiam um dos homens mais corajosos, mais bondosos, mais puros do reino, e que tanto fizera por ele. Vieira escrevia-lhe, mas Catarina respondia friamente, porque acreditara que o «seu» padre apoiara Pedro e o seu casamento com Maria Francisca, e o pensamento era-lhe insuportável. Se ao menos Teodósio não tivesse morrido. Vezes e vezes sem conta pensava nisso. Acreditava, sinceramente, que nada teria sido igual se o primogénito tivesse chegado ao trono.

Mas naquela manhã tudo fora diferente. Charles viera pessoalmente contar-lhe que lord Sandwich, o conde agora promovido a duque que a fora buscar a Portugal, voltara a Lisboa para ratificar o acordo de paz entre Lisboa e Madrid. Nada a fazia sentir-se mais orgulhosa: cumprira o seu dever. Graças a ela, Inglaterra conseguira negociar um tratado que garantia a independência de Portugal. Subitamente regressou no tempo, à biblioteca de música do pai. Ouvia, com clareza, a voz de D. João a repetir-lhe que tinha de casar bem, que o seu casamento era fundamental para garantir o futuro da dinastia de Bragança, a independência do seu país. Lá em cima, junto de Deus, o pai sentir-se-ia orgulhoso dela, e essa ideia dava-lhe uma satisfação e uma paz imensas.

Agradeceu ao rei ter-lhe vindo trazer pessoalmente a notícia e teve vontade de que a sua querida bandeira fosse hasteada, pelo menos por um dia...



Nan estava com ela quando o criado anunciou a chegada de D. Luís de

Vasconcelos e Sousa, conde de Castelo Melhor. Pediu-lhe para sair, como se a chegada de um outro grande senhor de Portugal, de quem a rainha tanto falava, lhe trouxesse recordações dolorosas, mas D. Catarina não o permitiu.

Murmurou-lhe severamente ao ouvido:

- Sente-se e borde, que as damas da rainha não fogem de nada, nem de ninguém.

Nan voltou a sentar-se no banquinho, gelada por dentro. Não sabia se se sentia assim por ter sido repreendida, por se sentir frágil e cobarde, ou porque nunca conseguiria esquecer que era assim que D. Francisco seria anunciado, se voltasse para a ver.

Um murmúrio atravessou a sala quando D. Luís entrou.

- Há muito tempo que não víamos um homem tão bonito - coscuvilhava o eterno trio diabólico.

Meg observou-o longamente: não teria mais de 30 anos, alto, cabelos ondulados castanhos-avelã até aos ombros, uma voz forte, mas sedutora. Se eu fosse ao rei punha-me a pau, pensou.

D. Catarina sorriu-lhe, como se ele lhe trouxesse o cheiro a maresia do Tejo e a luz única de Lisboa. Apontando para a porta que conduzia ao seu escritório privado, pediu às criadas que lhe trouxessem chá, bolinhos, e aquele «doce de laranja» com uns scones, para que o conde se divertisse com a última invenção da cozinha anglo-portuguesa.

Nan mantinha os olhos no chão. Não o viu, não o queria ver, ponto final.



D. Luís esforçou-se por suavizar o que tinha para dizer, recordando constantemente a si mesmo que tanto D. Afonso, que servira com toda a dedicação, como o usurpador D. Pedro, como entre amigos lhe chamavam, eram ambos irmãos da rainha. Sabia que Catarina e Charles, ao convidarem-no para a sua corte, tomavam de certa forma partido contra D.

Pedro, mas percebia que a decisão não deveria ter sido fácil. Afinal, eram ambos seus irmãos, e ninguém gosta que digam mal da própria família, mesmo que no segredo de nossas casas nos insultemos uns aos outros. Por isso optou pelo caminho mais seguro: agradeceu a hospitalidade, explicou como fora importante para ele sentir que, apesar de ser obrigado a abandonar o seu país, «ia, de certo modo, para uma casa portuguesa». A rainha soltou uma gargalhada:

- Acredite que aqui encontrará pouco da corte de Lisboa.

- O que, desculpe a franqueza, será um alívio - ripostou directo.

Catarina estacou, espantada. Vivia há tanto tempo longe de Portugal que endeusara a sua vida de família, pacata e intocada, mas a corte que D. Luís deixava para trás, pelos vistos, não era um sítio invejável.

Depois veio a parte mais difícil. Catarina encheu-se de coragem e perguntou:

- Dom Afonso está bem? Deixam-no em paz, pelo menos?

O conde hesitou:

- Vou ser franco, dona Catarina, porque só tendo a coragem de assim ser consigo é que lhe poderei ser útil, tanto neste reino de Inglaterra, como em Portugal. Dom Afonso está devastado. Talvez tivesse suportado o golpe de Estado com bonomia, porque, como sabe, abomina reuniões e conselhos de Estado, e provavelmente até aceitaria, se fosse só por ele, partilhar o poder com dom Pedro, mas...

- Mas a forma violenta como tudo foi feito não lhe deixou dúvidas de que estava a ser deposto. Além disso, têm-me chegado rumores, mas não quero acreditar que sejam verdade - disse a rainha.

- Infelizmente, Sua Alteza, vai mesmo ter de acreditar, o que não é sinónimo de gostar. Pelo menos eu, com toda a franqueza, acho que é um dos actos mais vis que já vi praticar, e sinceramente envergonha-me.

- Por amor de Deus, senhor conde, diga-me tudo de uma vez! - protestou Catarina.

- De uma vez? Assim seja. Dona Maria Francisca pediu a nulidade do casamento. Alega que não foi consumado, embora tenha dito, em cartas que escreveu, que se julgava grávida. Dom Afonso foi ouvido, assim como prostitutas trazidas ao Tribunal Eclesiástico, e que atestavam, como hei-de dizer...

- A impotência do meu irmão - ajudou Catarina.

Castelo Melhor corou:

- Exactamente. Diz o tribunal que a não consumação do casamento ficou provada. Consideram assim que não houve casamento algum. O assunto tem sido, como imagina, o tema de todas as conversas em Portugal inteiro, e na corte em particular. Melhor dito, nas cortes, porque de momento há duas, uma partidária de um dos seus irmãos, outra, de outro.

Catarina benzeu-se e rezou uma oração rápida.

- Coitado do meu irmão Afonso. A sua virilidade posta em causa, humilhado. Como se pode humilhar alguém, ainda por cima um rei, desta forma? O que é que passou pela cabeça das Cortes, dos tribunais, da gente de bom senso do meu país?

- Quero acreditar que ainda há muitos que não se deixaram levar por estes golpes, mas que entre o medo do príncipe dom Pedro - (Catarina ainda não estava habituada a este novo tratamento do irmão, oficialmente aprovado) - e do Santo Ofício, acho que cada um prefere meter-se na sua vida.

- Sob risco de se não o fizer acabar no exílio, na fria e nebulosa cidade de Londres - constatou a rainha.

Castelo Melhor riu. Catarina estava mais bonita, mais inteligente, mais sábia. Disse-lhe, e ela agradeceu, sem embaraço.

- E quanto aos rumores de uma ligação entre a minha cunhada e dom Pedro? - inquiriu, directa.

- Absolutamente verdadeiros. As Cortes aprovam e encorajam o novo relacionamento. Tive notícia de que a bula papal que autoriza o casamento

entre dom Pedro e dona Maria Francisca já está a caminho.

Catarina pôs-se de pé, sobressaltada:

- Que autoriza o quê? Ai, meu Deus, Maria Francisca, com vinte e dois anos por completar, vai agora desposar o irmão do seu marido traído? Esforço-me eu por dizer aos ingleses que não cometemos imoralidades tais, e vem dizer-me que o meu próprio irmão, que criei, a quem ensinei as primeiras letras, a quem dei o primeiro cão, vai escolher a cunhada, a mulher de um irmão vivo, para esposa?

Preocupado com a veemência de D. Catarina, o conde tentou explicar-lhe os meandros políticos da decisão.

- Não se esqueça, dona Catarina, que o contrato de casamento assinado por Portugal deixaria o reino em maus lençóis se tudo se desfizesse. As Cortes limitam-se a aproveitar o facto de dom Pedro ter vinte anos e idade de casar para resolver a contento um diferendo diplomático complicado.

- Não tente lavar a imagem do meu irmão. Tudo concorre agora para provar que provavelmente estavam os dois realmente ligados na estratégia para destronar de facto o rei dom Afonso VI de Portugal, ou será melhor dizer o conde de Castelo Melhor?

D. Luís corou.

- Ao que parece, sim, entendem-se muito bem.

Catarina abanou a cabeça, desesperada - ainda bem que o seu pai e a sua mãe já não podiam assistir a nada disto.

34

Hampton Court, Março de 1668

A rainha sabia que estava de novo grávida. Aos 29 anos, quase 30, e com tantos abortos espontâneos pelo caminho, tanto sofrimento, nem queria tomar consciência do que lhe acontecera. Lady Suffolk acabara por mencionar que há dois meses não lhe vinham as regras, e a rainha, o coração a bater com força, olhara-a com o seu ar mais sério, quase zangado e dissera-lhe:

- O meu corpo reage à agitação que se vive em Portugal. Mais nada.

Como lady Suffolk a compreendia. Desta vez o segredo fora bem guardado, e a camareira-mor pedira apenas ao Dr. Pierce, em quem confiava em absoluto, que arranjasse um pretexto para vir fazer um exame geral à rainha - que lhe dissesse que era rotina.

O aceno afirmativo do médico confirmava a sua maior esperança e simultaneamente o seu maior terror. Não precisou de dizer nada, de pedir nada, porque Pierce sossegou-a:

- Vamos deixar que a Natureza prossiga o seu curso. Já sabe os cuidados que tem de ter, não é verdade? Será o que Deus quiser.

Catarina não resistira a corrigi-lo:

- Preferia que dissesse «aquilo que a sua doença o permitir». Diga-me a sério, doutor Pierce, acha que o sarampo que tive há tantos anos, aqueles vinte e dois dias praticamente inconsciente, poderá estar ligado a tudo isto que me acontece?

Pierce fingiu arrumar os seus instrumentos na mala, e por fim disse:

- Sinceramente, temo que sim. Mas vou dar-lhe outra teoria. Como imagina, tenho lido muitos livros sobre este assunto, Sua Alteza. O seu sofrimento comove-me, e gostaria de ajudar, e num desses livros...

Catarina sentou-se mais direita na cama onde tinha sido observada, entusiasmada:

- Descobriu alguma coisa? Diga-me, por favor, nem que sejam más notícias. Se eu soubesse que estes problemas resultavam de uma doença, acredite que tornava tudo mais fácil...

- Então posso dizer-lhe, com um grande grau de certeza, que sim, dona Catarina. O livro que li falava de uma doença que em algumas pessoas ataca os pulmões e leva à morte, e noutras manifesta-se de maneira mais discreta, mas afecta a capacidade de as mulheres gerarem ou prosseguirem com a gravidez até ao final do termo.

Catarina sentiu uma tontura:

- Então é isso. Doutor Pierce, sabe o que aconteceu aos meus dois irmãos mais velhos, não sabe?

Pierce acenou que sim com a cabeça. Tinha-lho contado o próprio rei, num dos dias em que fora ao seu laboratório, cheio de curiosidade pelas experiências e descobertas que lá se faziam. Disse à rainha, por quem soubera. Catarina corou, entre o entusiasmo e a aflição:

- Doutor Pierce, falou nessa tal doença ao meu marido?

- Falei, dona Catarina, e o rei é um homem muito mais vocacionado para a Ciência do que para a superstição. Parece-me que recebeu a notícia com serenidade, acho mesmo que a considerou uma explicação cabal para o que tem acontecido.

Catarina sentia-se fraca, como se alguém lhe tivesse dado um murro no estômago.

- Doutor Pierce, acha possível que aquele boato que os espanhóis espalharam quando se negociava o meu casamento, aquele rumor venenoso que afirmava que a infanta de Portugal era estéril, acha que havia alguém na corte de Castela que fez a ligação com a doença dos meus irmãos? Alguém que conhecia os seus efeitos sobre as mulheres que lhe sobreviviam...

Pierce olhou-a, pensativo:

- É possível, mas parece-me bem mais provável que fosse pura política, jogo sujo apenas.

E Ali, como é que Ali soubera? Pela primeira vez na vida não resistiu e contou ao médico toda a história daquele dia passado no Terreiro do Paço, rematando:

- Como podia Ali saber?

- Esquece-se, dona Catarina, que era infanta de Portugal, e toda a gente conhecia tudo sobre si, sobre a sua vida e a dos seus irmãos. Os árabes são médicos fantásticos. Dona Catarina de Aragão, casada com Henrique VIII, também teve muitos desmanchos, e insistiu em chamar em segredo um médico árabe para a ajudar a engravidar, para a assistir no parto.

- Está a falar a sério? Um médico árabe aqui em Hampton Court?

- Que a mãe nunca sonhasse, era a única coisa que a rainha pedia à sua camareira. Como sabe, dona Isabel, a Católica, perseguia os mouros, expulsou-os do seu último reduto em Granada.

Então Ali sabia mesmo, suspirou Catarina, e deixou-se escorregar sobre as almofadas. Charles também sabia - e acreditava que era uma doença. Sabia que não estava amaldiçoada, que não era vontade sua, e aceitava o seu mal, que tanto o fazia sofrer também a ele, com a serenidade, como foi que Pierce dissera?, «de um homem da Ciência».

O médico esperava que o autorizasse a partir, mas a rainha queria fazer mais uma pergunta.

- Doutor Pierce, acha que essa tal doença pode curar-se sozinha, que este bebé pode ter um futuro diferente dos outros? Ou que vale a pena tomar infusões da tal planta que já sei que em Inglaterra se chama cat's claw?

- O facto de ter engravidado é já de si óptimo sinal. Quem sabe as maravilhas de que Deus e a Natureza são capazes?

- Obrigada, senhor doutor, obrigada pela sua sinceridade.

Quando a porta se fechou, Catarina escondeu-se por baixo dos lençóis e sonhou acordada. Com o bebé que lhe traziam embrulhado em panos, e que segurava nos braços com força. Na cara de felicidade de Charles, que se debruçava para tocar, pela primeira vez, no seu primeiro filho legítimo, no herdeiro do trono. Que bom era pôr a mão no seu próprio ventre e deixar que a imaginação fizesse o resto...

Quando, um mês mais tarde, Catarina de Bragança perdeu o seu quarto filho, entre lágrimas e contracções dolorosas, tinha, pelo menos, uma consolação: não falara a ninguém no que lhe sucedera. Não havia pêsames, lamentações, palavras de simpatia sussurradas à frente e comentários malévolos pronunciados atrás das costas. A dor era sua, só sua. Nem Charles a partilhava. Era assim que deveria ser - preferia que assim fosse, a ser acusada de ter «falhado» mais uma vez.

Charles sabia, mas sabia que a rainha não queria que soubesse. Por isso fingiu que não percebeu a gravidez, que não entendeu que, mais uma vez, tudo tinha acabado. Só o doutor Pierce sabia que o rei sabia, porque Charles o tinha colocado entre a espada e a parede, falara-lhe na responsabilidade de cuidar da mãe do herdeiro do trono, e obrigara-o a falar.

Minette também foi incluída no segredo. Incapaz de guardar para si o desgosto, escreveu-lhe, como quase todos os dias fazia, como quem escreve um diário.

«Minha adorada irmã,

Catarina teve um novo desmancho. Mas os médicos vão tentar agora diversos tratamentos, que, estão convencidos, a podem ajudar a aguentar o filho até ao fim do tempo. Estou desiludido. Mas sei que ela ainda o estará mais do que eu, e por isso não me consigo sentir zangado com ela. Só sinto pena. Muita pena. Por ela e por mim.»

35

Windsor, 30 de Agosto de 1668

A bandeira de Inglaterra, a bandeira do rei, estava hasteada no torreão mais alto do Castelo de Windsor. A família real mudara-se para o palácio havia umas semanas, e Catarina sentia-se feliz por ver o marido feliz.

Frances Stuart, agora duquesa de Richmond, voltara ao seu serviço, a cara marcada por varicela e o desgosto de um marido alcoólico que a maltratava, mas Catarina sabia que, embora a generosidade de Charles lhe tivesse permitido perdoar a fuga, a desilusão e o sofrimento que Frances lhe causara matara em si o desejo.

Curiosamente, constatava a rainha, lady Richmond aproximara-se agora de Nan, como se os desgostos de amor lhes dessem uma plataforma de entendimento comum. Castelo Melhor juntara-se ao duo, e a rainha divertia-se ao vê-los praticar tiro ao arco ou sair para um passeio a cavalo.

Nan, pela primeira vez na vida, estava sem a irmã, a sua cara-metade, aquela com quem sempre partilhara tudo - era, de facto, o momento ideal para encontrar novas cumplicidades.

Margaret Fanshawe casara com Francis Villiers, em julho, nos relvados de Hampton Court num dia cheio de sol. Estava absolutamente deslumbrante, e a rainha acreditara, por momentos, que o rei ainda era capaz de saltar do seu lugar e propor ser ele a desposá-la - o que vale, pensava, é que já conseguia rir destas coisas. Nan portara-se como uma heroína, escondendo toda a sua tristeza atrás de uma alegria esfuziante: apanhara as flores para o bouquet da irmã, cantara na cerimónia, brincara com os sobrinhos de Francis Villiers, fizera caretas a George Buckingham, decididamente amuado, mas sem desculpa para não vir a um casamento onde o rei e a rainha eram padrinhos do noivo, e dançara até de madrugada, passando dos braços de uns para os de outros, acabando nos de Luís de Vasconcelos e Sousa. Meg olhara para ela naquele momento, e sentira o coração apertar-se: seria esta a segunda oportunidade da irmã?

Mas conhecia-a bem de mais: a tristeza estava lá, marcada e dorida, e era preciso mais tempo, muito mais tempo.

Tinham sugerido levar Nan com eles, na missão de que o príncipe Rupert incumbira Francis, e o levaria a Halifax, na Terra Nova, para importar peles. Charles chamara o seu agora afilhado à parte para lhe recordar que o primo era o melhor almirante que conhecia, um jogador de ténis sem rival, mas, atenção, um péssimo homem de negócios. «Parece que é de família», acrescentara a rir, passando ao rapaz o nome de vários outros comerciantes com quem talvez fosse seguro negociar paralelamente.

Meg prometera à rainha cumprir o seu pedido: «Viver livremente, segundo os Mandamentos de Deus, aproveitar todos os minutos do seu dia, e escrever-lhe a contar os mais pequenos pormenores, porque queria saber tudo sobre a vida do lado de lá do oceano.»

Catarina, à cautela, chamara dias antes Francis aos seus aposentos e pregara-lhe um pequeno sermão. Meg não era uma garimpeira, nem encontraria a felicidade longe de uma corte.

- Tem de ter oportunidade de usar o pendente de esmeraldas que lhe dei - disse, divertida -, por isso, depois da lua-de-mel, aconselho-vos a que se instalem numa grande cidade...

Villiers rira a bandeiras despregadas:

- Nunca poderei alegar que não conheço a mulher com quem casei. Ou muito me engano, ou estaremos de volta dentro de um ou dois anos, mas talvez nessa altura o meu irmão se tenha esquecido de mim...

Catarina apertara-lhe o braço com força:

- Trate-a bem, Villiers.

- Os seus desejos são ordens - respondera Francis, inclinando-se numa sentida vénia. Papista, ou não, Catarina era absolutamente única, pensou, comovido.



«Sereníssima rainha, irmã minha», começava a carta de Afonso, datada de 12 de Agosto. Catarina leu-a avidamente, e as suas lágri mas esborrataram a tinta. Afonso dizia-lhe que estava certo de que a irmã podia imaginar como ele se sentia. «Pena, mágoa e desconsolo», escrevia.

Não está conformado, pensou a irmã, mas como poderia estar? Pede-me ajuda, pede ajuda a Charles, mas que ajuda lhe podemos dar?

Quando naquela noite ceou com o rei, contou-lhe o que dizia a carta.

- Charles, o que podemos fazer? Ainda por cima, Afonso acaba a carta pedindo-me desculpa por me incomodar, mas não tem mais ninguém a quem recorrer.

O rei olhou-a, cansado, e limitou-se a encolher os ombros. Chegava sempre assim dos dias passados em Londres, e Catarina não tinha dúvidas de que estivera com Nell Gwyn, de quem já tinha um filho chamado, como não podia deixar de ser, Charles - porque a magoavam assim, escolhendo sempre o nome que só o herdeiro do trono deveria usar? Apesar disso, estranhamente, não conseguia ter-lhe muita raiva. Tê-la-ia gasto toda em Palmer, pensava, ou talvez fosse o facto de Nell enlouquecer de fúria a Palmer que a transformava, de alguma forma, em sua cúmplice? Nell podia ter sido vendedora de laranjas chinesas, as laranjas doces que os portugueses tinham importado e depois exportado, mas, fosse como fosse, parecia mais bem formada do que muitas destas meninas da corte, porque sempre que se cruzavam no Teatro Real, ou em qualquer outro lugar, baixava os olhos. Catarina sabia que a nova amante do rei recusava igualmente todos os esforços de Buckingham para que assumisse qualquer tipo de afronta à rainha. Filha de uma prostituta, fugira do bordel onde a mãe a pusera a trabalhar com pouco mais de 12 anos, e fizera tudo (e tudo, era tudo) para ser actriz. Catarina, que já vira várias peças suas, reconhecia, no entanto, que o seu talento no palco era genuíno, e a sua capacidade de mímica e de fazer rir, surpreendente.

Charles, pelos vistos, pensava o mesmo. De tal maneira que adormeceu enquanto Catarina lhe sugeria estratégias de apoio à causa de Afonso. A

rainha percebeu que, para o rei, o assunto estava encerrado.

Atirou a carta para o colo de Nan, com um pedido:

- Nan, por favor, leia-me a carta de dom Pedro, mas omita ou acelere a leitura nas partes que pressente que me vão incomodar.

Nan riu:

- Desconfio, então, que o melhor é não a abrir de todo.

A rainha sorriu:

- Provavelmente era infinitamente mais sensato, mas tenho de saber o que diz...

Nan sentiu que o coração se apertava enquanto quebrava o selo da carta. Como se sentira excitada e delirante, de cada vez que abria uma das mensagens de Francisco - como o gesto ficava associado às pessoas, como este gesto seria sempre equivalente a pensar nele, a estender instintivamente a mão para a cruz que não voltara a tirar do pescoço.

- Dom Pedro pede-lhe que lhe responda às cartas. Diz que o obrigaram a fazer o que fez, que as Cortes insistiram, que todos acreditavam que era seu dever governar o País, mesmo que com sacrifício pessoal.

Catarina agitou-se na cadeira:

- Adiante.

- O pior é que o parágrafo seguinte ainda lhe trará mais desconforto - comentou Nan.

- Então, quanto mais depressa o ouvir, melhor.

- Escreve que queria muito que tivesse a oportunidade de conhecer a princesa, que já foi rainha... porque se «enamoraria dela, tal como CU».

Catarina benzeu-se:

- Diria, antes, que é o único motivo que encontro para não voltar a

Portugal.

Nan riu.

- Quer mesmo que continue? Conta que a sua cunhada, dona Maria Francisca, está grávida.

Nan encolheu-se na cadeira, e de soslaio percebeu a expressão de dor que cobriu o rosto da rainha, mas decidiu que o melhor era fingir que não percebia como esta nova a afectava, e continuou a ler:

- Diz que a sucessão será garantida, se tudo correr bem, em janeiro, e convida Sua Alteza para madrinha. Insiste muito, aliás, e informa-a de que o padrinho será o rei dom Luís de França.

- Disse-me ontem Castelo Melhor que dom Afonso foi banido pelas Cortes para a ilha Terceira, nos Açores. Preso e exilado pelo irmão, portanto. E convidam-me para ser madrinha da criança dessa relação tão triste, como se nada fosse? Será que o meu irmão foi trocado por outro homem e ninguém me disse? Nan, guarde essa carta, por favor - e apontou-lhe o contador de pau-preto, que ainda fora a mãe a mandar-lhe de Portugal.

- Não lhe vai responder?

- Mesmo que quisesse, não era capaz! - respondeu, numa voz sumida.

36

Whitehall Palace, 15 de janeiro de 1669

Frente ao seu oratório, de joelhos numa almofada, Catarina deixou, finalmente, as lágrimas correrem-lhe pela cara. Recebera a notícia do nascimento da primeira filha do seu irmão Pedro, do seu irmão pequenino. A infanta D. Isabel Luísa Josefa de Bragança, a primeira de uma nova geração de Bragança, apenas a primeira porque ela era incapaz de levar uma gravidez até ao fim. Sentia raiva e pedia desculpa a Deus por este ódio que lhe enchia o peito: como é que esta sua cunhada, que considerava tão leviana e imoral, era capaz de conceber num estalar de dedos, e ela, Catarina, se mantinha de «ventre liso», sem poder realizar o sonho de todos os sonhos: dar a Inglaterra, dar a Charles acima de tudo, um herdeiro?

A carta de Pedro implorava de novo que aceitasse ser madrinha da sua primogénita. Mas Catarina não podia aceitar, seria uma prova de que concordava com aquilo que Pedro fizera a Afonso, e essa ferida ainda estava demasiado aberta no coração de todos. Mandara dizer que não. Definitivamente não. Era tão bom que fosse, também, capaz de pôr um fim à sua dor.

37

Dover, 29 de Maio de 1669

Que confusão de sentimentos. Por um lado ficara feliz, quando soubera que a cunhada Minette, a adorada irmã de Charles, conseguira autorização do autoritário marido para vir a Inglaterra, mas por outro era devorada por ciúmes, que doíam, quase como uma doença física, quando via Charles de olhos brilhantes, excitado como uma criança, a esvoaçar em redor de madame, como todos lhe chamavam. Não era digno de si pensar assim. Pecava, certamente. Mas os argumentos, como o de que os irmãos se sentiam unidos pela perda recente da mãe, ou de que não se viam há muitos anos, eram sempre contraditos por um diabo interior que lhe lembrava como era estranha esta relação, já que aqueles dois nem sequer se tinham conhecido em crianças, praticamente não tinham estado juntos até à adolescência... Zangava-se consigo mesma, e rezava um acto de contrição, mas sempre que os via sozinhos numa das varandas do castelo, embrenhados um no outro como um casal, ou Minette de cabeça no ombro de Charles durante um jantar inteiro, ambos aparentemente esquecidos de toda aquela multidão de gente que os rodeava, sentia-se invadida por uma onda de raiva e ciúme. Seria assim entre ela e Teodósio, se Teodósio não tivesse morrido, se Teodósio a visitasse aqui em Dover? Sorriu, nostálgica. Voltara-lhe subitamente à memória a imagem do irmão a ameaçar com a espada quem se atrevesse a cortar-lhe o cabelo, quando a mãe a chamara de vaidosa por não querer ser freira. Mas era diferente, havia qualquer coisa de diferente...

Minette aproximava-se dela agora, um sorriso aberto na sua cara branca e sardenta, uns olhos azuis lindos: tinha de o reconhecer, o marido não resistia à beleza feminina, era só isso.

Sentou-se a seu lado, e Catarina deu graças por o seu inglês já estar um pouco mais fluente, por não se sentir tão tímida e envergonhada como quando aqui chegara. Escusava de se ter preocupado, porque a cunhada tinha a imensa capacidade de pôr toda a gente à vontade, e era tão generosa e bem-disposta, que ao fim de uns minutos riam juntas. Era tão

franca e directa, que Catarina nem conseguia encontrar palavras para lhe responder, mas subitamente passou a vê-la por outros olhos: também ela não resistia àquele charme, no fundo tão parecido com o do homem que amava. Agora Minette dizia, baixinho:

- O meu irmão deve ser difícil de aturar - comentou, divertida.

Catarina acenou que não com a cabeça, os olhos a brilhar.

- Sabe que ele a adora? Sinceramente, adora.

Uma frase destas, dita pela primeira e última confidente do marido, tinha tanto valor, que Catarina sentiu que o coração explodia de alegria. Vendo-a embaraçada, Minette atalhou:

- Não diga nada, sei que a vossa vida não tem sido fácil, com os bebés perdidos, as intrigas, essas flausinas a que o tonto do Charles não resiste. Mas se lhe disserem que o meu irmão vai nas conversas de Buckingham ou de quem vos quer separar, não acredite. Ele está feliz com o vosso casamento, e escreve sempre cheio de admiração por si, e remorsos - acrescentou, com uma gargalhada cristalina.

Os olhos da rainha encheram-se de lágrimas, e a cunhada segurou a sua mão entre as dela:

- Acredite que os homens não são fáceis, e que apesar de tudo Charles é uma pessoa profundamente boa... - e ao dizê-lo ficou triste, como se uma nuvem escura lhe tivesse passado por cima.

Catarina já tinha ouvido falar suficientemente sobre a crueldade do marido de Minette para perceber que se moviam em terras pantanosas, e, desejosa de lhe retribuir a dádiva que tinha recebido, disse-lhe:

- Sei que é muito corajosa. O nosso Deus também o sabe. Mas agora, que está aqui de férias, longe de tudo, fale-me dos seus filhos. O Charles tem um quadro da filha mais velha no escritório, ao lado do seu, e achei-a linda...

Minette recomeçou a tagarelar alegremente.

É mesmo parecida com o irmão, com esta capacidade de afastar a tristeza, para não dividir com os outros os lados mais escuros da sua vida, da sua alma, pensou Catarina.



Castelo Melhor viera até Dover com a rainha. Tornara-se parte da sua Casa e seu principal conselheiro, com absoluta naturalidade, para fúria do embaixador português em Londres. Mas Catarina encolhera os ombros quando recebera os protestos do senhor, que ainda para mais alegava que D. Pedro não estava satisfeito com o facto de a rainha ter acolhido o homem que ele enviara para o exílio. Respondera com ironia: «Pode sempre dizer que se não tivesse exilado o conde, não tinha mais esse problema com que se preocupar», o que parecia ter sido suficiente para, pelo menos por agora, silenciar o senhor.

E fora o conde quem a alertara para o facto de toda esta festa, este reencontro fraterno, ser muito mais do que isso. Catarina olhara-o, a princípio, como quem olha para alguém em delírio, mas depressa compreendera que a informação que D. Luís lhe passava era importante. Magoava-a que Charles não confiasse nela o suficiente para lhe contar pessoalmente tudo isto, mas talvez estivesse a ser precipitada, e o marido estivesse apenas à espera de regressarem a Hampton Court para lhe falar, longe dos ouvidos dos espiões de França.

- Então, qual é a sua teoria, senhor conde?

- Não quero falar do que não sei, Sua Alteza, mas dir-lhe-ei o que sei com segurança. Hoje vai ser aqui assinado o Tratado de Dover, um acordo entre o rei de Inglaterra e o rei de França, e a irmã do rei só foi autorizada a esta viagem porque vem ao serviço de Luís XIV.

Era difícil imaginar Minette como embaixadora, a tratar de negócios complicados, mas, pensando bem, não poderia haver quem melhor desempenhasse o papel, afastando todas as desconfianças.

Castelo Melhor continuou, depois de se assegurar que estavam realmente sozinhos, na salinha da rainha:

- 0 rei irá receber, por este acordo, uma avultada soma de dinheiro...

- De que tanto precisa - suspirou Catarina. Subitamente assustada, pensou de que era Charles capaz para financiar as suas loucuras, os presentes para as amantes, as obras nos seus palácios.

- Dinheiro de que tanto precisa - confirmou cautelosamente D. Luís. Mas, e este é que é o pormenor que tem de ser guardado segredo a todo o custo, o acordo contém uma cláusula secreta que prevê que o rei francês conceda mais dinheiro se...

- Se Charles e Inglaterra se converterem a Roma - disse logo a rainha, como se sempre o tivesse sabido.

Castelo Melhor olhou-a, espantado:

- Sua Majestade estava a par?

- Não, não estava, dom Luís, mas de repente tornou-se tudo muito claro, todo este encontro, a autorização da vinda da minha cunhada, que há anos vive presa em casa pelo marido...

E acrescentou pausadamente, pensando alto:

- Mas esse segredo enche-me de angústia, e de uma certa tristeza.

O conde calou-se. Não lhe cabia perguntar nada. Estranhamente, comungava do mesmo sentimento de desilusão, tinha de o confessar. Considerava-se um político, e durante anos o homem mais poderoso em Portugal, mas não deixava de lhe fazer confusão que uma conversão religiosa pudesse ser feita a troco de dinheiro, e a reacção de D. Catarina só demonstrava como os seus sentimentos eram puros: certamente desejava ardentemente que Charles partilhasse a sua fé, mas por convicção.

Depois de um silêncio, Catarina comentou:

- Esta situação vai colocar-me num perigo ainda maior, não vai, dom Luís? Nem precisa de responder, eu sei que vai. Buckingham é uma velha raposa, apanhará no ar o cheiro de que qualquer coisa a mais se passa.

Quando descobrir o que é, e vai descobrir, insinuará ao Parlamento que isto é obra minha, coligada com Roma e França, para tornarmos Inglaterra papista...

Olhou para o conde como que à espera de uma confirmação do seu raciocínio.

- Tem toda a razão, mas estaremos todos dupla ou triplamente vigilantes. De qualquer maneira, para inventar pretextos e conspirações, o duque não precisa de um Tratado de Dover. Como este envolve a irmã do rei, todos eles terão cuidado com o que fazem ou dizem...

O que ele não tem coragem de acrescentar é que mais depressa atentam contra a rainha do que contra a reconhecida paixão do monarca. Mas desta vez não sentira nenhuma amargura ao pensá-lo: como podia sentir a menor animosidade contra a primeira mulher que viera ter com ela de coração aberto e lhe garantira que Charles estava feliz com o seu casamento?

38

Hampton Court, 20 de Julho de 1669

Catarina e Nan treinavam o tiro ao arco, à sombra de um imenso castanheiro. Riam como adolescentes, e Catarina acusava-a de não se estar a esforçar o suficiente, com medo de ganhar à rainha. Nan encolhia os ombros, divertida:

- Diz a senhora do reino que foi escolhida para padroeira dos arqueiros ingleses, e tem direito a uma placa de bronze na sede da associação nacional...

Era verdade. Catarina corou de orgulho.

- Acho que foi o momento em que o rei mais me admirou.

- Por falar em Sua Majestade, vejo-o vir aí - disse Nan, fazendo com a mão uma pala sobre os olhos.

Catarina virou-se na direcção em que a sua dama apontava, feliz. Esquecida dos protocolos, começou a andar depressa em sua direcção. Mas de repente estacou: Charles vinha sozinho, sem guarda, nem amigos. Quando se aproximou, percebeu que nunca o vira tão perturbado, os olhos inchados de chorar. Instintivamente abriu-lhe os braços, e, apesar de estarem naquele espaço público, o rei caiu neles e soluçou como uma criança. Nan, nervosa, sentou-se num banco do jardim afastado, e concentrou-se nos arcos pousados no chão.

- Charles, Charles, o que é que aconteceu? - perguntou-lhe Catarina, falando em castelhano, aquela língua que os unia aos dois.

- Minette morreu, Catarina! Mataram-na, envenenaram-na, a minha mais querida e doce irmã.

Catarina ficou lívida.

- Minette? Mas estava tão bem, de saúde tão forte - balbuciou.

- Recebi uma carta - soluçava o rei. Insinuava que foi o marido, aquela besta que eu já devia ter morto com as minhas próprias mãos, pela violência com que tratava uma princesa de Inglaterra, a minha adorada irmã. Mas mato-o agora...

- Calma, querido, calma. Vamos para casa, vamos chamar o médico...

- Não preciso de calmantes, Catarina. Calmantes a mais tomei eu em pequenino, certamente, que vejo que as coisas não estão bem e sistematicamente não tomo a iniciativa de agir. Eu mato-o, juro que vingo a morte da minha irmã...

O rei fechara-se sobre si mesmo, passava horas com Rupert no laboratório, ou no escritório a revisitar as cartas que a irmã lhe escrevera. Acordava à noite e andava pelo palácio a dar corda aos relógios que espalhara por todas as salas. Mas o pior sintoma eram as suas longas reuniões com Buckingham, que reaparecera como o amigo cúmplice e condoído. Como Catarina o odiava.

Falara a D. Luís no perigo desta nova aproximação:

- George Villiers vai aproveitar-se disto para farejar o tratado - disse a Castelo Melhor, e o conde anuiu com a cabeça. Tinha também os seus espiões.

Quando Charles lhe disse que enviara Buckingham a Versalhes para apurar o que se passara com a súbita morte da irmã, Catarina tremeu por dentro, mas não disse nada. Neste momento, qualquer protesto contra o carácter do duque seria interpretado como falta de empatia com a dor do rei, e daria direito a amuo. A rainha não podia arriscar outro mal-entendido com Charles, muito menos agora. Além do mais, em França já não tinha a sogra nem a cunhada com quem pudesse contar como aliadas. Decididamente, as manobras de lord Buckingham podiam constituir uma ameaça grave.



Quando a viu entrar pela porta do salão percebeu tudo. Buckingham chegava de braço dado com uma jovem linda, magnífica, muito jovem, uma francesa que, se bem se recordava, acompanhara a visita de Minette a Dover.

O seu olhar cruzou-se com o de Nan. Provavelmente, toda a gente que ali estava entendia o golpe do duque excepto, claro, o próprio rei.

- Louise de Kéroualle, vinte e um anos, órfã, que foi acolhida pelo rei de França, após a morte de madame, por não ter para onde ir... - sussurrou, um quarto de hora depois, Nan ao ouvido da rainha.

Catarina teve vontade de levantar a voz e cinicamente comentar: «Chega, portanto, à nossa corte uma jovem indefesa, que França manda ao rei de Inglaterra, para que ele a proteja em nome do amor que tinha à irmã, de quem a rapariga era amiga. Uma menina linda, 19 anos mais nova do que o rei. Se esta história não me tivesse como vítima, até me ria com a transparência da estratégia.» Manteve-se, contudo, direita e sorridente, aceitando o convite de Jemmy para dançar, trocando graças com as suas damas, e, em suma, evitando, até quando tal fosse possível, o momento em que o rei lhe viria apresentar Louise e pedir-lhe que a aceitasse como dama da sua Casa. Como podia dizer que não à dama de companhia de Minette, aquela que, contava a própria, estivera com ela na hora da morte?

Não podia, mas pressentia que o ciclo recomeçara de novo.

Catarina observou Nan no jardim, em alegre conversa com D. Luís. Tinha uma carta na mão com que gesticulava e, embora estivesse a olhá-la de uma janela distante, a rainha sabia que falavam de Meg e Francis, e das suas aventuras no Novo Mundo.

Nan e Castelo Melhor estavam cada vez mais próximos. As damas da sua Casa já comentavam o romance que nascia, mas Catarina conhecia bem a sua menina e sabia que o que facilitara esta aproximação era o facto de Nan saber que D. Luís era casado e tinha filhos. Saber que o homem que tinha à frente era comprometido dera-lhe a segurança necessária para se aproximar dele, confiante de que, à partida, os papéis estavam definidos.

Já tinham passado três anos sobre a morte do marquês de Sande e Catarina esperava que Nan começasse a ser capaz de imaginar um futuro

para si própria, em lugar de se dedicar tanto aos outros. Tinha tanto direito como Meg à felicidade, a ter filhos, a não ficar presa a uma promessa não consumada, feita quando era uma jovem de 20 anos, pensou, recordando-se das palavras de lady Fanshawe. Esta amizade era um momento de transição, tinha a certeza disso, daqui poderia partir depois para um amor a sério. A Virgem das Candeias trataria de lhe encontrar alguém, tinha a certeza disso...

Entretinha-se a fazer de casamenteira, como dizia a si mesma, divertida, para esquecer o inferno em que a sua própria vida se tornara de novo. Kéroualle cumprira o plano: o rei estava de novo embeve cido, apaixonado, preso nas teias daqueles olhos, e desta vez não tinha pela frente uma rapariga ingénua como Frances Stuart, mas uma jovem instruída pelo embaixador francês, numa estranha conjugação com Buckingham. George estava interessado em fomentar este romance apenas para desestabilizar o casamento do rei, tornando possível um pedido de divórcio. Louise era católica, mas o filho que pudesse nascer de um futuro casamento poderia ser educado como protestante...

Estratégias, intrigas, tentativas sobre tentativas de a destruir, pensou Catarina. Será que algum dia tudo isto teria um fim? Quando é que o marido crescia e percebia que o seu amor, sólido e seguro, legitimado por Deus, era mil vezes melhor do que o destas mulheres interesseiras? A Palmer estava aparentemente arrumada numa prateleira, levando como presente o título de duquesa de Cleveland, ou não fosse mãe de seis filhos do rei. Mas dali o perigo era sempre iminente, porque ainda este ano dera à luz Barbara, jurando que era do rei. Charles negara, entre gargalhadas, acusara-a de ser uma prostituta sem carácter, mas a verdade é que acabara por reconhecer a criança. «Mais um, menos um, tanto me faz, o que quero é calar esta prostituta que me bate aos pontos na quantidade de gente que mete na sua cama», comentava, brejeiro. Nell Gwyn, por seu lado, parecia manter algum poder sobre o rei. Segundo contavam à rainha, a actriz troçava de Louise constantemente, e Catarina confessava que se sentia feliz por esta rapariga do povo verbalizar tudo o que a rainha de Inglaterra não podia dizer.

Fora até Nan que lhe contara que Nell, ao ser confundida com a francesa à saída do Teatro Nacional, gritara a plenos pulmões para o povo que rodeava a carruagem real «Meus amigos, nada de confusões e vamos a ter

respeitinho. Eu sou a puta protestante!», provocando o gáudio da multidão.

Teria de se confessar destas conversas levianas, indignas de uma filha de D. Luísa de Gusmão, mas a verdade é que a libertavam da tensão interior em que vivia, e era bom ter amigas com quem pudesse rir, até das suas desgraças.

39

St. James Palace, 30 de Março de 1672

Louise de Kéroualle e uma nova guerra contra os holandeses, eram estas as novidades do ano, pensou Catarina enquanto pegava na caneta para escrever uma carta a Afonso. Ah, quase se esquecia: além de Barbara Palmer Fitzroy, havia ainda que dar nota do nascimento de mais um bastardo do rei, James, o segundo filho de Nell. Decididamente, temas sobre os quais não podia escrever nem uma linha, mas sobre o que escrever então? Castelo Melhor pedira-lhe que acalmasse o irmão, porque os relatos que recebia directamente dos criados que o serviam davam conta que Afonso estava cada vez mais descontrolado e zangado, que as suas fúrias incluíam o partir de tudo o que lhe estava à mão. Era preciso convencê-lo de que esse comportamento só reforçaria a força daqueles que o diziam louco, e Catarina era a pessoa ideal para essa missão, dizia o conde.

D. Luís não escondia da rainha de Inglaterra que não tinha qualquer ilusão de que D. Afonso não voltaria a conhecer a liberdade. «Mas não tinha aliados? Dom António de Sousa Macedo, dom Luís, todos vocês não tinham ninguém do vosso lado?», perguntara, desesperada, Catarina, mas o conde respondera com aquele deslumbramento que admirava:

- Enquanto detínhamos o poder, tínhamos todos os que quiséssemos, hoje são de dom Pedro, e talvez a natureza humana, a portuguesa sobretudo, se proteja assim de guerras civis sangrentas. Países onde há gente demasiado convicta - e era evidente que pensava em Inglaterra - correm o risco de confrontos fratricidas. Deus saberá o que faz, e, para lhe ser franco, não tenho dado o meu apoio ao pequeno movimento que continua a conspirar pelo regresso do rei...

Catarina olhou-o, ligeiramente chocada, mas Luís manteve o olhar.

- Sei que este meu comentário a magoou, mas acredite, Sua Alteza, que gosto genuinamente do rei, e temo que usem e abusem da sua fragilidade, agora violentamente acentuada pelo que lhe aconteceu. Prefiro que o

deixem em paz a que o usem e o deixem ainda mais debilitado...

- Afonso nunca mais reencontrará o equilíbrio depois de ter sido traído pelo irmão e pela mulher - comentou a rainha, dizendo as palavras que o conde não podia proferir. - Sabe, dom Luís, as mães amam os filhos e querem o melhor para eles, e a minha mãe não era excepção, muito pelo contrário, mas podem cometer-se tantos erros, fazer tanto mal àqueles que mais se ama - reflectiu alto, como se daqui retirasse uma ligeira consolação para o facto de não ter filhos.

Castelo Melhor olhou-a com admiração: crescia em sabedoria, pensou. Sabia que enquanto falavam de Portugal fugiam àquilo que a ameaçava no imediato: afectivamente tinha o coração destroçado pela Kéroualle, que jogava com todo o desplante cartas bem mais fortes do que as suas antecessoras - alguém lhe teria dito que poderia ambicionar o lugar da rainha? Se não conseguira proteger D. Afonso, que Deus lhe desse forças para servir melhor a irmã, que estava tão sozinha nesta guerra de interesses nesta corte inglesa. O chanceler Hyde fora substituído por um homem perigosíssimo e fortemente anticatólico - Charles fazia constantemente estas escolhas, como que acreditando que dando uma no cravo e outra na ferradura conseguia manter a paz entre todos. A somar a este novo risco, havia ainda o facto de a duquesa de York ter morrido há cerca de um ano, deixando as duas filhas a cargo de um tutor protestante, e de o próprio James, o mais provável sucessor de Charles, não ser, na opinião de D. Luís, um homem inteligente, e que com os seus gestos impensados só acicatava ódios contra Catarina. Aliás, acabara de casar em Itália pelo rito de Roma com Maria de Modena, uma princesa católica, lavando a imagem perante os ingleses com uma cerimónia anglicana à chegada a Londres, rápida e sem notoriedade.

Catarina sentia-se francamente doente. Os médicos franziam o sobrolho, mas não punham nome ao mal. Lady Suffolk, Nan e lady Richmond rodeavam a rainha de cuidados, mas percebiam, tal como os físicos da corte, que a frágil senhora sofria mais de desgosto e cansaço do que de qualquer outra coisa.

O último golpe tinha sido a assinatura de Charles aposta ao Test Act, Acto da Prova, aprovado pelo Parlamento, e que excluía católicos romanos de ocuparem lugares no Estado. Qualquer pessoa que pretendesse ocupar um

cargo passava a ser obrigada a jurar não acreditar na substanciação da hóstia durante a Consagração - que os anglicanos recusavam - e a sua fidelidade exclusiva à Igreja de Inglaterra.

Charles traíra o compromisso secretamente assumido no Tratado de Dover, trocando o dinheiro que o primo francês lhe oferecia pela conversão ao catolicismo pelo milhão de libras com que o Parlamento inglês comprara o seu acordo.

Castelo Melhor só esperava que o rei resistisse a comprometer-se com a proposta de 500 mil libras que lhe entregariam se abandonasse Catarina, voltando a casar com uma princesa protestante. Buckingham, soubera D. Luís, já chegara ao absurdo de propor raptar Catarina, deixando-a numa plantação no Novo Mundo, alegando que fugira para Portugal, mas o rei limitara-se a rir e a mandá-lo consultar um médico. George recebera a invectiva real com um sorriso: a verdade é que a Kéroualle já estava na cama do rei, já tinha aposentos próprios em Whitehall, quanto mais poderia aguentar a enfezada e infértil Catarina?, pensava.

A George Villiers, as notícias da doença da rainha só enchiam de esperanças. Tomara que fosse mortal, dizia abertamente, quando Charles não estava presente. Castelo Melhor e Nan comentavam tudo isto nos seus passeios, e a mais velha das Fanshawe só dizia:

- Dom Luís, não podemos pagar-lhe com a mesma moeda, descobrir alguém que o envenenasse?

Castelo Melhor ria:

- Por minha vontade estrangulava-o eu, mas não se angustie, lady Ann, que este tipo de gente um dia morde a própria língua...

Mas Nan abanou a cabeça, subitamente triste:

- Não é verdade, dom Luís. Só os bons morrem.

Castelo Melhor sentiu um nó na garganta. Não gostava nada que a sua querida Nan lhe recordasse como tinha já amado...

40

Whitehall Palace, 12 de Outubro de 1675

Louise de Kéroualle tivera um filho de Charles. Já não doía tanto, como naquele primeiro mês da sua lua-de-mel em que descobrira que a Palmer continuava a ser amante do rei e a gerar a sua descendência, mas mentiria a si mesma se não dissesse que ainda doía, doía muito, doía fundo. E o mais doloroso é que sentia que a única culpada desta situação era ela própria, Catarina de Bragança, Catarina Stuart, a filha da Medina-Sidónia. Se tivesse tido um filho, cumprido a sua missão como mulher, nada disto aconteceria. Ou, a acontecer, não lhe teria nem tocado, porque Charles seria pai de um filho seu, do herdeiro legítimo. Até a instabilidade do país, esta luta entre católicos e protestantes, deixaria de fazer sentido, ou faria menos, se o «seu» pequenino Charles, e não o das outras, estivesse aqui para assegurar a sucessão. O confessor dizia-lhe, quando se atrevia a levantar a ponta do véu da sua culpa, que a Igreja não apoiava estas teorias, até porque não considerava que a ausência de filhos, quando havia o desejo de os ter, era motivo para declarações de nulidade, mas Catarina sabia que nem sempre era assim. Sabia que as decisões papais eram vezes sem conta apenas políticas - como podia achar de outro modo, se apenas há cinco anos Roma considerara Portugal um reino independente, ou se concedia o seu aval ao casamento entre cunhados, como acontecera no caso do seu irmão Pedro, ainda para mais estando o marido vivo, e retendo o título de rei?

Não se espantara nada quando começara a ouvir chamar Louise de duquesa de Portsmouth, o título que Charles lhe concedera aquando do nascimento do filho, mas num dos dias que o marido aparecera para cear não resistira a dizer-lhe com a voz mais cínica que conseguiu:

- Não será de pouco gosto, para dizer o mínimo, conceder à francesa o título de Portsmouth, logo da terra onde casámos?

Charles olhara para ela, surpreendido e preocupado:

- De facto, Portsmouth foi onde nos vimos pela primeira vez...

Mas era tarde de mais para emendar o erro, e, como sempre acontecia, foi a própria rainha que o libertou do embaraço:

- Falemos de outras coisas. Como está Jemmy?

O sobrolho de Charles carregou-se.

- Demasiado convencido da sua grandeza para meu gosto.

Catarina fitou-o, pensativa.

- É perigoso quando um rapaz bonito, filho mais velho, mesmo que bastardo, do rei verifica que o caminho para o trono só tem um tio como obstáculo... O exemplo dos meus irmãos deveria servir-nos de aviso.

A perspicácia da rainha surpreendia-o sempre, e gostava dos seus conselhos desinteressados, o que por sua vez acentuava o remorso e a culpa. Até ele já se cansava do círculo vicioso em que se prendia a si mesmo.

Mas o assunto era Jemmy:

- Tem toda a razão, e o pior é que é fácil manipular uma cabeça vazia a fazer o que não deve - assegurou, preocupado.

A rainha suspeitou que, no que dizia respeito ao duque de Monmouth, o rei ainda se iria arrepender muito de ter deixado o filho de Lucy Walters voar demasiado alto.

Louise era sempre delicada com a rainha, mas Catarina não a suportava por perto, muito menos saber que nos seus aposentos estava um bebé rosado, de olhos azuis e caracóis pretos, que o pai atirava ao ar e com quem brincava. Catarina declarou ao rei a intenção de se mudar para Somerset House, a casa que a rainha-mãe deixara vaga, alegando que os seus jardins, que corriam até à margem do rio, lhe lembravam o Paço da Ribeira. Charles anuiu imediatamente. Que se fizessem obras e gastasse o dinheiro que fosse preciso a arranjar a capela católica romana que a mãe mandara consagrar. A rainha fez um sorriso triste - pouco recebera da pensão que o acordo de casamento previa que lhe fosse concedida, e que sabia que em larga medida o marido gastava nas suas despesas pessoais.

Não deixava de ser irónico que agora, cheio de problemas de consciência, se oferecesse para pagar obras e restauros. Afinal era só pedir, ou sugerir, e Charles abria os cordões à bolsa. Lamentou, com amargura, ser mais lenta e simples do que as amantes a perceber estas coisas.

Mas Nan não a deixou cair na melancolia.

- Sua Alteza, vamos fazer uma peça de Natal, de Natal e para celebrar os seus trinta e sete anos - insistia.

- Como aquelas que fazíamos antigamente, em que cada um de nós tinha um papel. Podemos chamar de novo o professor de dança, está mais velho, mas ainda se mexe... - diziam as outras damas.

A rainha entusiasmou-se. Sim, porque não trazer de novo a alegria à corte? Enquanto encenavam uma peça com uma história virtuosa não andavam pelos cantos em actividades menos lícitas. Encomendou o libreto de uma pastoral, e durante um mês toda a gente da sua Casa esqueceu, por momentos, Louise, as infidelidades do rei, os bastardinhos e os ódios do reino. Os ensaios da Ninfa Casta eram diários e as costureiras de Londres agradeceram que lhes fosse dado de novo trabalho.

No dia 15 de Novembro, o rei e a corte assistiram à peça onde a rainha tinha insistido em ocupar apenas um papel secundário, deixando os lugares principais para as suas damas mais novas e bonitas. O aplauso que encheu a sala deixou-a orgulhosa. Pelo menos hoje o rei frequentava outro tipo de sala de espectáculos...



De Lisboa as notícias que chegavam pareciam não fazer sentido. Pedro mandara vir Afonso da ilha Terceira, onde suspeitava que os conspiradores o poderiam encontrar com facilidade, e «cedera-lhe» um quarto no Palácio da Vila, em Sintra. «Prendeu-o num dos quartos mais pequenos, Sua Majestade, onde o rei tem cinco metros para andar de um lado para o outro e apenas a vista da janela para lhe alegrar os dias. Nem um papel e uma caneta entra no aposento. Dom Pedro diz que teme que o irmão se auto-inflija com o bico da pena! Saídas, apenas uma por dia, para

assistir à missa na capela, e escoltado, evidentemente», explicara-lhe o muito mais bem informado conde de Castelo Melhor.

Simultaneamente, o príncipe regente mandara regressar António Vieira, que voltara munido de um salvo-conduto da própria Santa Sé - a Inquisição, mais enfurecida do que nunca com as suas denúncias em Roma, não lhe podia assim chegar.

O que fazer? Escrever a D. Pedro e repreendê-lo pela prisão efectiva do rei? Elogiá-lo de seguida por se ter prestado a fazer alguma justiça a António Vieira? A rainha olhou desanimada para D. Luís:

- Parecia um país tão simples, quando o deixei.

D. Luís sorriu-lhe tristemente.

41

Hampton Court, 26 de Julho de 1677

Catarina acordou de manhã e olhou para o céu, que estava invulgarmente azul. Viu as horas no precioso relógio que Charles lhe oferecera: ainda era cedo. Espreguiçou-se e fez contas de cabeça: há 15 verões que acordava neste castelo, dentro em breve teria vivido tantos anos em Portugal como aqueles que passara em Inglaterra. Com o passar do tempo tudo se tornara tão mais fácil. Já não se perdia nestes corredores imensos, cheios de escadinhas secretas e passagens alternativas. Habituara-se a um ritmo de vida tão diferente do que tivera até sair de Lisboa, a este constante fazer e desfazer de malas, e sentia que conseguira conciliar sem pecado o lado lúdico da corte com as suas obrigações religiosas. Já não se sobressaltava por tudo, e o facto de entender o que lhe diziam, sem aquele desespero de passar aos olhos dos outros por burra simplesmente porque não entendia a língua, ou não era capaz de responder rapidamente e à letra, por não dominar o inglês, tornava o seu dia-a-dia infinitamente mais fácil.

E o seu casamento? Catarina rebolou para o lado e agarrou-se a uma das suas queridas almofadas de penas. O seu casamento tinha momentos, alturas em que era tudo o que sonhara enquanto adolescente no Paço da Ribeira, e em que se sentia a mulher mais feliz da Terra, e outros tão negros e tenebrosos que nem queria pensar neles. É verdade que fizera concessões inimagináveis, mas de que não se arrependia: Charles tratava-a com uma imensa amizade e confiança, pedia-lhe conselhos, e sabia que ela o amava. Ela, estranhamente, acabara por se habituar ao facto de a sua paixão ser unívoca, conten tando-se com a ideia de que o amor que tinha ao marido chegava para os dois. Havia noites raras em que ele ainda a procurava na cama, com uma voracidade e um desejo que lhe pareciam incompreensíveis, em que dava por si a desejar que ainda fossem a tempo, que Charles ainda descobrisse que era ela, e só ela, o amor da sua vida. Mas a vida regressava na manhã seguinte à sua plácida rotina...

Por vezes, quando passava pelo Anne Boleyn's Gateway ou pelo

Corredor do Desespero, ainda se arrepiava: os ódios contra os papistas cresciam, dizia-lhe Castelo Melhor, mas decidira preocupar-se com os problemas apenas quando lhe batiam à porta. Apesar do ambiente hostil, continuava a financiar pequeninos conventos de freiras católicas, a fundar pequenas comunidades de padres da sua fé, e tanto a Queen's Chapel como a capelinha de Somerset House eram verdadeiros lugares de culto, de que se orgulhava.

Olhou de novo para fora da janela e sorriu. Se os dias no Inverno eram tão curtos que se ficava com a impressão de que a noite caía pouco depois do levantar do sol, os verões ingleses enchiam-na de alegria. Mesmo quando acordava às quatro da manhã, o céu já clareara, e os fins de tarde prolongavam-se pela noite fora, como se o sol quisesse aproveitar todos os momentos.

Mas hoje era um dia especial, lembrou-se de repente, ao ver, no fundo do quarto, o seu novo vestido de gala pendurado no manequim que lhe mantinha a forma. Nan, a sua querida e adorada Nan, a irmã mais nova, a filha que nunca tivera, casava finalmente.

Tudo acontecera nos últimos meses, durante os seus passeios a cavalo, que Ralph Montagu acompanhava sempre. Se Catarina não conseguia olhá-lo sem o comparar com Edward, deixando-o sempre a perder, já Nan parecia vê-lo com olhos novinhos em folha. A amizade com Castelo Melhor, como a rainha profetizara, ajudara a sarar a ferida da morte de Sande (mas o fio lá estava sempre, ao pescoço), tornando-a mais disponível para tudo o que se passava à sua volta. Naquelas cavalgadas pelas horas mais frescas da manhã, Catarina começou a dar por si umas léguas mais à frente, em conversa com uma das outras damas, enquanto Nan e Ralph ficavam para trás, tão entusiasmados um com o outro que se esqueciam completamente de que estavam acompanhados.

O amor de Nan às cavalariças multiplicou-se por esses dias e falava de cavalos, selas, estribos e poldros como se nunca tivesse tido outro interesse, para divertimento de Catarina. D. Luís, esse, sorria por delicadeza mas aproveitava imediatamente qualquer pretexto para se levantar e desaparecer.

- Dona Catarina, acha que o estou a magoar, por falar tanto de Ralph? -

perguntara-lhe Nan, num fim de tarde em que passeavam as duas no jardim das Laranjeiras.

Catarina não respondeu logo. Era evidente - e tinha hoje uma capacidade para detectar todos os sinais de romances, namoros e paixões com que decididamente não viera munida de Lisboa - que Castelo Melhor se apaixonara pela Fanshawe. Mas era inimaginável que sendo casado, e com filhos, pudesse fazer uma proposta honesta à mulher por quem se apaixonara. Era duro para o conde manter os seus votos de fidelidade, tão novo e obrigado a viver no exílio numa corte de mulheres bonitas, pensou a rainha, lembrando-se de tantos, inclusivamente o rei, resmungou com amargura, que os teriam lançado às urtigas. Mas mesmo que D. Luís estivesse disposto a uma relação ilícita com lady Ann, esta estava-lhe completamente vedada. Nan não só era uma dama da rainha, e logo uma cheia de princípios e convicções, como Castelo Melhor fora grande amigo de sir Richard, tendo grande estima pela viúva lady Fanshawe. Além de tudo o mais, Nan ia fazer agora 32 anos, o tempo começava a ser curto, sobretudo se queria ter filhos. Por isso, Catarina sentiu que era preciso desvalorizar a paixão de D. Luís. Nan, com o seu feitio generoso, ficaria demasiado dividida se achasse que partia o coração a alguém.

Debruçando-se para colher os amores-perfeitos que mandara plantar em redor das laranjeiras, a rainha respondeu:

- Nan, em breve o meu irmão deixar-se-á de guerras fúteis e pedirá a dom Luís que regresse a Portugal. É jovem, um político com uma carreira pela frente, e com família. Qualquer homem sonharia casar com Ann Fanshawe, mas Ann Fanshawe já ganhou há muito o direito de escolher com quem quer casar...

Nan tinha percebido tudo, percebido que a porta a uma relação com D. Luís estava definitivamente fechada. Era preciso procurar outras saídas, e a verdade é que Ralph a fazia rir, era sensível, cuidadoso, tratava-a como uma princesa, e tinha o sentido de honra dos Montagu, que se percebia em cada decisão que tomava. Sim, Ralph provocava-lhe borboletas na barriga e lembrava-se bem de como ela e Meg tinham definido esse esvoaçar como o sintoma que revelava tudo. Ajudando a rainha a colher umas laranjas, voltara à carga:

- Ralph pediu-me hoje em casamento. Disse-lhe que lhe dava a resposta amanhã...

- Porque não dá já hoje? - quis saber a rainha.

- É difícil decidir, é uma decisão para a vida... Fazem-me falta aquelas opiniões implacáveis de Meg - suspirou. E depois, virando-se para Catarina:

- Mas podemos depois manter os mesmos postos? Ralph adora o que faz, e eu, e eu, acho que já não consigo viver longe de si...

Catarina lançara-lhe um braço sobre os ombros e, chegando-a a si, respondeu:

- Fico feliz, tão feliz, por ouvir isso, Nan. Não levantaria o assunto, como não levantei qualquer problema à partida de Meg, mas era um pedaço do coração que me era arrancado.

Nan virou os olhos cheios de lágrimas para ela e, procurando tirar o toque sentimental à conversa, comentou:

- Ainda bem que a minha mãe não é ciumenta.



Meg chegara há uns dias. Lady Fanshawe juntara os filhos todos em casa, e Catarina sentira-se secretamente um pouco posta de lado: crescera com aquele exacto sentimento de clã, rodeada dos irmãos e dos pais, mas agora sobrava-lhe o quê? Talvez pudesse ter recriado esse ambiente se tivesse a nursery cheia de filhos, mas assim, sozinha, ficava com a sensação de ser uma peça solta do puzzle, e então quando lhe tiravam as suas damas, a sua Meg, a sua Nan, e o seu estribeiro-mor, ficava ainda mais perdida.

Mas hoje chegavam todos a Hampton, logo pela manhã. O rei e a rainha tinham insistido que Ann Fanshawe casasse no mesmo lugar e com a mesma pompa da irmã mais nova, e a cerimónia depressa se tornara um acontecimento real.

Sentada frente ao espelho, oferecido por Charles como presente de

casamento, Catarina ouviu bater à porta. Nem chegou a mandar ninguém entrar, porque quando ia abrir a boca já tinha ajoelhada a seus pés Meg, que lhe beijava a mão.

- Meg, Meg - foi tudo o que a rainha conseguiu dizer, enquanto a cobria com os braços e a sua loirinha deitava a cabeça no seu colo.

As criadas pousaram as escovas e os ganchos, e esperaram. Também elas estavam felizes com esta visita.

- Meg, ponha-se de pé e deixe-me vê-la - ordenou.

Meg riu:

- Não me vai dizer que cresci...

Catarina olhava para ela, encantada: continuava linda e sofisticada. Nada tinha sido deixado ao acaso, como nunca fora, dos brincos ao colar, do caracol que lhe caía sobre a testa à altura do vestido.

- Não tem ar de ter chegado de uma viagem de barco de dois meses, nem de ter vivido nessa terra de índios - sorriu-lhe a rainha.

- Mais uma coisa que lhe devo, Sua Majestade. Aquele conselho que deu a Francis, de me deixar assentar praça numa cidade com vida própria, foi certeiro. Acredite que depois de um mês de botas e chapéu de palha não pensava noutra coisa senão nos nossos bailes...

A rainha riu:

- Mas, e as crianças?

- Achei que oito da manhã era cedo de mais para as impingir a Sua Majestade, mas já cá estão. Correm de um lado para o outro dos corredores, numa excitação insuportável. Nada no Novo Mundo é tão grande, ou tão imponente. E adormeceram estes anos todos ao som das histórias da minha vida junto de si, sobre os meus dias nestes magníficos castelos, acredite que é preciso viver em cabanas para os apreciar! Agora, de cada vez que reconhecem um pormenor, um móvel, um relógio, uma torre, gritam como se estivessem por aqui numa visita de reconhecimento.

- E Nan, como está Nan?

Por momentos o seu olhar entristeceu-se:

- Parece feliz, mas não sei. Ficámos a falar até de madrugada nas últimas noites e pressinto que além da sombra de dom Francisco, temos outra, não?

A rainha acenou cuidadosamente com a cabeça - estavam ali mais pessoas, e não sabia quanto é que Nan decidira divulgar os seus sentimentos.

- O casamento não é fácil, bem me disse sempre Sua Alteza, e tenho a certeza de que só o meu amor, a minha obsessão por Francis nos permitiu manter-nos tão unidos, mesmo quando os dias não eram fáceis, os confortos nenhuns, o dinheiro menos ainda. Sonhava para Nan um amor absoluto, total...

- Talvez tenhamos todos maneiras diferentes de amar. Consigo, Meg, tem de ser tudo sempre absoluto, como, aliás, acontece comigo, mas Nan, Nan é diferente, parecem caber muitos amores no seu coração. Acho que soube escolher com sensatez e de acordo com a sua consciência. Tenho a certeza de que será recompensada por isso...

Meg não podia dizer o que pensava, que desejava para a irmã um casamento muito mais feliz do que o da rainha, um marido muito mais dedicado e fiel do que o rei... Que tal seria este D. Luís, de quem Nan falava com um brilho nos olhos, embora depois atribuísse todos os méritos a Ralph? Garantia-lhe que Montagu lhe fazia borboletas no estômago, mas Meg desconfiava...



Por Nan, como já o fizera por Meg, Catarina aceitara assistir à cerimónia anglicana na capela de Hampton Court, uma capela linda, forrada a madeira de carvalho, as janelas de vitrais espantosas, mas para a rainha sem qualquer significado. Segundo as tradições da Igreja de Inglaterra, as paredes estavam vazias de imagens, ou de quadros, porque alegavam que

tudo isso distraía o crente de Deus.

Sentara-se no banco da frente, ao lado de lady Fanshawe, guardando um lugar para o rei, como sempre atrasado. Mas quando Charles caminhara para o seu lugar trocara olhares com Meg, e abraçara-a, entusiasmado:

- Lady Villiers, que bem lhe fizeram os ares do lado de lá do Atlântico.

E antes que Meg pudesse dizer alguma coisa, tinha-a arrancado do banco, sussurrando a Francis:

- Desculpe lá, Villiers, mas estas cerimónias são tão chatas, que não as suporto sem uma mulher bonita ao meu lado.

Perante o murmúrio dos convidados, arrastara uma Meg meio divertida, meio chocada para o banco da frente, onde, no entanto, a Fanshawe fora firme: sentar-se-ia ao lado da rainha e mais nada. Charles, perante o ar espantado da rainha, dizia-lhe:

- Minha querida Catarina, acho que depois de nos ter deixado durante tanto tempo, esta rapariga tinha de se sentar entre nós.

A assembleia abafou uma gargalhada, a rainha abanou a cabeça, divertida, e aconchegou Meg ao seu lado.

- Desculpe - disse-lhe ela ao ouvido.

- Não há nada para desculpar - sorriu Catarina. - O rei tem razão, não posso desperdiçar um minuto da sua companhia. - Meg ainda olhou discretamente para trás, com medo de que Francis estivesse en furecido, mas o marido piscou-lhe o olho: estava demasiado seguro do seu amor para se preocupar com as infantilidades do rei.

Meg seguiu os olhos de Catarina, que a levavam até ao banco do lado, onde um homem elegante exibia na sua capa de veludo as armas de Portugal bordadas.

Com que então era aquele, Luís, conde de Castelo Melhor. Percebia que Nan o achasse encantador. Ao lado de Ralph tinha a maturidade que a irmã parecia buscar incessantemente nos homens. De facto, estes

cavalheiros portugueses confundiam a vida de Nan. Uns morriam, outros estavam comprometidos, ainda bem que a irmã tivera a sensatez de optar por um inglês - agora que voltava para Inglaterra, queria que os seus filhos crescessem ao lado dos dela, que os seus maridos se entretivessem juntos a jogar às cartas, que todos eles pudessem tomar conta da mãe, que bem merecia uma velhice descansada.

Quando Nan entrou pelo braço do irmão Richard, num vestido absolutamente simples, o peito realçado por um corpete plissado, as mangas a três quartos e um magnífico véu de renda, que lady Fanshawe se orgulhava de já ter sido usado por quatro gerações da sua família, toda a gente parou por segundos de respirar. A segurar a cauda vinham os dois filhos de Meg, com coroas feitas de alfazema e ervilhas-de-cheiro, ao som do órgão da capela.

Ralph, na sua farda de gala de man of the horse, esperava a noiva junto do altar, orgulhoso.

- Que sorte teve este rapaz, espero que a mereça sempre - sussurrou a rainha ao ouvido da mãe da noiva, lavada em lágrimas.

Meg pensava o mesmo. Ralph parecia cheio de vitalidade, mas sentia-o calmo e seguro de si. Nan precisava de todos estes ingredientes. É claro que iam ser felizes.

O movimento foi imperceptível, mas não escapou a Catarina. Nem a Meg. Segundos, milésimos de segundo, não mais, foi o que demorou o olhar que Nan e Luís trocaram entre si, antes de a noiva proferir os seus votos. Nos seus olhares lia-se pena e conformismo. Nada poderia ter sido de outra maneira.

À saída da igreja, duas crianças saltaram, literalmente, em cima de Catarina. Cada uma delas trazia-lhe um raminho de amores-perfeitos.

- Calma, calma, deixem-me olhar-vos com cuidado. Posso adivinhar os vossos nomes? - disse a rainha.

Os dois soltaram risinhos nervosos:

- Não é capaz! Não é capaz! - repetia o rapaz, o cabelo escuro ondulado,

os olhos de um verde-esmeralda, das crianças mais bonitas que Catarina já vira.

- Claro que é. A mummy diz que a rainha dona Catarina é a mulher mais esperta do Mundo - retorquiu a rapariga, que, apesar dos seus três anos, falava num tom determinado e fluente, o que facilitava a tarefa de adivinhar a sua ascendência.

- Ora bem - disse a rainha, pretextando uma enorme dificuldade. Ora bem, este menino aqui chama-se Richard Fanshawe Villiers.

O rapaz gritou, delirante:

- Acertou. Acertou, no nome todo, mana, viste?

- Claro, eu disse-te. E agora o meu? - implorou.

- Ah, isso ainda é mais difícil. Deixa-me olhar para ti: olhos verdes como os do teu irmão, pele muito, muito branquinha, sardas e mais sardas, de quem anda ao sol sem chapéu - a criança riu, fascinada -, e os cabelos loiros, com caracóis revirados nas pontas. Ora, o teu nome é Catherine Fanshawe Villiers.

- Enganou-se, enganou-se! - disse o pequenino Richard, radiante, mas imediatamente corrigiu:

- Desculpe, eu queria dizer Sua Majestade, antes do resto, mas esqueci-me; não estou habituado.

Catarina riu como não ria há muito, um riso de felicidade pura, saído do fundo do coração:

- Não faz mal, mas não te esqueças mais. Mas como é que me enganei, explica-me, Catherine - disse-lhe, puxando-a para o seu colo.

- Não é bem enganar - disse a criança, lançando um olhar de crí- tica ao irmão (quando a mãe soubesse que ele tinha acusado a rainha de Inglaterra de se enganar, e podiam contar com ela para não deixar a cena por contar!). - O problema é que a minha mãe quis que eu me chamasse CATARINA, em português.

A rainha sentiu as lágrimas saltarem-lhe dos olhos. Disfarçou a emoção pousando a criança no chão e apertando-a contra as suas pernas, a mão na sua cabeça loira.

Como poderia agradecer a Meg? Como poderia agradecer-lhe ter aceitado partilhar com ela a sua filha? Porque era isso que sentia, que aquela criança era a sua Catarina, que aquele rapaz era o seu Richard.

Levantou o olhos e cruzou-os com os de Meg. Disse tudo, e ela entendeu tudo.

42

St. James Palace, Agosto de 1678

Catarina assustou-se quando Ralph Montagu entrou na sala onde costurava tranquilamente com as damas. Mais angustiada ficou quando o seu estribeiro-mor lhe entregou uma mensagem, e percebeu que vinha fechada com as armas do rei. Charles dissera-lhe que tinha de ir a Londres, e nos tempos que corria Catarina temia sempre pela sua segurança - as ameaças à sua vida multiplicavam-se, nas ruas da capital tinham sido queimadas imagens do papa e, diziam os seus conselheiros, a hostilidade contra os católicos crescia. A filha mais velha de James, Mary Stuart, casara com William de Orange, ambos protestantes, e os boatos que corriam afirmavam que o partido de Buckingham tudo faria para que fosse a princesa a ocupar o trono, já que Charles recusava todas as propostas de reconhecer Jemmy como o seu sucessor.

«Usar Jemmy para roubar o lugar ao meu irmão, nunca! Preferia vê-lo enforcado em Tyburn», gritara o rei, numa das suas raras fúrias, quando um grupo de amigos lhe viera propor a solução. A frase correra a corte e chegara, obviamente, ao próprio Jemmy e Catarina receava aquilo que o jovem ambicioso poderia ser levado a fazer.

Montagu já estava a ficar nervoso. A rainha virava e revirava o sobrescrito, como se não o soubesse abrir.

Montagu tossiu e perguntou-lhe se queria que saísse, se preferia ler a mensagem sozinha. Catarina pareceu acordar, e sobressaltada olhou de novo para o papel que tinha na mão:

- Não, não, sir Ralph. Pelo contrário, prefiro que fique.

Num gesto decidido, quebrou o lacre e leu, e a cada linha ficava mais pálida.

Montagu voltou a arriscar:

- Sua Alteza, más notícias?

Catarina disse-lhe que sim. Sim, decididamente eram más notícias.

- Posso ler-lhe o que diz? - solicitou, porque não aguentava sozinha toda aquela angústia. Sem esperar pela resposta começou a ler:

Minha querida mulher,

Não posso voltar tão cedo como desejava, em consequência de mais um episódio absurdo. Passeava hoje bem cedo de manhã com os cães em St. James Park, quando um homem me saiu ao caminho e me disse que, mais à frente, estava um atirador pronto para me assassinar. Perguntei-lhe, a rir, porque é que o tal sujeito queria acabar com a minha vida, e ele respondeu, com a lengalenga que já cansa, que os papistas me queriam morto, para que James herdasse o trono. Pobre James, agora é suposto passar os dias a conspirar contra mim. Não gostei do tom arrogante do sujeito e mandei-o apresentar-se ontem à noite no palácio. Convoquei o meu conselho privado e o meu próprio irmão, mas sinceramente acho que fiz mal. A criatura não se intimidou e deu-nos o nome de um outro, que dizia ser quem conhecia realmente os pormenores da cabala contra mim. Quis dar o assunto por encerrado, mas acho que fui ingénuo: há gente, mesmo no meu conselho, que adora estas histórias que servem os seus interesses. Marcaram para hoje um encontro com o tal, de nome Titus Oates. Uma criatura baixa, oleosa, que tanto quanto entendi já foi anabaptista, protestante, fingiu-se católico, e, depois de ter fugido de Inglaterra para não pagar dívidas, voltou agora com esta maravilhosa conspiração na manga.

Quando o interroguei meteu os pés pelas mãos.

Querida Catarina, se tudo isto não fosse tão sério, só dava vontade de rir. Pedi-lhe, por exemplo, que descrevesse João da Áustria, de que não se cansava de falar:

- Um homem alto, loiro, de olhos claros - respondeu o detestável homenzinho.

Dei uma gargalhada. Sinceramente, desculpe-me a falta de modéstia, mas acho que a minha resposta teve graça, embora como sempre fosse o

único a rir dela. Disse-lhe:

- Meu caro amigo, não imagina como dom João gostava de ser descrito assim. O pobre homem tem um complexo enorme por ser baixo, moreno e rechonchudo.

Mas, Catarina, estou a falar a sério, só eu é que me ri. Por muito que o tivesse desmascarado nesta e noutras ocasiões, os meus ministros queriam, a todo o transe, acreditar na conspiração, e nada serviu para os demover. A certa altura, sinceramente, perguntei-me se não terão sido eles a montar todo este teatro, e o tal Oates não passa de um testa-de-ferro.

Queria muito escrever-lhe antes que as notícias lhe chegassem por outras vias: é que Oates denunciou nomes de padres católicos, de nobres católicos, de uma série de gente que decidiu conotar com Roma. Exibia uma lista daqueles que, segundo dizia, teriam tomado parte no golpe (que, note-se, nunca aconteceu). Nunca vi tanto interesse na minha pessoa, nunca vi conseguirem-se mais depressa mandados de busca, mas sei que neste preciso momento a guarda já entrou em muitas casas, e arrasta muita desta gente para a Torre de Londres. Não se preocupe comigo, porque não me vai acontecer nada, até porque neste momento isso seria sinónimo de James no trono. Procuram apenas criar confusão, pressionar-me a nomear Jemmy, ou a tomar outras decisões. Peço-lhe que se mantenha calma, e que se abstenha, embora saiba que difícil isso é para si, de entrar em contacto com os católicos que estão em perigo, e imploro-lhe que não receba aqueles que, certamente, vão pedir-lhe conselho e ajuda. Percebo que é contra o seu temperamento fugir aos problemas, e que terá medo que os seus amigos julguem que os abandona num momento difícil, mas a rainha de Inglaterra só agravará a situação dos católicos romanos e a sua própria, se neste momento der algum pretexto a este bando de cães de fila ansiosos por sangue. Lembre-se que a guerra já está instalada e quem a move saberá manipular o povo na direcção que entender, como a sua mãe a avisava sempre.

Mais não posso dizer, nem era sensato que o fizesse, mas neste momento reafirmo a minha dedicação e prometo reunir-me a si o mais breve possível,

Charles R.

Montagu tinha escutado tudo em profundo silêncio. Já lhe tinham chegado rumores pelos seus estribeiros, mas não pensava que a situação fosse tão grave, que os próprios ministros e conselheiros do rei, e o Parlamento também, estivessem tão empenhados em exterminar todos os simpatizantes ou praticantes da fé católica. Como a rainha, também ele entendera, que seria ela o alvo seguinte, o verdadeiro alvo a abater.

Tanto Catarina como Ralph pensavam, sem se atreverem a dizer uma palavra sobre o assunto, que talvez o rei não tivesse a coragem suficiente para defender a mulher. Seria Charles capaz de resistir às pressões de quem pedia um divórcio? Charles não o mencionava directamente, incluindo esta proposta no capítulo das «outras decisões», mas era perfeitamente possível descortiná-lo nas entrelinhas.

- Quer que chame Nan? - perguntou Ralph, preocupado com o ar doente e cansado da rainha.

Catarina olhou-o com um ar meigo, mas exausto.

- Sir Ralph, deixe Nan descansar, ainda por cima está quase no fim do tempo.

Sempre tão capaz de desejar a felicidade dos outros sem uma pinga de inveja, pensou Montagu, orgulhoso por servi-la.

- Quem, então?

- Pedia-lhe que pedisse uma infusão de laranja à criada, aí na antecâmara, e depois solicitasse a dom Luís que chegasse aqui.

- Sua Alteza vai permitir-me que faça mais. Deu-me o enorme privilégio de ouvir a carta do rei, e entrar na sua confidência. Percebi perfeitamente que sir Charles a deseja bem protegida. Esta matilha está zangada, determinada e rapidamente pode tornar-se perigosa. Vou falar com o chefe da Guarda da Rainha para reforçar a guarda aos seus aposentos, e, até novas ordens do rei, peço-lhe que se mantenha dentro do castelo...

Catarina agradeceu, mas manteve os olhos no chão. Como Charles previra, tinha uma imensa dificuldade em aceitar que pessoas inocentes estivessem presas e a caminho da forca, sem que ela, rainha de Inglaterra,

fizesse um gesto para as ajudar. Como se não fosse o bastião da fé católica naquele país. Pelo menos avisaria alguns, avisaria os seus frades arrábidos, e depois poderiam ser eles, sem o seu conhecimento directo, a espalhar o aviso. Assim quase que obedecia ao rei... Quando Castelo Melhor entrou na sua sala, Catarina percebeu que ele já recebera informações tão ou mais completas do que as suas. A rainha pediu-lhe que se sentasse, e começou:

- Dom Luís, temos de avisar...

- Sua Alteza não vai avisar ninguém.

- Não posso, dom Luís, não posso deixar que os frades e padres portugueses, que o father Hudlestone, que...

- Dona Catarina, repare bem que lhe disse apenas que não ia ser Sua Alteza a mexer um dedo para lhes fazer chegar a ordem de que deixem Inglaterra o mais depressa possível... - Catarina entendeu. Restava-lhe rezar, rezar com toda a piedade para que Deus Nosso Senhor velasse pelos seus. Ninguém a podia impedir de rezar.

43

Somerset House, 7 de Outubro de 1678

Estava de novo em sua casa, e Charles surgira de surpresa depois do almoço, alegando que em mais lugar nenhum de Londres se bebia um chá como nos seus quartos. O clima de instabilidade mantinha-se, e Titus Oates continuava a ser utilizado para fazer mover esta grande campanha contra os católicos.

- É a irracionalidade de tudo isto que me faz confusão, Charles. Duques, marqueses, condes, todos preferem acreditar nesta teoria da conspiração, apesar do tal Oates se contraditar a todo o minuto. Já passaram leis a assegurar a primazia da Igreja de Inglaterra e a impedir qualquer católico de ocupar um lugar no aparelho do Estado - (escusou-se a dizer que todas elas tinham contado com a assinatura do rei!) -, já mataram tantos, porque precisam de mais sangue? Dizem-me que já são 25 mil, Charles, 25 mil as pessoas interrogadas e presas por alegadamente professarem a fé, e muitas delas estão presas ou foram mesmo enforcadas. Não chega? - Pousando a cabeça nas mãos, murmurou, desesperada.

- Tanto sangue inocente que já correu, Charles, porquê? Porque é que não conseguem deixar que cada um viva segundo a sua consciência?

Estavam os dois fechados no escritório que fora de Henriette Marie. Charles quisera mantê-la fora de Londres, mas a rainha recusara: não tinha nada a temer, não mudaria um milímetro aos seus hábitos e, mesmo nestes dias de terror, mandava celebrar missa na capela consagrada.

Charles admirava-a, admirava a serenidade com que aceitava tudo isto, sem nunca se fazer de vítima, sem lhe pedir que se crucificasse pelas suas causas ou que tomasse atitudes mais firmes. Catarina, por seu lado, sabia que o rei procurava a todo o custo sobreviver à crise, que o fantasma do exílio se adensava e que o pior que podia fazer era pressioná-lo. Porque confiava totalmente nele, ou porque desistira de contar com ele?, perguntava-se por vezes, no escuro da noite, mas nunca quando o tinha à

frente, forte, grande, os olhos generosos e perspicazes virados sobre ela.

- Mas hoje as notícias ainda são piores - comentou ele, deixando-se escorregar ainda mais sobre o sofá.

- Piores? - sobressaltou-se Catarina.

- O juiz Godfrey desapareceu e dois dias depois foi encontrado morto numa cova. Espicaçaram o povo a acreditar que era obra dos papistas... coitados dos papistas, os que puderam fugiram e os que não conseguiram fazê-lo estão presos... Estou perfeitamente convencido que foi um golpe dos apoiantes de Oates, que agora vive em Whitehall, e tem um ordenado...

- Em Whitehall? - surpreendeu-se Catarina, cheia de vontade de dizer que quando alguém conseguia abrigar um inimigo do rei, contra a sua vontade, no seu próprio palácio, a situação era de facto grave!

Charles percebeu a crítica.

- Mando pouco, Catarina. Quando os meus conselheiros tomam decisões destas, protesto, refilo, ironizo, mas se forem muito insistentes o que posso fazer? Tomariam a minha recusa como uma vontade de proteger a rainha, como uma aliança com os católicos, e não quero, nem posso, dar-me a esse luxo.

Catarina teve vontade de dizer o que pensava de novo, mas calou-se: de quem era o palácio, por amor de Deus, como podia Charles deixar que fizessem estas coisas em seu nome, e agora refugiar-se na desculpa que a protegia a ela, a ela que afirmava publicamente todos os dias a sua fé? E que desculpa teria para explicar que, igualmente no seu palácio, a sua amante Louise reinasse, porque era esse o termo exacto da palavra - afinal, não era também ela católica?

Charles começava a enervar-se, como acontecia sempre que pressentia uma crítica fundamentada.

- Não estou tão parado como parece! - comentou, zangado, e Catarina corou, porque sentiu que lhe lera os pensamentos.

- Ontem ofereci quinhentas libras a quem descobrir o assassino,

esperava que alguém denunciasse o mercenário que, por sua vez, quando fosse apertado denunciaria quem lhe encomendara o serviço. Esperava, digo bem, porque o tiro saiu-me pela culatra. Os partidários de Oates mandaram um homem, um bandido há pouco saído da cadeia, ao que desceu a exigência de credibilidade das testemunhas nestes tempos!, denunciar um padre como o autor do homicídio. Passei aqui agora porque vou saber o que se apurou em concreto...

- Por favor, Charles, peço-lhe que mande notícias rápidas. Porque não leva consigo dom Luís e depois envia-o de volta com a informação disponível? Ficava mais descansada, e ele é tão discreto.

- Minha querida rainha - disse o rei, procurando descontrair o ambiente com o seu humor -, quer proteger-me mandando-me para o meio dos meus inimigos com um papista assumido, vestido com uma capa com as armas de um reino submetido a Roma?

- Que estupidez, de facto, mas...

- Mas quero que o conde fique perto de si, porque confio muito no seu bom senso e sei que assim a deixo protegida. Quanto a recados, mando-os por um dos meus homens de confiança, não se aflija...

Catarina ordenara que lhe pusessem a mesa do jantar no escritório para duas pessoas. Precisava da companhia de Nan, de alguém que compreendesse as suas angústias e os seus medos. Nan, com a barriga já enorme, sentou-se junto da lareira, que as noites já estavam frias.

- Dona Catarina, está exausta, e os médicos que tanto lhe recomendaram repouso...

A rainha mordeu o lábio, como fazia quando estava nervosa:

- Como é que posso descansar, logo hoje que o rei me veio dizer que um criminoso diz que foi um padre a matar o juiz? Prometeu ir até ao tribunal e mandar dizer o que se tinha passado, mas até agora nada. Quis que levasse com ele dom Luís...

- Mas... - e Nan ia repetir a mesma advertência do rei.

- Já sei, já sei, que foi uma ideia desprovida de senso, mas pensei que Castelo Melhor...

- ... o protegia...

- Sei que é disparatado, pobre dom Luís, o que podia fazer por ele, mas confio de tal maneira nele, como em si e em Ralph, que vos acho detentores de poderes miraculosos - disse, rindo.

Nan não teve tempo de responder, porque o porteiro-mor anunciava o conde de Castelo Melhor.

D. Luís e Nan tinham passado a cumprimentar-se com distanciamento, procurando que os seus caminhos não se cruzassem, e a rainha recebia-os sempre a tempos diferentes, mas esta visita era inesperada e agora não havia nada a fazer.

D. Luís fez uma pequena vénia às senhoras, mas era nítido que estava demasiado agitado para se preocupar com protocolos:

- Conte-nos tudo, por favor - solicitou Catarina.

- Recebi nota do rei. As notícias são inacreditáveis, tão inacreditáveis, dona Catarina, que começo a pensar seriamente que este país ensandeceu, e acredite que já passei por muito.

- Não nos deixe assim...

- O tal criminoso teve o desplante de dizer que o assassino do juiz foi mesmo um padre de que deu o nome, que o procurou depois, sabendo do seu passado, para vir aqui buscar o cadáver do pobre sir Godfrey, e dele se desfazer...

- Aqui? Mas aqui onde? - exclamaram Catarina e Nan em uníssono.

- Aqui, a Somerset House.

Catarina e Nan taparam a boca, em estado de choque.

A gravidade desta acusação era clara. Sem o terem dito para já claramente, era visível que os inimigos da rainha, ou de James, estavam

dispostos a tudo, inclusivamente a acusar Catarina de estar envolvida na tentativa de assassínio do marido.

Castelo Melhor andava de um lado para o outro, as mãos atrás das costas, e falava como se estivesse a depor num tribunal.

- A insensatez da acusação é total. Nunca deveria sequer ter sido considerado o testemunho de um criminoso, mas é isso que me preocupa, é essa sensação de que estas personagens menores não são mais do que peões num tabuleiro, e que quem os move são os mesmos que lhes dão crédito...

- O que disse o rei, quando ouviu essa acusação? - perguntou, numa voz sumida, Catarina.

D. Luís parou e olhou-a.

- Sua Alteza ridicularizou o criminoso, os juízes, enfureceu-se com a Acusação e foi difícil impedi-lo de ajustar contas ali com alguns dos «senhores» que insistiam que era preciso investigar mais fundo estas «revelações». Defendeu a honra da rainha, proibiu-os de sequer imaginarem, quanto mais dizerem que Sua Majestade poderia estar de alguma forma envolvida nesta conspiração. Repetiu mil vezes que era uma mulher a todos os títulos honrada, cuja dignidade e dedicação a este seu país adoptivo só podiam servir de lição a muita da gente que estava naquela sala.

Catarina corou de orgulho e prendeu a mão de Nan na sua:

- Eu sabia que, num momento importante, o rei não me abandonaria.

Nan e D. Luís cruzaram instintivamente um olhar, que logo disfarçaram.

- E agora? - perguntou a rainha. - Se querem vir ver a casa, procurar os vestígios do sangue do pobre juiz nas escadarias, são livres de cá vir, que venham todos! - disse Catarina, recuperando a sua postura de rainha.

- Foi exactamente isso o que lhes disse o rei. Amanhã o criminoso, na companhia de dois parlamentares, virá a Somerset House. A ideia foi de Sua Majestade, e ao que parece impressionou. O rei insistiu em

acompanhar pessoalmente a visita. Dizem-me, dona Catarina, que a posição tão clara de Sua Alteza a favor da mulher fez mudar muitas opiniões. Gente que tinha sido levada a acreditar que o rei estaria por trás de toda esta cabala, para aproveitar o pretexto...

- Para se divorciar de mim...

Castelo Melhor anuiu. Nan não resistiu:

- Dona Catarina, quando perceberem que o rei não cede desistem. Não querem confrontá-lo, têm medo de que os ventos mudem, vai ver que depois da dura prova de amanhã, comprovando-se o perjúrio da testemunha, este pesadelo acaba.



Catarina, no seu mais belo vestido, recebeu a comitiva no patamar das escadas. Os seus olhos negros brilhavam intensamente, e deixou que os dois nobres encarregados de «fiscalizar» a investigação lhe beijassem a mão, como se nada fosse. O rei fez questão em subir os degraus dois a dois e perante todos os presentes beijá-la na boca, demorada e visivelmente, para espanto, antes de mais, da própria Catarina, que manteve, porém, o ar de que aquele tipo de cumprimento fazia parte da sua relação de todos os dias.

Os guardas seguravam o criminoso Bedloe e o inquisidor, encarregado de conduzir as perguntas e de fazer o relatório, pediu-lhe que apontasse os locais que indicara no seu depoimento:

- Onde é o tal corredor onde o corpo foi escondido? - perguntou, com o embaraço de se ver perante os reis a torná-lo mais agressivo.

Bedloe não sabia para onde se virar. Nunca pusera os pés naquela casa, sabia lá ele onde era a passagem que Titus Oates lhe dissera para assinalar no seu testemunho. Subiu e desceu as escadas, insinuou que era «para ali», para gáudio de Catarina, porque a porta dava para a sua casa de jantar, e, por fim, ele encolheu os ombros. Que não sabia, não se lembrava, que talvez tivesse bebido, e de qualquer maneira tudo se

passara na escuridão da noite. Bedloe tremeu quando o rei, na sua voz mais forte, declarou:

- Levem-me daqui este mentiroso, e que o relatório deixe bem claro que eu, Charles II de Inglaterra, peço uma condenação para este homem que se atreveu a procurar manchar o nome da rainha.

Castelo Melhor escrevia cartas para Lisboa. Procurava acalmar a ânsia de D. Pedro, que tinha sido avisado do perigo que a irmã corria. Chegavam cartas do duque de Cadaval e de outros conselheiros reais, que sugeriam que o melhor era trazer a rainha de volta a Portugal. Se ainda por cima não tinha filhos, o que a prendia a Inglaterra? D. Luís sorria tristemente quando as lia: o que prendia a rainha a Inglaterra? De facto, nenhum deles tivera a oportunidade de observar como D. Catarina olhava o marido, como vivia para os momentos das suas visitas, como confiava nele, mesmo quando todos - inclusive o próprio - temiam que Charles não tivesse a coragem de se arriscar por ela. Não ouviam D. Catarina lembrar-lhes que o rei não a abandonara por um minuto quando estivera a morrer, que fora ele que lhe segurara a cabeça quando vomitava, que lhe mudara a cama suja sem chamar a criada, que vez após vez recebera a notícia do bebé perdido, com um mimo, um braço em redor do pescoço, sem uma queixa, uma recriminação. Era verdade que a fizera sofrer, que a obrigara a confrontar-se com as suas infidelidades, mas a rainha recordava com satisfação a forma como expulsara por duas vezes a Palmer da corte porque a apanhara a troçar de Catarina. Charles era um homem de equilíbrios, um egoísta, reconhecia a mulher, mas não a abandonaria, nem a renegaria.

Castelo Melhor escrevia a dizer isto mesmo a Lisboa. Por enquanto a rainha estava serena, feliz até com as provas de amor que o rei lhe dava com mais frequência neste tempo de crise, e Charles nunca fora visto tanto tempo com ela, fazendo questão de a passear nos jardins públicos ou de a levar através da cidade numa caleche toda transparente, que fizera o furor de Londres há uns anos.

A um dos seus melhores amigos, D. Luís até se atrevera a acrescentar uma graça: «Corre na corte que o rei tem uma nova amante. A rainha», escreveu. Mas também lhe confidenciava que não estava absolutamente descansado: Inglaterra tinha o mau hábito, gracejava, de esgrimir os

assuntos religiosos com uma violência bárbara. O rei poderia tentar tudo para defender a mulher, mas continuava a fechar os olhos a todos aqueles que, diariamente, eram sacrificados, enforcados, degolados, refugiando-se num «que se cumpra a lei». Afinal, depois e apesar de tudo isto, Charles dissera no Parlamento que prometia lutar contra quem procurasse restaurar o papismo, suspirou D. Luís enquanto arrumava a escrivaninha. Esquecera-se, porventura, da religião professada pelo seu irmão?

44

Somerset House, 13 de Novembro de 1679

Quando James e Charles apareceram de surpresa em Somerset House, Catarina pressentiu que estavam perante uma nova crise. Acertara em cheio, pensou, quando o rei sugeriu que se chamasse o conde de Castelo Melhor ao pequeno escritório. Escusava de repetir duas vezes a mesma história, que já tinham por si um ar de déjà vu, justificou.

Vendo Nan com o seu filho a aproximar-se, Charles chamou-a:

- Lady Ann Montagu, venha aqui ouvir mais uma história de terror, mas tape-me os ouvidos a esse bebé, coitadinho.

Sentando-se no banco de madeira forrado com uma peça de petit-point bordada pela própria Catarina, começou:

- Como saberão, Oates pediu ao Parlamento para ser ouvido. Depois de quase um ano de acalmia, percebeu que cairia no esquecimento, com o consequente corte de prestígio e mordomias, se não produzisse mais um acto para a peça que escrevera e de que não abdica ser o actor principal.

- Mas o que disse desta vez essa víbora, e porque é que lhe dão o privilégio de o ouvir? - protestou Nan, esquecida de que estava perante o rei e o duque de York.

Charles riu, e James abriu um sorriso para aquela que seria sempre «a mais velha das Fanshawe» :

- Minha querida lady Ann, falta-lhes sempre em imaginação o que não lhes sobra em maldade! O que Oates tinha a dizer desta vez era muito semelhante à descrição do criminoso do ano passado...

- Outra vez um crime em Somerset House? - perguntou Catarina, incrédula.

O rei olhou-a de soslaio, cheio de pena: que mais teria de sofrer esta pobre mulher, que todos tinham tratado tão mal desde que há 17 anos desembarcara em Portsmouth?

Catarina devolveu-lhe o olhar, e os olhos faiscavam em desafio, como quem diz «tu não te atrevas a ter pena de mim». Charles tossiu, pediu ao criado que lhe trouxesse uma caneca de sidra quente e continuou:

- Sim, outro crime. Desta vez a rainha é acusada de ter estado aqui, neste mesmo escritório, em conversa com padres jesuítas, a tratar do meu envenenamento.

Catarina e Nan não contiveram uma gargalhada, mas os três homens mantiveram o sobrolho franzido. Catarina tomou nota, e em voz baixa perguntou:

- Pelas vossas caras percebo que houve quem acreditasse. Que eu conspirava para matar o meu marido, assim, directamente, como quem escolhe a ementa para o jantar?

- Exactamente. Segundo Oates, que alega ter estado cá em casa quando tudo aconteceu, ouviu uma voz de mulher que assegura ser a da rainha, a dizer: «Fico muito feliz por contribuir para a sua morte e para a propagação da fé católica romana.»

O silêncio instalara-se no escritório.

Foi a vez de James falar:

- Querida cunhada, não fique assim, são tudo disparates. O meu irmão Charles protestou imediatamente, o que fazia Oates em Somerset, de onde conhecia a voz da rainha, todas as perguntas que se impunham, e percebeu que, apesar da atrapalhação do bandalho, havia quem quisesse desesperadamente acreditar nele. Aí mudou de estratégia e pediu-lhe que indicasse a data em que tudo isso se teria passado, e aí soltou um grito garantindo que era impossível porque nesse dia estava com Sua Majestade nesta casa. Mas o raio do homem, uma cobra que escorrega entre os dedos, dizia que então era no dia seguinte e quanto mais aflito ficava, mais insistia na outra data. O rei disse-lhe então, que tal como já fizera com o seu «amigo criminoso», e teve muito impacto esta associação!, teria todo o gosto

em acompanhá-lo a Somerset para que lhe dissesse como fora capaz de ouvir a tal conversa.

Catarina lançou um olhar de gratidão ao marido, e Castelo Melhor, no seu tom mais protocolar, questionou:

- Devemos então preparar-nos para nova visita?

O rei assentiu.

Nessa noite Catarina não dormiu. A imagem de Teodósio não lhe saía da cabeça. Como a ensinara a montar, a segurar uma espada, como estava sempre por perto, com um ar tão seguro que herdara da mãe. Como partira para a frente de batalha sem ordem dos pais, e lhe escrevera de lá a contar, excitado, como era acampar entre os militares. Se acreditasse na criada indiana que D. Pedro lhe enviara recentemente para a servir, acreditaria que Teodósio tinha agora reencarnado em Castelo Melhor, na ânsia de a defender. Já recebera várias cartas de Pedro, com quem se correspondia agora com alguma normalidade, decidida a pôr de lado os diferendos, mas o irmão mais novo nunca lhe daria a mesma sensação de segurança. Nunca, sabia-o, voltaria a confiar nele com a confiança cega e infantil que depositara no seu irmão mais velho.

Acreditava sinceramente que o casamento era um sacramento e que o Homem não pode separar o que Deus uniu, mas às vezes, na solidão da sua cama, pensava se não estaria a ser egoísta. Se não serviria Deus melhor, aceitando voltar para Portugal, e deixando que Charles voltasse a casar, tivesse um filho, e a questão da sucessão se resolvesse sem estas guerrilhas. Mas não, não podia desejar tal coisa, Deus não poderia querer que deixasse o marido, que desse razão a todos estes velhacos que usavam o nome do Senhor em vão, para atrás dele esconder a sua sede de poder. Mas mesmo que o Altíssimo o desejasse, pensou, desta vez teria de lhe desobedecer: nunca deixaria o homem que amava profundamente e que se comprometera a servir e proteger. Não lhe dera um herdeiro, é certo, mas dava-lhe um amor incondicional, que não recebia de mais ninguém.

O rei acompanhou a «visita», como já o fizera na vez anterior. Mas nesta incursão obrigara a que Titus Oates fosse acompanhado pelos nobres que sabia serem os apoiantes dos desaforos deste homem. Fechava aos olhos à morte de muitos inocentes, mas não podia permitir que se atrevessem a

chegar tão perto de casa, que tivessem o desplante de suspeitar da rainha. Os dois parlamentares foram convidados a sentar-se no escritório da rainha, e Oates colocado onde dissera ter ouvido a conversa. Os deputados falaram e Oates não conseguiu sequer escutar o som das suas vozes.

- Meus senhores, não sei que mais provas precisam de que este homem é um mentiroso. Mente nas vossas barbas há mais de um ano e julgo que seria bom que se perguntassem porque teimam em acreditar nele - vociferou, de regresso ao Parlamento, o rei de Inglaterra.

Um murmúrio correu as bancadas e quando Titus Oates procurou falar para se justificar, pela primeira vez foi mandado calar.

À saída Charles deu as suas ordens: queria o homem em prisão domiciliária. Sendo que o domicílio, gracejou, «por fraqueza minha, continua a ser o meu próprio palácio!».

Castelo Melhor tinha estado presente na sessão parlamentar. Sentado na salinha da rainha, com uma chávena de chá na mão, contou-lhe tudo, porque com Catarina era assim, não valia a pena esconder-lhe nada. Nem poupá-la a coisa nenhuma. Aparentemente calma, pedia um relatório, e ia fazendo perguntas.

D. Luís contou-lhe. Contou-lhe que, encurralado, Oates começara a perder a cabeça. Recusava-se a que lhe retirassem o poder e a riqueza conquistados, e toda a estrutura que se criara à sua volta sabia que se ele caísse, também cairiam, e portanto ofereciam-lhe o seu apoio.

Apesar de todos os avisos do rei, a Câmara dos Comuns aceitara, de novo, o seu pedido para ser ouvido.

Vestido a rigor, as costas direitas e o queixo levantado, Oates entrara no Parlamento, encostara-se à barra e, num tom teatral, gritara histericamente:

«Eu, Titus Oates, acuso Catarina, rainha de Inglaterra, do crime de alta traição!»

Naquele momento o conde calara-se, olhando apreensivo para a rainha, que aprendera a colocar sobre o rosto uma verdadeira máscara de

serenidade.

- Ao que é possível chegar-se - disse Catarina, e logo acrescentou:

- Suponho que o senhor conde não sente estas declarações como muito diferentes daquelas que ouviu ao meu irmão dom Pedro quando expulsou Afonso do trono e o escorraçou a si de Lisboa? - acrescentou como quem constata um facto.

O conde de Castelo Melhor corou. A verdade é que sentia que os povos não diferiam tanto como se queria fazer crer, embora, felizmente, os portugueses não recorressem à forca com a facilidade com que estes o pareciam fazer.

A rainha interrompeu-lhe os pensamentos:

- Dom Luís, não pode deixar a história ficar por aí. Como reagiram àquele que se atreveu a acusar a rainha de Inglaterra de traição máxima? Propuseram o seu julgamento, não? - acrescentou, tentando ser irónica, mas com o medo a espreitar-lhe das palavras. O Corredor da Desesperada, a morte de Anne Boleyn, a morte do próprio sogro, que Charles relatava com os pormenores mais sórdidos, não podiam deixar de lhe lembrar que por aqui também as rainhas ficavam frequentemente sem cabeça.

Castelo Melhor encolheu os ombros, embaraçado:

- Os Comuns queriam que Sua Majestade fosse de facto levada a tribunal, mas os Lordes opuseram-se por maioria. Haja ainda uma réstia de bom senso - murmurou.

- E o rei?

- O rei já deve ter sido informado. Estava em Windsor, como sabe. Em breve nos entrará aí pela porta.

45

Houses of Parliament, 24 de janeiro de 1680

Charles surgiu no Parlamento vestido como habitualmente, mas meia hora depois, quando os deputados voltaram a olhar para o trono, viram Sua Majestade em traje de gala, a coroa imponente sobre os seus caracóis negros.

Muitos começaram a tremer. Tudo isto tinha ido longe de mais, diziam uns aos outros. E tinha. Charles anunciou a intenção de dissolver o Parlamento. Nesse mesmo dia.

Inglaterra passaria a ser governada exclusivamente pelo rei, declarou.

Apesar do seu gesto de força, a instabilidade continuava e Buckingham não desistia. Lord Monmouth, como bom protestante e filho de rei, tinha de ser legitimado, dizia, e o povo nas ruas aclamava o rapaz, reforçando a tese do conselheiro do rei.

Quando entrou no escritório do rei em Whitehall, foi recebido por um protesto de Charles:

- Outra vez, George? Vens falar do mesmo? Mas desta vez tenho uma resposta definitiva para ti. Como te sabia teimoso como uma mula, preparei uma declaração que te incumbo de tornares pública.

Buckingham entusiasmou-se. Seria agora, finalmente, que Charles cedia? Talvez também ele estivesse desconfiado de James, de que no meio de tanta acusação infundada houvesse alguma que não o fosse - afinal, tinha de recear o poder de Roma, manifestado em França, Espanha, Portugal, de onde recebia mensageiros todos os dias.

Aproximou-se do rei, e recebeu das suas mãos um papel escrito pelo próprio punho de Charles. Leu-o avidamente. Depois, deixou-o cair em cima da mesa, com os olhos vermelhos de fúria.

- Sua Alteza vai queimar esta declaração, não é verdade?

- Não, George, não vou. Quanto mais velho fico mais me convenço de que não vale a pena o esforço de procurar correr entre os pingos da chuva, porque ela acaba por nos molhar à mesma. Tens aí uma declaração minha, ordeno que a divulgues.

Buckingham suspirou. Como ia dizer aos seus aliados, que confiavam na sua estratégia, na sua proximidade com o rei, que Charles declarara, por escrito, e por sua honra, que nunca fizera qualquer «contacto de casamento, nem fora casado com outra diferente da sua mulher, a rainha Catarina ainda viva»?

- «Catarina ainda viva», suspirou o duque.

O rei levantou-se e, aproximando-se dele, gritou furioso:

- Catarina viva, e por muitos anos!

Charles surgiu em Somerset House pouco depois do pequeno-almoço. A rainha assustou-se quando o viu:

- Aconteceu alguma coisa?

Charles beijou-a e sorriu-lhe, um sorriso triste e derrotado.

- Tive saudades - disse, usando a palavra em português, como a mulher lhe ensinara.

- Saudades? - disse a rainha, sorrindo. - De quem?

- De si, Sua Majestade. Concluí, depois de um passeio com os meus cães pelo jardim, que é a única pessoa que gosta de mim pelo que sou. Gosta de mim, Charles Stuart. Como Minette gostava.

Catarina passou por trás da cadeira onde o rei se tinha sentado e afagou-lhe os caracóis que já estavam brancos:

- O que deu ao meu rei para um acesso tão grande de introspecção? Não que não seja tudo verdade - acrescentou a rir.

Charles contou-lhe como chamara Jemmy. Contou-lhe, quase como se falasse sozinho, que o rapaz era bonito, sem dúvida nenhuma, mas o problema é que herdara a beleza do pai e a inteligência da mãe, inteligência que deixava muito a desejar. Catarina sorria.

Chamou Jemmy e depois? - perguntou, curiosa.

- Tentei explicar-lhe que não podia deixar que tudo o que lhe tinha dado, dinheiro, títulos, prestígio, lhe subisse à cabeça. Disse-lhe que tinha a responsabilidade de arrefecer ódios e não de os acicatar, e que achava insensato que se passeasse por Londres a cavalo como se fosse um rei ou um príncipe herdeiro. Lembrei-lhe o traço da bastardia no seu brasão e comuniquei-lhe o teor da minha declaração.

- Disse-lhe, portanto, que ele nunca iria ser rei?

Charles acenou que sim com a cabeça, e baixou os olhos para os padrões do tapete oriental que cobria o chão.

- Presumo que Jemmy não aceitou bem essa decisão?

- Gritou, insultou-me, acusou-me de o ter iludido, de estar a trair Inglaterra entregando-a a James, esquecido de que é seu tio e meu irmão. Tive de o mandar embora, Catarina - e dizendo estas últimas palavras escondeu a cara nas mãos e chorou.

- Mandá-lo embora, Charles? Para onde?

- Disse-lhe que não podia voltar a Whitehall e retirei-lhe todos os seus cargos.

- Fez o quê? - disse Catarina, dividida entre a admiração e o medo. A aliança entre Jemmy e Buckingham seria ainda maior.

- Sei o que está a pensar, mas era preciso cortar o mal pela raiz, sejam quais forem as consequências.

Catarina tinha de concordar.

- Talvez caia nele. Deve perceber que foi um privilegiado, que o pai o

tratou como nenhum outro pai trata um filho bastardo - disse, para o consolar.

Mas Charles estava plenamente consciente de que fora ele próprio que ajudara Jemmy a esquecer o pormenor da sua ilegitimidade.

46

Somerset House, 20 de Fevereiro de 1681

Nan entrou no quarto com pachos de água fria na mão. Não permitia que mais ninguém tratasse da rainha, que sucumbira a febres e tosses. Já há muito que não se sentia bem, mas tudo se agravara agora com o frio do Inverno.

Havia dias em que parecia perder a consciência, e falava em português, chamava pela mãe, por Joana, e sempre, sempre, por Teodósio e frei Pedro.

Quando melhorava, insistia em que Nan saísse do quarto, zangada:

- Tanta inconsciência, Nan. Dois filhos pequeninos para criar, não pode ficar doente.

Lady Suffolk, que mantinha o vigor apesar da idade, dava-lhe razão:

- Ann Montagu, a rainha tem toda a razão! Desapareça daqui, que há quem vele pela rainha.

Castelo Melhor fazia visitas frequentes. Agora que Nan era mãe, o motivo de conversa era mais seguro, falavam de crianças. Ao ver os filhos da Fanshawe a brincar nos jardins que desaguavam no rio, D. Luís recordara mais vividamente os seus três pequeninos, Afonso («Em homenagem ao rei?», perguntou Nan, e o conde abanou que sim com a cabeça), Bernardo e Mariana, a mais pequenina que nascera poucos meses antes de deixar Portugal, e de que ia tendo notícias pelas cartas constantes e cheias de pormenores que Guiomar, a sua mulher, lhe enviava. Nan, enquanto contava os últimos disparates de Charles e Rupert, pensava como naqueles primeiros anos, em que tinham sido os melhores amigos, nunca soubera o nome da condessa de Castelo Melhor, da mesma forma que ela pouco ou nada se referira a D. Francisco. Sorriu. Teriam sempre alguma coisa de especial entre eles, nem que fosse a dedicação ilimitada a D. Catarina, mas estava feliz com o seu casamento com Francis e a maternidade preenchera-a totalmente. Acreditava que, entre filhos e sobrinhos, ela e

Meg tinham enchido os aposentos da rainha do riso de crianças, e que a rainha os aceitara como seus netos, como se tivesse saltado uma geração. E os miúdos adoravam a rainha, que lhes ensinava a atirar ao arco e lhes contava a história de Portugal. «Se tens um nome português, deves saber mais sobre o país de onde o teu nome vem», dissera a Catarina, que, além de ser a única rapariga do bando, se orgulhava de ter o nome da rainha de Inglaterra.

Mas hoje D. Luís e Nan encontraram-se na antecâmara preocupados:

- Talvez fosse melhor pedir ao rei que viesse ver dona Catarina. Passou a noite a delirar, e os médicos confessam que a situação é grave - disse Nan.

- Mando-lhe uma mensagem, esteja sossegada. Sei que está em Whitehall - e ambos franziram o sobrolho com a referência ao palácio onde Louise de Kérroualle e o seu filho continuavam a reinar. Apesar de nos últimos anos ter revelado um imenso cuidado em proteger a rainha com a sua presença, Charles não perdera os seus hábitos e, para lá das paixões ocasionais, continuava fiel à francesa, que se escapara para o país natal nos momentos mais críticos, e a Nell Gwyn, que vivia agora numa casa financiada pela coroa, com os seus dois filhos.

Castelo Melhor acrescentou:

- Vou escrever igualmente para Portugal. O embaixador já deve ter feito chegar a notícia da doença da rainha, mas acho que o devo fazer também. Julgo que, apesar dos meus diferendos com dom Pedro, e do desgosto que me causa saber do rei preso no Paço de Sintra, sei que tem uma adoração por esta santa senhora. E não é para menos. Quando a conheci, eu era porteiro-mor, nomeado pela sua mãe, e confesso que além de todo o respeito que me merecia, não tinha por ela a admiração desmedida que tenho hoje...

Nan concordara:

- Poucas mulheres passariam pelo que ela passou mantendo a cabeça erguida, e, mais do que isso, sem deixarem que o coração amargurasse. Já viu como, além da sua paixão pelo rei, é sempre tão carinhosa connosco, nos trata como os filhos que nunca teve? Teria sido uma mãe maravilhosa, mas Deus saberá o que faz...



Já há quinze dias que estava bem melhor, mas mantinha-se no calor do quarto, ou nos dias melhores passava para a sala, desde que previamente aquecida.

Ainda não tinha forças para pegar na caneta e escrever para Lisboa, mas agora que o médico garantia que aquilo de que sofria não era contagioso, pedira às suas queridas Fanshawe que lhe começassem a trazer os filhos, um por cada dia, de forma que «as lições de História de Portugal não se interrompam». Francis, o mais velho de Meg, perguntara-lhe porque não podia sair para lhe ensinar antes o tiro ao arco, que preferia mil vezes a saber «coisas de antigamente», e Catarina rira às gargalhadas:

- Esta casa é tão grande que, se não melhorar, prometo-te que peço ao teu pai para instalar o alvo num dos salões que ninguém usa!

Para Nan, comentara:

- Se o abominável Oates não tivesse caído sozinho em descrédito, acho que o convocávamos para alvo.

E as duas tinham rido, divertidas: pelo menos, as ameaças constantes à rainha pareciam terminadas, embora o reino estivesse longe de estar calmo, como relatava Meg numa das suas frequentes visitas.

Nesse dia foi Ralph que lhe trouxe pessoalmente a carta. O seu trabalho de estribeiro-mor estava reduzido, agora que a rainha adoecera e praticamente não saía de casa desde o Natal, por isso vinha todos os dias até aos seus aposentos e fazia-lhe companhia.

Mas ao ver o selo da Casa Real portuguesa, deixou-a sozinha com a sua correspondência.

Pedro escrevia-lhe uma carta comovente em que lhe pedia que deixasse de lado a desconfiança daquilo que ele «trazia nos olhos e na alma». Dizia-lhe que precisava de sentir que estava tudo bem entre eles, e prometia

que o tempo havia de mostrar que sempre fora, e seria, o seu irmão dedicado. Bastava, escrevia, que visse a aflição que sentia ao sabê-la longe, ameaçada e doente. Como prova da sua lealdade, dava-lhe a notícia. Sabendo da devoção de Catarina à Virgem de Mourão, dera ordens de que no local da antiga ermida se construísse uma igreja com a dignidade de que a Santa da devoção da rainha sua irmã exigia. Os pedreiros já tinham começado as obras e esperava mandar pintar a igreja com frescos devotados ao tema da Virgem, para que, se um dia Deus lhe concedesse a felicidade de a ter de volta a Portugal, pudessem lá ir os dois em peregrinação.

Catarina sentiu que o dique se rompia - soluçou como uma criança, por todas as penas que não tinha chorado, por todas as desilusões que vivera, por tudo o que a mãe sonhara para ela e não se tinha concretizado, pelas saudades da sua terra, dos abraços de Carminho, do cheiro a laranja das ruas alentejanas. Fechando os olhos, cansada, mas como se a alma estivesse mais leve, deixou-se levar para aquele dia em que, tão pequenina, fora com a mãe à pequena ermida. Lembrava-se do chão frio nos seus pés descalços, de como apontara para o Menino, e a mãe a erguera para que O beijasse. Lembrava-se de Joana, que, sentindo-se posta de parte, entrara na capelinha a chorar, e de como Luísa lhes dissera que o seu coração chegava para as duas. Recordava-se do silêncio discreto, mas tão reconfortante, de frei Pedro, que protegia a duquesa e as meninas sem se fazer notar.

Com os olhos ainda encarnados, aproximou-se da sua secretária e pegou na pena. A primeira pessoa a que tinha de escrever era a frei Pedro, frei Pedro que fora capaz de retirar da ermida a Santa e enviá-la para Inglaterra, e que a voltara a colocar no lugar um ano depois, quando o marquês de Sande lhe fizera o grato favor de discretamente encontrar maneira de devolver a imagem às mãos do frade.

Depois escreveria a Pedro. Fora inteligente e generoso o seu irmão, revelando que não se esquecera do passado de Catarina, consciente de como a poderia reconquistar com este gesto.

Tudo seria mais fácil se Afonso não apodrecesse numa cela, pensou, procurando convencer-se de que talvez Pedro o estivesse a proteger, porque até Castelo Melhor lhe dizia que o desequilíbrio do rei se acentuara

para lá do ponto de não retorno. Talvez, mas quem o teria empurrado para a loucura? Não, ainda não conseguira lavar o coração e a memória.

47

Somerset House, Maio de 1683

Charles galopara ininterruptamente de Newmarket para Londres, e entrara pelo quarto da rainha a meio da noite, suado e exausto. Catarina sentou-se na cama, assustada, mas quando viu que era o marido sossegou: independentemente do que tivesse acontecido, nada importava muito se Charles estava aqui a seu lado.

A sua primeira reacção foi sorrir-lhe:

- Decidiu fazer uma recriação romântica da primeira vez que nos vimos. Faz por estes dias vinte e um anos que entrou no meu quarto e se sentou assim na borda da minha cama, encantando-me com o seu castelhano - gracejou.

Charles, a cara encoberta pela escuridão, chegou-se mais próximo, e Catarina só se assustou quando deitou a cabeça no seu peito e sentiu as suas lágrimas quentes.

- Charles, o que é que foi? Por amor de Deus, diga-me?

- Desta vez foi a sério! Desta vez não se tratava de uma conspiração patética, imaginada e inventada para tentar crucificar inocentes. Desta vez tive a sorte, assim como James, de não termos voltado ao nosso quarto em Rye House à hora combinada. Quando regressámos tarde de um jantar em casa de lord Sheffield, vimos que a pensão ardia e com ela todas as pessoas, crianças inclusivamente, que não acordaram a tempo do seu justo sono.

- Uma tentativa de homicídio? Mas não terá sido apenas um acidente trágico, Charles? - perguntou a rainha, agitada.

- Não foi um acidente, Catarina. Mandei que uma parte da minha guarda voltasse mais cedo, e pelos vistos os assassinos, ao verem o meu estandarte, acharam que o rei regressara também. Lançaram fogo à casa,

em quatro ou cinco pontos diferentes, e a madeira crepitou seca, como se estivesse numa maldita lareira. Dois dos meus homens morreram...

Catarina apertava os braços em torno do corpo que procurava aconchego contra o seu. Mas sabia que não era a tentativa que assustara Charles, um homem que tratava sempre a sua própria vida com displicência. Suavemente, perguntou:

- Conseguiram prender os criminosos?

Charles sentou-se, agora zangado:

- Chegámos pouco depois, e os guardas tinham apanhado dois de um bando que parece ser de cinco. Não demorou muito a que lhes extorquissem uma confissão. Como sempre, eram apenas uns pobres coitados a quem tinham sido dadas umas moedas de ouro em troca do serviço.

- Não disseram quem lhes pagava?

O rei levantou-se e refugiou-se no escuro do quarto, caminhando de um lado para o outro, a sua sombra na parede, projectada pela luz da vela que ardia frente à imagem da Senhora de Mourão.

- Foi essa a informação que me matou. Pouco me importava se tivesse sido comido pelas chamas! Sei lá se não preferia ter morrido, a saber o que sei agora!

- Querido - gritou Catarina, assustada com a intensidade do desespero.

Charles respirou fundo.

- Não a queria assustar, minha doce e paciente rainha, mas...

- Quero saber quem foi. Discípulos de Oates?

- Tomara que assim fosse. Quando são desconhecidos que nos querem matar, parece-me normal, estou tão habituado à ideia, mas quando é alguém em quem confiamos, dói tanto, tanto, tanto...

Catarina ficou em silêncio. Só poderia estar a referir-se a Buckingham ou

a... mas não, Virgem Santíssima, ele não seria capaz de uma coisa dessas.

Charles mordeu a mão, desejando que a dor física atenuasse a que sentia na alma. Não se lembrava de sofrer assim desde que Minette morrera, ele que era campeão na arte de fugir ao sofrimento...

- É exactamente em quem está a pensar. Jemmy, duque de Monmouth...

- Mas pode não ser verdade. Qualquer pessoa que quisesse magoar o rei colocaria o seu nome num papel forjado, Charles, sabe bem que assim é, que ninguém pensa duas vezes antes de falsificar provas e incriminar pessoas que nada fizeram de mal - dizia Catarina, agora envolvida num roupão, e a andar também de um lado para o outro, incapaz de ficar quieta.

- Ai, Catarina, era feliz se assim fosse, mas não é. James tem raiva a Jemmy, toda a gente o sabe. Não o ama como eu o amo, e de qualquer maneira tem mais a perder se morrer agora, é mais novo do que eu, tem a ambição legítima de governar a seguir a mim.

Catarina apertou-lhe a mão com força:

- Não diga disparates, explique-me mas é essa suspeição terrível. Como é que a confirmaram.

- Estava a contar... James mandou que os seus homens lhe trouxessem o meu filho. Não estava longe dali, estivera connosco naquela tarde nas corridas de cavalos. Jemmy chegou de mãos acorrentadas e lançou-se aos meus pés a pedir-me desculpa. Como se tivesse partido um prato, ou entornado a papa. Pediu-me desculpa por me ter mandado matar!

A rainha não sabia o que dizer. Ficou em silêncio, rezando baixinho.

- James pegou-lhe pelos colarinhos e atirou-o para as mãos de um dos meus guardas, que o arrastou até ao seu cavalo. James ordenou que o encarcerassem na Torre e dessem o mesmo destino a todos os seus companheiros, à medida que os fossem prendendo.

- Na Torre de Londres? - murmurou Catarina.

Charles, com aquela ironia que se tornava mais fina quando o

magoavam, comentou:

- Um local onde muito boa gente, bem melhor do que ele, já passou muitas noites.

Estava exausto e de repente parecia não querer pensar mais nesta noite terrível, e menos ainda nas decisões que teria de tomar quando o dia nascesse.

Murmurou:

- Se a minha mulher fosse uma víbora, como tantas outras o são, diria agora que era bem feito que o homem que mais detesta tomar decisões à face da Terra tenha de decidir se condena ou não o seu próprio filho à morte.

Catarina abraçou-o com força.

- Já chega, meu querido, já chega por hoje. - Sentando-o na cama, tirou-lhe ela própria as botas, a capa e toda a roupa, empurrando-o suavemente para debaixo dos lençóis. Depois, deitando-se devagarinho ao seu lado, prendeu-o a si e passando a mão em gestos suaves pelo cabelo, cantou-lhe uma canção de embalar portuguesa. Charles, como uma criança, dez minutos depois dormia a sono solto. Catarina, alerta, vigiou o seu sono até que o barulho de uma criada, que entrara para abrir as cortinas antes que a rainha a pudesse mandar embora, acordou o rei. Estremunhado, olhou à volta sem se lembrar de onde estava. Sorriu mecanicamente para Catarina, mas de repente tudo lhe veio à memória. Soltou um longo gemido e tapou a cara com uma almofada.



Jemmy partiu dias depois para a Holanda, exilado por ordem do rei de Inglaterra. Catarina interviera a seu favor, defendeu-o dizendo que era novo, influenciável, andava apenas em más companhias, acreditara tempo de mais na possibilidade de subir ao trono. James zangara-se com a cunhada, acusando-a de ser inconsciente. Porque, defendia, quem atenta contra a vida do próprio pai uma vez volta a fazê-lo, e bastava falar com Jemmy para perceber que o seu arrependimento era falso, que se

aproveitava de uma forma inqualificável do amor do pai - do pai que tentara queimar no sono. Catarina fora sensível aos argumentos do duque de York, mas rebatera com os seus: pouco lhe importava Jemmy em si, gostava dele, mas nunca depositara no rapaz a sua confiança. A sua defesa do filho de Charles resultava do seu amor ao pai, argumentava, e o rei, um homem pacífico e tolerante, nunca perdoaria a si mesmo se mandasse cortar a cabeça ao seu primogénito, bastardo ou não. James voltava à carga acusando-a, o mais discretamente possível, de estar apenas a dizer ao marido o que ele queria ouvir, porque sabia que Charles nem em defesa própria era capaz de tomar uma decisão. James não tinha o charme nem a inteligência de Charles, e enchera o espaço destas qualidades com pompa e arrogância, com uma intolerância que chamava de «pulso firme» e que a rainha não tinha dificuldade em prever que lhe iria tornar o futuro difícil. Catarina conseguiu irritá-lo a sério quando lhe disse:

- O senhor duque não sabe o que diz. O seu irmão já provou, quando tal foi necessário, que é capaz de lutar pelos seus princípios. Que é capaz de defender a sua mulher, rejeitando propostas de divórcio, e perseguindo aqueles que se atrevem a dizer mal da rainha. Por isso não lhe admito que acuse o rei de Inglaterra de falta de coragem.

James ficara de língua atada e, depois de um cumprimento sumário, descera as escadas em passo rápido, as botas batendo contra a pedra. Catarina olhou para D. Luís, que assistira à conversa. Sentia que o seu conselheiro mais próximo tendia a concordar com James quanto ao «presunçoso» do duque de Monmouth. Sabia que tinham razão, Jemmy poderia voltar a ser perigoso, até porque com o orgulho ferido aumentara certamente o ódio que tinha ao tio, e mesmo ao pai. Não faltaria quem o bajulasse para o levar a arriscar um novo atentado... Mas não queria pensar nisso. Sabia que tinha razão quando dizia que Charles não se suportaria se tivesse mandado matar o filho.

Quanto ao futuro, Deus lá estava em cima para velar por eles.

48

Londres, 25 de Setembro de 1683

Catarina escrevera ao novo rei de Portugal. Viva el-rei D. Pedro II de Portugal, aclamado no dia 12 de Setembro, com 35 anos de idade. Tinham acabado os falsos títulos, os regentes e os príncipes, o desconforto de reinar com o rei na prisão.

A carta era sóbria. Doía-lhe de mais escrevê-la. Sua Alteza só o era porque Afonso morrera no mesmo dia, depois de seis anos encarcerado num quarto. Neste caso nem era rei morto, rei posto, porque arrumado já estava há tantos anos, disse Catarina, numa ironia dorida.

Envenenado, diziam as fontes de Castelo Melhor. Mas ao ouvir a acusação, Catarina encolhera os ombros:

- Envenenado para quê, se não incomodava em nada Pedro, se não o impediu, nem impedia, de lhe tomar o trono e a mulher!

De facto, pensou D. Luís, envenenado porquê? Afonso, aos 40 anos, tinha todos os motivos para desejar morrer, todas as razões para acabar com aquele suplício, e pedir a Deus para o levar para junto dele.

No final de Dezembro, nova carta para Lisboa. Desta vez de pêsames. A rainha Maria Francisca só usara de novo o título de rainha durante três meses, até que umas febres a tinham levado também. Catarina não conseguia deixar de ler nesta morte um sinal. Do casamento com Pedro resultara apenas uma única filha, Isabel Luísa Josefa de Bragança, agora com 14 anos, coitadinha, sem uma avó, ou uma tia, ou, sobretudo, uma irmã que a consolasse neste momento.

Sabia que Pedro tratava já do seu casamento. Recordou-se de como o irmão lhe pedira para ser madrinha da criança, e sentia-se cruel por ter recusado, mas na altura era a única atitude que podia tomar. Talvez agora, que a sua mãe desaparecera, pudessem ser amigas.

49

Whitehall Palace, 20 de janeiro de 1685

O rei não andava bem há já algum tempo, tinha crises de febre muito alta, de que demorava cada vez mais tempo a recuperar. Os médicos diziam que tudo começara com uma mordidela de mosquitos - havia tantos em Windsor - e o conde de Castelo Melhor mandou vir um medicamento que no Terreiro do Paço se vendia para o tratamento de males semelhantes. Charles agradecera, entusiasmado, enquanto a rainha ficara grata, que Deus lhe perdoasse, esta acalmia forçada dos hábitos reais. Nos últimos anos tinham passado longas temporadas juntos em Hampton Court, Windsor ou Cambridge, fazendo uma vida, como dizia Catarina a Nan e Meg, «quase de um casal normal».

Mas desde o Natal que o sentia cada vez mais frágil, os passeios a pé mais curtos, voltando das cavalgadas ofegante, e, embora mantivesse as suas amantes, as idas ao teatro e os jogos de cartas pela noite fora, tudo acontecia a um ritmo mais lento e ponderado.

Em Londres, no entanto, insistia em ficar em Whitehall, enquanto a rainha se mantinha na casa que era agora sua - Somerset. Mas as crises tornavam-se mais frequentes, e Catarina acabou por engolir o orgulho: teria de regressar aos seus aposentos antigos, porque não podia correr o risco de estar longe do marido quando ele precisasse dela...

Uma manhã, depois de ter sido chamada durante a noite a Whitehall, anunciou à sua Casa a mudança.

Nan ainda protestou e lady Suffolk fez coro. Sentiam que a rainha estaria muito mais exposta a humilhações vivendo no mesmo palácio da «consorte» Louise e do seu filho Charles. Diziam-lhe que em Somerset House criara uma família, uma igreja e uma comunidade religiosa que lhe davam a serenidade de que precisava. Mas Catarina quando tomava uma decisão cumpria-a, e a mudança fez-se. Apesar do frio e da neve, voltaram a Whitehall, para gáudio dos pequeninos Fanshawe, que achavam mil

vezes mais excitante o ritmo de vida do «castelo do rei» e adoravam patinar nos canais gelados.

Ao saber da sua chegada, Charles viera visitá-la aos seus aposentos. Beijara-lhe a mão longamente.

- Obrigado - dissera apenas.

Catarina sorriu-lhe. Estavam juntos sob o mesmo tecto, era o que importava.

50

Whitehall Palace, 2 de Fevereiro de 1685

James entrou no seu apartamento sem bater. Nem os guardas da rainha, nem o porteiro-mor se tinham atrevido a solicitar ao duque de York que se fizesse anunciar. Catarina chegava da missa, e ria com as suas damas, enquanto se preparavam para um pequeno-almoço verdadeiramente inglês.

- Breakfast, disse-lhe Nan. - Já pensou no que quer dizer a palavra pequeno-almoço em inglês, dona Catarina? Quebra do jejum, depois de uma longa noite, e de uma missa ainda por cima...

A conversa foi interrompida pelo rosto lívido do cunhado. Catarina levou a mão ao peito. O coração disparara, a respiração tornara-se difícil:

- O que aconteceu a Charles? - perguntou imediatamente.

- Estava a fazer a barba, quando a cabeça caiu para a frente - balbuciou o irmão.

- O que dizem os médicos? - insistiu ela.

- Que é uma apoplexia, que está mal, muito mal... Catarina, o que é que fazemos, meu Deus?

A rainha encheu o peito de ar e, zangada com a fragilidade do cunhado, que lhe parecia retirar o direito de o ser, ordenou:

- Nan, lady Suffolk, peçam ao meu capelão que mande rezar uma missa pelo rápido restabelecimento do rei.

Depois virando-se para James, disse-lhe:

- Tenhamos fé, James! Vamos...

Nunca o vira assim. Charles tinha a cara presa num esgar de sofrimento, e uma enorme dificuldade em articular palavras. Deitado sobre almofadas, na sua cama em forma de barco, cerradas as cortinas de veludo pesado, com medo de que a luz agravasse o seu estado, olhava sem ver. Quando o viu, Catarina rezou baixinho: «Catarina de Medina-Sidónia, pede forças a Deus e à tua mãe, mas lembra-te que ele nunca, nunca, te abandonou quando estiveste doente, e tu não o deixarás por um momento que seja, custe-te o que te custar!»

Sentando-se ao seu lado, apertou-lhe as mãos geladas e enormes entre as suas quentes e pequeninas, e murmurou:

- Charles, meu amor, mexa a cabeça se me consegue ouvir.

Para sua alegria, o rei fez um esforço imenso para virar os olhos na sua direcção, e Catarina juraria que ensaiou um sorriso. A rainha manteve-se junto dele durante horas, sem que ninguém se atrevesse a sugerir-lhe que fosse comer qualquer coisa ou descansar.

Foi apenas o seu querido Dr. Pierce, que rodeava o rei acompanhado de uma equipa de cinco físicos, que por fim a conseguiu persuadir de que Charles precisava de ser examinado em privado, que a sua situação estava estável, e que ela, Catarina, tinha obrigatoriamente de se ir deitar um pouco, sob risco de não estar em condições de continuar a acompanhar o marido. O médico conhecia-a bem e sabia que só com esse argumento a rainha aceitaria repousar.

- Há quantos dias está o rei doente? - perguntou, numa voz fatigada.

- Há dois, Sua Alteza - respondeu Meg, que viera de casa mal soubera do sucedido, deixando os filhos com a avó Fanshawe.

- Estou gelada por dentro, Meg. Tenho tanto medo que, por muito que reze, nada me sossega. Adormeço e acordo com pesadelos, vejo o Royal Charles a ir ao fundo, gente a gritar por socorro. Estou no cais, chamo por ajuda, não posso ver tantos inocentes a morrer, surge Edward Montagu e estende-me a mão, mas não a aceito. Tenho medo de ofender o rei, mas olho em meu redor e o rei está a afastar-se. Julgo que a culpa é minha e peço-lhe desculpa, imploro-lhe que regresse, prometo que lhe vou dar um filho, mas Meg, ele não volta. Vejo-o dobrar uma esquina, e nem se vira

para trás para me dizer adeus.

A recordação do sonho deixara a rainha transtornada e Meg de lágrimas nos olhos. Levantou-se e chegou-lhe aos lábios um chá quente, a que por ordem dos médicos juntara umas gotas de um sedativo.

Mas nada conseguia acalmar Catarina.

- Meg, Nan...

- Sua Alteza - responderam em coro.

- Preciso de falar com o duque de York. Já não me deixam entrar no quarto do rei. Está cheio de conselheiros, de ministros, de cortesãos que tiram prazer do sofrimento alheio, gente que só quer contar no salão o que viu, o que aconteceu... E eu, eu que sou a sua mulher. Não era eu e só eu que lá deveria estar?

- Claro que sim, dona Catarina, mas o médico não a quer exausta, e a maior parte do tempo, segundo nos contou o doutor Pierce, o rei dorme... Serenamente, não sofre, o médico garantiu-nos que não sofre.

- Terá perguntado por mim, Meg? Lembras-te como eu o chamava nas minhas doenças, como o chamo ainda? E como ele vinha?

Meg suspirou. Lembrava-se de ter 16 anos, da doença da rainha que quase lhe roubara a vida, e da dedicação do rei; mas recordava-se também de tantas e tantas vezes em que fora ele a provocar-lhe a maior mágoa, com aparente indiferença. Decididamente, Catarina tinha uma memória selectiva e guardava sempre o melhor do seu marido. O melhor de toda a gente, para ser justa, pensou.

- Meg, o quarto está cheio de gente da Igreja Anglicana, não está?

Meg acenou que sim com a cabeça. Era natural, num país onde o rei era o chefe da Igreja de Inglaterra.

- Não está a perceber, Meg. O rei é católico, sei que o é, sempre o foi, tal como James, mas teve sempre o cuidado de não deixar que nada transparecesse.

Meg olhou-a, procurando esconder o seu cepticismo. Na hora da morte talvez Charles se tornasse piedoso, mas nunca conhecera ninguém tão desapegado dos ritos religiosos, e quantas e quantas vezes o escutara a dizer que as religiões serviam apenas para apaziguar o medo da morte e não justificavam os desentendimentos que provocavam. Mas calou-se. Que sabia ela destes assuntos, que sabia ela do que o rei pensava ou sentia, muito menos neste momento dramático.

- Meg, por favor, chame o meu cunhado, ou a minha cunhada Maria Modena, se não encontrar James.

- Só saio daqui se Sua Majestade aceitar que a ajude a deitar-se na sua cama, para que descanse um bocadinho. Deixe-se ir para perto da sua imagem da Virgem, do seu oratório, das suas coisas...

Catarina permitiu que a levassem como uma criança, e sob as ordens de Meg as criadas vestiram-lhe uma camisa de noite de rendas e deitaram-na, aconchegando-a com cobertores quentes.

- Meg, agora que fiz o que me pediu a mim, faça por favor cumprir o que lhe pedi a si...

- Esteja descansada, que vou sair agora mesmo para tratar de tudo, se me prometer que dorme um bocadinho.

Meg atravessou os corredores que conhecia de cor, directa aos aposentos do duque de York. Caminhava depressa, e ao passar pela porta dos quartos do rei ouviu os cânticos, cheirou o incenso, e pelas portas abertas da antecâmara percebeu que a rainha não inventava: o ar era irrespirável, e a multidão de gente, homens e mulheres, acotovelava-se na tentativa de chegar mais à frente, de ver mais um bocadinho.

Zangada, continuou a acelerar o passo: se James fosse Charles nada daquilo estaria a acontecer. Charles, o homem tolerante, dissoluto e alegre, saberia pôr aqueles abutres na ordem. Há muito que estariam num salão bem distante, e era se quisessem, porque o mais provável é que se queixasse de que vinham apenas comer à custa de um rei falido, expulsando-os do palácio, pensou Meg, e momentaneamente sorriu.

- Lady Margaret, lady Margaret - ouviu uma voz, quase infantil, chamar

atrás de si.

Virou-se, espantada, e deu de caras com uma criada que pouco mais velha era do que a sua filha. A miúda, corada de tanto correr, deu o recado:

- Lady Portsmouth pede-lhe que vá até aos seus aposentos, por favor. A senhora insistiu que frisasse o «por favor» - explicou, enquanto embrulhava as mãos, num gesto de embaraço.

Meg olhou-a com ternura:

- Acredita que vou porque gosto de ti... - disse, directa.

Louise tinha os olhos encarnados de chorar. Será que gosta mesmo dele, ou tem apenas medo de perder o lugar, que será extinto no mesmo instante em que o reifechar os olhos?, pensou Meg, enquanto lhe pedia que explicasse o que pretendia, porque tinha de levar um recado da rainha e tinha pressa.

Para seu espanto, Louise não esteve com rodeios:

- Não visito Charles, o pai do meu filho, porque não quero magoar a rainha. Acho que, neste momento, não merece que a minha presença vá contribuir para intensificar a sua dor, que sei, acredite, ser imensa. Mas percebi que o rei está rodeado de anglicanos, e sei que Charles gostaria de receber os sacramentos católicos...

Meg pensou se lhe deveria dizer que era exactamente essa a missão que a levava em busca de York, mas optou por receber o recado em silêncio. Nada em Louise lhe inspirava confiança, e as lágrimas, as lágrimas, há quem as consiga arranjar quando precisa delas.

- Darei o recado a quem de direito, mas vai-me desculpar, mas tenho pressa.

Louise fez-lhe uma pequena vénia, que Meg retribuiu apressadamente.

Que voltas o Mundo dava, pensou, enquanto procurava James.

- A rainha pede-lhe que venha aos seus aposentos - disse-lhe quando o

viu.

Pobre York, pensou, não deve ser fácil ver morrer um irmão.

Meg, Nan, o conde de Castelo Melhor e James entraram no quarto da rainha. Era um gesto inédito, mas a dor da morte próxima de Charles tornara todos os protocolos risíveis.

- Perguntei a Charles - sussurrou James ao ouvido, se queria receber os sacramentos da Santa Madre Igreja, contou James.

- E ele? - perguntou Catarina, ansiosa.

- O rei acenou vigorosamente que sim com a cabeça, com forças que lhe vieram não sei de onde, enquanto olhava para verificar que ninguém nos via. Sabe que está muito mal, mas mesmo assim não quer provocar cismas...

- Terá de ser uma cerimónia em segredo - constatou muito prático Castelo Melhor, que subitamente parecia ter envelhecido.

James concordou. Estava exausto. Há dias que permanecia à cabeceira de Charles, e quando o irmão estava lúcido sorria-lhe, e passava-lhe as pastas e os segredos de Estado, com uma generosidade a todos os títulos notável. Apontava até para as gavetas onde tinha os documentos, chamava os seus ministros e secretários e apontava para James e com dificuldade articulava coisas como «Sirvam-no bem, é o vosso rei.» Mas os aposentos estavam apinhados de espiões, de membros da Igreja Anglicana que já várias vezes tinham oferecido os seus préstimos, e a quem o rei respondia sempre com um «Para já não.» «Uma prova», dizia James à rainha, «de que sabe bem o que quer e o que não quer.»

- Mas não posso enviar-lhe nenhum dos nossos padres. Primeiro, seriam reconhecidos, e depois, não falam inglês com a fluência necessária. Seriam imediatamente descobertos - dizia Catarina, com os olhos negros brilhando. De certa forma, pensou Nan, esta necessidade de organizar a extrema-unção do rei, e o orgulho de sentir que afinal tinha razão e que o seu marido professava interiormente a sua fé, sedavam a dor.

Nan dobrou-se sobre Meg, sentada no chão, e disse-lhe:

- Enquanto planeia esta estratégia, sente-se feliz por perceber que o rei professava interiormente a sua fé, não sente o choque da morte que se aproxima. Da morte da única pessoa que lhe tem dado sentido à vida...

- Aparentemente, só aparentemente, porque o coração de dona Catarina está povoado de pessoas. Vais ver que mesmo sem o rei, e com a força desta fé, encontrará outras razões para viver. Que ao menos Sua Alteza receba os Sacramentos, para que a alma da rainha sossegue - respondeu Meg.

Castelo Melhor, que as tinha estado a ouvir, tomou uma decisão. Virando-se para a rainha e para James, anunciou numa voz que não admitia discussão:

- Dentro de duas horas a contar deste momento, vou entrar nos aposentos de Sua Alteza Real, o rei Charles de Inglaterra, acompanhado de um padre anglicano, para lhe apresentar os meus cumprimentos em nome de Portugal, e da rainha, a quem o médico proibiu de sair da cama. Ficava muito grato ao duque de York se estivesse à minha espera, para me acompanhar até junto de Sua Majestade.

Todos se olharam, espantados. Mas D. Luís não esperou pela autorização nem da rainha, nem do duque. Virando-se para as irmãs Fanshawe, pediu-lhe que o seguissem.

- Preciso que me arranjem uma cabeleira escura, uma batina negra como a dos padres anglicanos. Procurem na sacristia, sei que na gaveta de cima há vários tipos de paramentos. Dentro de uma hora reencontramo-nos lá em baixo no jardim das estátuas...

E saiu disparado.

- Eu sei onde o conde vai - disse Meg, satisfeita.

- Mana querida, desta vez comungamos dos mesmos pensamentos. Eu também - ripostou Nan.

Catarina, a imagem da sua Virgem e do Menino de olhos postos nela, também sabia. Compreendera logo o plano de D. Luís, e percebera que não confiara no duque de York para o revelar de imediato. Castelo Melhor

lembrara-se do father Huddleston, capelão de Somerset House. O inglês era a sua língua, conhecia os rituais e os costumes dos seus «rivais», conseguira sobreviver intocado mesmo nos dias mais ferozes das perseguições aos católicos, mas, mais do que tudo, mais importante do que qualquer outra coisa, pensava a rainha, amava verdadeiramente o rei. Salvara-o do exército de Cromwell, quando não passava de um adolescente aventureiro, e salvá-lo ia agora, abrindo-lhe as portas do Céu. De olhos fixos na Virgem de Mourão, Catarina rezou com todo o fervor:

- Senhor, se Charles tem de partir, que seja abençoado por um padre, ungido com os sagrados óleos. Sei que assim lhe perdoarás todas as falhas e o acolherás junto de ti.

Até o Deus mais insensível daria ouvidos a uma mulher como Catarina de Bragança.

Catarina quisera vestir-se. Queria estar pronta a ir ao quarto do rei, se tal lhe fosse permitido, queria estar sentada numa das suas cadeiras na sala quando Castelo Melhor voltasse e lhe descrevesse como tudo se passara, queria ouvir de pé a notícia mais terrível, se fosse caso disso.

Não ficou muito tempo sozinha. Meg e Nan regressaram aos aposentos da rainha, e vinham tão entusiasmadas que se sobressaltaram quando viram a rainha.

- Contem-me, por favor - pediu a rainha, suplicante.

Esquecidas da iminente morte do rei, Nan e Meg sentiam-se transportadas no tempo. De repente, em lugar de mulheres e mães, voltavam a sentir-se duas meninas, damas da Casa da Rainha, a quem haviam jurado, com toda a solenidade, servir.

Atropelaram-se na descrição:

- Num cesto de piquenique, escondemos os paramentos e a cabeleira.

- Para disfarçar o father Huddleston? - perguntou a rainha.

As irmãs olharam-na, espantadas:

- Dona Catarina sabia que era nele que dom Luís pensava quando saiu daqui disparado?

Catarina sorriu tristemente:

- É claro que sim. E é um desígnio de Deus...

- Um desígnio que quem o salvou uma vez lhe traga de novo a salvação - disse Nan, numa voz suave.

Foi a vez de Catarina se sobressaltar:

- Não fui eu que disse estas palavras, Sua Alteza, mas o father Huddleston, quando aqui chegou.

Os olhos negros de Catarina brilharam de felicidade.

- O conde de Castelo Melhor foi buscá-lo a Somerset House, vestiu a batina por cima da sua, no vão das escadas de caracol, e partiram os dois pelo corredor...

Catarina ordenou-lhes que rezassem:

- Não podemos fazer mais nada, senão rezar para que a Virgem esteja com ele, e todos os santos também. - Quando viu o father Huddleston entrar pela porta, Catarina sentiu que o coração parava. Como é que alguém podia sentir simultaneamente tantas coisas diferentes? O motivo da presença do padre era trágico, mas a felicidade de o ver e de sentir que tudo acontecera como previsto deixava-a de alma lavada, pronta para suportar todas as dores. Huddleston coxeou até junto de Catarina, de quem gostava tanto, e sentou-se na cadeira que Castelo Melhor colocara ao lado da rainha.

- Minha querida filha, Charles confessou-se e recebeu os Sagrados Sacramentos, ungi-o com os óleos que o tornarão mais forte, mais capaz de suportar tudo aquilo por que tenha de passar, até encontrar a paz do Senhor.

- Mas como? - perguntou Catarina, as lágrimas a correrem-lhe pela cara, sem que se desse sequer ao esforço de as disfarçar.

- Dom Luís, com a sua mestria, entrou na sala e desviou de mim a atenção dos presentes. Pequeno como sou, vestido de negro entre tantos outros com a mesma veste, fui pedindo licença e passando até chegar junto do rei, sem que ninguém desse por nada. O duque de York revelou-se, como se revelam as pessoas boas em tempos de necessidade, e ordenou que toda aquela multidão saísse do quarto do rei para que o conde de Castelo Melhor, em nome da rainha impedida de visitar o marido pelo médico, pudesse ter com Sua Majestade uma conversa particular.

- James foi capaz de mandar calar as pessoas, de as fazer recuar para outro quarto, sem que nenhum ministro pedisse para ficar? - perguntou Catarina.

- Julgo que foi o factor surpresa, minha filha. Temo mesmo - disse com um ar ligeiramente angustiado - que o duque de York não demore muito a descobrir o prazer de mandar, e se deixe inebriar por ele. Charles, o meu querido Charles, nunca foi prepotente, nunca tirou prazer no exercício do poder pelo poder, da humilhação como forma de conquista...

Catarina soluçava.

- Chore, minha filha, chore, que as lágrimas fazem bem à alma. Não acredite nos padres que lhe disserem que não deve chorar. Jesus Cristo chorou na cruz, a sua mãe chorou certamente, e bem, ao ver o filho pregado no madeiro, como choraram os seus amigos. É tão digno chorar, como rir, minha querida Catarina - disse-lhe, dando-lhe festas nas mãos que a rainha torcia no colo em desespero.

Respirando fundo, Catarina voltou a insistir:

- Mas conte-me mais, father Huddleston, conte-me o que sentiu, o que acha que Charles sentiu? Fizemos bem? Acha mesmo que era este o seu desejo, a sua vontade?

- Não tenho dúvidas nenhumas, Sua Alteza. Meu querido filho - disse com a voz trémula de comoção -, meu querido filho que voltou a estar nos meus braços, que me confessou, como pôde, os seus pecados, que me pediu a mim, ao conde e a James que velassem por si.

Catarina julgou que ia desmaiar. Meg viu-o na sua expressão e apressou-

se a dar-lhe um gole de um vinho do Porto. Direita como uma sentinela, os seus cabelos loiros em cachos, os seus olhos molhados mas bem abertos, Meg deixou-se ficar em pé, por trás da cadeira da rainha, uma mão em cada um dos seus ombros.

A rainha virou a cabeça para a sua menina, agradecida, e Meg reparou que o father Huddleston olhava Catarina com uma ternura imensa:

- Corro o risco de a comover de mais, Sua Alteza, falamos depois...

- Não, não, por favor, father Huddleston, descreva-me como tudo se passou.

- Vou contar-lhe então tudo porque os próximos dias, as próximas semanas, os próximos meses vão ser duros, e vai precisar destas palavras, destes episódios que lhe conto, para perceber o quanto a sua força, a sua generosidade, as suas convicções, e até a sua teimosia - disse, os cantos da boca revirados num ligeiro sorriso -, foram importantes para que Charles II de Inglaterra fosse melhor pessoa, e tivesse o privilégio de uma morte santa.

- Mandou-me mais algum recado?

- O rei repetiu várias vezes, e dom Luís não me deixa mentir, que lhe pedia perdão...

- A mim? - gritou Catarina. - Eu é que lhe tenho de pedir desculpas, deixem-me ir dizer-lho pessoalmente. Eu é que não lhe dei um herdeiro, eu é que fui ciumenta, caprichosa.

O father Huddleston encostou o dedo à própria boca, num gesto de silêncio:

- Dona Catarina, é preciso saber receber, assim como dar. Ninguém tem dúvidas de que o rei tem razões para lhe pedir perdão, como temos todos a certeza que o facto de não ter filhos não resultou de uma vontade sua, mas de Deus, que por vezes escolhe caminhos complicados de entender.

Pondo-se de pé com dificuldade mas determinação, o father Huddleston anunciou que tinha de partir. A missa da tarde esperava-o. À despedida

abraçou a rainha, e prometeu-lhe:

- Vou escrever tudo isto num livro, que lhe vou oferecer. Quero que guarde a memória deste dia importante, para si e para tantos católicos que como mártires perderam a vida nos últimos anos. Julgo que é importante que fique para a História quem era o verdadeiro Charles.

- Sabe - disse Catarina, mais serena -, sempre tive a sensação de que conhecia um homem diferente daquele que todos os outros viam.

- Não era ilusão, Sua Alteza. Tanto eu como dona Catarina tivemos o privilégio de conhecer o melhor dos dois.

E aceitando que a rainha lhe beijasse a mão, partiu.

Meg já estava com Nan na carruagem, ansiosa por ir abraçar o seu Francis e os seus Robins dos Bosques, como lhes chamava, quando se lembrou:

- Mana, desculpa, deixa-me ir fazer um recado de que me esqueci...

Correndo o mais que a saia lhe permitia, entrou nos aposentos de Louise. Lady Portsmouth lia um livro a uma criança igual a Charles, os cabelos e os olhos tão negros como os seus, a boca cor-de-rosa e curiosa. Meg parou, comovida, mas lembrou-se de que Nan a esperava.

- Venho só dizer-lhe, pedindo-lhe, obviamente, o maior segredo, que foi possível cumprir o seu desejo.

Louise deixou cair o livro e apertou o pequenino Charles com força contra si:

- Bendito seja Deus.

Com uma vénia, Meg voltou a correr para a carruagem. Quando se precipitou pela porta, abraçou-se a Nan e chorou como uma criança. Nan deixou-a repousar nos seus braços, enquanto o balanço da carruagem a embalava.

- Que pena dona Catarina ter perdido, tão cedo, a irmã.

- Temos de continuar a tomar conta dela - soluçou Meg.

- Mais do que nunca - murmurou Nan.



Já tinham passado quatro dias, e neste dia 6 de Fevereiro Charles não parecia melhorar. James queria acreditar, no entanto, que a visita do father Huddleston e a força dos Sacramentos lhe tinham dado outra paz. Dizia-o constantemente a Catarina, enquanto se sentavam os dois, um de cada lado da cama, olhando para o rosto pálido do rei.

Charles recuperava por momentos a consciência, e de uma das vezes, ao ver os ministros reunidos ao fundo da sua cama, arranjou forças para dizer, com uma curta gargalhada: «Meus senhores, peço-vos desculpa por até a morrer ser indeciso!»

James escondeu a cara nas mãos. A força de Charles comovia-o sempre. Que Deus lhe desse um quarto daquele ânimo e daquela generosidade. Catarina apertou-lhe a mão, mas não conseguiu dizer nada, a voz demasiado embargada para falar. Como gostaria que o seu marido não fosse rei de Inglaterra, não tivesse de morrer rodeado desta gente, como desejava poder deitar a cabeça sobre o seu peito, como tantas vezes fizera, e deixar que ele a apertasse nos seus braços fortes, e lhe dissesse como, à sua maneira, a tinha amado.

Mas Charles já não lhe pertencia, nem sequer o seu Charles, que ela e o father Huddleston guardariam para sempre no coração.

Quando voltou a olhar para o rei, James fechava-lhe os olhos e beijava-o na testa, sem esconder as lágrimas. Catarina não se lembrava de mais nada. Quando deu por si estava aconchegada na cama, uma laranja pousada ao lado da sua almofada. Num bilhete, a letra firme de frei Pedro:

«Não sei, mas pressinto que precisa de mim, hoje, agora, e com uma urgência que nunca senti antes. Não posso ir ter consigo, minha querida infanta D. Catarina, por muito que há 23 anos não tenha outro desejo. Envio-lhe uma laranja, uma laranja apanhada no seu paço, num daqueles dias frios e azuis, tão transparentes que o horizonte fica sem fim. Espero

por si aqui mesmo.»

Estendendo a mão para a pequena miniatura com a imagem de Charles, abraçou-se a ela e chorou. Frei Pedro sabia que já nada a prendia aqui...

51

Canal da Mancha, 22 de Maio de 1692

Meu caro conde de Castelo Melhor e meu querido amigo,

Escrevo-lhe a si, e só a si, porque apenas consigo sou capaz da difícil arte de abrir o meu coração, e acredite que tem estado tão abotoado, que o exercício de lhe dizer o que sinto é ainda mais complicado.

Perdoe-me as incoerências, as hesitações, por vezes até a raiva, porque me sinto como uma criança que aprende a dar os primeiros passos. Mas vou tentar. Não por si, D. Luís, desculpe-me o egoísmo, mas por mim, que já não aguento mais guardar este peso, esta confusão de sentimentos, estes medos a que tantas vezes nem sei dar nome.

Agora que finalmente saio da prisão em que para mim Inglaterra se tornou, estou convicta de que só o meu querido amigo me pode entender - como eu, sabe o que é o exílio, o desejar voltar à nossa pátria com tanta força que até o ar nos falta e, no entanto, não o poder fazer, sabe o que é a esperança constantemente desiludida, os planos frustrados.

Só D. Luís viveu aqui comigo, conhece Londres, os sítios e as pessoas de que lhe falo, mas sabendo o cá e o lá pode compreender melhor do que nenhum outro tudo o que tem estado em jogo nestes longos anos desde que nos separámos.

Pego nesta pena e a mão desliza sobre o papel, porque imagino que estou sentada naquela cadeira de veludo azul, lembra-se?, na minha salinha de Somerset House, e o senhor conde, à minha frente, no banquinho sem costas, ligeiramente reclinado na minha direcção, com os seus olhos brilhantes e atentos, sempre pronto a fazer mais uma pergunta, quando sentia que era meu desejo falar, e ficando calado, ou pondo fim à conversa, assim que percebia que mais uma palavra me levaria ao embaraço das lágrimas.

Acredite, é a primeira carta verdadeira que escrevo há muito, muito

tempo e, no entanto, todos os dias escrevi uma carta a alguém; a maioria delas ao meu irmão Pedro, pedindo-lhe, implorando-lhe, rogando-lhe que me tirasse daqui, ou arranjasse forma de me fazerem sair deste reino onde corria perigo de vida, através de um acordo com Luís de França, pressionando Orange, ou simplesmente enviando a nossa frota para daqui me levar. Falei das minhas doenças, e têm sido muitas, falei da insegurança em que vivia, e não mentia, porque o povo queimava imagens do Santo Padre à minha porta e gritava com fúria contra mim, porque acreditavam nos rumores espalhados por esta rainha que agora governa Inglaterra, e que diziam que eu a queria matar com peçonha!

Envergonho-me das cartas que enviei ao rei de Portugal, e só a si lho posso confessar. Que vontade tinha de ser senhora de mim mesma, autónoma para poder regressar pelos meus meios, sem ter de me vergar como me verguei, chorar como chorei, tantas vezes não recebendo resposta, ou, em recebendo-a, apenas para perceber que o meu próprio irmão não tinha vontade de me permitir voltar. De regressar àquela que é a minha única casa, de onde fui arrancada para servir o meu país, tendo, ainda por cima, minha mãe e o marquês de Sande, paz às suas almas, inscrito no acordo de casamento que o poderia fazer sempre e logo que o entendesse, levando comigo todos os meus pertences.

Não percebo porque é que Pedro resistiu e tornou a resistir. Quantas noites, de olhos postos na lareira acesa, imaginava que o meu querido amigo estava ao meu lado, e juntos procurávamos dar resposta a esta pergunta. Teríamos ponderado a possibilidade de que estivesse pressionado por França a manter-me num lugar onde ainda poderia ser útil à causa do meu cunhado, afinal, era uma rainha católica num país protestante para onde James desejava regressar, e teríamos equacionado se o próprio Pedro não preferia manter a irmã rainha num reino poderoso como este, julgando que lhe facilitaria o seu casamento com Sofia de Neuburgo, agora rainha de Portugal. Sei que o meu amigo me teria consolado da dor imensa que sofri, tão forte que julguei enlouquecer, quando soube que a Armada encarregada de levar Sofia para Lisboa passou aqui juntinho à costa, sem aportar para me incluir entre os seus tripulantes, como rogara que acontecesse...

Confortavelmente sentados, pensaríamos se a minha prisão em terras inglesas não se tratava apenas da demonstração prática da fragilidade do

rei de Portugal, do seu poder incipiente, da pequenez do nosso reino, que nestes assuntos dos grandes tem sempre que esperar pela boa vontade dos seus adversários e inimigos. Até Orange teria, talvez, vantagem em me manter aqui, como bandeira de boa vontade para uma Europa católica, procurando esconder os inocentes enforcados nos seus pelourinhos, escorraçados dos seus palácios e terras, obrigados a atravessar o Canal e a procurar refúgio em França ou Espanha.

Mas, por esses dias, sentia-me invadir de uma raiva imensa, e era como que se tudo o que esquecera, ou feito por esquecer, me voltasse de novo à mente, como um fogo que se reacende, e queima. Nesses dias e - porque não ser franca? - bole mesmo, lembrei-me da forma como Pedro tratou Afonso, como foi capaz de exilar e encarcerar o meu querido irmão, que também era dele, de lhe usurpar o trono e a mulher - será que por trás das suas palavras de conforto e cuidado não se escondia o mesmo desejo de me ver longe?

James também me traiu, ou assim o sinto, e Luís XIV não lhe ficou atrás - tal o desejo de guardarem um peão católico no meio deste inferno herege, fingiram não se lembrar de que eu era uma mulher só, viúva, doente e cheia de saudades de casa. Lamento que o meu cunhado não tenha conhecido sucesso nas suas estratégias e planos de reconquista do trono, mas custa-me perdoar-lhes o abandono a que me votaram. Vezes sem conta pedi para ir a banhos a Bourbon, o que me permitiria pelo menos tomar guarida num lugar que não me fosse hostil, e todos os meus apelos foram recusados.

Quando percebi que a minha sobrinha Mary me odiava fui acometida de uma mágoa imensa. Lembra-se, D. Luís, de como tantas vezes a passeei pela mão nos jardins de St. James, quantas vezes a puxei para o colo para lhe contar uma história? Recordo-me com especial ternura daquele dia em que nos fomos despedir do seu pai ao cais, partia ele para a guerra contra os holandeses, e Mary, a cara escondida no meu ombro, me perguntava entre soluços se Deus lhe roubaria o pai. O que sucede às pessoas, senhor conde, o que as leva a mudarem assim os seus amores e humores, retribuindo com raiva e vingança o amor que receberam? Em seguida conformei-me. Como podia sentir-me despeitada, se Mary expulsava o seu próprio pai do trono e enviava o meio-irmão para o exílio, o varão por que James e Inglaterra tanto esperavam, que segurei nos braços ao nascer, e

de quem sou madrinha? Mas percebi que seria ela a constante opositora à minha partida - sempre que me julgava pronta a embarcar, vinha notícia de que a frota inglesa não podia correr riscos, de que esta ou aquela guerra tornavam a viagem demasiado perigosa (como se eu tivesse medo de morrer!), ou que não permitiam que o meu irmão me mandasse buscar, porque ofendia o protocolo que uma rainha inglesa viajasse sob a bandeira de um outro país, mesmo sendo o dela de nascença. Como era possível falar em protocolos, em prestígios e desprestígios, se por cabalas inventadas até me mandaram viver para uma pequenina casa, onde nem os meus criados cabiam? O próprio Orange pediu-me que saísse de Londres, por constar que em Somerset House se faziam reuniões papistas, coitada de mim que ali vivia no mais perfeito isolamento e solidão.

Valeram-me sempre, e como sempre, lady Nan e lady Meg, que, escusado será dizer, me procuraram encher os dias com os risos dos seus filhos, a sua atenção constante, a lucidez com que combatiam as minhas crises de angústia. Lady Fanshawe passou a ser visita mais frequente, e com a sabedoria de quem já sofreu tanto, tendo perdido também o marido que amava tão apaixonadamente, consolava-me sempre com a palavra certa. Os portugueses que me serviram foram incansáveis, mas, D. Luís, como podia agir perante quem vivia para mim, senão fingir-me convencida de que todos me queriam bem, e que o meu irmão era o mais dedicado dos irmãos e não fazia mais apenas porque lhe era impossível?

Mas que importa agora tudo isso? Estou finalmente a caminho de Portugal, trinta anos depois da data exacta em que cheguei a Inglaterra, uma criança tão cheia de expectativas, com tanta vontade de ser a mulher e a mãe que Charles esperava de mim. Não fui o amor da vida do meu marido, mas senti, e D. Luís também o presenciou, que, apesar dos seus devaneios, me tinha na maior estima, e confesso-lhe, mais uma confissão, que nunca acreditei que me defendesse com a valentia com que defendeu. A coragem com que a fez teve ainda mais valor, porque não lhe era natural.

Trinta anos depois desse dia, sete após a morte do rei, cinco desde que o senhor conde me deixou, quando o rei de Portugal finalmente deixou passar rancores injustos e desconfianças infundadas e lhe permitiu regressar para junto da sua mulher e dos seus filhos. Cinco anos desde que obrigaram o meu cunhado a abdicar, Mary e William foram aclamados,

e The Glorious Revolution, como lhe chamam, proibiu que alguma vez mais um católico volte a subir ao trono deste reino, recomeçando a perseguição e a morte aos da nossa fé. Como tantas vezes profetizámos os dois, o povo reagia à insensatez com que James ostentou a sua ligação a Roma, baptizando católico o príncipe herdeiro, expulsando protestantes dos seus lugares e substituindo-os pelos seus amigos. Se até chegou ao ponto, como julgo que sabe, de mandar cortar a cabeça a Jemmy, duque de Monmouth, apesar de todos os meus pedidos de que, em homenagem ao seu irmão, poupasse a vida ao seu filho mais velho! James agiu sem caridade cristã, sem tolerância, usando as armas que tanto condenámos nos nossos inimigos, e os ingleses não suportaram a ameaça, revoltando-se. Como é possível, meu querido amigo, que em nome de Deus se cometam tantos crimes?

Sinto as ondas bater no casco, e o meu coração salta de alegria. Quando Charles estava comigo, nunca por um minuto me lembrei de que vivia numa ilha, rodeada de água, mas nos últimos anos tive, a todo o momento, a consciência dolorosa de não ter por onde escapar.

Quero esquecer todas as coisas tristes. Apagar da minha memória que, afinal, cumpri pouco ou nada do que me era pedido e me parecia destinado. Não tive filhos, não dei a Inglaterra um herdeiro, e não fui capaz de fazer vencer a nossa fé. Mas tentei. Estou cansada, e quero regressar a Portugal, ao meu Tejo, ao céu azul como nunca o vi em nenhum outro lugar, com a alma em paz. Quero voltar a Mourão, quero agradecer à Senhora das Candeias tudo o que de bom me aconteceu nestes mais de cinquenta anos de vida, quero pedir-lhe por si, por Nan, por Meg, pelos meus netos adoptivos, e por toda a gente que tão bem me recebeu e amou. Deixei uma pensão ao filho de Nell Gwyn, o duque de St. Albans, porque não me esqueço de que as últimas palavras do meu marido foram no sentido de proteger aquela mulher, e aquela criança, mulher que de todas foi a que, sendo a mais humilde, com mais nobreza se comportou. Deixei também parte da minha gente em Somerset House, que continua a pertencer-me - depois de me terem servido todos estes anos temem, e com razão, que sejam exercidas sobre eles represálias. Com a pensão de que os dotei, julgo que o seu futuro fica assegurado.

Agora olho para a frente, para o futuro. Tenho pela frente quase um ano de viagem, percorrendo a Europa que nunca vi. Quando chegar a Lisboa,

desejo olhar Pedro nos olhos e recordar-me apenas do meu irmão feliz, quando fez seis anos e lhe dei o seu primeiro rafeiro alentejano, dos tempos em que adormecia nos meus braços, confiante, sem sonhos de grandeza capazes de o fazerem esquecer que eu, Catarina de Bragança, sou filha do mesmo pai e da mesma mãe do que ele, e que se alguma coisa os nossos pais nos deixaram foi uma lição da importância do amor à família e ao reino. Quero pegar ao colo nos meus sobrinhos que não conheço e sentir que são de certa forma os filhos que nunca tive, sangue do meu sangue, e que talvez possa contribuir para que sejam melhores, mais sábios e generosos.

Deixo-me embalar nas ondas, e lembro-me dos nossos risos, das nossas cavalgadas, das setas que atirava certeiras ao alvo, dos olhos negros de Charles, de como se deitou ao meu lado quando todos me tinham dado por perdida, e me dizia o quanto me amava, os projectos que ainda tínhamos por realizar, e me pedia que não o deixasse nunca. E, D. Luís, essa parte cumpri integralmente. Não o deixei nunca, orgulho-me disso. Nunca desisti de o amar. Amo-o ainda hoje.

Dentro de umas horas aportamos em França. Sei que o rei Luís me vai mandar buscar e se sentirá obrigado a convidar-me para pernoitar em Versalhes, mas não o farei. Darei uma desculpa simpática, mas continuarei directa para casa da minha cunhada Maria de Modena, porque quero ver, por uma última vez, o principezinho de Gales. Felizmente, sei que James está fora, porque, muito sinceramente, não quero voltar a encará-lo. Depois nada me pode travar - volto para Portugal, meu querido amigo, e acredito que Deus Nosso Senhor ainda me concederá alguns anos de felicidade.

A si, espero-o num banco de pedra do jardim do Paço de Vila Viçosa, por um destes dias. Ao sol, falaremos como amigos que somos, desta vez com os pés assentes na nossa terra. Falaremos de tudo o que podia ter sido e não foi, com a distância e a serenidade que o tempo nos trará. Espero por si, D. Luís...

C.R.

EPÍLOGO

Vila Viçosa, 28 de Fevereiro de 1698

Minha adorada Nan,

Sabe de onde lhe escrevo? De um banco de pedra de um jardim tão diferente daquele em que tantas vezes estivemos. Aqui as laranjeiras não são um pequeno pomar, que uma rainha louca de saudades decidiu plantar num canto de Hampton Court, mas um jardim inteiro, e o cheiro das suas flores enche-me a alma. Estou em Vila Viçosa, no paço onde nasci, e, embora já esteja em Portugal há sete longos anos, é como se só agora realmente tivesse chegado a casa.

Lembra-se de como lhe contei que o meu irmão Teodósio, o meu querido Teodósio, um menino de seis anos excitado com a notícia de que o pai era rei, mediu a passos a fachada do nosso palácio, como gesto de homenagem, de despedida? Pois acredite que foi exactamente o que fiz quando aqui cheguei. Não se ria, minha querida Nan, mas gostava que me tivesse visto, com esta idade, e o peso dos anos, a dar passinhos pequeninos, um atrás do outro, tentando completar uma linha recta, paralela ao meu paço - como gostava de ouvir as gargalhadas de Meg quando lhe contar este episódio. Por aqui, a guarda da minha escolta arregalou os olhos, sem perceber o que se passava, e quando cheguei ao fim e gritei «Quatrocentos e cinquenta exactos! Os meus pés e os de Teodósio são do mesmo tamanho», as minhas damas entreolharam-se, assustadas.

Não lhes expliquei, Nan, há tantas coisas que não lhes explico, porque se as traduzisse por palavras estragava a magia do momento. Prefiro guardá-las para mim, rindo-me sozinha a imaginar que as partilho consigo, com Meg, ou com Charles, com quem afinal aprendi a encontrar divertimento nestas pequenas coisas.

Não me foi fácil adaptar a este reino que, sendo intrinsecamente meu, cresceu e se desenvolveu a um ritmo diferente. Repito-me, já lhe disse isto muitas vezes, das tantas que lhe escrevi, mas quando cheguei a Inglaterra tomaram-me por uma provinciana, puritana, e agora de volta, escandalizo a corte com os meus decotes, as minhas graças, o meu à-vontade. É hilariante, mas triste. Porque me deixa eternamente com a sensação de

que não pertenço realmente a lado nenhum. Talvez só aqui, a este paço, onde o tempo parou e todas as coisas estão no mesmo lugar onde a minha mãe as deixou. Aqui posso ser a Catarina que a Nan conheceu tão bem, e que afinal era a verdadeira Catarina, aquela que acredito que o meu marido viu para lá da constipação, e do ridículo penteado, naquela cama em Portsmouth, aquela que tenho a certeza que amou até à morte.

Mas estou a ser exagerada. Não quero que tenha pena de mim. Tenho sido muito feliz, e a minha cunhada Sofia foi provavelmente a mais agradável surpresa. Talvez porque me lembre tanto as manas Fanshawe - miúda numa corte onde mesmo os novos já parecem velhos (seria eu assim, meu Deus, quando cheguei a Inglaterra?), é divertida e alegre, apesar de desde que casou não ter tido mais do que uns breves meses para respirar entre gravidezes, algumas das quais resultaram em bebés que morreram à nascença. Mas agarra-se às coisas boas, e os seus filhos encantaram-me. João tinha quatro anos quando cheguei a Portugal. É muito sério, digno, tem as cores da mãe, e espero que saia ao seu tio Teodósio, embora não possa dizer uma coisa destas perto do rei seu pai. O Francisco é mais novo apenas um ano, e, infelizmente, não tem nada dos seus. Tenho acompanhado o seu crescimento com crescente preocupação - olho para ele e vejo Afonso com a mesma idade, reconheço nele aquele desejo forte de chocar os demais, uma rebeldia que me parece uma forma de combater os ciúmes que sente do mais velho. Confesso que temo que tenha herdado o carácter do tio. O pior é que sinto que o meu irmão Pedro também tem esse receio, e tende a tratá-lo com um pulso firme, como se quisesse evitar algum descalabro, como a minha mãe fez como Afonso - queira Deus que o meu sobrinho não interprete o gesto como falta de amor, e que não lhe metam na cabeça que um dia poderá imitar o pai, destronando o irmão. Será que a história se pode repetir? Queira Deus que não.

Duas meninas morreram à nascença, mas, sem querer subestimar a dor da minha querida cunhada, que diferente me parece ser sofrer a perda de um filho, quando se está rodeado de outros, a exigirem a nossa atenção e o nosso carinho. Depois do último desgosto sugeri-lhe que fosse tomar águas, que se separasse um pouco do marido - as coisas que a idade me leva a dizer, eu a quem as ausências do meu me magoaram tanto! -, para dar hipóteses ao corpo de descansar, mas Pedro não o permitiu. As consequências em breve ficaram à vista, porque engravidou de Teresa, depois de Manuel, e agora está de novo grávida. Nan, em doze anos é a

sétima vez que está de esperanças, e o meu irmão radiante, com a quantidade de varões à disposição para o que der e vier. Visito-os frequentemente, e nada me deixa mais emocionada do que os ter à minha volta, os bebés a gatinharem para junto de mim, a pequenina Teresa a pedir-me que lhe ajuste o laço no cabelo. Tomara que a criança que está por nascer seja outra rapariga, e nasça bem, porque ter uma irmã, como a Nan tão bem sabe, é das maiores graças que Deus nos pode dar. Ainda hoje sinto a falta de Joana, e penso em como a minha vida teria sido diferente se ela não tivesse desaparecido tão cedo.

Sofia é a única que se ri com o meu comportamento nómada, adquirido entre ingleses: mudo-me de armas e bagagens de palácio em palácio, para confusão do meu irmão, e de toda a corte, aliás, porque por aqui nasce-se, vive-se e morre-se no mesmo lugar. Mas o que quer, Nan, canso-me, torno-me irrequieta, os fantasmas dos piores momentos da minha vida voltam a assombrar-me, e procuro na paixão por um outro espaço, um outro jardim, uma outra vista sobre o meu adorado Tejo, reencontrar o encantamento com a vida, que sempre tive. Nunca fui feita para conventos, por muito que admire quem abraça a clausura, para tristeza de lord Buckingham, que tantas vezes tentou confundir a minha piedade, essa sim, genuína, com uma vocação que nunca tive - a vontade de Deus, estou certa disso, é que amasse e protegesse o meu marido, como sempre fiz.

Agora decidi que vou construir um palácio de raiz. Já tenho os planos e deliciei-me a trabalhar com o arquitecto, planeando cada espaço à medida das minhas memórias. Cada parede que for sendo construída vai nascer já com um destino prévio: sei exactamente que quadros vou pendurar, que mesa vou ali encostar. Quero viver rodeada de retratos, das pessoas e dos sítios que amei. Do de Charles, dos meus pais, de Teodósio e de Joana, de si e de Meg, e dos vossos filhos, dos jardins de Hampton Court, deste Paço de Vila Viçosa. Pedi à família do marquês de Sande que me cedesse um retrato dele, porque é justo que fique junto de mim, assim como o do meu pequenino príncipe de Gales.

Empenhei-me, também, na construção da capela, uma capela católica, onde posso praticar a minha fé sem receios, nem vigilâncias. Escusado será dizer-lhe, Nan, que no altar quero Nossa Senhora da Conceição e, claro, uma réplica da Virgem das Candeias, com o seu Menino sorridente ao colo.

Vou construí-lo numa quinta na Bemposta, e alimento a esperança de que a família Fanshawe inteira tenha a ousadia de se meter num barco rumo a Lisboa, para me vir visitar. Afinal, não era nada que a sua mãe não tivesse feito - por favor, pense no desafio, que eu, pela minha parte, mandarei fazer aposentos só para vocês. Enquanto me empenho em tudo isto penso que talvez nesse espaço novo, Portugal e Inglaterra, a minha infância, os meus trinta anos nesse reino, e a minha velhice, se reúnam numa harmonia perfeita. Talvez ali consiga viver com as minhas recordações, porque tanta gente que esperava reencontrar, numa ilusão infantil, já não vive, ou, vivendo, foi consumida pela doença e pela velhice.

Só frei Pedro esperou por mim, numa cela no Convento das Chagas, aqui ao lado do paço, e ainda ontem o visitei de novo. O corpo não reage, mas os olhos, os olhos, Nan, brilham quando me vêem - e segurou a laranja que lhe levei com tanta força, como se estivesse a ressuscitar dos mortos. Comove que nos amem tanto como ele me amou, como ainda me ama. Disse-me a madre superiora que frei Pedro nos seus delírios fala com Deus e lhe diz que só pode partir depois de me saber de novo aqui, de novo em casa. Talvez agora também ele encontre a paz.

Guardo para o fim o mais difícil. Sei que se aqui estivesse, minha adorada Nan, consolo de tantos momentos de dor e alegria em mais do que todos esses, nunca me deixaria escrever as páginas que precederam esta, sem lhe dizer como foi o encontro com o meu irmão Pedro. Tenho evitado falar-lhe nisso, porque ainda hoje me sinto dividida quanto ao que senti. Naquele dia de janeiro de 1693, depois de oito meses de viagem, e após ter sido recebida com um entusiasmo inesperado pelo povo português, cheguei a Lisboa, e no Lumiar a minha comitiva e a dele encontraram-se frente a frente. O meu coração parou com a expectativa. Olhei pela janela e vi-o aproximar-se num passo rápido, e saltar para o estribo da minha carruagem, o sobrolho franzido como se tivesse exactamente as mesmas dúvidas do que eu: serei capaz de alo reconhecer, serei capaz de esquecer, serei capaz de alo amar? Quando os nossos olhares se encontraram, seguraram por minutos o do outro. O suficiente para ver para lá das rugas e do tempo - ele descobriu a irmã que o criou como uma mãe, estou certa disso, e eu vi o meu menino, o meu Pedro, tão esperto, atento e rápido, que me pedia que lhe cantasse para afastar o papão dos seus sonhos. Foi como um relâmpago, forte, intenso, mas que desapareceu. Percebi que há dores que não conseguimos ultrapassar, mágoas e feridas irreparáveis, por

muito que nos digam que o perdão apaga tudo e a lousa das nossas vidas fica limpa como no dia em que nascemos - não é ver dade, asseguro-lhe.

Cumprimentámo-nos, e desde aí a nossa relação tem sido cordial, mas reservada. Não anda bem de saúde e já me falou na possibilidade de me pedir para assumir a regência do reino por uns tempos, um gesto generoso. Vejo-o realmente doente e considero a possibilidade. Conhecemo-nos a nós mesmo face aos desafios. Como será se algum dia tiver de decidir, dar ordens e definir estratégias? Descobrirei ser uma pessoa melhor e mais capaz? Sei que aprendi muito com Charles, e hoje olho para a sua forma de governar com mais benevolência -1 . ulgo que tinha a arte de reinar sem dar a impressão de que o fazia, mas a desgraça que veio a seguir, o fanatismo do meu cunhado, deixaram-me perceber como era muito mais difícil do que parecia manter a harmonia num reino com uma longa história de ódios e de ressentimentos. História que eu não conhecia, mas que ele sentira na pele desde criança. Não, não creio que venha a ser uma regente ao estilo do meu marido, porque não está em mim fingir que não vejo, não confrontar quem me ofende, mas julgo que conseguirei ser tolerante, generosa e firme, sem laivos de autoritarismo. Talvez tenha em mim mais da minha mãe do que alguma vez quis admitir.

Ainda ontem falei nisso, sabe com quem? Claro que sabe. Foi a primeira pessoa a quem escrevi, ainda no canal da Mancha, depois de me ter despedido de si no cais, na certeza de que aquilo que nos unia nunca nada seria capaz de separar. A única pessoa, daqui deste lado, que senti capaz de me compreender. Combinámos, então, encontrar-nos, um dia, num banco de jardim de Vila Viçosa. Durante estes anos não nos vimos, porque D. Luís quis manter-se longe do meu irmão, entendi-o perfeitamente. Mas agora, não sei como soube da minha vinda aqui (ou talvez não seja tanto assim porque, afinal, sabe que a peregrinação de Nossa Senhora das Candeias, em Mourão, é daqui a dias...), e surpreendeu-me surgindo à minha frente, quando passeava no claustro de D. Jaime, onde a minha ama Carminho nos trazia para brincarmos, para nos molharmos no lago, e onde Teodósio exercia a sua arte na pesca dos pobres dos peixinhos vermelhos. Caímos nos braços um do outro, e passámos o serão em frente de uma lareira crepitante, como o fazíamos tantas vezes aí em Somerset House. Sim, perguntou por si. E tão estranha a vida, não é? Como podemos ser tão felizes com tudo o que temos, e no entanto não conseguir deixar de imaginar o que algumas coisas poderiam ter sido. Não tenha dúvidas,

minha querida Nan, que o nosso caminho somos nós que o fazemos.

Espero que um dia os nossos caminhos se voltem a cruzar. Beije por mim os seus dois filhos, aperte Meg com toda a força de que os seus braços forem capazes, e prometa-me que, por mim, abençoa com uma cruz na testa a minha Catarina. Saudades a Ralph, e a Francis, e, por favor, venham ver-me...

Da sua

Catarina R



Catarina morreu no último dia do ano de 1705, no Palácio da Bemposta, com 67 anos. Na sua mesa-de-cabeceira estavam o seu retrato, pintado por Nocret, e o de Charles, na sua moldura de diamantes. No testamento lia-se a sua última vontade: ser enterrada junto do seu irmão Teodósio, em Santa Maria de Belém, e caso o príncipe fosse trasladado para São Vicente de Fora, desejava acompanhá-lo.

Numa manhã fria de janeiro, o caixão foi transportado em ombros pelos seus sobrinhos. João, futuro D. João V, Francisco e António. Teresinha morrera no ano anterior, mas Francisca tinha agora seis anos, e pela mão do irmão mais velho choramingava:

- Onde está a senhora rainha que me contava histórias e me punha o gancho no cabelo?

D. Pedro não esteve presente porque a doença o prendia à cama, mas D. Luís de Vasconcelos e Sousa, ladeado pelos seus três filhos, seguiu discretamente o cortejo. Nenhumas lágrimas eram tão sinceras como as suas.

Por cima do caixão de madeira negra, um ramo de flores de laranjeira - as irmãs do Convento das Chagas cumpriam o último desejo de frei Pedro.

DRAMATIS PERSONAE

Afonso de Bragança, Afonso VI de Portugal - O irmão de Catarina era o quarto filho vivo de Luísa de Gusmão e de D. João IV, e o segundo na linha de sucessão. Vítima de uma grave doença aos três anos - a que deram o nome de «mal hemiplégico», e que hoje os médicos acreditam ter sido uma forma de meningite -, ficou com sequelas físicas, o corpo deformado e, alegadamente, com deficiências mentais. Aos 12 anos começou a rodear-se de amigos de quem a rainha não gostava e a participar em cenas de arruaça. Foi aclamado rei aos 13 anos e poderia ter assumido a governação aos 14, idade em que se era maior ao tempo, mas D. Luísa e os seus ministros consideraram que não reunia condições para tal. Foi através de um «golpe palaciano», era já Catarina rainha de Inglaterra, que assumiu o poder, tendo como primeiro-ministro Luís de Vasconcelos e Sousa, conde de Castelo Melhor. Casou com Maria Francisca de Sabóia, mas viu o seu casamento declarado nulo a pedido da mulher. Foi deposto pelo irmão Pedro, que, além de se ter casado com a sua ex-mulher, o manteve em «residência fixa» nove anos, primeiro nos Açores e depois no Paço da Vila, em Sintra, onde acabou por falecer. Manteve até ao fim o título de rei.

Ali - O vendedor árabe que dá a Catarina, na Praça do Comércio, um chá. Chá que Catarina descobre que se destina a tratar a infertilidade. A personagem é ficcionada, embora os avançados conhecimentos médicos árabes nesse tempo fossem absolutamente reais.

Ana de Bragança - A segunda filha de Luísa de Gusmão e de D. João, duque de Bragança, que morreu pouco depois de nascer.

Ann Fanshawe - Lady Fanshawe, casada com sir Richard Fanshawe, era uma mulher admirável, com grande coragem e uma ternura muito maternal, e que acompanhava o marido em todas as viagens. Nas suas Memórias escreve que viveu os 23 anos e nove dias de casamento, interrompido pela morte de sir Richard, em paixão permanente. Veio com o marido para a corte portuguesa, e permaneceu em Lisboa com ele enquanto aqui esteve como embaixador de Inglaterra. Como descreve nas suas Memórias, foi em Lisboa, corria o ano de 1663, que nasceu o bebé Richard, que não resistiu. Foi enterrado, escreve, na «Esperanza» (Convento da Esperança, ao que se subentende). Ann teve sempre um

papel muito activo tanto na educação dos filhos, como no aconselhamento político do seu marido. Sir Richard morreu em 1666, e Ann vinte anos depois. As Memórias de Ann Fanshawe, que merecem ser lidas, estão publicadas, mas também podem ser consultadas livremente em www.gutenberg.org/etext/6064.

Ann (Nan) e Margaret (Meg) Fanshawe - O casal Fanshawe teve seis filhas, duas com estes precisos nomes e que estiveram com os pais em Lisboa, onde foram apresentadas à corte, nomeadamente a D. Afonso, D. Pedro e à rainha-mãe. Contudo, a sua presença na Casa da Rainha, como damas de Catarina, é ficcionada. No entanto, a sua mãe conheceu e visitou a rainha várias vezes, trazendo-lhe inclusivamente, no regresso a Londres, presentes enviados por D. Luísa à filha, referindo-se sempre a Catarina nos termos mais afectuosos, o que não torna esta possibilidade inverosímil. A personalidade das filhas Fanshawe era certamente assim, a avaliar pelas Memórias da mãe, como quando aconselha os filhos a serem «Inocentes como pombas, mas sábios como as serpentes» (que melhor frase descreve Meg?), ou quando escreve «Quis ter perto de mim a minha Nan, que me dá sempre tanta força.»

Anne Hyde - Filha do chanceler do reino, Edward Hyde, casou em segredo com James, duque de York. Estava já grávida quando a família real tomou conhecimento da relação e foi aceite na corte graças ao papel do cunhado, o rei Charles II, embora conste que a sogra nunca a aceitou. Da vasta prole que teve sobreviveram apenas duas filhas, uma delas Mary, que casou com William d'Orange, protestante, e que veio a ser rainha de Inglaterra, depois de o seu pai ter sido destronado.

António Cavide - Secretário do rei, acompanhou-o até à morte. Tomou conta da filha ilegítima de D. João até aos seis anos. Continuou a servir a rainha, enquanto regente, e depois D. Afonso VI.

António Vieira - O jesuíta que marcou este século dispensa apresentações. Nasceu em Lisboa, partiu novo para o Brasil, onde se fez padre. Passou o resto da sua vida entre Lisboa e o Brasil, sobretudo na Missão do Maranhão, sempre na defesa dos índios, escravos, judeus e todas as minorias desprotegidas. A sua presença em Lisboa, à data da morte de D. João IV, é ficcionada. Foi, no entanto, pregador do reino, com D. João IV e com D. Luísa, durante a sua regência. Muito amigo de Teodósio e Catarina, com quem se correspondia frequentemente, pedindo, inclusivamente, ajuda quando se viu preso e interrogado pela Inquisição,

acabou por morrer no Brasil. Os seus Sermões tornaram-no famoso, e a sua escrita continua ainda espantosamente actual.

Barbara Villiers Palmer, lady Castlemaine - A amante mais poderosa e duradoura de Charles. Casada com um senhor Palmer, não foi o casamento que a impediu de se tornar amante do pretendente ao trono, ainda no exílio. Quando regressou com Charles a Inglaterra, já tinha um filho dele e outro a caminho, a que acrescentou, ao longo dos anos, outros três. Considerada a mulher mais bonita da corte, manteve o seu poder sobre o rei até muito tarde, e foi, ao que tudo leva a crer, a mulher que mais infernizou a vida de Catarina.

Capitão Blake - Famoso almirante da armada inglesa no tempo de Cromwell. Atacou o que restava da armada real inglesa, na barra do Tejo.

Cardeal Mazarino - Cardeal da corte de Luís XIV de França, recebeu a embaixada portuguesa destinada a negociar o casamento do rei com a infanta D. Catarina. Negociou com Portugal um dote avultado, do qual uma parte seria para ele próprio. As vicissitudes diplomáticas de então não permitiram a concretização do casamento.

Carminho - A ama de Catarina, nascida e criada no Alentejo, é uma personagem de ficção.

Cartas - Muitas das cartas reproduzidas são verdadeiras, nomeadamente as de D. Luísa de Gusmão para Catarina e para Teodósio. Embora por vezes tendo um estilo mais formal do que a escrita do livro, foram mantidas, já que são de uma ternura e de uma riqueza imensas. O tratamento, por exemplo, da filha como «luz dos meus olhos» é genuíno. Há, no entanto, algumas que não são verdadeiras, como acredito ser imediatamente compreensível pelo tom menos formal que assumem.

Catherine Peggae - Mais um amor de Charles, ainda no exílio, de que resultaram dois filhos, que, no entanto, morreram relativamente novos.

Charles Stuart, Charles II de Inglaterra - Filho de Charles 1, era o pretendente legítimo ao trono de Inglaterra. O pai fora decapitado e Charles tentou, a partir do exílio, repetidamente e sem sucesso, vencer a república, liderada por Cromwell, que se tinha instalado no seu país. Com a morte do filho de Cromwell, que lhe tinha sucedido no poder, o exército revoltou-se e, comandado pelo general escocês Monk, invadiu

Londres e pediu o regresso do rei. Coroado Charles II a 23 de Abril de 1661, com ele regressou a monarquia a Inglaterra. Casou com Catarina de Bragança, em Maio de 1662.

Conde de Castelo Melhor - Luís de Vasconcelos e Sousa foi «primeiro-ministro» de D. Afonso VI, tendo sido exilado por D. Pedro. Diz-se que a sua maior inimiga, em Portugal, era a rainha, D. Maria Francisca de Sabóia. Depois de ter passado por Turim, foi acolhido na corte de Catarina, tornando-se um dos seus conselheiros mais valiosos. Foi ele que conseguiu levar um padre católico ao leito de morte do rei Charles II, que o tinha em grande conta. Regressou a Portugal, alguns anos depois da morte da rainha D. Maria Francisca, graças à intervenção de Catarina junto do seu irmão, tendo-se instalado em Pombal, onde era alcaide-mor, voltando ao governo no reinado de D. João V. Era casado, e pai de quatro filhos, um deles já nascido depois do seu regresso a Portugal. Nasceu em 1636 e morreu em 1720.

Conde-duque de Olivares - Eminência parda do Governo castelhano, braço-direito do rei espanhol D. Filipe III (IV de Espanha).

Duarte de Bragança - Irmão mais novo de D. João IV, cunhado de D. Luísa e tio de Catarina, foi feito prisioneiro por ordens de D. Filipe de Espanha como represália contra a Restauração da Independência de Portugal. Passou longos anos fechado num castelo em Milão, onde acabou por morrer. A sua relação platónica com a cunhada D. Luísa é ficção.

Duquesa de Mântua - Margarida de Sabóia, duquesa de Mântua por casamento, refugiou-se na corte de Filipe de Espanha, depois da morte do marido. O rei de Castela enviou-a para Lisboa como sua representante.

Conde de Sandwich - O almirante da armada inglesa que tomou Tânger e levou Catarina, e parte do seu dote, para Inglaterra, também se chamava Edward Montagu, embora aparentemente não tivesse qualquer parentesco com o estribeiro-mor da rainha. Um homem afável e observador, manteve um diário durante toda esta época, que está publicado. Voltou a Portugal, muito mais tarde, já como lord Sandwich, para a ratificação do tratado de paz com Castela.

Edward Hyde - Chanceler do reino, lord Clarendon acompanhou Charles desde a morte do pai, assumindo o cargo oficialmente quando regressou com ele do exílio. A sua filha Anne casou com o irmão do rei, James, e a

sua neta Mary foi depois rainha de Inglaterra. Charles considerava-o um pouco como pai, mas Hyde acabou por criar muitos inimigos, que o acusavam, nomeadamente, de ter casado o rei com uma mulher infértil para que a sua filha e netas ascendessem ao trono. Acabou por ter de fugir de novo para França, onde morreu.

Edward Montagu - Estribeiro-mor de Catarina, por nomeação de Charles II. Enviado para Lisboa, depois de assinado o acordo nupcial, acompanhou a rainha na viagem para Inglaterra e esteve ao seu serviço até que uma intriga de palácio levou o rei a despedi-lo. Alistou-se na armada na guerra contra a Holanda, e morreu durante uma das batalhas.

Elvira de Vilhena, condessa de Pontével - Uma das damas nomeadas por Luísa de Gusmão para acompanhar a filha a Inglaterra, mas que depressa regressou a Lisboa.

Father Huddleston - O padre católico que escondeu Charles, quando este tentava escapar ao exército de Cromwell, e que ficou para sempre seu amigo. Quando Charles foi aclamado rei de Inglaterra, chamou-o para junto de si, sendo nomeado capelão da capela de Somerset House. Foi ele que administrou os últimos Sacramentos ao rei e assistiu à sua conversão. Escreveu ainda um livro sobre o acontecimento, que dedicou a Catarina.

Filipe IV de Espanha e M de Portugal - Filipe era rei de Portugal até à Restauração da Independência, a 1 de Dezembro de 1640. Não se conformou com a «revolução» e durante trinta anos tentou reconquistar Portugal, atacando sistematicamente as nossas fronteiras.

Frances Stuart - Prima afastada do rei, filha do médico da rainha-mãe, veio com ela para a corte inglesa ainda adolescente. Extremamente bonita, segundo os padrões da época, foi uma das paixões do rei. Não chegou, no entanto, a ser sua amante. Fugiu com lord Richmond e casou clandestinamente, provocando a ira real. O marido era alcoólico e acabou por morrer no estrangeiro, e lady Richmond voltou a ser dama da Casa da Rainha.

Francis Villiers - Irmão mais novo de lord Buckingham, no livro casa com lady Margaret Fanshawe, dama da rainha. Na realidade morreu mais novo e solteiro, mas a ficção prolongou-lhe a vida por mais alguns anos e deu-lhe uma mulher e filhos.

Francisco de Melo, marquês de Ferreira - Padrinho de Catarina, é frequentemente confundido com Francisco de Melo e Torres. Em muitas obras pode mesmo ler-se que foi o padrinho de Catarina que negociou o seu casamento. São, no entanto, homens completamente distintos. O marquês de Ferreira, da antiga nobreza, era já um homem maduro por altura do nascimento de Catarina, e muito ligado à família dos Bragança.

Francisco de Melo e Torres, conde da Ponte, marquês de Sande - O embaixador de Portugal que negociou o casamento de Catarina de Bragança com Charles II de Inglaterra. Em agradecimento pelo seu serviço ao reino, Luísa de Gusmão deu-lhe o título de marquês de Sande, meses antes de lhe pedir que acompanhasse a ida da filha para Inglaterra, apesar de o seu relacionamento com a infanta aparentemente não ser o melhor. Permaneceu na corte inglesa durante algum tempo, passando depois a França, onde negociou o casamento do irmão de Catarina, o rei Afonso VI de Portugal, com Maria Francisca Sabóia. Acompanhou-a a Portugal, de encontro ao marido, e foi assassinado pouco depois, quando regressava da capela real na carruagem de um amigo. Segundo tudo indica, o crime visava o dono da carruagem, e tratava-se de um ajuste de contas passional, tendo sido o marquês, no entanto, a vítima fatal. Nascido em 1610, morreu em 1667. O romance com Ann Fanshawe é ficção.

Frei Pedro da Fonseca - O escritor e historiador António Casimiro refere-o como assistente da capela de Vila Viçosa. O seu papel na vida de Catarina é ficção.

Henrietta-Anne Stuart Orléans, Minette - A irmã favorita de Charles, com quem se correspondia frequentemente, casou com um irmão de Luís XIV de França, que, ao que tudo indica, tinha outras preferências sexuais e tratou a mulher com muita crueldade. Tiveram, apesar disso, vários filhos, mas Minette morreu subitamente muito nova, uns meses depois de ter visitado Charles em Inglaterra, que não via há uma década, e há suspeitas de envenenamento.

Henriette Marie - Da Casa de Orléans, a mãe de Charles era francesa de origem e católica de religião. Terá sido uma das grandes apoiantes do casamento do filho com Catarina, e deu-lhe muito apoio em Inglaterra.

James Stuart, duque de York - Irmão de Charles II, tornou-se o herdeiro dos tronos de Inglaterra, Escócia e Irlanda, pelo facto de Catarina não ter

tido filhos. Católico, religião que assumiu aos poucos, era odiado pela Inglaterra protestante e foi, de facto, o último rei católico que este país conheceu até hoje. Casou em segredo com Anne Hyde, filha do chanceler de Charles, e, depois da morte desta, com Maria de Modena, de quem teve um rapaz, James Francis, príncipe de Gales, de quem Catarina era madrinha. Aclamado depois da morte de Charles em 1685, como era desejo do seu irmão, foi obrigado pelo Parlamento a abdicar em 1688, depois de um protesto popular que ficou conhecido como The Glorious Revolution. Sucedeu-lhe não o seu filho varão, o príncipe de Gales, baptizado católico, mas a sua filha mais velha, Mary, protestante e casada com o também protestante William d'Orange. Tentou uma invasão de Inglaterra para retomar o trono, mas sem sucesso, acabando por se conformar ao exílio na corte do primo e aliado Luís XIV. Charles mudou o nome de New Amsterdam para New York, em sua homenagem.

Jemmy, duque de Monmouth - James Croft, conhecido por Jemmy, duque de Monmouth, o primeiro filho do rei, embora ilegítimo, foi crescendo em importância graças à intervenção do pai. O partido dos antiduque de York ajudou a convencê-lo de que tinha possibilidades de suceder ao pai, já que Catarina não tinha filhos. Quando percebeu que Charles não era da mesma opinião, envolveu-se num atentado contra a vida do pai e do tio, de que resultou o exílio. Depois da morte do pai, regressa em segredo e conspira contra o seu tio James, entretanto aclamado rei, que o condena à morte.

Joana de Bragança - A segunda filha de Luísa de Gusmão e D. João IV era apenas dois anos mais velha do que Catarina. Depois da aclamação do pai, recebeu o título de princesa da Beira. Morreu em 1653, pensa-se que de tuberculose pulmonar.

João, duque de Bragança, D. João IV de Portugal - Pai de Catarina, e filho de Teodósio, o sétimo duque de Bragança nasceu e viveu no Paço de Vila Viçosa até ser aclamado rei, em Dezembro de 1640. Nessa altura já era pai de Teodósio, Joana e Catarina. Afonso e Pedro nascem no Paço da Ribeira. Teve uma filha ilegítima, Maria de Bragança.

Lady Suffolk - Camareira-mor de Catarina, foi nomeada para esse cargo por Charles II, logo em Portsmouth, e acompanhou a rainha durante muitos anos. Cabia-lhe também vigiar e guardar as damas da Casa.

Leonor de Meneses - Nomeada por D. Luísa, já rainha de Portugal, para aia

das suas duas filhas.

Lord Buckingham, George Villiers - Um dos homens mais poderosos de Inglaterra, opositor tenaz de Catarina. Tentou de tudo para que Charles nomeasse herdeiro o seu filho bastardo James Croft, procurando evitar que o trono passasse para o duque de York, que era católico.

Louise de Kéroualle - Francesa, dama de Minette, a irmã de Charles, chega à corte inglesa como espia do rei de França. O rei apaixona-se loucamente por ela, dá-lhe o título de lady Portsmouth e tem dela um filho varão. Louise é tratada como uma quase-rainha, mantendo-se amante do rei até à morte do mesmo.

Lucia Walters - A primeira amante conhecida de Charles Stuart, de quem tem o seu primeiro filho, James Croft, criança que após a morte da mãe é entregue a um valido de Charles, John Croft, para criar.

Luís XIV - Um dos outros pretendentes ambicionados para Catarina era Luís XIV de França. As negociações realizaram-se, mediadas pelo cardeal mazzarino, mas a infanta não foi a escolhida.

Luísa Francisca de Gusmão - Filha dos duques de Medina-Sidónia, casou com D. João, duque de Bragança. Mãe de Teodósio, Joana, Catarina, Afonso e Pedro, tendo morrido à nascença Ana e Manuel. Em 1640 tornou-se rainha de Portugal, por aclamação do marido. Depois da morte de D. João IV assumiu a regência, cargo de que foi destituída pelo filho, D. Afonso VI, em 1666. Retirou-se para um convento, onde morreu.

Madre Maria da Conceição - Madre superiora do Convento de Alcântara, sobrinha de Luísa de Gusmão, onde se julga que Catarina frequentou «a escola». Alguns autores garantem que vivia em regime de internato, mas nada sustenta esta tese, até porque não faria muito sentido que D. Luísa, sendo uma mãe possessiva e carinhosa, a enviasse para longe de si.

Manuel de Bragança - Irmão de Catarina, nasceu também em Vila Viçosa, um ano e meio depois dela, mas morreu horas depois.

Maria de Bragança - Meia-irmã de Catarina, filha ilegítima de D. João IV e de uma senhora que o rei classifica de «mulher limpa» e que entrou para o convento depois do nascimento da criança, tomando o nome de Maria de S. João Baptista. Maria foi educada por António Cavide, secretário pessoal do rei, até aos seis anos, sendo depois enviada para o Convento de Carnide, onde ficou até morrer. Estiveram pensados vários

casamentos para a filha do rei, mas entretanto o pai morreu. Sabe-se que os seus irmãos legítimos tinham conhecimento da sua existência e a visitavam, e parece que mantinha uma relação cordial com Catarina.

Maria de Modena - A segunda mulher de James Stuart, duque de York, era católica, e o casamento foi realizado em Itália. Tiveram um filho varão mas que nunca chegou a ser rei, apesar de várias tentativas.

Maria de Portugal, condessa de Penalva - Uma das damas nomeadas por Luísa de Gusmão para acompanhar a filha a Inglaterra, e ocupou o lugar de sua camareira-mor. Quando Charles II decide «devolver» a Portugal muitos dos elementos da comitiva, aceita que D. Maria, quase cega, fique junto de Catarina. Morre em Inglaterra.

Maria do Carmo - Uma das aias de Catarina e Joana. Personagem de ficção.

Maria do Rosário, Rosarinho - Uma das aias de Catarina, paixão do seu irmão Teodósio. Personagem de ficção.

Mary Fairfax - Herdeira rica que casou com George Villiers, lord Buckingham, de quem nunca teve filhos.

Maurice - Príncipe inglês, irmão de Rupert, é primo de Charles Stuart e comanda um dos barcos que aportam em Lisboa, em fuga a Cromwell e à República. Morre meses depois de ter deixado Portugal, quando o seu barco é atingido pelos homens do capitão Blake.

Miguel de Vasconcelos - Secretário da duquesa de Mântua, era odiado, segundo reza a História, pelos portugueses, que o responsabilizavam pelo aumento dos impostos e outras medidas impopulares. Foi assassinado no dia 1 de Dezembro, quando os conjurados tomaram de assalto o Paço da Ribeira e restauraram a independência de Portugal.

Nell Gwyn - Uma actriz que tinha começado por vender laranjas, uma verdadeira londrina, e com quem o povo se identificava, foi amante do rei e teve dele dois filhos. As últimas palavras de Charles, para o irmão, foram: «Toma conta de Nell, não a deixes passar fome.»

Nocret - Famoso pintor francês que veio a Lisboa pintar o retrato de Catarina, para o apresentar ao seu patrono, Luís XIV de França. A história do quadro falsificado é ficção.

Nossa Senhora da Conceição - A «Senhora de Vila Viçosa», padroeira dos

Bragança, foi declarada Padroeira de Portugal por D. João IV, em cerimónia solene, datada de 1644. O rei depôs a coroa a seus pés e declarou que em Portugal só Nossa Senhora a usaria. Desde essa data os reis portugueses não voltaram a usar coroa.

Nossa Senhora das Candeias, ou Nossa Senhora do Tojal, de Mourão - A imagem da Virgem encontra-se na Igreja de Mourão, mandada construir nas próprias muralhas por D. Pedro II, irmão de Catarina, depois das guerras da Restauração, e que pode ser visitada. A igreja veio substituir a antiga Ermida de Nossa Senhora do Tojal. A imagem é de pedra de Ançã, policromada, com os cabelos negros e fartos, os brincos e o Menino sorridente, e está datada do período manuelino. A sua ligação directa a Catarina é ficcionada.

Pedro de Bragança, D. Pedro II - O filho mais novo de D. Luísa de Gusmão e D. João IV é também o bebé da família aos olhos de Catarina. Favorecido pela mãe, que talvez o achasse mais apto para o trono do que Afonso, foi-lhe dada Casa (a Casa do Infantado) quando fez seis anos. Aos 19 anos substitui o irmão na governação do reino como príncipe regente e apenas assumirá o título de rei após a morte de D. Afonso VI. Casa com a cunhada, de quem tem uma filha, Isabel, e mais tarde faz um segundo casamento, do qual nascerá D. João V. Catarina, embora o tivesse tratado como mãe quando era pequeno, não concorda com o seu comportamento em relação ao irmão, a quem acusa de «roubar o trono e a mulher». Recusa-se a ser madrinha da sua primeira filha, e durante muito tempo não lhe responde às cartas. Aceita Castelo Melhor, ministro de Afonso e exilado por D. Pedro, na sua corte em Inglaterra. A reconciliação dá-se mais tarde.

Ralph Montagu - Irmão de Edward, que a rainha Catarina aceitou como estribeiro-mor, apenas depois da morte do seu «leal servidor» na guerra com a Holanda. Apenas no livro casa com Ann Fanshawe.

Richard Fanshawe - Sir Richard Fanshawe foi o embaixador inglês, nomeado para Lisboa depois de anunciado o casamento entre Catarina e Charles. Tido em grande consideração pelo monarca, foi nomeado por este emissário a Portugal, encarregue de terminar as negociações e supervisionar a execução do tratado de casamento. Foi ele que trouxe a Catarina uma moldura de diamantes com o retrato de Charles muito jovem. Acompanhou a nova rainha a Inglaterra, mas regressou a Portugal, onde continuou a viver em Lisboa, com a mulher e filhos

(catorze, dos quais só cinco sobreviveram para lá dos oito anos). Mais tarde foi nomeado embaixador em Madrid, sendo um dos seus objectivos negociar a paz com Portugal, e ali morreu vítima de um «ataque súbito», em 1666. Formado em Direito pela Universidade de Oxford, era extremamente culto, tendo traduzido Os Lusíadas para inglês.

Richard Russel, bispo - O padre Richard Russel veio para Lisboa frequentar o seminário no Colégio dos Inglesinhos, onde se refugiavam os católicos fugidos de Inglaterra e da Irlanda. Acompanhou o embaixador Francisco de Melo, conde da Ponte, a Inglaterra para algumas das negociações do casamento real, foi recomendado por Charles II a D. Luísa, e nomeado bispo de Portalegre e, mais tarde, de Viseu. Foi com Catarina para Inglaterra, como seu professor de inglês e tradutor. Era bispo de Viseu quando Catarina regressou trinta anos depois a Portugal.

Rupert - Príncipe inglês, irmão de Maurice e primo de Charles Stuart, é almirante da armada real inglesa que pede guarida ao rei português. Catarina conhece assim o primo daquele com quem a pretendem casar. Mais tarde reencontra-o em Inglaterra, quando ambos integram a corte de Charles II.

Sofia de Neuburgo - A segunda mulher do então já rei D. Pedro II de Portugal foi mãe de sete filhos, em doze anos de casamento, sendo o seu primogénito João aclamado João V de Portugal, por morte do seu pai. Sofia morreu de parto aos 33 anos, em 1699. O seu relacionamento com Catarina, que conheceu quando do regresso da rainha de Inglaterra a Lisboa, foi, ao que tudo indica, excelente, provavelmente porque ambas, afinal, tinham conhecido outros mundos.

Teodósio de Bragança - O irmão mais velho de Catarina era o príncipe herdeiro, príncipe do Brasil, e foi educado para assumir o trono. Infelizmente, aos 19 anos, morreu, do que se julga ter sido uma tuberculose pulmonar. Todos os escritos da época, inclusivamente as cartas do padre António Vieira, referem-se ao príncipe, ao seu carácter e à sua preparação académica e militar da forma mais elogiosa possível.